COMENTÁRIO DO NOVO TESTAMENTO

Exposição de
Atos dos Apóstolos

Vol. 2

Simon J. Kistemaker



Comentário do Novo Testamento – Exposição de Atos dos Apóstolos
©2003, Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente em inglês com o título *New Testament Commentary, Exposition of the Acts of the Apostles* por Baker Books, uma divisão da Baker Book House Company, P.O. Box 6287, Grand Rapids, MI 49516-6287. ©1975, William Hendriksen. Todos os direitos são reservados.

1ª edição em português – 2003
Tiragem: 3.000 exemplares

Tradução
??????????????

Revisão
?????????
????????????

Editoração
Eline Alves Martins

Capa
Expressão Exata

Publicação autorizada pelo Conselho Editorial:
Cláudio Marra (*Presidente*), Alex Barbosa Vieira,
André Luís Ramos, Mauro Fernando Meister,
Otávio Henrique de Souza, Ricardo Agreste,
Sebastião Bueno Olinto, Valdeci Santos Silva.

EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Júnior, 394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
C.Postal 15.136 São Paulo – SP – 01599-970
Fone (0**11) 3207-7099 Fax (0**11) 3209-1255
www.cep.org.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Sumário

Abreviaturas 5
Comentário do Evangelho de Atos, vol. 2 9

14. A Primeira Viagem Missionária, *parte 2* (14.1-28) 11
15. O Concílio de Jerusalém (15.1-35)
e A Segunda Viagem Missionária, *parte 1* (15.36 – 41) 51
16. A Segunda Viagem Missionária, *parte 2* (16.1-40) 109
17. A Segunda Viagem Missionária, *parte 3* (17.1-34) 155
18. A Segunda Viagem Missionária, *parte 4* (18.1-22)
e A Terceira Viagem Missionária, *parte 1* (18.23-28) 203
19. A Terceira Viagem Missionária, *parte 2* (19.1-41) 237
20. A Terceira Viagem Missionária, *parte 3* (20.1-38) 285
21. A Terceira Viagem Missionária, *parte 4* (21.1-16)
e Em Jerusalém e Cesaréia, *parte 1* (21.17-40) 327
22. Em Jerusalém e Cesaréia, *parte 2* (22.1-30) 375
23. Em Jerusalém e Cesaréia, *parte 3* (23.1-35) 411
24. Em Jerusalém e Cesaréia, *parte 4* (24.1-27) 445
25. Em Jerusalém e Cesaréia, *parte 5* (25.1-27) 479
26. Em Jerusalém e Cesaréia, *parte 6* (26.1-32) 511
27. Viagem e Permanência em Roma, *parte 1* (27.1-44) 551
28. Viagem e Permanência em Roma, *parte 2* (28.1-31) 593

Bibliografia Selecionada 629
Índice dos Autores 643
Índice das Escrituras 655

ABREVIATURAS

ASV	American Standard Version
AUSS	Andrews University Seminary Studies
Bauer	Walter Bauer, W. F. Arndt, F.W. Gingrich e F. W. Danker, *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, 2ª
BEB	*Baker Encyclopedia of the Bible*
Beginnings	F. J. Foakes Jackson e Kirsopp Lake (organizadores), *The Beginnings of Christianity*
BF	British an Foreign Bible Society, *The New Testament*, 2ª ed.
BJ	Bíblia de Jerusalém
Bib	*Biblica*
BibRes	*Biblical Research*
BibToday	*Bible Today*
BibTh	*Bible Translator*
BJRUL	*Bulletin of John Rylands University Library of Manchester*
BS	*Bibliotheca Sacra*
BZ	*Bibliche Zeitschrift*
CBQ	*Catholic Biblical Quarterly*
CJT	*Canadian Journal of Theology*
I Clem.	Primeira Epístola de Clemente
ConcJourn	*Concordia Journal*
ConcThMonth	*Concordia Theological Monthly*
CT	*Christianity Today*
EDT	*Evangelical Dictionary of Theology*
EphThL	*Ephemerides Théologicae lovaniensis*

Ed	Esdras
EvQ	*Evangelical Quarterly*
ExpT	*Expository Times*
GNB	Good News Bible
GTJ	*Grace Theological Journal*
HTR	*Harvard Theological Review*
IDB	*Interpreter´s Dictionary of the Bible*
Interp	*Interpretação*
ISBE	*International Standard Bible Encyclopedia,* ed. rev.
IsrExj	*Israel Exploration journal*
JBL	*Journal of Biblical Literature*
JETS	*Journal of the Evangelical Theological Society*
JJS	*Journal of Jewish Studies*
JSNT	*Journal for the Study of the New Testament*
Jt	Judite
JTS	*Journal of Theological Studies*
Jub.	Jubileu
KJV	King James Version (versão autorizada)
LB	Living Bible (A Bíblia viva)
LCL	Loeb Classical Library edition
lit.	literal, literalmente
LXX	Septuaginta
Mac.	Macabeus
Majority Text	Arthur L. Farstad e Zane Hodges, *The Greek New Testament: According to the Majority Text*
Merk	Augustinus Merk (org.), *Novum Testametum Graece et Latine,* 9ª ed.
MLB	The Modern Language Bible (A Bíblia na linguagem moderna)
Moffatt	*The Bible – A New Translation*, James Moffatt
NAB	New American Bible
NASB	New American Standard Bible
NEB	New English Bible
NedTTs	*Nederlands theologisch tijdschrift*
Neotes	*Neotestamentica*
Nes-Al	Eberhard Nestle e Kurt Aland, *Novum Testamentum Graece,* 26ª ed.

NIDNTT	*New International Dictionary of New Testament Theology*
NIV	New International Version
NKJV	New King James Version
NovT	*Novum Testamentum*
n.s.	nova série
NTS	*New Testament Studies*
PEQ	*Palestine Exploration Quarterly*
Phillips	*The New Testament in Modern English*, J. B. Phillips
RefThR	*Reformed Theological Review*
RelStudRev	*Religious Studies Review*
ResQ	*Restoration Quarterly*
IQS	Manual de Disciplina
RB	*Revue biblique*
RevThom	*Revue thomiste*
RSPT	*Revue des sciences philosophiques et théologiques*
RSV	Revised Standard Version
RV	Revised Version
Sab.	Sabedoria de Salomão
SB	H. L. Strack e P. Billerbeck, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*
SEB	Simple English Bible
SecCent	*Second Century*
Sir.	Siraque
Talmud	O Talmude Babilônico
TDNT	*Theological Dictionary of the New Testament*
Thayer	Joseph H. Thayer, *Greek-English Lexicon of the New Testament*
TheolZeit	*Theologische Zeitschrift*
Tob.	Tobit
TynB	*Tyndale Bulletin*
VigChr	*Vigiliae christianae*
VoxRef	*Vox Reformata*
WTJ	*Westminster Theological journal*
ZNW	*Zeitschrift für die Nieutestamentliche Wissenschaft*
ZPEBN	*Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*

Comentário de Atos dos Apóstolos

Vol. 2

14

A Primeira Viagem Missionária

Parte 2

14.1-28

ESBOÇO (continuação)

14.1-7	C. Icônio
14.1-3	1. A Mensagem Proclamada
14.4,5	2. Divisão
14.6,7	3. Fuga
14.8-20a	D. Listra e Derbe
14.8-10	1. Milagre
14.11-13	2. Resposta
14.14-18	3. Reação
14.19,20a	4. Revolta
14.20b-28	E. Antioquia da Síria
14.20b-25	1. Fortalecendo as Igrejas
14.26-28	2. Prestando Relatório a Antioquia

CAPÍTULO 14

ATOS 14.1-7

14 1. Um incidente semelhante aconteceu em Icônio. Paulo e Barnabé entraram na sinagoga dos judeus e falaram de maneira tal que uma grande multidão creu, tanto judeus como gregos. 2. Mas os judeus que não creram causaram tumulto e envenenaram a mente dos gentios contra os irmãos. 3. Então Paulo e Barnabé permaneceram um longo tempo falando com ousadia no Senhor, que testificava da mensagem da sua graça, realizando sinais e prodígios por meio deles. 4. As pessoas da cidade estavam divididas; algumas ficaram ao lado dos judeus e outras, dos apóstolos. 5. Houve uma tentativa, tanto da parte dos gentios quanto dos judeus, com seus governantes, de maltratá-los e apedrejá-los. 6. Quando Paulo e Barnabé ficaram sabendo disso, eles fugiram para as cidades da Licaônia, a saber, Listra e Derbe, e para a região circunvizinha, 7. onde continuaram a pregar o evangelho.

C. Icônio

14.1-7

1. *A Mensagem Proclamada*

14.1-3

À medida que proclamavam o evangelho, Paulo e Barnabé escolhiam cidades situadas ao longo das principais rodovias romanas. De Antioquia da Pisídia eles viajaram 128 quilômetros na direção leste para Icônio, que na época era uma cidade influente. Ali Paulo e Barnabé passaram um tempo considerável pregando as boas-novas (v. 3). Eles ficaram mais tempo em Icônio do que em qualquer outro local em sua primeira viagem missionária.[1] Talvez a decisão de viajar para o

1. Veja William M. Ramsay, *The Cities of St. Paul: Their Influence on His Life and Thought* (1907; reedição, Grand Rapids: Baker, 1963), p. 370.

leste em vez de para o oeste ou norte tivesse relação com o conhecimento geográfico que Paulo tinha da Licaônia, que fazia fronteira com a província da Cilícia, onde ele nascera. Sem dúvida, essa sua viagem os levou para mais perto da Cilícia, onde haviam sido estabelecidas igrejas (15.41).

1. Um incidente semelhante aconteceu em Icônio. Paulo e Barnabé entraram na sinagoga dos judeus e falaram de maneira tal que uma grande multidão creu, tanto judeus como gregos.

Lucas relata que em Icônio, Paulo e Barnabé seguem o mesmo padrão que usaram em Antioquia da Pisídia. Portanto, seu relatório é breve e objetivo. Paulo e seu colega missionário chegam a esse centro comercial e imediatamente procuram a sinagoga judaica. Ali eles cultuam junto com os judeus e gentios tementes a Deus. São convidados a pregar e, depois de aceitarem o convite, proclamam efetivamente as boas-novas de salvação. Supomos que os missionários tenham sido convidados a retornar. Lucas relata o efeito que a mensagem teve sobre o público da sinagoga. Ele diz que "uma grande multidão creu, tanto judeus como gregos". Ele parece indicar que a resposta em Icônio foi bem maior do que a de Antioquia da Pisídia. Por implicação, dá a entender que os judeus de Icônio tinham familiarizado a população gentia com os ensinamentos do Antigo Testamento. Por causa dessa instrução, inúmeros gentios freqüentavam regularmente a sinagoga de Icônio.

Quando Paulo e Barnabé explicaram o cumprimento das profecias messiânicas por intermédio de Jesus Cristo, não somente numerosos judeus creram, mas também um grande grupo de gentios tementes a Deus. Os missionários pregaram a mensagem do evangelho tanto a judeus como a gentios, dizendo-lhes que "se voltassem a Deus em arrependimento e ao Senhor Jesus Cristo em fé" (20.21).[2]

2. Mas os judeus que não creram causaram tumulto e envenenaram a mente dos gentios contra os irmãos.

O que aconteceu em Antioquia da Pisídia é repetido em Icônio. Alguns judeus rejeitam o evangelho e se recusam a aceitar Jesus como seu Messias. O texto diz, literalmente: "Mas os judeus que desobede-

2. Comparar com 18.4; 19.10,17.

ceram". Num certo sentido, o verbo *desobedecer* é um substituto para a expressão *expressar incredulidade* e assim tem um sentido duplo. A fé requer obediência; de outra sorte faltam-lhe as características de confiança, crença e dependência. A fé sem obediência é morta (Tg 2.17), enquanto a essência da incredulidade é a desobediência.[3] A proclamação das boas-novas requer uma resposta positiva de alegre submissão, mas a resposta negativa demonstra rebeldia deliberada. Do mesmo modo que o crente expressa sua fé em obras honrosas, assim também o incrédulo comunica sua provocação com obras más.

Inflamados, sem dúvida, pela inveja, porque Paulo e Barnabé conquistaram incontáveis adeptos para a fé cristã, os judeus começam agora a trabalhar entre a população gentia. Provocam agitação no meio deles e os persuadem a adotar algum tipo de ação contra Paulo e seu companheiro. Mais do que isso, eles conseguem envenenar a mente dos gentios contra os crentes de Icônio.

Os judeus usam a população do lugar na tentativa de colocar o povo contra os crentes, a quem Lucas chama de "irmãos". Em outras palavras, Lucas declara especificamente que a hostilidade engendrada pelos judeus envolve tanto a igreja como seus líderes. Os recém-convertidos ao Cristianismo agora enfrentam a importunação instigada pelos judeus. Não é de admirar que, algum tempo depois, Paulo e Barnabé os encorajam com as seguintes palavras instrutivas: "Por meio de muitas tribulações devemos entrar no reino de Deus" (v. 22). Todavia, quanto mais a oposição procura estorvar o crescimento e desenvolvimento da igreja, tanto mais ousadamente os missionários pregam a palavra.

3. Então Paulo e Barnabé permaneceram um longo tempo falando com ousadia no Senhor, que testificava da mensagem da sua graça, realizando sinais e prodígios por meio deles.

A hostilidade contra os missionários e a igreja cria um efeito oposto ao intencionado pelos judeus. Em lugar de deixar a área, Paulo e Barnabé ficam com a congregação durante um período considerável de tempo e continuam a pregar as boas-novas com ousadia. Eles demons-

3. Consultar R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (Columbus: Wartburg, 1944), p. 560.

tram a verdade de que a igreja prospera em tempos de opressão. A causa de Cristo atrai gente que nota a ousadia e a coragem dos crentes. O trabalho da pregação e do ensino continua sem diminuir, enquanto o Senhor concede suas indispensáveis bênçãos ao crescimento de sua igreja. Os apóstolos experimentam o poder do Senhor ao proclamarem ousadamente o seu nome. O termo *Senhor* refere-se tanto a Deus quanto a Jesus. Apesar de Lucas, com freqüência, ligar a ousadia apostólica à causa de Cristo,[4] o melhor seria interpretarmos a expressão como apontando para Jesus e para Deus. Isso se torna claro quando entendemos a expressão *a mensagem da sua graça* como sinônima do evangelho de Cristo,[5] proclamado pelos apóstolos, e da palavra de Deus (veja 20.32).

Lucas sugere, indiretamente, que a igreja em Icônio se desenvolveu rapidamente. Ele escreve: "Paulo e Barnabé ... [falavam] ousadamente no Senhor, que testificava da mensagem da sua graça, realizando sinais e prodígios por meio deles". O Senhor, pois, capacita os missionários a realizar obras extraordinárias, fazendo com que o povo de Icônio preste atenção. Deus realiza milagres em resposta ao aumento da fé e para o benefício desse aumento. Os apóstolos recebem de Deus os dons carismáticos para curar os enfermos e ressuscitar os mortos, de forma que a fé do povo de Deus é fortalecida (5.12; 6.8; Hb 2.4). Quando Deus faz um milagre, ele o faz em harmonia com a sua Palavra, e assim fortalece espiritualmente o crente. Lucas, entretanto, elimina os detalhes concernentes a esses sinais e prodígios, que se atinham provavelmente ao ministério de cura. Em sua epístola aos Gálatas, Paulo observa que Deus realizou milagres entre os destinatários de sua carta (3.5), dentre os quais se encontravam os habitantes de Icônio (localizada na província romana da Galácia).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 14.1-3

Versículo 1

κατὰ τὸ αὐτό – esta expressão pode significar "junto" (KJV, NKJV,

---

4. Veja 4.29,31; 9.27,28; 19.8; 28.31.

5. Consultar Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: Inter-Varsity, 1981), p. 617.

NASB, RSV) ou "da mesma maneira" (com variações, GNB, NAB, NIV, BJ, MLB).[6] Os tradutores modernos preferem a segunda opção, pois ela enfatiza que os apóstolos seguiram sua prática regular em Icônio.

ὥστε πιστεῦσαι – a partícula ὥστε (de modo que) seguida do infinitivo aoristo ativo expressa resultado real.

πολὺ πλῆθος – "uma grande multidão". Os genitivos precedentes ("tanto judeus como gregos") dependem desta frase. O genitivo segue, geralmente, o substantivo do qual depende.[7] O posicionamento destes dois genitivos mostra ênfase.

Versículo 2

ἀπειθήσαντες – o composto de ἀ (não) e o verbo πείθω (eu persuado) significa "eu não me permito ser persuadido". No Novo Testamento, o composto significa "recusar-se a crer" e se coloca, assim, em oposição ao verbo πιστεύω (eu creio). Como tal, ele dá a conotação de desobediência.

ἐκάκωσαν – este verbo tem dois sentidos: "maltratar" e "amargurar". No Novo Testamento, o segundo sentido ocorre apenas aqui.

O Codex Bezae traz uma tradução ampliada deste versículo. Os acréscimos estão em itálico: "Mas *os chefes da sinagoga dos judeus e os principais da sinagoga agitaram para si perseguição contra os justos*, e envenenaram a mente dos gentios contra os irmãos. *Mas o Senhor logo concedeu paz*".[8]

Os acréscimos representam uma tentativa de dar maior coerência ao texto, mas o resultado não é encorajador. É óbvia a redundância das expressões *chefes da sinagoga* e *principais da sinagoga*. E mais, a frase *mas o Senhor logo concedeu paz* parece ser uma transição incompleta entre os versículos 2 e 3. Os estudiosos preferem ficar com o texto usual destes dois versículos a despeito da aparente falta de coerência.

6. Bauer, p. 123, traz também "ao mesmo tempo". Mas esta tradução não se encaixa no contexto.

7. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 502.

8. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), pp. 419-20.

Versículo 3

μὲν οὖν – a combinação de uma partícula e uma conjunção transmite sentido adversativo: "contudo".[9]

διέτριψαν – do composto intensivo διατρίβω (eu gasto/passo tempo), o aoristo ativo comunica a idéia de constatação que enxerga a ação do início ao fim.

---

2. Divisão

14.4,5

4. As pessoas da cidade estavam divididas; algumas ficaram ao lado dos judeus e outras, dos apóstolos. 5. Houve uma tentativa, tanto da parte dos gentios quanto dos judeus, com seus governantes, de maltratá-los e apedrejá-los.

Lucas introduz a palavra *apóstolos*. Um estudo de Atos revela que Lucas emprega o termo consistentemente em relação aos doze apóstolos e somente duas vezes (vs. 4,14) em referência a Paulo e Barnabé. Os Doze, tendo Pedro como seu cabeça, são portadores e guardiães do evangelho de Cristo em Jerusalém (8.1,14). Os próximos na ordem a reclamar o título são Paulo e Barnabé, que foram comissionados pela igreja em Antioquia para proclamar o evangelho aos gentios (13.1-3). E por fim, num sentido mais abrangente, Paulo menciona Andrônico e Júnias, que são pregadores do evangelho e reconhecidos pelas igrejas como apóstolos (Rm 16.7). Não obstante, o apóstolo tinha de ser testemunha da ressurreição de Jesus e ter sido comissionado pelo próprio Cristo.[10] Assim, Matias é nomeado por Cristo em Jerusalém, e Paulo, nas imediações de Damasco. Mas Apolo e Timóteo jamais são chamados de apóstolos.

Embora em Atos, Lucas duas vezes designe Paulo como apóstolo, ele registra três vezes o seu chamado e comissionamento para ser apóstolo aos gentios (9.1-19; 22.1-21; 26.2-18). E mais, Jesus diz que Paulo é seu instrumento escolhido para levar seu nome perante os gentios e reis (9.15). Jesus o envia como apóstolo (22.21; 26.16,17; a palavra

---

9. C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 162.

10. Veja o comentário nas pp. 98-99, vol. 1; Karl Heinrich Rengstorf, *TNDT*, vol. 1, p. 423.

deriva do verbo grego *apostellō* [eu envio]. Paulo cumpriu o requisito do apostolado determinado pelos apóstolos quando escolheram Matias para ser o sucessor de Judas Iscariotes (1.21,22). Por causa da sua experiência de conversão perto de Damasco, Paulo viu Jesus e se tornou testemunha da ressurreição de Cristo. Apesar de Paulo não ter seguido Jesus desde o tempo de João Batista até a ascensão de Cristo, os Doze o aceitaram como um genuíno apóstolo. Como Lucas retrata Paulo? "O quadro pintado por Atos não é o de que Paulo não fosse um apóstolo, porém que ele era um apóstolo singular, o que está de acordo com o relato do próprio Paulo (1Co 9.1-3; 15.5-9; Gl 1.12-17)."[11] E por fim, Paulo indiretamente, chama Barnabé de apóstolo (1Co 9.6; Gl 2.9,10).

Os ensinamentos da fé cristã dividem os habitantes de Icônio, de modo que inúmeras pessoas tomam o partido dos judeus incrédulos e outras apóiam Paulo e Barnabé. Surge o conflito; as autoridades precisam intervir. Mais uma vez, Lucas retrata uma situação parecida com a que ocorreu em Antioquia da Pisídia. Ali os judeus, com a ajuda de influentes mulheres gentias tementes a Deus, influenciaram as autoridades do governo local a expulsar os missionários. Aqui, os judeus logram êxito ao buscarem a ajuda dos oficiais do lugar.

Os judeus conseguem convencer os gentios de que deveria ser perpetrado um ataque contra a vida de Paulo e Barnabé. Eles urdem um plano com o resultado de que os gentios tomem a dianteira. Em seu relato, Lucas os menciona primeiro: "Tanto os gentios quanto os judeus, com seus governantes [conspiraram] para maltratar e apedrejar [os missionários]". Os judeus se apresentam claramente como sustentadores de uma causa patrocinada pelos gentios, mas que fora criada pelos próprios judeus. No grego, o texto não está claro e as palavras *seus governantes* podem se referir aos líderes da sinagoga, aos anciãos gentios da cidade, ou a ambos.[12]

---

11. Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 1, p. 136.

12. Os comentaristas se dividem. Alguns afirmam que os líderes eram os judeus (por exemplo, Lenski, *Acts*, pp. 567-68). Outros pensam terem sido os governantes gentios (por exemplo, F. W. Grosheide, *De Handelingen der Apostelen*, série Kommentaar op het Nieuwe Testament, 2 vols. [Amsterdã: van Bottenburg, 1942], vol. 1, p. 453.] E ainda outros declaram que as autoridades vieram tanto do lado judeu como do gentio; veja Everett F. Harrison, *Interpreting Acts: The Expanding Church*, 2ª ed. (Grand Rapids: Zondervan, Academie Books, 1986), p. 231.

Em harmonia com as ocorrências paralelas em Antioquia da Pisídia e Icônio, o termo *seus governantes*, mais logicamente, dá a entender tratar-se tanto das autoridades locais como dos líderes da sinagoga judaica. Os oficiais da cidade, procurando manter a ordem e estabilidade, ficam do lado dos gentios e judeus. Na verdade, vêem Paulo e Barnabé como perturbadores da ordem. O ataque contra os missionários vem na forma de insolência, isto é, insultos injuriosos e pessoais são lançados sobre os dois. Mas a ameaça se torna real quando os intrigantes tentam assassinar os enviados do evangelho, atirando pedras neles. (Aliás, o ato de atirar pedras parece ser uma característica do Oriente Médio, onde o suprimento de pedras é virtualmente ilimitado.) Mais uma vez, chega a hora de Paulo e Barnabé partirem de repente (comparar com 13.50).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 14.4,5

Versículo 4

τὸ πλῆθος – no sentido literal, o substantivo indica "a multidão", mas aqui quer dizer "o povo".

οὐν – não é "em companhia de", mas "do lado de". O Codex Bezae amplia o texto e diz assim: "Mas o povo da cidade estava dividido; alguns ficaram do lado dos judeus e alguns dos apóstolos, *apegando-se a eles por causa da palavra de Deus*" (o acréscimo está em itálico).[13]

Versículo 5

ὁρπὴ τῶν ἐθνῶν – apesar de o substantivo ὁρμή no contexto significar "tentativa", a idéia de ímpeto, investida ou ataque não deve ser descartada.

σὺν – neste versículo, a preposição σύν equivale a καί (e).[14]

---

3. Fuga

14.6,7

6. Quando Paulo e Barnabé ficaram sabendo disso, eles fugiram para as cidades da Licaônia, a saber, Listra e Derbe, e para a região circunvizinha, 7. onde continuaram a pregar o evangelho.

13. Metzger, *Textual Commentary*, p. 420.
14. Robertson, *Grammar*, p. 628.

Fugir de situações perigosas passou a ser uma constante na vida de Paulo. Ele escapou de Damasco com a ajuda de amigos cristãos (9.25; 2Co 11.33). Quando os judeus de Jerusalém procuraram matá-lo, ele fugiu para Cesaréia, onde embarcou num navio para Tarso, sua cidade natal (9.30). Foi expulso da Antioquia da Pisídia (13.50) e agora deve sair de Icônio, para a sua própria segurança.

Imaginamos que os apóstolos tenham recebido a informação da parte de companheiros cristãos, que ficaram sabendo acerca da trama para matar Paulo e Barnabé. Pesando as vantagens e desvantagens, os missionários decidem prosseguir para uma nova localidade. Eles viajam na direção sul para a região da Licaônia. Esta é situada num planalto montanhoso na parte sul da Ásia Menor, a uma altitude de 1.005 metros. É fronteiriça às Montanhas Taurus e fazia parte da província romana da Galácia. "Licaônia é uma planície lisa, árida e quase sem árvores, extremamente poeirenta no final do verão e extremamente fria no inverno."[15]

Os missionários chegaram primeiro em Listra, que fica a cerca de 32 quilômetros de Icônio, e depois seguiram para Derbe, que fica um pouco mais distante, para as bandas do sudeste. Os romanos haviam colonizado Listra, assim como haviam feito com Antioquia da Pisídia. No entanto, a presença da população romana parecia não ser necessária para Paulo e Barnabé. "Além dos colonizadores romanos, a população de Listra consistia da classe educada conforme as maneiras e língua grega, e da população iletrada da Licaônia."[16] Sabemos que Timóteo, nascido e criado em Listra, era de ascendência grega. Sua mãe era judia, porém seu pai era grego, presumivelmente da classe erudita (16.1-3). Os romanos pertenciam à classe governante, ao passo que os gregos, também chamados helenos, possuíam instrução/escolaridade e geralmente eram pessoas de posses.

O povo comum de Listra falava o idioma licaônio, e portanto provava que, do ponto de vista lingüístico, não era influenciado pela cultura romana nem pela grega (apesar de adorarem os deuses gregos Júpiter [Zeus] e Mercúrio [Hermes] [veja v. 12]). As pessoas da zona

15. William S. LaSor, "Lycaonia", *ISBE*, vol. 3, p. 188.
16. Ramsay, *Cities of St. Paul*, p. 417.

rural iam ao centro regional do mercado onde encontravam mercadores judeus, cavalheiros gregos e oficiais romanos.[17] Sem dúvida, Paulo e Barnabé estavam visitando uma pequena cidade do interior, onde procuravam familiarizar um público diversificado com o evangelho de Cristo.

Considerações Práticas em 14.1-7

A narrativa histórica de Atos revela um padrão na experiência dos missionários. Deus nomeia seus servos e os envia a proclamarem o evangelho de salvação. Esses homens pregam e ensinam sua Palavra com ousadia, resultando que inúmeras pessoas ouvem, se convertem e se tornam membros da igreja. Então, antagonistas judeus, por vezes auxiliados pelos gentios, instigam perseguições, banimento e até mesmo o aprisionamento dos servos de Deus. Mas o Senhor livra seus obreiros dos apuros e abençoa a igreja.[18]

Sempre que Deus orienta seus ministros e missionários a falarem com ousadia em prol dele, as forças de Satanás procuram interferir e criar oposição contra eles e contra a Palavra. Os ministros sofrem vexação, ridículo e zombaria, não somente da parte do mundo, porém às vezes de membros da própria igreja. Apesar das dificuldades que enfrentam os servos de Deus, a sua graça é suficiente. Ele os sustenta em sua tarefa.

Em meio à oposição,
Que confiem, ó Senhor, em ti;
Quando o êxito chega em sua missão,
Que teus servos sejam os mais humildes.
Nunca os deixe
Até que tua face no céu contemplem.

– Thomas Kelly

17. Consultar E. M. Blaiklock, *Cities of the New Testament* (Westwood, N. J.: Revell, 1965), p. 31; Ramsay, *Cities of St. Paul*, pp. 324-25; Colin J. Hemer, *The Book of Acts in the Setting of Hellenistic History*, org. por Conrad H. Gempf (Tübingen: Mohr, 1989), pp. 228-30.

18. Leland Ryken, *Words of Life: A Literary Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1987), p. 79. Veja também M. D. Goulder, *Type and History in Acts* (Londres: SPCK, 1964), p. 16.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 14.6,7

Versículo 6

συνιδόντες – o particípio aoristo ativo de συνοράω (eu compreendo, percebo) significa "captar a mensagem".

κατέφυγον – a forma composta deste verbo no aoristo é mais forte do que o verbo simples φεύγω (eu fujo). Significa "eles partiram em busca de refúgio".

Versículo 7

O texto Ocidental (Codex Bezae) amplia o texto: "E ali eles pregavam o evangelho, *e toda a multidão foi tocada pelo ensino. E Paulo e Barnabé permaneceram em Listra*" (o acréscimo está em itálico).[19]

8. Em Listra ficava assentado um homem que não podia usar seus pés porque
ele tinha nascido aleijado e jamais havia andado. 9. Esse homem ouviu Paulo
falar. Paulo olhou atentamente para ele e, vendo que ele tinha fé para ser curado,
10. disse em alta voz: "Levante-se e fique em pé!" O homem saltou e começou a
andar. 11. Quando as multidões viram o que Paulo fizera, gritaram na língua licaônica: "Os deuses se tornaram como homens e desceram até nós". 12. Eles começaram a chamar Barnabé de Zeus, e a Paulo eles chamavam de Hermes, porque
Paulo era o orador principal. 13. O sacerdote de Zeus, cujo templo ficava logo
fora da cidade, trouxe touros e guirlandas aos portões. Ele queria oferecer sacrifícios com as multidões.

14. Mas quando os apóstolos Barnabé e Paulo ouviram isso, rasgaram as suas
roupas. Eles precipitaram-se para o meio da multidão, gritando: 15. "Homens, por
que vocês estão fazendo isso? Nós também somos homens com a mesma natureza
que vocês. Nós pregamos o evangelho a vocês para que se voltem das coisas sem
valor para o Deus vivo, que fez o céu, e a terra, e o mar, e tudo o que há neles. 16.
No passado, Deus permitiu que todas as nações seguissem seus próprios caminhos. 17. E no entanto, ele não deixou a si próprio sem testemunho. Deus concedeu benefícios dando a vocês chuvas do céu e estações frutíferas. Ele encheu o
coração de vocês de alimento e de contentamento". 18. Mesmo tendo dito isso,
quase não puderam impedir as multidões de oferecerem sacrifícios a eles.

19. Mas os judeus de Antioquia e Icônio vieram e, havendo persuadido as
multidões, apedrejaram Paulo e arrastaram-no para fora da cidade, imaginando
que ele estivesse morto. 20[a]. Mas enquanto os discípulos se postavam em pé em
torno dele, Paulo se levantou e entrou na cidade**.**

19. Metzger, *Textual Commentary*, p. 420.

D. Listra e Derbe

14.8-20a

Em Atos, Lucas traça, indiretamente, um paralelo entre Pedro e Paulo. Por exemplo, Pedro cura o coxo na porta do templo chamada Formosa (3.1-10) e Paulo restaura um paralítico em Listra (14.8-10). Pedro ressuscita Dorcas em Jope (9.36-42) e Paulo restaura Êutico (20.9-12). Pedro foi liberto da prisão (12.6-11); também o foi Paulo (16.25-28).

Lucas relata que o aleijado na Porta Formosa foi curado por causa de sua fé no nome de Jesus (3.16). De igual modo, quando Paulo curou miraculosamente o aleijado em Listra, ele viu que "o homem tinha fé para ser curado" (v. 9).

1. *Milagre*

14.8-10

8. Em Listra ficava assentado um homem que não podia usar seus pés porque ele tinha nascido aleijado e jamais havia andado. 9. Esse homem ouviu Paulo falar. Paulo olhou atentamente para ele e, vendo que ele tinha fé para ser curado, 10. disse em alta voz: "Levante-se e fique em pé!" O homem saltou e começou a andar.

Supomos que os judeus de Listra não possuíam sinagoga, pois no relato não são mencionados quaisquer gentios tementes a Deus. Paulo e Barnabé, então, viajaram para Listra a fim de encontrar refúgio, escapando dos oficiais da sinagoga judaica. Os missionários proclamam o evangelho a qualquer um que desejar ouvi-los.

Entre os ouvintes da pregação de Paulo está um homem que nascera com uma deficiência. Ele não consegue usar os pés e, conseqüentemente, nunca havia andado. Lucas descreve, em detalhe, a condição do homem e até emprega uma frase idêntica à sua descrição do coxo da porta do templo em Jerusalém: "aleijado desde o nascimento" (3.2 – NVI). Lucas narra, brevemente, que durante seu ministério em Icônio, os apóstolos realizaram muitos milagres de cura (14.3); ele retrata, de maneira plena, o primeiro milagre que Paulo fez em Listra, contrastando a severidade da condição do homem com a magnitude do milagre.

Pressupomos que a ausência de uma sinagoga tornava necessário um ponto de contato que desse a Paulo a oportunidade de alcançar a

população local. Todos conheciam o aleijado, que provavelmente ganhava a vida mendigando. Paulo cura aquele homem coxo com o propósito de conquistar o interesse do povo. Quando as pessoas vêem o resultado do milagre, estão prontas para ouvir o evangelho.

O homem deficiente era carregado a um lugar público de reuniões e ficava assentado, talvez na frente do templo ou na área do mercado. Ali as multidões geralmente se reuniam para ouvir um palestrante, e ali o mendigo recolhia suas ofertas em dinheiro. Nesse lugar Paulo prega o evangelho de salvação. Apesar de o povo do lugar falar a língua licaônica, são capazes de entender Paulo, que comunica o evangelho em grego. O paralítico ouve o sermão que Paulo prega. Aliás, uma tradução do texto grego indica que o homem ouvia freqüentemente.[20] Seja qual for o registro, Paulo nota o aleijado e focaliza nele a sua atenção. Observe-se, outra vez, a semelhança entre essa narrativa e a de Pedro curando o coxo em Jerusalém. Ali Pedro olhou fixamente para um paralítico (3.4); em Listra, Paulo faz a mesma coisa.

Lucas acrescenta que "o homem tinha fé para ser curado". Que tipo de fé é esta? Colocando de uma maneira simples, é a fé necessária à salvação. A expressão *ser curado* pode também significar *ser salvo* (veja 4.12; Rm 5.10). Os evangelistas sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) com freqüência atrelam a fé aos milagres de cura; os três registram o refrão repetido por Jesus "a tua fé te salvou", dito aos que ele curou miraculosamente.[21] Os autores dos Evangelhos enfatizam o milagre de cura, porém nós não devemos minimizar a genuína fé dos que foram curados. O aleijado de Listra, ao ouvir o sermão de Paulo, deposita sua fé em Jesus. Sua fé autêntica é necessária para a cura de seus pés aleijados (comparar com Tg 5.15).[22] Como Paulo sabe que o homem tem fé? Orientado pelo Espírito Santo, Paulo é capaz de detectar que o paralítico tem fé em Jesus, fato que talvez o homem tenha expressado verbalmente.

---

20. Alguns manuscritos trazem o tempo aoristo, o que implica numa única ocorrência; outros trazem o tempo imperfeito, que denota ação contínua ou freqüente.

21. Veja Mateus 9.22; Marcos 5.34; 10.52; Lucas 7.50; 8.48; 17.19; 18.42. Consultar ainda Leon Morris, *New Testament Theology* (Grand Rapids: Zondervan, Academie Books, 1986), p. 198.

22. Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 3, p. 212.

Paulo se dirige ao coxo e lhe dá uma ordem em alta voz, de forma que não somente o deficiente, mas também a multidão pode ouvir: "Levante-se e fique em pé!" O apóstolo mal acaba de pronunciar as palavras e o homem coloca sua fé à prova. Ele se levanta, apruma-se, pula e, pela primeira vez em sua vida, começa a andar. Podemos imaginar a alegria e a felicidade, os brados de júbilo vindos do homem e os gritos de espanto vindos da multidão. Todos podem ver que certamente aconteceu um milagre, pois o próprio homem curado testifica dele.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 14.8-10

Versículo 8

ἀδύνατος – este adjetivo não quer dizer "impossível" (Hb 6.4), mas "impossibilitado" ou "incapaz".

τοῖς ποσίν – o caso dativo é o dativo de respeito, especialmente com referência ao adjetivo *impossibilitado*.

ἐκάθητο – o emprego do tempo imperfeito do verbo *assentar* aponta para a posição contínua e habitual do aleijado de ficar sentado num dado local.

Versículos 9,10

ἤκουσεν – é igualmente forte a evidência de manuscritos para o tempo aoristo ("ele ouviu") e o imperfeito (ἤκουεν, ele ouvia repetidamente). Os editores textuais se dividem nesta questão.

πίστιν τοῦ σωθῆναι – o infinitivo articular possui um sentido consecutivo: a significação do infinitivo é resultado do substantivo *fé* precedente. Logo, "a fé necessária para salvação".

ὀρθός – a posição deste adjetivo nesta sentença imperativa a torna equivalente a um advérbio: "Fique em pé direito/ereto!"

ἥλατο καὶ περιεπάτει – note-se que o primeiro verbo (de ἅλλομαι, eu salto/pulo) está no tempo aoristo, ao passo que o segundo está no imperfeito.

---

2. Resposta

14.11-13

11. Quando as multidões viram o que Paulo fizera, gritaram na

língua licaônica: "Os deuses se tornaram como homens e desceram até nós". 12. Eles começaram a chamar Barnabé de Zeus, e a Paulo eles chamavam de Hermes, porque Paulo era o orador principal.

a. "Quando as multidões viram o que Paulo fizera." Os cidadãos de Listra e região adjacente se encontram reunidos em número considerável, que talvez chegue às centenas, senão aos milhares, pois Lucas usa a forma plural *multidões*. Eles estão espantados por causa do que acontecera e se expressam, com grande agitação, em sua língua materna, a licaônica. Paulo e Barnabé, no início não conseguem entender o que está sendo dito.

b. "Os deuses se tornaram como homens e desceram até nós", grita o povo. A população local, fanática em assuntos religiosos, olha para Paulo e Barnabé como se fossem dois deuses que baixaram em Listra em forma humana. Deduzimos que o povo baseava essa observação na lenda de que tanto Zeus, o chefe dos deuses, quanto Hermes, o mensageiro dos deuses, haviam visitado uma área na província da Frígia, mas lhes havia sido negada hospedagem por parte do povo do lugar. Finalmente, um velho senhor e sua mulher deram as boas-vindas aos deuses em seu humilde lar. Os deuses recompensaram abundantemente a hospitalidade do casal, transformando sua casa num templo e, a pedido desse casal, nomearam os dois como sacerdotes do templo. Os deuses puniram o restante das pessoas, destruindo suas casas. A lenda foi registrada pelo poeta romano Ovídio, que viveu de 43 a.C. a 17 d.C. e que chamava os deuses pelos seus nomes latinos: Júpiter (Zeus) e Mercúrio (Hermes).[23]

(Ressalto, de passagem, que não devemos interpretar o elogio de Paulo aos cristãos na Galácia, dentre os quais se achavam os de Listra, como se referindo a esse incidente. Paulo escreve: "Vocês me receberam como a um anjo de Deus" [Gl 4.14]. Entretanto, as pessoas de Listra obviamente consideravam Paulo e Barnabé deuses, e não anjos.)

Os habitantes de Listra adoravam Zeus, a quem consideravam como sua deidade de guarda. Fora da cidade haviam erigido um templo em

23. Ovídio, *Metamorphoses* 8.626-724. Para o uso dos nomes latinos, veja KJV, ASV, NEB, *Phillips*.

sua honra. Além disso, adoravam a Hermes como a divindade padroeira dos oradores e viajantes e como o deus da fortuna e fertilidade.[24] Hermes, cuja tarefa era entregar mensagens dos deuses aos homens, era filho de Zeus e Maia. Seu nome está refletido na palavra *hermenêutica*, que deriva do termo grego *hermēneutēs* (intérprete).

As provas arqueológicas – inscrições sobre os "sacerdotes de Zeus" e a estátua de Hermes descobertas nas proximidades de Listra – demonstram claramente que os deuses Zeus e Hermes eram adorados nessa cidade. E mais, as inscrições estão em língua licaônica.[25]

c. "Eles começaram a chamar Barnabé de Zeus, e a Paulo eles chamavam de Hermes, porque Paulo era o orador principal." Esperaríamos que o povo designasse Paulo como Zeus, por causa de sua habilidade de liderança decisiva, e Barnabé como Hermes, que servia como associado e auxiliar de Paulo. Mas não é esse o caso. Indubitavelmente, a comunidade de Listra acredita que a divindade mais elevada não deve trabalhar, mas ser servida por outros deuses de escalão mais baixo. Em face do jeito reservado de Barnabé, o povo o considera como o deus principal, Zeus, considerando Paulo, que parece fazer todo o trabalho, como Hermes, o deus servo de Zeus.[26] Apesar de o livro apócrifo Os Atos de Paulo e Tecla apresentar uma descrição de Paulo, não creio que tenha qualquer relação com essa passagem específica, e francamente questiono sua precisão:

> E um homem chamado Onesíforo, que ouvira dizer que Paulo fora a Icônio, ... seguiu ao longo da estrada real que leva a Listra, e parou ali em pé esperando por ele. ... E viu Paulo chegando, homem de pequena estatura, com cabeça calva e pernas tortas, com o corpo em bom estado, sobrancelhas se encontrando e o nariz um tanto adunco, cheio de amabilidade; pois às vezes parecia um homem, e outras vezes tinha a face de um anjo.[27]

13. O sacerdote de Zeus, cujo templo ficava logo fora da cida-

24. "Hermes", *ISBE*, vol. 2, pp. 687-88.

25. Consultar F. F. Bruce, *The Book of the Acts*, ed. revista, New International Commentary na série New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), pp. 274-75.

26. Consultar Grosheide, *Handelingen der Apostelen*, vol. 1, p. 457.

27. Os Atos de Paulo e Tecla 3.2-3. Edgar Hennecke, *New Testament Apocrypha*, org. por William Schneemelcher, 2 vols. (Filadélfia: Westminster, 1963-64), vol. 1, pp. 353-54.

de, trouxe touros e guirlandas aos portões. Ele queria oferecer sacrifícios com as multidões.

a. "O sacerdote de Zeus." Paulo e Barnabé sabem que estão num ambiente pagão onde o povo adora Zeus e onde seu templo fica "logo fora da cidade". O homem que detém a autoridade religiosa e conta com o respeito do povo é o sacerdote de Zeus. Em outras palavras, os apóstolos têm de se submeter à autoridade dele, pois são visitantes que entram em seu território. É difícil determinar quanto tempo levou antes de os missionários entenderem os gritos do povo: "Os deuses se tornaram como homens e desceram até nós". Mas quando o sacerdote de Zeus ouve esses gritos, ele sabe que tem uma tarefa a desempenhar: oferecer sacrifícios aos deuses que vieram visitar o povo de Listra. Obviamente, o sacerdote deseja agradar aos deuses, e assim evitar qualquer repetição do castigo anterior aplicado aos cidadãos da Frígia, que não haviam sido hospitaleiros.

b. "Logo fora da cidade." A evidência histórica comprova a prática pagã de se construir templos dedicados a Zeus fora dos muros da cidade. Em suma, o templo era chamado de "o templo de Zeus fora da cidade".[28] O sacerdote toma touros enfeitados com guirlandas feitas de algodão e os leva para fora da cidade ao templo de Zeus. A palavra *portões* descreve as portas da cidade ou as do templo. Ali o sacerdote e as multidões desejam honrar Paulo e Barnabé.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 14.13

πυλῶνας – por causa da forma plural, a palavra provavelmente não se refere a uma casa, mas aos portões da cidade.

---

3. *Reação*

14.14-18

A narrativa de Lucas transmite a impressão de que se passou algum tempo entre a cura do aleijado e o aparecimento do sacerdote e seus animais sacrificiais. Aparentemente ninguém contara a Paulo e Barna-

28. Ernst Haenchen menciona que esse nome "tem uma ampla designação atual". *The Acts of the Apostles: A Commentary*, trad. por Bernard Noble e Gerald Shinn (Filadélfia: Westminster, 1971), p. 427 n. 2.

bé o que as multidões estavam dizendo em língua licaônica, e os dois não perceberam, de início, que os sacrifícios eram para eles.

14. Mas quando os apóstolos Barnabé e Paulo ouviram isso, rasgaram as suas roupas. Eles precipitaram-se para o meio da multidão, gritando: 15. "Homens, por que vocês estão fazendo isso? Nós também somos homens com a mesma natureza que vocês. Nós pregamos o evangelho a vocês para que se voltem das coisas sem valor para o Deus vivo, que fez o céu, e a terra, e o mar, e tudo o que há neles".

Observe-se os seguintes pontos:

a. *Roupas rasgadas* – Os apóstolos ficam finalmente sabendo o que as multidões, lideradas pelo sacerdote de Zeus, estão planejando fazer para eles. Presumivelmente alguns dos discípulos dos apóstolos lhes servem de informantes e intérpretes (v. 20). Quando se dão conta do que está acontecendo, Paulo e Barnabé rasgam as suas roupas como sinal de profunda perturbação emocional.[29] Eles ficam muito aborrecidos porque, como servos de Deus, sabem que somente o Todo-poderoso deve receber toda a glória e honra. Na verdade, quando Pedro, sob as ordens de Deus, entrou na casa de Cornélio em Cesaréia, o centurião caiu aos pés do apóstolo para lhe prestar respeito. Mas Pedro disse: "Levante-se! Eu também sou apenas um homem" (10.26; veja ainda Ap 19.10; 22.8,9). E mais, os apóstolos sabem que quando o povo exaltou o rei Herodes Agripa I dizendo que a sua voz era a de um deus, o Senhor o feriu de modo que logo depois disso ele morreu (12.21-23).

Não é de admirar que Paulo e Barnabé rasguem suas roupas para indicar a agonia mental que experimentam. Eles lançam de lado a tentação de sucumbir à adulação da multidão, e viram as costas em imensa aflição. Eles foram pregar o evangelho de salvação ao povo que servia deuses pagãos, mas agora os apóstolos percebem que aquela gente perverte o evangelho, considerando seus proclamadores como deuses e procurando adorá-los.

Note-se, em primeiro lugar, que Lucas emprega novamente o termo *apóstolos* (veja v. 4) para ambos os missionários. E também, ele

29. Essa prática tipicamente judaica (por exemplo, Mc 14.63) não era conhecida no mundo greco-romano. Veja Bauer, p. 188, em referência ao verbo *rasgar*.

cita Barnabé primeiro, talvez porque o povo licaônico o considera como sendo Zeus.

b. *Homens semelhantes* – Imediatamente Paulo e Barnabé colocam a questão na perspectiva correta. Ambos correm para a multidão de pessoas e gritam a plenos pulmões: "Homens, por que vocês estão fazendo isso? Nós também somos homens com a mesma natureza que vocês" (comparar com Tg 5.17). Os apóstolos não perdem tempo e vão direto ao cerne da questão, pedindo uma explicação. Eles querem saber por que o povo está preparando os sacrifícios. E porque aquela gente costuma oferecer sacrifícios aos seus deuses, ambos, Paulo e Barnabé, declaram que eles próprios são pessoas comuns não seres divinos. Explicam que não são deuses-homens, mas mensageiros enviados por Deus. Eles têm de ensinar ao povo de Listra as verdades elementares acerca do Deus vivo.

c. *Mensagem do evangelho* – "Nós pregamos o evangelho a vocês". O discurso de Paulo e Barnabé difere substancialmente do sermão pregado por Paulo ao público judeu-gentio em Antioquia da Pisídia. Ali, os gentios tementes a Deus haviam sido instruídos acerca dos ensinamentos da Escritura. Aqui, os missionários precisam começar com as verdades fundamentais e não podem presumir que as multidões tenham qualquer conhecimento sobre Deus e suas obras. O discurso de Paulo no Areópago em Atenas (17.24-28) lembra os comentários feitos pelos apóstolos em Listra. Tanto aqui como em Atenas, Paulo ensina que Deus é o Criador e Sustentador do universo. Ele não inicia com a nação de Israel, mas com a natureza e sua criação pelo único Deus que sustém e governa este mundo. Paulo e Barnabé precisam ensinar pessoas que não receberam o benefício da instrução religiosa ministrada por judeus residentes. Diferente dos gentios tementes a Deus em Antioquia da Pisídia e Icônio, o povo de Listra não tinha qualquer preparação para receber o evangelho.

Os missionários confrontam o povo diretamente com a prática pagã da idolatria dizendo que os ídolos são "coisas sem valor". Por todo o Antigo Testamento, essa expressão se refere aos ídolos sem valor das nações gentias.[30] Paulo e Barnabé evitam ofender sua platéia, porém

30. Por exemplo, veja Deuteronômio 32.21; 1 Reis 16.13,26; 2 Reis 17.15; Salmo 31.6; Jeremias 2.5; 8.19; 10.8.

contrastam as "coisas sem valor" com o Deus vivo. Implicitamente, eles indicam que os ídolos são objetos inanimados – estão mortos (veja Sl 115.4-8). Por outro lado, Deus é um Deus vivo "que fez o céu, e a terra, e o mar, e tudo o que há neles". Essa é uma citação direta do relato da criação registrado no Antigo Testamento (Êx 20.11; Sl 146.6). Num sentido, os apóstolos ensinam os gentios acerca da origem do mundo, e indiretamente salientam que seus ídolos são incapazes de fazer qualquer coisa.

Conseqüentemente, os apóstolos desafiam o povo a se voltar de seus ídolos para o Deus vivo, a conhecê-lo e a se converter (comparar com 1Ts 1.9). Se eles virarem as costas aos ídolos sem valor, devem se voltar para Deus que criou os céus, a terra e o mar. Os gentios tinham três classes de deuses para o universo visível.[31] Entretanto, os apóstolos ensinam que um único Deus criou tudo, está vivo e dá vida.

16. "No passado, Deus permitiu que todas as nações seguissem seus próprios caminhos. 17. E no entanto, ele não deixou a si próprio sem testemunho. Deus concedeu benefícios dando a vocês chuvas do céu e estações frutíferas. Ele encheu o coração de vocês de alimento e de contentamento."

Supomos que o orador seja Paulo que, nessa ocasião, ensina o povo, não acerca de Jesus Cristo, o Salvador, mas sobre o único Deus que criou todas as coisas. Quando conta aos licaônios a respeito de Deus, o Criador, ele espera que perguntem por que Deus não se revelou a eles. Paulo antecipa essa pergunta e responde que durante as gerações passadas, Deus permitiu que as nações seguissem os seus próprios caminhos.

A expressão *no passado* deve ser compreendida no sentido mais abrangente possível, pois ela se refere ao tempo de Noé. Deus salvou oito pessoas das águas do dilúvio; tanto o povo de Deus como as nações incrédulas descendiam daquelas oito. A expressão *todas as nações* não inclui Israel, porque Deus constantemente chamava o seu povo ao arrependimento. Durante todos os longos séculos em que os patriarcas e Israel recebiam a revelação especial de Deus, as nações do mundo viviam separadas dele.

31. John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. por Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2, p. 641.

Paulo diz apenas que Deus permitiu que todas as nações se desviassem. Por todas as eras, Deus estava plenamente consciente daquilo que aquelas nações faziam, mas permitiu que vivessem em pecado. Paulo dá a entender que os gentios não cumpriam os mandamentos de Deus. Eles optaram pelo seu próprio modo de vida e, portanto, devem assumir total responsabilidade por suas ações. Não podem alegar ignorância, pois Paulo assegura que Deus se lhes mostrou pleno desde a criação do mundo; logo, eles não têm desculpa (Rm 1.19,20). Em seu discurso no Areópago, Paulo diz a mesma verdade aos filósofos atenienses: "Não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam"(17.30; veja também 1Pe 4.3). O período da ignorância chegava agora ao fim com a proclamação das boas-novas pelos apóstolos.

Em resposta, os licaônios podem chamar a atenção para os muitos anos que haviam se passado desde a revelação de Deus a Israel e aos inumeráveis gentios ignorantes. Quiçá alegassem que não sabiam da existência de Deus. A verdade de Deus é eterna e imutável,[32] e Paulo prova a eles que Deus "não deixou a si próprio sem testemunho". O testemunho, é claro, refere-se ao eloqüente testemunho da natureza. Toda a criação canta louvores a Deus e testifica de sua bondade. Paulo dá três exemplos que provam o testemunho claro do Senhor aos gentios:

a. *Demonstração de bondade* – Deus concede benefícios aos gentios, dando-lhes chuvas do céu no tempo apropriado. A chuva é responsável por lhes trazer colheitas que os alimentam e aos seus animais. O ciclo recorrente das chuvas e as lavouras são provas abundantes de que Deus, o Criador de todas as coisas, sustenta aquilo que ele fez.

b. *Oferta de alimento* – Deus abre a sua mão e alimenta o homem e os animais sem relutância ou discriminação. Conforme escreve o salmista: "O Senhor é bom para todos" (Sl 145.9). De igual maneira, Jesus disse que Deus "faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos" (Mt 5.45). Deus envia chuvas para reabastecer a terra, de forma que ela produza colheita abundante (veja Lv 26.4; Sl 65.9-13; Jr 5.24). A palavra *chuvas* é uma referência implícita ao mar

32. João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 2, p. 12.

que fornece água por meio da evaporação; ao céu que carrega as nuvens que libera a chuva; e à terra que recebe a precipitação em forma de chuva, gelo ou neve.

Deus dá às suas criaturas safras no tempo oportuno: capim para o pasto dos animais e grãos para o consumo humano. Ocorrem períodos de seca e falhas na lavoura, porém Deus não abandona a sua criação. Ele sempre providencia produção agrícola para sustentar tanto os seres humanos quanto os animais.

c. *Corações alegres* – Deus não somente fornece bastante alimento para toda a sua criação, mas também enche o coração do homem de alegria. Mesmo se o homem pecador negligencia ou se recusa a expressar ação de graça por todas as bênçãos de Deus, ainda assim o Senhor sacia o coração do pecador de prazer e contentamento. O homem, por si só, não gera alegria, porém Deus lhe concede este dom. Em suma, o Senhor fornece ao homem tudo o que ele precisa, e também o faz feliz.

Os licaônios devem reconhecer que eles próprios não têm controle algum sobre a precipitação pluviométrica anual, nem sobre a produção agrícola. Até mesmo a sua alegria depende de circunstâncias externas. São dependentes de Deus, que estende a sua mão e supre as suas necessidades. Assim, Paulo prega aos cidadãos de Listra a mensagem que Deus, que criou o mundo, cuida deles fielmente, dando-lhes chuvas, colheitas, alimento e felicidade.

18. Mesmo tendo dito isso, quase não puderam impedir as multidões de oferecerem sacrifícios a eles.

Tanto Paulo quanto Barnabé pregam às multidões em Listra e tentam dissuadir o povo de oferecer sacrifícios. Eles precisam exercer seu bom senso, força, tato e talento, para mostrar ao povo que é Deus, e não os apóstolos, quem merece honra e respeito. Já que no grego a partícula negativa precede o verbo, deduzimos que as multidões ainda não haviam iniciado as cerimônias. Os missionários fazem tudo o que podem a fim de persuadir as multidões de nem mesmo começar o ritual. Uns poucos manuscritos gregos registram uma cláusula adicional ("mas irem cada um para a sua própria casa"). A intenção é fornecer um final suave para a sentença, porém a tentativa falha, pois a cláusula

extra lhe confere uma articulação pesada.[33] Ademais, é fraco o apoio para essa tradução.

Lucas retrata o paralelo entre Pedro e Paulo e seus respectivos ministérios. Pedro cura um coxo em Jerusalém e Paulo restaura a saúde a um aleijado em Listra. Mas observe-se a diferença: Depois de curar o homem, Pedro prega a uma multidão de judeus e a igreja de Jerusalém cresce em número, atingindo cerca de cinco mil homens. Paulo realiza o mesmo milagre em Listra e as multidões gentias o enxergam e a Barnabé como deuses a quem desejam honrar com sacrifícios. O efeito da mensagem de Paulo é mínimo em comparação com o do sermão de Pedro em Jerusalém. Entretanto, a igreja que é fundada em Listra evidencia o triunfo da fé (veja vs. 21-23). Com esse relato, Lucas descreve as dificuldades que Paulo e Barnabé enfrentam ao pregar a uma platéia gentílica.[34]

Considerações Doutrinárias em 14.14-18

Quando Paulo prega o evangelho a judeus, ele começa geralmente com Abraão ou com a formação da nação de Israel no Egito. Mas quando se dirige a um público gentio, ele inicia com o relato da criação. Assim sendo, ele ensina aos gentios que Deus é o criador do céu, da terra e do mar. Paulo os instrui no conhecimento básico da formação do mundo (veja 17.22-31; Rm 1.19,20; 2.14,15).

Na verdade, a doutrina da criação é fundamental à mensagem de redenção.[35] Pela fé, o homem deve conhecer Deus em Jesus Cristo como seu Criador e Redentor (Ec 12.1-7). O autor da epístola aos Hebreus, ao mencionar repetidamente a palavra fé, declara propositalmente: "Pela fé entendemos que o universo foi formado pela palavra de Deus", e sem fé é

33. Metzger, *Textual Commentary*, p. 424.

34. E. Lerle argumenta que o sermão em Listra não começou com Paulo; e ele nega que Lucas o tenha composto. Em vez disso, considera esse sermão um exemplo da pregação do Cristianismo primitivo. Todavia, seu argumento carece de poder de convicção e ele não consegue provar que Paulo não era o orador. "Die Predigt in Lystra (Acta xiv. 15-18," *NTS* 7 (1960): 46-55.

35. Consultar Charles W. Carter e Ralph Earle, *The Acts of the Apostles* (Grand Rapids: Zondervan, 1973), p. 200; Willem A. VanGemeren, *The Progress of Redemption: The Story of Salvation from Creation to the New Jerusalém* (Grand Rapids: Zondervan, Academie Books, 1988), p. 40.

impossível agradar a Deus" (11.3, 6 – NVI). O homem não é capaz de compreender a redenção fora da Escritura. Ele deve conhecer a Palavra de Deus revelada a fim de entender sua condição de queda, sua necessidade de salvação e sua libertação do pecado e da morte espiritual por intermédio de Jesus Cristo. Um conhecimento básico da natureza o leva a Deus, o Criador, mas o conhecimento da Escritura o conduz a Cristo, seu Redentor. Em suma, somente a Bíblia lhe ensina a doutrina do pecado, da salvação e do serviço.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 14.15-18

Versículo 15

τί – a tradução desta sentença interrogativa é "por que vocês estão fazendo isto?" e não "o que vocês estão fazendo?"[36]

ἐπιστρέφειν – este infinitivo presente ativo ("voltar-se") expressa propósito.

Versículos 16,17

πάντα τὰ ἔθνη – "todas as nações". Entretanto, Israel não é incluída nesta categoria, porque o povo de Deus recebeu sua revelação especial (Rm 3.2).

καίτοι – para indicar ênfase, esta partícula adversativa ("e porém") é seguida de uma negativa dupla (οὐκ ἀμάρτυρον, não sem testemunho).

Empregando os três particípios presentes ativos, Paulo demonstra o contínuo cuidado de Deus pela criação em geral, e pelo homem em particular: ἀγαθουργῶν (fazendo o bem), διδούς (dando) e ἐμπιπλῶν (enchendo).

Versículo 18

κατέπαυσαν – a preposição κατά neste verbo composto possui uma força perfectiva e dá ao verbo o sentido de *refrear*.[37]

τοῦ μὴ θύειν – depois do verbo *refrear*, a partícula negativa μή

---

36. Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. por Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), nº 299.1.

37. Robertson, *Grammar*, p. 606.

antes do infinitivo θύειν é redundante na tradução em língua inglesa. O infinitivo ("sacrificar") equivale a um infinitivo de resultado.

4. *Reação*

14.19,20a

Paulo e Barnabé fugiram de Antioquia da Pisídia e Icônio e foram até Listra em busca de proteção por causa das ameaças contra suas vidas, instigadas pelos judeus (v. 5). Buscaram segurança na cidade rural de Listra, bem longe dos centros populacionais judaicos. Todavia, as notícias concernentes aos apóstolos chegaram aos ouvidos dos judeus em Antioquia e Icônio. O ódio deles era tão intenso que se deslocaram até Listra a fim de cumprir a ameaça e apedrejar Paulo.

19. Mas os judeus de Antioquia e Icônio vieram e, havendo persuadido as multidões, apedrejaram Paulo e arrastaram-no para fora da cidade, imaginando que ele estivesse morto. 20a. Mas enquanto os discípulos se postavam em pé em torno dele, Paulo se levantou e entrou na cidade.

Acreditamos que se passara algum tempo desde o episódio subseqüente à cura do homem aleijado. Paulo e Barnabé continuam seu trabalho missionário e conseguem formar o núcleo de uma igreja. Ganham vários discípulos (vs. 20a,22), dos quais alguns se tornam presbíteros (v. 23). Em alguns poucos manuscritos gregos, cujo apoio é fraco, a transição entre os versículos 18 e 19 é suavizada com a seguinte sentença: "Mas enquanto [os apóstolos] permaneciam ali e ensinavam, certos judeus vieram de Icônio e Antioquia".[38]

Imagine o fanatismo de uns poucos judeus determinados! Os de Antioquia da Pisídia viajam cerca de 160 quilômetros até Listra[39] para dar cabo ao seu plano de matar Paulo. Eles persuadem as multidões licaônicas a ouvirem-nos em lugar de ouvir os missionários. E apesar de os judeus não poderem objetar a qualquer coisa que Paulo e Barnabé tivessem feito ou dito em Listra, mesmo assim caluniam os apósto-

38. Metzger, *Textual Commentary*, p. 425.

39. As provas arqueológicas mostram que Antioquia e Listra eram colônias-irmãs do Império Romano. Veja William M. Ramsay, *The Church in the Roman Empire Before A.D. 170* (Londres: Hodder and Stoughton, 1907), p. 50; veja também Donald A. Hagner, "Lystra", *ISBE*, vol. 3, p. 193.

los e se opõem ao trabalho deles. Conseguem também convencer os gentios a livrar a cidade desses intrusos. Sem ser impedidos pelos militares romanos, tomam pedras e as lançam em direção a Paulo. Talvez os judeus o tenham escolhido por ser ele o orador principal.

Lucas indica que o apedrejamento acontece dentro da própria cidade, porque depois de os agressores verem o efeito de seu ataque assassino e pensarem que Paulo está morto, arrastam-no para fora da cidade. Naturalmente ficamos imaginando por que o povo é tão volúvel, quando primeiro aceita os apóstolos como deuses visitantes e depois apedreja Paulo. Mas os caprichos imprevisíveis das multidões são proverbiais. Pense, por exemplo, nos judeus na sinagoga de Nazaré, que ficaram maravilhados com as palavras agradáveis proferidas por Jesus. Porém, aquelas mesmas pessoas queriam lançá-lo de um precipício (Lc 4.22,29). As multidões de Jerusalém exclamavam "Hosana" no Domingo de Ramos, porém na sexta-feira gritavam "Crucifica-o" (Mt 21.9; Lc 23.21).

As pedras atiradas em Paulo o deixam inconsciente, de maneira que ele parece ter morrido. Seus agressores o arrastam para fora da cidade, onde o abandonam sem mesmo pensar em sepultá-lo. O apóstolo, entretanto, não está morto. Deus o restaura milagrosamente. A experiência em si mudou a vida de Paulo, pois agora ele sabe o que significa sofrer por causa do evangelho. Mais do que nunca antes, Paulo reforça as reivindicações de Cristo em seu ministério aos judeus e gentios.

Em sua epístola aos Coríntios, Paulo menciona ter sido apedrejado uma vez (2Co 11.25; veja também 2Tm 3.11). E em sua epístola aos Gálatas, dentre os quais se encontravam os crentes de Listra, ele registra que em seu corpo trazia as marcas de Jesus (Gl 6.17). Para Paulo, a experiência de ser apedrejado lembrava a de Estêvão, cujo fim cruel o apóstolo aprovara (8.1a). Estêvão morreu, mas Deus poupou a vida de Paulo para que ele pudesse continuar a pregar o evangelho de salvação.

Imagino os discípulos de Paulo formando um círculo ao redor de seu corpo, protegendo-o de mais agressões abusivas. Ficam exultantes quando constatam que o apóstolo está vivo e, passado algum tempo, ele consegue se levantar e andar. Talvez sob o manto da escuridão,[40]

40. Os manuscritos ocidentais acrescentam a cláusula explanatória "quando a multidão saiu e a noite chegou".

Paulo retorna corajosamente a Listra e passa a noite na cidade. Seu ministério nesse local foi concluído temporariamente, e no dia seguinte Paulo e Barnabé decidem partir para um outro lugar.

Considerações Práticas em 14.19,20

Nos escritos de Lucas encontramos inúmeros fatos se desenrolando. Em seu Evangelho, ele relaciona três parábolas: a ovelha perdida, a dracma perdida e o filho perdido (Lc 15.4-32). Em sua primeira parábola ele salienta uma ovelha entre cem, na segunda, uma moeda entre dez, e na terceira, um filho entre dois.

Em Atos, Lucas também focaliza o desenrolar de três incidentes. Por exemplo, o Sinédrio primeiro prende Pedro e João e, com severa advertência para não pregarem o nome de Jesus, os liberta (4.3-21). Depois o Sinédrio prende todos os apóstolos, mas os açoita antes de soltá-los (5.18-40). E por último, os membros do Sinédrio, depois de ouvirem Estêvão, expressam sua ira condenando-o ao apedrejamento até a morte (7.54-60).

Em seu relato da primeira viagem missionária, Lucas mais uma vez retrata o desenrolar de uma situação em três fases. Em Antioquia da Pisídia, os apóstolos são expulsos (13.50); em Icônio eles fogem de uma multidão hostil que desejava apedrejá-los (14.5); e em Listra Paulo sobrevive depois que seus opositores o apedrejam e pensam tê-lo matado (14.19).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 14.19,20a

Versículo 19

Note-se que Lucas emprega dois verbos e dois particípios no aoristo para ressaltar uma única ocorrência: o verbo ἐπῆλθαν (eles apareceram), o particípio πείσαντες (eles persuadiram), o particípio λιθάσαντες (eles apedrejaram) e o verbo ἔσυρον (eles arrastaram). Os particípios devem ser traduzidos como verbos finitos.

τεθνηκέναι – o infinitivo perfeito é o objeto do particípio presente νομίζοντες (eles estavam pensando). O infinitivo faz parte do verbo incompleto θνήσκω (eu morro), que no perfeito significa "eu morri" ou "eu estou morto".

Versículo 20a

κυκλωσάντων – com o substantivo μαθητῶν (discípulos), este par-

ticípio ativo aoristo (de κυκλόω, eu rodeio, circundo) forma a construção do genitivo absoluto.

20b. E no dia seguinte ele partiu para Derbe com Barnabé. 21. Depois de terem pregado o evangelho nessa cidade e feito muitos discípulos, eles retornaram a Listra, Icônio e Antioquia. 22. Paulo e Barnabé fortaleciam os discípulos e os encorajavam a continuar na fé, dizendo: "Por meio de muitas tribulações nós devemos entrar no reino de Deus". 23. Nomearam-lhes presbíteros em cada igreja, e tendo orado com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem tinham depositado sua confiança. 24. E eles passaram pela Pisídia e chegaram a Panfília. 25. Tendo falado a palavra em Perge, desceram para Atália. 26. Dali navegaram para Antioquia, o lugar onde primeiro haviam sido confiados à graça de Deus para a obra que haviam agora cumprido. 27. Quando chegaram e reuniram a igreja, passaram a relatar tudo o que Deus fizera por meio deles e que ele abrira a porta da fé aos gentios. 28. Paulo e Barnabé permaneceram com os discípulos durante um longo tempo.

E. Antioquia da Síria

14.20b-28

1. *Fortalecendo as Igrejas*

14.20b-25

20b. E no dia seguinte ele partiu para Derbe com Barnabé.

Paulo e Barnabé se dão conta de que seus esforços missionários em Listra chegaram, temporariamente, ao seu final. Assim, na manhã seguinte, eles mais uma vez retomam a sua jornada. Decidem rumar na direção sul-sudeste a fim de visitar a cidade de Derbe, distante de Listra cerca de 96 quilômetros. Caminhando sem interrupções, os apóstolos chegaram em Derbe provavelmente depois de dois ou três dias.

Com base em duas inscrições, os arqueólogos conseguiram identificar o local de Derbe próximo ou sobre o morro de Kerti Hüyük, cerca de 48 quilômetros a leste de Gudelisin. (Durante quase meio século os estudiosos haviam considerado Gudelisin como a provável localização de Derbe). Agora que os arqueólogos verificaram o local exato dessa cidade, as informações anteriores concernentes ao local foram revistas ou descartadas.[41]

41. Bastiaan Van Elderen, "Derbe", *ISBE*, vol. 1, pp. 924-25; veja seu artigo "Some Archaeological Observations on Paul's First Missionary Journey", *in Apostolic History and*

21. Depois de terem pregado o evangelho nessa cidade e feito muitos discípulos, eles retornaram a Listra, Icônio e Antioquia.

Lucas não faz um relato do trabalho de Paulo e Barnabé em Derbe. Ele declara, concisamente, que os apóstolos pregaram o evangelho, e como resultado, muitos se tornaram discípulos (aprendizes), e que os apóstolos voltaram pelo mesmo caminho, visitando as três congregações em Listra, Icônio e Antioquia, respectivamente. Em Derbe, onde os dois pregaram na própria cidade, não ocorreu nenhum incidente desalentador. Com efeito, Paulo relata a perseguição em Antioquia, Icônio e Listra (2 Tm 3.11), mas exclui Derbe.

Lucas não apresenta razão alguma porque Paulo e Barnabé não prosseguiram até Tarso, cidade natal de Paulo, na província da Cilícia. Mesmo se estivesse inclinado a visitar as igrejas da Cilícia, Paulo tinha um coração pastoral voltado para os cristãos recém-convertidos nas cidades das quais havia sido expulso. Por causa de sua experiência angustiante em Listra, ele provou ser um apóstolo de Jesus Cristo ainda mais determinado do que anteriormente. Era sua a tarefa de fortalecer os crentes e organizar as igrejas.

Em Atos, Derbe é mencionada mais três vezes. Em sua segunda viagem missionária, Paulo seguiu de Antioquia da Síria pela Cilícia a fim de fortalecer as igrejas. Dali ele continuou sua jornada até Derbe e mais tarde a Listra (15.41–16.1). Um discípulo chamado Timóteo era membro da igreja de Listra ou de Derbe (16.1), onde Gaio também residia (20.4). Apesar de sabermos pouco sobre as igrejas de Listra e Derbe, conhecemos pelo menos dois de seus obreiros.

Lucas descreve, implicitamente, a coragem dos dois apóstolos em retornar às cidades que haviam lhes demonstrado tamanha hostilidade fanática. E mais, Lucas registra a preocupação amorosa que os missionários mostraram para com as igrejas novatas dessas cidades. Com certeza, o cuidado pastoral pelos crentes nessas cidades compeliu Paulo e Barnabé a voltarem ali. Os missionários perceberam que os discípulos poderiam ficar desanimados em face à perseguição e às dificul-

---

the Gospel, org. por W. Ward Gasque e Ralph P. Martin (Exeter: Paternoster; Grand Rapids: Eerdmans, 1970), pp. 156-61. Veja ainda E. M. Blaiklock, "Derbe", *ZPEB*, vol. 2, p. 103; Ramsay, *Cities of St. Paul*, p. 395; e George Ogg, "Derbe", *NTS* 9 (1963): 367-70.

dades, que os crentes sofreriam de seus compatriotas. As pequenas congregações poderiam facilmente se dispersar, e tal fracasso provaria, então, terem sido inúteis os esforços dos apóstolos. Em suma, Satanás e seu bando sairiam vitoriosos.

22. Paulo e Barnabé fortaleciam os discípulos e os encorajavam a continuar na fé, dizendo: "Por meio de muitas tribulações nós devemos entrar no reino de Deus".

Pelo contexto presumimos que os apóstolos passam bastante tempo com esses discípulos, e isso por duas razões: eles continuam a fortalecer os novos cristãos em sua fé e prosseguem encorajando-os (comparar 15.32,41; 16.5; 18.23). Esses recém-convertidos de Listra não estão preparados para os aborrecimentos que deverão suportar. Embora muitos dos cristãos judeus na Palestina, Fenícia, Síria e Chipre pudessem falar da perseguição que suportaram depois da morte de Estêvão (8.1), sofrer pela fé seria uma experiência nova e perturbadora para os cristãos gentios. Imaginamos que eles poderiam fazer a pergunta legítima: "Por que Deus não protege o seu próprio povo?"

Paulo e Barnabé podem responder a perguntas relacionadas aos maus-tratos e tribulações. Eles sabem que Deus usa as adversidades para manter seu povo firme na fé. Lembre-se de que Paulo repreende esses mesmos cristãos gentios na Galácia, por se voltarem muito depressa do evangelho para um outro diferente, que não pode nem mesmo ser chamado de *evangelho* (Gl 1.6,7).[42] Logo, para fazê-los permanecer verdadeiros à sua confissão cristã e colocar sua confiança em Jesus Cristo, Deus envia muitas provações ao seu povo.

Conseqüentemente, os apóstolos dizem aos recém-convertidos: "Por meio de muitas tribulações nós devemos entrar no reino de Deus". A preposição *por meio de* descreve a vida que os cristãos devem viver; para entrar no reino de Deus eles devem passar por tribulações e experimentá-las pessoalmente. O conceito *reino de Deus* aparece inúmeras vezes nos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. Mas em Atos, a expressão raramente ocorre e é apenas com referência à pregação (1.3;

42. Alguns comentaristas interpretam a palavra *fé* objetivamente: fé é equivalente a Cristianismo. Veja Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 167. Outros entendem o termo subjetivamente: fé pessoal em Cristo. Consultar Grosheide, *Handelingen der Apostelen*, vol. 1, p. 469.

8.12; 14.22; 19.8; 28.23,31, isto é, o crente que responde ao evangelho de Cristo, entra no reino. Observe-se que os apóstolos se colocam no mesmo nível dos discípulos quando declaram que "nós devemos entrar no reino".[43]

23. Nomearam-lhes presbíteros em cada igreja, e tendo orado com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem tinham depositado sua confiança.

a. *Nomeação* – No grego, o termo *nomear* significa, na verdade, aprovar erguendo uma das mãos numa reunião congregacional. Com a aprovação de uma assembléia, as pessoas eram nomeadas para servir numa função especial. Em outras palavras, a manifestação por meio do levantar de uma das mãos equivalia à escolha de oficiais, nesse caso, servir na liderança da igreja local. Apesar de o texto dizer que os apóstolos nomearam presbíteros para os crentes em cada igreja, estaríamos forçando se disséssemos que o fizeram sem qualquer participação da congregação local. Assim como participaram coletivamente das orações e jejuns, assim também os crentes tomaram parte na escolha dos presbíteros para suas igrejas.[44] No entanto, o texto diz claramente que Paulo e Barnabé nomearam presbíteros para os crentes. Alguns comentaristas asseveram que as congregações foram excluídas do processo de seleção dos presbíteros. "Conquanto seja verdade que a palavra [*nomeados*] possa indicar escolha congregacional, esse não é o caso neste contexto."[45]

A questão é difícil. Em vista de 2 Coríntios 8.19, onde Tito foi escolhido pelas igrejas, a prática estabelecida pelos apóstolos nas igrejas parece ter sido a de que a congregação local nomeava e comissionava seus oficiais. O *Didache* (conhecido também como *O Ensino dos Doze Apóstolos*), que presumivelmente data do século 1º, apresenta a

43. Henry Alford faz alusão à possibilidade de se tomar o pronome *nós* para se referir ao "narrador" Lucas. *Alford's Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, 7ª ed., 4 vols. (1877; Grand Rapids: Guardian, 1976), vol. 2, p. 160.

44. Lenski, *Acts*, p. 586. Veja também Grosheide, *Handelingen der Apostelen*, vol. 1, pp. 470-71; Jacques Dupont, *Nouvelles Études sur les Actes des Apôtres*, Lectio Divina 118 (Paris: Cerf, 1984), pp. 352-55.

45. Harrison, *Interpreting Acts*, p. 237; veja ainda Haenchen, *Acts*, p. 436. Bauer declara categoricamente que "os presbíteros em Licaônia e Pisídia não foram escolhidos pelas congregações", p. 881. Consultar Eduard Lohse, *TDNT*, vol. 9, p. 437.

seguinte regra às igrejas: "Nomeiem portanto para si [por aclamação com uma das mãos], bispos e diáconos dignos do Senhor".[46]

Seguindo a regra analógica de se comparar a Escritura com a Escritura, ficamos sabendo que em Atos, Lucas apresenta "três quadros típicos da eleição e ordenação nos casos de Matias (1.23-26), dos Sete (6.1-6) e de Paulo e Barnabé (13.1-3)".[47] Essas analogias demonstram que as assembléias escolhiam os candidatos, depois oravam e jejuavam, e então os ordenavam. De igual forma, no caso dos presbíteros em Licaônia e Pisídia, os apóstolos aprovaram as escolhas feitas pelas igrejas e, depois de oração e jejum, eles os nomearam.

b. *Presbíteros* – O termo grego *presbyteros* é, na verdade, um adjetivo comparativo que significa "ancião". Paulo emprega essa palavra de maneira intercambiada com *episkopos* (bispo, supervisor). A palavra *ancião* se refere à idade de uma pessoa e o termo *supervisor* à função de seu cargo. Em suas epístolas pastorais, Paulo emprega, por vezes, ambos os termos no mesmo contexto (1Tm 3.1,2; 5.17; Tt 1.5-7). A palavra *ancião/presbítero* vem da prática judaica do governo da vida religiosa e política de Israel (veja 4.5). Mas mesmo na Grécia e no Egito, os presbíteros governavam e eram consultores, representantes no governo local e estadual.[48] Em Jerusalém, a igreja primitiva adotou a prática da nomeação de presbíteros para governar a igreja (11.30).

c. *Confiança* – Lucas escreve: "[Os apóstolos] os encomendaram ao Senhor em quem tinham depositado sua confiança". As palavras *os* e *sua* se referem aos presbíteros, ou a todos os cristãos daquelas igrejas? À primeira vista estaríamos inclinados a aplicar as palavras somente aos presbíteros. Entretanto, como no grego a frase *em quem tinham depositado sua confiança* está no tempo mais-que-perfeito (que denota ação no passado com significado no presente), fazemos bem em aplicar os pronomes *os* e *sua* tanto aos presbíteros como aos membros das igrejas. Depois de passarem algum tempo com essas igrejas, Paulo e Barnabé as confiam aos cuidados do Senhor.

---

46. *The Apostolic Fathers*, vol. 1, *Didache* 15.1 (LCL).

47. Richard B. Rackham, *The Acts of the Apostles: An Exposition*, série Westminster Commentaries (1901; reedição, Grand Rapids: Baker, 1964), p. 237.

48. Lothar Coenen, *NIDNTT*, vol. 1, p. 193. E consultar Adolf Deissmann, *Bible Studies* reedição, Winona Lake, Ind.: Alpha, 1979), p. 156.

24. E eles passaram pela Pisídia e chegaram a Panfília. 25. Tendo falado a palavra em Perge, desceram para Atália.

Depois de passarem algum tempo com os cristãos em Antioquia, os apóstolos viajam na direção sul, atravessando a Pisídia e chegando a Panfília. Eles fazem o caminho de volta e chegam a Perge, onde João Marcos os havia deixado (13.13). Lucas é bem sucinto ao descrever as atividades de Paulo e Barnabé em Perge. Não conta nada da viagem em si, apesar de a área pela qual os missionários tiveram de viajar ser bastante insegura (2Co 11.26). Ele simplesmente escreve que os dois pregaram o evangelho ali, porém nada diz acerca de oposição ou indiferença por parte da população. Aparentemente, os apóstolos não conseguem formar um núcleo para a fundação de uma igreja. Logo, continuam sua jornada e embarcam num navio na cidade portuária de Atália, a fim de retornar para a Antioquia da Síria.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 14.22,23

Versículo 22

ἐπιστηρίζοντες – este particípio presente ativo denota propósito e depende do verbo introdutório do versículo precedente (ὑπέστρεψαν, eles retornaram para fortalecer).[49]

τῇ πίστει – o caso dativo é locativo. Neste versículo a palavra *fé* pode ter tanto conotação objetiva (doutrina cristã) quanto subjetiva (crença pessoal).

ἡμᾶς – o pronome pessoal se refere tanto aos apóstolos quanto aos membros das igrejas.

Versículo 23

χειροτονήσαντες – como o aoristo na forma composta deriva do substantivo χείρ (mão) e do verbo τείνω (eu estiro, estendo), este particípio mostra a maneira na qual ocorreu a nomeação. Estritamente falando, o sujeito do particípio é apóstolos. Porém, deduzimos que o povo levantou uma das mãos durante o procedimento do voto.

---

49. Blass e Debrunner, *Greek Grammar*, nº 339.3a; veja também Robertson, *Grammar*, p. 892.

αὐτοῖς – o pronome plural se refere aos membros da igreja. A forma αὐτούς inclui tanto os crentes quanto os presbíteros.

πεπιστεύκεισαν – sem o acréscimo, este é o mais-que-perfeito do verbo πιστεύω (eu creio).

---

2. Prestando Relatório a Antioquia

14.26-28

26. Dali navegaram para Antioquia, o lugar onde primeiro haviam sido confiados à graça de Deus para a obra que haviam agora cumprido.

Quando Paulo e Barnabé chegam ao porto sírio de Selêucia, viajam para o interior até Antioquia. Num certo sentido, eles voltam para casa, pois os cristãos em Antioquia da Síria os havia comissionado a pregar o evangelho aos gentios do mundo greco-romano (13.1-3). É difícil determinar quanto tempo os apóstolos ficaram fora, mas calculamos que essa primeira viagem missionária tenha durado aproximadamente dois anos (de 46 a 48 d.C.).

Usando palavras cuidadosamente escolhidas, Lucas comenta que Antioquia era "o lugar onde primeiro haviam sido confiados à graça de Deus para a obra que haviam agora cumprido". Conclui-se que ele está dizendo que os membros da igreja em Antioquia da Síria estavam cientes das dificuldades e dos perigos que Paulo e Barnabé encontrariam em sua jornada. A igreja havia confiado os missionários à graça de Deus, sustentado-os em oração, e confiado no Senhor para expandir sua igreja por intermédio do trabalho deles. De fato, o Senhor respondera às suas orações e a tarefa dada aos apóstolos fora cumprida. Em Atos aprendemos que Antioquia era a sede missionária de Paulo (veja 15.35; 18.23). Desse lugar ele partiu para suas sucessivas viagens.

27. Quando chegaram e reuniram a igreja, passaram a relatar tudo o que Deus fizera por meio deles e que ele abrira a porta da fé aos gentios.

Dois anos antes, a igreja de Antioquia comissionara os apóstolos. Agora Paulo e Barnabé voltam ali e reúnem os membros da igreja para que ouvissem seu relatório. Note-se que Lucas fala da igreja e não de congregações individuais ou de igrejas nos lares. Ele salienta a unida-

de da igreja, pois os cristãos em Antioquia desejam ouvir acerca da expansão dessa mesma igreja em Chipre e na Ásia Menor. Lucas emprega o tempo imperfeito do verbo *relatar* para indicar que a história que Paulo e Barnabé tinham para contar era por demais comprida para uma sentada apenas. E mais, ele acrescenta que os apóstolos relatam acerca de *todo* o seu trabalho. Assim sendo, eles se reúnem várias vezes com os crentes e narram, com detalhes, o progresso do evangelho entre judeus e gentios. Dão a Deus a honra e a glória (veja 15.4). Deus trabalhara poderosamente por intermédio deles, realizando milagres, dando-lhes palavras para falar, abençoando o seu trabalho e protegendo-os de perigos e morte.

O objetivo inicial dos missionários era proclamar as boas-novas aos gentios. Esse objetivo eles alcançaram plenamente, pois Paulo e Barnabé relatam que Deus "abrira a porta da fé aos gentios". Apesar de Cornélio e os de sua casa terem sido recebidos na igreja cristã por Pedro alguns anos antes (veja 10.45), não havia sido fundada nenhuma igreja gentílica. Agora Paulo e Barnabé, como apóstolos dos gentios, haviam organizado igrejas não-judaicas.

A expressão *abrir uma porta* parece ser uma das favoritas de Paulo. Em suas epístolas, ele lança mão dela pelo menos três vezes (1Co 16.9; 2Co 2.12; Cl 4.3). O termo *fé* é descritivo e serve para enfatizar a importância que Paulo dá à crença em Jesus Cristo. Através dessa porta de fé, os gentios agora entram, e dessa forma são membros da casa da fé. Junto com os cristãos judeus e samaritanos, eles formam a família de Deus.

28. Paulo e Barnabé permaneceram com os discípulos durante um longo tempo.

Aqui está o término da primeira viagem missionária. Os apóstolos ficam em Antioquia, ensinam e pregam na igreja local, e recuperam suas forças. Eles ainda enfrentam a tarefa de integrar as igrejas gentias à corrente do Cristianismo da época. Presumimos que permanecem em Antioquia durante pelo menos um ano.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 14.27,28

Versículo 27

ἀνήγγελλον – aqui está o tempo imperfeito no meio de particípios e

verbos no tempo aoristo. O uso deste tempo significa ação repetida, isto é, os apóstolos se reuniam freqüentemente com os crentes na igreja de Antioquia.

ὅσα – este adjetivo correlativo é equivalente às palavras πάντα ἅ (todas as coisas que).

μετ᾽ αὐτῶν – "tudo o que Deus fez em comunhão (ou 'cooperação') com eles."[50] A preposição μετά tem um uso grego simples.

πίστεως – o substantivo *fé* neste versículo pode ser um genitivo objetivo ("conduzindo à fé") ou um genitivo subjetivo ("onde a fé entra").[51]

διέτριβον – o tempo imperfeito indica que se passou considerável espaço de tempo antes de Paulo e Barnabé partirem de Antioquia. Lucas completa a sentença com uma de suas indicações características – χρόνον οὐκ ὀλίγον (não pouco tempo).

Sumário do Capítulo 14

Paulo e Barnabé falam com ousadia no nome do Senhor e realizam muitos sinais e milagres em Icônio. Como resultado, inúmeros judeus e gentios crêem. Judeus incrédulos agitam a população gentia, e então a cidade se divide acerca da pregação dos apóstolos. É engendrado um complô para maltratar e apedrejar Paulo e Barnabé; quando eles ficam sabendo, fogem para as cidades de Listra e Derbe.

Em Listra Paulo cura um aleijado. O povo de Listra considera os apóstolos como sendo deuses em forma humana. Liderados pelo sacerdote de Zeus, desejam oferecer sacrifícios a Paulo e Barnabé. Mas os apóstolos rasgam as suas vestes, precipitam-se para as multidões, e as impedem de fazer tais sacrifícios. Enquanto isso, judeus hostis de Antioquia da Pisídia e Icônio chegam a Listra e agitam o povo, que se volta contra Paulo e o apedreja. Pensando que o apóstolo estava morto, eles o arrastam para fora da cidade e o deixam. Os discípulos de Paulo se reúnem em torno dele, e miraculosamente ele se levanta. Entra na cidade para passar a noite ali. Na manhã seguinte ele e Barnabé continuam sua jornada e viajam para Derbe. Depois de um ministério frutí-

50. Moule, *Idiom-Book*, p. 61.
51. Nigel Turner, *A Grammar of New Testament Greek*, 4. vols. (Edimburgo: Clark, 1963), vol. 3, p. 212.

fero nessa cidade, eles retornam a Listra, Icônio e Antioquia, a fim de fortalecer os crentes e nomear presbíteros em cada igreja. Os apóstolos deixam Antioquia da Pisídia e descem até Perge e Panfília. Então navegam de Atália e finalmente chegam a Antioquia da Síria, onde relatam à igreja tudo o que o Senhor fizera por intermédio deles. Permanecem em Antioquia durante algum tempo.

15

O Concílio de Jerusalém

15.1-35

e a Segunda Viagem Missionária

Parte 1

15.36-41

ESBOÇO

15.1-35	VI. O Concílio de Jerusalém
	A. A Cronologia
15.1-21	B. O Debate
15.1-5	1. A Controvérsia
15.6-11	2. O Discurso de Pedro
15.12	3. Barnabé e Paulo
15.13-21	4. O Discurso de Tiago
15.22-35	C. A Carta
15.22	1. Os Mensageiros
15.23-29	2. A Mensagem
15.30-35	3. O Efeito
15.36–18.22	VII. A Segunda Viagem Missionária
15.36–16.5	A. Revisitando as Igrejas
15.36-41	1. A Separação

Capítulo 15

VI. O Concílio de Jerusalém
15.1-35

A. A Cronologia

Em Atos, Lucas se abstém de dar as referências históricas que ele fornece em seu Evangelho; veja, por exemplo, os detalhes sobre o início do ministério público de João Batista (Lc 3.1,2). Com a ajuda de paralelos de Josefo, escritor do século 1º, do historiador romano Suetônio e de descobertas arqueológicas, podemos determinar pelo menos três datas que se relacionam a Atos: a morte de Herodes Agripa I em 44 d.C., a expulsão dos judeus de Roma por ordem do Imperador Cláudio em 49 d.C., e a presença do procônsul Gálio em Corinto em 51 d.C. Além disso, podemos ter a data aproximada do início do mandato de Festo como governador da Judéia (59 d.C.; com base na viagem outonal de Paulo depois do jejum.) A cronologia de Atos depende dessas quatro cavilhas da História. A primeira colocamos em 12.19b-23, a segunda cavilha em 18.2, a terceira em 18.12-17 e a quarta em 24.27 e 27.9. O restante de Atos colocamos em torno dessas datas.

Paulo foi a Jerusalém várias vezes, a primeira visita sendo aquela feita depois de sua conversão na estrada de Damasco (9.26-29). Pressupomos que essa visita tenha acontecido em torno do final da era de 30 d.C. Sua segunda visita a Jerusalém ocorreu quando a igreja de Antioquia o comissionou, e a Barnabé, para levar ofertas assistenciais à Judéia a fim de aliviar a fome do povo, em meados da década de 40 d.C. (11.27-30; 12.25). Juntamente com Barnabé, Paulo visitou Jerusalém uma terceira vez quando o Concílio se reuniu (49 d.C.) antes do início da segunda viagem missionária do apóstolo (15.4).

Em Gálatas, Paulo apresenta um relato cronológico de sua vida pós-conversão. Ele conta que três anos depois de se tornar crente, subiu a Jerusalém (Gl 1.18). Essa é a sua primeira visita registrada por Lucas em Atos 9.26-29. Ele continua: "Catorze anos depois, subi outra vez a Jerusalém com Barnabé, levando também a Tito" (Gl 2.1). Os catorze anos podem incluir ou excluir os três anos depois de sua conversão, isto é, esses dois períodos de tempo tanto podem ser simultâneos como sucessivos.

A visita dos "catorze anos depois" seria a mesma que Paulo e Barnabé fizeram ao Concílio de Jerusalém? Muitos estudiosos respondem afirmativamente a essa pergunta, ao passo que outros dizem que ela corresponde à chamada "visita da fome" (11.27-30; 12.35). Como podemos saber se Lucas em Atos e Paulo em Gálatas estão se referindo ao mesmo acontecimento?

Aqui estão algumas considerações que podem nos ajudar a compreender a cronologia das visitas de Paulo a Jerusalém:

1. A menção que Paulo faz aos "catorze anos" depois de sua primeira visita a Jerusalém se encaixa com a data tradicional (de 49 d.C.) para o Concílio de Jerusalém. Mas se o comentário acerca dos "catorze anos" for aplicado à visita por ocasião da fome (em 46 d.C.), a primeira visita a Jerusalém é demasiado cedo e a cronologia por demais compacta. Alguns estudiosos situam a conversão de Paulo em 32-34 d.C., tomam os períodos dos três anos (Gl 1.18) e dos catorze anos (Gl 2.1) como um lapso de tempo concomitante, e colocam a visita por ocasião da fome em 46-47 d.C.[1]

2. Paulo escreve que Barnabé e Tito o acompanharam a Jerusalém (Gl 2.1). Em Atos 15, Lucas menciona que Paulo e Barnabé foram nomeados pela igreja de Antioquia para irem a Jerusalém e que "alguns outros crentes" (NVI) foram junto com eles. Apesar de Lucas não mencionar Tito por nome, é possível que ele fosse um desses crentes.

Esses crentes de Antioquia foram até Jerusalém para resolver a questão da circuncisão dos gentios (15.1,2). A questão foi levantada pelos cristãos pertencentes ao partido dos fariseus: "É necessário cir-

1. Por exemplo, Colin J. Hemer, *The Book of Acts in the Setting of Hellenistic History*, org. por Conrad H. Gempf (Tübingen: Mohr, 1989), p. 264.

cuncidar os gentios e instruí-los a observarem a lei de Moisés" (15.5). (Alguns estudiosos afirmam que Tito, um gentio incircunciso [Gl 2.3], serviu como exemplo para o concílio. É certo que Paulo diz de que Tito era um cristão gentio incircunciso que fora forçado a ser circuncidado [Gl 2.3]). Se a questão da circuncisão houvesse sido resolvida na época da visita da fome, o concílio não teria de ter se reunido.[2]

E mais, a Escritura em si não diz se Tito acompanhou ou não a Barnabé e Paulo durante a visita por ocasião da fome (veja 11.30; para o contexto mais amplo, veja 11.27-30). Pode-se perguntar por que Tito acompanharia os dois apóstolos nessa visita, especialmente já que Atos 15.5 e Gálatas 2.1 parecem se referir a uma outra visita.

3. Em Gálatas, Paulo comenta que foi a Jerusalém a fim de colocar perante os apóstolos o evangelho que ele pregara e conferir sua exatidão (2.2,6,7). Esse comentário se encaixa melhor num contexto posterior à primeira viagem missionária (Atos 13-14) do que num contexto em que Paulo e Barnabé foram até a Judéia levando ofertas para assistir as vítimas da fome (At 11.27-30; 12.35).[3]

4. Paulo e Barnabé se encontraram com os reputados colunas da igreja (Tiago, Pedro e João), que lhes estenderam a destra de comunhão (Gl 2.9). No Concílio de Jerusalém, Pedro e Tiago se encontravam presentes junto com outros apóstolos e presbíteros (At 15.4,6,7, 13). Mas em sua descrição da visita na ocasião da fome, Lucas reconhece apenas os presbíteros (11.30). Ademais, o contexto histórico dessa época dificilmente possibilitaria que Pedro estivesse presente em Jerusalém depois de sua soltura da prisão e sua partida para um outro lugar (12.17; 44 d.C.).

Não obstante, deparamos com algumas áreas problemáticas:

1. Se identificarmos a visita a Jerusalém de Gálatas 2 com a de Atos 15, por que Paulo, em sua carta aos Gálatas, não faz referência às decisões a que chegou o concílio? Apesar de percebermos a importância dessa pergunta, referimo-nos ao relato de Lucas de que Paulo e

2. William Hendriksen, *Exposition of Galatians*, série New Testament Commentary (Grand Rapids: Baker, 1968), p. 73. Para uma discussão mais extensa acerca dos argumentos, veja pp. 70-74.

3. Martin Hengel, *Acts and the History of Earliest Christianity*, trad. por John Bowden (Filadélfia: Fortress, 1980), p. 111.

Silas visitaram as igrejas da Galácia e, pessoalmente de cidade em cidade, comunicaram as decisões tomadas (At 16.4). E mais, a ênfase na carta de Paulo aos Gálatas é tal que ele não está tão preocupado com os preceitos para os cristãos gentios como está com o chamado e responsabilidades dos cristãos judeus.[4]

2. Paulo declara em Gálatas 2 que seu encontro em Jerusalém foi uma reunião particular com os líderes da igreja. Mas em Atos 15, Lucas relata que Paulo se reuniu com a igreja, com os apóstolos e com os presbíteros (vs. 4,12,22). Apesar do encontro em Jerusalém ter sido uma reunião pública, Paulo e Barnabé, sem dúvida, se reuniram em particular com Pedro, Tiago e João.

3. Como poderiam Pedro e Barnabé se recusar a comer com os cristãos gentios (Gl 2.1-14)? Se esse incidente específico ocorreu em alguma época anterior à do concílio em Jerusalém (por exemplo, logo depois da fuga de Pedro da prisão), a dificuldade referente à comunhão à mesa pode ser explicada.[5] Caso contrário, permanece o problema de Pedro e Barnabé comerem somente na companhia de judeus.

Todavia, a questão do incidente em Antioquia é a hipocrisia que tolhe Pedro e Barnabé a despeito das decisões do concílio apostólico (15.20). Eles foram desviados por judaizantes presos à lei, que formavam um temível grupo. Esses cristãos judeus que observavam zelosamente a lei mosaica, uma década depois ainda constituíam uma grande e principal força, quando Paulo, ao término de sua terceira viagem missionária, retornou a Jerusalém (21.20,21). Lucas escreve que o número deles estava na casa dos milhares. Supomos que em Antioquia, esses cristãos judeus vindos de Jerusalém exerciam uma influência persuasiva até mesmo sobre Pedro e Barnabé. Eles também foram capazes de causar uma divisão entre judeus e gentios na igreja cristã, enfatizando as leis alimentares do Antigo Testamento. “Isso serve para

4. Jakob van Bruggen, “*Na Veertien Jaren*”: *De Datering van het in Galaten 2 genoemde Overleg te Jeruzalem* (Kampen: Kok, 1973), pp. 163, 237; Pierson Parker, “Once More, Acts and Galatians”, *JBL* 86 (1967): 175-82.

5. Veja F. F. Bruce, *The Book of the Acts*, ed. rev., New Testament Commentary, da série New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), pp. 284-85. Veja também seu *Commentary on Galatians*, série New International Greek Testament Commentary (Exeter: Paternoster; Grand Rapids: Eerdmans, 1982), p. 128.

mostrar quão fortemente os velhos hábitos ainda prendiam aquela gente, e quão difícil era para eles adotarem uma nova maneira de vida".[6]

4. Tanto Barnabé como Paulo foram comissionados pela igreja em Antioquia para levar assistência aos crentes da Judéia por ocasião da fome (11.27-30). Paulo escreve que catorze anos depois ele foi a Jerusalém com Barnabé por causa de uma revelação (Gl 2.1,2). Além disso, relata que os reputados colunas Tiago, Pedro e João, pediram a ele e a Barnabé que se lembrassem dos pobres (Gl 2.10).

A sugestão de que a visita da fome aconteceu catorze anos depois da conversão de Paulo tem mérito, mas são inúmeras as dificuldades que a cercam. Primeiro, durante a visita no período da fome, Barnabé e Paulo se reuniram apenas com os presbíteros, mas não com os apóstolos. Em segundo lugar, a revelação que Paulo menciona vem do Senhor, mas a profecia acerca da fome vem de Ágabo. De acordo com sua epístola aos Gálatas, Paulo é enviado pelo Senhor a Jerusalém. Por outro lado, Lucas conta que a igreja de Antioquia comissionara Paulo e Barnabé para irem até os irmãos na Judéia. Em terceiro lugar, o ensinamento para se lembrar dos pobres é uma lei mosaica que era sobejamente conhecida do povo judeu (veja Dt 15.11). E por último, em Atos 11.30 e 12.25 é Barnabé, e não Paulo, quem proporciona liderança, porém em Gálatas 2.1-10 acontece o contrário.

Em suma, não há nenhuma teoria sem falhas e toda hipótese possui seu próprio conjunto de problemas. Entretanto, damos preferência ao ponto de vista de que a narrativa de Paulo em Gálatas 2 se harmoniza, no geral, com a descrição feita por Lucas do Concílio de Jerusalém. Acreditamos que essa convicção se mantém sustentável e é preferível à que identifica a visita da fome (11.27-30) com Gálatas 2.1-10. Pontos exegéticos subseqüentes são discutidos nos lugares pertinentes dentro do comentário de Atos 15.

15 1. Alguns homens desceram da Judéia e começaram a ensinar aos irmãos: "A menos que sejam circuncidados conforme o costume de Moisés, vocês não podem ser salvos". 2. Paulo e Barnabé tiveram discussão e debate não pequenos com esses homens. Os irmãos nomearam Paulo e Barnabé e alguns outros

6. David John Williams, *Acts*, série Good News Commentary (San Francisco: Harper e Row, 1985), p. 249.

dentre eles para subirem a Jerusalém aos apóstolos e presbíteros no que se refere a essa questão. 3. Tendo sido enviados pela igreja, eles passaram tanto pela Fenícia como por Samaria. Descreviam, com detalhes, a conversão dos gentios e causaram grande alegria a todos os irmãos. 4. Quando eles chegaram a Jerusalém, foram recebidos pela igreja, pelos apóstolos e pelos presbíteros. Paulo e Barnabé relataram tudo o que Deus fizera por intermédio deles. 5. Entretanto, alguns dos que pertenciam ao partido dos fariseus, mas eram crentes, se levantaram e disseram: "É necessário circuncidar os gentios e instruí-los a guardarem a lei de Moisés".

6. Os apóstolos e presbíteros se reuniram para discutir essa questão. 7. Depois de muito debate, Pedro se levantou e disse a eles: "Homens e irmãos, vocês sabem que em dias de outrora Deus me escolheu dentre vocês a fim de que dos meus lábios os gentios pudessem ouvir a mensagem do evangelho e crer. 8. E Deus, que conhece o coração, testificou a eles concedendo o Espírito Santo assim como concedeu a nós. 9. Ele não fez distinção alguma entre nós e eles, havendo purificado o coração deles pela fé. 10. Agora, pois, por que vocês testam a Deus colocando no pescoço dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós conseguimos suportar? 11. Mas cremos que somos salvos por meio da graça do Senhor Jesus, assim como eles o são".

12. O grupo todo ficou silencioso e ouviu a Barnabé e Paulo enquanto relatavam os sinais e prodígios que Deus fizera por meio deles entre os gentios. 13. Depois que eles terminaram de falar, Tiago disse: "Homens e irmãos, ouçam-me. 14. Simão relatou como Deus, primeiramente, ocupou-se em separar dentre os gentios um povo para si". 15. "E as palavras dos profetas concordam com isso, conforme está escrito:

16. 'Depois disto, eu retornarei
e reconstruirei a tenda
de Davi que caiu.
E reconstruirei suas ruínas
e restaurá-la-ei.
17. Para que o restante da humanidade
possa buscar o Senhor,
e todos os gentios que forem chamados pelo meu nome,
18. diz o Senhor, que faz todas essas coisas conhecidas
desde antigamente'.

19. "Portanto, eu julgo que não perturbemos aqueles gentios que estão se voltando para Deus, 20. mas que lhes escrevamos para que se abstenham de coisas profanadas por ídolos, e de fornicação, e daquilo que for estrangulado, e de sangue. 21. Pois Moisés tem sido pregado em cada cidade desde os dias de outrora e é lido todos os sábados nas sinagogas".

22. Então os apóstolos e presbíteros, junto com toda a igreja, decidiram escolher alguns de seus homens e enviá-los a Antioquia com Paulo e Barnabé. Eles

escolheram Judas, chamado Barsabás, e Silas, homens que eram líderes entre os irmãos. 23. Mandaram com eles esta carta:

> "Os apóstolos e presbíteros, de seus irmãos aos irmãos gentios em Antioquia, Síria e Cilícia.
> Saudações.
>
> 24. "Ouvimos dizer que algumas pessoas saíram de nosso meio sem nossas instruções. Elas os perturbaram com suas palavras e inquietaram a mente de vocês. 25. Assim nos pareceu bem, tendo chegado a um acordo, enviar alguns homens até vocês com nossos amigos Barnabé e Paulo, 26. homens que têm dedicado a vida em prol do nome do Senhor Jesus Cristo. 27. Portanto, enviamos Judas e Silas, os quais contarão, eles próprios, essas coisas verbalmente. 28. Pois pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não colocar encargo sobre vocês mais do que estas coisas essenciais: 29. abster-se de coisas sacrificadas a ídolos, de sangue, de animais estrangulados e de fornicação. Se vocês se mantiverem afastados destas coisas, farão bem. Adeus."

30. Então os homens que partiram desceram a Antioquia, e tendo reunido a multidão, entregaram a carta. 31. Quando leram a carta, eles se regozijaram por causa de sua mensagem encorajadora. 32. Judas e Silas, que também eram profetas, encorajaram e fortaleceram os irmãos com muitas palavras. 33. Depois de terem passado algum tempo ali, partiram deixando os irmãos em paz, e retornaram àqueles que os haviam enviado. 32. Judas e Silas, que também eram profetas, encorajaram e fortaleceram os irmãos com muitas palavras. 33. Depois de terem passado algum tempo ali, partiram deixando os irmãos em paz, e retornaram àqueles que os haviam enviado. 35. Paulo e Barnabé permaneceram em Antioquia, ensinando e pregando com muitos outros a palavra do Senhor.

B. O Debate

15.1-21

Paulo e Barnabé ensinaram e pregaram o evangelho em Antioquia durante considerável extensão de tempo, talvez durante um ano. Enquanto se encontravam ali, depararam com judeus de Jerusalém que objetavam ao trabalho que os missionários haviam desempenhado em Chipre e na Ásia Menor. Encontraram judeus que desejavam que os cristãos gentios se submetessem ao ensinamento de Moisés sobre a circuncisão, tornando-se com efeito, convertidos judeus. Paulo e Barnabé se contrapuseram veementemente a esse ensinamento.

1. *A Controvérsia*

15.1-5

1. Alguns homens desceram da Judéia e começaram a ensinar

aos irmãos: "A menos que sejam circuncidados conforme o costume de Moisés, vocês não podem ser salvos". 2. Paulo e Barnabé tiveram discussão e debate não pequenos com esses homens. Os irmãos nomearam Paulo e Barnabé e alguns outros dentre eles para subirem a Jerusalém aos apóstolos e presbíteros no que se refere a essa questão.

Observe-se os seguintes pontos:

a. *Exigência* – Lucas introduz alguns homens não-identificados da Judéia. Presumimos que eles sejam judeus cristãos pertencentes ao partido dos fariseus (v. 5). Em época anterior a igreja nomeara Barnabé para ajudar os cristãos antioquenses (11.22,23). Contrastando-se a isso, esses homens aparecem em Antioquia para, sem autoridade, imporem suas próprias regras e regulamentações ao crentes, declarando: "A menos que sejam circuncidados conforme o costume de Moisés, vocês não podem ser salvos".

O texto indica que os homens começam a ensinar esses preceitos e são assim instrutores autonomeados que permanecem em Antioquia durante algum tempo. Sua presença na congregação de Antioquia não tem a finalidade de expandir a igreja por intermédio do evangelismo; nem tampouco vão ali para animar os crentes em sua fé. Seu propósito é colocar sobre os ombros dos irmãos uma rígida demanda, especificando se eles podem ou não ser salvos: insistem que o rito judaico da circuncisão é necessário para a salvação dos gentios cristãos. Essa estipulação judaica é suficiente para alarmar a ambos, Paulo e Barnabé. Esses dois missionários haviam ensinado aos cristãos gentios em Antioquia, Chipre e Ásia Menor que os gentios haviam sido liberados das leis cerimoniais de Moisés, isto é, eles não tinham de se submeter à circuncisão.

Agora agitadores de Jerusalém argumentam que todo crente do sexo masculino deve ser circuncidado para poder obter a salvação. Baseiam seus argumentos na lei de Moisés que para o cristão, quer judeu quer gentio, era a Palavra de Deus. Eles afirmam que Deus jamais aboliu a exigência da circuncisão.Todavia, não era prática dos apóstolos exigir a circuncisão dos gentios cristãos, pois eles sabiam que os gregos e romanos se ofendiam com esse rito. Assim sendo, Pedro havia exigido de Cornélio e dos de sua casa somente o batismo, e não a circuncisão,

quando estes se tornaram membros da igreja cristã (10.47). E em suas viagens a Chipre e a Ásia Menor, Paulo e Barnabé jamais fizeram pressão sobre os gentios tementes a Deus para aderirem a essa prática.

b. *Debate* – O assunto em questão vai contra o trabalho de Paulo e Barnabé, ensinando que somente a fé em Jesus salva a pessoa do pecado e da condenação. Eles asseguram que a prática da circuncisão, conforme ensinada pelos judaizantes de Jerusalém, não é capaz de garantir a salvação de ninguém. Porém os judeus cristãos visitantes afirmam que, assim como na sinagoga judaica, também na igreja cristã, ser membro depende da circuncisão em especial e da lei de Moisés em geral. Os judaizantes enfatizam que para poder ser salvo, todo cristão gentio deve adotar e cumprir a lei de Moisés. Eles entendem a observância da lei sob o ponto de vista judeu, não sob o ponto de vista cristão.[7] Na verdade, esses judaizantes praticam discriminação racial dentro do contexto da igreja cristã. Por exemplo, com base na lei do Antigo Testamento, impedem a entrada do cristão gentio na área do templo porque ele é incircunciso (comparar com 21.28,29).

O debate ferrenho entre os judaizantes e os missionários termina quando a igreja antioquense decide pedir uma posição dos apóstolos e presbíteros de Jerusalém referente à questão da circuncisão. Os encarregados da igreja não devem ser briguentos e contenciosos (1Tm 3.3; 2Tm 2.24), antes devem resolver as controvérsias de forma pacífica. Mesmo diante da afirmação ousada de que o crente não pode ser salvo sem ser circuncidado, a igreja de Antioquia mantém a paz apelando aos líderes em Jerusalém. A igreja nomeia Paulo e Barnabé para viajarem até Jerusalém a fim de ficar sabendo dos apóstolos e presbíteros se a fé em Cristo é ou não suficiente para a salvação.

Quando Pedro retornou de sua visita a Cornélio e aos de sua casa em Cesaréia, a igreja de Jerusalém aceitou os cristãos gentios como iguais na igreja cristã judaica (11.18). Nessa ocasião os apóstolos e presbíteros não formularam regras a respeito da aceitação dos gentios no seio da igreja. Agora é chegada a hora de reunir a igreja e, dirigida pelo Espírito Santo (15.28), declarar os requisitos necessários para os crentes gentios.

7. Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: Inter-Varsity, 1981), p. 686.

O manuscrito ocidental do texto grego traz os versículos 1 e 2 ampliados e declara que os judaizantes deram ordens a Paulo e Barnabé para que viajassem até Jerusalém:

> [1] E alguns homens *dentre os que haviam crido do partido dos fariseus* desceram da Judéia e estavam ensinando os irmãos: "A menos que sejam circuncidados *e andem* conforme o costume de Moisés, vocês não podem ser salvos".[2] E quando Paulo e Barnabé tiveram não pequena dissensão e debate com eles – *pois Paulo falou mantendo firmemente que eles* [isto é, os convertidos] *deviam ficar já que eram convertidos, mas os que tinham vindo de Jerusalém ordenaram que eles*, Paulo e Barnabé e certos outros, subissem até Jerusalém aos apóstolos e presbíteros *para que fossem julgados perante eles* a respeito dessa questão.[8]

Do ponto de vista gramatical, concordamos que o texto grego,[9] no qual baseamos nossa tradução, declara que os judaizantes ordenaram a Paulo e Barnabé que fossem a Jerusalém. Entretanto, o contexto imediato (v. 3) confirma que foi a igreja antioquense, e não os judaizantes, quem enviou os missionários a Jerusalém.

Observe-se que a igreja de Antioquia, obediente ao pedido do Espírito Santo (13.2), havia mandado Paulo e Barnabé numa viagem missionária. Depois que eles retornaram e contaram sobre os numerosos gentios que estavam entrando para a igreja cristã em diversos lugares, os crentes antioquenses comissionaram Paulo e Barnabé para irem a Jerusalém levando o mesmo relato. Portanto, os missionários desejam receber o apoio por seu trabalho da parte dos apóstolos e presbíteros em Jerusalém, e não apenas da igreja de Antioquia.

3. Tendo sido enviados pela igreja, eles passaram tanto pela Fenícia como por Samaria. Descreviam, com detalhes, a conversão dos gentios e causaram grande alegria a todos os irmãos.

Paulo, Barnabé e outros, dentre os quais possivelmente se encontrava Tito (Gl 2.1), foram delegados oficialmente pela igreja de Antioquia. (É interessante notar que Lucas nunca menciona Tito em Atos. Alguns estudiosos tecem conjecturas engenhosas dizendo que por ser

8. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), pp. 426-27. Os acréscimos estão em itálico.

9. Nes-Al, 26ª ed.

Tito irmão de Lucas, este modestamente se conteve, deixando de citar seu próprio nome e o do irmão.)[10]

Os delegados viajam por terra indo de Antioquia a Jerusalém e, de passagem, visitam várias igrejas na Fenícia (o Líbano de hoje) e Samaria. Em cada igreja os missionários recontam as grandes obras que Deus fez entre os gentios e como a igreja cristã se expandira no mundo em geral. Os crentes da Fenícia (11.19) e Samaria (8.1) não colocam objeção alguma à notícia de que os missionários levaram o evangelho aos gentios e fundado igrejas cristãs gentias. Pelo contrário, onde quer que Paulo e Barnabé narrem a história de suas experiências missionárias, os crentes se regozijam e ficam alegres.

Deus, que chamou Paulo e Barnabé para pregar o evangelho aos gentios, confirma o trabalho deles por intermédio da reação e resposta de cada igreja individualmente na Fenícia e Samaria. Na verdade, Deus prepara os missionários para o seu encontro com os apóstolos e presbíteros em Jerusalém, concedendo-lhes o apoio da igreja como um todo. Depois da perseguição que se sucedeu à morte de Estêvão, a igreja de Jerusalém assumiu uma aparência judaica distinta. Todavia, essa igreja deve prover liderança e dessa forma chegar a uma decisão que solucione a questão sobre a admissão dos cristãos gentios.

4. Quando eles chegam a Jerusalém, foram recebidos pela igreja, pelos apóstolos e pelos presbíteros. Paulo e Barnabé relataram tudo o que Deus fizera por intermédio deles.

Os missionários e seus companheiros chegam a Jerusalém e são oficialmente recebidos pelos apóstolos e presbíteros da igreja. Supomos que os apóstolos estavam proclamando o evangelho em numerosos lugares. Para essa reunião, entretanto, foi lhes pedido que se encontrassem em Jerusalém. Por exemplo, Pedro, que partira de um outro local (12.17), retorna à cidade santa e assume ali a função de liderança. Tiago está presente e também João (Gl 2.9).

Note-se que a igreja antioquense nomeou Paulo e Barnabé para se reunirem com os apóstolos e presbíteros em Jerusalém. Ao ali chegarem, os missionários são recebidos oficialmente como iguais pela igreja, pelos apóstolos e pelos presbíteros. Isso indica a união fundamental da igreja cristã.

10. Veja Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 171.

Os missionários revelam o que Deus fez entre os gentios. Não enfatizam seu próprio trabalho, mas aquilo que Deus tem realizado por meio deles (veja v. 12). Conseqüentemente, a igreja de Jerusalém, assim como os apóstolos e presbíteros, se dão conta de que o próprio Deus está alargando a igreja universal por intermédio dos missionários que nomeou, a saber, Paulo e Barnabé (comparar com 14.27; 21.19). Implicitamente, Lucas indica que a reação dos que ouvem esse relatório missionário oral é favorável. Em outras palavras, os judaizantes que tinham ido a Antioquia com sua exigência de se circuncidar os cristãos gentios não representavam a igreja de Jerusalém em sua totalidade (veja v. 24).

5. Entretanto, alguns dos que pertenciam ao partido dos fariseus, mas eram crentes, se levantaram e disseram: "É necessário circuncidar os gentios e instruí-los a guardarem a lei de Moisés".

Não podemos determinar se os judaizantes que tinham visitado a igreja em Antioquia haviam retornado a Jerusalém. Sozinho, esse ponto é irrelevante, mas membros do partido dos fariseus que haviam se tornado cristãos, reagem pronta e negativamente ao relatório dos missionários. Eles nem mesmo esperam que os apóstolos e presbíteros formulem uma resposta aos missionários que representam a igreja antioquense. Determinam que todos os cristãos, quer judeu ou gentio, sejam obrigados a obedecer a toda a lei de Moisés, e isso inclui a circuncisão. John Albert Bengel observa: "Era mais fácil fazer um cristão de um gentio do que sobrepujar o falso ensino dos fariseus".[11]

Antes de sua conversão, Paulo pertencia ao partido dos fariseus (comparar com 23.6; 26.5; Fp 3.5). Ele agora enfrenta este mesmo partido num contexto cristão. Mas o Cristianismo desses fariseus é ofuscado por sua ênfase na lei mosaica. Eles afirmam que o desenvolvimento da igreja só pode acontecer quando os crentes cumprirem todas as estipulações do Antigo Testamento. Eles praticamente exigem que todo gentio se torne judeu antes de poder ser cristão.

E mais, os cristãos fariseus desconsideram completamente o relatório anterior de Pedro referente a Cornélio em Cesaréia e a reação favorável dos apóstolos e da igreja em Jerusalém. Nessa ocasião, a

11. John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. por Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2. p. 643.

igreja adiou a formulação de qualquer decisão concernente à lei de Moisés e a circuncisão. Agora é chegada a hora de resolver essa questão e manter a harmonia e unidade na igreja como um todo.

Considerações Doutrinárias em 15.1-5

Em resposta à proclamação do evangelho feita por Pedro na casa de Cornélio, os crentes gentios se regozijaram, receberam o Espírito Santo e foram batizados. Todavia, Pedro não exigiu que esses crentes fossem circuncidados. Para eles, o batismo era suficiente. A admissão de um grupo de gentios em Cesaréia não gerou desacordo algum na igreja de Jersualém depois de ter Pedro explicado que ele não podia se opor a Deus (11.17,18). Alguns anos mais tarde Paulo informou a igreja de Jerusalém que ele havia fundado igrejas gentias inteiras e não havia exigido a circuncisão. Isso era inaceitável aos cristãos judeus pertencentes ao partido dos fariseus, pois eles objetavam veementemente à admissão de quaisquer crentes gentios incircuncisos no seio da igreja.

Esses cristãos judeus argumentavam que todo convertido deve primeiro ser circuncidado e então ser ensinado a observar a lei de Moisés. Agora, observe-se o paralelo, e ao mesmo tempo, o distinto contraste dado por Jesus na Grande Comissão. Ele disse aos seus seguidores para fazerem discípulos de todas as nações, primeiro batizando-os, e em segundo lugar, ensinando-os a observar tudo o que ele havia ordenado (Mt 28.19,20).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 15.1-5

Versículo 1

ἐδίασκον – o tempo imperfeito é iniciador, isto é, indica que teve início uma ação: "eles começaram a ensinar".

περιτμηθῆτε – do verbo περιτέμνω (eu corto [em torno], circuncido], o aoristo significa ocorrência única; o passivo indica um agente que atua sobre o sujeito; o subjuntivo indica incerteza no contexto de uma sentença condicional; e a segunda pessoa do plural é direta e inclusiva.

τῷ ἔθει – "conforme o costume". O uso do dativo expressa modo, e não causa.[12]

12. C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 45; Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 218.

Versículo 2

γενομένης – com dois substantivos genitivos, este particípio aoristo no caso genitivo forma a construção do genitivo absoluto.

στάσεως – de ἵστημι (eu me levanto), o substantivo στάσις significa "discórdia, desacordo, discussão". O substantivo ζήτησις infere ação em progresso na forma de debate vigoroso.

οὐκ ὀλίγης – "não pequeno(a)". Esta é uma das declarações suavizadas características de Lucas (12.18; 14.28; 17.4, 12; 19.23, 24).

ἔταξαν – "eles nomearam". Gramaticalmente, o sujeito é τινες (v. 1). Entretanto, o contexto requer que "os irmãos" sirva como sujeito (veja vs. 1, 3).

Versículo 3

μὲν οὖν – esta frase é de retomada e transicional. Ela pode ser traduzida por "então".[13]

προπεμφθέντες – este particípio aoristo passivo significa literalmente "tendo sido postos a caminho". Mas o verbo προπέμπω indica muito mais do que esta tradução; aos viajantes foram dados comida e dinheiro, e foram tomadas para eles providências de hospedagem (comparar com 3Jo 5-8).[14]

διήρχοντο ε ἐποίουν – o tempo imperfeito nestes dois verbos é descritivo.

Versículo 5

πεπιστευκότες – os judaizantes já eram crentes há algum tempo, conforme indica o tempo perfeito do particípio ativo. Entretanto, como verdadeiros fariseus, eles seguem a letra da lei.

δεῖ – "é necessário". Este verbo controla os infinitivos *circuncidar* e *instruir*. O infinitivo τηρεῖν é um infinitivo de propósito.

2. *O Discurso de Pedro*

15.6-11

Havia passado considerável tempo entre a volta de Pedro de Cesaréia e a reunião do concílio. Estimamos que nesse período haja trans-

13. Moule, *Idiom-Book*, p. 162.
14. Bauer, p. 709.

corrido a maior parte de uma década. Deus havia dito a Pedro que fosse até Cornélio em Cesaréia; Deus também inspira Pedro a se dirigir ao Concílio de Jerusalém.

6. Os apóstolos e presbíteros se reuniram para discutir esa questão.

Fazemos as seguintes observações:

a. *Debate* – Tudo indica que o concílio se reuniu durante vários dias para discutir o assunto em questão e chegar a uma resolução que mantivesse a unidade e a unanimidade na igreja. Podemos discernir pelo menos três reuniões em separado: primeiro, uma sessão geral durante a qual Paulo, Barnabé e outros delegados de Antioquia são recebidos, ocasião em que os missionários também apresentam seu relatório (vs. 4,5); em seguida, houve uma reunião separada dos apóstolos e presbíteros com Paulo e Barnabé (vs. 6-11); em terceiro lugar, o plenário todo se reúne para ouvir os missionários e Tiago. Nessa reunião são formulados e aprovados os quatro requisitos para os cristãos gentios (vs. 12-22).

A informação apresentada tanto por Lucas (At 15.6-11) como por Paulo (Gl 2.1-10) é incompleta e insuficiente. Não podemos provar ou refutar se a reunião que Paulo teve com os apóstolos e presbíteros em separado é a mesma à qual ele se refere em seu relatório aos Gálatas. Se for a mesma reunião, então a presença de Tito, que não era circuncidado, sem dúvida salientou a urgência do debate. Os apóstolos e presbíteros se reuniram a fim de discutir a liberdade que os cristãos gentios gozavam em Cristo.

7. Depois de muito debate, Pedro se levantou e disse a eles: "Homens e irmãos, vocês sabem que em dias de outrora Deus me escolheu dentre vocês a fim de que dos meus lábios os gentios pudessem ouvir a mensagem do evangelho e crer. 8. E Deus, que conhece o coração, testificou a eles concedendo o Espírito Santo assim como concedeu a nós. 9. Ele não fez distinção alguma entre nós e eles, havendo purificado o coração deles pela fé".

b. *Mensagem* – Como gentio cristão, o próprio Lucas tem um interesse pessoal na discussão, nos procedimentos e no resultado da reunião. Ele indica que a ação tomada pelo concílio afeta o futuro da igre-

ja no mundo; portanto, ele não somente observa que os apóstolos e presbíteros se engajaram em extensivo debate, mas também que Deus, por intermédio do seu Espírito, conduziu os apóstolos e a igreja na formulação de sua decisão.

Deus dirigiu Pedro para a casa de Cornélio em Cesaréia a fim de admitir gentios no seio da igreja. No Concílio de Jerusalém Pedro se dirige aos seus companheiros apóstolos e presbíteros para lembrar-lhes do cuidado e direção de Deus em aceitar esses gentios. Depois do tratamento familiar "homens e irmãos", Pedro diz: "Vocês sabem que em dias de outrora Deus me escolheu dentre vocês a fim de que dos meus lábios os gentios pudessem ouvir a mensagem do evangelho e crer". Ele recorda que há uma década atrás, o Espírito de Deus o dirigira até os gentios em Cesaréia. O Espírito de Deus desceu sobre aqueles gentios e assim concedeu a eles uma experiência do Pentecoste igual à dos judeus em Jerusalém (2.1-4). O derramamento do Espírito de Deus, então, igualou os cristãos judeus e gentios. Pedro lembra os apóstolos e presbíteros que quando ele retornou de Cesaréia, eles haviam concordado que o próprio Deus havia chamado os gentios à salvação (11.18). Ele salienta que Deus o escolhera para a tarefa de pregar a mensagem do evangelho aos gentios. A frase *Deus me escolheu* se refere a esse incidente específico em Cesaréia. Apesar de Paulo ser conhecido como o apóstolo dos gentios e Pedro como o apóstolo dos judeus, essas designações não devem ser tomadas de forma muito restrita (Gl 2.7-9). Pelas palavras de despedida de Paulo aos presbíteros efésios, sabemos que ele pregou o evangelho a ambos, judeu e grego (20.21). Por semelhante modo, Pedro não restringiu seu ministério aos judeus. Ele viajou de maneira extensiva até Corinto, Ásia Menor e Roma, encontrando igualmente tanto judeus como gentios, conforme atestam suas epístolas e também as de Paulo.

Pedro observa que ele levou "a mensagem do evangelho" aos gentios, resultando no fato de que eles creram. Não ele como pregador, mas Deus como Salvador, foi quem abriu o coração deles e os tornou receptivos às boas-novas. A mensagem do evangelho é, portanto, sinônimo de salvação. Em suma, os gentios ouviram a palavra e creram.

c. *Conhecimento* – A salvação é um dom de Deus. Essa verdade fica evidente a partir da observação de Pedro quando ele diz: "Deus,

que conhece o coração, testificou a eles concedendo o Espírito Santo assim como concedeu a nós". Por ser o homem incapaz de proporcionar salvação, a estipulação "a menos que sejam circuncidados ... vocês não podem ser salvos" (v. 1) é vazia. Somente Deus salva o seu povo.

Deus conhece o coração do homem e lhe concede o dom do Espírito Santo. Assim, não é o homem, e sim Deus, quem escolhe os recipientes da salvação, pois ele prova o coração dos homens. Ali é o lugar onde Deus implanta e aumenta a fé que passa a ser expressa em obediência e perseverança (Rm 6.17; 2Ts 3.5).[15] Deus não olha os sinais exteriores, porém examina o coração. Comparando-se a isso, nos meados do século 1º os judeus cristãos julgaram a aparência externa dos gentios e conseqüentemente os rejeitaram. Mas Deus testemunhou aos cristãos judeus que quando os gentios ouvem as boas-novas, eles respondem pela fé e recebem o Espírito Santo.

> O Espírito sopra na Palavra,
> E traz a verdade à vista;
> Preceitos e promessas propiciam
> Uma luz santificadora.
>
> – William Cowper

O derramamento do Espírito Santo em Jerusalém e em Cesaréia demonstra a aceitação da parte de Deus dos crentes gentios. E mais, assim como Deus concede seu Espírito igualmente ao judeu e ao gentio na igreja, assim também o Senhor remove a barreira da hostilidade que os divide na adoração (Ef 2.14). "Não há distinção, portanto, entre judeu e grego, uma vez que o mesmo Senhor é o Senhor de todos, rico e generoso para com todos os que o invocam" (Rm 10.12). Pedro sugere que qualquer um que se opuser ao sinal exterior do derramamento do Espírito Santo sobre os gentios está resistindo a Deus. E se Deus não insiste na circuncisão, então também não deveriam fazê-lo os cristãos judeus.[16]

d. *Santificação* – Deus removeu a distinção entre judeu e gentio. Ao descrevê-lo como o agente, Pedro coloca claramente que estender

15. Theo Sorg, *NIDNTT*, vol. 2, p. 183.
16. F. W. Grosheide, *De Handelingen der Apostelen*, série Kommentaar op het Nieuwe Testament, 2 vols. (Amsterdã: Van Bottenburg, 1948), vol. 2, p. 29.

as fronteiras da igreja não é uma inovação humana. Foi o próprio Deus que removeu as barreiras de raça e etnia, pois em Cristo todos os crentes são iguais. A implicação é a seguinte: se Deus dá o exemplo nós devemos seguir.

Pedro diz que Deus não fez distinção alguma entre *nós* (os judeus) e *eles* (os gentios). Em nossa língua, nós nos colocamos modestamente por último numa comparação ou sentença, mas no grego acontece o contrário. Então, se Deus escolheu os crentes gentios para ser seu povo, ele os santificou no sangue de Cristo e os declarou purificados e limpos do pecado.

Se Deus aceitou os crentes gentios como seu próprio povo, os companheiros cristãos não podem impor condições a serem cumpridas pelos gentios antes de poderem obter a salvação. Todavia, os judeus cristãos pertencentes ao partido dos fariseus recorrem à Escritura e dizem: "Deus disse a Abraão que o sinal da aliança é a circuncisão. A aliança feita por Deus com Abraão e seus descendentes é eterna. Logo, por todas as eras, a circuncisão permanece como o sinal dessa aliança eterna e não pode ser abolida (veja Gn 17.7, 9-14)".[17]

Mas na era do Novo Testamento, a circuncisão perdeu seu significado porque Deus santifica o crente por meio da obra redentora de Cristo (veja, dentre outras passagens, Gl 5.2-6). Ademais, Jesus ordenou aos apóstolos que batizassem todo novo discípulo; subentende-se, portanto, que o batismo toma o lugar da circuncisão. Desde o Pentecoste, a igreja tem observado o sacramento do batismo em obediência ao mandamento de Cristo. Quando os gentios cristãos entraram finalmente na igreja, a circuncisão foi abolida (comparar com Cl 2.11,12).[18]

É claro que por si só, a cerimônia do batismo nos tempos do Novo Testamento não limpa a pessoa, assim como não o fazia a circuncisão nos dias do Antigo Testamento. Com base na fé verdadeira do crente em Cristo, Deus limpa seu coração sem exigir que ele seja circuncidado. No Novo Testamento aprendemos que Cristo limpa a consciência do crente por meio do seu sangue (Hb 9.14). Para ser exato, o Antigo

17. João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 2, p. 35.

18. Consultar Marten H. Woudstra, "Circumcision", *EDT*, p. 245.

Testamento ensina que a circuncisão como sinal da aliança também tinha que ser sustentada pela fé verdadeira. Contudo, o ato da purificação do pecado no ambiente do Antigo Testamento permanecia intimamente ligado às cerimônias externas.

10. "Agora, pois, por que vocês testam a Deus colocando no pescoço dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós conseguimos suportar? 11. Mas cremos que somos salvos por meio da graça do Senhor Jesus, assim como eles o são".

e. *Restrições* – Pedro conclui sua fala aos companheiros apóstolos e presbíteros aconselhando-os a cancelar a exigência de se obedecer às regras do Antigo Testamento que incluem a circuncisão. Essas são as últimas palavras de Pedro registradas por Lucas em Atos, e como tal, elas têm muito peso. Ele resume seus comentários acerca da obra de Deus entre os gentios e depois indaga se os judaizantes se dão conta de que estão testando a Deus.

A Escritura ensina que quando o homem testa a Deus, ele aproxima-se dele com um espírito de incredulidade e desobediência. Testar a Deus é o oposto de adorá-lo com singeleza de coração (Dt 6.16).[19] O exemplo dos israelitas no deserto é patente. Deus havia providenciado para eles água em Mara e em Elim (Êx 15.22-27). Mas quando chegaram a Refidim e não encontraram água, reclamaram e perguntaram: "O Senhor está entre nós, ou não?" (Êx 17.7, NVI). Eles tentaram a Deus, duvidando abertamente de sua habilidade comprovada para fornecer água. De igual modo, assevera Pedro, os judaizantes estão testando a Deus, que mostrou claramente que os cristãos gentios são livres em Cristo.

"Por que vocês [colocam] no pescoço dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós conseguimos suportar?" Essa pergunta penetrante de Pedro ecoa palavras comparáveis que Paulo escreve em suas epístolas (por exemplo, Gl 5.1; para o ensinamento de Jesus, veja Mt 23.4; Lc 11.46). Que jugo é esse que ninguém consegue suportar? Obviamente é a lei de Moisés. Os judeus definiam a lei de Deus como "o jugo" que todo judeu e prosélito tinha de suportar de boa vontade e

19. Heinrich Seesemann, *TDNT*, vol. 6, p. 27. Veja também Walter Schneider e Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 3, p. 801.

com alegria. Até mesmo Jesus usa a imagem judaica quando ele convida os que estão cansados e sobrecarregados a tomarem sobre si o seu jugo; mas ele lhes diz que seu jugo é suave e o seu fardo é leve (Mt 11.28-30).[20]

No caso perante o Concílio de Jerusalém, Pedro considera o jugo um fardo que não dá ao crente prazer algum. Nenhum judeu adquiria a salvação procurando cumprir a lei. Isso havia se tornado um fardo para ele porque suas tentativas para guardar a lei haviam resultado em fracasso.[21] No entanto, a lei dada por Deus, por si só era boa. Mas a incapacidade do homem de observá-la oprimia os contemporâneos de Pedro e pesara sobremaneira sobre os ombros de seus antepassados. E mais, a parte cerimonial da lei e dos regulamentos ensinada pelos rabinos havia se tornado um fardo impossível de suportar. "Não se pode negar que, apesar dos judeus tradicionais poderem considerar a grande quantidade de mandamentos – 613 ao todo, consistindo de 348 preceitos positivos – como um meio proporcionado por Deus para se adquirir mérito, eles podiam também dar origem a um zelo mal orientado pela observância externa isoladamente".[22] Pedro expressa o que Paulo proclamara na sinagoga de Antioquia da Pisídia, a saber, que o crente não pode ser justificado pela lei de Moisés (13.39). A pessoa, quer seja judeu ou gentio, somente pode ser justificada pela fé em Jesus Cristo.

f. *Salvação* – "Mas cremos que somos salvos por meio da graça do Senhor Jesus, assim como eles o são". Por meio de sua redenção, Cristo cumpriu a lei. Conseqüentemente, ele liberta todos aqueles que confiam nele do castigo da transgressão da lei. Por essa razão, a lei assumiu um novo sentido, isto é, por intermédio da graça do Senhor Jesus Cristo, tanto judeu como gentio obtêm a salvação.

Pedro não sugere que o concílio deve abolir a lei. Ele faz objeção a torná-la uma pré-condição para a salvação. Conquanto a lei não seja capaz de salvar uma pessoa, a fé em Jesus Cristo certamente a salva.

---

20. Consultar M. Maher, "'Take My Yoke upon You' (Matt. Xi. 29)", *NTS* 22 (1975-76): 97-103; Hans-Georg Link e Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 3, pp. 1160-65.

21. Veja John Nolland, "A Fresh Look at Acts 15.10", *NTS* 27 (1980): 11-12.

22. Emil Schürer, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ (175 B.C. – A. D. 135)*, rev. e org. por Geza Vermes e Fergus Millar, 3 vols. (Edimburgo: Clark, 1973-87), vol. 2, p. 466.

Tanto o judeu como o gentio são iguais perante o Senhor e ambos conseguem sua salvação por intermédio dele "como uma dádiva objetiva da graça".[23]

Pedro faz uma reflexão sobre sua experiência em Cesaréia e, como resultado, está de pleno acordo com o ensinamento de Paulo e Barnabé: não exigir a circuncisão dos crentes gentios e não sujeitá-los ao jugo da lei mosaica. Nem Pedro, nem tampouco Paulo ou Barnabé planejaram essa estratégia. O próprio Deus os dirigiu a proclamar a liberdade em Cristo aos cristãos gentios.

Considerações Doutrinárias em 15.6-11

Em seu apanhado histórico acerca dos cristãos primitivos, Lucas os retrata como observadores da lei. Os judeus acusaram Estêvão de falar contra a lei (6.13), mas em seu discurso perante o Sinédrio, ele mostra seu respeito pela lei que Deus dera a Moisés e aos israelitas (7.38). Estêvão, no entanto, declara ousadamente que os membros do Sinédrio, tendo recebido esta lei, recusaram-se a obedecê-la (7.53).

Ao terminar sua terceira viagem missionária, Paulo foi ao templo onde judeus da Ásia Menor o acusaram de ensinar ao povo a não guardar a lei (21.28). Em sua defesa diante do governador Félix, Paulo confessou que cria em tudo o que está escrito na lei (24.14); ele disse ao governador Festo que não havia feito nada contrário a ela (25.8). Apesar disso, milhares de judeus cristãos em Jerusalém continuavam zelosos pela lei (21.20).

Qual é, então, a importância da lei para o cristão? Para colocar de modo claro, a obediência à lei não foi feita para se obter a salvação, porém para servir como evidência da vida santificada do cristão.[24] Reconhecemos que para os incontáveis cristãos judeus, a observância rígida da lei era mais uma questão de costume do que do esforço para agradar a Deus em gratidão por sua dádiva da salvação.

23. Guthrie, *New Testament Theology*, p. 617; Hengel, *Acts and the History*, p. 125.

24. Consultar I. Howard Marshall, *The Acts of the Apostles: An Introduction and Commentary*, série Tyndale New Testament Commentary (Leicester: Inter-Varsity; Grand Rapids: Eerdmans, 1980), p. 250.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 15.7-11

Versículo 7

ὑμεῖς ἐπίστασθε – o pronome pessoal é intensivo: "vocês próprios". O verbo é o presente médio de ἐπίσταμαι e significa "conhecer, estar familiarizado com, entender". Por exemplo, "o rei entende estas coisas" (26.26).

ἀκοῦσαι – "ouvir". Este infinitivo aoristo incoativo é seguido do caso acusativo; ele dá idéia de se ouvir obedientemente. O infinitivo aoristo πιστεῦσαι é também incoativo.

Versículos 8,9

δούς – o particípio aoristo aponta para uma ocorrência única; a ação é simultânea à do verbo principal ἐμαρτύρησεν (ele testificou).

μεταξύ – o advérbio *entre* fortalece a preposição διά no verbo composto διέκρινεν (ele fez uma distinção).

Versículos 10,11

ἐπιθεῖναι – este infinitivo aoristo do verbo ἐπιτίθημι (eu coloco sobre) é epexegético, isto é, ele explica a maneira pela qual os judaizantes tentam a Deus: "colocando um jugo no pescoço".

πιστεύομεν σωθῆναι – note-se que o infinitivo passivo aoristo *ser salvo* é o objeto direto do verbo principal: "nós cremos que somos salvos".

3. *Barnabé e Paulo*

15.12

Um estudo da seqüência dos nomes *Barnabé* e *Paulo* revela que o nome de Barnabé sempre precede o de Paulo quando uma atividade ocorre em Jerusalém (veja v. 25). Mas fora dali, em território gentio, a ordem é sempre o reverso. Em Jerusalém, Barnabé gozava de maior estima do que Paulo. Nos outros lugares, Paulo, devido à sua habilidade para falar, recebia reconhecimento cada vez maior.[25]

12. O grupo todo ficou silencioso e ouviu a Barnabé e Paulo enquanto relatavam os sinais e prodígios que Deus fizera por meio deles entre os gentios.

25. A exceção é 14.14, onde o povo de Listra honra Barnabé como Zeus e a Paulo como Hermes, o mensageiro de Zeus.

Presumimos que no transcorrer das reuniões, o concílio como um todo se reúne depois da reunião dos apóstolos e presbíteros (vs. 6-11). A frase *o grupo todo ficou silencioso* pode ser interpretada como significando "a reunião recomeçou".[26] Chegou agora a parte principal das deliberações, e o concílio por inteiro está pronto para ouvir o testemunho de Barnabé e Paulo.

Observe-se como Lucas descreve a mensagem que os dois missionários entregam perante a assembléia toda. A ênfase não recai no que Paulo e Barnabé fizeram durante sua viagem missionária, mas no que Deus realizou por intermédio deles. Assim, os missionários não mencionam a circuncisão, porém discorrem a respeito de Deus alargando as fronteiras da igreja no mundo gentio. Portanto, o concílio deve se dar conta de que o crescimento da igreja é obra de Deus, e que a questão de se admitir os gentios no seio da igreja deve ser solucionada definitivamente pelo Concílio de Jerusalém.

No grego, Lucas indica que o público ouviu os missionários durante um longo período de tempo. Barnabé e Paulo não apenas relatam suas experiências em Chipre e na Ásia Menor; eles também explicam a importância desses acontecimentos. Fazem a mesma coisa que Pedro fez quando retornou a Jerusalém de sua missão a Cornélio em Cesaréia. Ele narrou o acontecimento e explicou o que Deus havia feito. Por semelhante modo, Barnabé e Paulo mostram que Deus está trabalhando por intermédio deles com sinais e prodígios. Supomos que eles tenham mencionado os milagres da cegueira do falso profeta Barjesus em Chipre (13.6-12) e a cura do aleijado em Listra (14.8-10). Ao mencionar esses milagres, testificam do fato de que o próprio Deus aprovara o ministério deles entre os gentios.[27]

Palavras, Frases e Construções em Grego em 15.12

ἐσίγησεν – este aoristo pode ser constativo (referindo-se à ação em sua totalidade) ou pode ser incoativo (apontando para o começo da ação).

---

26. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 175. Comparar com 12.17; 1Coríntios 14.28, 30,34. As testemunhas ocidentais acrescentam a seguinte cláusula ao início do versículo 15: "E quando os presbíteros consentiram com o que havia sido dito por Pedro". Metzger, *Textual Commentary*, p. 429.

27. Henry Alford, *Alford's Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, 7ª ed., 4 vols. (1877; Grand Rapids: Guardian, 1976), vol. 2, p. 165.

As formas singulares πᾶν τὸ πλῆθος (toda a multidão) regem o verbo no plural ἤκουον (eles ouviram). O imperfeito indica um período prolongado de tempo.

ἐξηγουμένων – o particípio presente médio do verbo ἐξηγέομαι (eu explico) está no caso genitivo porque (1) ele segue o verbo ἀκούω (eu ouço); ou (2) é parte da construção do genitivo absoluto (com os substantivos genitivos *Barnabé* e *Paulo*).

4. *O Discurso de Tiago*

15.13-21

Depois de Pedro, Paulo e Barnabé terem falado, o líder da igreja de Jerusalém assume a tarefa de se dirigir ao plenário e formular uma decisão que conte com a aprovação de toda assembléia. Essa pessoa é Tiago, o meio-irmão de Jesus, que sucedera Pedro como líder da igreja (12.17) e era altamente respeitado por sua autoridade (comparar com 21.17-19).[28] Quando fala à assembléia, ele literalmente tem a última palavra.

a. *Introdução*

13. Depois que eles terminaram de falar, Tiago disse: "Homens e irmãos, ouçam-me. 14. Simão relatou como Deus, primeiramente, ocupou-se em separar dentre os gentios um povo para si".

Os judeus cristãos que pertenciam ao partido dos fariseus têm de concordar com Pedro que o próprio Deus abrira a porta para admitir os gentios na igreja. Eles têm de reconhecer que Deus abençoara o trabalho missionário desempenhado por Paulo e Barnabé. Todavia ainda não estão satisfeitos. Eles depositam sua esperança em Tiago, o Justo. Sabem que ele guarda escrupulosamente a lei e o reconhecem como seu líder espiritual (comparar com Gl 2.12). Entretanto, Tiago tem uma mente aberta e está em sintonia com o cuidado orientador de Deus para a igreja universal na qual cristãos judeus e gentios aceitam uns aos outros como irmãos e irmãs.

Tiago atua como o presidente do concílio. Todos os presentes estão

28. Eusébio assegura que Tiago "foi o primeiro a receber do Salvador e dos apóstolos o episcopado da igreja em Jerusalém". *Ecclesiastical History* 7.19.1 (LCL); veja ainda 2.1.3; 2.23.1-19.

ansiosos por ouvir o que ele tem a dizer em relação ao assunto da fidelidade à lei, a saber, a circuncisão. Sua frase de abertura é: "Homens e irmãos, ouçam-me". É digna de nota a semelhança entre essas palavras e as da Epístola de Tiago. Em sua epístola, ele escreve: "Ouvi, meus amados irmãos" (2.5). A ordem *ouçam-me* não ocorre em nenhum outro lugar em todo o Novo Testamento.[29] Mostra que Tiago conta com o respeito e exerce autoridade na igreja e que os apóstolos, presbíteros e delegados ao concílio valorizam sua liderança.

Tiago se refere ao discurso de Pedro, mas não à narrativa de Paulo e Barnabé: "Simão relatou como Deus, primeiramente, ocupou-se em separar dentre os gentios um povo para si". No original, Tiago chama Pedro de *Simeão*, que é também o nome que Pedro usa no trato de sua segunda epístola (1.1). Provavelmente o emprego desse típico nome judeu denote um relacionamento estreito entre Tiago e Pedro. Ao chamar Pedro por seu nome judaico, Tiago demonstra que ele concorda totalmente com o relato de Pedro acerca de sua visita a Cornélio em Cesaréia. Talvez o uso do nome judaico de Pedro tenha sido levado a efeito com a finalidade de influenciar os judaizantes.

E mais, Tiago menciona a experiência de Pedro porque por meio dele Deus primeiramente fez com que os gentios se tornassem parte da igreja. E na ocasião dessa sua experiência, Pedro servia como líder na igreja de Jerusalém e era o porta-voz dos apóstolos. Tiago indica que Pedro não ordenou quaisquer mudanças em relação aos gentios, mas tão-somente explicou o que Deus fizera. À maneira de Pedro, Tiago coloca a ênfase em Deus, que se ocupou dos gentios. Quer dizer, Deus os tomou para si a fim de serem povo seu.

Infelizmente as traduções falham em transmitir o sentido do texto grego. No grego, é usado um verbo que indica visitação. Apesar de a palavra *visitar* poder ser compreendida num sentido de castigo (veja Êx 32.34; Jr 14.10), a expressão geralmente transmite a idéia de Deus abençoando o seu povo.[30] Esse texto indica que Deus não está estendendo sua bênção aos judeus, mas aos gentios. Além disso, o termo grego *ethnos*,

29. Veja Simon J. Kistemaker, *Exposition of the Epistle of James and the Epistles of John*, série New Testament Commentary (Grand Rapids: Baker, 1986), pp. 9-10.

30. Consultar Leon Morris, *New Testament Theology* (Grand Rapids: Zondervan, Academie Books, 1986), p. 156.

traduzido por "gentios", simboliza as nações do mundo: eles não são o povo da aliança de Deus.[31] No grego, o Novo Testamento emprega a palavra *laos* para o povo que se encontra sob a aliança de Deus, para ser exato, os cristãos de ascendência judaica. O conceito da aliança se origina, é claro, no Antigo Testamento: somente o povo de Israel (hebraico: *'am*) são da aliança; os gentios (hebraico: *gôyîm*) não são.

Século após século, os hebreus alegavam seu direito à aliança porque, dentre todas as nações da terra, somente eles eram povo de Deus. Mas agora Deus visitou os gentios e tomou dentre eles um número para ser seu povo da aliança. Ele não tomou todas as nações, mas dentre elas elegeu os seus. Visto que outrora Deus escolhera um povo dentre todos os outros, agora ele escolhe, dentre todos os povos, um povo para si.[32]

O texto grego traz as palavras *um povo para o seu nome*. O nome de Deus, contudo, é a revelação de sua pessoa e de seu poder. A frase *para o seu nome*, no sentido idiomático e interpretativo, equivale a "ele mesmo/ele próprio".[33]

b. *Escritura*

15. "E as palavras dos profetas concordam com isto, conforme está escrito:

16. 'Depois disto, eu retornarei
e reconstruirei a tenda
de Davi que caiu.
E reconstruirei suas ruínas
e restaurá-la-ei.
17. Para que o restante da humanidade
possa buscar o Senhor,
e todos os gentios que forem chamados pelo meu nome,
18. diz o Senhor, que faz todas essas coisas conhecidas
desde antigamente'."

31. O termo aparece 162 vezes no Novo Testamento. "Em cerca de cem ocorrências *ethnos* é usada no contraste entre judeus e cristãos". Hans Bietenhard, *NIDNTT*, vol. 2, p. 793.

32. Grosheide, *Handelingen der Apostelen*, vol. 2, p. 38.

33. Veja especialmente Nils A. Dahl, "'A People for His Name' (Acts XV. 14)", *NTS* 4 (1958): 319-27; Jacques Dupont, "Um Peuple d'entre les Nations", *NTS* 31 (1985): 321-25.

Tiago introduz essa citação da profecia de Amós usando a forma plural *palavras* para uma só passagem da Escritura (Am 9.11,12) e o substantivo plural *profetas* para um só autor (Amós). Muitos comentaristas entendem a expressão *profetas* como sendo uma referência aos doze profetas menores.[34] Porém, o termo provavelmente inclui todos os profetas do Antigo Testamento, e assim Tiago fala das "palavras" na fórmula introdutória.[35]

Por que Tiago escolheu essa passagem em especial da Escritura para afirmar seu apoio à admissão de gentios na igreja? Os profetas do Antigo Testamento concordam com a mensagem de Amós e, de fato, falam da mesma coisa. Na verdade, o Espírito Santo está falando por intermédio deles.[36] Por todo o Antigo Testamento, iniciando com Gênesis 3.15, Deus proclama a mensagem de esperança. Apesar de o Senhor punir o seu povo, ele não o rejeita, pois concede-lhe a promessa de restauração. A passagem em Amós é, então, messiânica e ensina que Deus cumpre as promessas da aliança feita com Abraão e Davi. Quando o Messias vier, ele reinará sobre todas as nações que têm o seu nome. Em outras palavras, a profecia de Amós retrata o reinado universal do Messias.

1. *Variações textuais* – Neste estudo eu ressalto algumas diferenças entre a fraseologia de Amós 9.11,12 e a citação de Atos 15.16-18.[37] Basta um exame superficial da colocação das palavras nessas passagens para ver que Tiago não seguiu o texto da passagem do Antigo Testamento:

> "Naquele dia levantarei
> a tenda caída de Davi.

34. Por exemplo, Marshall, *Acts*, p. 252; F. F. Bruce, *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary*, 3ª ed. (revista e ampliada) (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), p. 454.

35. Consultar Walter C. Kaiser, Jr., "The Davidic Promise and the Inclusion of the Gentiles (Amos 9:9-15 and Acts 15:13-18): A Test Passage for Theological Systems", *JETS* 20 (1977): 97-111.

36. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 2, p. 46. No entanto Michael A. Braun argumenta que "a escolha de Tiago do texto de Amós 9 foi arbitrária". Veja "James' Use of Amos at the Jerusalem Council: Steps Toward a Possible Solution of the Textual and Theological Problems", *JETS* 20 (1977): 113.

37. Para um estudo detalhado, veja Braun, "James' Use of Amos", pp. 114-17.

Consertarei o que estiver quebrado,
e restaurarei as suas ruínas.
Eu a reerguerei, para que seja como era no passado,
para que o meu povo conquiste o remanescente de Edom
e todas as nações que me pertencem,"
declara o Senhor, que realizará essas coisas.
[Amós 9.11-12, NVI]

À parte algumas poucas variações, a tradução da Septuaginta se aproxima da citação de Atos 15. Aqui está uma tradução do texto grego de Amós 9.11,12:

> "Naquele dia eu levantarei a tenda caída de Davi, e reconstruirei suas ruínas, e seus restos eu erguerei. E a reconstruirei assim como nos dias de outrora, de forma que o remanescente dos homens possa buscar e todas as nações sobre as quais o meu nome for chamado", diz o Senhor que fará essas coisas.

A Septuaginta difere da citação de Atos em alguns lugares. Entre as maiores divergências se encontram as três seguintes: a introdução *naquele dia* em vez de "depois disto"; a falta de um objeto direto depois da frase *o remanescente dos homens possa buscar*; a cláusula abreviada *o Senhor que fará essas coisas* por "o Senhor que faz todas essas coisas conhecidas desde antigamente".[38] Um Pergaminho do Mar Morto (4Qflor 1.12) de Amós 9.11,12 traz esse texto no hebraico em fraseologia que corresponde à citação de Atos. No entanto, mesmo se dissermos que Tiago citou a partir do manuscrito hebraico para beneficiar sua platéia cristã judia, não podemos provar se os assuntos tratados na reunião do concílio foram conduzidos em aramaico ou em grego. Sem dúvida ambas as línguas foram faladas.

2. *Matizes exegéticos* – Examinemos a exegese desses versículos, tomando-os um por um.

16. 'Depois disto, eu retornarei

38. J. de Waard, *A Comparative Study of the Old Testament Text in the Dead Sea Scrolls* (Leiden: Brill, 1965), pp. 24-26. Para um estudo compreensivo de Amós 9.11-15 no contexto de Atos 15.14-20, veja O. Palmer Robertson, "Hermeneutics of Continuity", *in Continuity and Discontinuity: Perspectives on the Relationship Between the Old and New Testaments*, org. por John S. Feinberg (Westchester, Ill.: Crossway, 1988), pp. 89-108.

e reconstruirei a tenda
de Davi que caiu.
E reconstruirei suas ruínas
e restaurá-la-ei.

Somente Tiago traz as palavras *depois disto*, ao passo que tanto o texto em hebraico como a Septuaginta trazem "naquele dia". Aparentemente Tiago se refere à época do profeta Amós, o qual indica que o templo em Jerusalém seria destruído. Amós prediz que Deus irá destruir os pecadores, mas não destruirá totalmente a casa de Jacó (Am 9.1-10). A expressão *depois disto* significa "naquele dia" e se refere à reconstrução da tenda de Davi.[39] A cláusula *eu retornarei e ... reconstruirei* significa que depois de Jerusalém ter sido destruída, Deus irá fazer com que o povo retorne a fim de reconstruir e restaurar suas ruínas.

A expressão *a tenda de Davi* é uma referência profética ao templo do Senhor ao qual se dirigem todas as nações do mundo para adorar a Deus (comparar, por exemplo, Is 2.2-4; Zc 14.16). Os profetas predizem que tanto os judeus como os gentios, juntos adoram a Deus. Note-se que Amós liga a palavra *tenda* a Davi, e não a Levi ou Arão. Davi é uma testemunha aos povos desta terra, de forma que as nações que não conhecem a Deus correrão para ele (Is 55.3-5). Essas profecias, cujo descendente de Davi, Jesus Cristo, finalmente cumpre, são messiânicas. Ao mencionar a tenda de Davi, Amós enxerga o panorama das nações gentias passando a conhecer e cultuar a Deus. Na época do Concílio de Jerusalém, Tiago dá a indicação de que essa profecia messiânica de Amós fora cumprida com a entrada dos gentios na igreja. Tiago ensina que Israel, restaurado por intermédio de Jesus Cristo, dá as boas-vindas ao restante da humanidade em comunhão espiritual.

17. "Para que o restante da humanidade
possa buscar o Senhor,
e todos os gentios que forem chamados pelo meu nome".

As diferenças textuais do trecho em hebraico, a leitura da Septuaginta e a fraseologia em Atos são provavelmente resultado de uma má compreensão do texto hebraico: "a fim de que possam possuir o rema-

39. Kaiser, "Davidic Promise", pp. 105-6; Robertson, "Hermeneutics of Continuity", p. 97.

nescente de Edom". No hebraico, a palavra *Edom* foi escrita sem as vogais. Os tradutores da Septuaginta leram essa palavra como *Adam [Adão]* e interpretaram-na como "humanidade" ou "homens". Ademais, os tradutores da Septuaginta tomaram a frase *que possam possuir* como significando "que possam buscar".[40] Falta à fraseologia da Septuaginta o objeto direto depois do verbo *buscar*, mas o texto que Tiago usou fornece esse objeto direto: "buscar o Senhor".

Quem são os "remanescentes dos homens"? Quando o Antigo Testamento usa o termo *remanescente*, normalmente está falando do povo judeu fiel que experimentou o cuidado protetor de Deus (veja, por exemplo, 2Re 19.4; Is 37.4). Entretanto, embora o termo *remanescente* não seja usado especificamente, o conceito em si ocorre várias vezes no Antigo Testamento com referência ao remanescente das nações (por exemplo, Is 66.19-21; Zc 14.16).[41]

O texto de Amós 9.12 na Septuaginta e as palavras empregadas em Atos 15.17 fornecem uma interpretação adequada para "remanescente dos homens" se fizermos a leitura da seguinte maneira: "que o remanescente dos homens, mesmo todos os gentios que são chamados pelo meu nome, possam buscar o Senhor".[42] A segunda cláusula explica a primeira. Assim sendo, os gentios são o remanescente que pertence ao Senhor (comparar com Tg 2.7). Com essas palavras da Escritura do Antigo Testamento, Tiago sustenta seu argumento de que Deus tomou para si um povo dentre os gentios. Por isso Deus cumpre a promessa messiânica chamando os crentes gentios.

18. "Diz o Senhor, que faz todas essas coisas conhecidas desde antigamente".

Esse versículo ensina dois fatos. Primeiro, Deus entrega essa profecia ao seu povo com a promessa de que ele irá cumprir o que disse.

40. "O verbo [hebraico] *yyršw* ('eles possuirão') está emendado com o verbo *ydršw* ('eles buscarão'). Na história da transmissão do A[ntigo] T[estamento] houve um tempo em que *d* e *y* eram basicamente indistingüíveis". Braun, "James' Use of Amos", p. 117. Veja também Alford, *Alford's Greek Testament*, p. 165.

41. Volkmar Herntrich, *TDNT*, vol. 4, p. 208.

42. Veja GNB, MLB, BJ; veja ainda Bruce, *Book of the Acts*, p. 292; Richard N. Longenecker, *The Acts of the Apostles*, no vol. 9 da *The Expositor's Bible Commentary*, org. por Frank E. Gaebelein, 12 vols. (Grand Rapids; Zondervan, 1981), p. 449; Robertson, "Hermeneutics of Continuity", p. 104.

Assim, quando Tiago cita essas palavras de Amós, ele está apoiando o relatório de Pedro, de que Deus não faz distinção alguma entre judeus e gentios no que se refere à sua salvação (v. 9). O próprio Deus falou em sua Palavra, e dá a certeza de que ele fará as coisas que fez conhecidas.

Em segundo lugar, as coisas ditas por Deus têm sido conhecidas desde muito tempo atrás (Is 45.21). Ele as tornou conhecidas nos dias de Amós; e o faz novamente por ocasião do Concílio de Jerusalém. Na verdade, essas coisas remontam ao tempo quando Abraão recebeu a promessa de que seria o pai de muitas nações. Por essa razão, Deus lhe deu o nome *Abraão* (Gn 17.5). As coisas ditas pelo Senhor se referem a Davi, que alargou as fronteiras de Israel; Davi conquistou as nações circunvizinhas a fim de obter a plena extensão da Terra prometida. Em nível infinitamente maior, seu descendente Jesus Cristo reina sobre todas as nações da terra.

c. *Estipulações*

19. "Portanto, eu julgo que não perturbemos aqueles gentios que estão se voltando para Deus, 20. mas que lhes escrevamos para que se abstenham de coisas profanadas por ídolos, e de fornicação, e daquilo que for estrangulado, e de sangue".

No concílio, todos os olhos estão fixos em Tiago, que serve como presidente. Todos esperam que ele ofereça um parecer com o qual possam concordar (v. 28). Tiago então, resume o proceder do concílio e declara enfaticamente: "*Eu* julgo". Ele, como líder, faz ao seu público uma recomendação concisa: "Não perturbemos aqueles gentios que estão se voltando para Deus". O verbo grego que eu traduzi como "perturbar" significa na verdade "comprimir alguém".[43] Isso é exatamente o que os judaizantes estão fazendo com os crentes gentios: eles entram à força na vida deles exigindo a circuncisão e a observância da lei de Moisés. Tiago não menciona a circuncisão e a obediência à lei, porém emprega uma linguagem que diz: "Parem de comprimir essas pessoas".

Os cristãos judeus devem se regozijar pelo fato de os gentios estarem se voltando para Deus (veja 14.15; 26.20). O texto indica que são comuns as conversões de gentios.

43. R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (Columbus: Wartburg, 1944), p. 613.

Tiago sabe que os judaizantes não ficarão satisfeitos com uma exortação negativa. Dessa forma ele sugere quatro recomendações aplicáveis aos cristãos gentios que se associam com os judeus cristãos, especialmente aqueles que vivem na dispersão. Ele busca promover a unidade entre os crentes das duas ascendências, a judia e a gentílica. Tiago deseja que eles observem certas regras prescritas evitando quaisquer ofensas derivadas da comunhão à mesa ou de relacionamentos sociais. Tiago propõe que o concílio escreva uma carta aos cristãos gentios dizendo-lhes o que fazer.

1. *Alimentos profanados* – Nas estruturas da sociedade de nossos dias, a primeira estipulação é quase ininteligível. Mas para os crentes gentios dos meados do século 1º, cada palavra da ordem "se abstenham de coisas profanadas por ídolos" era significativa. De outros dois lugares onde a estipulação é repetida, ficamos sabendo que a comida, expressamente a carne, era sacrificada aos ídolos (v. 29; 21.25).[44]

Jesus comparou a carne sacrificada a um ídolo com um cadáver. Qualquer que tocasse um cadáver era considerado imundo; conseqüentemente, nenhum judeu comia carne profanada. E mais, os cristãos judeus e gentios consideravam o servir-se de alimentos sacrificados a ídolos como o equivalente a demonstrar lealdade a uma deidade pagã. Os gentios que haviam abraçado a fé cristã, em Corinto por exemplo, haviam repetidamente observado os rituais sacrificiais nos templos dos numerosos deuses pagãos. Essas pessoas agora dedicavam sua fidelidade a Jesus Cristo, repudiando sua herança pagã e afastando-se de todas as formas de idolatria (veja 1Co 10.14).

2. *Imoralidade sexual* – Os crentes gentios sabiam que os rituais de imoralidade sexual em templos pagãos eram a ordem do dia. Pelas epístolas de Paulo sabemos que os cristãos gentios precisavam de constantes lembretes para fugirem da imoralidade sexual (por exemplo, 1Co 6.9, 18; 2Co 12.21; Gl 5.19). João Calvino acredita que a estipulação apostólica de evitar levar uma vida sexualmente imoral se referia à prática pagã de se manter uma amante.[45]

---

44. Veja também Êxodo 34.15; 1 Coríntios 8.1, 4, 7, 10; 10.19; Apocalipse 2.14, 20; Wilhelm Mundle, *NIDNTT*, vol. 2, p. 286; Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 3, p. 432; Friedrich Büchsel, *TDNT*, vol. 2, p. 378; David R. Catchpole, "Paul, James and the Apostolic Decree", *NTS* 23 (1977): 428-44.

45. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 2, p. 51.

3. *Animais estrangulados* – O judeu se recusa a comer a carne de um animal que tenha sido estrangulado. Sempre que um animal não for sangrado e seu sangue não for adequadamente drenado do corpo, a carne é impura (Lv 17.13; veja também Gn 9.4). Logo, o animal é um cadáver impróprio para o consumo humano. A injunção apostólica aos crentes gentios para que não comam qualquer carne de animais sufocados, ensina-lhes uma regra de saneamento básico. O cumprimento da exigência lhes confere aceitação social entre os crentes judeus na comunidade cristã.

4. *Sangue* – Esta última estipulação se atrela à repugnância judaica pelo sangue. A lei de Moisés proíbe o consumo de sangue e declara que a vida está nele (Gn 9.4; Lv 3.17; 7.26; 17.10,13,14).

Os cristãos gentios estavam plenamente cientes das restrições judaicas no que se referia à religião, à moral e à alimentação. Por essa razão os decretos apostólicos não vieram como um choque para eles. As quatro exigências formuladas por Tiago não lhes seriam um fardo, mesmo sendo apresentadas de uma forma negativa ("abster-se"). Ao mesmo tempo, seus amigos judeus aprovariam sua disposição em observar essas quatro estipulações. Em suma, como líder do Concílio de Jerusalém, Tiago sugeriu um curso de ação que não impediria o desejo gentio pela salvação oferecida por Deus com a demanda da circuncisão e uma observância rígida da lei levítica. A ação sugerida também satisfaria os cristãos judeus que reclamavam a adesão à lei.

Alguns pátios do templo eram fechados aos gentios (comparar com 21.28,29), mas com exceção dessa limitação, os cristãos judeus e gentios estavam se misturando livremente desde a visita de Pedro a Cornélio em Cesaréia (10.25-48; veja também 11.19-26). Assim, a recomendação de Tiago constitui um apelo para que os crentes judeus e gentios aceitem uns aos outros e promovam a unidade da igreja cristã. Tiago tenta apaziguar os dois lados; e como revela o restante desse capítulo, ele é bem-sucedido ao fazê-lo.

21. "Pois Moisés tem sido pregado em cada cidade desde os dias de outrora e é lido todos os sábados nas sinagogas".

O que Tiago está tentando dizer com essas palavras que concluem sua fala? Está falando aos judeus ou aos gentios? Está agradando os

judaizantes que exigem a circuncisão dos crentes gentios e sua adesão à lei mosaica? Está despojando os gentios da liberdade que eles acabam de receber? Podemos fazer outras indagações e encontrar respostas para cada uma delas, mas permanece o fato que esse versículo específico é difícil de ser interpretado.[46]

Tiago inicia dizendo: "Pois Moisés tem sido pregado em cada cidade desde os dias de outrora". A conjunção *pois* introduz a razão para as quatro exigências, isto é, os cristãos judeus poderiam fazer outras exigências, porém Tiago olha a realidade da situação e aponta para a dispersão dos judeus. Depois do exílio, provavelmente na época de Esdras, as sinagogas eram construídas de modo que as pessoas pudessem receber instrução religiosa a respeito da lei de Moisés.[47] Em cada cidade, por todo o mundo conhecido daquele tempo, o povo judeu ministrava à população gentia os ensinamentos da Palavra de Deus. Os gentios que recebiam essas instruções eram chamados de tementes a Deus.

"E [Moisés] é lido todos os sábados nas sinagogas." Tiago argumenta que esses gentios não desconhecem os preceitos de Moisés. Se eles desejarem saber mais a respeito de tais preceitos, poderão ouvi-los explicados uma vez por semana nas sinagogas. Conseqüentemente, Tiago está se dirigindo aos judaizantes que não querem embaraçar a tarefa evangelística dos judeus que vivem na dispersão. Mas ele também encara os gentios cristãos e lhes diz implicitamente para respeitarem os judeus, que observam as ordenanças de Moisés. Em suma, Tiago apazigua tanto judeus como gentios em seus comentários finais, e conseqüentemente preserva a unidade da igreja.

Observação Textual em 15.20

Nossas traduções tomam o texto grego pertencente à família alexandrina de tipos de textos. A fraseologia coloca a proibição quádrupla da abstenção de comida sacrificada a ídolos, imoralidade sexual, carne de animais estrangulados e sangue. Essas quatro proibições são reafirmadas no versículo 29 e em 21.25.

---

46. Martin Dibelius assevera: "Desse modo o conteúdo do decreto é considerado, na verdade, como uma concessão pelo povo de Jerusalém aos cristãos gentios, e não o contrário". *Studies in the Acts of the Apostles* (Londres; SCM, 1956), p. 97.

47. Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 2, p. 427.

No entanto, o texto ocidental traz uma variação peculiar; em 15.20, 29 e 21.25 ele omite a referência aos animais sufocados; e em 15.20,29, acrescenta a Lei Áurea em forma negativa: "E seja o que for que não desejarem que aconteça a vocês, não façam estas coisas aos outros". As três exigências no texto Ocidental são que os cristãos gentios devem se abster da idolatria, da imoralidade e do sangue (isto é, assassinato). Eles devem observar também a Lei Áurea negativa. "Mas esta tradução dificilmente pode ser original, pois ela infere que foi preciso fazer uma advertência especial aos convertidos gentios contra pecados tais como assassinato, e que isso foi expresso na forma de se pedir a eles que se 'abstivessem' dele – o que é um tanto absurdo!"[48]

Por fim, o texto cesaréio elimina a referência à imoralidade sexual em 15.20,29. A omissão reflete possivelmente uma tentativa para evitar o embaraço de se agrupar uma lei moral junto com três leis relativas aos alimentos.[49]

A evidência coletiva parece favorecer a fraseologia que traz as quatro demandas (abster-se de comida maculada, de imoralidade, de carne estrangulada e do consumo de sangue). O Novo Testamento indica que as igrejas gentias cumpriram as injunções apostólicas durante um extenso período de tempo (veja, por exemplo, as referências em Ap 2.14,20.)

Palavras, Frases e Construções em Grego em 15.14-21

Versículos 14,15

ἐθνῶν λαὸν – note-se a justaposição desses dois substantivos: das nações pagãs (ἔθνη) Deus tomou um povo (λαός) para si.

τούτῳ – aqui está o neutro, e não o masculino, do pronome demonstrativo: "a este fato".

Versículo 17

καί – a conjunção é ascendente e deve ser traduzida como "até mesmo". A cláusula subseqüente a καί explica a cláusula precedente.

πάντα – "todos". Deus chama os gentios sem qualquer restrição.

---

48. Metzger, *Textual Commentary*, pp. 431-32.
49. Kirsopp Lake, "The Apostolic Council of Jerusalem", *Beginnings*, vol. 5, pp. 206-7.

Versículo 19

ἐγὼ κρίνω – a presença do pronome pessoal acrescenta ênfase de maneira que o verbo, agora habilitado, significa "eu, a meu ver, julgo".

μὴ παρενοχλεῖν – o infinitivo presente ativo precedido pela partícula negativa μή sugere que uma ação em progresso deve ser interrompida: "parem de perturbá-los".

Versículo 20

τοῦ απέχεσθαι – "abster-se de". O infinitivo presente médio junto com o artigo definido no caso genitivo denota uma cláusula de propósito. O verbo composto controla o caso genitivo dos substantivos em todas as quatro proibições.

Versículo 21

κηρύσσοντας αὐτον ἔχει – o sujeito do verbo principal *ter* é Moisés. O verbo principal está no tempo presente e descreve ação contínua.[50] O tempo presente do particípio ativo *pregado* expressa ação em progresso.

C. A Carta

15.22-35

1. *Os Mensageiros*

15.22

Ainda que Lucas deixe de relatar a reação da assembléia à proposta feita por Tiago, pelo contexto ficamos sabendo que o concílio aceitou as quatro estipulações apresentadas pelo apóstolo (vs. 28,29). Depois de adotar as recomendações, o grupo tinha de nomear homens que fossem capazes de transmitir os decretos apostólicos às igrejas gentias e compor a carta que encerrava tais decretos.

22. Então os apóstolos e presbíteros, junto com toda a igreja, decidiram escolher alguns de seus homens e enviá-los a Antioquia com Paulo e Barnabé. Eles escolheram Judas, chamado Barsabás, e Silas, homens que eram líderes entre os irmãos.

Fazemos as seguintes observações:

a. *Unidade* – No grego, Lucas mostra que a igreja primitiva pos-

50. Moule, *Idiom-Book*, p. 8.

suía dois grupos distintos de líderes: os apóstolos e os presbíteros.[51] Não podemos determinar quantos dos apóstolos se achavam presentes no concílio. Por alguma razão desconhecida, o concílio não nomeou apóstolos para informar a igreja em Antioquia acerca da decisão que havia sido tomada. Os apóstolos e presbíteros trabalham juntos com toda a igreja, isto é, com os representantes das congregações individuais presentes no Concílio de Jerusalém, e não somente com a igreja-mãe dessa cidade.

A decisão de enviar homens qualificados até Antioquia é importante porque esses homens devem transmitir e explicar as deliberações do concílio. Além do mais, eles devem pedir a igreja antioquense que aceite as decisões e mantenha a unidade da igreja. Sua tarefa é criar harmonia entre os crentes judeus que exigem a circuncisão e os cristãos gentios que demandam liberdade. Por isso o concílio chega a um acordo unânime de eleger homens capazes de cumprir essa tarefa. Eles não irão sozinhos; acompanharão Paulo e Barnabé.

b. *Nomeados* – O concílio nomeia dois homens, Judas Barsabás e Silas. O nome *Barsabás* quer dizer "filho de Sabás" (o presbítero) ou "filho do Sábado", isto é, nascido no sábado. A partir de outros escritos sabemos que Barsabás era um nome comum, porém no Novo Testamento ele aparece apenas aqui e em 1.23, onde José Barsabás é mencionado. Não sabemos se Judas e José são parentes, porque seus nomes aparecem somente em Atos. Lucas descreve Judas como um líder (v. 22) e um profeta (v. 32). O nome *Silas* é a forma abreviada de Silvano. Esse homem é reconhecido líder entre os crentes, profeta (v. 32), cidadão romano (16.37), pregador (2Co 1.19) e escritor que auxiliou Pedro na composição de sua primeira epístola (5.12). Ele acompanhou Paulo na segunda viagem missionária e é mencionado por último quando Paulo fundou a igreja em Corinto (18.5).[52]

Esses dois homens recebem a incumbência de entregar a carta, presumivelmente composta por Tiago. Apesar de Tiago não assinar a carta, conjecturamos que ele a tenha escrito. É evidente a semelhança entre sua fala perante o concílio e o conteúdo da carta. Entretanto, pela

51. Veja 15.2 (um artigo definido no grego junto com dois substantivos *apóstolos* e *presbíteros*), 4, 6, 22, 23; 16.4. Consultar Guthrie, *New Testament Theology*, p. 740.

52. Veja B. N. Kaye, "Acts' Portrait of Silas", *NovT* 21 (1979): 13-26.

fala, sabemos que os apóstolos e presbíteros aprovaram toda a fraseologia exato da epístola e são responsáveis por seu envio.

2. A *Mensagem*
15.23-29

23. Mandaram com eles esta carta:
"Os apóstolos e presbíteros, de seus irmãos aos irmãos gentios em Antioquia, Síria e Cilícia.
Saudações."

Por ser a carta endereçada à igreja em Antioquia, ela foi provavelmente escrita em grego. Não temos razão alguma para supor que o próprio Lucas tenha composto a carta, apesar de talvez ter tido acesso a uma cópia e poder incluí-la em sua narrativa. É plausível que Judas e Silas tenham auxiliado em sua composição.

Note-se que o tratamento difere daquele das epístolas escritas por Pedro e por Paulo. Entretanto, a Epístola de Tiago e a sua fala mostra alguma semelhança. Por exemplo, a palavra *saudações* aparece em ambas; o termo *irmãos*, que aparece duas vezes no discurso, é empregado quinze vezes por Tiago em sua epístola como forma de tratamento.[53]

É significativo o fato de que os apóstolos e presbíteros de Jerusalém se colocam no mesmo nível dos crentes gentios em Antioquia. A mensagem é de um grupo de irmãos em Cristo para outro. Portanto, o cabeçalho indica claramente que os apóstolos e presbíteros estão livres de discriminação racial.

Os remetentes se dirigem "aos irmãos gentios em Antioquia, Síria e Cilícia", embora muitos judeus cristãos fossem também membros da igreja antioquense. No entanto, os decretos apostólicos afetam os cristãos gentios que vivem em Antioquia, Síria e Cilícia (v. 41). Para ser exato, antes de 72 d.C. Antioquia era a capital da Síria e da parte leste da Cilícia.[54] Paulo e Silas também entregaram a carta às igrejas no sudeste da Galácia (16.4).

24. "Ouvimos dizer que algumas pessoas saíram de nosso meio sem nossas instruções. Elas os perturbaram com suas palavras e

53. Tiago 1.2, 16, 19; 2.1, 5, 14; 3.1, 10, 12; 4.11; 5.7, 9, 10, 12, 19.
54. E. M. B. Green, "Syria and Cilicia – A Note", *ExpT* 71 (1959): 52-53.

inquietaram a mente de vocês. 25. Assim nos pareceu bem, tendo chegado a um acordo, enviar alguns homens até vocês com nossos amigos Barnabé e Paulo, 26. homens que têm dedicado a vida em prol do nome do Senhor Jesus Cristo. 27. Portanto, enviamos Judas e Silas, os quais contarão, eles próprios, essas coisas verbalmente".

As duas primeiras sentenças dessa carta são reveladoras: elas declaram imparcialmente o problema que fez com que o Concílio de Jerusalém se reunisse, colocando a origem do problema sobre os ombros dos judaizantes desautorizados que tinham ido de Jerusalém até Antioquia. Essas sentenças declaram que os homens foram da igreja de Jerusalém, porém o fizeram por conta própria. Sem contar com a aprovação dos apóstolos e presbíteros, eles causaram transtorno na igreja antioquense com suas palavras sobre a circuncisão e a lei mosaica. Observe-se, entretanto, que a carta em si evita qualquer referência à circuncisão ou à lei. Com sua insistência no procedimento correto, esses judaizantes transtornam a mente dos cristãos gentios em Antioquia. Os apóstolos e presbíteros tornam claro que eles querem distância daqueles encrenqueiros (comparar com Gl 1.7; 5.10). Por implicação, eles advertem os crentes gentios a não darem ouvidos a esses judaizantes que procuram dividir ao invés de unificar a igreja.

"Assim nos pareceu bem." A sentença subseqüente da carta explica a unanimidade da liderança de Jerusalém: enviar alguns homens dali juntamente com Barnabé e Paulo, a fim de explicar as decisões tomadas pelo concílio. A colocação de palavras nessa sentença indica que os apóstolos e presbíteros dão grande importância ao envio de mensageiros junto com Barnabé e Paulo – eles mencionam Paulo por último porque ele não é tão conhecido quanto Barnabé. A intenção é mostrar que a iniciativa vem dos apóstolos e presbíteros, e não dos delegados antioquenses Barnabé e Paulo, que são descritos como "nossos amigos [e de vocês]". A carta revela que esses dois são tidos em alta estima, pois são "homens que têm dedicado a vida em prol do nome do Senhor Jesus Cristo" (veja 5.41). Os líderes de Jerusalém estão impressionados com a dedicação e o fervor desses dois apóstolos aos gentios. Certamente os missionários se fizeram benquistos à igreja em Jerusalém porque arriscaram a própria vida em prol do evangelho de Cristo (9.23-25; 14.19; 1Co 15.30).

Os homens que acompanham os missionários são Judas e Silas. Não é dada nenhuma outra identificação; são emissários que falarão por si mesmos. É possível que esses dois homens não fossem conhecidos da igreja antioquense. Eles são responsáveis por relatar oralmente os procedimentos do concílio e explicar as palavras da carta.

28. "Pois pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não colocar encargo sobre vocês mais do que estas coisas essenciais: 29. abster-se de coisas sacrificadas a ídolos, de sangue, de animais estrangulados e de fornicação. Se vocês se mantiverem afastados destas coisas, farão bem. Adeus."

A primeira palavra *pois* liga a decisão tomada pelo Concílio de Jerusalém à tarefa de Judas e Silas. A carta comunica que a decisão foi tomada pelo Espírito Santo e pela assembléia. Ela revela que os apóstolos, os presbíteros e a igreja estavam plenamente conscientes da presença do Espírito Santo para orientá-los e dirigi-los. O Espírito revelou o que os líderes da igreja deveriam dizer e fazer. Por exemplo, em ocasião anterior Pedro disse: "Nós somos testemunhas destas coisas, bem como o Espírito Santo, que Deus concedeu aos que lhe obedecem" (5.32, NVI). E alguns anos mais tarde Paulo foi compelido pelo Espírito a ir a Jerusalém (20.22).[55]

Orientada pelo Espírito Santo, a assembléia tem liberdade para dizer que os cristãos gentios não necessitam ser sobrecarregados com várias exigências perfeitamente dispensáveis. Observe-se, então, que a carta se cala acerca da questão da circuncisão, que causara a reunião do concílio (vs. 1, 5). Não é dito nada a respeito das leis cerimoniais que os cristãos judeus continuavam a observar. E não é feita referência alguma sobre a guarda do sábado como o último dia da semana. A parte essencial para a salvação deles é sua fé em Deus.

A carta especifica que os cristãos gentios devem cumprir as quatro regras expressas na forma negativa: abster-se de alimentos sacrificados oferecidos aos ídolos, do sangue, da carne de animais estrangulados e da imoralidade sexual. Essas quatro estipulações, entretanto, não foram dadas como uma lei universal aplicada a todos os cristãos de todos os tempos. Antes, as proibições devem ser vistas à luz do desejo

55. Consultar Morris, *New Testament Theology*, p. 194.

do concílio de manter a união e a harmonia entre os judeus cristãos e os crentes gentios. De outro lado, nenhum cristão, quer judeu quer gentio, faz objeção à primeira estipulação relacionada à sua lealdade a Jesus Cristo. Em seguida, o cristão que procura viver de acordo com a lei de Deus, instintivamente se abstém da imoralidade sexual. E por fim, as prescrições para não se comer carne de animais estrangulados e não consumir sangue constituem regras gerais de higiene que os judeus, por incontáveis séculos, tinham observado a fim de proteger seu próprio bem-estar físico.

"Abster-se de coisas sacrificadas a ídolos." Numa carta aos coríntios Paulo discute essa exigência, se bem que em fraseologia diferente e num outro contexto (1Co 8.4-10, 13; 10.1-22). Havia sido pedido ao apóstolo para dar seu conselho a respeito do consumo de alimentos sacrificados aos ídolos. Na situação em Corinto, Paulo não se refere à comida que era retirada dos templos pagãos e vendida ao público geral na praça do mercado. Ele alude a "comer alimentos do sacrifício das refeições cultuais nos templos pagãos".[56] Contudo, a regra geral decretada pelo Concílio de Jerusalém se aplica aos cristãos gentios de toda a parte.

A seqüência das quatro exigências difere levemente da proposta feita por Tiago durante a reunião do concílio: a fornicação aparece na carta em último lugar (v. 29), mas está em segundo na fala de Tiago (v. 20). Na mensagem escrita, as três primeiras estipulações foram agrupadas como regulamentações concernentes aos alimentos, ao passo que a última é uma injunção moral.[57]

Essas quatro regras são conhecidas como os decretos apostólicos, que terminam com a admoestação: "Se vocês se mantiverem afastados destas coisas, farão bem". Pela observação dessas regras, os cristãos gentios não devem pensar que podem ganhar sua salvação. Deus concede a salvação somente pela graça. No entanto, ele deseja que seu povo faça (isto é, pratique) as coisas certas. A carta termina com a costumeira saudação da época: "Adeus".

---

56. Gordon D. Fee, *The First Epistle to the Corinthians*, New International Commentary na série New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1987), p. 359.

57. Para as variações textuais do versículo 29, veja-se a **Observação Textual em 15.20** depois da explicação do versículo 21. Veja também M. Simon, "The Apostolic Degree and Its Setting in the Ancient Church", *BJRUL* 52 (1970): 437-60.

Considerações Doutrinárias em 15.23-29

Quando Pedro e João foram enviados para Samaria pelos apóstolos, eles oraram com os crentes samaritanos e pediram a Deus que enviasse seu Espírito sobre eles. Os cristãos judeus aceitaram os crentes em Samaria porque estavam a somente um passo deles. Os samaritanos tinham pelo menos os cinco primeiros livros do Antigo Testamento; adoravam a Deus no Monte Gerizim (Jo 4.20-23); e ouviram Jesus pregando em Sicar (Jo 4.40-42).

Mas quando os cristãos gentios pediram para serem admitidos no seio da igreja, os apóstolos e presbíteros reuniram a igreja numa grande assembléia. Os cristãos judeus tinham de tomar uma importante decisão: exigir que todo gentio se tornasse judeu antes de poder ser cristão, ou preservar a unidade da igreja e admitir os crentes gentios como membros plenos sem quaisquer pré-condições. O concílio escolheu a segunda opção. Recomendaram que os gentios observassem quatro exigências, três pertinentes às leis relativas à dieta e uma ligada à moralidade.

Mediante a direção firme do Espírito Santo, os apóstolos e presbíteros permitiram que o evangelho fosse avante sem embaraços para o judeu e para o gentio. Devido ao parecer de longo alcance do Concílio de Jerusalém, as igrejas gentílicas continuaram crescendo e se desenvolvendo. Essas igrejas proporcionaram orientação e liderança, à medida que o segmento judeu começava a diminuir e desaparecer. Conseqüentemente, todas as igrejas gentias devem sua origem à decisão tomada pelo Concílio de Jerusalém.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 15.23-29

Versículo 23

γράψαντες – gramaticalmente, este particípio aoristo ativo não tem nenhuma ligação com o contexto precedente. Traduzido por “tendo escrito”, ele se posta sozinho e é chamado de nominativo absoluto.

διὰ χειρός – semitismo traduzido do hebraico para o grego, a expressão significa simplesmente “por”.[58]

ἀδελφοί – sem um artigo definido, este substantivo se justapõe aos

58. No grego, veja 2.23; 5.12; 7.25; 11.30; 14.3; 19.11,26.

substantivos articulares *apóstolos* e *presbíteros* e deve ser traduzido por "seus irmãos".

τὴν Ἀντιόχειαν – note-se que um só artigo definido τὴν se aplica a três substantivos: os nomes da cidade de Antioquia e das províncias da Síria e Cilícia.[59]

χαίρειν – aqui está o infinitivo absoluto em vez do infinitivo imperativo. Ele expressa um desejo, e não uma ordem.

Versículos 24,25

ἀνασκευάζοντες – "inquietador". Embora este seja um particípio presente, em força ele é idêntico ao verbo principal no indicativo aoristo (ἐτάραξαν, perturbado).

ἔδοξεν – vindo de δοκέω (eu penso, parece), a forma é impessoal no aoristo na terceira pessoa do singular, "pareceu bem" (vs. 22,25,28).

Versículo 27

διὰ λόγου – a combinação da preposição com o substantivo ("palavra") equivale ao advérbio *oralmente*.

ἀπαγγέλλοντας – o particípio presente expressa propósito. Judas e Silas foram enviados "para relatar", isto é, "para explicar".

Versículo 28

πλήν – advérbio usado como preposição que controla o caso genitivo, ele significa "exceto". Numa sentença que tem um adjetivo comparativo (πλέον, maior), o emprego de uma preposição com o genitivo é redundante.

τῶν ἐπάναγκες – o caso genitivo depende da preposição precedente ("exceto"). No entanto, a palavra επάναγκες gramaticalmente não é um substantivo, mas um advérbio que significa "necessariamente". Na tradução o advérbio se torna substantivo ("coisas necessárias"). Este advérbio aparece apenas uma vez no Novo Testamento.

Versículo 29

ἀπέχεσθαι – veja-se a explanação do versículo 20. Aqui falta ao infinitivo o artigo definido.

---

59. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 787.

εἰδωλοθύτων – o caso genitivo deste substantivo depende do verbo precedente que requer um genitivo de separação.

διατηροῦντες – a forma composta se intensifica com o verbo ("cumprir cuidadosamente").[60] O particípio presente ativo é condicional: "se você cumprir/guardar".

3. *O Efeito*

15.30-35

A tarefa dos dois emissários Judas e Silas é grandemente facilitada pela apresentação que Paulo e Barnabé fazem deles na igreja de Antioquia. Entretanto os dois homens que foram comissionados pelo Concílio de Jerusalém têm plena autoridade para entregar a carta e explicá-la. Aliás, em sua segunda viagem missionária, Paulo e Silas lêem esta carta para o povo ao viajarem de cidade em cidade pela Síria, Cilícia e Galácia (16.4).

30. Então os homens que partiram desceram a Antioquia, e tendo reunido a multidão, entregaram a carta. 31. Quando leram a carta, eles se regozijaram por causa de sua mensagem encorajadora.

Lucas não dá indicação alguma de que os missionários tenham visitado as igrejas em Samaria e Fenícia, como o fizeram em sua ida para Jerusalém (v. 3). Porém é possível que Paulo, Barnabé e os outros tenham viajado na direção norte ao longo da área costeira e comunicado a mensagem do concílio às igrejas ao longo do caminho. Quando os mensageiros chegam a Antioquia, eles reúnem toda a igreja dessa cidade e entregam a carta aos seus líderes. Esses oficiais da igreja lêem o comunicado vindo do Concílio de Jerusalém na presença de todos. Agora os crentes gentios ficam sabendo, em primeira mão, que o concílio adotou o ponto de vista de Paulo e Barnabé, rejeitando as exigências dos judeus cristãos que pertenciam ao partido dos fariseus (v. 5). O efeito da carta e a explicação satisfatória dada por Judas e Silas é motivo de alegria e regozijo no coração dos crentes. Indubitavelmente Paulo e Barnabé também proferem suas palavras de critério e esclarecimento. Em suma, o povo se sente encorajado pela carta e pelas pala-

60. Thayer, p. 142.

vras dos mensageiros.[61] Aparentemente eles não fazem nenhuma objeção às quatro estipulações colocadas pelo concílio. Assim como os cristãos em Jerusalém, eles também desejam manter a unidade da igreja; dessa maneira estão dispostos a fazer a sua parte e promover a harmonia e a paz.

32. Judas e Silas, que também eram profetas, encorajaram e fortaleceram os irmãos com muitas palavras. 33. Depois de terem passado algum tempo ali, partiram deixando os irmãos em paz, e retornaram àqueles que os haviam enviado.

A razão do concílio em escolher Judas e Silas como emissários a Antioquia é óbvia. Primeiro, esses dois falam o grego fluentemente, de modo que são capazes de se dirigir aos cristãos gentios nessa língua. Em segundo lugar, eles são profetas que usam seu dom de pregar para encorajar e fortalecer os crentes em Antioquia.[62] Sabemos que a igreja ali já possuía vários profetas, entre os quais se encontravam Barnabé e Paulo (13.1). Lucas está plenamente ciente desse fato, mas nesse versículo ele chama a atenção para os dois profetas de Jerusalém que vieram para encorajar e fortalecer os crentes antioquenses. Esses dois prosseguem com sua tarefa e, oralmente, tornam conhecidas as riquezas da salvação em Cristo.

Judas e Silas ficam em Antioquia durante algum tempo e continuam seu ministério da pregação. Ali estão, por assim dizer, a serviço da igreja antioquense. E conforme o texto indica (v. 33), os irmãos dali os enviaram de volta ao corpo que os havia comissionado. Numa curta cláusula, Lucas descreve o relacionamento entre os dois profetas e a igreja em Antioquia: "Partiram deixando os irmãos em paz". A expressão *em paz* é, na realidade, uma forma de despedida comumente usada naquela época.[63]

Por Silas estar presente em Antioquia quando Paulo começa sua

61. O grego traz a palavra *paraklēsis*, que pode significar "consolação" (KJV), "exortação" (RSV) ou "encorajamento" (NKJV). Entretanto os tradutores preferem a última opção. Comparar com 13.15.

62. Veja Everett F. Harrison, *The Apostolic Church* (Grand Rapids: Eerdmans, 1985), p. 134.

63. Veja Ronald F. Youngblood, "Peace", *ISBE*, vol. 3, p. 733. E comparar com Marcos 5.34; Lucas 7.50; 8.48; Atos 16.36; 1 Coríntios 16.11; Tiago 2.16 (NASB).

segunda viagem missionária, copistas de séculos posteriores na era cristã acrescentam notas explicativas que foram incorporadas ao texto. Por exemplo, um texto grego traz a seguinte tradução: "No entanto, pareceu bem a Silas permanecer ali" (NKJV). Outro traz um acréscimo um pouco maior: "Mas pareceu bem a Silas que eles permanecessem, e Judas viajou sozinho" (texto ocidental).[64] Os estudiosos são da opinião de que essas observações não constam do original; por essa razão eliminam o versículo 34.

35. Paulo e Barnabé permaneceram em Antioquia, ensinando e pregando com muitos outros a palavra do Senhor.

A partir do texto grego ficamos sabendo que Paulo e Barnabé continuaram sua estada em Antioquia e assim reassumiram o trabalho que realizavam antes de sua jornada a Chipre e Ásia Menor (11.26; e veja 13.1; 14.28). Eles têm um ministério completo de ensino e pregação, realizando esse trabalho junto com muitos outros. Eles ensinam ao povo a palavra do Senhor, de modo bastante semelhante ao empregado pelos apóstolos em Jerusalém nos tempos iniciais (2.42; 5.42). Em vista do talento de liderança presente na igreja de Antioquia, devemos dizer que foi essa cidade, e não Jerusalém, a que se tornou gradualmente o centro para o crescimento eclesiástico, de desenvolvimento e de alcance missionário.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 15.30-33

Versículo 30

οἱ μὲν οὖν – juntamente com Judas, Silas, Paulo e Barnabé, encontravam-se também alguns outros de Antioquia (v. 2).

τὸ πλῆθος – "multidão". No contexto, por vezes esta palavra significa "a igreja" (6.2,5; 15.12).

Versículo 32

διὰ λόγου πολλοῦ – a preposição διά expressa circunstância concomitante e transmite um sentido preciso: "bastante (com muita conversa)".[65]

---

64. Metzger, *Textual Commentary*, p. 439.
65. Moule, *Idiom-Book*, p. 57.

O Codex Bezae suplementa o texto. Depois do particípio presente ὄ ντες ele acrescenta: "cheios do Espírito Santo". Este manuscrito em especial inclui muitas referências ao Espírito Santo (veja 11.16; 15.7,29; 19.1; 20.3).

Versículo 33

ἀπελύθησαν – o passivo aoristo de ἀπολύω (eu despeço) sugere que a igreja antioquense seja o agente.

Todos os principais manuscritos trazem: "àqueles que os enviaram". Os textos Receptus e Majoritário preferem a versão mais curta *aos apóstolos*.[66] Entretanto, diante do contexto mais amplo (apóstolos, presbíteros e a igreja em sua totalidade, v. 22), falta o apoio necessário à versão mais curta.

36. Depois de algum tempo Paulo disse a Barnabé: "Retornemos e visitemos os irmãos em cada cidade onde pregamos a palavra do Senhor e vejamos como eles estão". 37. Mas Barnabé queria levar João, também chamado Marcos, com eles. 38. Paulo insistiu que eles não deveriam levá-lo junto, porque ele os havia deserdado na Panfília e não os tinha acompanhado naquele trabalho. 39. E se levantou desacordo tão acentuado que eles se separaram. Barnabé levou Marcos consigo e navegou para Chipre. 40. Ao passo que Paulo escolheu Silas e partiu, encomendado pelos irmãos à graça do Senhor. 41. Paulo passou pela Síria e Cilícia, fortalecendo as igrejas.

VII. A Segunda Viagem Missionária

15.36–18.22

A. Revisitando as Igrejas

15.36–16.5

Como historiador, Lucas traça o desenvolvimento da igreja cristã e descreve como os resultados da primeira viagem missionária de Paulo levaram à reunião do Concílio de Jerusalém. Durante a primeira incursão de Paulo dentro de território gentio, inúmeros deles abraçaram a fé, mas não foram bem recebidos por alguns dos judeus membros da igreja. Depois do Concílio de Jerusalém, Paulo começa sua segunda viagem tendo em mãos os decretos apostólicos (veja 16.4) e recebe abertamente os cristãos gentios como membros plenos.

66. Arthur L. Farstad e Zane C. Hodges, *The Greek New Testament According to the Majority Text* (Nashville: Nelson, 1982), p. 428.

Nem todos os presentes ao Concílio de Jerusalém concordaram com as decisões que foram tomadas. Na verdade, alguns judaizantes seguiram Paulo e Barnabé a Antioquia e foram até às igrejas da Galácia. Em todos esses lugares, eles desconsideravam os decretos apostólicos e exigiam dos gentios convertidos a circuncisão e a rígida adesão à lei levítica.[67]

Segundo Paulo, Pedro foi a Antioquia, comeu com os cristãos gentios, e dessa maneira apoiava completamente as decisões feitas pelo Concílio de Jerusalém (Gl 2.12). Entretanto, quando alguns homens vieram da parte de Tiago, Pedro foi influenciado por eles e decidiu não mais ter comunhão à mesa com os cristãos gentios. A referência a Tiago não quer dizer que ele tivesse delegado esses homens para semear discórdia na igreja de Antioquia. "Muito mais natural pareceria a explicação de que eles vieram da igreja de Jerusalém, igreja na qual Tiago ocupava uma posição de especial proeminência."[68] Tudo parece indicar que essas pessoas eram da mesma laia dos que anteriormente insistiram em fazer da circuncisão um pré-requisito para a salvação (v. 1). Quando chegaram a Antioquia, eles foram capazes de influenciar não somente Pedro, mas também outros cristãos judeus, inclusive Barnabé (Gl 2.13). Paulo imediatamente percebeu a hipocrisia deles, e abertamente repreendeu Pedro e lhe disse para abandonar o erro de seu comportamento. Paulo não revelou o que ele disse a Barnabé, mas deduzimos que se lhe dirigiu de forma semelhante.

Num certo sentido, Paulo permaneceu sozinho no caminho certo. Quem sabe, de sua perspectiva, esse incidente tenha afetado desfavoravelmente o esplêndido relacionamento que havia existido entre ele e Barnabé. E mais, esse episódio provavelmente levou ao forte desacordo que resultou no rompimento entre esses dois amigos (v. 39). Sabemos que a recusa de Paulo em levar João Marcos na segunda viagem missionária surgiu da decisão que Marcos tomou de deserdar Paulo e Barnabé. Mas supomos que Paulo tinha outras razões para seu descontentamento com Marcos. Infelizmente, falta-nos evidência factual acerca de quais podem ter sido essas razões.

---

67. Comparar Gálatas 2.11,12; 3.10-12; 5.2-3; 6.12.

68. Hendriksen, *Galatians*, p. 93. Consultar ainda Herman N. Ridderbos, "Galatians, Epistle to the", *ISBE*, vol. 2, pp. 382-83.

1. *A Separação*

15.36-41

36. Depois de algum tempo Paulo disse a Barnabé: "Retornemos e visitemos os irmãos em cada cidade onde pregamos a palavra do Senhor e vejamos como eles estão".

Não podemos determinar quanto tempo os missionários ficaram em Antioquia. Provavelmente permaneceram ali durante vários meses – no texto grego Lucas emprega a referência geral *depois de algum tempo*. Entretanto, as necessidades espirituais das igrejas recém-fundadas na Ásia Menor estavam na mente e nas orações de Paulo e Barnabé. Enquanto o Espírito Santo iniciara a primeira viagem missionária, o plano de retornar à Ásia Menor surgiu com Paulo, isto é, o chamado de Paulo para ser apóstolos dos gentios não acabou depois do término da primeira viagem: uma vez missionário, sempre missionário! Além do mais, seu chamamento de vida não era para ministrar às necessidades espirituais dos crentes de Antioquia, mas às dos gentios na Ásia Menor, Grécia e Itália.[69]

Paulo se dirige a Barnabé como seu parceiro em missão e lhe sugere que voltem aos crentes nas várias cidades onde haviam anteriormente pregado o evangelho. Ele chama os crentes de irmãos que tinham ouvido "a palavra do Senhor", e sugere que esses cristãos gentios necessitam de orientação pastoral, conselho e ajuda. Por todo o livro de Atos, Lucas intercambia os termos *palavra de Deus* e *palavra do Senhor* (veja, por exemplo, 8.14,25).

37. Mas Barnabé queria levar João, também chamado Marcos, com eles. 38. Paulo insistiu que eles não deveriam levá-lo junto, porque ele os havia deserdado na Panfília e não os tinha acompanhado naquele trabalho.

Barnabé concorda com a sugestão de Paulo, mas acrescenta que Marcos deveria acompanhá-los. Primeiro, lembremos que Barnabé e Marcos eram primos (Cl 4.10). Em segundo lugar, apesar de Marcos ter deixado os missionários durante sua viagem à Ásia Menor e ter retornado a Jerusalém, deduzimos que agora ele viajara até Antioquia e desejava servir Paulo e Barnabé novamente como seu auxiliar. Bar-

69. Grosheide, *Handelingen der Apostelen*, vol. 2, p. 71.

nabé queria dar uma segunda chance a Marcos para que ele pudesse provar ser um companheiro digno. E em terceiro, no início da primeira viagem missionária, Barnabé era o líder que aparecia em primeiro lugar em importância (13.1,7). Porém quando a segunda viagem é planejada, Paulo está no comando e reage negativamente à sugestão para levar João Marcos junto consigo.

Muitas pessoas nos tempos do século 1º tinham dois nomes: um aceitável aos gregos e romanos, e o outro que refletia a herança semítica da pessoa (por exemplo, Mateus e Levi, Paulo e Saulo). De igual modo, João Marcos parece ter sido chamado de João por seus amigos judeus, porém era conhecido por Marcos no mundo gentílico. No império romano o nome *Marcus* (Marcos) era bastante comum. Pela mesma razão, Lucas enfatiza esse nome duplo: ele indica três vezes que João é também chamado Marcos (12.12,25; 15.37).

Quando Lucas escreve o Livro de Atos, ele considera Marcos como amigo e companheiro na pregação e ensino do evangelho de Cristo (Cl 4.10,14; Fm 24). Ele tem dificuldade em relatar que Marcos foi o objeto da contenda que levou à separação entre Paulo e Barnabé. É compreensível que Lucas meramente declare o essencial e exclua os detalhes. Ele registra a controvérsia, mas não delineia as causas básicas. Portanto podemos indagar se Paulo não foi muito duro quando Barnabé, que havia se distinguido como um encorajador (4.36; 9.27; 11.24,25), falou em favor de Marcos. Não deveria Paulo ter demonstrado um espírito de perdão e reintegrado Marcos como companheiro no trabalho? Todavia, da perspectiva de Paulo, Marcos rompera seu compromisso de ser um servo ligado a Jesus Cristo, quando abandonou os missionários e voltou para Jerusalém (13.13).[70] Devemos responder que Paulo duvidou que Marcos poderia trabalhar como missionário que, não importa as conseqüências, havia dedicado sua vida a Cristo.

"Paulo insistiu[71] que eles não deveriam levá-lo [Marcos] junto." Ele considera Marcos inapto para a tarefa que jaz diante deles. Pelas cartas de Paulo sabemos que aconteceu a reconciliação e que Paulo até

70. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 2, p. 62.
71. Bauer, p. 78.

mesmo recomendou Marcos para a igreja de Colossos (Cl 4.10). Ao final de sua vida, Paulo pede que Marcos vá até a sua cela na prisão de Roma. Ele acrescenta que o rapaz lhe foi útil no ministério (2Tm 4.11). Além disso, Pedro o chama de filho (veja 1Pe 5.13).

Em outras palavras, Marcos possui as qualificações necessárias, mas Paulo ainda não está convencido disso. O grego indica que Paulo ficou insistindo para que não levassem Marcos porque ele os havia deserdado na Panfília e não os acompanhara a Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe.

39. E se levantou desacordo tão acentuado que eles se separaram. Barnabé levou Marcos consigo e navegou para Chipre.

Lucas emprega linguagem forte quando relata o rompimento da relação entre Paulo e Barnabé. No grego, a expressão traduzida por "desacordo acentuado" vem de uma palavra que significa "provocar à ira" (veja 17.16; 1Co 13.5).[72] Lucas apenas registra o fato, mas deixa sua interpretação por conta do leitor. Nesse versículo ele menciona Barnabé pela última vez ao escrever que este e Marcos navegam para Chipre.

Não obstante, Paulo não cultiva nenhuma animosidade prolongada, pois em suas epístolas ele redige palavras de apreciação. Pergunta aos Coríntios se ele e Barnabé têm o direito de trabalhar num ofício (1Co 9.6). E se asseverarmos que Paulo escreveu aos Gálatas estando em Corinto durante sua segunda viagem missionária, lemos que o apóstolo não denigre Barnabé, mas simplesmente menciona seu nome (Gl 2.13).

Barnabé e Marcos partem para Chipre, que é a terra natal de Barnabé e talvez também a de Marcos. Lucas não relata que a igreja em Antioquia os tenha encomendado à tarefa em questão (apesar de isso poder ter acontecido). Ele simplesmente observa que os dois missionários partiram para Chipre.

40. Ao passo que Paulo escolheu Silas e partiu, encomendado pelos irmãos à graça do Senhor. 41. Paulo passou pela Síria e Cilícia, fortalecendo as igrejas.

Na providência de Deus, não uma equipe de missionários, mas duas

72. Heinrich Seesemann, *TDNT*, vol. 5, p. 857.

equipes partem de Antioquia. Mesmo se não soubermos nada acerca do resultado do trabalho desempenhado por Barnabé e Marcos, ainda assim vemos o cuidado maravilhoso de Deus pelos crentes de Chipre. Deus também atende às necessidades dos cristãos da Ásia Menor, enviando Paulo e Silas para ali.

O nome *Silas* tem seu correlato na forma latina *Silvanus*. O nome mais curto estava em voga entre o povo judeu porque parecia estar relacionado ao nome *Saulo*. No texto grego, tanto Paulo quanto Pedro preferem a forma mais longa.[73] " À semelhança de Paulo (também chamado Saulo), Silas provavelmente usava ambos os nomes e os tinha desde o nascimento".[74] Paulo havia se familiarizado com Silas no Concílio de Jerusalém (v. 22) e havia viajado com ele para Antioquia. Com sua habilidade de pregar (v. 32) e sua posição como cidadão romano (16.37), Silas passou a ser o principal candidato para acompanhar Paulo em sua segunda viagem missionária.

O relacionamento entre Paulo e Silas é diferente do de Paulo e Barnabé. Lucas nunca chama Silas de apóstolo, porém se refere duas vezes ao apóstolo Barnabé. Silas acompanhou Paulo não como um igual, mas como um subordinado. Por outro lado, Paulo sempre considerou Barnabé como seu igual, e em tempos anteriores, como seu líder e mentor.

A igreja antioquense encomenda Paulo e Silas "à graça do Senhor". Aliás, ela comissiona os dois para essa segunda viagem missionária. Entretanto, dessa vez Paulo está planejando somente visitar os crentes nas cidades onde ele e Barnabé haviam pregado o evangelho. Depois de encomendar os missionários à graça do Senhor, os irmãos em Antioquia os enviaram no seu caminho.

Essa segunda viagem missionária demonstra ser bem mais significativa do que a primeira de Paulo: ele leva o evangelho do continente asiático para o europeu, ao deixar finalmente a Ásia Menor e viajar para a Macedônia.

Lucas é sucinto em sua descrição da visita de Paulo às igrejas da Síria e Cilícia. Em primeiro lugar, a rota conduz a Tarso, que é o lar de

73. 2 Coríntios 1.19; 1 Tessalonicenses 1.1; 2 Tessalonicenses 1.1; 1 Pedro 5.12.
74. Robert C. Campbell, "Silas", *ISBE*, vol. 4, p. 509.

Paulo. Em segundo, Silas é o portador da carta e capacitado a explicar os decretos apostólicos às várias igrejas que eles visitam. E por fim, a passagem nas montanhas, os Portões Cicilianos, que permitiam o acesso da Cilícia ao norte e leste, devia ser segura o suficiente, de modo que Paulo e Silas puderam viajar de Derbe até Listra.

Considerações Práticas em 15.36-41

Desde a reforma do século 16, a igreja tem sofrido inúmeras divisões ao longo das linhas denominacional, cultural, geográfica, nacionalista, lingüística, doutrinária, eclesiástica ou administrativa. As justificativas para as cisões revelam, muitas vezes, uma declaração de apego à verdade a expensas da unidade. A oração de Jesus para a unidade da igreja "para que eles sejam um" (Jo 17.22, NVI), é com freqüência ignorada, infelizmente. A separação parece ser a regra e a unificação parece ser a exceção. A fusão acontece muitas vezes somente depois de anos de consultas e retrospectos, ao passo que as divisões surgem com surpreendente rapidez.

Às vezes surgem controvérsias eclesiásticas, não de questões doutrinárias, mas de conflitos de personalidade. O choque entre Paulo e Barnabé é um caso desses. Ninguém, além de Paulo, devia mais a Barnabé, por tê-lo apresentado aos apóstolos em Jerusalém (9.27), por convidá-lo para ensinar em Antioquia (11.25,26) e por proporcionar companheirismo em Chipre e na Ásia Menor. Na igreja de Jerusalém, os apóstolos tinham chamado Barnabé de "filho do encorajamento" (4.36). Barnabé, por seu turno, dependia de Paulo para liderar, pregar, ensinar e exortar. Barnabé sabia que Paulo tinha visão e se atinha a princípios.

Todavia, ambos eram humanos, conforme eles próprios disseram em Listra (14.15).[75] Eles permitiram que a raiva atrapalhasse uma amizade e que a amargura causasse divisão. Apesar do cuidado e da providência de Deus em usar esse incidente para o avanço do evangelho, Paulo e Barnabé foram obrigados a viver com as tristes lembranças de um rompimento que ambos preferiam ter evitado.

Promovemos nós união a expensas da verdade? De forma alguma. Conforme coloca um escritor anônimo: "Quando a Bíblia fala a respeito da unidade da igreja, não fala de unidade a expensas da verdade, mas com base nela".

75. Bruce, *Book of the Acts*, p. 301.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 15.36-41

Versículo 36

ἐπιστρέψαντες – este particípio aoristo assume a mesma função do verbo principal ἐπισκεψώμεθα (subjuntivo aoristo ativo). Juntos eles transmitem o sentido do subjuntivo exortativo: " Retornemos e visitemos".

αἷς – o antecedente deste pronome relativo no feminino plural é o substantivo singular πόλιν (cidade). É empregado separadamente com a preposição κατά (em [toda cidade]).[76]

Versículos 37,38

συμπαραλαβεῖν – "levar junto/consigo". Este é o aoristo de constatação, isto é, refere-se à ação em sua totalidade.[77] Note-se que Lucas emprega o mesmo verbo, mas no tempo presente no versículo 38.

O tempo imperfeito no verbo principal de ambos os versículos – ἐβού λετο (desejava) e ἠξίου (insistia) – indica que a altercação não estava limitada a um lampejo momentâneo de raiva.

Versículo 39

ὥστε – com o infinitivo aoristo passivo ἀποχωρισθῆναι (separar) o advérbio expressa resultado real: "de forma que eles se separaram".[78]

Versículo 41

διήρχετο – o imperfeito descritivo do verbo διέρχομαι (eu passo por) descreve Paulo e Silas visitando e fortalecendo as igrejas.

O Codex Bezae acrescenta uma cláusula: "entregando [a eles] as ordens dos presbíteros".[79] Mas a autenticidade desse acréscimo é comprometida por paralelos nos versículos 22 e 23 e em 16.4.

76. Moule, *Idiom-Book*, pp. 59-60.
77. H. E. Dana e Julius R. Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament* (1927; Nova York: Macmillan, 1967), p. 196.
78. Robertson, *Grammar*, p. 1091.
79. Metzger, *Textual Commentary*, p. 440.

Sumário do Capítulo 15

Na igreja de Antioquia, alguns homens da Judéia ensinam que os crentes devem ser circuncidados e seguir a lei de Moisés antes de poderem ser salvos. Paulo e Barnabé fazem objeção a esse ensinamento. A igreja antioquense os nomeia e a outros a apresentarem essa questão aos apóstolos e presbíteros em Jerusalém. A caminho, a delegação viaja pela Fenícia e Samaria e relata às igrejas acerca da conversão dos gentios. E em Jerusalém seus membros relatam a obra que Deus realizara por intermédio dos missionários.

Os apóstolos e presbíteros se reúnem para discutir a questão da circuncisão e obediência à lei de Moisés. Pedro se lhes dirige e lembra o trabalho que Deus está realizando no meio dos gentios. Ele declara que Deus não faz distinção alguma entre judeus e gentios. Logo, o jugo da lei, que nem mesmo os judeus conseguem suportar, não deve ser imposto sobre os gentios. A salvação é por meio da graça de Jesus Cristo.

Depois de Paulo e Barnabé terem falado, Tiago se dirige à assembléia e declara que ele concorda com a apresentação de Pedro. Tiago faz menção ao ensino da Escritura e então sugere que se peça aos gentios que se abstenham de alimentos impuros, da fornicação, da carne de animais que forem estrangulados e do sangue. Todo o concílio aprova sua sugestão e nomeia Judas e Silas para acompanharem Paulo e Barnabé até Antioquia e entregar a carta do concílio. Em Antioquia, o povo recebe a carta, ouve a sua leitura e fica contente. Judas e Silas partem, mas Paulo e Barnabé permanecem.

Paulo e Barnabé trocam palavras de desacordo porque João Marcos, que abandonara os missionários na Panfília, agora deseja acompanhá-los. Sua discórdia resulta em separação, de modo que Barnabé leva Marcos e vai para Chipre. Paulo toma Silas e visita as igrejas na Síria e Cilícia.

16

A Segunda Viagem Missionária

Parte 2

16.1-40

ESBOÇO (continuação)

16.1-5	2. Derbe e Listra
16.6-17.15	B. Macedônia
16.6-10	1. Chamado Macedônio
16.11-40	2. Filipos
16.11,12a	a. Chegada
16.12b-15	b. Adoração
16.16-18	c. Exorcismo
16.19-21	d. Aprisionamento
16.22-24	e. Espancamento
16.25-30	f. Terremoto
16.31-34	g. Salvação
16.35-40	h. Partida

Capítulo 16

ATOS 16.1-5

16 1. Paulo chegou a Derbe e Listra, onde morava um certo discípulo chamado
Timóteo. Sua mãe era uma crente judia e seu pai um grego. 2. Ele era alta-
mente respeitado pelos irmãos em Listra e Icônio. 3. Paulo queria que Timóteo o
acompanhasse, de modo que o tomou e o circuncidou, porque os judeus daqueles
lugares sabiam que seu pai era grego.

4. À medida que viajavam de cidade em cidade, entregavam as decisões que
haviam sido tomadas pelos apóstolos e presbíteros em Jerusalém e as quais as
pessoas deviam observar. 5. Assim as igrejas eram fortalecidas na fé e diariamente
cresciam em número.

---

2. Derbe e Listra

16.1-5

Nessa seção, Lucas introduz Timóteo, que passa a ser um dos companheiros de trabalho de Paulo, e relata a entrega dos decretos apostólicos às igrejas. Ele omite detalhes pertinentes à viagem e à acolhida de Paulo em Derbe e Listra. Em lugar disso, registra o desenvolvimento e crescimento das igrejas.

1. Paulo chegou a Derbe e Listra, onde morava um certo discípulo chamado Timóteo. Sua mãe era uma crente judia e seu pai um grego. 2. Ele era altamente respeitado pelos irmãos em Listra e Icônio.

O enfoque de Lucas está sobre Paulo, a quem retrata como o encarregado da missão. Apesar de Silas ser companheiro de viagem do apóstolo, Lucas não o menciona até seu registro de que esses dois missionários são aprisionados em Filipos (v. 19). Ele narra brevemente que Paulo chega em Derbe (comparar com 14.6,20) e mais tarde em Listra (veja 14.6,8), cidade localizada a noroeste de Derbe.

Listra é a terra natal de Timóteo (comparar com 20.4), cuja mãe era judia e cujo pai era grego. Lucas observa que Timóteo era um discípulo, isto é, um cristão, e que sua mãe era crente. Por uma outra fonte sabemos que a sua mãe Eunice e a avó Lóide demonstravam fé sincera e ensinaram Timóteo, desde a infância, as Sagradas Escrituras (2Tm 1.5; 3.15). É possível que Eunice e Lóide tivessem se tornado cristãs quando Paulo e Barnabé pregaram o evangelho em Listra durante sua primeira viagem missionária. Elas, por sua vez, instruíram Timóteo que, a despeito de sua juventude, era tido em alta estima pelos crentes, tanto em Listra como em Icônio. Paulo parece ter conhecimento pessoal da família de Timóteo, pois ele menciona sua mãe e sua avó pelos nomes.

Paulo adotou Timóteo como seu filho espiritual.[1] O rapaz estava perfeitamente inteirado das perseguições sofridas pelo apóstolo em Antioquia da Pisídia, Icônio e Listra (2Tm 3.10,11). Talvez ele tenha presenciado o apedrejamento de Paulo em Listra. Esse incidente teria deixado uma marca indelével na memória do rapaz.

Quantos anos tinha Timóteo quando Paulo o encontrou em Listra? Em suas epístolas pastorais, ele admoesta o rapaz a não se ofender quando as pessoas o desprezassem devido à sua juventude (1Tm 4.12). Paulo escreveu sua primeira epístola a Timóteo depois de sua libertação da prisão em Roma, provavelmente em 64 d.C. Isso se deu quatorze anos depois que Timóteo passou a ser o companheiro de viagem do apóstolo em Listra. Se Timóteo tivesse cerca de 20 anos naquela época, então ainda seria considerado um jovem rapaz quando serviu a igreja em Éfeso e recebeu a epístola de Paulo.

Lucas escreve que a mãe de Timóteo era uma judia que se casara com um grego. Ele não oferece mais nenhuma informação acerca do pai do rapaz, mas provavelmente era um homem culto que gozava de posição proeminente em Listra. Ele não era convertido ao judaísmo, pois não havia permitido que seu filho fosse circuncidado. Nem tampouco era cristão.

Os judeus consideravam ilegal o casamento misto.[2] De igual modo,

1. 1 Coríntios 4.17; 1 Timóteo 1.2,18; 2 Timóteo 1.2.
2. SB, vol. 2, p. 741.

Paulo ensinava os cristãos a não se colocarem em jugo desigual com os incrédulos, porém a se casarem em Cristo (veja 2Co 6.14). A mãe de Timóteo se casara com um grego mesmo conhecendo as Escrituras.[3] Como filha de Abraão, ela não cumprira a lei, pois negligenciou em ter seu filho circuncidado. Embora os irmãos crentes em Listra e Icônio falassem bem de Timóteo, os judeus se sentiam ofendidos porque ele não era circuncidado. Os judeus o consideravam como estando fora da aliança que Deus fizera com Abraão e seus descendentes.

3. Paulo queria que Timóteo o acompanhasse, de modo que o tomou e o circuncidou, porque os judeus daqueles lugares sabiam que seu pai era grego.

Sempre que Lucas apresenta uma pessoa que foi útil para a expansão do evangelho, ele dá uma apresentação detalhada. (É, portanto, surpreendente que ele jamais mencione Tito que, segundo os escritos de Paulo, provou ser um obreiro diligente e capaz em Corinto e mais tarde em Creta.)[4] Lucas indica que Paulo tem interesse no jovem Timóteo e desejava levá-lo junto consigo. Quem sabe, quando estava em Listra, o apóstolo tenha decidido estender seu trabalho missionário para além de Icônio e portanto necessitava dos serviços de Timóteo.

Paulo lembra o rapaz que ele recebera o dom da profecia quando os presbíteros, inclusive Paulo, haviam imposto as mãos sobre ele e o ordenado para o trabalho missionário.[5] Os presbíteros em Listra e Icônio separaram Timóteo para a pregação e ensino do evangelho.

Entretanto, Timóteo, que era considerado judeu por causa de sua mãe e avó judias, não era aceitável aos judeus daquela área. Eles conheciam seu pai grego e também estavam cientes de que Timóteo era incircunciso. Se ambos os pais fossem gentios, ele não teria encontrado nenhuma dificuldade. Mas como filho de uma judia, o rapaz era obrigado a se submeter à circuncisão. Sem a marca da aliança, ele não

3. Veja Gerald F. Hawthorne, "Timothy", *ISBE*, vol. 4, p. 857; Everett F. Harrison, *Interpreting Acts: The Expanding Church*, 2ª ed. (Grand Rapids: Zondervan, Academie Books, 1986), p. 261.

4. 2 Coríntios 2.13; 7.6,13,14; 8.6,16,23; 12.18; Gálatas 2.1,3; 2 Timóteo 4.10; Tito 1.4. Veja também W. O. Walker, "The Timothy-Titus Problem Reconsidered", *ExpT* 92 (1981): 231-35.

5. 1 Timóteo 1.18; 4.14; 2 Timóteo 1.6,7.

poderia se tornar um missionário efetivo para os judeus. Para evitar qualquer oposição da parte dos judeus, Paulo circuncidou Timóteo.

Que desatino para Paulo, o apóstolo da liberdade cristã! Considere-se, por um momento, as questões que ele teve de enfrentar: os decretos apostólicos não exigiam a circuncisão (15.20,29); Tito permanecia incircunciso (Gl 2.3); e o próprio Paulo instruiu os gálatas (entre os quais se encontrava o povo de Listra) a não se permitirem circuncidar (Gl 5.2,3,6; 6.15; veja ainda 1Co 7.19). Consideremos uma a uma essas questões.

Primeiro, o Concílio de Jerusalém não exigiu circuncisão dos gentios que se voltavam para Deus (15.19). Isentou os cristãos gentios das demandas da lei mosaica, mas não isentou necessariamente os cristãos judeus.

Em segundo lugar, Paulo levou Tito a Jerusalém para servir de exemplo na ocasião do Concílio de Jerusalém. O concílio isentou Tito da exigência da circuncisão porque ele era um cristão gentio. A presença de Tito no concílio provou o ponto da questão: os gentios obtêm a salvação sem se tornarem judeus.

E por fim, Paulo diz aos gálatas (incluindo os crentes de Listra) que eles são livres em Cristo e não estão presos à lei da circuncisão. Deus aceita o crente, não com base na circuncisão, mas por causa da fé expressa por intermédio do amor (Gl 5.6,13,14). Paulo ensina aos gálatas a mesma mensagem: os gentios estão livres do jugo da lei (15.10; Gl 5.1).

No caso de Timóteo, "ser um bom cristão não significava ser um mau judeu".[6] O próprio Paulo queria ser tudo para com todos, a fim de poder ganhar tanto o judeu como o gentio para Cristo (1Co 9.19-23). Ele esperava que Timóteo, seu companheiro missionário, fizesse o mesmo. Conseqüentemente, Paulo o circuncidou a fim de remover qualquer impedimento para a expansão da causa de Cristo.[7]

---

6. Richard N. Longenecker, *The Acts of the Apostles*, no vol. 9 de *The Expositor's Bible Commentary*, org. por Frank E. Gaebelein, 12 vols. (Grand Rapids: Zondervan, 1981), p. 455.

7. Ernst Haenchen argumenta que Lucas dependeu de uma "tradição não-confiável" quando escreveu que Paulo circuncidou Timóteo. *The Acts of the Apostles*, trad. por Bernard Noble e Gerald Shinn (Filadélfia: Westminster, 1971), p. 482. Mas isso é improvável. O próprio Lucas era companheiro de viagem de Paulo, Silas e Timóteo (16.10). Veja Harrison, *Interpreting Acts*, p. 262.

4. À medida que viajavam de cidade em cidade, entregavam as decisões que haviam sido tomadas pelos apóstolos e presbíteros em Jerusalém e as quais as pessoas deviam observar.

Lucas redige uma declaração geral quando diz que Paulo e seus companheiros viajavam de cidade em cidade e entregavam os decretos apostólicos. Deduzimos que os judaizantes, que haviam visitado a igreja em Antioquia e conseguido dissuadir Pedro e Barnabé de terem comunhão à mesa com cristãos gentios (Gl 2.12,13), acabaram seguindo Paulo até as igrejas no sul da Galácia. Nessas igrejas, eles insistiam em que os cristãos gentios deviam observar a lei de Moisés e serem circuncidados (Gl 5.2,3; 6.12).[8]

Para ser exato, o Concílio de Jerusalém havia formulado uma carta principalmente para o benefício dos crentes de Antioquia. Porém Paulo e Silas levaram essa carta também às igrejas no sul da Galácia, a fim de informar os cristãos das ações tomadas pelo concílio. Quando os judaizantes visitaram as igrejas e as desviaram do caminho, Paulo teve de escrever sua epístola aos Gálatas. Aventuramo-nos a dizer que Paulo escreveu sua carta às igrejas gálatas durante sua segunda viagem missionária, presumivelmente quando se encontrava em Corinto, a fim de afastar a ameaça ao bem-estar dos cristãos gálatas.[9]

Os missionários entregam a carta e instruem os leitores a obedecerem aos decretos apostólicos. Em outras palavras, eles dizem aos crentes que coloquem em prática aquilo que os apóstolos e presbíteros determinaram aos cristãos gentios.

5. Assim as igrejas eram fortalecidas na fé e diariamente cresciam em número.

Aqui está um típico relatório de progresso que Lucas muitas vezes dá à conclusão de um segmento de sua narrativa (vejam, por exemplo, 2.47; 6.7; 9.31; 12.24). Durante sua permanência no sul da Galácia, os

8. William Hendriksen, *Exposition of Galatians*, série New Testament Commentaries (Grand Rapids: Baker, 1968), p. 19.

9. Apesar dos problemas com a interpretação deste texto permanecerem, não há razão alguma para se duvidar de sua autenticidade. Todos os manuscritos gregos dão apoio à tradução deste texto. Para uma opinião contrária, veja F. F. Bruce, *The Book of the Acts*, ed. revista, New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), p. 305.

missionários continuam a instruir e encorajar os crentes. Como resultado disso, esses crentes são fortalecidos nas doutrinas da igreja. A palavra *fé* se refere à fé objetiva, isto é, ao ensino doutrinário, e não à fé subjetiva do crente individual.

O grego indica que tanto o fortalecimento da fé como o crescimento numérico dos crentes progrediam continuamente. Não há menção de nenhum número, mas o resultado do alcance entre os gentios é fenomenal. A igreja gentia está se desenvolvendo rapidamente.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 16.1-5

Versículos 1,2

Δέρβην – esta cidade é mencionada em primeiro lugar e Λύστραν em segundo, pois os missionários viajam na direção oeste (veja a ordem reversa em 14.6). Note-se que a forma plural Λύστροις é usada no versículo 2. O plural é comum com referência a cidades.

ἐμαρτυρεῖτο – o tempo imperfeito de μαρτυρέω (eu testifico) é descritivo.

Versículos 3,4

ᾔδεισαν – o tempo mais-que-perfeito toma o lugar do imperfeito no verbo οἶδα (eu sei). Ele introduz uma declaração indireta com a conjunção ὅτι (que) seguida pelo imperfeito de ὑπῆρχεν (ele era). O imperfeito nessa declaração transmite a informação de que o pai de Timóteo havia morrido.[10] O emprego do presente numa declaração indireta teria indicado ser ele ainda era vivo.

διεπορεύοντο – se Lucas tivesse escrito a preposição διά (pelas) depois deste verbo composto, o objeto direto τὰς πόλεις (as cidades) teria estado no caso genitivo. Este verbo ("eles estavam passando pelas") expressa direção, mas leva o objeto no acusativo.[11]

Os manuscritos ocidentais trazem uma versão ampliada: os acréscimos estão em itálico: "E enquanto passavam pelas cidades *eles pregavam*

---

10. Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. por Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), nº 330.

11. C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 91.

[e lhes entregavam], com toda ousadia, o Senhor Jesus Cristo, entregando *ao mesmo tempo também* as ordens dos apóstolos ..."[12]

Versículo 5

αἱ μὲν οὖν – a combinação do artigo definido com as duas partículas μὲν οὖν (assim) ocorre dezoito vezes em Atos e geralmente introduz declarações resumidas.

---

6. Eles passaram pela região da Frígia e Galácia, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de falar a palavra na província da Ásia. 7. E quando chegaram a Mísia, eles tentaram entrar em Bitínia, mas o Espírito de Jesus não lhes permitiu ir. 8. Havendo contornado Mísia, eles desceram a Trôade.

9. Uma noite Paulo teve uma visão de um homem macedônio que estava em pé e lhe implorava: "Venha para a Macedônia e ajuda-nos". 10. Depois que Paulo teve a visão, nós imediatamente nos preparamos para partir para a Macedônia, concluindo que Deus nos havia chamado para pregar o evangelho a eles.

11. Colocamo-nos ao mar saindo de Trôade e navegamos direto para Samotrácia, e no dia seguinte para Neápolis. 12. Dali fomos para a colônia romana de Filipos, que é uma cidade principal daquele distrito da Macedônia. Permanecemos na cidade durante vários dias. 13. No sábado, fomos para fora do portão da cidade até o rio, onde pensamos que encontraríamos um lugar de oração. Assentamo-nos e falamos com as mulheres que haviam se reunido ali. 14. E uma mulher chamada Lídia, vendedora de tecido púrpura da cidade de Tiatira, estava ouvindo como adoradora de Deus. O Senhor abriu seu coração para responder às palavras ditas por Paulo. 15. Depois que ela e os membros de sua casa terem sido batizados, ela nos instou: "Se vocês me consideram fiel ao Senhor, entrem em minha casa e fiquem". E ela nos convenceu.

16. Enquanto estávamos a caminho do lugar de oração, uma jovem escrava que tinha um espírito de adivinhação nos encontrou. Ela trazia aos seus donos muito lucro pela adivinhação. 17. Ela seguia a Paulo e a nós, clamando: "Estes homens são servos do Deus Altíssimo, que estão proclamando a vocês o caminho da salvação". 18. Ela continuou a fazer isso por muitos dias. Mas Paulo se tornou grandemente aborrecido, voltou-se e disse ao espírito: "Eu te ordeno no nome de Jesus Cristo para sair dela". E o espírito a deixou nesse mesmo instante.

19. Quando seus senhores perceberam que sua esperança de lucro se fora, eles agarraram Paulo e Silas e os arrastaram para o mercado perante as autoridades. 20. Levaram-nos aos magistrados e disseram: "Estes homens, como judeus, estão colocando nossa cidade em desordem. 21. Eles estão proclamando costu-

---

12. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 441. Consultar Édouard Delebecque, "De Lystres à Philippes (Ac. 16) avec le *codex Bezae*", *Bib 63* (1982): 395-405.

mes que nós, como romanos, não podemos aceitar nem praticar". 22. A multidão se juntou ao ataque contra Paulo e Silas. Os magistrados ordenaram que eles fossem despidos e espancados com varas. 23. E quando lhes haviam infligido muitos golpes, os lançaram na prisão. Ordenaram ao carcereiro para guardá-los com segurança. 24. Quando recebeu essas ordens, o carcereiro lançou Paulo e Silas no cárcere interno e prendeu seus pés no tronco.

25. À meia-noite Paulo e Silas estavam orando e cantando hinos a Deus, enquanto os outros prisioneiros ouviam. 26. De repente houve um violento terremoto de forma que os alicerces da prisão foram sacudidos. À uma, todas as portas foram abertas e todas as correntes se soltaram. 27. Quando o carcereiro acordou e viu as portas da prisão abertas, ele tirou sua espada, intentando matar-se. Pensou que os prisioneiros tivessem escapado. 28. Paulo gritou em alta voz: "Não te faças nenhum mal, pois todos estamos aqui". 29. O carcereiro pediu uma luz e se precipitou para dentro, tremendo de medo. Ele caiu perante Paulo e Silas. 30. Trouxe-os para fora e perguntou: "Senhores, o que eu devo fazer para ser salvo?"

31. Paulo e Silas responderam: "Creia no Senhor Jesus, e você e os membros de sua casa serão salvos". 32. E eles proclamaram a palavra do Senhor a ele e a todos os que estavam em sua casa. 33. Naquela hora da noite o carcereiro os tomou e lavou seus ferimentos. Imediatamente ele e toda a sua casa foram batizados. 34. O carcereiro levou Paulo e Silas para dentro de sua casa e os alimentou. Regozijou-se grandemente porque ele e sua família creram em Deus.

35. Quando se fez dia, os magistrados enviaram seus oficiais com a mensagem: "Libertem esses homens". 36. O carcereiro relatou estas palavras a Paulo e disse: "Os magistrados mandaram libertar vocês. Agora, pois, vão em paz". 37. Mas Paulo lhes disse: "Eles nos açoitaram publicamente sem inquérito judicial e nos lançaram na prisão, mesmo sendo nós cidadãos romanos. E agora nos despedem secretamente? Não, que venham eles próprios e nos levem para fora!"

38. Os oficiais relataram isso aos magistrados. Quando eles ouviram que Paulo e Silas eram cidadãos romanos, começaram a se preocupar. 39. Foram até a prisão e pediram desculpas. Levaram-nos para fora e lhes imploraram que deixassem a cidade. 40. E depois que Paulo e Silas deixaram a prisão, eles foram para a casa de Lídia, onde se reuniram com os irmãos. Então os encorajaram e partiram.

B. Macedônia

16.6-17.15

1. *Chamado Macedônio*

16.6-10

Paulo, Silas e Timóteo trabalham nas igrejas do sul da Galácia e então decidem pregar o evangelho em outras áreas além do centro-sul da Ásia Menor. Seu plano é viajar na direção oeste e, na dependência

da orientação do Espírito Santo, expandir a igreja num mundo predominantemente gentio.

A estratégia missionária de Paulo é pregar o evangelho nas cidades importantes, preferivelmente nos centros comerciais e administrativos a partir dos quais a Palavra de Deus pode se propagar em todas as direções. Pelo texto ficamos sabendo que Paulo havia planejado ir para o oeste até a província da Ásia (parte ocidental da Turquia). Deduzimos que ele desejava visitar Éfeso, cidade situada ao sul do Rio Cäister, próxima ao Mar Egeu. Mas Lucas relata que o Espírito Santo impediu os missionários de entrar nessa província. Alguns anos mais tarde, no curso de sua terceira viagem missionária, Paulo ministraria ao povo da província da Ásia e particularmente aos habitantes de Éfeso (19.1-12).

6. Eles passaram pela região da Frígia e Galácia, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de falar a palavra na província da Ásia. 7. E quando chegaram a Mísia, eles tentaram entrar em Bitínia, mas o Espírito de Jesus não lhes permitiu ir. 8. Havendo contornado Mísia, eles desceram a Trôade.

Tecemos comentários acerca das seguintes áreas:

a. *Frígia e Galácia* – Em vez de ir diretamente para o oeste, Paulo, Silas e Timóteo, obedientes à direção do Espírito, viajam pela região conhecida como Frígia e Galácia. Os estudiosos postulam duas explicações para a expressão *Frígia e Galácia*. Os que apóiam a chamada teoria da Galácia do norte afirmam que Frígia era um distrito distinto no qual localizavam as cidades de Antioquia da Pisídia e Icônio. Ao viajar rumo ao norte, os missionários entrariam então na província romana da Galácia, também conhecida como Velha Galácia. Em sua rota para Trôade, visitaram, presume-se, as cidades de Pessino, Ancira [atual Ancara] e Távio (v. 8), estabelecendo igrejas nesses lugares. Entretanto, o Novo Testamento não menciona nenhuma igreja nessa parte da Galácia. Herman N. Ridderbos escreve: "Não pode ser descartada a possibilidade de que a hipótese da Galácia do norte se refira a congregações fictícias".[13]

Os proponentes da teoria da Galácia do sul ressaltam que o grego

13. Herman N. Ridderbos, "Galatians, Epistle to the", *ISBE*, vol. 2, p. 380; veja também Lorman M. Petersen, "Galatians, Epistle to", *ZPEB*, vol. 2, p. 634.

emprega as palavras *Frígia* e *Galácia* como adjetivos para descrever o substantivo *região*: "a região de Frígia e Galácia".[14] Os adjetivos se referem a uma região localizada na metade sul da província romana da Galácia, que era habitada pelos frígios.

A evidência para a teoria da Galácia do sul é decisiva. Primeiro, a Frígia era uma área habitada por milhares de judeus[15] que apresentaram os ensinamentos do Antigo Testamento aos gentios. Esse conhecimento, bem como o ensino das Escrituras, contribuíram para a difusão do evangelho. Em segundo lugar, Lucas menciona a Frígia como uma das nações representadas no Pentecoste (2.10). A Galácia foi estabelecida por pessoas que, no século 3º a.C., haviam migrado da Gália, na Europa, para a Bitínia, na Ásia Menor. Os romanos transformaram a área na qual viviam os gálatas numa província que se estendia da Bitínia e Ponto, ao norte, até a Frígia e Licaônia, ao sul. A Galácia do sul era, portanto, uma área multirracial, e a estratégia missionária de Paulo era pregar o evangelho principalmente em áreas como aquela. Por essa razão, muitos estudiosos relutam em sugerir que Paulo tenha levado o evangelho exclusivamente aos gentios da parte norte da Galácia.

b. *Mísia e Bitínia* – O Espírito Santo guia os missionários em suas viagens. Não se sabe como ele comunicou sua vontade aos viajantes: talvez Silas, que era profeta (15.32), recebia ordens do Espírito. Apesar de Lucas usar o termo *Espírito de Jesus* como sinônimo de Espírito Santo, a frase em si constitui um "indicativo da obra contínua do Cristo ressurreto por intermédio do Espírito. O Espírito é o representante de Jesus".[16]

Viajando na direção noroeste, os missionários chegam à fronteira da Mísia, região situada no canto noroeste da Ásia Menor. Dali, eles tentam seguir rumo norte para a Bitínia (comparar com 1Pe 1.1), mas o

14. Colin J. Hemer, "The Adjective 'Phrygia'", *JTS* 27 (1976): 122-26; "Phrygia: A Further Note", *JTS* 28 (1977): 99-101; *The Book of Acts in the Setting of Helleniste History*, org. por Conrad H. Gempt (Tübingen: Mohr, 1989), p. 112; "Phrygia", *ISBE*, vol. 3, pp. 862-63.

15. Josefo registra que Antíoco III (223-187 a.C) transportou duas mil famílias judias da Mesopotâmia e Babilônia para a Frígia. *Antiquities* 12.3.4 [149].

16. Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: Inter-Varsity, 1981), p. 547. Consultar também W. P. Bowers, "Paul`s Route Through Mysia: A Note on Acts XVI.8", *JTS* 30 (1979): 507-11.

Espírito, que já os impedira de entrar na província da Ásia, os impede também de ir até Bitínia. (Entretanto, com o passar do tempo, Bitínia passou a ser um baluarte da igreja cristã e lugar de significativas reuniões do concílio da igreja [por exemplo, o Primeiro Concílio de Nicéia, em 325 d.C; o Quarto Concílio Geral da Calcedônia, em 451 d.C.].) Paulo e seus companheiros precisam viajar para a cidade costeira de Trôade, no Mar Egeu.

c. *Trôade* – A cidade de Trôade, situada a cerca de 16 quilômetros ao sul da antiga Tróia, ficava na parte ocidental da Mísia. Colônia romana, ela servia como o portal europeu para a Ásia Menor e como ponto de partida para a Macedônia. Lucas relata que os missionários desceram a Trôade, isto é, eles deixaram as altitudes mais elevadas da Mísia e desceram para o nível do mar. Eles contornaram Mísia, o que quer dizer que não ficaram ali para proclamar a Palavra nessa região. O Espírito lhes disse para viajar rumo oeste até Trôade, ao invés de irem na direção leste para entrar na Bitínia. Em anos posteriores, Paulo fez freqüentes visitas a Trôade e pregou o evangelho (20.5,6; 2Co 2.12; 2Tm 4.13).

9. Uma noite Paulo teve uma visão de um homem macedônio que estava em pé e lhe implorava: "Venha para a Macedônia e ajuda-nos". 10. Depois que Paulo teve a visão, nós imediatamente nos preparamos para partir para a Macedônia, concluindo que Deus nos havia chamado para pregar o evangelho a eles.

a. "Paulo teve uma visão de um homem macedônio." A ordem para descer a Trôade vem do Espírito de Jesus que, bloqueando o caminho para as províncias da Ásia e Bitínia, orienta os missionários a desenvolverem igrejas em outros lugares. Ele está no pleno controle, e em Trôade, informa Paulo o que fazer em seguida. Jesus dá ao missionário instruções suficientes para a necessidade do momento.

Durante a noite Paulo tem uma visão – experiência comum a Pedro, Paulo e outros.[17] Na sua visão em Trôade, Jesus não fala diretamente com Paulo, nem lhe envia um anjo. Em lugar disso, o apóstolo vê um homem que lhe diz: "Venha para a Macedônia e ajuda-nos". Imaginamos que Paulo tenha determinado a nacionalidade do homem pelo seu modo de falar e seus trajes.

17. Atos 9.10,12; 10.3,17,19; 11.5; 12.9; 16.9,10; 18.9.

A Macedônia do século 1º se estendia de leste a oeste, do Mar Egeu até o Mar Adriático. Ao norte se encontravam Ilírico e Trácia, e ao sul a Acaia (Grécia). Governado pelos romanos, o povo da Macedônia falava grego e assim podiam se comunicar com os habitantes da Ásia Menor. Portanto, para Paulo e seus companheiros, a adaptação ao se mudarem de um continente (Ásia) para outro (Europa) foi relativamente tranqüila.

b. "Venha para a Macedônia e ajuda-nos." Qual é o significado do pedido do macedônio? A primeira parte de seu apelo ("venha para a Macedônia") refere-se à travessia do Mar Egeu (veja v. 11). A segunda parte do apelo é um pedido de ajuda. O verbo traz a conotação de ir ao socorro de alguém: por exemplo, o pai do garoto epilético suplicou a Jesus: "Ajuda-me na minha falta de fé" (Mc 9.24). O pedido, pois, é por ajuda espiritual. O homem macedônio indica que ele não está sozinho: está falando em nome de seus compatriotas. Esse apelo vem de um povo que está pronto para receber o evangelho.

c. "Nós imediatamente nos preparamos para partir para a Macedônia." Paulo relata a visão aos seus companheiros, e juntos eles seguem a orientação divina para irem até a Macedônia.

Nesse versículo, é evidente a mão do autor de Atos: com o pronome *nós* ele se identifica como participante das deliberações dos missionários. Não se sabe como Paulo e Lucas se conheceram: a modéstia impede Lucas de fornecer informações pessoais acerca de sua fé, suas habilidades e seus talentos. Por meio de uma fonte do século 2º (o prólogo antimarcionita ao Evangelho de Lucas) sabemos que Lucas era natural de Antioquia, na Síria; pelas Escrituras sabemos que ele era médico (veja Cl 4.14). Quem sabe Lucas tenha conhecido Paulo em Antioquia, apesar de não indicar o fato no texto. A frase *Deus nos havia chamado* parece comunicar que Lucas não era um recém-convertido que se agregara a Paulo pela primeira vez em Trôade.[18] Mas ele deixa de dar mais detalhes, e dessa maneira temos de nos ater ao texto.

Iniciando com sua referência a Trôade, Lucas emprega o pronome *nós* em vários lugares.[19] Mesmo nessas passagens nas quais escreve na

18. Richard B. Rackham, *The Acts of the Apostles: An Exposition*, série Westminster Commentaries (1901; reedição, Grand Rapids: Baker, 1964), p. 273.

19. Atos 16.10-17; 20.1-15; 21.1-18; 27.1-28.16.

terceira pessoa, ainda assim ele demonstra ter testemunhado os acontecimentos que registra (veja, por exemplo, At 20.4-5).[20]

Considerações Práticas em 16.6-10

O chamado de Deus a Isaías no tempo da morte do rei Uzias "Quem enviarei? Quem irá por nós?" (Is 6.8a, NVI), é ouvido hoje por muitos cristãos. Alguns deles respondem com as mesmas palavras ditas por Isaías: "Eis-me aqui. Envia-me!" (Is 6.8b, NVI). Eles demonstram uma disposição em servir ao Senhor e promover sua causa.

Entretanto, o perigo é que alguns cristãos começam a trabalhar para o Senhor sem esperar pacientemente por suas ordens. Assim, esses obreiros dispostos são da opinião de que o Senhor deveria estar contente com seus serviços. Todavia, têm deixado de parar para orar a Deus e perguntar onde ele deseja que trabalhem e o que espera que eles façam.

Paulo e seus companheiros esperaram o Espírito de Jesus lhes dizer onde deveriam ministrar. Foram impedidos de ir para o oeste e para o norte; tiveram de ir para Trôade. Ali, numa visão, Paulo recebeu instrução para navegar até a Europa. Esperando pacientemente pela orientação divina, Paulo e seus colegas foram recebedores das bênçãos indispensáveis de Deus.

A espera paciente é muitas vezes
o modo mais elevado
de se fazer a vontade de Deus.

– Jeremy Collier

Palavras, Frases e Construções em Grego em 16.6 e 9

Versículo 6

τὴν ... χώραν – o artigo definido modifica o substantivo *região*. O substantivo é modificado pelos adjetivos *frígio* e *gálata*.

κωλυθέντες – este particípio passivo aoristo de κωλύω (eu impeço) pode ser tomado ou como uma ação acontecida antes da ação do ver-

20. Henry Alford, *Alford's Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, 7ª ed., 4 vols. (1877; Grand Rapids: Guardian, 1976), vol. 2, p. 176; Otto Glombitza, "Der Schritte nach Europa: Erwägungen zu Act 16.9-15", *ZNW* 53 (1962): 77-82.

bo principal ("eles passaram por") ou como uma cláusula causal ("porque eles foram impedidos").[21]

Versículo 9

Testemunhas ocidentais elaboraram sobre a tradução desse versículo. As mudanças estão itálico: "E *numa* visão na noite, apareceu a Paulo, *o que parecia ser* um homem da Macedônia, em pé *diante da face dele*, suplicando e dizendo".[22]

---

2. *Filipos*

16.11-40

Paulo e seus colegas estão para entrar na Macedônia e viajam para Filipos, uma importante cidade, onde prestam culto no sábado junto com mulheres tementes a Deus. Eles também expulsam um demônio de uma jovem escrava e sofrem as conseqüências disso. O evangelho cria raízes nessa cidade e é formada ali uma igreja.

a. *Chegada*

16.11,12a

11. Colocamo-nos ao mar saindo de Trôade e navegamos direto para Samotrácia, e no dia seguinte para Neápolis. 12a. Dali fomos para a colônia romana de Filipos, que é uma cidade principal daquele distrito da Macedônia.

a. "Saindo de Trôade". Paulo e seus companheiros aparentemente não encontram dificuldade alguma em conseguir passagem num navio que os leve até Neápolis (atual Kavalla). O vento está favorável, de modo que à noitinha do primeiro dia eles chegam à ilha chamada Samotrácia. Howard F. Vos comenta: "A ilha não tinha porto – apenas um ancoradouro sem segurança no seu lado norte – mas os perigos da navegação noturna geralmente forçavam os marinheiros a ancorar qualquer lugar que fosse possível".[23] Essa ilha montanhosa, que se situa na metade do caminho entre a Europa e a Ásia Menor, tem um pico que se eleva a 1.800 metros acima do nível do mar e serve como ponto de referência.

---

21. Moule, *Idiom-Book*, p. 100.
22. Metzger, *Textual Commentary*, p. 443.
23. Howard F. Vos, "Samothrace", *ISBE*, vol. 4, p. 309.

No dia seguinte o navio continua sua viagem e chega a Neápolis, uma cidade portuária da Macedônia. Ventos favoráveis encurtam a viagem para dois dias; ventos contrários podem alongá-la para cinco dias (veja, por exemplo, 20.6). Os missionários se dirigem a Filipos, que fica a cerca de dezesseis quilômetros a noroeste de Neápolis.

b. "A colônia romana de Filipos". Os viajantes prosseguem ao longo da Via Ignácia construída pelos romanos, estrada que se estendia por 640 quilômetros da costa leste até a costa oeste da Macedônia. Depois de deixar Neápolis, Paulo e seus companheiros sobem até um amplo planalto que é excepcionalmente fértil e no verão fica viçoso e verde. Depois de poucas horas eles avistam Filipos (literalmente, "de Filipe"; Filipe II, pai de Alexandre, o Grande, rebatizara a cidade). Em determinada época a área foi conhecida por suas minas de ouro que produziam anualmente mais de mil talentos de ouro.[24] Os romanos conquistaram Filipos em 168 a.C. e recolhiam impostos das minas.

Em 42 a.C., Filipos foi o local de uma batalha decisiva na qual Marco Antônio e Otaviano derrotaram Brutus e Cássius, os assassinos de Júlio César. Otaviano, que mais tarde adotou o nome *Augusto*, tornou-se o primeiro imperador romano. Filipos passou a ser uma colônia romana. Augusto concedeu à cidade o direito da lei italiana e a administração da cidade seguia o modelo de Roma. Muitos veteranos militares se fixaram nessa colônia romana. Como cidadãos romanos, eles eram protegidos pela lei romana, não podiam ser açoitados e tinham o direito de apelar no caso de serem presos (veja v. 37). Em suma, "os colonizadores gozavam dos mesmos direitos e privilégios como se sua terra fosse parte da Itália".[25]

3. "Uma cidade principal." O texto grego é ambíguo nesse ponto: a palavra *principal* pode ser tomada junto com o termo *cidade* (por exemplo, Filipos ... *a* principal cidade daquele distrito da Macedônia" [NVI, itálico acrescentado]) ou junto com o substantivo *distrito*. Os tradutores optam geralmente pela primeira alternativa porque é forte a evidência do manuscrito. Mas a objeção a essa tradução é a de que Tessalônica era a capital da Macedônia, e não Filipos. A sugestão de que Filipos

24. Diodorus Siculus 16.8.6.
25. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 187.

tenha sido a *primeira* cidade visitada por Paulo é definitivamente incorreta. Ele chegou primeiro em Neápolis, se presumirmos que esse município ficava no mesmo distrito que Filipos.

Segundo o historiador romano Lívio, os romanos haviam dividido a Macedônia em quatro distritos e Anfípolis era a capital do primeiro distrito.[26] Dessa forma, os estudiosos preferem aceitar a segunda alternativa: "Filipos, uma cidade do primeiro distrito da Macedônia" (GNB).[27] Apesar de preferir-se esta tradução, falta-lhe o apoio do manuscrito grego, e portanto, trata-se apenas de uma conjetura. Uma regra básica de interpretação é aceitar a conjetura somente quando o texto original for ininteligível. Não é bem esse o caso em questão, pois é possível traduzir o texto por: "Filipos, *uma* cidade principal na região da Macedônia".[28] O termo *principal* talvez se refira às facilidades educacionais (uma famosa escola de medicina) e à próspera economia (lucros provindos das minas de ouro) de Filipos, em vez de sua função administrativa.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 16.11,12a

Versículo 11

τῇ ἐπιούσῃ – "o dia seguinte". Entretanto entende-se a expressão *o primeiro dia*.

Νέαν Πόλιν – em lugar do vocábulo simples Νεάπολιν, é preferencial a forma clássica de dois vocábulos.

Versículo 12a

πρώτη μερίδος τῆς Μακεδονίας πόλις – esta leitura tem forte apoio dos manuscritos gregos. Sem o artigo definido antes de πρώτη, este adjetivo pode ser interpretado como sendo indefinido: "uma cidade principal". O artigo definido que precede μερίδος equivale ao pronome demonstrativo *daquela* "daquela divisão da Macedônia".[29]

---

26. Livy (Lívio) *Annals* 45.29.

27. Por exemplo, Bruce, *Book of the Acts*, pp. 308-9; veja também seu artigo "St. Paul in Macedonia", *BJRUL* 61 (1979): 337-54; e consultar Hemer, *Book of Acts*, p. 113.

28. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 188. Consultar Bauer, p. 505; e Metzger, *Textual Commentary*, p. 446.

29. Moule, *Idiom-Book*, p. 111.

b. *Adoração*

16.12b-15

12b. Permanecemos na cidade durante vários dias. 13. No sábado, fomos para fora do portão da cidade até o rio, onde pensamos que encontraríamos um lugar de oração. Assentamo-nos e falamos com as mulheres que haviam se reunido ali.

A construção do texto grego sugere que Paulo e seus colegas obreiros ficaram em Filipos durante algum tempo. A tradução *durante vários dias* aparentemente significa um período maior do que quatro ou cinco dias. No contexto, Lucas está interessado em relatar a experiência que os missionários tiveram no primeiro sábado em Filipos. Ele mostra que depois dessa experiência, Paulo e seus companheiros continuaram sua permanência ali.

Em Filipos os missionários encontraram uma população esmagadoramente romana. Concluímos que os judeus eram em pequeno número, pois não há nenhuma menção de uma sinagoga local. Segundo os rabinos, dez chefes de família judeus (do sexo masculino) poderiam estabelecer uma sinagoga.[30]

No sábado, os missionários vão para fora da cidade e seguem para o Rio Gangites, onde esperam que as pessoas se reúnam para orar. "O lugar de adoração dos judeus pode ter sido determinado pela prática romana de tolerar, porém às vezes de excluir dos limites coloniais, práticas religiosas que fossem inconsistentes com seu estado".[31] (Além do mais, as sinagogas fora dos limites da cidade eram geralmente construídas próximas à água, que era necessária para as lavagens de purificação.)

No rio, Paulo e seus amigos encontram várias mulheres que se reúnem para a oração sabatina. Onde estão os homens para liderar o culto de adoração? Considere-se que por volta desse tempo, em 49 d.C., o imperador Cláudio havia expulsado os judeus de Roma porque eles tinham sido acusados de criar perturbação religiosa (18.2). Deduzimos que a colônia romana de Filipos tinha seguido o exemplo de Cláudio e banido os judeus.[32] Quando Paulo e Silas são finalmente presos em

30. Misnah, *Sanhedrin* 1.2a; *Aboth* 3.6.

31. Gerald L. Borchert, "Philippi", *ISBE*, vol. 3; p. 836.

32. Comparar com R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (Columbus: Wartburg, 1944), p. 655.

Filipos, eles são acusados de ser judeus que estão criando confusão na cidade (v. 20). A acusação é semelhante àquela feita contra os judeus em Roma.

As mulheres dão as boas-vindas aos missionários visitantes e esperam deles uma exposição das Escrituras. Juntamente com os amigos, Paulo se assenta e começa a ensinar o evangelho àquelas mulheres. Apesar de o grupo ser pequeno, a presença do Senhor é poderosa, conforme Lucas relata no versículo seguinte.

14. E uma mulher chamada Lídia, vendedora de tecido púrpura da cidade de Tiatira, estava ouvindo como adoradora de Deus. O Senhor abriu seu coração para responder às palavras ditas por Paulo.

1. *A resposta de Lídia* – Uma das mulheres presentes ao lugar de oração se chama Lídia. Suas origens estão em Tiatira (Ap 1.11; 2.18, 24), uma cidade situada no distrito de Lídia na Ásia Menor Ocidental. Suspeitamos que o nome de Lídia tenha derivado da expressão descritiva *a senhora lidiana*. Não podemos determinar qual era o seu verdadeiro nome. E resistimos à tentação de especular se ela era Evódia ou Síntique, a quem Paulo admoestou para estarem em paz uma com a outra na igreja filipense (Fp 4.2).

Lídia saíra de Tiatira, cruzara o Mar Egeu e firmara residência em Filipos como vendedora de tecido púrpura. A tintura escarlate e violeta aplicada ao tecido fino era obtida da secreção de um molusco que habita a parte leste do Mar Mediterrâneo. "Já que eram necessários cerca de oito mil moluscos para produzir um grama de tintura púrpura, o tecido púrpura era extremamente caro."[33] Os trajes púrpura eram envergados por imperadores e cidadãos particulares como símbolo de *status*. Em Roma, togas púrpuras eram atreladas às togas senatoriais. Assim concluímos que Lídia pertencia à classe dos mercadores abastados e era proprietária de uma casa espaçosa (vs. 15,40).

Em Tiatira, Lídia havia se tornado uma crente no Deus de Israel e,

33. Dorothy Irvin, "Purple", *ISBE*, vol. 3, p. 1057. Para o ponto de vista contrastante de que a cor púrpura era obtida da raíz de uma erva eurasiana chamada garança, veja Robert North, "Thyatira", *ISBE*, vol. 4, p. 846. Veja ainda Rosalie Ryan, "Lydia, A Dealer in Purple Goods", *Bib Today* 22 (1984): 285-89.

como gentia, era classificada como uma temente a Deus (10.2; 13.16,26,50), isto é, os judeus não a haviam aceitado plenamente como convertida. Em Filipos, ela cultuava fielmente aos sábados no lugar de oração. Quando Paulo ensinou o evangelho de Cristo, ela ouviu com atenção as suas palavras.

2. *A obra do Senhor* – O Cristo exaltado preparou Lídia por meio dos ensinamentos do Antigo Testamento ministrados na sinagoga. Agora ele enviou Paulo e os outros missionários a Filipos de modo que ela pudesse ouvir a mensagem de salvação. Lucas atribui ao Senhor, e não a Paulo, o ato de salvar Lídia. Portanto, a salvação não é obra do homem, mas do Senhor. Não é a palavra em si, mas o próprio Senhor (Lc 24.45) quem abre o coração humano. O resultado é que Lídia responde à mensagem de Paulo e aceita o Senhor como o seu Salvador.

15. Depois que ela e os membros de sua casa terem sido batizados, ela nos instou: "Se vocês me consideram fiel ao Senhor, entrem em minha casa e fiquem". E ela nos convenceu.

A descrição dos acontecimentos feita por Lucas é bastante breve. Logo, presumimos que depois de os missionários terem ouvido dos lábios de Lídia a profissão de fé em Jesus Cristo, ela e os membros de sua casa são batizados no Rio Gangites. Quem realizou o batismo? Talvez Silas, Timóteo ou Lucas, pois o próprio Paulo batizou poucas pessoas (1Co 1.14-16). E quem são os membros da casa de Lídia? São componentes de sua família imediata, mas também os servos que vivem debaixo do seu teto. O fato de que ela e os membros de sua família vão até o lugar de oração retrata Lídia como uma mulher temente a Deus, cuja influência espiritual permeia todos os de sua casa. Ela é a chefe da família e ensina a Palavra de Deus aos seus filhos (veja 1Co 7.14) e aos seus empregados. Lídia professa a sua fé e é batizada, e os membros de sua casa seguem o seu exemplo. Lucas não está interessado em fornecer os detalhes acerca da família de Lídia, mas em retratar a sua casa como o cerne da igreja emergente em Filipos. Os tijolos da construção da igreja são as famílias e os indivíduos.

Lídia deseja expressar sua gratidão a Paulo e seus companheiros e insiste em que eles permaneçam com ela. Observe-se que uma mulher gentia está pedindo a quatro homens (três judeus e um gentio) para serem seus hóspedes. Ela diz: "Se vocês me consideram fiel ao Senhor,

entrem em minha casa e fiquem". No grego, essa sentença condicional transmite um fato positivo. Lídia indica que os missionários certamente a consideram uma crente no Senhor Jesus Cristo porque aceitaram o seu testemunho, o qual foi selado por seu batismo. Lídia os persuade e os missionários se hospedam em sua casa. Ali eles continuam ensinando o evangelho de Cristo e ampliam a igreja.

Considerações Doutrinárias em 16.4

Lucas ensina claramente que a salvação é obra do Senhor, pois ele salva o seu povo segundo o seu plano eterno. Ao registrar o sermão de Pedro no Pentecoste, Lucas declara que Jesus sofreu na cruz "pelo determinado desígnio e presciência de Deus" (2.23; e veja 4.28). Quando os gentios em Antioquia da Pisídia ouvem a Palavra salvadora de Deus e exprimem sua alegria, Lucas observa: "e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna" (13.48). Lucas transmite lealmente o ensinamento de que Deus, ao realizar sua obra salvífica, cumpre o seu plano eternal.

A salvação procede de Deus. Logo, o Senhor abriu o coração de Lídia para que ela prestasse bastante atenção às palavras proferidas por Paulo. Deus concedeu a ela um coração receptivo para entender as coisas espirituais. Ele lhe deu o dom da fé e a iluminação do Espírito Santo. John Albert Bengel conclui: "O coração em si está fechado, mas é prerrogativa de Deus abri-lo".[34]

No grego Lucas emprega tempos verbais diferentes para enfatizar a obra salvadora de Deus. Nessa tradução, as mudanças no tempo estão em itálico: "Enquanto Lídia *continuava a ouvir*, Deus, *de uma vez por todas abriu* o seu coração *para que ela aplicasse* sua mente às coisas que *estavam sendo ditas* por Paulo". Com efeito, Deus é o autor da salvação de Lídia..

Palavras, Frases e Construções em Grego em 16.12b-15

Versículo 12b

ἦμεν – a posição do verbo *ser* no imperfeito é enfática. E mais, junto

34. John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. por Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2, p. 657; veja também João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 2, p. 73; Guthrie, *New Testament Theology*, p. 618.

com o particípio presente διατρίβοντες (passando, gastando [tempo]), o imperfeito forma uma construção perifrástica e indica um período prolongado.

Versículo 13

σαββάτων – na forma plural, a palavra é um plural hebraico que se refere a um único dia (veja 13.14).

οὗ ἐνομίζομεν προσευχὴν εἶναι – "onde pensávamos ser um lugar de oração". As variações nos manuscritos são irrefutáveis. A nova versão King James adota a interpretação οὗ ἐνομίζετο προσευχὴ εἶναι e traduz por "onde orações eram costumeiramente feitas". O substantivo προσευχή significa "oração" ou "lugar de oração".

Versículo 14

A sequência dos tempos em grego é singular e intencional – ἤκουεν (imperfeito: ela continuava ouvindo), διήνοιξεν (aoristo: [o Senhor] abriu) e προσέχειν (infinitivo presente de propósito: prestar atenção a).

Versículo 15

παρεκάλεσεν – de παρακαλέω (eu suplico), o tempo aoristo indica insistência. Lídia insistiu, conforme evidenciado pelo verbo aoristo παρεβιάσατο (ela instou fortemente).

εἰ – esta partícula, seguida pelo indicativo perfeito κεκρίκατε (você julgou) é a prótase de uma condição de fato simples. Lídia expressa confiantemente a realidade.

---

c. *Exorcismo*

16.16-18

Indiretamente Lucas revela que Paulo e seus companheiros continuaram seu trabalho durante um certo período de tempo. Indica que num dado dia os missionários foram ao lugar de oração. Mas em vez de descrever o culto, ele relata o incidente de Paulo expulsando o demônio de uma jovem escrava.

16. Enquanto estávamos a caminho do lugar de oração, uma jovem escrava que tinha um espírito de adivinhação nos encontrou. Ela trazia aos seus donos muito lucro pela adivinhação. 17. Ela seguia a Paulo e a nós, clamando: "Estes homens são servos do

Deus Altíssimo, que estão proclamando a vocês o caminho da salvação".

Fazemos duas observações:

1. *Oposição* – Lucas escreve que os missionários estão a caminho do "lugar de oração". No grego ele diz "*a* oração", o que não se refere ao ato de orar, porém ao local da reunião (veja v. 13).

Sempre que a igreja se desenvolve, Satanás procura bloquear o trabalho dos servos de Deus. Por exemplo, em Samaria, Simão, o mágico, ofereceu dinheiro a Pedro e João a fim de obter o dom do Espírito Santo (8.18,19); na ilha de Chipre, Elimas se opôs a Paulo e Barnabé, tentando persuadir o procônsul Sérgio Paulo a não crer em Jesus Cristo (13.7,8). Por semelhante forma, em Filipos, Satanás usa uma jovem endemoninhada para frustrar o trabalho dos missionários.

A caminho do lugar de oração, uma jovem escrava que possui o espírito de adivinhação encontra os missionários. No grego Lucas escreve que ela tem um espírito chamado Píton, que os tradutores vertem como "adivinhação".[35] A palavra *Píton* se referia à serpente lendária que guardava o Oráculo Délfico, um santuário no centro da Grécia, mas que fora morta por Apolo, o deus da profecia. Em anos posteriores, o termo indicava o espírito de adivinhação que habitava os médiuns. Assim como a sacerdotisa de Apolo em Delfos era capaz de prever o futuro, assim também aquela jovem escrava servia aos seus senhores em Filipos como adivinhadora. Ela era um instrumento de demônios que a usavam como sua porta-voz,[36] e era uma fonte lucrativa de renda para os seus donos (veja **Palavras, Frases e Construções em Grego em 16.16-18**). Vemos nessa jovem escrava possessa pelo demônio em Filipos, um paralelo com os endemoninhados que Jesus encontrou durante seu ministério (por exemplo, Mc 1.24).

2. *Reconhecimento* – A jovem escrava segue os missionários; clamando em alta voz ela informa ao público a identidade de Paulo e seus companheiros: "Estes homens são servos do Deus Altíssimo, que estão

35. J. Stafford Wright, *NIDNTT*, vol. 2, pp. 558-59; Werner Foerster, *TDNT*, vol. 6, p. 920; Bauer, pp. 728-29.

36. Hans Conzelmann descarta o ventriloquismo; "o emprego do verbo *krazō* 'clamar' no [versículo] 17 é apropriado para a possessão demoníaca". *Acts of the Apostles*, trad. por James Limburg, A. Thomas Kraabel e Donald H. Juel (1963; Filadélfia: Fortress, 1987), p. 131.

proclamando a vocês o caminho da salvação". Em si mesma, essa confissão é nobre, desde que parta do coração de um crente e na forma de uma declaração de fé. Mas o reconhecimento vem indiretamente de Satanás que, usando essa moça, está tentando diminuir a eficácia do ministério de Paulo. Entretanto o apóstolo não pede que a moça lhe prediga o futuro; em lugar disso, ele vê o poder de Satanás em ação sobre uma escrava indefesa. Não há dúvida de que, se Paulo tivesse aceitado o testemunho de Satanás sem discernimento, ele teria dado o crédito ao diabo e teria assim aprovado os seus motivos.[37]

18. Ela continuou a fazer isso por muitos dias. Mas Paulo se tornou grandemente aborrecido, voltou-se e disse ao espírito: "Eu te ordeno no nome de Jesus Cristo para sair dela". E o espírito a deixou nesse mesmo instante.

Suspeitamos que os gritos da moça fizeram com que muita gente se reunisse e ouvisse Paulo e seus amigos. Todos podiam ouvir a mensagem de salvação. Mas os contínuos gritos da moça passaram a ser um estorvo para o apóstolo na pregação do evangelho, e o transtorno o perturbou de maneira tal que ele teve de intervir e se dirigir ao demônio que habitava a moça.

Paulo confronta o demônio no nome de Jesus Cristo, isto é, na autoridade que Jesus lhe dera, ele diz ao demônio para se retirar da moça. Paulo clama o nome de Jesus da mesma forma que Pedro o fez para a cura do paralítico na área do templo de Jerusalém (3.6). Assim como Jesus curou as pessoas possuídas por demônios em Israel, assim também, por intermédio de seu servo Paulo, ele expulsa o demônio da jovem escrava em Filipos. Assim como Jesus deu aos apóstolos poder sobre os espíritos imundos (Mc 6.7), assim também ele dota Paulo com essa mesma autoridade.[38] O resultado é que o demônio deixa a moça instantaneamente. Seus donos perdem uma valiosa fonte de renda, porém nós presumimos que ela recebeu o dom da salvação e se tornou membro da igreja filipense.

---

37. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 2, p. 76; F. W. Grosheide, *De Handelingen der Apostelen*, série Kommentaar op het Nieuwe Testament, 2 vols. (Amsterdã: Van Bottenburg, 1948), vol. 2, p. 96.

38. Quando Jesus se encontrava na terra, os demônios clamavam porque eles o reconheciam como o Filho do Deus Altíssimo (Mc 5.7; Lc 8.28). O título *Deus Altíssimo* era usado

Palavras, Frases e Construções em Grego em 16.16-18

Versículo 16

πορευομένων ἡμῶν – "enquanto estávamos a caminho". Com o pronome pessoal no caso genitivo, este particípio presente forma a construção do genitivo absoluto.

πύθωνα – a colocação no acusativo singular é mais difícil de ser explicada do que πύθωνος (genitivo) e é, portanto, preferível. O substantivo se coloca como aposto a πνεῦμα (um espírito, isto é, uma Píton).

τοῖς χυρίοις – apesar de o substantivo estar no masculino plural, ele provavelmente se refere a um casal (marido e mulher) proprietários da jovem escrava.

Versículo 17

Παύλῳ καὶ ἡμῖν – Lucas coloca Paulo como o líder; o pronome *nós* inclui Silas, Timóteo e Lucas. Comparar com 21.18 e 28.16.[39]

ὑμῖν – "para você". O contexto favorece esta tradução; ela conta com forte apoio dos manuscritos. Uma tradução alternativa seria "para nós" (NKJV).

Versículo 18

ἐποίει – "ela continuava a fazê-lo". Este é o uso freqüentativo do imperfeito.

ἐπί – a preposição seguida pelo acusativo denota tempo e extensão.[40]

παραγγέλλω – o tempo presente possui um significado aoristo: "Eu ordeno a você de uma vez por todas".

---

tanto por judeus quanto gregos; em seu Evangelho e em Atos, Lucas emprega a expressão *Altíssimo* sete vezes em referência a Deus: Lucas 1.32,35,76; 6.35; 8.28; Atos 7.48; 16.17. Na Septuaginta, o termo, em geral, se refere a Deus. Consultar Georg Bertram, *TDNT*, vol. 8, pp. 617-19.

39. Consultar H. J. Cadbury, "We' and I' Passages in Luke-Acts", *NTS* 3 (1957): 128-32. Veja Vernon K. Robbins, "The We-Passages and Ancient Sea Voyages", *BibRes* 20 (1975): 5-18.

40. Moule, *Idiom-Book*, p. 49.

d. *Aprisionamento*

16.19-21

Quando Jesus expulsava um demônio, o povo expressava sua perplexidade em face ao milagre (veja Mc 1.27). Mas quando Paulo libertou a jovem escrava de seu espírito adivinhador, seus donos reagiram com violência e prenderam Paulo e Silas.

19. Quando seus senhores perceberam que sua esperança de lucro se fora, eles agarraram Paulo e Silas e os arrastaram para o mercado perante as autoridades. 20. Levaram-nos aos magistrados e disseram: "Estes homens, como judeus, estão colocando nossa cidade em desordem. 21. Eles estão proclamando costumes que nós, como romanos, não podemos aceitar nem praticar".

Dando-se conta de que acabara sua renda provinda das adivinhações da moça, seus donos expressaram sua raiva contra Paulo e Silas. Irados, eles agarram os missionários e os arrastam para a praça do mercado a fim de colocá-los diante dos governantes da cidade. Por que Paulo e Silas? Estes dois são judeus, o que não pode ser dito a respeito dos outros dois – Timóteo e Lucas são considerados gentios, apesar de Timóteo poder alegar ascendência judaica (v. 1).

Nos dias do Novo Testamento, a praça do mercado servia como centro social da cidade. Ali os desempregados aguardavam trabalho adequado, os enfermos eram curados e os magistrados julgavam casos trazidos perante o tribunal. Nessa época, aquele que apresentasse queixa podia arrastar o réu para o tribunal e pedir ao juiz para emitir a sentença (Tg 2.6). Os proprietários da moça escrava estavam agindo de acordo com as leis romanas quando prenderam Paulo e Silas e se queixaram deles perante as autoridades da cidade. (A propósito, os arqueólogos escavaram e descobriram o lugar do tribunal no local da antiga praça do mercado em Filipos.)

Lucas chama essas autoridades de magistrados. Eram os principais dos oficiais na colônia romana de Filipos; conforme inscrições, eles deveriam ser chamados de *duumviri* (uma dupla de magistrados).[41] O título nobre *pretores* (chefes) também era usado para esses oficiais em Roma e suas colônias.

41. Bauer, p. 770.

Os acusadores apresentam uma dupla denúncia contra Paulo e Silas: primeiro, "estes homens, como judeus, estão colocando nossa cidade em confusão"; em segundo lugar, "eles estão proclamando costumes que nós, como romanos, não podemos aceitar nem praticar". Porém com essas acusações eles obscurecem a causa de seu descontentamento; não é dita uma palavra sequer acerca da jovem escrava e da perda de renda. Em lugar disso, os querelantes enfatizam a nacionalidade de Paulo e Silas (isto é, eles são judeus) e levam para o lado dos temores levantados por recentes acontecimentos políticos (veja comentário sobre 16.12b). Logo, a acusação ecoa nos ouvidos dos magistrados, que são responsáveis por manter a paz e a ordem.

Na segunda parte de suas alegações, os acusadores colocam os interesses dos romanos contra os dos judeus: "[estes judeus] estão proclamando costumes que nós, como romanos, não podemos aceitar nem praticar". Não dizem nada a respeito da proclamação do evangelho e nem mesmo mencionam a palavra *religião*, antes chamam a atenção para os costumes romanos. Na sociedade antiga os costumes não eram jamais separados da religião, e no contexto o termo *costumes* é sinônimo de *religião*, significando "as leis da terra".

Os romanos tornaram o judaísmo religião legal dentro do império, e o Cristianismo ainda não era distinguido do judaísmo. Entretanto os romanos proibiram os judeus de fazer convertidos entre os cidadãos romanos.[42] Lucas sugere, indiretamente, que o trabalho dos missionários entre os cidadãos romanos em Filipos estava começando a mostrar resultados. Logo, os magistrados julgaram que o proselitismo praticado pelos missionários judeus tinha de cessar. A ênfase no termo *romanos* na acusação retrata o orgulho chauvinista que os romanos tinham de sua herança. Eles certamente se oporiam a qualquer tentativa para mudar seus costumes.

Se Paulo tivesse suportado os brados da jovem possessa pelo demônio, seus donos o haveriam tolerado e não teriam apresentado queixa. Mas quando Paulo expulsou o demônio, privando-os de sua renda,

42. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 195. Para um ponto de vista alternativo consultar A. N. Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law in the New Testament* (1963; reedição, Grand Rapids: Baker, 1968), p. 81.

ele efetuou uma mudança nas práticas religiosas da sociedade romana, incluindo a da adivinhação.

e. *Espancamento*
16.22-24

Na praça do mercado as pessoas andam de um lado para o outro e se aglomeram rapidamente no local onde percebem ter surgido algum tumulto. A multidão em Filipos ouve os gritos dos donos da escrava e nota o distúrbio no lugar do julgamento.

22. A multidão se juntou ao ataque contra Paulo e Silas. Os magistrados ordenaram que eles fossem despidos e espancados com varas. 23. E quando lhes haviam infligido muitos golpes, os lançaram na prisão. Ordenaram ao carcereiro para guardá-los com segurança. 24. Quando recebeu essas ordens, o carcereiro lançou Paulo e Silas no cárcere interno e prendeu seus pés no tronco.

a. "A multidão se juntou ao ataque". As pessoas ouvem os acusadores de Paulo e Silas. Então elas também erguem suas vozes para atacar os missionários. Somente os gritos e insultos da turba são ouvidos; as vozes dos missionários são abafadas. Influenciados pela emotividade da multidão, os magistrados passam por cima dos procedimentos legais. Em vez de ouvir os acusados e detê-los para aguardarem julgamento, os dois juízes, precipitadamente, dão ordens para que Paulo e Silas sejam despidos e açoitados com varas.

Em suas epístolas, Paulo se refere direta e indiretamente a esse incidente em Filipos. Ele escreve à igreja em Tessalônica: "Fomos anteriormente maltratados e ultrajados em Filipos" (1Ts 2.2, NVI). E em sua listagem de sofrimentos por causa de Cristo, o apóstolo menciona que ele foi açoitado três vezes com vara (2Co 11.25).

2. "Os magistrados ordenaram que eles fossem despidos e espancados". Os magistrados romanos tinham soldados da polícia a seu serviço (vs. 35,38), que em latim eram chamados de lictores (portadores de varas). Esses oficiais carregavam consigo os símbolos romanos da lei e da ordem: os *fasces*, um feixe de varas com um machado. Com tais *fasces* eles ministravam o castigo corporal e, por vezes, a punição de morte. Os oficiais, obedecendo às ordens dos magistrados, rasgam as roupas de Paulo e Silas e os espancam com varas. Desaparecera

qualquer semelhança de procedimento legal apropriado. Mesmo se Paulo e Silas tivessem levantado a questão de que açoitar cidadãos romanos era ilegal (v. 37), no frenesi do momento eles teriam sido ridicularizados e escarnecidos.

c. "E os lançaram na prisão." Os magistrados haviam instruído os oficiais a aplicarem muitos golpes fortes nas costas desnudas de Paulo e Silas. Quando os missionários estão mais mortos do que vivos, dão ordem para que sejam lançados no cárcere. Incumbem o carcereiro de os guardar com segurança. Essa ordem parece supérflua dada a condição física dos prisioneiros. No entanto, o carcereiro, que era provavelmente um veterano do exército, sabia que se Paulo e Silas escapassem da prisão, ele teria de pagar com sua própria vida (veja v. 27).

d. "O carcereiro lançou Paulo e Silas no cárcere interno." Na parte externa da cadeia os presos tinham liberdade de caminhar e encontrar amigos e parentes, mas a parte interna era escura e feita para manter os presos submetidos a confinamento rígido. Ali o carcereiro meteu as pernas dos apóstolos no tronco para tornar a fuga impossível. Ser confinado ao tronco era tortura, especialmente quando as pernas eram forçadas a ficar separadas e colocadas em buracos afastados uns dos outros.[43] Paulo e Silas foram tratados como criminosos indignos de qualquer conforto humano. Todavia, para os missionários, o poder de Deus se tornou evidente em sua hora mais sombria.

Considerações Práticas em 16.22-24

Sofrimento. A palavra em si nos faz evitar tão desagradável assunto. Nossa alma se enche de compaixão quando vemos outros padecendo de dor física devido a enfermidade ou abusos. Procuramos aliviar o sofrimento que os outros precisam suportar, oferecendo-lhes nossos préstimos tangíveis de cuidado amoroso. Desejamos especialmente ajudar os crentes que sofrem por causa de Cristo, quer essa ajuda seja a de nos lembrar deles diariamente em oração, quer seja proporcionar outros meios para o seu conforto.

Pedro diz que se sofremos por fazer o bem e o suportamos, Deus nos

43. Comparar com Eusébio (*Ecclesiastical History* 5.1.27), que descreve o sofrimento dos cristãos prisioneiros no sul da França.

abençoa (1 Pe 2.20; 3.14; 4.13-16). Isso não quer dizer que devemos chamar o sofrimento por sobre nós, pois se o fizermos, não estaremos mais servindo a Deus, mas a nós mesmos. Porém quando ele nos envia o sofrimento enquanto estamos procurando fazer a sua vontade, e quando nós o suportamos, recebemos a aprovação de Deus. O sofrimento por causa de Cristo vem em muitas formas: tormento para aqueles que sofrem fisicamente em tempos de perseguição; aflição para pacientes que enfrentam enfermidades, especialmente as doenças incuráveis; e a agonia mental para aqueles que sofrem silenciosamente num ambiente não-cristão em casa, na escola ou no local de trabalho.

O que deve fazer o cristão ao se defrontar com o sofrimento? Deve manter seus olhos da fé fixos em Jesus, que sofreu por seu povo como o Justo pelos injustos, e lhes deixou um exemplo a seguir (1Pe 2.21).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 16.22 e 24

Versículo 22

περιρήξαντες – dos compostos περί (em torno de) e ῥήγνυμι (eu entrego, quebro), esse aoristo particípio ativo se refere mais aos oficiais que receberam a ordem de açoitar os missionários do que aos próprios magistrados.

ἐκέλευον – o imperfeito de κελεύω (eu ordeno) equivale ao aoristo.[44]

Versículo 24

ἐσωτέραν – esse adjetivo comparativo ("interior") pode ser compreendido como um superlativo ("o mais íntimo").[45]

---

f. *Terremoto*

16.25-30

A princípio Paulo e Silas tentam acomodar o corpo dolorido ao ambiente, mas descobrem que os troncos os impedem de dormir. Resta-lhes apenas uma opção: a de ir a Deus em oração e cantar louvores a ele em salmos e hinos.

---

44. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 883.

45. Comparar com Lenski, *Acts*, pp. 671-72.

25. À meia-noite Paulo e Silas estavam orando e cantando hinos a Deus, enquanto os outros prisioneiros ouviam.

Em vez de lamentar sua condição deplorável de dor, perda de sangue, fome e sede, os missionários se voltam para Deus. Primeiro em oração e depois em cânticos, eles louvam o nome do Senhor. Estão em sintonia com o salmista que escreveu:

> O Senhor, durante o dia,
> me concede a sua misericórdia,
> e à noite comigo está o seu cântico,
> uma oração ao Deus da minha vida.
>
> [Sl 42.8]

Paulo e Silas não apenas edificam e fortalecem a si próprios, mas também dão testemunho e são uma fonte de encorajamento para os outros presos que ouvem suas orações e os salmos (comparar com Ef 5.19; Cl 3.16; Tg 5.13). O tempo do verbo *ouvir* indica que enquanto os missionários continuam seus cânticos por um certo período de tempo os demais prisioneiros ficam ouvindo. Em lugar de imprecações, os detentos ouvem palavras de adoração e louvor.

Não temos evidência alguma de que Paulo e Silas tenham orado para ser libertos da prisão. Todavia, sabemos pelas Escrituras que Deus jamais se esquece de seu povo (Is 49.15,16). É chegado o momento da divina intervenção.

26. De repente houve um violento terremoto de forma que os alicerces da prisão foram sacudidos. À uma, todas as portas foram abertas e todas as correntes se soltaram.

a. "Um violento terremoto." Deus não envia um anjo, mas um terremoto para libertar os prisioneiros. Ele emprega meios sobrenaturais, comissionando um anjo para soltar os apóstolos (5.19) e Pedro (12.7). Deus lança mão do fenômeno natural do terremoto, que na Macedônia constituía ocorrência comum, para libertar os presos em Filipos. Deus usa tanto meios sobrenaturais como naturais como milagres que não podem ser explicados em detalhes.[46] Ele revela o seu poder e majesta-

46. Alguns comentaristas consideram lendária a narrativa do terremoto que libertou os prisioneiros: Martin Dibelius, *Studies in the Acts of the Apostles* (Londres: SCM, 1956),

de libertando seus servos porque é ele quem reina supremo, e não o homem.

O terremoto chega inesperadamente. Lucas escreve que o tremor foi violento (comparar com 4.31). Ele não relata nenhum detalhe referente ao estrago, destruição e morte na cidade em si. Está interessado na libertação dos encarcerados, incluindo Paulo e Silas, e na salvação do carcereiro e dos de sua casa.

b. "Todas as portas foram abertas e todas as correntes se soltaram." Não devemos introduzir os conceitos modernos de trancas de segurança e algemas nessa narrativa. William M. Ramsay observa:

> Qualquer pessoa que tenha visto uma prisão turca não ficará admirado de as portas terem se aberto: cada uma era fechada simplesmente por uma tranca, e o terremoto, ao passar pelo solo, forçou os portais a se afastarem uns dos outros, de forma que as trancas escorregaram de suas presilhas e as portas se escancararam. Os detentos estavam presos à parede ou a troncos de madeira, v. 24; e as correntes e os troncos se soltaram das paredes, sacudidas de forma tal que se abriram espaços entre as pedras.[47]

Na providência protetora de Deus, os prisioneiros não sofrem lesões. Apesar de as correntes não mais estarem fixadas às paredes da prisão, os detentos ainda não estão livres de seus grilhões. Eles permanecem junto de Paulo e Silas e talvez os considerem mensageiros divinos dotados de força e poder sobrenaturais.

27. Quando o carcereiro acordou e viu as portas da prisão abertas, ele tirou sua espada, intentando matar-se. Pensou que os prisioneiros tivessem escapado. 28. Paulo gritou em alta voz: "Não te faças nenhum mal, pois todos estamos aqui".

Lucas contrasta sutilmente a vigília dos prisioneiros com o sono do carcereiro; a confiança de Paulo e a perplexidade do carcereiro; as portas abertas do cárcere e as palavras de Paulo assegurando que todos os presos estão dentro da cadeia.

---

pp. 23-24; Haenchen, *Acts*, pp. 500-504; Conzelmann, *Acts*, pp. 132-22. Entretanto, interpretamos o milagre como um ato de Deus, que é livre para usar um terremoto a fim de libertar os presos.

47. William M. Ramsay, *St. Paul the Traveler and the Roman Citizen* (1897; reedição, Grand Rapids: Baker, 1962), pp. 220-21.

A preocupação imediata do carcereiro desperto de seu sono é a segurança dos encarcerados. Ele sabe que se eles escaparem, sua vida será exigida em troca da vida deles (veja 12.19; 27.42). Ao deparar com as portas da prisão escancaradas – possivelmente à luz da lua – e nenhum prisioneiro próximo à entrada da cadeia, o carcereiro retira sua curta espada e está pronto a enterrá-la no coração. Ele pensa que a maioria dos presos fugiu, e agora, com a pena de morte iminente, está para pôr fim à agonia tirando a própria vida. O verbo grego denota um momento de hesitação que chega a um fim abrupto quando Paulo exclama do interior da cela que todos os presos estão com ele. Acostumado à escuridão do cárcere, Paulo pode ver claramente o carcereiro no vão aberto, porém este não consegue ver os encarcerados.

Não sabemos quantos detentos se achavam na prisão e qual foi a sorte deles depois que Paulo e Silas os deixaram. O texto Ocidental, no versículo 30, acrescenta que depois de soltar Paulo e Silas, o carcereiro "guardou o restante" dos presos.[48] Muitos comentaristas consideram essas palavras uma ampliação fornecida por um escriba que quis explicar a passagem.

29. O carcereiro pediu uma luz e se precipitou para dentro, tremendo de medo. Ele caiu perante Paulo e Silas. 30. Trouxe-os para fora e perguntou: "Senhores, o que eu devo fazer para ser salvo?"

O carcereiro se volta para os membros de sua casa e lhes pede para providenciar uma luz. Ele quer entrar na prisão e determinar se as palavras ditas por Paulo são verdadeiras ou não. Ao receber o utensílio de iluminação das mãos de seus servos, ele se apressa para o interior do cárcere e verifica que Paulo está correto: verdadeiramente todos os presidiários se encontram presentes.

Agora o carcereiro cai trêmulo diante dos missionários como sinal de humilde submissão. Ele sabe que está na presença de homens capazes de lhe mostrar o caminho da salvação, mesmo que ele próprio ainda não tenha concebido plenamente o significado de salvação. Quando Cornélio recebeu Pedro em sua casa e se prostrou perante ele, o apóstolo fez objeção à demonstração de reverência feita pelo centurião dizen-

48. Metzger, *Textual Commentary*, p. 449; Bruce, *Book of the Acts*, p. 317 n. 69.

do que ele também era apenas um homem (10.25,26). Em contrapartida, Paulo e Silas não emitem objeção alguma porque eles entendem a mente confusa do carcereiro. Abstêm-se de repreendê-lo, porém aguardam que ele fale.

O carcereiro não tinha ouvido os missionários entoando cânticos de louvor à meia-noite porque estava dormindo, mas ele sabia que a chegada do terremoto constituía uma resposta divina à atitude de Paulo e Silas. Ele conduz os dois para fora da prisão até o pátio aberto e ali lhes dirige a palavra. Atacado por uma consciência culpada, ele indaga: "Senhores, o que eu devo fazer para ser salvo?" Talvez ele tivesse ouvido a mensagem de salvação numa ocasião anterior, tenha ponderado o seu significado, reconheça o poder espiritual de Paulo e Silas, e agora lhes pede que mostrem a ele o caminho da salvação. Sua pergunta parte de um coração sincero, como fica evidente pelo tratamento amável *senhores*. Com grande respeito ele se dirige aos homens a quem lançara na parte interna do cárcere apenas pouco tempo antes.

Considerações Práticas em 16.30

A igreja de Filipos era chegada ao coração de Paulo. Ele escreveu uma carta especial aos seus membros na qual os exortava a se alegrarem no Senhor. A palavra *alegria*, em suas várias formas, aparece dezesseis vezes nessa pequena epístola.[49] Ela reflete a atitude demonstrada por Paulo no cárcere filipense onde ele e Silas cantaram hinos no meio da noite.

Paulo desenvolvera um relacionamento especial com os membros dessa igreja porque eles, repetidas vezes, fizeram provisões para as suas necessidades físicas (Fp 4.14-18). Nessa epístola aos filipenses, Paulo menciona Epafrodito (2.25; 4.18) e Evódia e Síntique (4.2). Todavia sabemos, pelo livro de Atos, que duas pessoas de antecedentes totalmente diferentes, foram os membros fundadores da congregação: Lídia, a vendedora de púrpura, de Tiatira (vs. 14,15) e o carcereiro (v. 33). É possível que a jovem escrava também fizesse parte da igreja. Esses convertidos, tendo aprendido o caminho da salvação, podiam testificar que tal salvação é dádiva de Deus. Com esses primeiros membros, Deus continua a edificar a sua igreja, de modo que dentro de um curto período, Paulo escreve a respeito de bispos e diáconos na igreja de Filipos (Fp 1.1).

49. William Hendriksen, *Exposition of Phillipians*, série New Testament Commentary (Grand Rapids: Baker, 1962), p. 20

Palavras, Frases e Construções em Grego em 16.29,30

Versículo 29

φῶτα – a forma é o acusativo plural neutro e não deve ser tomado como um acusativo singular (NKJV).

εἰσεπήδησεν – de εἰσπηδάω (pular em), este aoristo ativo ocorre duas vezes no Novo Testamento: aqui e em 14.14. Indica "ação vigorosa".[50]

Versículo 30

ἔξω – "fora/para fora". Aqui está uma indicação do relato preciso do escritor.

σωθῶ – este é um aoristo subjuntivo passivo de σῴζω (eu salvo). O aoristo indica a totalidade da salvação do carcereiro, o passivo infere que Deus é o agente, e o subjuntivo denota o pedido cortês do carcereiro.

g. *Salvação*

16.31-34

O contexto da pergunta do carcereiro mostra que seu interesse está na segurança eterna, e não na segurança do trabalho: quando Paulo e Silas pregam o evangelho, o carcereiro e os membros de sua família crêem em Deus, são batizados e ficam cheios de alegria.

31. Paulo e Silas responderam: "Creia no Senhor Jesus, e você e os membros de sua casa serão salvos".

Os missionários mostram o caminho de salvação ao carcereiro, indo direto ao ponto e dizendo-lhe o que ele deve fazer: "Creia no Senhor Jesus". Quem quer que confessar com a sua boca e crer no seu coração que Jesus é Senhor será salvo (Rm 10.9).[51] Isso é fundamental. Logo, Paulo e Silas dizem ao carcereiro para depositar sua convicção e confiança completas em Jesus e reconhecê-lo como seu Senhor. Não são os missionários que podem salvá-lo, mas tão-somente o Senhor Jesus Cristo.

Entretanto, Paulo e Silas indicam que a salvação se estende a todos

50. F. F. Bruce, *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary*, 3a. ed. (revista e ampliada) (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), p. 486.

51. Veja, por exemplo, João 13.13; Atos 11.17; 1 Coríntios 12.3; Filipenses 2.11.

os membros da casa do carcereiro (inclusive os servos). Ressalto, de passagem, que apesar de Deus salvar indivíduos, quando aplicável ele traz salvação à família da pessoa.[52] Deus trabalha por meio das famílias, pois elas são os blocos da construção da igreja.

32. E eles proclamaram a palavra do Senhor a ele e a todos os que estavam em sua casa. 33. Naquela hora da noite o carcereiro os tomou e lavou seus ferimentos. Imediatamente ele e toda a sua casa foram batizados.

Depois de lançar o fundamento – "creia no Senhor Jesus, e você e os membros de sua casa serão salvos" – Paulo e Silas explicam o evangelho detalhadamente (a expressão exata é *a palavra do Senhor*). Os missionários sofrem dor devido aos açoites recebidos no dia anterior. Mesmo assim, a oportunidade de apresentar um lar ao Senhor os faz esquecer o desconforto que sentem. Se os anjos no céu se regozijam quando na terra um pecador se arrepende (Lc 15.10), não deveriam os servos de Deus exultar quando todos os membros de uma casa de se arrependem e crêem?

Lucas fornece a evidência da mudança de vida do carcereiro. O amor pelo Senhor Jesus o faz pensar a respeito das necessidades físicas de Paulo e Silas. Ele se dá conta de que seus corpos machucados e sangrando necessitam de cuidados médicos. Leva pessoalmente os missionários ao poço da prisão e lava seus ferimentos. Como o carcereiro deve ter se arrependido de seus atos anteriores! Ontem ele havia colocado Paulo e Silas no tronco; agora ele ternamente lhes lava os ferimentos e lhes alivia os vergões.

Como os missionários são fisicamente lavados, assim também o carcereiro e os membros de sua casa são espiritualmente lavados pelo sangue de Jesus, simbolizado pela água do batismo. Como Paulo e Silas são recebedores da bondade do carcereiro, assim também ele e sua família são recebedores da graça de Deus. Com o sinal do batismo, eles são agora membros da família de Deus.

34. O carcereiro levou Paulo e Silas para dentro de sua casa e os alimentou. Regozijou-se grandemente porque ele e sua família creram em Deus.

52. Atos 11.14; 16.15,31; 18.8; 1 Coríntios 1.11,16.

Depois que Lídia e os membros de sua família receberam o sinal do batismo, ela convidou Paulo e seus companheiros para entrarem em sua casa (v. 15). Quando o carcereiro, juntamente com sua esposa, filhos e servos são batizados, ele não faz menos. Ambos, Lídia e o carcereiro, desejam expressar sua gratidão porque agora pertencem à família de Deus. Tanto Lídia como o carcereiro consideram os missionários como irmãos em Cristo. Assim sendo, aquele guarda do cárcere não mais vê Paulo e Silas como prisioneiros, e os missionários não têm desejo algum de fugir.

O carcereiro passa a ser o anfitrião e convida Paulo e Silas a entrarem em sua casa. O grego indica que ele os conduz até a sua residência. Em outras palavras, a cadeia se encontrava situada num lugar menos elevado do que sua casa. O carcereiro cuida pessoalmente das necessidades físicas de Paulo e Silas, fornecendo-lhes comida e bebida. Em tudo o que faz pelos dois, expressa sua enorme alegria no Senhor porque ele e sua família são agora crentes. Mais uma vez, o grego indica que a fé do carcereiro representa uma confiança duradoura em Deus. Ele e os membros de sua casa demonstram não uma fé temporal, mas fé verdadeira em Jesus Cristo. Eles se juntam às fileiras dos outros que, tendo abraçado a fé, expressam sua alegria e felicidade (veja 8.39; 10.46; 13.48). Portanto, a alegria procede da fé, que em si é viva como dom de Deus.[53]

Palavras, Frases e Construções em Grego em 16.31-34

Versículos 31,32

ἐπί – com o acusativo *o Senhor Jesus* depois do verbo *crer*, a preposição ἐπί (para) designa metaforicamente movimento em direção a alguém.[54]

σωθήσῃ σὺ – o pronome da segunda pessoa do singular é o sujeito do verbo, que é um futuro passivo. O futuro é definido.

τὸν λόγον τοῦ κυρίου – alguns manuscritos gregos trazem a variação τοῦ θεοῦ. Em Atos, Lucas usa indiferentemente as expressões *a palavra de Deus* e *a palavra do Senhor* (veja, por exemplo, 13.5,44).

53. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 2, p. 87.
54. Moule, *Idiom-Book*, p. 49.

Versículos 33,34

ἔλουσεν ἀπὸ τῶν πληγῶν – "eles lhes lavou os ferimentos". Se colocarmos um objeto direto para o verbo *lavar*, a tradução literal seria "ele lavou [impurezas] de seus ferimentos".

πανοικεί – este advérbio, traduzido por "junto com toda a sua casa", concorda tanto com o verbo *regozijar* como com o particípio perfeito *creram*.

---

h. *Partida*

16.35-40

Quando Deus liberta miraculosamente Paulo e Silas, o efeito do milagre é estarrecedor. Os magistrados que foram influenciados pela turba no dia anterior, agora estão pensando melhor. Quem sabe os pretores relacionam, de modo supersticioso, o violento terremoto aos acontecimentos do dia anterior.[55] De qualquer forma, eles desejam se livrar desses dois judeus o mais depressa possível. Logo, ao romper do dia, instruem os oficiais que haviam açoitado Paulo e Silas a irem até o cárcere e ordenarem ao carcereiro para soltar os dois prisioneiros.

35. Quando se fez dia, os magistrados enviaram seus oficiais com a mensagem: "Libertem esses homens". 36. O carcereiro relatou estas palavras a Paulo e disse: "Os magistrados mandaram libertar vocês. Agora, pois, vão em paz".

Para não criarem dificuldades ao carcereiro, os missionários retornam voluntariamente ao cárcere e aguardam o desenrolar dos acontecimentos. Logo ouvem as vozes dos oficiais que dizem ao carcereiro para colocar Paulo e Silas em liberdade. Enquanto os oficiais aguardam, o carcereiro entra na prisão e passa o recado a Paulo: "Os magistrados mandaram libertar vocês. Agora, pois, vão em paz". Note-se que Paulo é o personagem principal no desdobramento desse drama.

Sem dúvida o carcereiro pensa que a notícia da libertação deve agradar os missionários. Portanto, fica surpreso quando Paulo não se

---

55. O texto ocidental traz um acréscimo que tem todas as características de uma explanação: "Mas quando se fez dia, os magistrados *se reuniram no local do mercado, e lembrando-se do terremoto que ocorrera, ficaram temerosos; e* enviaram a polícia, dizendo ..." Metzger, *Textual Commentary*, p. 450.

mostra disposto a deixar a prisão. Ele ouve as objeções apontadas pelo apóstolo diante da ordem dos pretores.

37. Mas Paulo lhes disse: "Eles nos açoitaram publicamente sem inquérito judicial e nos lançaram na prisão, mesmo sendo nós cidadãos romanos. E agora nos despedem secretamente? Não, que venham eles próprios e nos levem para fora!"

Considerem-se os seguintes pontos:

1. *Injustiça* – Paulo sentiu o gume rígido da injustiça aplicado pelos magistrados a ele e a Silas. Ele quer que saibam que eles cometeram um grave erro. O apóstolo reivindica o direito de apelo da lei romana, que no seu caso e no de Silas, fora violado.

A lei romana, do 6º ao 2º século a.C., protegia os cidadãos romanos de açoites públicos, encarceramento e morte sem julgamento apropriado. O historiador Lívio, por exemplo, escreve acerca da aplicação da lei de Porcion, aprovada provavelmente em 198 A.C.: "Todavia, a lei de Porcion parece ter sido aprovada meramente com o fim de proteger a pessoa do cidadão, impondo, conforme fez, uma pesada pena àquele que açoitasse ou matasse um cidadão romano".[56] A cidadania romana deveria, então, ter protegido Paulo e Silas dos açoites e do encarceramento. A exceção à lei romana só poderia ser feita se o cidadão romano tivesse sido convenientemente julgado e condenado pelo tribunal da corte.[57] Os pretores deveriam ter realizado um julgamento segundo a lei, em lugar de cederem à pressão da turba para aplicar em Paulo e Silas uma surra pública e confiná-los ao cárcere.

Por que Paulo ficou calado quando ele e Silas foram surrados publicamente? Se tivessem protestado, os magistrados, no frenesi do momento, não teriam ouvido. O silêncio de Paulo, quer por circunstância ou por desígnio, lhe serve agora muito bem a fim de chamar a atenção para a grave injustiça sofrida pelos dois missionários. Se os pretores estiverem dispostos a reconhecer publicamente o seu erro, passarão a tolerar os cristãos e evitarão incidentes futuros relacionados à igreja.

---

56. Lívio 10.9.4; consultar ainda Cícero, *In Defense of Rabirius* 4.12-13; Boyd Reese, "The Apostle Paul´s exercise of His Rights as a Roman Citizen as Recorded in the Book of Acts", *EvQ* 47 (1975): 138-45.

57. Veja Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law*, p. 74.

2. *Desculpas* – "E agora nos despedem secretamente? Não, que venham eles próprios e nos levem para fora!" Paulo está no pleno controle da situação. Ele insiste em que os magistrados venham até a prisão e soltem os dois cidadãos romanos. Os dois juízes cometeram um grave erro ao deixar de cumprir a lei romana. Ordenaram que Paulo e Silas fossem espancados publicamente, e publicamente devem pedir desculpas antes de poderem libertar os missionários da cadeia.

38. Os oficiais relataram isso aos magistrados. Quando eles ouviram que Paulo e Silas eram cidadãos romanos, começaram a se preocupar. 39. Foram até a prisão e pediram desculpas. Levaram-nos para fora e lhes imploraram que deixassem a cidade.

O que Paulo esperava realmente acontece. Quando os oficiais relatam aos pretores que os dois prisioneiros judeus são cidadãos romanos, o medo toma conta deles. Eles sabem que podem perder o cargo e serem severamente punidos. Não precisam duvidar da veracidade da declaração de Paulo, pois qualquer que alegasse falsamente a cidadania romana seria morto.[58] A reivindicação de Paulo é genuína e eles a tomam como tal. Lucas não indica como Paulo e Silas provaram sua cidadania romana. Quando um cidadão romano registrava o nascimento de uma criança na presença de um oficial romano, "ele recebia um díptico de madeira registrando a declaração, que servia como um certificado de cidadania pelo resto de sua vida".[59] É possível que Paulo e Silas trouxessem consigo essa prova de cidadania.

Os magistrados vão pessoalmente à prisão. Supomos que vão acompanhados dos oficiais e pelo povo que deseja satisfazer sua curiosidade.[60] Eles admitem publicamente o seu erro e apresentam suas desculpas. Conduzem Paulo e Silas para fora da prisão e depois lhes pedem para deixarem a cidade de Filipos. Do ponto de vista deles, o pedido é

58. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 210.

59. A. N. Sherwin-White, *The Roman Citizenship*, 2a. ed. (Oxford: Clarendon, 1973), p. 316.

60. O revisor do texto ocidental acrescentou frases explicativas que se encontram em itálico: "E *tendo chegado com muitos amigos à prisão*, eles lhes suplicaram que saíssem *dizendo: 'Nós não sabíamos a verdade a seu respeito, que vocês são homens justos'*. E quando os trouxeram para fora lhes suplicaram dizendo: 'Partam desta cidade, *para que não se reúnam novamente contra nós, clamando contra vocês*". Metzger, *Textual Commentary*, p. 451.

vantajoso, porque a presença desses dois missionários é uma constante lembrança da evidência contra eles. Pedem a esses homens, que podem lhes ensinar o caminho de salvação, para deixarem a cidade. É óbvio o paralelo com os gadarenos que pediram a Jesus para deixá-los (Mt 8.34). No interesse da igreja e seu futuro, Paulo e Silas consentem com o pedido dos magistrados, mas com a ressalva de primeiro passarem algum tempo com os cristãos em casa de Lídia.

40. E depois que Paulo e Silas deixaram a prisão, eles foram para a casa de Lídia, onde se reuniram com os irmãos. Então os encorajaram e partiram.

Paulo e Silas deixam o cárcere na condição de honrados cidadãos romanos respeitados pelas autoridades locais. Eles não estão em condições físicas de retomar a viagem. Seus corpos estão doídos por causa dos vergões, e a falta de dormir esgota suas reservas de vigor. Eles desejam abrigo e cuidados, e o lugar onde podem ter suas necessidades supridas é a casa de Lídia. Ali, o médico Lucas os está aguardando a fim de lhes prover conforto físico, enquanto Timóteo e Lídia ministram tanto às suas necessidades espirituais como às materiais.

A essa altura Lucas já descreveu a conversão de Lídia, o exorcismo da jovem escrava e a transformação do carcereiro. Mas ainda não registrou o crescimento da igreja filipense. Nesse versículo ele menciona que os missionários encontram os irmãos em casa de Lídia. Apesar de os irmãos procurarem ministrar a Paulo e Silas, Lucas relata que em vez disso são os missionários quem os encorajam. A questão é que, através dos séculos, os judeus haviam aprendido a sofrer por sua fé. Por outro lado, os gentios estão, pela primeira vez, sofrendo por causa de Cristo. Eles se dão conta de que devido à sua relação com Jesus Cristo, também se defrontarão com resistência, perseguição e aflição (veja Fp 1.29,30). Por essa razão os missionários lhes falam palavras de encorajamento.

Depois de um período de descanso na residência de Lídia, Paulo, acompanhado por Silas e Timóteo, retoma sua viagem ao longo da Via Ignácia. Presumimos que Lucas permaneceu em Filipos, pois o pronome pessoal *nós* não aparece outra vez na narrativa até que chegue em 20.5,6.

Considerações Práticas em 16.35-40

"Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos" (Jo 15.13). Lemos estas palavras de Jesus e as aceitamos como verdadeiras, porém sabemos que somente em circunstâncias excepcionais tais palavras são cumpridas. Ao entregar sua vida por seu povo, Jesus demonstrou seu inquestionável amor pelas pessoas.

Num certo sentido, ao desempenharem seu dever missionário, Paulo e Silas estão prontos a entregar a vida em favor dos crentes filipenses. Deus lhes preservou a vida, mas eles sofreram duramente para beneficiar os cristãos de Filipos. Estes, por seu turno, expressaram sua gratidão a Paulo, ministrando a ele repetidas vezes. Conseqüentemente, desenvolveu-se um elo inquebrantável entre o apóstolo e os crentes em Filipos. Como fica evidente em sua carta essa igreja, essas pessoas eram queridas de Paulo e ele delas:

"Tenho vocês no meu coração" (1.7).
"Por intermédio de suas orações eu serei libertado" (1.19).
"O meu Deus suprirá todas as suas necessidades" (4.19).

Em sua epístola, Paulo os exorta a se alegrarem no Senhor. Um autor anônimo escreveu sucintamente: "A alegria é o resultado natural da obediência do crente à vontade revelada de Deus".

Palavras, Frases e Construções em Grego em 16.36-40

Versículo 36

ἀπέσταλκαν – o perfeito de ἀποστέλλω (eu envio) indica efeito duradouro. Note-se que é empregada a terminação -αν em vez da normal -ασιν (terceira pessoa do plural do perfeito ativo).

ἐν εἰρήνῃ – a preposição en significa "entrar numa paz na qual se pode viver".[61]

Versículo 37

δείραντες – Paulo usa o aoristo particípio ativo de δέρω (eu esfolo, tiro a pele). Ele está dizendo aos oficiais: "Vocês nos arrancaram a pele".

61. Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 223; Moule, *Idiom-Book*, p. 79.

ὑπάρχοντας – o particípio presente de ὑπάρχω (eu existo, estou presente) é amplamente utilizado como substituto do verbo *ser*. O particípio é concessivo: "Apesar de sermos".

É impressionante o contraste entre δημοσίᾳ (publicamente, à vista de todos) e λάθρᾳ (secretamente, oculto da vista).

οὐ γάρ – no contexto, esta combinação significa "não é assim!"[62]

Versículos 39,40

ἠρώτων – "eles estavam pedindo". O uso do imperfeito indica que eles pediam repetidamente.

ἀπό – esta preposição segue o verbo ἀπελθεῖν (partir). Apesar da preposição significar corretamente "[partir] de", aqui ela dá a conotação de "[partir] para fora de".[63]

πρὸς τὴν Λυδίαν – a referência é à casa de Lídia, e não ao distrito de Lídia na Ásia Menor.

Sumário do Capítulo 16

Paulo e Silas chegam em Derbe e Listra, onde encontram Timóteo. Nascido de mãe judia e pai grego, Timóteo é um crente. Paulo quer que Timóteo os acompanhe; para aumentar a eficácia de Timóteo como testemunha aos judeus, Paulo o circuncida. Enquanto viajam, Paulo e Silas entregam os decretos apostólicos às igrejas e as fortalecem na fé.

O Espírito Santo impede os missionários de pregar o evangelho nas províncias da Ásia e nas regiões da Bitínia e Mísia. Em Trôade, Paulo tem a visão de um homem macedônio chamando-o para ir e ajudar o povo dali. Os missionários embarcam num navio, navegam para Neápolis e viajam até Filipos, onde permanecem durante vários dias. No sábado, Paulo prega a um grupo de mulheres. Deus abre o coração de Lídia, que se torna crente no Senhor e é batizada. Paulo e seus companheiros se hospedam em casa de Lídia.

Uma jovem escrava possessa pelo demônio, adivinhante que gera muitos lucros aos seus donos, identifica os missionários como servos de Deus. Seus gritos contínuos aborrecem Paulo, que expulsa o espíri-

62. Comparar com Robertson, *Grammar*, p. 1187.
63. Blass e Debrunner, *Greek Grammar*, no. 209.1.

to maligno. Os proprietários da moça se dão conta da perda de renda e acusam Paulo e Silas perante os pretores. Os missionários são severamente açoitados e lançados na prisão. Durante a noite eles oram e cantam hinos. Com um terremoto Deus liberta os prisioneiros. Paulo impede o carcereiro de cometer suicídio; o homem se torna crente e é batizado juntamente com sua família.

Na manhã seguinte os magistrados enviam os oficiais à cadeia para libertar Paulo e Silas. Paulo lhes informa que ele e Silas são cidadãos romanos que sofreram a injustiça de um espancamento público e encarceramento sem inquérito judicial. Paulo exige que os magistrados venham até o cárcere para libertá-lo e a Silas. Os pretores consentem; a pedido deles, os missionários deixam Filipos depois de passarem algum tempo na casa de Lídia.

17

A Segunda Viagem Missionária

Parte 3

17.1-34

ESBOÇO (continuação)

17.1-9	3. Tessalônica
17.1-4	a. Proclamação
17.5-9	b. Reação
17.10-15	4. Beréia
17.16-18.17	C. Grécia
17.16-34	1. Atenas
17.16-18	a. Cenário
17.19-21	b. Pedido
17.22-23	c. Introdução
17.24-28	d. Conteúdo
17.29-31	e. Aplicação
17.32-34	f. Reação

Capítulo 17

ATOS 17.1-9

17 1. Quando tinham passado por Anfípolis e Apolônia, eles chegaram a Tessalônica; nesse lugar havia uma sinagoga dos judeus. 2. Segundo o seu costume, Paulo entrou na sinagoga e, por três sábados, arrazoou com eles acerca das Escrituras. 3. Ele explicou e demonstrou que o Cristo tinha de sofrer e ressuscitar dentre os mortos. Ele disse: "Este Jesus, a quem eu estou proclamando a vocês, é o Cristo". 4. Alguns dos judeus foram persuadidos e se uniram a Paulo e Silas, bem como uma grande multidão de gregos tementes a Deus e não poucas das mulheres proeminentes.

5. Mas os judeus estavam com inveja. Eles levaram consigo alguns homens maus da praça do mercado e tendo formado uma turba, começaram a tumultuar a cidade. Aproximaram-se da casa de Jasom, procurando levar Paulo e Silas para fora até o povo. 6. Quando não os encontraram, arrastaram Jasom e alguns irmãos perante as autoridades. Eles gritaram: "Estes homens que têm transtornado o mundo vieram aqui também, e Jasom os recebeu. Todos eles agem contra os decretos de César, dizendo que existe um outro rei, a saber, Jesus". 8. Eles alvoroçaram a multidão e os oficiais da cidade que prestavam atenção a essas coisas. 9. E quando receberam uma fiança de Jasom e dos outros, eles os deixaram ir.

---

3. *Tessalônica*

17.1-9

Durante sua segunda viagem missionária, Paulo se empenhou em levar o evangelho aos centros comerciais e administrativos, a partir dos quais este poderia ser disseminado para numerosos lugares. Juntamente com seus companheiros, o apóstolo viajou de Filipos para Tessalônica (atual Salônica). Na sinagoga em Tessalônica, ele proclamou o evangelho a judeus e a gentios.

a. *Proclamação*

17.1-9

1. Quando tinham passado por Anfípolis e Apolônia, eles chegaram a Tessalônica; nesse lugar havia uma sinagoga dos judeus. 2. Segundo o seu costume, Paulo entrou na sinagoga e, por três sábados, arrazoou com eles acerca das Escrituras.

Observamos os seguintes pontos:

1. *Lugar* – A Via Ignácia se estendia da costa do Egeu ao norte da Macedônia até a costa ocidental (na atual Albânia) ao longo do Mar Adriático. De Filipos, os missionários viajaram por essa estrada na direção sudoeste. Não podemos determinar se fizeram o trajeto a pé ou a cavalo; supomos que Paulo e seus companheiros tenham coberto a distância entre Filipos e Anfípolis (cerca de 48 quilômetros) em um dia até encontrar pouso para a noite. Supomos que tenham ido a cavalo em lugar de caminhar, pois Paulo e Silas ainda estavam tratando dos ferimentos causados pelo espancamento que haviam sofrido em Filipos.

Anfípolis, situada às margens do Rio Strimon, era a capital do primeiro distrito da Macedônia (veja comentário sobre 16.12). O nome *Anfípolis* (em torno da cidade) dá a entender que a cidade era quase que totalmente rodeada pelo rio. Lucas parece indicar que em razão de Anfípolis e a vizinha Apolônia não possuírem sinagoga e não haver nenhum judeu residindo nessas cidades, Paulo e seus companheiros não pregaram o evangelho ali.[1]

Depois de viajarem um outro dia inteiro, os missionários chegaram a Apolônia, uma cidade situada a 43 quilômetros a sudoeste de Anfípolis. Ali eles passaram a noite antes de prosseguirem sua jornada para Tessalônica, a 61 quilômetros na direção oeste.

Em Tessalônica, o trânsito do mar e o da terra se encontravam. A cidade, localizada no Golfo de Salônica, fica próxima a dois rios (o Vardar e o Vistritza). Nos tempo antigos, o povo usava esses rios para transportar os produtos agrícolas cultivados nas planícies férteis às margens dos rios. Além de ser um centro comercial, a cidade nos dias

1. David John Williams observa que os arqueólogos não encontraram nenhum indício de sinagoga, nem em Anfípolis, nem na vizinha Apolônia. *Acts*, série Good News Commentary (San Francisco: Harper e Row, 1985), p. 286.

de Paulo era a capital da Macedônia e servia a toda a província como seu centro administrativo.[2] Em sua campanha contra Brutus e Cassius, que haviam assassinado Júlio César, os romanos colocaram uma guarnição militar em Tessalônica. Devido ao seu apoio a Marco Antônio e Otaviano (mais tarde conhecido como Augusto), os romanos concederam a Tessalônica a posição de cidade livre em 42 a.C.[3] Quando Paulo e seus companheiros estiveram em Tessalônica, viviam ali cerca de duas mil pessoas, dentre elas vários judeus. Essa cidade, estrategicamente localizada, se tornou uma base da qual o evangelho se espalhou pela Macedônia e Grécia (1Ts 1.8).

2. *Tempo* – Paulo continuou sua prática costumeira de pregar o evangelho primeiro aos judeus e depois aos gentios (comparar com 13.5; veja também Lc 4.16). Ele visitou a sinagoga em Tessalônica e esperou o convite para pregar o evangelho aos judeus e aos gentios tementes a Deus que cultuavam ali. Lucas escreve que "Paulo entrou na sinagoga e, por três sábados, arrazoou com eles acerca das Escrituras".

Paulo passou apenas um período de três semanas em Tessalônica? Aparentemente não. Suas cartas a essa igreja e a narrativa de Lucas em Atos sugerem que ele permaneceu bem mais do que três sábados. Ilustrando: a igreja filipense lhe enviou ajuda material em duas ocasiões (Fp 4.16).[4] Paulo trabalhava dia e noite para se sustentar, presumivelmente como fazedor de tendas (veja 18.3), pois ele não queria se tornar um peso para ninguém (1 Ts 2.9; 2Ts 3.8).[5] Sugiro que, por três sábados, Paulo tenha pregado na sinagoga, e depois continuou seu ministério entre os gentios tementes a Deus. Ele escreveu que a igreja em Tessalônica consistia de gentios que haviam renunciado aos ídolos e se voltado para Deus (1Ts 1.9). Paulo também escreveu que a igreja pro-

2. Antes de os romanos terem transformado Tessalônica na capital da província da Macedônia em 146 a.C., ela era a capital do segundo distrito da Macedônia. Lívio, *Annals* 44.10.45; 45.29.

3. Plínio, *Natural History* 4.36.

4. A tradução da Bíblia de Jerusalém: "E duas vezes desde a minha permanência em Tessalônica vocês me enviaram aquilo de que eu necessitava", corrobora a interpretação de uma breve estada. Mas os tradutores não apóiam a frase *desde a minha permanência*, porque ela não é encontrada no texto grego.

5. Donald H. Madvig, "Thessalonica", *ISBE*, vol. 4, p. 837.

clamou o evangelho pela Macedônia e Acaia, o que infere que os tessalonicenses receberam plena instrução acerca da mensagem do Senhor. Essa instrução teria sido ministrada somente se o próprio Paulo tivesse trabalhado em Tessalônica mais do que três sábados.[6]

3. Ele explicou e demonstrou que o Cristo tinha de sofrer e ressuscitar dentre os mortos. Ele disse: "Este Jesus, a quem eu estou proclamando a vocês, é o Cristo".

No culto da sinagoga local, Paulo diz ao seu público que Jesus é o Cristo, aquele que, por intermédio de seu sofrimento, morte e ressurreição, cumprira as profecias messiânicas das Escrituras. Lucas declara apenas que Paulo pregou; ele não fornece o texto da mensagem. Em Tessalônica Paulo modificou levemente a sua abordagem habitual (veja 13.16-41): "[ele] arrazoou com eles [os judeus] acerca das Escrituras", isto é, ele apresenta os ensinamentos da Escritura que se relacionam ao Messias e convida sua platéia a fazer perguntas.[7] A menos que os ouvintes de Paulo estejam prontos e dispostos a enxergar que a pessoa e obra de Cristo cumprem as profecias das Escrituras, a Bíblia para eles permanece um livro fechado.[8]

Paulo segue o exemplo dado por Jesus, que abriu as Escrituras para os dois homens no caminho de Emaús e para os discípulos no cenáculo. Jesus lhes mostrou na Lei, nos Profetas e nos Salmos que o Cristo teria de sofrer e ressuscitar dos mortos (Lc 24.25-27,44-46). A palavra *explicar* vem do verbo grego que significa "abrir". Paulo abre a Palavra e coloca a explicação das profecias messiânicas diante de seus ouvintes. Ao apelar para as Escrituras, ele conta com uma base comum para provar que o Messias veio na pessoa e obra de Jesus Cristo de Nazaré.

Paulo demonstra que o Cristo *tinha* de sofrer, morrer e ressuscitar dentre os mortos. Lucas, em seu Evangelho e em Atos, também ilustra claramente que a vida de Jesus, sua morte e ressurreição, são governadas pela necessidade divina (veja, por exemplo, Lc 2.49; 4.43; 13.33;

6. Consultar Everett F. Harrison, *Interpreting Acts: The Expanding Church*, 2a. ed. (Grand Rapids: Zondervan, Academie Books, 1986), p. 275.

7. Gottlob Schrenk, *TDNT*, vol. 2, p. 94; Dieter Fürst, *NIDNTT*, vol. 3, p. 821.

8. Richard B. Rackham, *The Acts of the Apostles: An Exposition*, série Westminster Commentaries (1901; reedição, Grand Rapids: Baker, 1964), p. 295.

24.26; At 3.21). "A preocupação fundamental de Lucas não é retratar a morte de Jesus como o trágico fracasso de um profeta, mas apresentar sua morte e ressurreição como necessários atos salvíficos de Deus".[9]

Em suas apresentações, Paulo discute três fatos: o Cristo tinha de sofrer, ele tinha que ressurgir dos mortos, e ele é o Jesus proclamado pelo apóstolo. Os judeus objetavam ao ensinamento de que Cristo morreu numa cruz, porque para eles um criminoso pendurado num madeiro (cruz) se encontrava sob a maldição de Deus (Dt 21.23; Gl 3.13). A doutrina da ressurreição constitui o tema recorrente proclamado pelos apóstolos sempre que eles falam (veja 2.24,32; 13.30,33,34,37; 17.31). E identificar Jesus com o Messias é o objetivo pessoal de Paulo desde sua conversão na estrada de Damasco (veja 9.22). Por essa razão, Paulo usa o pronome pessoal *eu*, "a quem eu estou proclamando a vocês". Abrindo as Escrituras e mostrando que Jesus cumprira as profecias, Paulo convence judeus e gentios que este Jesus é o Messias prometido.

4. Alguns dos judeus foram persuadidos e se uniram a Paulo e Silas, bem como uma grande multidão de gregos tementes a Deus e não poucas das mulheres proeminentes.

Lucas descreve o resultado da pregação de Paulo. Apesar de mencionar tanto judeus quanto gentios, ele contrasta claramente a composição do grupo: uns poucos judeus e uma grande multidão de gentios. Assim, portanto, a igreja é predominantemente gentia em seu caráter; os judeus haviam instruído os gentios nos ensinamentos do Antigo Testamento. Paulo está ceifando uma verdadeira colheita da atividade missionária em Tessalônica porque inúmeros gentios haviam depositado sua fé no Deus de Israel, mas faziam objeção à circuncisão. Por essa razão, os judeus não os aceitavam como convertidos, porém os chamavam de gentios tementes a Deus (veja o comentário em 10.2). Essa é uma repetição do que acontecera em Antioquia da Pisídia (13.43-48).

Lucas acrescenta que entre esses gentios tementes a Deus se encontravam várias mulheres de posição social proeminente. Ele emprega o artifício característico para indicar o óbvio: "não poucas das mu-

9. Erick Tiedtke e Hans-George Link, *NIDNTT*, vol. 3, p. 667; veja ainda Leon Morris, *New Testament Theology* (Grand Rapids: Zondervan, Academie Books, 1986), pp. 164, 174.

lheres proeminentes". Essas mulheres ocupavam posições de liderança nessa cidade, ou eram esposas de oficiais do lugar. A primeira opção é a mais provável, pois na sociedade greco-romana daqueles dias as mulheres, muitas vezes, atingiam posições altas e de proeminência (16.14).

Lucas emprega o verbo *unir*, que no grego é algo singular. Ele escreve: "Alguns dos judeus ... se uniram a Paulo e Silas". Esse verbo em especial significa que esses judeus "*foram designados a Paulo* por Deus, isto é, como discípulos e seguidores".[10] Em outras palavras, eles foram unidos aos missionários no sentido de segui-los. Conseqüentemente, esses judeus e gentios tementes a Deus "obtiveram, por meio de Deus, uma porção da herança prometida e foram nela colocados".[11]

Considerações Doutrinárias em 17.1-4

A Escritura ensina que a salvação tem origem em Deus e não no homem. Apesar de Paulo exortar os filipenses a desenvolverem sua salvação com temor e tremor, ele contudo acrescenta que Deus trabalha por intermédio deles para realizar o seu propósito (Fp 2.12,13). A salvação compreende tanto a soberania de Deus como a responsabilidade do homem. Deus salva, mas o homem responde pela fé fazendo a vontade de Deus em palavras e em ações. Deus desenvolve seu plano de salvação por meio de seu Filho, e assim redime o seu povo.

A Escritura ensina que, conforme o plano de Deus, Cristo teve de sofrer, morrer e ressuscitar dos mortos. Ela expressa a necessidade divina na expressão *ter de*. Esse termo aparece repetidas vezes em Atos e indica o propósito de Deus. Por exemplo, Jesus diz a Paulo, quando de sua conversão, o que o apóstolo *tinha de* fazer (9.6) e informa Ananias que Paulo *tem de* sofrer por causa de Cristo (9.16). E Jesus instrui Paulo que ele *terá de* testificar pelo Senhor em Roma (23.11). Por todo o livro de Atos, Lucas jamais se cansa de retratar Deus como o autor da salvação do homem, aquele que, por intermédio do homem, está desenvolvendo seu plano e seu propósito divinos.

10. Thayer, p. 547. Veja também Bauer, p. 716.
11. Johannes Eichler, *NIDNTT*, vol. 2, p. 302.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 17.1-4

Versículo 1

τὴν ... τὴν – estes dois artigos definidos precedem os substantivos *Anfípolis* e *Apolônia*. Observe-se que falta o artigo definido ao substantivo *Tessalônica*.[12] O texto ocidental indica que Paulo e seus companheiros pararam em Apolônia: "Ora, quando tinham passado por Anfípolis, eles *desceram* para Apolônia, *e dali* para Tessalônica".[13]

Versículos 2,3

πρὸς αὐτοὺς – estas palavras se referem à sinagoga dos judeus.

σάββατα – geralmente é traduzida por "sábados", mas pelo menos uma tradução (a RSV) traz "semanas".[14]

ἀπὸ τῶν γραφῶν – esta frase pode ser tirada ou do verbo διελέξατο (ele arrazoou) ou dos particípios presentes διανοίγων (ele explicou) e παρατιθέμενος (ele demonstrou).

ἐγώ – o pronome pessoal é enfático e indica o resultado direto da conversão de Paulo na estrada de Damasco. Para a mudança do discurso indireto para o direto, comparar 1.4,5 e 23.22.

Versículo 4

προσεκληρώθησαν – o verbo é uma combinação da preposição πρός (para) e o substantivo χλῆρος (parte). Ele comunica a idéia de receber o privilégio de se ter uma porção na herança. O passivo aoristo infere que Deus é o agente.

πρώτων – o adjetivo superlativo neste caso expressa somente posição: "proeminente".[15]

12. Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. por Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), no. 261.2.

13. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3a. ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 452.

14. Para uma discussão detalhada, consultar Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, pp. 202-3.

15. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 669.

b. *Reação*

17.5-9

5. Mas os judeus estavam com inveja. Eles levaram consigo alguns homens maus da praça do mercado e tendo formado uma turba, começaram a tumultuar a cidade. Aproximaram-se da casa de Jasom, procurando levar Paulo e Silas para fora até o povo.

Depois de pregar durante três sábados na sinagoga judaica de Tessalônica, Paulo continua seu ministério de ensino nas casas particulares. Dentre os crentes judeus se encontra um homem chamado Jasom, que oferece hospedagem a Paulo e Silas, os quais, presumivelmente, transformam essa casa num lar-igreja. Apesar de o nome *Jasom* ser grego, trata-se de uma tradução da forma hebraica *Josué*. Aristarco e Secundo são outros dois crentes em Tessalônica (20.4), que mais tarde acompanham Paulo em suas viagens.

Pelos escritos de Paulo sabemos que ele proclamou o evangelho "com poder, com o Espírito Santo e com profunda convicção" (1Ts 1.5, NVI). Deus abençoa os labores de Paulo de modo que numerosos gentios se voltam ao Senhor pela fé. Dentre eles se acham os tementes a Deus, a quem os judeus haviam instruído nos ensinamentos básicos das Escrituras. Conseqüentemente, quando os judeus vêem que Paulo está conduzindo esses gentios para fora dos cultos de adoração na sinagoga, eles não ficam simplesmente com inveja de Paulo; ficam com raiva. A inveja e a raiva constituem os dois lados de uma mesma moeda. Lucas ilustra isso em narrativas anteriores (5.17; 13.45) e mostra que os oponentes de Paulo recorrem à calúnia e ao abuso verbal.

Os judeus vão até a praça do mercado, onde alguns maus elementos costumam ficar perambulando. Por pouco dinheiro, tais homens se dispõem a fazer qualquer coisa que lhe pedirem. Eles recebem dos judeus orientação para formar uma turba e iniciar um tumulto (comparar com 14.4,5,19; veja também 1Ts 2.14-16). Junto com esses agitadores, os judeus prosseguem para a casa de Jasom com o propósito de capturar Paulo e Silas e levá-los perante a assembléia do povo.

Por ser Tessalônica uma cidade livre, os negócios públicos eram tratados por uma assembléia popular.[16] Na assembléia pública, os cida-

16. Bauer, p. 179. Ernst Haenchen, entretanto, assevera que a palavra grega *demos* é

dãos cuidavam dos casos do tribunal do júri e das questões legislativas. Não sabemos se a assembléia se encontrava reunida em sessão nessa hora ou se o próprio povo formou uma assembléia. Não são os judeus, que em Tessalônica eram minoria, mas é a multidão quem manda. A propósito, observe-se que Lucas usa a expressão *os judeus* para designar as pessoas que se opunham ao evangelho.

6. Quando não os encontraram, arrastaram Jasom e alguns irmãos perante as autoridades. Eles gritaram: "Estes homens que têm transtornado o mundo vieram aqui também, e Jasom os recebeu. Todos eles agem contra os decretos de César, dizendo que existe um outro rei, a saber, Jesus".

1. *Oficiais* – Supomos que Paulo tenha recebido antes o aviso da tentativa de prisão. Os cristãos esconderam Paulo e Silas nalgum lugar da cidade e os protegeram de danos físicos. Entretanto, não esperavam que a turba se voltasse contra Jasom e os outros crentes. Quando a multidão foi até a casa de Jasom e não conseguiu encontrar os missionários, Jasom e alguns cristãos presentes em sua casa foram presos e literalmente arrastados para a assembléia pública, diante das autoridades da cidade.

O termo grego *politarches*, traduzido por "autoridades da cidade", descreve os oficiais das assembléias públicas nas cidades livres da Macedônia. Como Tessalônica era uma cidade livre, a palavra *politarches* se refere aos magistrados macedônios, e não aos oficiais romanos. Nos meados do século 1º, Tessalônica possuía pelo menos cinco *politarches*. Em 1876, quando os oficiais da cidade de Salônica decidiram derrubar o antigo arco chamado Portal de Vardar colocado na Via Ignácia, descobriram uma inscrição contendo nomes de oficiais da cidade antiga. Esses nomes eram prefaciados pelo termo *politarches*. O mesmo termo é encontrado em muitas inscrições que datam "do século 2º a.C. ao 3º d.C."[17]

2. *Acusações* – A multidão apresenta acusações contra Jasom e seus irmãos cristãos, mas as palavras usadas se aplicam principalmente a

sinônimo de *ochlos* (povo). *The Acts of the Apostles: A Commentary*, trad. por Bernard Noble e Gerald Shinn (Filadélfia: Westminster, 1971), p. 507. Comparar com 19.33,35.

17. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 205.

Paulo e Silas, e a Jasom somente em segundo plano: "Estes homens que têm transtornado o mundo vieram aqui também, e Jasom os recebeu". Os judeus acusam Paulo e Silas, a quem não conseguem encontrar, de transtornar o mundo. Num certo sentido, é correta a denúncia de que os missionários estão transtornando o mundo inteiro. O fato é que o evangelho transtorna, penetra e muda a sociedade em todas as partes do mundo. Além do mais, talvez os judeus tivessem ouvido o que acontecera a Paulo e Silas em Filipos. Eles insinuam que incidente semelhante vai ocorrer em Tessalônica.[18] Entretanto, sob a perspectiva dos magistrados, a acusação parecia, à primeira vista, ser totalmente exagerada. Porque os judeus não conseguem apresentar Paulo e Silas, eles colocam Jasom perante os magistrados, um compatriota judeu e residente local, a quem acusam de ajudar os missionários.

Para reforçar suas alegações, os judeus também acusam Paulo, Silas e Jasom de perturbar a ordem pública: "Todos eles agem contra os decretos de César, dizendo que existe um outro rei, a saber, Jesus". Quer seja a alegação verdadeira ou falsa, isso não importa; a acusação em si é séria e deve ser investigada pelos pretores. Os decretos de César eram, por exemplo, juramentos de lealdade que os magistrados locais deviam gerir e fazer cumprir.[19]

Durante o julgamento de Jesus, Pôncio Pilatos lhe perguntou se ele era um rei, ao que Jesus respondeu: "Meu reino não é deste mundo" (Jo 18.36). O lema *César é Senhor* prevalecia por todo o império romano. No entanto, os cristãos do século 1º não proclamavam César, mas Jesus como Senhor (1Co 12.3), e os apóstolos pregavam a vinda do reino de Deus.

Em Atos, Lucas não enfatiza o conceito de *reino de Deus*, talvez na tentativa de evitar possíveis denúncias de sedição. Porém Paulo menciona freqüentemente esse conceito.[20] A partir de suas duas epístolas à igreja de Tessalônica, sabemos que o apóstolo ensina acerca da vinda do dia do Senhor, no qual é aniquilado o iníquo (1Ts 4.16; 2Ts 2.8).

18. Para conhecer o pano de fundo político, veja Suetônio, *Life of Claudius* 25.4; comentário em 16.20,21.

19. Veja E. A. Judge, "The Decrees of Caesar at Thessalonica", *RefThR* 30 (1971): 1-7.

20. Veja Atos 14.22; 19.8; 20.25; 28.23,31; Romanos 14.17; 1 Coríntios 4.20; 6.9,10; 15.24,50; Gálatas 5.21; Efésios 5.5; Colossenses 4.11; 2 Tessalonicenses 1.5.

Esses versículos podem ser interpretados como alusões a uma mudança de governantes. O termo *rei* é por vezes usado para descrever o imperador romano (comparar com Lc 23.2; Jo 19.15; 1Pe 2.13,17). Os judeus incrédulos colocam Jesus contra César e acusam os missionários de fomentar uma rebelião contra Roma. Os magistrados da cidade livre de Tessalônica desfrutam da liberdade de um governo romano direto, e conseqüentemente desejam impedir qualquer ameaça a essa liberdade.

8. Eles alvoroçaram a multidão e os oficiais da cidade que prestavam atenção a essas coisas. 9. E quando receberam uma fiança de Jasom e dos outros, eles os deixaram ir.

Assim como ocorreu no julgamento de Jesus perante Pôncio Pilatos, foi também o que aconteceu em Tessalônica: os judeus sabem como manipular as autoridades. Eles o fazem agitando a multidão. Seu objetivo é causar confusão entre o povo e convencer os magistrados de que as denúncias são sérias.

Os oficiais da cidade não se deixam persuadir pelo tumulto. Na ausência dos principais personagens Paulo e Silas, a acusação perde a sua urgência, pois não existem maiores provas. Os oficiais ouvem as provas, mas não ficam convencidos de que Jasom e seus amigos constituem ameaça à segurança de Tessalônica. Soltam a Jasom e a seus companheiros cristãos, porém fazem-nos pagar uma fiança com o fim de garantir a paz e a ordem em Tessalônica. A estipulação é a de que Paulo e Silas deixem a cidade. Se Jasom e seus amigos permitirem que Paulo permaneça em Tessalônica, e se isso resultar no surgimento de tumulto, Jasom perde o seu dinheiro e fica sujeito a encarceramento.

Apesar de Paulo e Silas terem partido de Tessalônica, a jovem congregação enfrentou sofrimento e perseguição, conforme Paulo revela em sua primeira epístola aos Tessalonicenses (2.14). A população gentia, possivelmente incitada pelos judeus, desfechou ataques hostis aos cristãos. Pelo menos por duas vezes Paulo desejou ir em socorro deles, mas foi impedido por causa da fiança paga por Jasom. “Esse dispositivo engenhoso colocou um abismo intransponível entre Paulo e os tessalonicenses. Enquanto os magistrados mantivessem tal atitude, ele não poderia voltar ali: ele se achava impotente diante da situação, e

Satanás tinha poder."[21] Paulo não podia fazer nada a não ser enviar Timóteo para pregar o evangelho e encorajar os crentes em Tessalônica (1Ts 2.18; 3.2,3).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 17.5-9

Versículo 5

ζηλώσαντες – do verbo ζηλόω (eu me empenho, estou invejoso), este particípio ativo aoristo expressa a qualidade negativa da inveja. O texto ocidental (Codex Bezae) não traz esse particípio e diz assim: "Mas os judeus incrédulos ajuntaram alguns homens maus da praça do mercado". O Texto Majoritário traz a seguinte leitura: "Mas os judeus que não criam levaram junto consigo alguns homens maus da praça do mercado". E o Texto Receptus apresenta a tradução: "Mas os judeus que não foram persuadidos, tornando-se invejosos, tomaram alguns dos homens maus da praça do mercado". (NKJV; veja também KJV).

ἐθορύβουν – o tempo imperfeito retrata o início de uma ação: "eles principiaram a lançar a cidade em desordem". O verbo θορυβέω difere de ταράσσω (eu perturbo). ἐτάραξαν (v. 8) é o resultado de ἐθορύβουν.
.

Versículo 6

ἀναστατώσαντες – o particípio ativo aoristo de ἀναστατόω (eu perturbo, transtorno) retrata a ironia do ocorrido. Os judeus acusam Paulo e Silas de perturbar de cidade (o mundo), ao passo que eles próprios reuniram uma turba para provocar um tumulto.

πάρεισιν – o tempo presente na realidade indica um tempo perfeito: "eles chegaram".

Versículos 7 e 9

ἀπέναντι – esta preposição composta tripla (ἀπό, ἐν, ἀντί) expressa uma idéia hostil: "contra".[22]

ἕτερον – outro de um tipo diferente.

---

21. William M. Ramsay, *St. Paul the Traveller and the Roman Citizen* (1897; reedição, Grand Rapids: Baker, 1962), p. 231.
22. Robertson, *Grammar*, p. 639.

λαβόντες τὸ ἱκανὸν – termo legal derivado do latim *satis accipere*, isto é, pedir garantia.

10. E os irmãos imediatamente enviaram Paulo e Silas durante a noite para Beréia. Quando chegaram, eles foram para a sinagoga dos judeus. 11. Os bereanos eram de mente mais nobre do que os tessalonicenses, pois eles receberam a palavra com grande avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se essas coisas eram verdade. 12. Muitos dos judeus, então, creram, bem como diversas mulheres gregas proeminentes e não poucos homens.

13. Mas quando os judeus de Tessalônica souberam que a Palavra de Deus era proclamada por Paulo também em Beréia, eles foram até mesmo lá, agitando e incitando as multidões. 14. Os irmãos imediatamente enviaram Paulo em viagem ao mar, porém Silas e Timóteo permaneceram em Beréia. 15. Os homens que acompanharam Paulo levaram-no até Atenas. Receberam instruções para que Silas e Timóteo fossem até ele o mais breve possível, e então partiram.

4. *Beréia*
17.10-15

O nome *Beréia* quase não precisa de apresentação nos círculos cristãos. Ele representa o estudo sério da Bíblia feito por aqueles que querem aprender o que Deus tem a dizer em sua Palavra. Os bereanos estão presentes toda a vez que os cristãos se recusam a aceitar sem questionar a explicação de uma passagem da Escritura, porém examinam a explanação para conferir se ela se alinha à verdade do texto bíblico. Para eles, a Escritura é básica, relevante e preciosa.

10. E os irmãos imediatamente enviaram Paulo e Silas durante a noite para Beréia. Quando chegaram, eles foram para a sinagoga dos judeus.

Os cristãos tessalonicenses se dão conta de que os judeus podem apresentar mais denúncias contra Paulo e Silas. Eles exortam com vigor os missionários a que deixem a cidade e que o façam sob a cobertura da escuridão (comparar com 9.25; 23.23,31; veja ainda 2Co 11.33). Relutantes, Paulo e Silas partem e viajam em direção ao sudoeste.

Em lugar de se dirigirem para uma das principais cidades, os missionários decidem visitar a cidade de Beréia (a moderna Verria). Pelos escritos de Cícero, ficamos sabendo que um século antes de Paulo e seus companheiros irem até Beréia, o governador romano Piso foi a Tessalônica durante a noite e, devido a forte oposição, refugiou-se em

Beréia. Cícero observa que essa cidade ficava fora da estrada.[23] Era localizada a alguns quilômetros da estrada principal e aproximadamente a 65 quilômetros de Tessalônica. Paulo pode ter decidido ir a Beréia, e subseqüentemente a Atenas e Corinto, em vez de Roma, porque o imperador Cláudio havia expulsado os judeus da cidade imperial em 49 d.C.[24]

Depois de viajar pelo menos uma noite e dois dias, os missionários chegam a Beréia. Eles cumprem o seu chamado, uma vez que, logo depois de sua chegada, dirigem-se à sinagoga judaica local. Infelizmente Lucas deixa de fornecer o motivo principal da ida a Beréia. Presumimos que uma das razões de Paulo em visitar essa cidade tenha sido para conhecer o povo judeu que se reunia na sinagoga e pregar ali o evangelho (comparar com v. 2).

11. Os bereanos eram de mente mais nobre do que os tessalonicenses, pois eles receberam a palavra com grande avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se essas coisas eram verdade. 12. Muitos dos judeus, então, creram, bem como diversas mulheres gregas proeminentes e não poucos homens.

Fazemos observação nos seguintes pontos:

1. *Nobreza de mente* – Lucas compara os adoradores da sinagoga bereana com os de Tessalônica e elogia os de Beréia. Paulo desenvolve um relacionamento estreito e amoroso com os tessalonicenses (veja 1Ts 2.11); contudo, no que diz respeito à nobreza de mente, os bereanos se sobressaem. Eles são mais abertos à verdade da Palavra de Deus do que o é o povo de Tessalônica.

A razão da abertura dos bereanos reside em sua receptividade à Palavra de Deus e no seu amor por ela. Para eles, as Escrituras são muito mais do que um pergaminho escrito ou um livro que transmite uma mensagem divina. Eles usam o Antigo Testamento como a pedra angular da verdade, de modo que quando Paulo proclama o evangelho, eles imediatamente vão até a palavra escrita de Deus para conferir. Lucas acrescenta que eles o fazem com grande avidez. Note-se bem: o adjetivo *grande* indica que eles têm a Palavra de Deus em grande esti-

23. Cícero *Against Piso* 36.89.

24. Consultar F. F. Bruce, *Paul, the Apostle of the Free Spirit* (Exeter: Paternoster, 1977), p. 235.

ma. Lucas atribui aos bereanos a mesma diligência que Pedro imputa aos profetas do Antigo Testamento, que atenta e diligentemente, buscavam a Palavra e indagavam acerca do seu significado (1Pe 1.10). Os de Beréia abrem as Escrituras e, com a mente inclinada, aprendem que Jesus cumpriu as profecias messiânicas.

Dia após dia, os bereanos examinam as Escrituras para ver se os ensinos de Paulo e Silas estão de acordo com a Palavra escrita de Deus. Eles o fazem, não por causa de incredulidade ou dúvida, mas por análise e avidez honestas, com o intuito de aprender a mensagem da revelação de Deus. Apesar de Lucas não mencionar que Deus abriu o coração dos bereanos (comparar com 16.14), no versículo 12 ele registra que "muitos dos judeus" crêem no evangelho. Essas pessoas crêem porque conhecem a Palavra de Deus. A situação de Beréia é diferente da de Tessalônica, onde "alguns dos judeus foram persuadidos" (v. 4).

2. *Fé* – À maneira dos judeus em Tessalônica, os de Beréia haviam recebido a população judia local em sua sinagoga e os haviam instruído nas verdades da Escritura. Em ambas as cidades, muitos gentios tementes a Deus, homens e mulheres, abraçaram a fé. E em ambos os lugares, as mulheres gentias gozavam de alta posição.[25] Lucas demonstra imparcialidade ao se referir a homens e mulheres. Menciona primeiro as mulheres e depois os homens (comparar com 18.26). Ele relata, repetidamente, que mulheres proeminentes das igrejas judeu-gentias aceitam a fé em Cristo e proporcionam liderança. Lucas até mesmo registra nomes e relacionamentos: a mãe de Timóteo (16.1), Lídia, de Tiatira (16.14,15), Dâmaris, de Atenas (17.34), Priscila (18.2,18,26) e as quatro filhas de Filipe que profetizavam (21.9). Juntamente com os homens, essas mulheres demonstram a fé em ação.

Lucas deixa a impressão de que se levantou em Beréia uma próspera igreja. Entretanto, ele jamais indica que Paulo tenha voltado a visitar o lugar. Relata que um dos companheiros de viagem de Paulo na Macedônia era Sópatro, filho de Pirro, de Beréia (20.4).

13. Mas quando os judeus de Tessalônica souberam que a Palavra de Deus era proclamada por Paulo também em Beréia, eles foram até mesmo lá, agitando e incitando as multidões.

25. A. N. Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law in the New Testament* (1963; reedição, Grand Rapids: Baker, 1968), p. 174.

Paulo e seus companheiros missionários provavelmente trabalharam em Beréia durante vários meses. Mas quando os judeus incrédulos de Tessalônica ouviram dizer que o apóstolo pregava o evangelho em Beréia, eles viajaram para essa localidade. Os judeus tessalonicenses fizeram a mesma coisa que fizeram os de Antioquia da Psídia e Icônio quando seguiram Paulo até Listra (14.19). Viajaram e tumultuaram as multidões com a intenção de fazer Paulo parar de pregar a Palavra de Deus, a saber, o evangelho.[26] O plural *multidões* indica que esses judeus prosseguiam agitando o povo até conseguirem o seu intento: a remoção de Paulo. Com efeito, tanto agitaram os residentes dessa nobre cidade[27] que os cristãos dali providenciaram salvo-conduto para Paulo poder partir para um outro lugar.

Paulo fora originalmente chamado para passar à Macedônia (16.9) com o fim de pregar o evangelho. Mas agora ele é forçado a deixar a província a fim de proteger sua integridade física.

14. Os irmãos imediatamente enviaram Paulo em viagem ao mar, porém Silas e Timóteo permaneceram em Beréia. 15. Os homens que acompanharam Paulo levaram-no até Atenas. Receberam instruções para que Silas e Timóteo fossem até ele o mais breve possível, e então partiram.

Os cristãos em Beréia cuidam da segurança de Paulo e enviam-no apressadamente em sua jornada na costa do Egeu. Mais uma vez ele é forçado a deixar uma congregação despontante (veja 14.6,20; 16.40; 17.10) e a viajar para outros lugares. Talvez Paulo tivesse recebido instrução divina para ir até Atenas, por mar ou pela estrada costeira. Lucas, nesse ponto, se cala, porém indica que os cristãos bereanos levam apenas Paulo para a costa. Silas e Timóteo ficam para trás, em Beréia. Eles continuam a pregar ali o evangelho, apesar de ser possível que tenham se ausentado temporariamente de Beréia até passar o tumulto.

Os amigos bereanos de Paulo o acompanham em todo o percurso até Atenas. Os estudiosos afirmam que eles viajaram de barco, apesar de o texto ocidental comentar que Paulo "passou pela Tessália, pois foi

26. Veja Atos 4.31; 8.14; 11.1; 12.24; 13.5,7,46; 17.13; 18.11.
27. Livy *History* 45.30.

impedido de proclamar a palavra a eles".[28] (Tessália é a região ocidental da Grécia). Esse comentário parece indicar que o apóstolo e seus amigos viajaram a pé ao longo da estrada costeira até Atenas. E ainda, Lucas parece fugir de seu costume de citar a cidade portuária da qual Paulo navega. Em face dessa omissão, é crível a interpretação de que o apóstolo tenha ido a pé até Atenas.

Quando Paulo chega a Atenas, percebe que ali se apresenta a tarefa de pregar o evangelho aos instruídos cidadãos atenienses. Ele precisa de toda a ajuda que puder reunir. Por essa razão, instrui seus amigos bereanos a que retornem a Beréia e digam a Silas e Timóteo para irem até Atenas o mais breve possível. Pelos escritos de Paulo ficamos sabendo que esses dois missionários viajaram prontamente para essa cidade (1Ts 1.1; 3.1). Todavia, Paulo anseia estar com os crentes em Tessalônica. Por estar impedido de ir até lá, ele manda Timóteo para ficar sabendo acerca do bem-estar espiritual dos cristãos tessalonicenses (1Ts 3.2). De Atenas, Paulo envia Silas de volta a Macedônia (At 18.5). Mais tarde Silas e Timóteo retornam a Paulo em Corinto.

Considerações Práticas em 17.10-15

A Bíblia continua a ocupar o topo da lista dos *bestsellers* em todo o mundo. Mas ao mesmo tempo ela continua a ser o livro mais negligenciado na vida daqueles que possuem um exemplar. O desejo de possuí-la não se compara ao desejo de conhecer sua mensagem. Em muitos lares a Bíblia acumula poeira e é um livro esquecido.

Durante o reinado de Josias, rei de Judá, o sumo sacerdote descobriu o Livro da Lei no templo do Senhor (2Rs 22.8). Num canto esquecido do prédio, a Palavra de Deus tinha estado escondida da vista, fora esquecida e, conseqüentemente, não exercia influência alguma sobre o povo. Os judeus abandonaram o Deus de Israel e se voltaram para a adoração de ídolos. Mas, quando as Escrituras foram descobertas, o rei Josias mudou literalmente o curso da História. Ele leu a Palavra de Deus ao povo e pediu que os adoradores prometessem renovada obediência à aliança que Deus fizera com eles (2Rs 23.1-3), desviando assim a ira e o juízo de Deus.

28. Metzger, *Textual Commentary*, p. 455. Uma tradução traz: "os irmãos enviaram Paulo, *por assim dizer*, ao mar" (KJV, itálico acrescido).

Nós devemos ler a Palavra de Deus juntos como família e meditar no seu significado. Ao mantermos o culto doméstico diário, seremos capazes de edificar famílias fortes que amem o Senhor. Precisamos encorajar uns aos outros a decorar porções da Escritura, de modo que tornemos a Palavra de Deus relevante em nossa vida. E mais, em nossos cultos de adoração, a Bíblia deve assumir a centralidade, e nossos pastores devem ensinar fielmente a Bíblia por inteiro e todas as suas doutrinas.

Ao ler, aprender e conhecer a Bíblia, temos comunhão com Deus e o ouvimos falar conosco. Por esta Palavra ele nos instrui sobre como viver para ele. E quando, em oração, lhe dedicamos nossa vida, inúmeras bênçãos descem sobre nós.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 17.10-15

Versículo 10

διὰ νυκτὸς – "de noite". Como genitivo de tempo, a preposição é supérflua (veja Jo 3.2; At 9.25).

ἀπῆεσαν – imperfeito ativo de ἄπειμι (eu parto). O sentido de ἀπό (para longe de) no composto é suplantado pela preposição εἰς (para dentro de).

Versículo 11

εὐγενέστεροι – a interpretação principal deste adjetivo é "bem-nascido". Seu significado secundário se refere à nobreza de mente. Aqui é aplicado o sentido secundário. O adjetivo é comparativo e é sucedido pelo caso genitivo.

οἵτινες – o pronome relativo indefinido (traduzido por "quem") possui conotação causal; ele explica o caráter nobre dos bereanos.

ἔχοι – aqui está o presente optativo numa pergunta indireta. O verbo *ter* nesta sentença idiomática significa o verbo *ser*: "se estas coisas eram ou não verdadeiras".

Versículos 12,13

O texto ocidental (Codex Bezae) traz o seguinte: "e muitos dos gregos e proeminentes homens e mulheres creram". Obviamente nesta tradução, a importância das mulheres foi diminuída.

ἀπό – talvez a escolha desta preposição ("de") em vez de ἐν (em) se atenha à perspectiva do autor de ver judeus tessalônicos em Beréia.

σαλεύοντες – o particípio presente de σαλεύω (eu agito) indica ação contínua junto com o particípio presente de παράσσοντες (tumultuando/perturbando).

Versículos 14,15

ἕως – o Textus Receptus traz ὡς (como) em vez de ἕως (até). Os tradutores favorecem a segunda opção.

ὡς τάχιστα – aqui está um verdadeiro superlativo adverbial "o mais breve possível".[29]

16. Enquanto Paulo esperava por eles em Atenas, ficou agitado porque viu que a cidade estava cheia de ídolos. 17. Assim ele debatia com os judeus e os gentios tementes a Deus na sinagoga, e diariamente na praça do mercado com aqueles que aconteciam de estar presentes. 18. E alguns dos filósofos epicureus e estóicos começaram a argumentar com ele. Alguns deles diziam: "O que esse tagarela está querendo dizer?" E outros diziam: "Ele parece ser um proclamador de deuses estranhos". Diziam isso porque Paulo proclamava Jesus e a ressurreição. 19. Tomando-o, eles o levaram ao Areópago e disseram: "Podemos aprender este novo ensinamento que você está apresentando? 20. Você está trazendo aos nossos ouvidos idéias estranhas. Portanto, queremos saber o que elas significam". 21. (Todos os atenienses e os estrangeiros que ali viviam costumavam passar seu tempo não fazendo outra coisa senão contando e ouvindo as últimas idéias.)

22. De pé no meio do Areópago, Paulo disse: "Homens de Atenas, observo que vocês são muito religiosos em todos os aspectos. 23. Pois enquanto caminhava examinando seus objetos de culto, encontrei um altar com a seguinte inscrição:

A UM DEUS DESCONHECIDO

Aquilo que, portanto, que vocês adoram em ignorância, este eu estou lhes proclamando. 24. O Deus que fez o mundo e todas as coisas que nele há, porque ele é Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens. 25. E ele não é servido por mãos humanas como se precisasse de qualquer coisa; ao contrário, ele dá vida a todos, fôlego e todas as coisas. 26. Ele fez de uma só pessoa toda nação da raça humana para habitar sobre toda a face da terra, e ele determinou os tempos designados para estas nações e os limites da sua habitação. 27. Elas devem buscar a Deus, se talvez, tateando, o possam encontrar, apesar de ele não estar longe de cada um de nós. 28. 'Pois nele nós vivemos, e nos movemos, e existimos.' Assim como até mesmo alguns dos seus próprios poetas disseram: 'Somos sua descendência'.

29. "Então, porque somos descendência de Deus, não devemos pensar que o ser divino é como uma imagem de ouro, prata ou pedra, feita pela capacidade e

29. Robertson, *Grammar*, pp. 696,974.

pelo pensamento do homem. 30. Havendo deixado passar os tempos de ignorância, Deus está agora ordenando que todos os homens em todos os lugares se arrependam. 31. Pois Deus designou um dia no qual ele irá julgar o mundo com justiça por meio de um homem que nomeou. Ele forneceu prova a todos os homens tendo-o ressuscitado dentre os mortos".

32. Quando a platéia ouviu acerca da ressurreição dos mortos, alguns começaram a zombar. Outros disseram: "Nós queremos ouvi-lo outra vez a respeito disso". 33. Então Paulo se retirou do meio deles. 34. Mas alguns homens se tornaram seus discípulos e creram. Entre eles estava Dionísio, o areopagita, e uma mulher chamada Dâmaris e outros com eles.

C. Grécia

17.16 – 18.17

1. *Atenas*

17.16-34

Quando Paulo chegou em Atenas, centro intelectual do mundo, se deu conta de que o Senhor desejava que ele ensinasse o evangelho onde os filósofos gregos reinavam supremos. Em Atenas ele encontrou filósofos epicureus e estóicos, professores da renomada universidade dali, e numerosos estudantes de várias partes do mundo conhecido. Paulo se sentia em casa na arena acadêmica desse tempo, pois nascera em Tarso, fora criado e educado em Jerusalém (22.3), e depois de sua conversão, passara vários anos em Tarso (9.30). Estava totalmente familiarizado com a filosofia estóica, que era ensinada na universidade em Tarso.

Não sendo mais uma cidade próspera, Atenas havia perdido a influência política e comercial no mundo desse tempo. Os romanos haviam conquistado a cidade em 146 a.C., mas se abstiveram, sabiamente, de interferir em seu governo local. Gozando de uma certa medida de independência, Atenas descansava em sua reputação como centro das artes, literatura, filosofia, conhecimento e habilidade oratória. Sua cultura, no entanto, derivava da idade de ouro da Grécia do 5º e 4º séculos a.C.

Paulo observava a cultura grega onde quer que ele fosse. Em Atenas, viu os templos e os altares, as esculturas e as estátuas. Para ele, tais artefatos não eram meros objetos artísticos, mas objetos de uma religião pagã. Nessa cidade idólatra, o apóstolo precisava introduzir o evangelho de Cristo. Apesar dos judeus terem uma sinagoga onde po-

dia pregar aos sábados, ele sabia que tinha de confrontar os filósofos atenienses com os ensinamentos de Cristo numa apresentação que deveria ser inteligível e direta.

a. *Cenário*

17.16-18

16. Enquanto Paulo esperava por eles em Atenas, ficou agitado porque viu que a cidade estava cheia de ídolos. 17. Assim ele debatia com os judeus e os gentios tementes a Deus na sinagoga, e diariamente na praça do mercado com aqueles que aconteciam de estar presentes.

1. *Esperando* – Paulo conhecia a adoração de ídolos e em ocasião anterior experimentara o seu efeito em Listra (14.11-20). Contudo, em Atenas ele encontrou sua influência em toda a parte.[30] A despeito de sua distinção por ser o centro do saber e da arte, essa cidade superava todas as outras em cegueira espiritual, tendo-se abandonado à idolatria sem precedentes. Até mesmo o nome *Atenas* havia sido escolhido em honra à deusa Atena. E o local onde Paulo se dirigiu aos filósofos atenienses era chamado o Areópago (vs. 19,22), que segundo uma tradição era o Monte de Áries (ou Marte, em latim), o deus da guerra.[31]

Enquanto Paulo aguardava a chegada de Silas e Timóteo a Atenas (veja v. 15), ele usou o tempo a fim de se preparar para um encontro formal com os filósofos atenienses. Paulo não foi a Atenas como turista para visitar os monumentos e artefatos, mas como apóstolo de Jesus Cristo para proclamar a mensagem de salvação. Por toda a parte em Atenas ele se sentia agitado pelo espírito idólatra dos atenienses. Satisfazendo uma necessidade humana, buscou apoio e encorajamento da parte de compatriotas judeus e gentios tementes a Deus na sinagoga local. Segundo seu costume (v. 2), Paulo foi primeiro aos judeus e depois aos gentios.

2. *Debatendo* – "Assim ele debatia com os judeus e os gentios tementes a Deus na sinagoga". Os judeus do local haviam apresentado aos atenienses os ensinamentos das Escrituras e foram bem-sucedidos

30. Josefo chama os atenienses de "os mais piedosos dentre os gregos". *Against Apion* 2.11 [130] (LCL).

31. Consultar Donald H. Madvig, "Areopagus", *ISBE*, vol. 1, p. 287.

em persuadir alguns deles a aceitar essas doutrinas. Supomos que o número de membros na sinagoga em Atenas era menor do que o das sinagogas de Beréia e Tessalônica. Lucas não fornece indicação alguma de que Paulo fora capaz de obter convertidos entre os membros da sinagoga, nem tampouco indica que o apóstolo tenha sido rejeitado ou perseguido como o fora em outros lugares.

"Assim ele debatia ... diariamente na praça do mercado com aqueles que aconteciam de estar presentes." Paulo não limitou seu ensino aos judeus e gentios tementes a Deus aos sábados na sinagoga local. Durante o restante da semana, ele ensinava na praça do mercado, onde as pessoas iam comprar alimentos e outras mercadorias. Nas edificações circundantes, os magistrados e outros dignatários civis ouviam os casos do tribunal do júri. O senado se reunia ali para discutir questões políticas.[32]

Os filósofos se reuniam sob passagens cobertas, conhecidas como pórticos, para dar ou ouvir palestras. Era permitido ao público ouvir as palestras proferidas, e como resultado, aconteciam muitos debates eruditos na praça do mercado. Paulo foi ali debater com os filósofos, seus discípulos e outros que compareciam para ouvir o seu relato da pessoa, obra, morte e ressurreição de Jesus.

18. E alguns dos filósofos epicureus e estóicos começaram a argumentar com ele. Alguns deles diziam: "O que esse tagarela está querendo dizer?" E outros diziam: "Ele parece ser um proclamador de deuses estranhos". Diziam isso porque Paulo proclamava Jesus e a ressurreição.

3. *Argumentando* – Dentre os filósofos que ouviam Paulo e contendiam com ele estavam os que pertenciam a dois grupos de pensadores: os epicureus e os estóicos. Os do primeiro grupo eram seguidores de Epicuro (342-270 a.C), que ensinavam que a morte não deve ser temida; até a alma chega ao seu fim quando o corpo morre. E mais, Epicuro ensinava que todo ser se esforça para conseguir prazer, evitando o sofrimento e a tristeza, porém buscando a satisfação e a felicidade.

32. Lake e Cadbury fazem a seguinte observação: "É, porém, impossível fornecer uma planta de Atenas determinando exatamente onde se localizavam essas edificações". *Beginnings*, vol. 4, p. 210.

O estóicos, que receberam esse nome por freqüentarem o Pórtico Poikilë (Pórtico Pintado), eram discípulos do pensador Zeno (332-260 a.C.). Esse filósofo ensinava que o homem atinge sua mais alta aspiração quando se sujeita ao curso dos eventos, controlado pela necessidade divina. Ao se submeter à sua sorte, ele atinge a condição de felicidade.

Esses filósofos eram os intelectuais que se engajaram em debate com Paulo. Pelo tempo do verbo no grego, Lucas indica que eles continuaram tais debates durante um período prolongado de tempo. Paulo era um visitante estrangeiro que fora aos filósofos atenienses com idéias estranhas. Esses eruditos, encarregados do debate, desdenharam da mensagem de Paulo indagando: "O que esse tagarela está querendo dizer?" Eu traduzi o termo grego *spermologos* por "tagarela", mas ele literalmente quer dizer "catador de sementes".[33] Originalmente, o termo descrevia os pássaros que catavam as sementes lançadas inadvertidamente ao longo do caminho por algum fazendeiro (Mt 13.4), ou os homens que catavam objetos descartados na praça do mercado. Entretanto, com o passar do tempo, a palavra era usada metaforicamente como descrição zombeteira de um plagiador que tagarelava continuamente a quem quer que lhe desse ouvidos.[34]

4. *Proclamando* – Paulo pregou a mensagem de Jesus e sua ressurreição; exceto pela diferença de público, sua apresentação era a mesma feita na sinagoga local, onde ele se dirigia tanto a judeus como a gregos piedosos.

À parte da pergunta de motejo feita pelos filósofos, eles dedicavam a Paulo uma certa medida de respeito porque seus ensinamentos se relacionavam à qualidade e essência da vida: moralidade, morte, juízo e ressurreição. O ensino de Paulo era para eles uma novidade, e pensaram erradamente que o apóstolo proclamava uma doutrina acerca de duas deidades: Jesus e Anastásis ("ressurreição", em grego; veja NEB), sua companheira do sexo feminino. Eles nunca tinham ouvido acerca de Jesus e não haviam recebido ensino algum sobre a ressurrei-

33. Bauer, p. 762; Thayer, p. 584; Blass e Debrunner, *Greek Grammar*, nº 119.1.

34. Maurice A. Robinson opina que Paulo pregou a parábola do semeador na praça do mercado ateniense, na qual empregou a palavra *sperma* (semente) e *logos* (palavra). O trocadilho desdenhoso *spermologos* surgiu de um mal-entendido da mensagem de Paulo. "Spermologos: Did Paul Preach from Jesus' Parables?" *Bib* 56 (1975):231-40.

ção; daí, seu comentário dizendo que Paulo "parece ser um proclamador de deuses estranhos".[35] Entretanto, Paulo pregava as boas-novas de Jesus e ensinava que ele ressurgira dos mortos. Isso valia a pena ser noticiado e exigia uma palavra formal da parte de Paulo.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 17.16-18

Versículos 16,17

ἐκδεχομένου – o particípio presente junto com o nome próprio *Paulo* no caso genitivo forma a construção do genitivo absoluto. No entanto, porque o sujeito da sentença principal é o mesmo da cláusula do genitivo absoluto, esta construção fica defeituosa. O tempo presente denota ação duradoura: "ele continuava esperando por".

παρωξύνετο – o imperfeito médio expressa a idéia principiante: "Paulo *ficou* agitado".

διελέγετο – o uso repetido do imperfeito nesse parágrafo revela a intenção descritiva do autor. O verbo composto significa "debater, entrar numa discussão".

τῶν ... φιλοσόφων – o substantivo é modificado pelos dois adjetivos *epicureus* e *estóicos*, que são dois grupos distintos, mas que aqui são tomados em conjunto.

θέλοι – o presente optativo reflete o uso clássico de uma sentença condicional com uma prótase inferida: "*se fosse possível*, o que esse tagarela estaria querendo dizer?"[36]

δοκεῖ – aqui é empregada a construção pessoal ("ele parece estar") em vez da impessoal ("parece que").

---

b. *Pedido*

17.19-21

19. Tomando-o, eles o levaram ao Areópago e disseram: "Podemos aprender este novo ensinamento que você está apresentando?

35. A expressão *deuses estranhos* é uma alusão sutil ao julgamento de Sócrates em 399 a.C.; a frase aparece em relatos do julgamento. Veja Xenofonte, *Memorabilia* 1.1.1; Platão, *Apology* 24b.

36. C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2a. ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 151.

20. Você está trazendo aos nossos ouvidos idéias estranhas. Portanto, queremos saber o que elas significam".

Os tradutores se defrontam com dois problemas na primeira parte desse texto (v. 19). A primeira dificuldade se refere à tradução *tomando-o*, o que pode ser compreendido por "eles o convidaram a acompanhá-los" (BJ). Outras traduções trazem "eles o apanharam" (MLB, RSV), dando a entender que Paulo foi preso por pregar sobre "divindades estranhas" em Atenas. O verbo grego *epilambanomai* (eu tomo, pego, apanho) pode ser traduzido de duas maneiras, e ambos os sentidos do verbo ocorrem em Atos.[37] Entretanto, o contexto não fornece nenhuma razão para se pensar que Paulo tenha sido preso e acusado formalmente de desobedecer à lei em Atenas.

Em segundo lugar, os filósofos conduziram Paulo a uma sessão formal no tribunal do Areópago? Com efeito, a NEB traduz o versículo 19a da seguinte forma: "Então eles o tomaram e o levaram perante a Corte do Areópago". O termo *areópago* na verdade significa "colina de Áries"; a colina, localizada a noroeste da Acrópolis, era onde o concílio do governo de Atenas se reunia. Finalmente o nome *areópago* passou a ser usado para o local das reuniões e para o concílio. Em épocas posteriores, o concílio realizava suas reuniões no Pórtico Real, situado no lado oeste da praça do mercado. Presumimos que os filósofos não levaram Paulo para a colina, mas para o Pórtico Real. Ali, numa sessão informal, o apóstolo enfrentou os membros da corte e os eruditos que o haviam apresentado.[38]

Uma das funções do concílio "era a de supervisionar a educação, particularmente controlar os vários palestradore visitantes".[39] Os membros do concílio desejavam saber se os ensinamentos de Paulo consti-

37. Atos 9.27; 23.19 empregado para conduzir gentilmente uma pessoa, e 16.19; 18.17; 21.30,33 empregado para prender alguém.

38. Consultar Colin J. Hemer, "Paul at Athens: A Topographical Note", *NTS* 20 (1973-74): 341-50; R. E. Wycherley, "St. Paul at Athens", *JTS* n.s. 19 (1968): 619-21; T. D. Barnes, "An Apostle on Trial", *JTS* n.s. 20 (1969): 407-19; Ned B. Stonehouse, *Paul Before the Areopagus and Other New Testament Studies* (Grand Rapids: Eerdmans, 1957), pp. 8-9; W. G. Morrice, "Where Did Paul Speak in Athens – on Mar's Hill or Before the Court of the Areopagus? Acts 17.19", *ExpT* 83 (1972): 377-78.

39. Bauer, p. 105.

tuíam uma ameaça ao Estado. Se o tribunal se convencesse de que Paulo era inofensivo, ele poderia continuar a pregar a sua mensagem.

"Podemos saber que novo ensino é esse que você está trazendo?" Os filósofos não apresentaram nenhuma acusação contra Paulo, mas na presença do tribunal fizeram uma pergunta penetrante. Chamaram a pregação de Paulo de novo ensino, e no grego indicaram que essa era certamente uma "[doutrina] sem precedentes, recente, incomum, da qual jamais se ouvira".[40] Paulo se postou em pé sozinho diante de mestres brilhantes que desejavam saber se as idéias do apóstolo transcendiam as deles. Diante de um público completamente pagão, ele tinha de apresentar a mensagem do evangelho de Cristo. Ele não poderia mais apelar para a Escritura do Antigo Testamento como fazia quando se dirigia às platéias na sinagoga. Em lugar de judeus e gentios tementes a Deus, Paulo encarava gente que nunca ouvira falar do Deus de Israel.

"Você está trazendo aos nossos ouvidos idéias estranhas. Portanto, queremos saber o que elas significam." Os filósofos declaram apenas que Paulo está introduzindo algumas idéias estranhas. Eles não acham que essas idéias constituam ameaça às suas filosofias; muitos filósofos intelectualmente curiosos expressam seu desejo de aprender alguma coisa de Paulo. Eles valorizam a aquisição de conhecimento ouvindo novas idéias (vs. 19,20,21).[41] E essa ênfase no saber dá a Paulo uma abertura para que ele apresente as "idéias estranhas" ao seu público.

21. (Todos os atenienses e os estrangeiros que ali viviam costumavam passar seu tempo não fazendo outra coisa senão contando e ouvindo as últimas idéias.)

Nessa declaração parentética Lucas retrata a vida de uma cidade universitária típica dessa época. Os acadêmicos tinham o privilégio de se dedicarem à busca do saber. Eles não faziam trabalhos braçais nem tampouco se ocupavam de outra coisa a não ser debater conceitos na praça do mercado, pois se esforçavam por acrescentar as idéias mais recentes ao seu depósito de conhecimentos. Os mestres e seus alunos passavam seu tempo debatendo teorias que eles próprios haviam pes-

40. Thayer, p. 317; Bauer, p. 394.
41. Veja Gustav Stählin, *TDNT*, vol. 5, p. 7.

quisado ou aprendido com estrangeiros, cuja presença era algo bastante comum. Esses estrangeiros viviam entre os atenienses por períodos longos ou curtos e eram convidados a contribuir com o processo do aprendizado de novas idéias. O convite feito a Paulo para se dirigir ao Aerópago representou para o apóstolo uma tremenda oportunidade para apresentar as boas-novas de Jesus Cristo no ambiente acadêmico de Atenas.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 17.19-21

Versículos 19,20

γνῶναι – note-se que este infinitivo aoristo aparece duas vezes nesses dois versículos. A ênfase reside no processo de aprendizagem do acadêmico.

ξενίζοντα – este particípio presente ativo está no plural neutro junto com τινα (alguns) denota o sentido secundário de *surpreender*, e não o sentido principal de *entreter um convidado*; veja-se ξένοι (estrangeiros, v. 21).

O texto ocidental acrescenta algumas palavras ao versículo 19. O que foi acrescido está em itálico: "E *depois de alguns dias* eles o tomaram e levaram-no ao Areópago, *indagando e* dizendo ..."[42]

Versículo 21

ἕτερον – o emprego deste adjetivo contrasta, propositalmente, a vida do estudioso erudito com a dos outros cidadãos. O erudito ateniense não buscava outro interesse senão o de debater novas idéias. O significado do adjetivo é "diferente".

καινότερον – a forma comparativa de καινός (veja v. 19) se refere a "alguma coisa mais nova do que as que tinham ouvido recentemente".[43]

---

c. *Introdução*[44]

17.22,23

22. De pé no meio do Areópago, Paulo disse: "Homens de Ate-

42. Metzger, *Textual Commentary*, p. 456.

43. Robertson, *Grammar*, p. 665.

44. O discurso de Paulo está dividido em três partes: introdução (vs. 22b,23), conteúdo (vs. 24-28) e aplicação (vs. 29-31). Para variações nessa divisão, veja Jacques Dupont, "Le discours à l'Aréopage (Ac 17,22-31) lieu de rencontre entre christianisme e hellénisme",

nas, observo que vocês são muito religiosos em todos os aspectos. 23. Pois enquanto caminhava examinando seus objetos de culto, encontrei um altar com a seguinte inscrição:

A UM DEUS DESCONHECIDO

Aquilo que, portanto, que vocês adoram em ignorância, este eu estou lhes proclamando".

Se compreendermos a palavra *Areópago* como se referindo ao concílio, a expressão *no meio de(o)* se encaixa perfeitamente. Por outro lado, se o termo *Areópago* se refere à colina, temos dificuldade em explicar como Paulo poderia se colocar em pé em meio a um monte. Postando-se em pé no meio dos membros do concílio, filósofos, estudantes e espectadores interessados, Paulo aproveita a ocasião para ensinar as "últimas novidades" concernentes a Jesus Cristo.

"Homens de Atenas." De maneira habilidosa, Paulo se dirige ao seu público usando a mesma fórmula que havia sido empregada pelo famoso orador Demóstenes. Com esse tratamento ele atinge o coração de seus ouvintes. Então prossegue com palavras de elogio à grande ostentação religiosa deles. Paulo precisa de um ponto de contato a partir do qual possa gradualmente conduzir sua platéia ao conhecimento dos valores eternos em Cristo. A presença de numerosos templos, ídolos e altares em Atenas dá a Paulo um excelente ponto de contato, não obstante ele próprio se sinta totalmente ultrajado pela idolatria dessa cidade (v. 16). Por causa do evangelho, ele está disposto a adaptar seu discurso ao nível de seu público.

Ao ensinar uma doutrina panteísta, os filósofos atenienses haviam encorajado o povo a erigir locais de adoração para inúmeros deuses. Por essa razão, Paulo diz aos seus ouvintes que eles são "muito religiosos". Esse termo pode ser compreendido num sentido derrogatório ("supersticioso") ou como uma declaração elogiosa de fato. No contexto do discurso, Paulo usa a expressão no sentido positivo, pois ele está interessado em conquistar a atenção da multidão ateniense. Para completar seu elogio, ele até mesmo acrescenta as palavras *em todos os aspectos*. Naturalmente devemos entender que Paulo não está inte-

---

Bib 60 (1979): 530-46; Hans Conzelmann, *Actes of the Apostles*, trad. por James Limburg, A. Thomas Kraabel e Donald H. Juel (1963; Filadélfia: Fortress, 1987), p. 141.

ressado em dar seu endosso à religiosidade dos atenienses, porém deseja explicar-lhes a doutrina de Cristo. Ele indica esse desejo fazendo referência explícita à ressurreição de Jesus[45] e colocando a fé cristã em relação aos ídolos de Atenas.

"Pois enquanto (eu) caminhava." Paulo dá a entender que, ao atravessar diariamente a cidade de Atenas, observou os objetos religiosos de adoração. Examinou cuidadosamente os magníficos templos, os altares e os ídolos. Dentre todos esses objetos de culto encontrou até mesmo um altar com a inscrição:

A UM DEUS DESCONHECIDO

Ele elogia os atenienses por sua consideração ao construir um altar até mesmo para uma divindade sobre a qual não possuíam conhecimento algum. Em outras palavras, eles não mediram esforços para não ofender nem mesmo uma deidade desconhecida. As palavras gregas *agnostos theos* podem ser traduzidas por "deus desconhecido" ou por "deus incognoscível". É preferível a primeira tradução, pois o propósito de Paulo é ensinar que Deus, Criador dos céus e da terra, é cognoscível.

Em sua palestra, Paulo usa a inscrição como ponto de contato com os atenienses que, naquele altar,[46] cultuavam um deus desconhecido. Por intermédio de seu ato de culto, o público tem de admitir que eles estão abertos para receber ensinamentos a respeito de um deus desconhecido, e que não podem adorar um novo deus a não ser que o conheçam. João Calvino comenta que é muito melhor ter o conhecimento de Deus do que adorar sem conhecê-lo, pois Deus não pode ser cultuado reverentemente a não ser que primeiro seja conhecido.[47]

45. H. Armin Moellering, "Deisidaimonia, a Footnote to Acts 17:22", *ConcThMonth* 34 (1963): 470.

46. Não foi descoberta nenhuma evidência arqueológica desse altar. Mas isso não desmente que existiu um altar com a inscrição no singular ("a um deus desconhecido"). A inscrição no singular, e não no plural, pode se referir a uma forma mais antiga de altar, porque Paulo emprega o tempo mais-que-perfeito grego *epegegrapto* (fora inscrito). Veja John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. por Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2, p. 666. É vasta a literatura acerca desse assunto específico. Para uma lista atual, apesar de não exaustiva, consultar F. F. Bruce, *The Book of the Acts*, ed. revista do New International Commentary da série New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), pp. 333-34 nº 47.

47. João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 2, p. 111.

"Aquilo que, portanto, vocês adoram em ignorância, este eu estou lhes proclamando." Paulo transfere o conceito *desconhecido* da divindade para os adoradores. Eles cultuam sem conhecimento, o que em Atenas, cidade baluarte do conhecimento, era uma contradição. Admitem que esse deus desconhecido existe, mas não sabem nada a seu respeito. E devem reconhecer que sua abordagem a uma adoração apropriada é deficiente devido à sua ignorância. Paulo, todavia, não compara o deus desconhecido dos atenienses com o Deus verdadeiro. Observe-se que ele diz "aquilo que vocês adoram", e não "aquele a quem vocês adoram".[48] Paulo chama a atenção apenas para a falta de conhecimento deles, e dessa forma aproveita a oportunidade para apresentar Deus como Criador e Juiz do universo. O apóstolo insinua que a ignorância dos atenienses em relação a Deus é condenável e essa falta de conhecimento requer uma rápida correção.

Paulo fala com absoluta autoridade quando diz: "Este eu estou lhes proclamando". Ele fala em favor de Deus e dessa maneira sua autoridade é representativa e divinamente concedida. Assim sendo, o apóstolo serve como um canal mediante o qual Deus fala aos atenienses. Se eles rejeitarem a mensagem de Paulo, estarão, na verdade, rejeitando o próprio Deus.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 17.22,23

Versículo 22

σταθείς – o aoristo particípio passivo de ἵστημι (eu me ponho em pé) deve ser interpretado como um intransitivo ativo. Ninguém colocou Paulo fisicamente no meio do Areópago; ele se pôs em pé.

δεισιδαιμονεστέρους – este adjetivo no comparativo significa "mais religiosos do que eu esperava" ou "mais religiosos do que de costume".[49]

Versículo 23

ἐπεγέγραπτο – o uso do mais-que-perfeito passivo talvez constitua uma indicação de que a inscrição pertencia a tempos mais remotos.

---

48. Algumas traduções (KJV, NKJV, BJ e *Phillips*) seguem o Texto Majoritário e trazem a leitura "a quem adorais".

49. Robertson, *Grammar*, p. 665; Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 225.

ὅ – "o que" (neutro), e não ὅν (a quem; masculino), expressa a natureza impessoal da religião pagã.

d. *Conteúdo*

17.24-28

24. "O Deus que fez o mundo e todas as coisas que nele há, porque ele é Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens. 25. E ele não é servido por mãos humanas como se precisasse de qualquer coisa; ao contrário, ele dá vida a todos, fôlego e todas as coisas."

A mensagem que Paulo proclama é totalmente bíblica. Apesar de as pessoas de sua platéia não estarem cientes das referências, Paulo ensina que Deus, Criador dos céus e da terra, concede vida a todos. O apóstolo faz isso citando livremente as palavras de Isaías:

> Assim diz Deus, o Senhor –
> que criou os céus e os estendeu,
> formou a terra e a tudo quanto produz;
> que dá fôlego de vida ao povo que nela está
> e o espírito aos que andam nela. [42.5]

Paulo coloca o ensinamento concernente a Deus e sua revelação no lugar da filosofia estóica que enxerga deidades em cada aspecto do mundo mas não possui nenhuma doutrina da criação. O apóstolo ensina o monoteísmo em contraste com o panteísmo estóico. Ele introduz Deus, que criou o mundo e tudo o que nele existe. A palavra grega *kosmos* significa o mundo organizado de maneira ordenada "como a soma total de tudo aqui e agora".[50] Ao acrescentar o termo *kosmos* à expressão *todas as coisas que nele há*, Paulo ressalta a organização ordeira da criação que encontra sua origem num Deus pessoal. Ele diz que este Deus é Senhor dos céus e da terra. O apóstolo anuncia que como Senhor, Deus governa e cuida de tudo o que ele fez, inclusive dessa platéia ateniense.

Aliás, a referência de Paulo à criação é uma repetição do discurso

50. Bauer, p. 445. Veja também E. Fudge, "Paul's Apostolic Self-Consciousness at Athens", *JETS* 14 (1971): 193-98.

que proferiu em Listra (14.15-17; comparar com Gn 14.19,22; Êx 20.11). Ali ele enfatizou que Deus fornece ao povo abundância de alimentos e enche o coração de cada um de alegria. Agora ele afirma que Deus reina sobre todas as coisas tanto no céu como na terra.[51]

"[Deus] não habita em templos feitos por mãos de homens." Novamente Paulo proclama os ensinamentos do Antigo Testamento ao chamar a atenção para o fato de que Deus não vive em templos erigidos por mãos humanas (veja 7.48; 1Rs 8.27). Uma argumentação simples deveria ser capaz de convencer os atenienses de que Deus, Criador do céu e da terra, não pode ser confinado aos limites de um templo.

"E ele não é servido por mãos humanas como se precisasse de qualquer coisa." Deus é imensuravelmente maior do que a mente humana pode jamais imaginar. Logo, nos salmos, Deus diz que porque tudo nesse mundo lhe pertence, ele não tem necessidade alguma de touros e cabritos como animais sacrificiais (Sl 50.8-13), isto é, Deus não depende de sacrifícios que o homem lhe traz. Com esse ensino, Paulo encontra um ouvido atento entre os filósofos atenienses. "Aqui podem ser discernidas semelhanças com a doutrina dos epicureus de que Deus não necessita de nada dos seres humanos, bem como à crença dos estóicos de que ele é a fonte de toda a vida ..."[52]

"Ao contrário, ele dá vida a todos, fôlego e todas as coisas." Deus é um Deus pessoal que não somente cria, mas também sustenta tudo o que ele fez. Este Deus auto-suficiente cuida diariamente do homem e de sua esplendorosa criação em seus mínimos detalhes. Ele é a fonte da vida, pois dá a respiração a todas as criaturas viventes.[53] Observe-se o impressionante contraste feito por Paulo nesse versículo (v. 25). Ele diz que Deus, que "de nada necessita", providencia "todas as coisas" para todos. No grego, a expressão *todas as coisas* indica que Deus, em seu sustento ao homem, não exclui absolutamente nada da totalidade

51. Consultar Stonehouse, *Paul Before the Areopagus*, p. 26.

52. F. F. Bruce, *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary*, 3a. ed. (revista e aumentada) (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), p. 506. Veja ainda Bertil Gärtner, *The Areopagus Speech and Natural Revelation*, trad. por C. H. King (Lund: Gleerup, 1955), pp. 144-45.

53. A palavra grega *pasi* (que pode ser masculina ou neutra) se refere ao homem; todavia não exclui o restante da criação de Deus possuidora de vida e fôlego. Eis aqui uma tradução inclusiva: "É ele próprio o doador universal da vida, da respiração e de tudo o mais" (NEB).

da criação. Deus dá ao homem tudo de que ele necessita, e dessa forma o sustenta pelo seu poder.

26. "Ele fez de uma só pessoa toda nação da raça humana para habitar sobre toda a face da terra, e ele determinou os tempos designados para estas nações e os limites da sua habitação. 27. Elas devem buscar a Deus, se talvez, tateando, o possam encontrar, apesar de ele não estar longe de cada um de nós."

Observem-se os quatro pontos seguintes:

1. *Criação* – Os atenienses dividiam os povos do mundo em duas classes: os gregos e os bárbaros. Todo aquele que não tivesse nascido na Grécia era considerado um bárbaro. Paulo desafia essa teoria focalizando a atenção na origem do homem. Sem mencionar sua fonte, ele ensina a narrativa da criação de Gênesis e declara que Deus é o Criador do homem (Gn 2.7). E mais, de um só homem, Adão, Deus fez todas as nações desta terra.[54] O propósito de Deus era ter o globo inteiro habitado pelas diversas nações que tiveram origem nesse único homem (Gn 1.28; 9.1; 11.8,9). Isso significa que a raça humana é integralmente relacionada e seus membros povoam toda a terra (comparar com Ml 2.10). Por causa de sua origem comum, o judeu não deve desprezar o gentio e o filósofo ateniense não deve detestar o judeu. Deus, que criou a humanidade, a governa e a sustenta. Por essa razão o homem deve reconhecê-lo como Criador e Senhor.

2. *Providência* – Deus governa sua criação e especialmente o desenvolvimento das raças e nações. "Ele determinou os tempos designados para essas nações e os limites da sua habitação", isto é, o próprio Deus está no pleno controle definindo suas épocas e fronteiras. Os gregos ensinavam que eles tiveram sua origem no solo no qual habitavam. O ensinamento de Paulo, portanto, conflitava com a própria teoria de origem deles; mas o apóstolo substituiu essa teoria defeituosa pela revelação de Deus acerca da linhagem do homem.

Qual é o significado da expressão *tempos designados*? Um ponto de vista é o de que Deus determinou, de uma vez por todas, as estações

54. Os manuscritos ocidentais e o Texto Majoritário trazem a leitura *de um só sangue* (KJV, NKJV). A palavra *sangue* foi acrescentada por um revisor, ou então foi (acidentalmente) apagada.

do ano (veja 14.17; Sl 74.17).[55] Outros intérpretes entendem que a frase se refere a "épocas históricas".[56] Baseiam sua explanação no contexto imediato da criação de Adão e as nações que dele descenderam. Portanto, dizem que Deus designou a tais nações períodos da História nos quais elas prosperam. Uma terceira interpretação explica a palavra *tempos* com referência às pessoas que compõem as nações. No passado, Deus designou os tempos exatos para toda pessoa e no presente ele os cumpre.[57] Porque o texto fala de nações, e não das pessoas individualmente; eu prefiro a segunda opção e interpreto a frase como "épocas históricas determinadas por Deus". Lucas, em seu Evangelho, também emprega a palavra *tempos* significando épocas; ali ele observa que Jerusalém será destruída "até que os tempos dos gentios se completem" (Lc 21.24).

A segunda opção corresponde à cláusula seguinte: "[Deus determinou] os limites da sua habitação", que parece ser um eco do verso do Cântico de Moisés, "Quando o Altíssimo distribuía as heranças às nações, ... fixou os limites dos povos" (Dt 32.8). Deus, então, determinou as épocas e os limites das nações deste mundo. Os limites freqüentemente são demarcações geográficas feitas por corpos aquáticos (mares, lagos, rios) ou cadeias de montanhas.[58] Sabemos que Deus determina onde as nações do mundo devem residir.

3. *Busca* – Paulo diz que Deus expressou um propósito duplo para a raça humana: habitar na terra e "buscar a Deus". Esses propósitos estão inter-relacionados, pois habitar nesta terra implica buscar a Deus. Em outras palavras, a segunda frase é uma explicação da primeira. Deus criou o homem para que o adore. Mas como é que a pessoa busca a Deus? O Antigo Testamento está repleto de exemplos de pessoas

55. Haenchen, *Acts*, p. 523.

56. Gärtner, *The Areopagus Speech and Natural Revelation*, pp. 147-51; I. Howard Marshall, *The Acts of the Apostles: An Introduction and Commentary*, Tyndale, série New Testament Commentary (Leicester: Inter-Varsity; Grand Rapids: Eerdmans, 1980), p. 288; Gerhard Delling, *TDNT*, vol. 3, p. 461.

57. F. W. Grosheide, *De Handelingen der Apostelen*, série Kommentaar op het Nieuwe Testament, 2 vols. (Amsterdã: Van Bottenburg, 1948), vol. 2, p. 149.

58. Martin Dibelius diz que as fronteiras são as cinco zonas desse globo (duas regiões polares, duas zonas temperadas e a zona tropical) e, a partir da perspectiva de sua nação (Alemanha), afirma que as zonas temperadas "diferem favoravelmente da tropical e das duas regiões árticas". *Studies in the Acts of the Apostles* (Londres: SCM, 1956), p. 31.

buscando a Deus com o propósito de servi-lo. Os Salmos registram numerosas referências à busca de Deus, e os livros dos profetas advertem e exortam continuamente o povo a buscá-lo e a obedecer a ele.[59]

Paulo qualifica seu comentário a respeito das pessoas buscando a Deus e exprime um desejo: "se talvez, tateando, o possam encontrar". Ele espera que as pessoas, apesar de cegas pelo pecado, possam tatear buscando a Deus, seu Criador – semelhante a alguém que, privado de capacidade visual, estende as mãos e toca um outro ser humano sem conseguir vê-lo. O autor de Hebreus ressalta essa mesma verdade, porém a coloca no contexto da fé verdadeira. Ele diz: "De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam" (Hb 11.6).

4. *Presença* – Paulo toca num princípio da religião estóica quando, apelando para a atenção de seu público pagão, ele diz: "[Deus] não está longe de cada um de nós". O apóstolo passa do conceito geral das nações para a idéia específica da pessoa individualmente, ensinando que religião é um relacionamento individual entre Deus e o homem. Todo ser humano é pessoalmente responsável perante o seu Deus. Entretanto, Paulo diverge da filosofia estóica com seu ensinamento de que Deus, de uma maneira impessoal, está presente em toda parte. Por contraste, o apóstolo ensina que nós podemos ter um relacionamento pessoal com Deus, pois ele está perto de seu povo (veja Sl 139.5-12; 145.18; Jr 23.23).

28. "'Pois nele nós vivemos, e nos movemos, e existimos.' Assim como até mesmo alguns dos seus próprios poetas disseram: 'Somos sua descendência'."

Estabelecendo uma identificação com sua platéia ateniense, Paulo cita textos de dois poetas gregos. Ambos os escritores exaltam as virtudes do deus Zeus. O primeiro é um poeta cretense chamado Epimênides (600 a.C.). As palavras de seu poema aparecem num comentário do século 9º, escrito em siríaco por Iso'dad de Merv, que comenta: "Os cretenses diziam como verdade a respeito de Zeus, que ele era um se-

59. Por exemplo, Salmos 24.6; 27.8; 83.16; 105.3,4; Isaías 9.13; 31.1; 55.6; 65.1; Jeremias 29.13,14. Veja também Édouard des Places, "Actes 17.27", *Bib* 48 (1967): 1-6.

nhor; foi dilacerado por um javali e foi sepultado; e veja! Seu túmulo é conhecido entre nós; assim Minos, filho de Zeus, proferiu um discurso de louvação em favor de seu pai; e nesse ele disse:

> 'Os cretenses entalham para ti um túmulo,
> Ó Santo e altíssimo!
> mentirosos, bestas selvagens e lentos glutões
> pois tu não estás morto para sempre;
> tu estás vivo e ressurreto; pois
> *em ti nós vivemos e nos movemos,*
> *e temos o nosso ser.*'"[60]

A segunda citação é do poeta Aratus (315-240 a.C.), natural da Cilícia na Ásia Menor, e portanto, compatriota de Paulo. No século 3º a.C., Aratus escreveu um poema honrando a Zeus numa composição denominada *Phainomena*. A quarta e a quinta linhas da poesia trazem as seguintes palavras: "Em tudo temos que ver com Zeus, pois somos verdadeiramente descendência sua".[61]

A primeira citação apresenta um pequeno problema relacionado à sua fonte. Apesar de Iso'dad de Merv atribuir as palavras do poema a Minos de Creta, Clemente de Alexandria atribui as linhas "os cretenses são sempre mentirosos, bestas selvagens e glutões preguiçosos" (veja Tt 1.12) a Epimênides.[62] Com toda a probabilidade, Minos citou tais palavras em vez de redigi-las.

Ao citar esses poetas, Paulo não está dando a entender que concorda com o ambiente pagão no qual surgiram as citações. Pelo contrário, ele usa as palavras para encaixá-las ao seu ensino cristão. Ele é capaz de extrair, do Antigo Testamento, a evidência de que o homem deriva de Deus a sua vida, atividade e ser (Jó 12.10; Dn 5.23). Paulo usa a palavra *nele* como um termo preferido para o crente que está em Cristo, mas em muitas ocasiões os nomes *Cristo* e *Deus* são idênticos (por exemplo, "a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus"

60. Margaret D. Gibson (org.), *The Commentaries of Isho'dad of Merw*, Horae Semiticae nº. 10 (Cambridge: Cambridge University Press, 1913), p. 28. Veja ainda Kirsopp Lake, "Your Own Poets", *Beginnings*, vol. 5, pp. 246-51.

61. As palavras aparecem também num *Hino a Zeus* escrito por Cleantes (331-233 a.C.). Clemente de Alexandria se refere a ele no *Stromata* 1.19.91.4-5.

62. Clemente de Alexandria, *Stromata* 1.14.59.

[Cl 3.3]). E João declara que Deus dá vida ao crente por intermédio de seu Filho (1Jo 5.11). Do mesmo modo, E. Margaret Clarkson emprestou voz poética a esses pensamento no seu hino:

> Vimos, ó Cristo, a ti,
> Verdadeiro Filho de Deus e homem,
> Por intermédio de quem consistem todas as coisas,
> Em quem toda vida começou:
> Em ti somente vivemos e nos movemos,
> E temos nosso ser no teu amor.

Copyright © 1957. Renovado em 1985 por Hope Publishing Co., Carol Stream, IL. Todos os direitos reservados. Usado com permissão.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 17.25-28

Versículo 25

προσδεόμενος – o particípio presente denota condição: "como se ele precisasse de alguma coisa". O emprego do presente ocorre também em διδούς (ele dá) para significar ação contínua.

ζωὴν καὶ πνοήν – "vida e respiração". A língua inglesa não consegue reproduzir a assonância do grego. O alemão *Leben und Atem* e o holandês *leven en adem* chegam próximos ao ritmo e semelhança no som.

τὰ πάντα – o acréscimo do artigo definido indica que nada fica excluído da totalidade de πάντα (todas as coisas).

Versículo 27

εἰ ἄρα – estes particípios introduzem uma condição, "se talvez", seguida de dois optativos no tempo aoristo (ψηλαφήσειαν, eles possam tatear, e εὕροιεν, eles [o] possam encontrar).

ὑπάρχοντα – o particípio presente é concessivo: "apesar de ele estar". Por uma questão de ênfase, é negado por ou em vez de μή.

Versículo 28

καθ᾽ ὑμᾶς – a preposição κατά aparece no lugar do pronome pessoal ὑμῶν no caso genitivo. Esta construção é uma perífrase para o pronome genitivo.[63]

63. Bauer, p. 408.

τοῦ – o artigo definido preenche o lugar do pronome demonstrativo τούτου (deste [um]).

---

e. *Aplicação*

17.29-31

29. "Então, porque somos descendência de Deus, não devemos pensar que o ser divino é como uma imagem de ouro, prata ou pedra, feita pela capacidade e pelo pensamento do homem."

Com o advérbio *então*, Paulo indica que ele está pronto para tirar sua conclusão e aplicar sua mensagem à platéia. Com base nas duas citações dos poetas gregos, ele pode livremente assegurar: "Somos descendência de Deus". E por causa disso, argumenta Paulo, devemos considerar Deus sob uma perspectiva divina, e não humana, isto é, não devemos retratá-lo na forma de um homem e assim adorá-lo moldando imagens feitas de ouro, prata ou pedra. Deus é espírito (Jo 4.24) e não pode ser retratado na forma de um ídolo feito pelo homem.

Deus é o Criador do homem, e é, portanto, infinitamente maior do que a criatura humana. Não pode ser comparado aos bens preciosos que ele próprio criou: ouro, prata, pedra. Num certo sentido, o homem se coloca entre Deus e a matéria. Quando o ser humano, confiando em sua arte e imaginação, procura fazer uma imagem de metal ou pedra e adorá-la, ele próprio se torna odioso a Deus. O homem transgride a ordem divina quando faz imagens de escultura e as adora (veja Êx 20.4-6; Dt 5.8-10). Por inferência, Paulo ensina a seu público gentio o mandamento explícito de Deus para não adorar ídolos.[64] Ele apresenta o argumento de maneira tão habilidosa que os filósofos não podem se opor ao seu ensinamento.

Paulo escolhe cuidadosamente suas palavras ao dizer que "o ser divino" não é feito como uma imagem de ouro, prata ou pedra. A expressão *ser divino* está na forma neutra e corresponde ao uso do pronome relativo *que* na cláusula *que ... vocês adoram* (v. 23). Ele se abstém de chamar o ídolo de "Deus", mas classifica-o juntamente com os objetos impessoais. Dessa forma ele faz clara distinção entre o Deus vivo e os ídolos inanimados.

---

64. Comparar com Deuteronômio 4.23,28; Isaías 40.18-20; 44.9-20; Romanos 1.23; Provérbios 13.10.

30. "Havendo deixado passar os tempos de ignorância, Deus está agora ordenando que todos os homens em todos os lugares se arrependam. 31. Pois Deus designou um dia no qual ele irá julgar o mundo com justiça por meio de um homem que nomeou. Ele forneceu prova a todos os homens tendo-o ressuscitado dentre os mortos."

1. *Deixar passar* – Se os gentios decidirem se defender afirmando que agiram por ignorar os mandamentos de Deus, Paulo lhes diz que Deus não levou em conta seus atos de ignorância pecaminosa (veja 3.17; 13.27), isto é, Deus não julgou o povo nem tampouco aplicou o castigo merecido por seus pecados, mas, em vez disso, fez vista grossa, por assim dizer. Em outras duas vezes Paulo levanta esse mesmo ponto.

Primeiro, em seu discurso ao povo de Listra, o apóstolo declara que no passado Deus permitiu às nações gentias viverem segundo seu próprio modo de vida (14.16). Isso não quer dizer que Deus desculpa as nações, pois ele as responsabiliza por seus atos (Rm 1.19,20). Mas quando esses gentios ouvem a proclamação do evangelho, seus tempos de ignorância chegam ao fim.[65] Se ouvem a boas-novas e não se arrependem, eles perdem a oferta da salvação de Deus e sofrem, conseqüentemente, o castigo eterno.

Em segundo lugar, em Romanos 3.25 Paulo escreve que Deus tolerou os pecados que o povo cometera em tempos passados e dessa forma não os levou em conta. Mas agora que Cristo derramara seu sangue pelos pecados de seu povo, Deus está pronto para perdoar esses pecados do passado, assim como perdoa os pecados daqueles que se arrependem e se achegam a ele agora.[66]

Paulo diz aos filósofos atenienses que Deus, no presente, ordena que "todos os homens em todos os lugares se arrependam". Essa é uma ordem divina que ninguém pode ignorar. Porque Cristo derramou o seu sangue na cruz pela remissão do pecado, é dito a todos os povos de todas as nações, tribos, raças e línguas que se arrependam, creiam e cessem de viver em ignorância e pecado, tão logo ouçam a mensagem do evangelho ser proclamada (comparar, por exemplo, com Lc 24.47).

65. Gärtner, *The Areopagus Speech and Natural Revelation*, p. 233.

66. Veja William Hendriksen, *Exposition of Paul's Epistle to the Romans*, série New Testament Commentary (Grand Rapids: Baker, 1980), p. 134.

2. *Julgar* – Paulo chega agora ao cerne da questão: "Pois Deus designou um dia no qual ele irá julgar o mundo com justiça por meio de um homem que nomeou". Paulo não menciona o nome de Jesus Cristo, porém continua a falar dos atos de Deus. Ele diz que Deus designou um certo dia como o dia do julgamento. A referência do apóstolo ao juízo divino é uma advertência para que o povo se arrependa, evitando assim o dia que leva à condenação, ruína e destruição. A mensagem do juízo divino faz com que as pessoas confessem seus pecados e creiam em Cristo (10.42), ou então endureçam o coração e voltem as costas para Deus (24.25,26).

No dia do julgamento Deus julgará o mundo em justiça (Sl 9.8; 96.13; 98.9). Paulo ensina que Deus é tanto o Criador do homem quanto seu supremo Juiz. Apesar de o apóstolo se referir indiretamente a Jesus Crsito como "um homem que [Deus] nomeou", ele dá a entender que esse homem é o segundo Adão. De um só homem (o primeiro Adão) Deus fez toda a raça humana (v. 26), e na presença de um outro homem (o segundo Adão) toda a humanidade será julgada (v. 31).[67] O próprio Jesus ensina que Deus deu a ele, o Filho do homem, a autoridade para julgar o mundo (Jo 5.22,27).

Mas os atenienses podem perguntar se esse homem, que permanece sem nome, possui autoridade divina para julgar o mundo. Que prova pode esse homem fornecer de que Deus lhe conferiu o poder para julgar? Paulo declara afirmativamente que o próprio Deus apresenta prova a todos os homens, porque ele ressuscitou esse homem dentre os mortos.

Os gregos, sem dúvida, têm dificuldade em compreender como a ressurreição de um homem pode constituir prova de que Deus o tenha nomeado para julgar o mundo. Eles ensinavam a imortalidade da alma e a destruição do corpo, porém não possuíam doutrina alguma a respeito da ressurreição.

Mantendo-se fiel ao seu formato apostólico, sempre que Paulo prega as boas-novas, ele ensina a ressurreição de Jesus Cristo. Para os apóstolos, esta doutrina é básica à fé cristã e deve ser proclamada tanto a judeus como a gentios.[68] Portanto, Paulo apresenta esta doutrina funda-

67. Édouard des Places, "Actes 17.30,31", *Bib* 52 (1971): 531-32.
68. Atos 2.24,32; 3.15,26; 4.2,10,33; 5.30; 10.40; 13.34,37; 17.31; 25.19.

mental sem se desculpar, e demonstra que ela é a prova dada por Deus para nomear um homem, a saber, Jesus Cristo, como supremo Juiz (comparar com 1Ts 1.9,10).

A fala de Paulo é bruscamente interrompida quando sua platéia se recusa a aceitar a doutrina da ressurreição. Depois de extensiva introdução para estabelecer uma identificação com seu público, Paulo começa a desenvolver a parte principal de seu discurso: as boas- novas de salvação. Quando ele menciona a doutrina da ressurreição, seus ouvintes não mais demonstram interesse,[69] apesar de esse ser o tópico que Paulo vinha ensinando na praça do mercado antes de ter sido convidado para se dirigir ao Concílio do Areópago (v. 18). O discurso do apóstolo não menciona a morte de Cristo na cruz nem a sua volta; entretanto a fala apresenta alguns elementos básicos do evangelho: pecado, arrependimento, juízo e ressurreição.

Nota Adicional Sobre o Discurso no Areópago

No sentido exato da palavra, o discurso de Paulo em Atenas não é uma defesa da fé cristã. Pelo contrário, sua fala constitui tanto um desafio à religião pagã como uma proclamação do evangelho. Ao se dirigir ao Concílio do Areópago, Paulo encarou um público diferente daquele que se reunia nos cultos da sinagoga. Em pé diante dos filósofos atenienses, o apóstolo não podia presumir que eles tivessem qualquer conhecimento das Escrituras ou a respeito de Jesus, que cumprira as profecias das mesmas Escrituras. Paulo tinha de iniciar seu discurso ensinando aos seus ouvintes as doutrinas de Deus e da criação. Ele continuou sua lição com a doutrina do homem, pois este é descendência de Deus. E concluiu sua fala com as doutrinas do juízo e da ressurreição.

Afirmamos a historicidade da visita de Paulo ao Concílio do Areópago.[70] Nessa reunião, Paulo, o apóstolo dos gentios, apresentou sua platéia

---

69. Leland Ryken afirma que a construção do discurso de Paulo revela que ele tinha a intenção de apresentar um discurso clássico, porém foi interrompido. *Words of Life: A Literary Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1987), p. 128. Stonehouse, entretanto, acha que o discurso está completo. *Paul Before the Areopagus*, pp. 36-40.

70. F. F. Bruce, "Paul and the Athenians", *ExpT* 88 (1976): 11. Hans Conzelmann diz do discurso de Paulo "não ser ele um extrato de um discurso missionário, mas uma criação puramente literária". Veja "The Address of Paul on the Areopagus", em *Studies in Luke-Acts: Essays Presented in Honor of Paul Schubert*, org. por Leander E. Keck e J. Louis Martyn (Nashville: Abingdon, 1996), p. 218.

pagã aos ensinamentos da fé cristã. Ele comentou que Deus criou o homem, designou um dia para o julgamento e não levou em conta os pecados cometidos pelo homem no passado. A semelhança entre esse discurso e os escritos de Paulo dá peso à autenticidade dessa passagem. Por exemplo, em sua carta aos romanos, o apóstolo menciona que Deus se fez conhecido na criação, que ele julga os segredos do homem por intermédio de Jesus Cristo, e que Deus demonstrou sua clemência deixando pecados sem castigo (Rm 1.19-21; 2.16; 3.21-26).

Apesar de Paulo fazer alusão a uma inscrição num altar ("a um Deus desconhecido") e citar algumas linhas provindas de fontes pagãs, ele em nenhum lugar indica que o evangelho "pode ser comparado com a religião e filosofia pagãs".[71] Paulo usa essas características pagãs como pontos de contato com sua platéia, porém se recusa a acomodar e fazer concessões à mensagem do evangelho. A esse respeito ele é fiel ao seu Deus, que dá ao homem a lei para não ter quaisquer deuses perante ele. Quer Paulo encare uma platéia judia, quer seja uma reunião de pagãos, ele ensina fielmente a inflexível verdade da revelação de Deus.

Em seus relatos das três viagens missionárias de Paulo, Lucas inclui um discurso proferido em cada uma delas. Para a primeira jornada, ele apresenta o relato do sermão de Paulo entregue em Antioquia da Pisídia. Para a segunda, registra o discurso do apóstolo no Areópago, e para a terceira, a fala de despedida de Paulo aos presbíteros efésios na praia em Mileto.[72]

Lucas retrata Atenas como o centro cultural e intelectual do mundo, onde a mensagem do evangelho encontra a sabedoria dos gregos. O resultado desse encontro é que um proeminente membro do concílio, uma senhora de alta posição, e vários outros se tornam cristãos. Entretanto, o efeito limitado não deve ser atribuído ao discurso de Paulo, mas à recusa dos atenienses em ouvir e aceitar o evangelho. A falta de reação favorável é insignificante em comparação com a marcha do evangelho.

Num certo sentido, o encontro de Paulo com os sofisticados atenienses nos meados do século 1º é característico da missão da igreja ao mundo secular de hoje. Devemos considerar um fracasso a missão de Paulo em

71. Thomas L. Wilkinson, "Acts 17: The Gospel Related to Paganism", *VoxRef* 35 (1980): 12.
72. Veja Jacques Dupont, *Nouvelles Études sur les Actes des Apôtres*, Lectio Divina 118 (Paris: Cerf, 1984), p. 384.

Atenas? Certamente que não, porque a igreja tem o dever de proclamar o evangelho em todas as áreas da vida e chamar as pessoas ao arrependimento e à fé em Jesus Cristo.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 17.29-31

Versículos 29,30

τὸ θεῖον – literalmente "o [ser] divino". O adjetivo é neutro e corresponde ao pronome relativo o no versículo 23.

ὑπεριδών – este particípio ativo aoristo de ὑπεροράω (eu deixo passar) comunica uma idéia negativa.[73]

Versículo 31

ἐν ἀνδρί – o substantivo é, ou um dativo de esfera ("na pessoa de um homem"), ou um dativo instrumental ("por um homem"). A segunda tradução é preferível.[74]

---

f. Reação

17.32-34

32. Quando a platéia ouviu acerca da ressurreição dos mortos, alguns começaram a zombar. Outros disseram: "Nós queremos ouvi-lo outra vez a respeito disso". 33. Então Paulo se retirou do meio deles. 34. Mas alguns homens se tornaram seus discípulos e creram. Entre eles estava Dionísio, o areopagita, e uma mulher chamada Dâmaris e outros com eles.

Alguns filósofos atenienses, dentre eles Platão, haviam desenvolvido uma doutrina da imortalidade da alma. Eles argumentavam que a alma migrava para um outro lugar, mas que a morte concluía a existência física do homem. Os filósofos no público de Paulo rejeitam seu ensino de uma ressurreição física, pois "a idéia de uma ressurreição geral no final dos tempos é estranha aos gregos".[75] Como resultado disso, alguns dos ouvintes de Paulo começam a escarnecer, indicando, portanto, que sua mensagem lhes é inaceitável. Para eles, a doutrina da

73. Robertson, *Grammar*, p. 629.
74. Moule, *Idiom-Book*, p. 77.
75. Albrecht Oepke, *TDNT*, vol. 1, p. 369. Veja também Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 3, p. 261.

ressurreição é fora de propósito. Outros mostram interesse pelo assunto e dizem a Paulo que gostariam de ouvi-lo outra vez. Lucas não fornece evidência alguma de que tenha havido uma divisão entre os dois partidos filosóficos (epicureus e estóicos) a respeito dessa questão. Portanto, não podemos determinar quem, nessa platéia de Paulo, queria ouvi-lo novamente a respeito desse tópico.

Quando Paulo se retira do Concílio do Areópago, ele se dá conta de que sua mensagem fora rejeitada. Encontrando tanto pungente zombaria como polida indiferença, ele sabe que sua estada em Atenas deve chegar ao fim. Ele não fora capaz de penetrar o mundo intelectual dos filósofos atenienses com o evangelho de Cristo. Por vontade própria, ele deixa a platéia.

Todavia o trabalho de Paulo não foi em vão, pois Lucas relata que alguns passam a ser seus seguidores e crentes em Cristo. Estas podem ter sido as pessoas que lhe pediram para falar-lhes novamente a respeito da doutrina da ressurreição. Lucas cita duas pessoas, um homem e uma mulher. A primeira é Dionísio, um areopagita, e óbviamente membro do concílio governante. A outra é Dâmaris, de quem nada mais é revelado. Alguns estudiosos sugerem que ela era conhecida pelo nome de *Damalis* (que significa "novilha"), era estrangeira, pertencia à classe dos eruditos, e tinha acesso às assembléias públicas do concílio.[76]

Além de Dionísio e Dâmaris, tornaram-se cristãos pessoas que representavam diferentes antecedentes. Presumimos que Paulo tenha permanecido por algum tempo em Atenas a fim de instruir esses crentes a respeito do evangelho (comparar com 1Ts 3.1,2). Mas nem o Novo Testamento, nem tampouco os pais da igreja primitiva, fazem referência à fundação de uma igreja em Atenas. No entanto, Eusébio, historiador do século 4º, escreve:

> Dionísio, um dos anciãos, pastor da diocese dos coríntios [aproximadamente 170 d.C.], relata que o primeiro bispo da igreja em Atenas era membro do Areópago, o outro Dionísio, cuja conversão original

76. Ramsay, *St. Paul the Traveller*, p. 252. O Codex Bezae traz a seguinte leitura: "dentre os quais estava também um *certo* Dionísio, *um* areopagita de *alta posição*, e outros com ele". A omissão do nome *Dâmaris* é explicada como indicação de uma atitude antifeminista ou como uma omissão acidental de uma linha no manuscrito. Metzger, *Textual Commentary*, p. 459.

depois do discurso de Paulo aos atenienses no Areópago Lucas descreve em Atos.[77]

E por fim, quando Paulo escreve que os membros da casa de Estéfanas em Corinto foram os primeiros convertidos na província de Acaia (1Co 16.15), sem dúvida ele não tinha Atenas em mente, mas a península da Peloponésia, tendo Corinto como sua capital provincial.

Sumário do Capítulo 17

Paulo chega em Tessalônica e prega Cristo na sinagoga local por três sábados sucessivos. Ele abre as Escrituras e explica que Cristo teve de sofrer e ressurgir dos mortos. Alguns dos judeus e muitos gregos tementes a Deus crêem.

Judeus invejosos em Tessalônica juntam uma turba para causar tumulto e se opor a Paulo e Silas. Eles vão até a casa de Jasom à procura dos missionários, mas não conseguem encontrá-los. Arrastam Jasom e outros crentes perante os magistrados, mas Paulo e Silas escapam e viajam para Beréia. Ali os missionários pregam na sinagoga. Os bereanos estudam as Escrituras para conferir a exatidão da pregação de Paulo. Muitos judeus e gregos proeminentes crêem. Os judeus tessalonicenses vão a Beréia para perseguir Paulo que, juntamente com seus companheiros cristãos, viajam para a costa. Dali Paulo e seus colegas viajam para Atenas.

Paulo fica desalentado por causa da idolatria difundida em Atenas. Ele prega aos judeus e aos gregos tementes a Deus na sinagoga e ensina na praça do mercado para o benefício do público. Filósofos epicureus e estóicos ridicularizam o apóstolo, mas levam-no a uma reunião no Areópago, o concílio governante do lugar. Nessa reunião, Paulo ensina a doutrina da criação e cita poetas gregos para provar o argumento de que Deus criou o homem. Ele exorta seus ouvintes a que se arrependam, pois diz-lhes que Deus nomeou um homem para julgar o mundo no dia determinado por ele. Como prova disso, Paulo menciona a ressurreição do homem a quem Deus nomeou como Juiz. Alguns dos ouvintes escarnecem de Paulo; outros lhe dizem que desejam ouvi-lo novamente. Ainda outros crêem e se tornam seus seguidores.

77. Eusébio, *Ecclesiastical History* 3.4.10; 4.23.3 (LCL).

18

A Segunda Viagem Missionária

Parte 4

18.1-22

e A Terceira Viagem Missionária

Parte 1

18.23-28

ESBOÇO (continuação)

18.1-17	2. Corinto
18.1-3	a. Fabricante de Tendas
18.4-8	b. Pregador
18.9-11	c. Visionário
18.12-17	d. Acusado
18.18-22	D. Retorno à Antioquia
18.23–21.16	VIII. A Terceira Viagem Missionária
18.23-8	A. A Éfeso

Capítulo 18

ATOS 18.1-17

18 1. Depois disso, Paulo deixou Atenas e foi para Corinto. 2. Lá encontrou certo judeu chamado Áqüila, natural do Ponto, que havia recentemente chegado da Itália, com sua esposa, Priscila, em vista de ter Cláudio decretado que todos os judeus se retirassem de Roma. Paulo foi até eles 3. e, como eram do mesmo ofício, ficou com eles. Ele trabalhava, pois a profissão deles era fazer tendas.

4. E todos os sábados Paulo discorria na sinagoga, tentando persuadir tanto judeus como gregos. 5. Quando Silas e Timóteo chegaram da Macedônia, Paulo começou a se devotar totalmente à pregação, testemunhando aos judeus que o Cristo é Jesus. 6. Mas quando os judeus resistiram a ele e o insultaram, ele sacudiu suas roupas e disse a eles, "Que seu sangue esteja sobre a cabeça de vocês! Eu estou inocente e doravante vou para os gentios". 7. E ele saiu de lá e foi à casa de um homem chamado Tício Justo, um temente a Deus, cuja casa era contígua à sinagoga. 8. Crispo, o principal da sinagoga, creu no Senhor, com toda a sua casa. E depois de tê-lo ouvido, muitos coríntios creram e foram batizados.

9. À noite, o Senhor disse a Paulo numa visão: "Não tenha medo, mas continue a falar e não se cale. 10. Porque eu estou com você, e ninguém irá atacá-lo para fazer-lhe mal, porque eu tenho muito povo nesta cidade". 11. Paulo permaneceu ali um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus.

12. Enquanto Gálio era procônsul da Acaia, os judeus se levantaram juntos contra Paulo e o levaram ao tribunal. 13. Eles disseram, "Este homem persuade o povo a adorar a Deus de modo contrário à lei". 14. Quando Paulo ia começar a falar, Gálio disse aos judeus: "Se se tratar de uma questão de certa má ação ou crime sério contra vocês, judeus, eu estaria justificado se aceitasse sua reclamação. 15. Mas, se é questão de palavras, de nomes e de sua lei, tratem disso vocês mesmos. Eu não quero ser juiz dessas coisas". 16. E os expulsou do tribunal. 17. E todos agarraram Sóstenes, o principal da sinagoga, e começaram a espancá-lo diante do tribunal. Mas essas coisas não interessavam a Gálio.

2. *Corinto*

18.1-17

No tempo de Paulo, Corinto, não Atenas, era a capital da Acaia (Grécia). Como de costume, Paulo se dirigia primeiramente às cidades principais e capitais. De Atenas ele viajou para oeste-sudoeste por cerca de oitenta quilômetros, e em dois dias chegou a Corinto. Ali, ele encontrou um casal, que era fabricante de tendas, e se hospedou com eles.

a. *Fabricante de Tendas*

18.1-13

1. Depois disso, Paulo deixou Atenas e foi para Corinto. 2. Lá encontrou certo judeu chamado Áqüila, natural do Ponto, que havia recentemente chegado da Itália, com sua esposa, Priscila, em vista de ter Cláudio decretado que todos os judeus se retirassem de Roma. Paulo foi até eles 3. e, como eram do mesmo ofício, ficou com eles. Ele trabalhava, pois a profissão deles era fazer tendas.

Inicialmente Paulo havia recebido um chamado urgente para ajudar os macedônios (16.9), mas, por causa das perseguições, ele viajou para Atenas. Quando viu que seu trabalho em Atenas estava impedido, ele se voltou para Corinto, cuja população estimada era de duzentos mil habitantes. Situada no istmo que divide o Peloponeso do restante do continente, Corinto havia se tornado um centro comercial próspero, com um porto em cada extremidade do istmo. Mercadorias eram transportadas de um porto para o outro por um corredor de pedra especialmente construído para esse fim. A cerca de três quilômetros ao norte de Corinto, ficava o porto de Léquio, que recebia navios da Itália, Espanha e norte da África. O porto de Cencréia, localizado a onze quilômetros a leste de Corinto, possibilitava o tráfego marítimo nos dois sentidos para o Egito, Fenícia e Ásia Menor. Segundo a perspectiva de Paulo, Corinto era um centro ideal para missão; a partir dela o evangelho poderia se espalhar, levado pelos marinheiros para o leste e para o oeste.

Corinto atingiu seu apogeu áureo no século 7 a.C. A rivalidade entre Atenas e Corinto contribuiu para um declínio que foi acelerado pela Guerra de Peloponeso (431-404 a.C.). Quase três séculos depois, os romanos conquistaram Corinto. Quando uma revolta estourou contra Roma em 146 a.C., o general romano Lucius Mummius matou to-

dos os homens de Corinto e vendeu suas mulheres e crianças como escravas.

Em 46 a.C., Júlio César deu a Corinto o nome de *Colonia Laus Julia Corinthiensis* (a colônia coríntia é um louvor a Júlio), levou muitos cidadãos romanos livres a fixarem residência lá, e fez do latim a língua oficial (grego era a língua comum). Seu sucessor, Augusto, fez de Corinto a capital da província de Acaia (27 a.C.). Os negócios comerciais mais uma vez floresceram, o que atraiu muitos judeus, que construíram uma sinagoga na cidade.

Os moradores de Corinto adoravam Afrodite, a deusa do amor, e sob pretexto de religião se engajavam em imoralidade sem limites. Corinto tinha um número considerável de prostitutas do templo que estavam a serviço das autoridades religiosas da cidade. Em todo o mundo mediterrâneo a expressão *corintianizar* (viver imoralmente) se tornou um provérbio bem conhecido. No plano de Deus, Corinto era o lugar onde Paulo tinha de pregar o evangelho e estabelecer uma igreja.

Quando Paulo chegou a Corinto, ao que parece ele procurou entrar em contato com as autoridades da sinagoga local e conseguiu hospedagem com um judeu chamado Áqüila e sua mulher Priscila.[1] O nome *Áqüila* significa "águia" em latim e Priscila, uma forma diminutiva de Prisca, que em latim significa "antiga" ou "anciã". Áqüila era natural da Província de Ponto, na Ásia Menor, mas tinha se mudado para Roma. Ele e sua mulher eram fabricantes de tendas: ele confeccionavam pequenas tendas usando couro, tecido ou material feito de cabelo de cabra.[2] Em suas longas viagens, Paulo provavelmente usava essas tendas; e certamente sabia como fazê-las.

Paulo, Áqüila e Priscila tinham em comum mais do que o simples fato de serem judeus e fabricantes de tendas. Os três eram cristãos. Áqüila e Priscila tinham vindo recentemente de Roma para Corinto pois o imperador Cláudio expulsara os judeus da cidade imperial em 49 d.C. O historiógrafo romano Suetônio escreveu que Cláudio "expulsou os judeus porque eles estavam sempre criando perturbações instigados por Chrestus".[3] Pensa-se que ele escreveu de forma incorre-

1. Veja versículo 26; Romanos 16.3-5; 1 Coríntios 16.19; 2 Timóteo 4.19.
2. Thayer, p. 578; Bauer, p. 755.
3. "Judaeos impulsore Chresto assidue tumultuantes Roma expulit." Suetonius *Claudius*

ta o nome de Cristo, que para ele não tinha sentido. Ele também pensava que Cristo estivesse pessoalmente em Roma para instigar os tumultos. Como resultado dos repetidos conflitos entre judeus e cristãos, ambos os grupos foram forçados a deixar a cidade imperial. Tempos depois, entretanto, tanto judeus quanto cristãos retornaram, como é evidenciado pelas viagens de Áqüila e Priscila (Rm 16.3-5).

A referência de Lucas ao decreto imperial parece indicar que Áqüila e Priscila eram cristãos quando eles deixaram Roma. Essa suposição é reforçada pelo fato que em seus escritos Paulo não os considera como seus primeiros convertidos na Acaia (1Co 16.15). Também, Paulo ao procurar alojamento em Corinto, procedente de Atenas, teria preferido ficar com cristãos. Por essas razões nós conjeturamos que Paulo, Áqüila e Priscila formaram o núcleo da igreja coríntia.

Os pais judeus ensinavam aos filhos o negócio da família, que permanecia na família por muitas gerações. Zebedeu ensinou aos seus filhos Tiago e João a arte da pesca. Jesus aprendeu carpintaria com José em sua oficina em Nazaré. E Paulo tinha sido treinado por seu pai, em Tarso, no ofício de fabricar tendas, e provavelmente na arte de trabalhar o couro. As ferramentas requeridas para essa arte eram relativamente poucas e podiam ser facilmente transportadas por Paulo para onde quer que ele fosse.[4] Muitos rabinos se sustentavam executando trabalhos manuais no ofício que tinham aprendido na juventude. Paulo escreveu aos coríntios que ele tinha trabalhado com suas próprias mãos (1Co 4.12; veja também 9.6), e aos tessalonicenses que ele trabalhava noite e dia para suprir suas próprias necessidades (1Ts 2.9; veja também At 20.34,35).

Considerações Práticas em 18.3

Um pastor deve ter um ministério sustentado por um ofício, para não depender da comunidade cristão para seu sustento? Não necessariamente, pois o Senhor estipulou que "aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho" (1Co 9.14; comparar com Mt 10.10; Lc 10.7; 1Tm 5.18).

25.4 Veja também Dio Cassius *History* 60.6.6; Robert O. Hoerber, "The Decree of Claudius in Acts 18:2", *ConcThMonth* 31 (1960); 690-94.

4. Veja Ronald F. Hock, *The Social Context of Paul's Ministry: Tentmaking and Apostleship* (Filadélfia: Fortress, 1980), p. 25. Veja Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 223.

Mesmo assim, Paulo escreve que para evitar qualquer obstáculo à divulgação do evangelho ele se abstinha de receber o sustento material (1Co 9.12b). Paulo fala sobre sua própria situação e não tem qualquer intenção de instituir um decreto apostólico. Os apóstolos em Jerusalém se dedicavam totalmente à oração e ao ministério da pregação da Palavra de Deus (6.2,4). Num certo sentido, ele deram exemplo de um ministério em tempo integral, livre de pressões materiais.

Em algumas situações, contudo, um ministro ou missionário pode praticar um ofício e assim penetrar num mundo que seria, de outra forma, fechado ao evangelho. Esse ofício em particular então se torna um veículo para ensino da Palavra de Deus, para as pessoas que não tinham ainda ouvido falar da mensagem da salvação.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 18.2,3

τῷ γένει – substantivo dativo que expressa maneira (veja 4.36): "por nacionalidade" ou "natural de".[5]

ἠργάζετο – de ἐργάζομαι (Eu trabalho), o tempo imperfeito indica que Paulo trabalhou no seu ofício por algum tempo.

O texto ocidental embelezou esses versículos (os acréscimos estão em itálico):

> [Áqüila e Priscila] tinham saído de Roma porque Cláudio *César* tinha ordenado a todos os judeus que se retirassem de Roma; *e eles passaram a viver na Grécia*. E Paulo *se tornou conhecido* de Áqüila porque ele era *da mesma tribo e* do mesmo ofício, e ele ficou com eles e trabalhou; pois eles eram fabricantes de tendas por profissão.[6]

---

b. *Pregador*

18.4-8

4. E todos os sábados Paulo discorria na sinagoga, tentando persuadir tanto judeus como gregos. 5. Quando Silas e Timóteo chegaram da Macedônia, Paulo começou a se devotar totalmente à pregação, testemunhando aos judeus que o Cristo é Jesus.

---

5. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 530.

6. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), pp. 460-61.

Fiel à sua prática, Paulo adorava na sinagoga local no sábado (comparar com 13.14; 14.1). Convidado a pregar, Paulo tentava convencer tanto os judeus quanto os gentios tementes a Deus a ouvirem o evangelho e aceitar Jesus como o Messias deles, que cumprira as profecias das Escrituras. Todo sábado, semana após semana, Paulo agarrava as oportunidades de confrontar o povo com as boas-novas e procurava ganhá-los para Cristo.

Em 1898, arqueólogos descobriram uma pedra em Corinto, na Estrada de Léquio, que tinha as letras gregas *gōgē ebr*. Estudiosos tornaram a inscrição legível com a adição de umas poucas letras para formar a palavra *synagōgē hebraiōn* (sinagoga dos hebreus). A inscrição data do século 1º antes de Cristo aos primeiros dois séculos depois de Cristo, e era a viga acima do portal da sinagoga onde Paulo pregava.

Os judeus alcançavam a comunidade convidando os gregos para irem à sinagoga, que era chamada de casa de aprendizado. Aqui os rabinos ensinavam aos gentios a respeito do Deus de Israel. Com o tempo, numerosos gregos creram e se tornaram tementes a Deus.

No início, Paulo trabalhava em seu ofício durante a semana e ensinava na sinagoga no sábado. Mas quando Silas e Timóteo chegaram, vindos da Macedônia (Filipos, Tessalônica e Beréia), Paulo se entregou totalmente à pregação do evangelho da salvação. Seus dois companheiros lhe trouxeram um donativo financeiro das igrejas da Macedônia (2Co 11.9; Fp 4.14,15), então a necessidade de fazer trabalho manual diminuiu. Paulo soube por intermédio de seus companheiros que os crentes em Tessalônica estavam indo bem (1Ts 3.6).

Quando Paulo estava em Atenas, Timóteo tinha ido encontrá-lo, de acordo com suas instruções (17.15). Mas Paulo o enviou de volta a Tessalônica (1Ts 3.1-5). Talvez Silas tenha voltado à igreja de Filipos enquanto Timóteo retornava a Tessalônica. Quando Timóteo e Silas afinal chegaram a Corinto, Timóteo entregou a Paulo boas notícias sobre a condição espiritual dos crentes em Tessalônica (1Ts 3.6). Isso fez com que Paulo imediatamente lhes enviasse a primeira epístola e, depois, cerca de meio ano mais tarde, a segunda. O tom dessas epístolas é de alegria e gratidão, e Paulo fala da sua saudade desses crentes. Dentre as cartas que Paulo escreveu durante o período relatado por

Lucas em Atos, se encontram dez epístolas canônicas, porém surpreendentemente Lucas nunca fez menção à correspondência de Paulo.[7]

Lucas escreveu que Paulo, pregando e ensinando em tempo integral, testificava aos judeus que Jesus era o Messias. O verbo *testificar* se aplica às testemunhas[8] apostólicas e significa que Paulo como um apóstolo relatava aos judeus de Corinto sobre seu encontro com o Senhor ressurreto perto de Damasco. Paulo escolheu os judeus, e não os gregos tementes a Deus, pois os judeus conheciam as profecias messiânicas das Escrituras.

6. Mas quando os judeus resistiram a ele e o insultaram, ele sacudiu suas roupas e disse a eles, "Que seu sangue esteja sobre a cabeça de vocês! Eu estou inocente e doravante vou para os gentios".

De todos os povos na terra, os judeus deveriam ter sido os primeiros a reconhecer Jesus como o Cristo. Por séculos eles possuíam as profecias acerca da vinda do Messias. Quando Jesus por fim cumpriu todas essas profecias, os judeus deveriam tê-lo reconhecido e o aclamado como o prometido Messias. Mas quando Jesus veio para que eram seus, seu próprio povo não o recebeu (Jo 1.11).

Paulo disse aos judeus coríntios que ele próprio tinha visto e ouvido Jesus e que ele era um dos seus apóstolos. Mas em lugar de aceitar a mensagem do evangelho, os judeus resistiram à verdade e começaram a falar de forma abusiva contra a mensagem de Paulo (13.45). Eles rejeitaram o evangelho, como se encontra indicado pelas Dezoito Petições. A oração mais antiga do judaísmo, simplesmente conhecida como a "Oração", era recitada nos cultos pelo líder da sinagoga. O Mishnah requer que todo judeu a recite três vezes por dia.[9] Na décima segunda petição (Recensão Palestina) dessa oração nós lemos:

> E para os apóstatas, que não haja nenhuma esperança; e que em nossos dias o reino insolente seja rapidamente arrancado. E possam os nazarenos e os heréticos perecerem rapidamente; e possam eles ser

7. Em sua segunda viagem missionária Paulo compôs Gálatas e 1 e 2 Tessalonicenses. Ele escreveu Romanos e 1 e 2 Coríntios durante sua terceira viagem missionária; e enquanto esteve preso, escreveu Efésios, Colossenses e Filemom.

8. Atos 8.25; 20.21,24; 23.11; 28.23.

9. Mishnah, *Berakhot* 3.3; 4.1.

eliminados do Livro da Vida; e que eles não sejam inscritos juntos com os justos. *Louvado seja o Senhor, que humilha o insolente*.[10]

Na sinagoga local, Paulo sacudiu sua capa para simbolizar seu rompimento com os judeus (veja Ne 5.13). Nós presumimos que ele não sacudiu o pó de suas sandálias, porque ele as tinha deixado à entrada da sinagoga.[11] Jesus tinha instruído seus discípulos para sacudir o pó de seus pés quando eles vissem que seu ouvintes não queriam aceitar a mensagem do evangelho (Mt 10.14; comparar com At 13.51).

Paulo explicou seu ato dizendo: "Que seu sangue esteja sobre a cabeça de vocês. Doravante vou para os gentios". Ele aludia à palavra de Deus dita a Ezequiel com respeito ao vigia que tocava sua trombeta para avisar o povo de perigo iminente. Se alguém deixasse de ouvir e fosse morto à espada, seu sangue seria sobre sua própria cabeça e o vigia não seria considerado culpado (Ez 33.4). Paulo declarou que havia cumprido seu dever, e que dali em diante os judeus teriam de assumir toda a responsabilidade por sua recusa em aceitar o evangelho. Ele se considerava livre de culpa e absolvido do julgamento de Deus que um dia viria sobre os judeus (veja 20.26).

Ciente de seu chamado para apóstolo dos gentios, Paulo declarou que ele deixaria os judeus e levaria a mensagem aos gentios de Corinto. A situação lembra aquela que se passou na Antioquia da Psídia em que Paulo saiu da sinagoga local e foi para os gentios daquela cidade (13.46; cf. 28.28; Rm 1.16; 11.11). Portanto, a expressão *doravante* não deve ser tomada literalmente, pois ela se aplica apenas a essa situação local. Paulo continuou seu ministério com os judeus de outros lugares (20.21).

7. E ele saiu de lá e foi à casa de um homem chamado Tício Justo, um temente a Deus, cuja casa era contígua à sinagoga. 8. Crispo, o principal da sinagoga, creu no Senhor, com toda a sua casa. E depois de tê-lo ouvido, muitos coríntios creram e foram batizados.

10. Emil Schürer, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ (175 a. C. – a. D. 135)*, rev. e org. por Geza Vermes e Fergus Millar, 3 vols. (Edimburgo: Clark, 1973-87), vol. 2, p. 461. Veja também SB, vol. 4, pt. 1 pp. 212-13.

11. H. J. Cadbury, "Dust and Garments", *Beginnings*, vol. 5, p. 274.

Lucas não fornece nenhuma indicação de que Paulo tivesse saído da casa de Áqüila e Priscila e ido morar com Tício Justo.[12] Ao contrário, o que ele diz é que Paulo não mais adorava junto com os judeus na sinagoga local, mas dirigia os cultos na casa adjacente a ela. Mesmo sem ter intenção de provocar os judeus, Paulo ainda tinha de encontrar um local adequado para pregar e a casa de Tício Justo acabou por ser esse lugar.

Judeus cristãos e gregos tementes a Deus começaram a se reunir para o culto e para serem instruídos na casa de alguém que era provavelmente rico (sua casa acomodava pelo menos uma pequena congregação) e cidadão romano. Algumas traduções dão o nome de *Justo* para esse homem (KJV, NKJV, BJ), outras dão como sendo *Tito Justo* (NAB, *Moffatt*), e ainda outros como *Tício Justo* (RSV, NEB, MLB, GNB, SEB, NIV, NASB). As diferenças decorrem de variações nos manuscritos gregos. Como um cidadão romano, essa pessoa provavelmente teria pelo menos três nomes: Gaius Titius Justus. Alguns estudiosos com razão o identificam com o Gaio a quem Paulo faz referência como um crente que extendeu sua hospitalidade a ele e a toda igreja de Corinto (Rm 16.23; e veja 1Co 1.14).[13] Ele não deve ser identificado com o Tito que acompanhou Paulo no final de sua primeira viagem missionária e que era provavelmente da Antioquia na Síria (Gl 2.1).[14]

Tanto judeus como gregos cristãos se reuniam na casa de Tício Justo para culto e instrução. Os primeiros convertidos de Corinto foram Estéfanas e toda sua casa. Lucas relata que o líder da sinagoga, Crispo, e toda sua casa também se tornaram seguidores de Jesus Cristo. (Em Atos, Lucas usa com freqüência a expressão *toda sua casa*, geralmente para se referir à esposa do homem, seus filhos e filhas, parentes próximos e criados [veja 11.14; 16.15,31-34]). Crispo era uma figura proeminente na comunidade judaica. Sua conversão ao Cristianismo provou ser decisiva para o crescimento da igreja local. Seu su-

12. Henry Ford escreveu que Paulo, "depois de deixar a sinagoga não mais voltou para a casa do judeu Áqüila". *Alford's Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, 7ª. ed., 4 vols. (1877; Grand Rapids: Guardian, 1976), vol. 2, p. 202. Mas esse dificilmente seria o significado do texto, porque a amizade de Paulo com Áqüila e Priscila permaneceu firme.

13. Por exemplo, Edgar J. Goodspeed, "Gaius Titius Justus", *JBL* 69 (1950): 382-83.

14. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 225.

cessor ou colega na sinagoga, Sóstenes (v. 17), com o tempo se tornou um crente (1Co 1.1).

Todas essas pessoas, exceto Sóstenes, foram batizadas pelo próprio Paulo (1Co 1.16; 16.15), embora segundo seu testemunho ele normalmente não batizava os convertidos. É possível que Estéfanas, Crispo, Gaio e os membros de suas famílias tenham sido batizados antes que Silas e Timóteo chegassem a Corinto e antes que o rompimento com os judeus ocorresse.

Talvez a conversão dessas pessoas proeminentes tenha causado ciúmes e resultaram nas disputas acirradas que levaram Paulo a deixar a sinagoga.

Paulo continuou seu trabalho de pregação na casa de Tício Justo. Muitos coríntios, tanto judeus como gregos, ouviram as instruções de Paulo e creram. Dentre os membros da igreja de Corinto estava Erasto, o tesoureiro da cidade, e uma pessoa chamada Quarto (Rm 16.23). No grego, Lucas indica que eles ouviam regularmente a Paulo e que o batismo dos convertidos era uma ocorrência comum.

Palavras, Frases e Construções em Grego 18.4-8

Versículo 4

O texto ocidental acrescentou algumas frases para que a leitura da passagem ficasse mais agradável. Os acréscimos estão em itálico: "E *entrando na* sinagoga todos os sábados, ele conduzia a discussão, *inserindo o nome do Senhor Jesus*, e persuadindo *não só* judeus, *mas também* gregos".[15]

διελέγετο – o uso do tempo imperfeito mostra as repetidas tentativas de debate de Paulo com os judeus. Semelhantemente, o tempo imperfeito de ἔπειθεν (ele tentou persuadir) indica ação repetitiva e tentativa.

Versículo 5

συνείχετο – o imperfeito no meio de συνέχομαι (Eu estou ocupado com) significa "ele está se abstendo de [pregar] a palavra".[16]

---

15. Metzger, *Textual Commentary*, p. 461.
16. Veja Robertson, *Grammar*, p. 808.

εἶναι τὸν Χριστὸν Ἰησοῦν – o substantivo com o artigo definido serve como sujeito do infinitivo, o substantivo sem o artigo como predicado. Os judeus sabiam sobre o Messias das Escrituras, mas eles não tinham conhecimento de Jesus. Uma tradução literal seria, "que o Cristo é Jesus".

Versículo 6-8

O texto ocidental começa o versículo 6 com uma clausula introdutória: "E depois de ter havido muita discussão, e a interpretação das Escrituras ter sido dada...."[17]

ἐκτιναξάμενος – este particípio do médio composto no aoristo é reflexivo e intensivo: "sacudindo suas roupas de si mesmo".[18] o plural idiomático τὰ ἱμάτια refere-se à peça mais exterior do vestuário de uma pessoa.

ἐκεῖθεν – alguns manuscritos ocidentais trocam este verbo pela expressão *de Áqüila*. Outras testemunham combinam estes dois: "de lá para Áqüila".

ἥν συνομοροῦσα – a construção com o passado perifrástico com o verbo *ser* e um presente particípio é equivalente à construção simples *era próximo de*, então o particípio é um adjetivo.

O uso do tempo imperfeito no versículo 8 descreve confissões repetidas de fé e ocasiões de batismo.

---

c. *Visionário*

18.9-11

Enquanto Paulo, com a ajuda de Silas e Timóteo, se devotava inteiramente à pregação e ao ensino do evangelho, a oposição dos judeus se tornava cada vez mais forte. O desânimo e o medo se tornaram os companheiros de Paulo, o que o atrapalhou em seu ministério. Como aconteceu com muitos dos santos que o precederam, Paulo precisava de uma palavra de encorajamento (comparar com Js 1.9; Is 41.10; 43.5; Jr 1.8,19).

9. À noite, o Senhor disse a Paulo numa visão: "Não tenha medo, mas continue a falar e não se cale. 10. Porque eu estou com você, e ninguém irá atacá-lo para fazer-lhe mal, porque eu tenho muito

17. Metzger, *Textual Commentary*, p. 462.
18. Robertson, *Grammar*, p. 810.

povo nesta cidade". 11. Paulo permaneceu ali um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus.

Paulo estava desencorajado e cheio de medo. Ele prontamente admite isso posteriormente numa carta a Corinto: "E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós" (1Co 2.3). Os cidadãos de prestígio de Corinto o consideravam como uma pessoa sem força, influência e privilégio por causa de seu ofício como fabricante de tendas.[19] Eles colocavam Paulo no nível de um escravo. Os judeus queriam que ele parasse de pregar ao povo sobre Jesus, e a ameaça à sua segurança pessoal era uma constante. A aparente interminável oposição ao ministério de Paulo começou a ter um efeito deprimente sobre sua vida espiritual.

1. *Comando*. Quando Jesus aparece a Paulo numa visão à noite, Paulo o reconhece imediatamente (comparar com 9.10,12; 22.18; 23.11; 27.23,24). Jesus falou diretamente dos problemas que Paulo enfrentava e deu-lhe três curtas ordens:

Não tenha medo.
Fale
Não se cale.

O medo intenso no coração do homem com freqüência o debilita. Em casos extremos, esse medo pode levar à morte e em casos mais amenos a uma distorção da realidade. O medo é usado por Satanás para tornar o homem subserviente a ele. Pelo contrário, Deus continuamente diz ao seu povo que não tenha medo. Para ilustrar, Jesus exorta seus discípulos para terem bom ânimo, pois ele vencera o mundo (Jo 16.33). Então numa visão Jesus instrui a Paulo a não ter medo. O tempo do verbo *temer* indica que Paulo de fato sofria desse mal, mas Jesus ordena-lhe a não se entregar ao medo.

Além do mais, Jesus ordena que Paulo continue a falar. Ele não está se referindo ao conteúdo da pregação de Paulo, mas ao ato de pregar. A essa injunção positiva Jesus acrescenta o comando negativo "Não se cale". Ele não está dizendo que Paulo está em silêncio, mas o está alertando para que não se cale. Por meio da voz de Paulo, Cristo

19. Consultar Hock, *Social Context of Paul's Ministry*, p. 60.

faz com que seu evangelho seja conhecido pelas pessoas, portanto ele proíbe a Paulo de se tornar reticente.

2. *Promessa*. No primeiro versículo de Atos, Lucas escreve que em seu primeiro livro ele relatara a Teófilo tudo o que Jesus começou a fazer e a ensinar (1.1). Ele deixa implícito que em Atos Jesus continua sua obra. Essa é uma ilustração vívida do envolvimento direto de Jesus no crescimento da igreja. A primeira razão para a ordem tríplice de Jesus é que ele estava em Corinto com Paulo (veja Mt 28.20). Ele assegura a Paulo que ninguém vai colocar as mãos nele ou causar-lhe qualquer dano. Paulo não irá experimentar as agruras físicas que caracterizaram sua estada em Filipos, Tessalônica e Beréia.

Jesus dá uma segunda razão para dar as três ordens a Paulo: "pois tenho muito povo nesta cidade". Que encorajamento para Paulo! O próprio Jesus garante que o trabalho de Paulo em Corinto dará frutos. O próprio Deus destina seu povo para a vida eterna (13.48), abre o coração das pessoas para a mensagem do evangelho (16.14) e as conduz à salvação. Leon Morris observa, "Elas ainda não tinham feito nada para serem salvas; muitas delas sequer haviam escutado o evangelho. Mas elas pertenciam a Deus. Claramente é ele quem as traria para a salvação na hora certa".[20] Deus chama judeus e gentios para ser seu povo e edifica a igreja em Corinto (comparar com 2Co 6.16).[21]

3. *Resposta*. "E ali permaneceu um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus." Lucas pouco relata sobre o ministério de Paulo em Corinto, então nós temos de colher alguns dados em suas epístolas. Nós sabemos que Deus abençoou o ministério de Paulo porque havia crentes em toda a província de Acaia (2Co 1.1). No porto da cidade de Cencréia alguns crentes fundaram uma igreja na qual Febe era diaconisa (Rm 16.1). E Paulo menciona pelo nome alguns dos outros crentes na própria Corinto: Cloe e sua casa (1Co 1.11), Fortunato e Acaico (1Co 16.17) e Tércio (Rm 16.22).

Paulo descreve os cultos na igreja de Corinto e enumera os dons nela presentes "uma grande variedade de ministérios altamente diver-

20. Leon Morris, *New Testament Theology* (Grand Rapids: Zondervan, Academie Books, 1986), p. 154.

21. Hans Bietenhard, *NIDNTT*, vol. 2, p. 800; Hermann Strathmann, *TDNT*, vol. 4, p. 54.

sificados: existem apóstolos, profetas, mestres, fazedores de milagres, de cura, auxiliadores, "governos", os que falam em línguas".[22] A igreja de Corinto continuou a crescer e a se desenvolver no período posterior à partida de Paulo e durante o tempo em que ele escreveu suas cartas. Mas à luz da afirmação do Senhor, que ele tinha muita gente em Corinto, nós nos atrevemos a dizer que Paulo pode ver o crescimento animador nesse período de ano e meio que ele passou nessa cidade.

Considerações Doutrinárias em 18.10

O pastor, o evangelista e o missionário não deveriam jamais esquecer que Jesus Cristo está sempre com eles. Jesus é o comandante-em-chefe que envia seus servos ao mundo para serem seus embaixadores. Além do mais, ele lhes dá a segurança de que abençoará seu trabalho.

As Escrituras ensinam que Deus o Pai escolheu seu povo por toda a eternidade (Ef. 1.4). Por meio da proclamação da Palavra de Deus e pelo poder de seu Espírito, ele trará seu povo para a salvação em Cristo. Portanto, os pregadores que fielmente proclamam a mensagem do evangelho podem pôr sua confiança em Deus e pedir-lhe por resultados tangíveis.

Face a oposições,
Deixai-os confiar em ti, Senhor;
Quando o sucesso coroar suas missões,
Fazei humilde teus servos, Senhor.
Não os abandone jamais,
Até que na glória tua face eles contemplem.

– Thomas Kelly

Palavras, Frases e Construções em Grego em 18.9,10

Versículo 9

διʼ ὁράματος – "por meio de uma visão". A frase preposicional denota tanto o meio como o modo.

μὴ φοβοῦ – o tempo presente do imperativo revela que Paulo na verdade estava com medo, enquanto o tempo aoristo do subjuntivo em μὴ

22. Richard B. Rackham, *The Acts of the Apostles: An Exposition*, Westminster Commentaries series (1901; reedição., Grande Rapids: Baker, 1964), p. 328).

σιωπήσης indica que mesmo que Paulo não esteja sendo reticente agora, ele não deve nunca ficar silencioso futuro.

Versículo 10

τοῦ κακῶσαι – o infinitivo aoristo precedido pelo artigo indefinido no genitivo singular indica o propósito que é dependente do verbo precedente e objeto ἐπιθήσεταί σοι ([ninguém] atacará você).

λαός – o contexto deste substantivo mostra que Deus chama as pessoas de seu próprio povo mesmo antes de elas serem convertidas. Na Septuaginta, a palavra λαός freqüentemente significa o povo do pacto de Deus. Neste texto, Deus aplica a expressão à comunidade de cristã. Do ponto de vista de Deus, a igreja em Corinto, que consistia grandemente de gentios, tinha assumido o lugar do povo teocrático de Israel.[23] A igreja cristã, portanto, constitui a continuação do povo do pacto de Deus da era do Antigo Testamento.

---

d. *Acusado*

18.12-17

Quando Jesus assegurou a Paulo que ninguém em Corinto iria atacá-lo, ele não quis dizer que Paulo estaria livre de enfrentar oposição. Os judeus de Corinto que eram antagonistas de Paulo, mas restringidos pela democracia grega, armaram meios de impetrar ação legal contra Paulo. Eles o levaram a julgamento com a intenção de pedir ao procônsul Gálio para proibir o Cristianismo na província de Acaia.

12. Enquanto Gálio era procônsul da Acaia, os judeus se levantaram juntos contra Paulo e o levaram ao tribunal. 13. Eles disseram, "Este homem persuade o povo a adorar a Deus de modo contrário à lei".

1. *Procônsul*. As inscrições descobertas perto de Delfos estabelecem quase com certeza a época exata em que Gálio serviu como procônsul em Acaia. Uma das inscrições revela que Cláudio, no décimo segundo ano de seu reinado e aclamado imperador pela vigésima sexta vez,[24] cita seu amigo Gálio, o procônsul de Acaia. A partir dessa data,

---

23. Thayer, p. 372; Bauer, p. 467.

24. "Embora na prática o imperador reinasse a vida inteira, ele era aclamado *imperador* a intervalos irregulares mas freqüentes." Kirsopp Lake, "The Chronology of Acts", *Beginnings*, vol. 5, p. 462.

nós podemos deduzir que Gálio cumpriu seu mandato de julho de 51 a junho de 52. Por decreto imperial o tempo de serviço de procônsul era limitado a um ano por lugar.

Nós conjeturamos que Paulo foi para Corinto no outono de 50 d.C., e por cerca de seis meses pregou primeiro na sinagoga e depois na casa de Tício Justo. Se Paulo tiver sido levado perante Gálio no início de seu mandato de procônsul, então temos uma data precisa para a cronologia da segunda viagem missionária de Paulo.[25]

Gálio era natural de Córdoba, Espanha, o filho de Sêneca, cujo filho mais velho tinha o mesmo nome. O nome de registro de Gálio era Marcos Aneus Novato, mas quando ele chegou a Roma foi adotado por Lúcio Júnio Gálio e dessa forma assumiu o último sobrenome dessa família. Gálio logo entrou para o serviço do governo e serviu como pretor por um período de cinco anos. Ele foi então para Acaia como procônsul por um ano e chegou ao posto de cônsul. Quando seu irmão Sêneca, que era o tutor e conselheiro de Nero, cometeu suicídio por ordem do imperador, Gálio pediu que sua própria vida fosse poupada.[26] Contudo, pouco tempo depois ele também foi morto. Sêneca menciona o nome de Gálio muitas vezes. Ele relata que Gálio tinha problemas de saúde, era uma pessoa inteligente que detestava bajulação e era abençoado com uma "personalidade agradável e sem afetação".[27]

2. *Acusação*. Os judeus coríntios estavam tentando usar o procônsul para executar os seus intentos: banir o Cristianismo da província de Acaia. Eles lançaram mão de Paulo, não necessariamente pela força, e o levaram ao tribunal romano localizado próximo ao mercado. Tendo montado um estratagema, eles levaram Paulo perante Gálio para registrar a seguinte acusação: "Este persuade os homens a adorar a Deus por modo contrário à lei". A brevidade da acusação deixa o significado

25. Consultar Colin J. Hemer, "Observations on Pauline Chronology", *in Pauline Studies*, org. por Donald A. Hagner and Murray J. Harris (Exeter: Paternoster; Grand Rapids:Eerdmans, 1980), p.8; veja também seu *Book of Acts in the Setting of Hellenistic History*, org. por Conrad H. Gempf (Tübingen: Mohr, 1989), pp. 168-69. Para diversos pontos de vista, veja B. Schwank, "Der sogenannte Brief an Gallio und die Datierung des 1 Thess.", *BZ* n. s. 15 (1971): 265-66; Klaus Haacker, "Die Gallio-Episode und die paulinische Chronologie", *BZ* n. s. 16 (1972):252-55.

26. Tacitus *Annals* 15.60-65; 15.73.

27. Sêneca *Natural Questions* 4 a, prefácio 10-11; *Epistles* 104.2; e veja Dio Caasius *Roman History* 61.35.

do termo *lei* aberto à interpretação. Se a expressão se referisse à lei romana, eles teriam de provar que Paulo era uma ameaça à segurança de Roma. Se ela se referisse à lei religiosa dos judeus, eles receberiam uma recusa de Gálio em ouvir as provas contra Paulo.

O governo romano permitia aos judeus adorarem seu Deus tão livremente quanto aos outros povos às suas deidades pagãs. Quando as populações da Alexandria, Antioquia e cidades da Ásia Menor tentaram perseguir os judeus por causa da religião deles, as autoridades romanas sempre garantiram "liberdade religiosa para os judeus conquanto eles não percam esses direitos (como em 66 d.C.) mediante ações revolucionárias".[28]

Para Gálio, a acusação dos judeus contra um de seus próprios compatriotas deve ter parecido absurda. Se eles não tinham como provar que Paulo representava uma ameaça para Roma, ele os despediria sem mais delongas. Além do mais, a redação da acusação fazia referência a um Deus, a saber, o Deus de Israel, e não às deidades pagãs. Em resumo, os judeus solaparam seu próprio intento pela escolha de palavras.

Quando os judeus se apresentavam perante as autoridades romanas, eles normalmente iam em busca proteção. Por exemplo, se os judeus tivessem reclamado que os magistrados civis de Corinto os proibia de adorar no sábado judeu, Gálio teria de defendê-los ou se arriscar à ira de César.[29] Mas agora os judeus vinham como acusadores e Gálio entendeu que eles não falavam sobre a lei romana mas sim sobre assuntos internos relacionados à sua própria religião.

14. Quando Paulo ia começar a falar, Gálio disse aos judeus: "Se se tratar de uma questão de certa má ação ou crime sério contra vocês, judeus, eu estaria justificado se aceitasse sua reclamação. 15. Mas, se é questão de palavras, de nomes e de sua lei, tratem disso vocês mesmos. Eu não quero ser juiz dessas coisas".

Gálio não deu a Paulo a oportunidade de se defender perante seus acusadores, porque para ele o assunto nada tinha que ver com a lei romana mas com os meandros da religião judaica (comparar com 23.29;

28. Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 3, p. 132. Veja também Josephus *Antiquities* 19.5.3 [289]; 20.1.2 [10-14].

29. A. N. Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law in the New Testament* (9163; reedição., Grand Rapids: Baker, 1978), p. 103.

25.18-20). No grego, Gálio usa uma sentença condicional que expressa uma afirmação contrária aos fatos: "Se vocês estivessem trazendo à minha atenção informação sobre uma injustiça ou crime grave (mas vocês não estão), eu teria razão para ouvir sua acusação (mas no caso eu não tenho)".

O procônsul continuou com a segunda sentença no condicional, uma afirmação que é um fato verdadeiro. Na realidade o que ele disse foi: "Se vocês trouxerem à minha atenção questões concernentes a palavras, nomes, e suas leis religiosas, não eu, mas vocês mesmos devem ser o juiz". O que os judeus foram obrigados a ouvir foi que eles tinham levado a Gálio uma acusação que tinha de ser julgada na sinagoga local e não no tribunal de Gálio.

O procônsul encerrou dizendo aos judeus que ele não iria tomar parte em suas disputas religiosas. Não podemos determinar o tom de voz usado por Gálio, mas deduzimos que suas palavras estariam carregadas de desdém e desprezo: "Eu me recuso a ser juiz de tais coisas".

16. E os expulsou do tribunal. 17. E todos agarraram Sóstenes, o principal da sinagoga, e começaram a espancá-lo diante do tribunal. Mas essas coisas não interessavam a Gálio.

Sem dúvida Gálio tinha outros assuntos legais que requeriam sua atenção. Mas primeiro ele tinha de se livrar dos judeus que se recusavam sair. Então ele teve de ordenar aos seus soldados: "Usem suas varas e limpem o tribunal". Lucas é bastante sucinto em seu relato, então muitas interpretações são possíveis:

a. Quando eles perceberam que tinham perdido a causa, agarraram Sóstenes. Mas será que os judeus espancariam o líder de sua própria sinagoga?

b. Os lictores espancaram Sóstenes porque ele era o porta-voz dos judeus. Mas o adjetivo *todos* estaria em conflito com o contexto se ele se relaciona com dois ou três lictores.

c. Os manuscritos ocidental e bizantino trazem "todos os gregos" (KJV, NKJV). A população gentia então, deu vazão à sua antipatia pelos judeus e deu uma surra em Sóstenes. Mas se os gregos aliviaram seus sentimentos anti-semitas por que teriam escolhido um só judeu? Talvez Sóstenes como porta-voz dos judeus tenha se tornado o alvo dos gregos.

d. Segundo os manuscritos mais considerados, Lucas não fornece um sujeito para a cláusula "Então todos agarraram Sóstenes".

Por essa razão os tradutores deixam a questão em aberto, embora os comentaristas geralmente sugiram que a multidão atacou Sóstenes.

"Mas essas coisas não interessavam a Gálio."O desfecho do caso do tribunal foi agridoce. Por um lado, o desinteresse de Gálio em manter a ordem pública é difícil de entender. Gálio agiu sabiamente com relação à acusação que os judeus fizeram contra Paulo, mas permaneceu indiferente em relação a Sóstenes, o líder da sinagoga. Ele aplicava a lei romana para proteger a liberdade religiosa mas negligenciou a integridade física de uma pessoa. Por outro lado, por causa da atitude de Gálio os cristãos continuaram a receber proteção religiosa. Na realidade, como Roma não fazia distinção entre cristãos e judeus, o Cristianismo foi protegido pelo decreto de César que reconhecia a legalidade da religião judaica no império romano.

Fiel à sua palavra, Jesus protegeu Paulo de danos físicos frustrando a oposição judaica à propagação do evangelho. Conseqüentemente, na cidade capital de Corinto, a igreja continuou a crescer e expandiu por toda a Acaia (2Co 1.1; 11.10; 1Ts 1.7,8). A conclusão de Gálio constituiu uma vitória decisiva para a igreja na Grécia.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 18.12-17

Versículos 12,13

O texto ocidental traz um longo acréscimo depois da palavra Ἰουδαῖοι. As palavras acrescentadas estão em itálico: "*tendo conversado entre eles* contra Paulo, *e tendo posto suas mãos nele* o levaram *ao governador, gritando e* dizendo..."[30]

τὸ βῆμα – "tribunal" era uma plataforma elevada na qual o banco do juiz era colocado. O juiz julgava as questões legais publicamente (Mt 27.19; Jo 19.13; At 18.12,16,17; 25.6,10,17).

παρὰ τὸν *νόμον* – a preposição dá a idéia de *ir além no* sentido de "contrário a". Assim os judeus acusaram Paulo de estar violando a lei.

---

30. Metzger, *Textual Commentary*, p. 463.

Versículo 14

μέλλοντος – este é o presente particípio ativo de μέλλω (eu estou a ponto de) numa construção de genitivo absoluto.

κατὰ λόγον – a combinação da preposição e substantivo forma uma expressão idiomática que significa "razoavelmente" ou "justamente".

Versículo 15-17

ὄψεσθε – o futuro indicativo do verbo ὁράω (eu vejo) expressa uma ordem: "faça". O pronome αὐτοί (vocês mesmos) é enfático.

ἔμελεν – esta forma é o imperfeito de um verbo incompleto (μέλει, é uma preocupação) que demonstra a indiferença de Gálio. O texto latim do Codex Bezae traz: "Então Gálio agiu como se ele não o visse". O texto grego no local no Codex Bezae foi apagado, mas "é razoável supor que o texto de D correspondia a este".[31]

18. Paulo permaneceu em Corinto por muitos dias. Ele disse adeus aos irmãos e navegou para a Síria com Priscila e Aqüila. Ele teve seu cabelo cortado em Cencréia, pois havia feito um voto. 19. Eles chegaram a Éfeso, e ele deixou Priscila e Aqüila ali. Mas ele próprio entrava na sinagoga e arrazoava com os judeus. 20. Quando lhe pediram que permanecesse por mais tempo, ele declinou. 21. Mas partiu e disse: "Se Deus quiser, voltarei para vocês". Então deixou Éfeso. 22. Chegando a Cesaréia, desembarcou, subiu, saudou a igreja e desceu para Antioquia.

D. Retorno a Antioquia

18.18-22

A seção a seguir é um resumo da parte que conclui a segunda viagem missionária de Paulo, sua breve estada em Éfeso, sua viagem a Cesaréia e visita a Jerusalém, e seu retorno a Antioquia. Em uns poucos versos, Lucas apresenta um esboço de um período da vida de Paulo sobre o qual nós sabemos muito pouco (veja 2Co 11.23-27).

18. Paulo permaneceu em Corinto por muitos dias. Ele disse adeus aos irmãos e navegou para a Síria com Priscila e Aqüila. Ele teve seu cabelo cortado em Cencréia, pois havia feito um voto.

a. "Paulo permaneceu Corinto." Depois da fala de Gálio, ele soube que a lei romana o protegia ali. Ele sabia também que ao término do mandato de Gálio em Acaia ele talvez tivesse de enfrentar oposição

31. James Hardy Ropes, *Beginnings*, vol. 3, p. 176.

renovada.[32] Ele pregava o evangelho e fortalecia a igreja e ficou por um ano e meio (v. 11). A expressão "por muitos dias" ao que parece se referia a parte daquele período de dezoito meses. Se Paulo chegou no outono de 51 d.C., ele terá partido na primavera de 52, antes da saída do procônsul.

b. "Ele disse adeus aos irmãos." O fluxo de pensamento nesse versículo é desconexo. Paulo disse adeus à igreja de Corinto, mas assim mesmo como que com uma adição posterior Lucas escreve que Paulo passou algum tempo em Cencréia, a cidade portuária localizada a uns poucos quilômetros a leste de Corinto. Da epístola de Paulo aos romanos, nós sabemos que Cencréia tinha uma igreja em franco progresso na qual Febe servia como diaconisa (Rm 16.1). Nós assumimos que Paulo foi útil na fundação e no fortalecimento dessa igreja. Além do mais, Silas e Timóteo eram os companheiros de Paulo que aparentemente continuaram o trabalho em Corinto e Cencréia depois de sua partida.

c. "E navegou para a Síria com Priscila e Áqüila." Em 64 a.C. os romanos declararam a Síria como província; seus limites se estendiam das montanhas Taurus ao norte até o rio Eufrates a leste, a Palestina ao sul, e o Mediterrâneo ao oeste.[33] Visto que a Antioquia era a capital dessa província, a intenção de Paulo era viajar para essa cidade e dar à igreja local um relatório de suas atividades (vs. 22,23; comparar 14.26,27). Mas Paulo tinha feito um voto que o compelia ir visitar Jerusalém.

A viagem foi completada em duas etapas sendo que Éfeso foi o ponto intermediário. Priscila e Áqüila decidiram acompanhar Paulo no primeiro trecho da viagem. A razão pela qual eles deixaram Corinto e foram residir em Éfeso não é conhecida. Talvez Paulo planejasse começar uma nova fase de trabalho missionário em Éfeso e quisesse a ajuda do casal.[34] Digno de nota é o fato que o nome de Priscila precede o de seu marido (veja também v. 26; Rm 16.3; 2Tm 4.19; e comparar com 1Co 16.19). Priscila parece ter aplicado sua mente perspicaz em aprender e interpretar as Escrituras. Por essa razão ela obteve proeminência.

d. [Paulo] teve seu cabelo cortado em Cencréia, pois havia feito

32. Veja Hemer, *Book of Acts*, pp. 255-56.

33. Bauer, p. 794; Thayer, p. 607.

34. Consultar R. C. H. Lenski, *The Interpretation of Acts of the Apostles* (Columbus: Wartburg, 1944), p. 762.

um voto." Embora a ordem das palavras em grego possa significar que Áqüila teria feito o voto, o contexto indica Paulo como sendo o sujeito principal desse versículo. Paulo seguira a prática judaica do voto nazireu que estipulava que a pessoa tinha de cortar seu cabelo ao final de um período específico. Trinta dias depois desse período um sacrifício tinha de ser oferecido em Jerusalém.[35] Depois de Paulo ter feito seu voto ele foi obrigado a viajar para Jerusalém e oferecer seu cabelo com o sacrifício.[36] Paulo fez esse voto para expressar sua gratidão a Deus por tê-lo protegido em Corinto e por abençoar seu trabalho. Para os judeus Paulo permaneceu um judeu, mesmo em cumprir seus votos e trazer oferendas ao templo (21.23-26).

19. Eles chegaram a Éfeso, e ele deixou Priscila e Aqüila ali. Mas ele próprio entrava na sinagoga e arrazoava com os judeus. 20. Quando lhe pediram que permanecesse por mais tempo, ele declinou. 21. Mas partiu e disse: "Se Deus quiser, voltarei para vocês". Então deixou Éfeso.

A partir do porto de Cencréia, o navio que levava Paulo, Priscila e Áqüila, cruzou o mar Egeu e chegou a Éfeso. Anteriormente, Paulo, em viagem pela Ásia Menor, havia sido impedido pelo Espírito Santo de ir à província romana da Ásia (16.6), da qual Éfeso era a capital e uma importante cidade portuária. Nesse momento ele considerou essa cidade como sua próxima base de operação.

Éfeso originalmente tinha sido uma colônia grega que servira como centro comercial para a população do resto da Ásia Menor. Desde a conquista romana, um procônsul passara a residir ali para implementar o regime romano. Nessa cidade, o templo da deusa Ártemis anualmente atraía multidões de adoradores e gerava uma lucrativa renda para os artesãos que faziam ídolos (19.23-27).

Paulo deixou Áqüila e Priscila em Éfeso, presumivelmente para conduzir pessoas a Cristo e formar um núcleo de crentes. Por exemplo, esse casal encontrou Apolo na sinagoga local e o instruiu mais detalhadamente acerca do caminho do Senhor (v. 26). Embora o próprio Paulo assistisse aos cultos na sinagoga de Éfeso e discutisse com os judeus,

35. Veja Números 6.1-21; Josefo *War* 2.15.1 [313]; Mishnah, *Nazir* 1.1-9.5.
36. SB, vol. 2, p. 749.

ele não permaneceu ali.[37] A despeito dos rogos dos judeus para que ele passasse mais tempo com eles e os instruísse nas Escrituras, ele declinou por causa de seu voto (v. 18). Ele prometeu retornar a Éfeso e acrescentou "Se Deus quiser". Lucas revela que a população judia havia gostado do trabalho que Paulo realizara e queria que ele continuasse seus ensinamentos. Por essa razão Paulo lhes disse que retornaria. Mas primeiro ele tinha de deixar Éfeso e navegar para Cesaréia.

Os textos Ocidental e Majority fizeram acréscimos ao versículo 21: "Mas [Paulo] despedindo-se, disse: '*Eu preciso de qualquer maneira ir a esta festa em Jerusalém, mas* se Deus quiser, voltarei para vós outros'. E, embarcando, partiu de Éfeso" (NKJV; KJV). Devido ao fato de a informação em itálico estar faltando na maioria dos manuscritos, os tradutores acreditam que um escriba acrescentou essa nota explicativa. A adição, entretanto, descreve a pressa de Paulo para chegar a Jerusalém para a festa. Se Paulo tinha a intenção de estar lá para a Páscoa, no início de abril, ele dispunha de apenas uns poucos dias para encontrar passagem num navio para Cesaréia. Depois do inverno, as viagens de navio começavam no dia 10 de março.[38] Ventos favoráveis vindos no noroeste levariam rapidamente o navio até o porto de Cesaréia.

22. Chegando a Cesaréia, desembarcou, subiu, saudou a igreja e desceu para Antioquia.

Lucas dá um relato excepcionalmente curto da viagem de Paulo a Cesaréia e das viagens subseqüentes. Cesaréia tinha uma igreja que desabrochava (8.40; 10.1,24), mas todas as indicações são de que Paulo não parou para saudar a igreja local. Ele viajou 104 quilômetros para o sudeste para visitar a igreja em Jerusalém. Embora os manuscritos gregos omitam o local, numerosas traduções da Bíblia inserem as palavras *em* ou *para Jerusalém*.[39]

37. Os judeus tinham cidadania efésia. Veja Josefo *Against Apion* 2.4 [39]; e Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 3, pp. 22-23.

38. Consultar F. F. Bruce, *The Book of the Acts*, ed. rev., série New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), p. 356. Veja também William M. Ramsay, *St. Paul the Traveller and the Roman Citizen* (1897; reedição., Grand Rapids: Baker, 1962), p. 264.

39. GNB, SEB, *Phillips*, LB, e algumas traduções em holandês, alemão, francês, espanhol e português. Jakob van Bruggen identifica a visita de Paulo a Jerusalém com Gálatas 2.1. "*Na Veertien Jaren": De Datering can het in Galaten 2 genoemde Overleg te Jeruzalem* (Kampen: Kok, 1973), pp. 114-17, 228-29.

O contexto fornece umas poucas indicações de que Paulo de fato foi para Jerusalém. Primeiro, o verbo *subiu* não se refere a Cesaréia (nível do mar) mas à cidade sagrada (num nível mais elevado). Segundo, Cesaréia serviu como porto internacional para Jerusalém (veja 9.30). Terceiro, o verbo *desceu*, pode ser aplicado a Antioquia, se Paulo tiver saído dos altos de Jerusalém. Quarto, Paulo não tinha razão para visitar a congregação de Antioquia, mas tinha razão para ir a igreja dos apóstolos e dos anciãos em Jerusalém. Finalmente a pressa com a qual Paulo deixou Éfeso pode ser explicada somente se ele tinha de estar em Jerusalém numa data específica. Concluindo, o texto fala da visita de Paulo à igreja-mãe.

Depois de Paulo passar algum tempo em Jerusalém, provavelmente com alguns dos apóstolos e Tiago e os anciãos, ele decidiu viajar para a Antioquia. Cobrindo os 480 quilômetros a pé, ele chegou na cidade capital da Síria e relatou à igreja o que Deus fizera por intermédio dele e dos outros missionários.

Considerações Práticas em 18.18-22

Caso consideremos fazer um voto ao Senhor, fazemos bem em dar ouvidos às palavras do Pregador:

> Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo; porque não se agrada de tolos. Cumpre o voto que fazes. Melhor é que não votes do que votes e não cumpras. [Ec 5.4,5, JFA].

As Escrituras nos mostram que muitos dos votos que as pessoas faziam eram ações de barganha com Deus. O fiel pedia um favor a Deus, e se ele lho concedia então recebia do mesmo uma oferenda. Em Betel, Jacó pediu proteção a Deus e lhe prometeu dar em troca dez por cento de suas posses (Gn 28.20-22). Ana suplicou por um filho que ela dedicaria ao Senhor se ele lho concedesse (1Sm 1.11,27,28).

Entretanto, nós devemos evitar fazer voto a Deus sob a condição de que ele atenda ao nosso pedido. Se Deus honra nossa petição e nós não conseguirmos cumprir com o que prometemos, então passaremos por tolos diante dele. Nós devemos escolher fazer-lhe votos de ações de graças, louvor e serviço pela dádiva da salvação em Jesus Cristo (Rm 12.1,2).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 18.18-22

Versículo 18

ἐξέπλει – o tempo imperfeito de ἐκπλέω (eu parto de navio) reflete a duração da viagem. O tempo imperfeito de εἶχεν (ele estava tendo) também reflete duração.

κειράμενος – este particípio médio aoristo do verbo κείρομαι (eu corto meu cabelo) descreve tanto tempo quanto modo.

Versículo 19

κατήντησαν – "eles chegaram". O Texo Majority traz o verbo no singular: *ele chegou* (comparar com NKJV, KJV).

αὐτός – a posição deste pronome pessoal (intensivo) indica que ele recebeu ênfase.

Versículos 21,22

πάλιν ἀνακάμψω – aqui temos um caso de redundância que é atribuído a um hábito de discurso: "Eu vou voltar de novo".[40]

κατελθών – o particípio aoristo (tendo descido) fica separado dos outros dois particípios aoristos (ἀναβάς, tendo subido, e ἀσπασάμενος, tendo saudado). A palavra revela uma razão sutil para a seqüência dos acontecimentos.

23. Havendo passado algum tempo em Antioquia, Paulo partiu e passou sucessivamente pelas regiões da Galácia e da Frígia, fortalecendo todos os discípulos.

24. Um certo judeu chamado Apolo, que era natural de Alexandria e muito instruído, chegou a Éfeso. Ele era conhecedor das Escrituras. 25. Apolo havia sido instruído no caminho do Senhor e, com fervente zelo de espírito, falava e ensinava corretamente as coisas concernentes a Jesus. Ele conhecia apenas o batismo de João. 26. Apolo começou a falar ousadamente na sinagoga. Quando Priscila e Áqüila o ouviram, tomaram-no consigo e, com mais exatidão, lhe expuseram o caminho de Deus. 27. Quando Apolo quis ir a Acaia, os irmãos o encorajaram e escreveram aos discípulos para o receberem. Quando chegou ali, ele ajudou grandemente aqueles que pela graça haviam crido. 28. Com vigor, ele refutava os judeus em público e demonstrava, a partir das Escrituras, que Jesus era o Cristo.

40. Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. por Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), nº 484.

VIII. A Terceira Viagem Missionária
18.23 – 21.16
A. Para Éfeso
18.23-28

Em seus escritos, Lucas não fornece ao leitor um esboço das três viagens missionárias de Paulo. Na verdade, ele dá um relato conciso sem muitos detalhes dos acontecimentos finais da segunda viagem de Paulo e inicia a terceira fase do ministério do apóstolo.

23. Havendo passado algum tempo em Antioquia, Paulo partiu e passou sucessivamente pelas regiões da Galácia e da Frígia, fortalecendo todos os discípulos.

Novamente, Lucas omite os detalhes da estada de Paulo em Antioquia. Nós conjeturamos que Paulo permaneceu ali cerca de seis meses antes de partir em visita às igrejas da Galácia e Frígia. Não se sabe se, nessa longa jornada, Paulo teve a companhia de seus companheiros. Nem sabemos se Paulo foi recebido pela igreja da Antioquia (comparar com 14.27). Deixando Antioquia, ele seguiu a mesma rota que ele tinha tomado na sua segunda viagem missionária. (16.1-6), ou seja, Paulo visitou as igrejas de Derbe, Listra, Icônio e Antioquia da Psídia, e então decidiu retornar a Éfeso (19.1).

"[Paulo].... passou sucessivamente pelas regiões da Galácia e da Frígia." Essa cláusula levanta perguntas interessantes. Por que Lucas reverteu a ordem que já havia sido mencionada antes (16.6)? Teria Paulo recebido notícias sobre as igrejas e se disposto a visitar os discípulos na Galácia e na Frígia?

Primeiro, a variação na ordem das palavras deve ser entendida como uma variação do estilo de 16.6 (veja o comentário). Os adjetivos *Galácia* e *Frígia* descrevem uma região localizada na porção sul da província romana da Galácia.[41]

Segundo, nós supomos que depois de Paulo ter visitado as igrejas das regiões da Galácia e da Frígia durante sua segunda viagem, ele escreveu, de Corinto, a carta aos gálatas. Ele compôs essa carta depois de duas visitas (13.14 – 14.23; 16.1-6), como ele parece deixar implíci-

41. Veja Kirsopp Lake, "Paul's Route in Asia Minor". *Beginnings*, vol. 5, pp. 239-40.

to em Gálatas 4.13.[42] Quando Paulo chegou nas igrejas seu objetivo era o de fortalecer todos os crentes a quem Lucas chama de "discípulos", ou seja alunos. Ele os fortaleceu espiritualmente (14.22) mas também os ensinou a colocar sua nova fé em prática. Paulo relembrou aos gálatas a sua obrigação de apoiar os santos em necessidade em Jerusalém (Gl 2.10; veja também 1Co 16.1).

24. Um certo judeu chamado Apolo, que era natural de Alexandria e muito instruído, chegou a Éfeso. Ele era conhecedor das Escrituras. 25. Apolo havia sido instruído no caminho do Senhor e, com fervente zelo de espírito, falava e ensinava corretamente as coisas concernentes a Jesus. Ele conhecia apenas o batismo de João. 26. Apolo começou a falar ousadamente na sinagoga. Quando Priscila e Áqüila o ouviram, tomaram-no consigo e, com mais exatidão, lhe expuseram o caminho de Deus.

Note as seguintes características de Apolo:

a. *Instruído*. Um judeu da cidade egípcia de Alexandria veio visitar seus companheiros em Éfeso. Estudiosos estimam que cerca de um milhão de judeus viviam no Egito, onde falavam o grego. Em Alexandria, o Antigo Testamento havia sido traduzido do hebraico para o grego num esforço de ajudar os judeus de fala grega a entenderem as Escrituras. Os judeus tinham construído uma sinagoga enorme, que "era tão grande que o *hazzan* ou *sexton* tinha de ficar de pé numa plataforma no meio para sinalizar com uma bandeira de forma que as pessoas que ficavam atrás pudessem saber quando era hora de dizer amém".[43] Alexandria era a segunda cidade em importância no império romano e tinha a distinção de ser um local de estudo. Ali os estudantes judeus recebiam uma educação completa.

O nome desse judeu alexandrino era Apolo, que é uma forma abreviada do nome comum Apolônio (2 Mb 3.5-7; 4.21; 5.24; 12.2). Apolo era um homem instruído que estudara nas escolas judaicas e gregas de Alexandria e estava acostumado com a literatura de ambas culturas. Lucas especificou que "ele era instruído nas Escrituras", isto é, ele era

42. William Hendriksen, *Exposition of Galatians*, série New Testament Commentary (Grand Rapids: Baker, 1968), pp. 14-15.

43. J. Alexander Thompson, "Alexandria", *ISBE*, vol. 1, p. 91. E veja o Talmud, *Sukkah* 51b.

um homem inteligente e capaz, assim como foi demonstrado tanto por Lucas quanto por Paulo no livro de Atos e nas espístolas.[44]

b. *Eloqüente*. "Apolo havia sido instruído no caminho do Senhor." Dentre os peregrinos no Pentecostes estavam os judeus do Egito (2.10) que retornaram à sua terra natal com o evangelho que Pedro tinha proclamado. Devido à pouca informação dada por Lucas, não temos como saber se Apolo ouviu o evangelho de algum desses peregrinos ou de outros. Entretanto, o texto ocidental traz uma adição interessante e mudança (em itálico) que "Apolo havia sido instruído *em seu próprio país* na *palavra* do Senhor". Se essa versão estiver correta, nós teríamos aqui a primeira indicação de que o Cristianismo tinha chegado ao Egito durante as duas primeiras décadas de sua existência.[45] Para ser preciso, o tempo perfeito do particípio i*nstruído* indica que o aprendizado de Apolo tinha ocorrido no passado e continuava a perdurar no presente.

A seguir, as expressões *o caminho do Senhor* e *a palavra do Senhor,* significam a mesma coisa (veja também v. 26; 9.2). Apolo tinha se tornado familiarizado com os ensinamentos do Caminho. Com um desejo ardente na sua alma ele falava eloqüentemente de Jesus. Ele era de espírito fervoroso (comparar com Rm 12.11). Seja o que for que ele soubesse do Messias, ele continuava a ensinar corretamente. O problema, porém, era que ele "conhecia apenas o batismo de João". João tinha proclamado o batismo do arrependimento, não o batismo da fé em Jesus Cristo. Embora Apolo articulasse os fatos acerca de Jesus (seu nascimento, ministério, morte e ressurreição), ele não tinha conhecimento da obra do Espírito Santo, do progresso do reino de Deus e do caminho de Deus".[46] Em resumo, por meio de ensino oral, Apolo tinha aprendido o conteúdo do evangelho.[47] Mas não tinha compreendido seu significado e aplicação.

c. *Bom aluno.* "[Apolo] começou a falar ousadamente na sinagoga."

---

44. Atos 19.1; 1 Coríntios 1.12; 3.4-6,22; 4. 6; 16.12; Tito 3.13. Veja G. D. Kilpatrick, "Appolos-Apelles", *JBL* 89 (1970): 77.

45. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p.233. Entretanto, Martin Hengel duvida do "valor histórico" dessa versão. *Acts and the History of Earliest Christianity*, Trad. por John Bowden (Filadélfia: Fortress, 1980), p. 107.

46. Consultar Rackham, *Acts*, p. 342.

47. Veja Klaus Wegenast, *NIDNTT*, vol. 3, pp. 771-72; Hermann Wolfgang Beyer, *TDNT*, vol. 3, pp. 638-40.

Os judeus efésios não tinham se oposto ao ensino do Evangelho. Eles tinham pedido a Paulo para passar mais tempo com eles (v. 20), eles receberam bem a Priscila e Áqüila (v. 19) e convidaram Apolo para pregar sobre Jesus. Devido ao fato de que nenhuma oposição havia se instalado contra o evangelho, Apolo podia falar livremente sem impedimento.

Dentre os fiéis da sinagoga de Éfeso estavam Priscila e Áqüila. Quando eles ouviram Apolo falar, logo reconheceram a deficiência na sua apresentação do evangelho. Conseqüentemente eles o convidaram para ir à casa deles para lhes dar mais instruções sobre a fé cristã.

"Tomaram-no consigo e, com mais exatidão, lhe expuseram o caminho de Deus." Deve-se notar antes de tudo que o nome de Priscila precede o de seu marido, Áqüila. Ela e seu marido ensinaram o instruído orador Apolo "o caminho de Deus", uma expressão que significa "o evangelho cristão e suas aplicação". Imaginamos que Priscila e Áqüila mostraram a Apolo o significado da obra de Deus que seguiu à ressurreição e ascensão de Jesus Cristo. A seguir, Apolo, demonstrou grande desprendimento ao consentir ir para a casa de um fabricante de tendas e sua mulher, e receber instrução não apenas de um simples trabalhador, mas de sua mulher também.[48] Apolo era instruído no Antigo Testamento mas lhe faltava o conhecimento do "caminho de Deus". Em resumo, Priscila e Áqüila ensinaram esse pregador a pregar a respeito de Jesus com mais exatidão.

O texto nada diz sobre Apolo recebendo o dom do Espírito Santo e o batismo cristão. "Se ele tivesse recebido o batismo de João antes do Pentecostes, seu batismo, como o dos outro doze, seria aceito como válido."[49] O texto indica que Apolo aprendeu com Priscila e Áqüila a importância do batismo cristão: perdão de pecados pelo sangue de Cristo e renovação de vida pela operação do Espírito Santo. Devido à brevidade do relato de Lucas, perguntas sobre essa passagem permanecem sem resposta.

---

48. João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 2, p. 145.

49. D. Edmond Hiebert, "Apollos", *ZPEB*, vol. 1, p.215. Comparar com G. W. H. Lampe, *The Seal of the Spirit*, 2ª ed. (Londres: SPCK, 1967), p. 66. Consultar também C. K. Barrett, "Apollos and the Twelve Disicples of Ephesus", *in The New Testament Age: Essays in Honor of Bo Reicke*, org. por William C. Weinrich, 2 vols. (Macon, Ga.: Mercer University Press, 1984), vol. 1, p. 38.

27. Quando Apolo quis ir a Acaia, os irmãos o encorajaram e escreveram aos discípulos para o receberem. Quando chegou ali, ele ajudou grandemente aqueles que pela graça haviam crido. 28. Com vigor, ele refutava os judeus em público e demonstrava, a partir das Escrituras, que Jesus era o Cristo.

a. "Quando Apolo quis ir a Acaia." Passado algum tempo Apolo expressou aos crentes efésios seu desejo de percorrer a província de Acaia e ir à sua capital, Corinto (19.1). Paulo em sua primeira epístola aos coríntios indica que com o passar do tempo as congregações de Corinto e Éfeso desenvolveram uma ligação duradoura (1Co 16.19). Nós não sabemos muito sobre a formação da igreja de Éfeso enquanto Paulo esteve ausente. Mas Lucas parece indicar que Priscila e Áqüila, com a ajuda de Apolo, teriam formado um núcleo de crentes.

Priscila e Áqüila tinham contado a Apolo sobre o crescimento espiritual da igreja de Corinto. Juntos como os outros crentes de Éfeso, eles o encorajaram a visitar os coríntios na Acaia. Eles chegaram a pedir aos crentes coríntios que recebessem Apolo e o tratasse como a um irmão cristão. A correspondência entre igrejas e indivíduos era comum, como evidenciado pela carta ao Conselho de Jerusalém (15.23-29) e as numerosas epístolas de Paulo, Pedro, João, Tiago e Judas e a epístola aos hebreus.

b. "Ele [Apolo] ajudou grandemente aqueles que, pela graça, haviam crido." Apolo usou seu conhecimento das Escrituras e seu talento de oratória para fortalecer os cristãos de Corinto. Como resultado de seu trabalho, a igreja de Corinto até teve uma facção conhecida como os seguidores de Apolo (1Co 1.12; 3.4). Embora tenha repreendido os coríntios pelas facções dentro da igreja, Paulo fala favoravelmente sobre o trabalho de Apolo de ensinamento e pregação das Escrituras a judeus e gentios e do fortalecimentodas igrejas na Acaia (1Co 3.5,6, 4.6; 16.12).

c. "Com grande vigor, ele refutava os judeus em público, e demonstrava, por meio das Escrituras, que Jesus era o Cristo." Na ausência de Paulo, os judeus coríntios parecem ter ganho influência entre os cristãos com suas interpretações das Escrituras. Mas quando Apolo chegou, ele publicamente combateu os judeus e provou, por meio do Antigo Testamento, que Jesus era o Cristo (comparar com v. 5). Na providência de

Deus, Apolo preencheu o lugar de Paulo em Corinto, onde ele valentemente defendeu a fé cristã face à oposição dos judeus. Da mesma forma que Paulo e Silas proclamavam Jesus como o Messias, também Apolo na ausência deles deu continuidade a essa gloriosa tarefa.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 18.23-28

Versículo 23

διερχόμενος – o presente particípio segue o verbo principal ἐξῆλθεν (ele saiu) e tem uma conotação futurista: "para atravessar"[50]

τὴν χώραν – em 16.6, o artigo definido com o substantivo χώραν (região) inclui os dois adjetivos, *frígio* e *gálata*. No versículo 23, o artigo definido não é repetido. "Portanto nenhuma conclusão absoluta pode ser tirada desse artigo."[51]

Versículos 25,26

ἦν κατηχημένος – o particípio perfeito passivo do verbo κατηχέω (Eu falei sobre, ensinei oralmente) com a forma imperfeita do verbo ser é uma construção perifrástica. O uso do particípio perfeito em lugar do presente ou aoristo mostra que a ação aconteceu no passado mas tem efeito no presente.

ζέων τῷ πνεύματι – o dativo com o presente particípio tem um sentido locativo e literalmente significa "fervendo em seu espírito".[52]

ἀκριβέοτερον – notar a repetição do advérbio ἀκριβῶς (v. 25), mas agora como um comparativo: "com mais exatidão".

Versículo 27

O texto ocidental expande e parafraseia este versículo. As adições estão em itálico: "*Alguns coríntios estavam em Éfeso, e tendo-o ouvido* (i. e., a Apolo) *insistiram com ele* para que fosse *com eles para o próprio país deles. E quando ele concordou, os efésios* escreveram aos discípulos *em Corinto que eles deveriam* receber *o homem* – aquele que, *quando havia estado em Acaia* havia sido de grande ajuda *para as igrejas*".[53]

---

50. Blass e Debrunner, *Greek Grammar*, nº 339.2a.
51. Robertson, *Grammar*, p. 788.
52. Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 227.
53. Metzger, *Textual Commentary*, pp. 467-68.

βουλομένου – o caso genitivo do particípio é parte da construção do genitivo absoluto. O tempo presente denota ação contínua.

Versículo 28

διακατηλέγχετο – do verbo διακατελέγχομαι (Eu refuto), este composto (duas preposições com um verbo) significa perfeição. O tempo imperfeito descreve ação repetida.

Sumário do Capítulo 18

Paulo chega a Corinto e conhece Priscila e Áqüila, que como ele, eram fabricantes de tendas. Quando Silas e Timóteo chegam vindos da Macedônia, Paulo se devota completamente à pregação da mensagem de que Jesus é o Cristo. Como alguns judeus se lhe opuseram, Paulo rompe com eles e está pronto para ir aos gentios. Ele ensina na casa de Tício Justo e batiza a família de Crispo. Jesus aparece a Paulo numa visão e o instrui a permanecer em Corinto, a não ter medo, e a falar. O Senhor lhe promete segurança e acrescenta que tem muita gente naquela cidade que lhe pertence.

Os judeus acusam Paulo de ensinar uma forma de culto religioso que é contrária à lei. Entretanto, Gálio, o procônsul, faz distinção entre lei criminal e religiosa, e diz aos judeus que resolvam a questão entre eles mesmos. Sóstenes, o líder da sinagoga, é espancando na frente de Gálio e este não intervém.

Na companhia de Priscila e Áqüila, Paulo viaja para Éfeso, onde fala na sinagoga. Ele continua sua viagem e chega a Cesaréia; então sobe para Jerusalém para visitar a igreja. De lá ele segue viagem para Antioquia e para as igrejas da Galácia e Frígia.

Um judeu alexandrino, Apolo, que era especialista na interpretação das Escrituras, ensina sobre Jesus, mas conhecia apenas os ensinamentos de João Batista. Quando Priscila e Áqüila o escutam, convidam-no para ir à casa deles para receber mais instrução. Apolo viaja para a Acaia, contesta os judeus em debate público e prova que Jesus é o Cristo.

19

A Terceira Viagem Missionária

Parte 2

19.1-41

ESBOÇO (continuação)

19.1-41	B. Em Éfeso
19.1-7	1. João Batista
19.8-12	2. O Ministério de Paulo
19.13-20	3. O Nome de Jesus
19.21,22	4. O Plano de Paulo
19.23-41	5. A Queixa de Demétrio
19.23-27	a. A Queixa
19.28-31	b. O Tumulto
19.32-34	c. A Confusão
19.35-41	d. O Discurso

Capítulo 19

ATOS 19.1-17

19 1. Enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo passou pelas regiões do interior
e chegou a Éfeso. Ali ele encontrou alguns discípulos 2. e perguntou a eles:
"Vocês receberam o Espírito Santo quando creram?" Eles responderam, "Não,
nem mesmo ouvimos falar que há um Espírito Santo". 3. Paulo perguntou, "Como,
então, vocês foram batizados?" E eles responderam, "Com o batismo de João". 4.
Paulo disse: João batizou as pessoas com um batismo de arrependimento, dizendo
a elas que cressem naquele que vinha depois dele, isto é, Jesus. 5. Quando eles
ouviram isso, foram batizados no nome do Senhor Jesus. 6. E quando Paulo im-
pôs-lhes as mãos, o Espírito Santo veio sobre eles; e começaram a falar em lín-
guas e a profetizar. 7. Eram, ao todo, em número de doze.

8. Paulo entrou na sinagoga e por três meses dissertou de modo persuasivo e
falava com ousadia a respeito do reino de Deus. 9. Mas como alguns deles se
tornaram empedernidos e desobedientes, eles falavam mal do Caminho diante da
multidão. Então Paulo apartou-se deles, levando consigo os discípulos. Todos os
dias ele discorria na escola de Tirano. 10. E isso aconteceu por dois anos, de modo
que todos que viviam na província da Ásia, tanto judeus quanto gregos, ouvissem
a palavra do Senhor.

11. Deus fazia milagres extraordinários por meio de Paulo, 12. de modo que
até os lenços e aventais que haviam tocado a pele de Paulo eram levados aos
doentes; suas doenças os deixavam e os espíritos malignos se retiravam.

13. Alguns dos judeus que expulsavam espíritos malignos tentaram usar o
nome de Jesus sobre os que estavam possuídos por demônios. Eles estavam di-
zendo: "Conjuro-vos em nome de Jesus, a quem Paulo prega, que saia". 14. Sete
filhos de Ceva, um sumo sacerdote judeu, estavam fazendo isso. 15. Mas o espí-
rito maligno lhes respondeu: Conheço Jesus e sei quem é Paulo; mas quem é
você? 16. E o possesso do espírito maligno saltou sobre eles. Ele os subjugou e de
tal modo prevaleceu contra eles, que, desnudos e feridos, fugiram daquela casa.
17. Isso se tornou conhecido de todos os judeus e gregos que viviam em Éfeso.
Eles ficaram aterrorizados e começaram a considerar o nome de Jesus com grande
honra.

18. Muitos dos que creram estavam vindo para confessar e anunciar suas más
obras. 19. Alguns dos que haviam praticado artes mágicas trouxeram seus livros e
os queimaram diante de todos. Quando o preço deles foi calculado, chegou-se à
cifra de cinqüenta mil denários. 20. Assim, a palavra do Senhor crescia em força e
poder.

21. Depois que essas coisas aconteceram, Paulo resolveu, no seu espírito, ir a
Jerusalém, passando pela Macedônia e Acaia. Ele disse, "Depois que eu haver
estado ali, devo também visitar Roma". 22. Ele mandou dois de seus assistentes,
Timóteo e Erasto, a Macedônia. O próprio Paulo permaneceu na Asia por algum
tempo.

23. Por esse tempo, houve grande alvoroço acerca do Caminho. 24. Pois um
ourives, chamado Demétrio, que fabricava nichos de prata para Ártemis e que
dava muito lucro aos artífices, 25. Ele os convocou juntamente com outros traba-
lhadores de profissões semelhantes e disse: "Homens, vocês sabem que nossa
prosperidade depende desse negócio. 26. E vocês têm visto e ouvido que não só
em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, este Paulo tem persuadido e desencaminha-
do muita gente. Ele diz a elas que deuses feitos por mãos não são deuses. 27. Não
somente há o perigo de a nossa profissão cair em descrédito, como também de o
próprio templo da grande deusa, Diana, ser estimado em nada; e toda a adoração
a ela na Ásia e em todo o mundo irá sofrer a perda da sua magnificência".

28. Quando ouviram isso, os artesãos ficaram zangados e começaram a gritar,
"Grande é a Diana dos efésios!" 29. A cidade inteira ficou cheia de confusão.
Todos juntos correram para o teatro, depois de haverem agarrado Gaio e Aristar-
co, os macedônios que eram os companheiros de viagem de Paulo. 30. Os discí-
pulos não permitiram que Paulo aparecesse perante a multidão, embora ele qui-
sesse fazer isso. 31. Até mesmo alguns dos representantes da província da Ásia,
que eram amigos de Paulo, mandaram uma mensagem a ele advertindo-o a que
não se aventurasse a ir ao teatro. 32. Então algumas pessoas gritavam de uma
forma ou de outra, pois a assembléia estava em confusão. E, em sua maioria, as
pessoas nem sabiam por que motivo estavam reunidas ali. 33. Alguns de entre a
multidão aconselharam a Alexandre que falasse, porque os judeus o impeliram
para a frente. Alexandre fez sinal com a mão e quis fazer uma defesa perante a
assembléia. 34. Mas quando eles perceberam que ele era judeu, por cerca de duas
horas gritaram em uníssono: "Grande é Ártemis dos efésios!"

35. O escrivão da cidade apaziguou a multidão e disse: "Homens de Éfeso,
quem não sabe que a cidade de Éfeso é a guardiã do templo da grande Ártemis e
da imagem que caiu do céu? 36. Portanto, desde que essas coisas são inegáveis,
vocês devem ficar calmos e não fazer nada com precipitação. 37. Pois vocês trou-
xeram esses homens aqui, embora eles não tenham roubado templos nem blasfe-
mado contra a nossa deusa. 38. Se, então, Demétrio e os artífices que o acompa-
nham têm alguma queixa contra alguém, há audiências e os procônsules estão à
disposição. Que se acusem uns aos outros. 39. Mas se há algo mais que vocês
queiram saber, isso deve ser colocado numa assembléia regular. 40. Porque na

verdade estamos nos arriscando a ser acusados de amotinadores a respeito dos acontecimentos de hoje. E não há razão para isso, porque seremos incapazes de fornecer um motivo para esse tumulto". 41. E, havendo dito isso, ele dissolveu a assembléia.

B. Em Éfeso

19.1-41

1. *João Batista*

19.1-7

Nesses versículos, Lucas apresenta um breve resumo do encontro de Paulo com doze discípulos em Éfeso. Por causa da brevidade, Lucas coloca o expositor num dilema. Para ilustrar, em seu evangelho, Lucas relata que João Batista começou seu ministério no décimo quinto ano do reinado de Tibério César (veja Lc 3.1-3). Uma data provável seria 25-26 d.C. E em pouco tempo João Batista foi preso e posteriormente decapitado por Herodes Antipas (veja Mt 14.3-12). Seu ministério e influência tinham terminado. Mas em Atos Lucas revela que, cerca de três décadas depois da morte de João, algumas pessoas que haviam recebido seu batismo, residiam em Éfeso e não na Judéia. Lucas os chama de discípulos.

Mas qual seria o significado da palavra *discípulo* com relação à fé cristã? E qual seria o significado de "No batismo de João"? Seria o segundo batismo dos discípulos um caso único? Essas são algumas das perguntas derivadas dessa passagem particular que nos causam perplexidade.

1. Enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo passou pelas regiões do interior e chegou a Éfeso. Ali ele encontrou alguns discípulos 2. e perguntou a eles: "Vocês receberam o Espírito Santo quando creram?" Eles responderam, "Não, nem mesmo ouvimos falar que há um Espírito Santo". 3. Paulo perguntou, "Como, então, vocês foram batizados?" E eles responderam, "Com o batismo de João".

a. *Éfeso*. Embora Lucas tenha apresentado Apolo no capítulo 18 e mencione seu nome no capítulo 19, ele não revela em lugar nenhum que Paulo e Apolo se encontraram. Lucas apenas diz que enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo viajou para a Antioquia da Psídia, passando pelo interior (segundo o texto grego, as regiões mais altas) da Ásia Menor e chegou a Éfeso.

Paulo havia prometido aos judeus em Éfeso que ele voltaria a se encontrar com eles, se o Senhor assim o quisesse, e deu-lhes mais instruções (veja 18.19-21). Embora em ocasião anterior o Espírito Santo o tivesse impedido de entrar na província da Ásia (16.6), Paulo considerou Éfeso crucial para a divulgação do evangelho.

Éfeso estava situada ao sul do rio Caÿster e a menos de cinco quilômetros do mar Egeu, para dentro do continente. Ficava na interseção da estrada costeira que ia do norte para o sul e a estrada que se estendia do leste para a Laodicéia e para a região da Frígia (Antioquia da Psídia). Nos séculos anteriores, Éfeso, onde o tráfego marítimo encontrava o terrestre, tinha sido o centro comercial líder da província da Ásia. Mas no tempo de Paulo, o porto de Éfeso estava tão obstruído por lodo que os navios tinham dificuldade de aportar ali e eram forçados a ir para outro lugar.

Muito embora o porto cheio de lodo tivesse causado o inevitável declínio em influência comercial, Éfeso tinha, ainda assim, ultrapassado Pérgamo em importância, e os romanos tornaram-na capital da província da Ásia (a Turquia ocidental), mais para os fins do século 1º a.C. Por volta da metade do século 1º d.C. a cidade pode ter tido mais de duzentos mil habitantes; escavações arqueológicas desenterraram o antigo teatro, no qual, estima-se, podia acomodar 24 mil pessoas sentadas. Ainda de maior importância era o templo da deusa Ártemis. O templo, que era o maior edifício dessa época, e figurava como uma das sete maravilhas do mundo antigo, atraía multidões de fiéis a Éfeso. E ali os metalúrgicos tinham desenvolvido um negócio lucrativo fundindo santuários de prata e imagens de Ártemis.

b. *Discípulos*. Quando Paulo chegou a Éfeso ele sem dúvida encontrou Priscila e Áqüila, que o informou sobre o trabalho de Apolo na sinagoga local. Logo em seguida Paulo encontrou um grupo de doze homens a quem Lucas se refere como discípulos. A palavra *discípulo*, que Lucas em Atos usa para descrever os cristãos, é geralmente um sinônimo para "seguidores de Cristo". Paulo parece ter dado a essas pessoas o benefício da dúvida porque ele usou o verbo *crer*, com a implicação de que eles criam em Cristo. Ele perguntou, "Vocês receberam o Espírito Santo quando creram?"

Mas esses discípulos responderam a Paulo: "Nem mesmo ouvimos

que existe um Espírito Santo". Essa afirmação é em si mesma inconcebível, porque o Antigo Testamento ensina a doutrina do Espírito. E a evidência da presença do Espírito é óbvia na vida de João (comparar com Lc 1.15). O escriba do texto ocidental enfrentou esse problema e fez os discípulos dizerem:

"Nós nem nunca ouvimos dizer que as pessoas estão recebendo o Espírito Santo".[1] Mas os tradutores hesitam em adotar essa versão porque a inclinação natural dos escribas era revisar o texto e torná-lo mais fácil para o entendimento do leitor. A forma mais difícil, portanto, prevalece: "que existe um Espírito Santo".

O fato de que os discípulos de Éfeso se mostrassem ignorantes quanto à presença do Espírito Santo levanta perguntas, porque um cristão sem o Espírito é uma contradição. Fé (ou crença) sem o Espírito Santo nada mais é do que um consenso. Além do mais, seriam esses homens seguidores de Cristo? O Novo Testamento ensina que "qualquer pessoa que não tenha recebido o batismo cristão não pertence à comunidade".[2]

Paulo, desejando saber mais sobre a base espiritual desses discípulos, perguntou, "Como, então, vocês foram batizados?" Os discípulos simplesmente responderam, "No batismo de João". A resposta deles pode indicar que eles eram na verdade discípulos de João Batista, teriam sido batizados pelo seu mestre ou por um de seus seguidores e tinham se mudado da Judéia para Éfeso. C. K. Barrett escreve, "Havia boas, embora não fortes razões, para pensar que grupos de discípulos de João tenham persistido depois de sua morte, e até mesmo depois da morte e da ressurreição de Jesus".[3]

---

1. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª. ed. corrigida. (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 469.

2. Ernst Käsemann, "The Disciples of John the Baptist in Ephesu", *in Essays on New Testament Themes*, Studies in Biblical Theology series 41 (Londres: SCM, 1964), P. 144. Consultar C. K. Barrett, "Apollos and the Twelve Disciples of Ephesus", *in The New Testament Age: essays in Honor of Bo Reiche*, org. por William C. Weinrich, 2 vols. (Macon, Ga.: Mercer University Press, (1984), vol. 1, p. 30. Mas veja F. W. Norris, "Christians only, but not the only Christians (At 19.1-7)," *ResQ* 28 (1985-86): 97-105.

3. Barrett, "Apollos and the Twelve Disciples", p. 37. J. D.G. Dunn adverte contra chamar esses discípulos de Éfeso simplesmente de "discípulos de João Batista". *Baptism in the Holy Spirit*, Studies in Biblical Theology, 2ª série 15 (Londres: SCM, 1970), p. 84.

Note a diferença entre Apolo e esses discípulos: Apolo conhecia somente o batismo de João, mas ensinava corretamente sobre Jesus com um conhecimento preciso das Escrituras (18.24,25); os discípulos tinham o batismo de João mas lhes faltava o conhecimento do Espírito Santo. Embora estivessem aprendendo sobre Jesus, os homens permaneceram estreitamente associados com João Batista. Eles não possuíam a alegria da certeza do Espírito Santo em suas vidas, não tinham uma relação viva com Cristo e ouviram que o batismo de João era incompleto. Eles estavam numa fase que era introdutória à fé cristã. E porque eles estavam nessa fase, Lucas e Paulo zelosamente usaram o termo *discípulos* (aprendizes) e *crer* (consentir).[4]

Assim como Priscila e Áqüila ensinaram Apolo sobre o evangelho de Cristo e o fortaleceu, do mesmo modo também Paulo guiou esses seguidores de João para um conhecimento salvador de Jesus. Dessa maneira Paulo confirmou as palavras que João dissera sobre Cristo em comparação consigo mesmo: "Convém que ele cresça e que eu diminua" (Jo 3.30).

4. Paulo disse: João batizou as pessoas com um batismo de arrependimento, dizendo a elas que cressem naquele que vinha depois dele, isto é, Jesus.

Os discípulos revelaram que eles não eram fiéis aos ensinamentos de João Batista, que anunciou que ele era o precursor do Messias. Eles deveriam ter escutado as palavras de João e aceitado Jesus como o Messias deles. Por essa razão Paulo pede a eles para se lembrarem do ministério e dos ensinamentos de João Batista (Mt 3.11; At 1.5; 10.37; 13.24,25).

a. "Um batismo de arrependimento." Para fornecer uma versão mais clara eu acrescentei o objeto direto *as pessoas*. O grego nesse ponto é condensado: "João *batizou* um batismo de arrependimento". Na realidade a palavra *batizou* tem a conotação de *pregou* (veja Mc 1.4). João chamou as pessoas ao arrependimento e quando elas se arrependeram ele as batizou como um sinal de limpeza espiritual. Mas a pregação de João era preparatória para a vinda do Messias, porque não João, mas

4. Em Atos, o verbo *crer* é usado ocasionalmente para significar consentimento sem compromisso (veja, por exemplo, 8.13).

Jesus, podia limpar o povo do pecado. Na sua pregação João apontou para aquele que viria depois dele, que iria batizar o povo com o Espírito Santo (Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16).

b. "Que cressem naquele que vinha depois dele." Paulo instrui os homens que tinham o batismo de João, não lhes falando a respeito do Espírito Santo, mas dando-lhes a conhecer Jesus, o que veio depois de João. Seu objetivo era que viessem a ter fé em Jesus. Ao atingir esse objetivo, Paulo faz com o ministério de João ceda efetivamente ao de Cristo. E esse era exatamente o propósito do ministério de João. Depois dessa referência, o nome de João Batista não mais aparece no livro de Atos.

5. Quando eles ouviram isso, foram batizados no nome do Senhor Jesus.

Paulo leva esses discípulos a Jesus Cristo em quem eles puseram sua confiança. Ele mostra a diferença entre a obra preparatória de João e a obra mediadora de Jesus. A pregação e o batismo de João demandavam arrependimento do pecado. A obediência à mensagem do evangelho e um desejo de batismo no nome de Jesus presume uma fé verdadeira em Cristo. À medida que esses homens ouvem as instruções de Paulo eles escutam e entendem a palavra da salvação e pedem pelo batismo no nome de Jesus.

Seria preciso que esses discípulos fossem batizados novamente? O Novo Testamento não é explícito quanto a isso; por exemplo, Lucas não menciona se Apolo, que conhecia apenas o batismo de João, teria sido rebatizado (18.25). João Calvino, portanto, interpreta o batismo dos discípulos em Éfeso como a vinda do Espírito Santo sobre eles (v. 6). Ele disse, "Eu nego que o batismo com água tenha sido repetido".[5] Mas a seqüência da narrativa é que aqueles homens foram batizados e receberam a imposição de mãos que foi seguida do derramamento do Espírito Santo. Outros intérpretes vêem o batismo de João como uma introdução ao batismo no nome de Jesus.[6] Por exemplo, muitos dos

5. João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 2, p. 151.

6. J. K. Parratt, "The Rebaptism of the Ephesian Disciples", *ExpT* 79 (1967-68); 182-83; Henry Alford, *Alford's Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, 7ª ed., 4 vols. (1877; Grand Rapids: Guardian, 1976), vol. 2, p.211.

três mil judeus que se arrependeram e foram batizados no Pentecostes (2.41) presumivelmente já tinham recebido o batismo de João no rio Jordão. O batismo de João apontava para Cristo, mas o batismo no nome de Jesus para a obra realizada por Jesus.

Numa tocante forma poética, Dora Greenwell apreendeu o pensamento do pecador perdoado que olha para Cristo e canta:

Não tenho como compreender
O que Deus quis,
O que ele idealizou;
Apenas sei que à sua direita
está quem é meu Salvador.

6. E quando Paulo impôs-lhes as mãos, o Espírito Santo veio sobre eles; e começaram a falar em línguas e a profetizar. 7. Eram, ao todo, em número de doze.

João pregou sobre arrependimento e perdão, mas era incapaz de limpar os pecados do povo. Em contraste, Jesus perdoa os pecadores e os restaura completamente. João falou à sua audiência sobre o batismo com o Espírito Santo, mas não podia dar a ninguém a dádiva do Espírito. Jesus, entretanto, prometeu o derramamento do Espírito Santo, que no tempo certo veio aos judeus em Jerusalém, aos samaritanos em Samaria, e aos gentios na Cesaréia.

Pela quarta vez o Espírito Santo foi derramado sobre um grupo de pessoas. Judeus em Jerusalém, samaritanos e gentios na Cesaréia, tinham tido o Espírito Santo derramado sobre eles; agora os discípulos em Éfeso receberam o Espírito Santo. O texto informa ainda que Paulo impôs as mãos sobre os discípulos. Apenas em três passagens em Atos lemos que houve imposição de mãos acompanhando do derramamento do Espírito Santo: em 8.17, sobre os samaritanos, em 9.17, sobre Paulo; e aqui, sobre os discípulos de João. Em outros casos o ato simbólico de impor as mãos se passa em cerimônias de ordenação.[7]

A vinda do Espírito Santo sobre os discípulos em Éfeso se compara com as experiências dos apóstolos em Jerusalém (2.11) e dos gentios na Cesaréia (10.44-46). Os discípulos em Éfeso começaram a falar em línguas e a profetizar. Em Jerusalém, os apóstolos falaram outras

7. Veja Atos 13.3; 1 Timóteo 4.14; 5.22; 2 Timóteo 1.6; e veja Hebreus 6.2.

(ou seja, conhecidas) línguas e declararam as maravilhas que Deus realizara; em Cesaréia, os gentios se expressaram em línguas e louvaram a Deus; em Éfeso, os discípulos falaram em línguas e profetizaram. A palavra *profecia* nesse contexto transmite a idéia de glorificar o nome de Deus e testemunhar de Jesus.

Note-se que Lucas nada diz sobre os convertidos de Cesaréia ou Éfeso falaram em línguas conhecidas ou fizeram pronunciamentos em estado de êxtase. Em ambos os casos (10.46; 19.6), não há nenhuma indicação sobre se foram necessários intérpretes para explicar as palavras dos que falavam. Já que não existe evidência conclusiva em Atos é aconselhável que se evite ser dogmático a esse respeito.

Lucas adianta que os doze homens desse grupo foram batizados e receberam o Espírito Santo. O ato de receber o Espírito Santo constitui prova cabal de que eles eram cristãos.[8] O número doze nesse texto não deve ser tomado simbolicamente ou comparado com os doze discípulos de Jesus. Isso seria ver no texto algo que ele não pretende ensinar.

Por que o Espírito Santo foi derramado sobre esses doze homens em Éfeso? Conforme a promessa de Jesus (1.8) o Espírito Santo desceria sobre judeus, samaritanos e gentios. Depois que o Espírito Santo foi derramado sobre os membros da família de Cornélio (ou seja, gentios [“até aos confins da terra”, 1.8]), a promessa parece ter se cumprido. Como, então, podemos explicar o incidente em Éfeso?[9]

Uma resposta possível seria considerar a extensão da igreja de Jerusalém, Samaria e Cesaréia como a primeira fase da missão do trabalho entre judeus, samaritanos e gentios. Uma segunda fase se relaciona ao trabalho de evangelização de pessoas que tinham um conhecimento limitado de Cristo, mas depois foram instruídas na verdade do evangelho. Se considerarmos a primeira fase como extensiva então a segunda é intensiva.

Considerações Doutrinárias em 19.1-7

Os quatro derramamentos do Espírito Santo registrados em Atos fo-

8. Consultar Dunn, *Baptism in the Holy Spirit*, p. 88.

9. F. F. Bruce vê Éfeso como “um novo centro para missão aos gentios” e os discípulos como “o núcleo da igreja de Éfeso”, *The Book of the Acts*, ed. rev., série New Interantional Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), p. 365.

ram confirmados pelos apóstolos: em Jerusalém pelos Doze e em Samaria por Pedro e João, em Cesaréia por Pedro e em Éfeso por Paulo.

Será que o livro de Atos ensina que o batismo com o Espírito Santo resulta em glossolália? A resposta é não. Primeiro, o derramamento do Espírito em Éfeso não foi um batismo no Espírito, mas no nome de Jesus. Depois da cerimônia completa é que Paulo impôs as mãos sobre os discípulos de João e eles receberam o Espírito Santo. Essa foi a confirmação de que desde então eles eram cristãos e haviam experimentado a conversão genuína. Segundo, numerosas pessoas foram batizadas e não falaram em línguas: os três mil crentes em Jerusalém no dia de Pentecostes (2.41); o oficial etíope (8.38,39); Paulo em Damasco (9.18); Lídia e sua casa (16.15); e o carcereiro filipense e sua família (16.33). Terceiro, muitas pessoas que creram foram cheias do Espírito Santo mas não falaram em línguas: Pedro perante o Sinédrio (4.8); Estevão se dirigindo ao Sinédrio (7.55); e Paulo confrontando Elimas (13.9).

Em resumo, o Novo Testamento não apóia a crença de que o recebimento do Espírito Santo resulta em falar em línguas.[10] Pelo contrário, a evidência histórica em Atos mostra que todos os cristãos que foram cheios do Espírito Santo testemunharam de Jesus Cristo de maneira inteligível.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 19.1-7

Versículo 1

O texto ocidental traz uma versão diferente, que aqui é dada em itálico, para a primeira sentença: "E *embora Paulo desejasse, segundo seus planos, ir para Jerusalém, o Espírito disse-lhe que retornasse à Ásia. E* tendo passado pelas regiões mais altas, *chegou* a Éfeso".[11]

O escriba do texto ocidental tentou ligar 19.1 (Paulo retornando a Éfeso tão logo quanto possível) com 18.22, onde Lucas escreve que Paulo foi para a Cesaréia e depois "subindo .... saudado a igreja". Mas a informação em 18.23 contradiz a versão opcional.

Versículo 2

εἰ – o primeiro εἰ introduz uma pergunta direta. Não é traduzido e

10. Consultar Anthony A. Hoekema, *Holy Spirit Baptism* (Grand Rapids: Eerdmans, 1972), pp. 44-45.

11. Metzger, *Textual Commentary*, p. 468.

deriva da tradução literal da Septuaginta da sintaxe hebraica: "Recebeste.....?" O tempo do particípio aoristo πιοτεύσαντες (quando crestes) é simultâneo com o do verbo principal ἐλάβετε (recebestes).[12] O segundo εἰ (se) é uma pergunta indireta.

Versículo 3

εἰς τί – "em que?" significando "como?" A preposição εἰς em εἰς τό é equivalente ao dativo, "com".

Versículo 6

O escriba do texto ocidental enfeitou o texto no final da cláusula: "eles começaram a falar em línguas". As adições estão em itálico: "*outras* línguas, *e eles* próprios *as conhecia, e que eles próprios interpretaram; e alguns* também profetizavam".[13]

---

2. *O Ministério de Paulo*

19.8-12

Quando Lucas escreveu que Paulo entrou na sinagoga, ele não teve a intenção de dizer que, no seu retorno a Éfeso, ele primeiro encontrou os doze discípulos de João (vs. 1,7) e depois foi para sinagoga. Em vez disso, Lucas relatou dois incidentes históricos separados que poderiam ter acontecido mais ou menos ao mesmo tempo. Ele relata o ministério da pregação de Paulo, que foi dirigida em primeiro lugar aos seguidores de João, e em seguida ao povo da sinagoga local.

8. Paulo entrou na sinagoga e por três meses dissertou de modo persuasivo e falava com ousadia a respeito do reino de Deus.

Quando Paulo, a caminho de Jerusalém, esteve brevemente em Éfeso (18.19), ele imediatamente foi à sinagoga, onde discutiu com os judeus. Seus ouvintes ficaram satisfeitos com seus ensinamentos e rogaram-lhe que ficasse com eles. Embora ele recusasse o convite, prometeu-lhes que voltaria. Lucas dá a impressão de que Paulo e sua audiência judaica tinham desenvolvido um relacionamento amigável. Quando Paulo retornou a Éfeso ele imediatamente foi para sinagoga e se

12. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nasville: Broadman, 1934), p. 861.

13. Metzger, *Textual Commentary*, p. 470.

empenhou num ministério de ensino em tempo integral. Por causa das associações amigáveis que ele tinha com os judeus efésios ele pôde ensinar por um período de três meses. Em outros lugares Paulo instruiu o povo na sinagoga por um tempo limitado, mas em Éfeso ele teve permissão para continuar por toda uma estação.

Durante esses três meses, Paulo ensinou sobre o reino de Deus. Em Atos, pregar sobre e o reino de Deus significa proclamar a Palavra de Senhor, ou seja, o evangelho.[14] Por exemplo, no mesmo contexto (v. 10) Lucas escreve que os judeus e gregos ouviram "a palavra do Senhor"; em 20.24,25, ele usa os termos *o evangelho da graça* e *reino* como sinônimo; e em 28.30,31, ele escreve que Paulo, um prisioneiro domiciliar em Roma, proclamava tanto o reino de Deus como a Jesus a quantos lhe visitava. Em Éfeso, o conflito entre o reino de Deus e as leis idólatras do Diabo, se tornou evidente quando os artífices de santuários instigaram uma revolta (vs. 23-41). Mesmo alguns dos judeus que haviam escutado Paulo difamaram a fé cristã (v. 9).

9. Mas como alguns deles se tornaram empedernidos e desobedientes, eles falavam mal do Caminho diante da multidão. Então Paulo apartou-se deles, levando consigo os discípulos. Todos os dias ele discorria na escola de Tirano. 10. E isso aconteceu por dois anos, de modo que todos que viviam na província da Ásia, tanto judeus quanto gregos, ouvissem a palavra do Senhor.

a. "Mas como alguns se tornaram empedernidos e desobedientes." Paulo continuou seu ministério de ensinar na sinagoga de Éfeso, mas ao final de três meses ele se deu conta que a oposição de uma minoria de judeus lhe trazia obstáculos. Essas pessoas se voltaram contra Paulo à medida que o coração deles se endurecia e demonstravam sua desobediência a Deus e aos ensinamentos de sua Palavra.

b. "Eles falavam mal do Caminho diante da multidão." Esses judeus descrentes tornaram seu ódio público distorcendo os ensinos da fé cristã. Os judeus vilipendiaram o Caminho, Lucas escreve. O termo *Caminho* era uma autodesignação da igreja. Talvez os cristãos o te-

14. Consultar George E. Ladd, *A Theology of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1974), p. 333; veja também seu "Kingdom of God (Heaven)", *BEB*, vol. 2, p. 1277. E veja Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Groove: Inter-Varsity, 1981), p. 429.

nham usado como um termo missionário nas décadas iniciais da existência da igreja.[15] Como um paralelo interessante, Lucas registra que Paulo antes de sua conversão queria prender as pessoas que pertenciam ao Caminho (9.2). Mas anos mais tarde, o próprio Paulo teve de enfrentar a oposição dos judeus em Éfeso que difamavam os membros do Caminho.

c. "Então Paulo apartou-se deles, levando consigo os discípulos." Conforme procedimento anterior, Paulo tirou seus discípulos da escola da sinagoga. Procurando por um outro lugar, ele soube de uma escola disponível, cujo dono era um homem chamado Tirano. Não temos mais qualquer informação sobre Tirano, cujo nome significa déspota.[16] Talvez esse fosse um apelido dado a ele por seus alunos.

O texto ocidental adiciona a interessante nota de que Paulo se ocupava com as discussões da "quinta até a décima hora", isto é, das onze da manhã até às quatro da tarde. Tirano usava a escola de manhã e quando o calor do dia se tornava opressivo, Paulo podia usar a escola enquanto os cidadãos almoçavam e descansavam. Presumivelmente, Paulo trabalhava no seu ofício durante as horas da manhã para se sustentar financeiramente (veja 18.3; 20.34; 1Co 4.12). Com os donativos que recebia, ele pagava o aluguel da escola onde ensinava seus discípulos por cinco horas, com os devidos intervalos para descanso.

Não há qualquer razão para se duvidar da autenticidade da nota do texto ocidental, porém os tradutores hesitam em inseri-la no texto do Novo Testamento. Eles questionam o motivo pelo qual esse trecho, caso fosse genuíno, teria sido excluído dos manuscritos mais importantes.

d. "Todos os dias ele discorria na escola de Tirano." Em Éfeso, Paulo abriu uma escola de teologia para treinar futuros líderes para o desenvolvimento da igreja na província da Ásia. Os estudantes talvez trabalhassem como empregados normais no período da manhã e de-

15. Günther Ebel, *NIDNTT*, vol. 3, p. 941. S. V. McCasland conclui que o termo *o Caminho* "como uma designação do Cristianismo foi derivado de Isaías 40.3 e que é uma forma abreviada de 'caminho do Senhor'." O termo veio para o Cristianismo via Qumran e João Batista. "The Way", *JBL* 77 (1958): 230.

16. Um dos guarda-costas de Herodes, o Grande, também tinha o nome de *Tirano*. Josefo *Antiquities* 16.10.3 [314].

pois iam à escola de instrução religiosa.[17] As longas horas de trabalho e estudo dão testemunho do entusiasmo dos primeiros cristãos, e esse testemunho não ficou perdido no mundo pagão.

e. "E isso aconteceu por dois anos." Paulo ensinava diariamente na escola de Éfeso. Em números redondos (três meses na sinagoga local mais dois anos na escola), o curso inteiro durou quase três anos (20.31). E na cultura judaica do tempo de Paulo, parte de um ano era considerado um ano inteiro. Em conclusão, tanto o professor quanto alunos demonstraram uma vontade indomável em ganhar a vida e ajudar no progresso do evangelho.

f. "Todos os habitantes da Ásia, tanto judeus quanto gregos, ouviram a palavra do Senhor." De Éfeso a palavra do Senhor se espalhou para todos os judeus e gregos que habitavam a província da Ásia. Nós supomos que os alunos de Paulo se tornaram pastores e que eles desenvolveram congregações na Ásia Menor ocidental (comparar, p. ex., com a referência às sete igrejas [Ap 1.11]). Esses discípulos eram instrumentos na pregação da palavra do Senhor tanto a judeus como a gregos. Por exemplo, Epafras foi um fiel ministro do evangelho em Colossos (Cl 1.7), Laodicéia e Hierapólis (Cl 4.12,13). Ele esteve com Paulo em Roma durante a primeira prisão de Paulo e foi seu companheiro de algemas. Da mesma forma, Tíquico, natural da província da Ásia (20.4), foi um colaborador chegado; Paulo chama-o de conservo (Cl 4.7) e um ministro fiel (Ef 6.21). Havia também Trófimo que era também da Ásia (20.4). Finalmente, Filemom e Arquipo eram colaboradores de trabalho e companheiros de lutas de Paulo em Colossos (Fm 1,2).[18]

Considere-se estes pontos:

Primeiro, é possível que os discípulos (v. 9) que tinham recebido o batismo de João estivessem entre os alunos de Paulo. Segundo, é um fato que Éfeso foi durante décadas o centro evangelístico da igreja cristã na Ásia Menor ocidental (comparar com Ap 2.1-7). E por último, Éfeso foi o único lugar onde Paulo durante suas viagens missionárias

17. Gerald F. Hawthorne, "Tyrannus", *ISBE*, vol. 4, p. 932.

18. Consultar Richard B. Rackham, *The Acts of the Apostles: An Exposition*, série Westminter Commentaries (1901; reedição, Grand Rapids: Baker, 1964), p. 352.

passou três anos num ministério de ensino. Seu sucessor foi Timóteo (1Tm 1.3) e mais tarde o apóstolo João serviu na igreja de Éfeso.

11. Deus fazia milagres extraordinários por meio de Paulo, 12. de modo que até os lenços e aventais que haviam tocado a pele de Paulo eram levados aos doentes; suas doenças os deixavam e os espíritos malignos se retiravam.

Nós observamos um paralelo interessante em Atos. Depois do derramamento do Espírito Santo no Pentecostes, Deus realizou milagres extraordinários por intermédio de seus apóstolos (2.43; e veja 5.12). Antes de o Espírito Santo vir sobre o samaritanos, Deus operou sinais milagrosos por intermédio de Filipe (8.6,13). Quando o Espírito Santo desceu sobre os discípulos em Éfeso, Deus tornou seu poder conhecido por meio dos milagres efetuados por Paulo. Sem dúvida, Deus tinha dado a Paulo e Barnabé o poder de realizar sinais milagrosos e maravilhas em Icônio durante a primeira viagem missionária (14.3).

Outro paralelo é óbvio: a sombra de Pedro caía sobre os doentes e estes ficavam curados quando ele passava (5.15); os lenços e aventais de Paulo curavam os enfermos. A referência, no caso de Paulo, é às roupas usadas para enxugar a perspiração e capas protetoras, que estavam possivelmente sujas de terra e manchadas do uso diário na oficina. Esses artigos eram levados aos doentes, que ao tocá-los ficavam curados; espíritos malignos deixavam as pessoas possuídas.

Note-se estas observações a respeito do serviço de Paulo ao Senhor:

a. Deus é o operador de milagres, não Paulo. O povo de Éfeso considerava que Paulo tinha poderes sobre-humanos para curar os enfermos. No entanto, Lucas escreve que Deus realizava os milagres por intermédio de Paulo.

b. Lucas, que por profissão era médico, chama esses milagres de extraordinários. Quaisquer que fossem os milagres, eles eram espantosos aos olhos do povo. Inúmeros enfermos foram curados e se tornaram recipientes da graça de Deus e ouviram o evangelho da salvação que era proclamado publicamente por Paulo.

c. Além de ensinar o evangelho abertamente e realizar os milagres de cura, Paulo ensinava também as boas-novas de casa em casa (20.20). Dirigindo-se a judeus e a gregos, ele os admoestava a que se

arrependessem e se voltassem para Deus, e tivessem fé em Jesus Cristo (20.21).

d. Paulo defendeu a unidade da igreja, que ele considerava como sendo o corpo de Cristo.[19] Em Éfeso ele recebeu informação sobre facções e discórdias na igreja de Corinto (1Co 1.11,12). Uma delegação composta por três pessoas também se comunicou pessoalmente com Paulo sobre as condições em Corinto (1Co 16.17). Em resposta, Paulo escreveu as duas epístolas canônicas aos coríntios e duas cartas que não mais existem (veja 1Co 5.9; 2Co 2.4). Além disso, o próprio Paulo decidiu visitar a igreja em Corinto, mas essa visita acabou por resultar numa experiência dolorosa para ele (2Co 2.1).

Paulo trabalhou sem cessar para o avanço do reino de Deus, o crescimento e o desenvolvimento da igreja de Cristo, a proclamação do evangelho da graça de Deus e salvação do pecador.

Considerações Doutrinárias em 19.11,12

Lendo as palavras dessa passagem em particular, nós invariavelmente pensamos do povo de Éfeso como sendo supersticioso. Eles esperavam ser curados de suas enfermidades tocando artigos de vestuário que haviam estado em contato com o corpo de Paulo. Ao que parece, eles consideravam Paulo como sendo quase divino por causa de seus poderes de cura.

Entretanto, Lucas não fornece qualquer indicação de que o povo tenha adorado Paulo ou que idolatravam seus lenços e aventais. Calvino chama a atenção para as coisas sem valor que foram escolhidas para evitar que o povo caíssem em superstição e idolatria.[20]

O foco está em Deus, que cura as pessoas fisicamente e por meio da pregação do evangelho as restaura espiritualmente. Deus realizou "milagres extraordinários" como escreve Lucas. Ele demonstra seu poder entre o povo para que possa se voltar para ele em fé e obter a salvação. Milagres e fé são os dois lados da mesma moeda. Nas palavras do escritor de Hebreus, "A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram; dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios, e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo, segundo a sua vontade." (2.3,4 – JFA).

19. 1 Coríntios 12.12-27; Efésios 1.22,23; Colossenses 1.18.24.
20. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 2, p. 155.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 19.11

δυνάμεις τε οὐ τὰς τυχούσας – "milagres, não aqueles comuns". Aqui está uma das expressões características de Lucas, onde ele usa o negativo para acentuar o positivo (comparar com v. 24). O uso da partícula οὐ em lugar de μή, para negar o particípio aoristo τυχούσας, aponta para a natureza extraordinária dos milagres.

3. *O Nome de Jesus*

19.13-20

Dentre as pessoas que foram curadas por Paulo havia algumas que eram possuídas por demônios. Como Jesus havia dado autoridade aos doze discípulos para expulsarem os espíritos malignos (Mc 6.7), também Deus deu a Paulo poder para libertar as pessoas afligidas. Paulo entrava nos domínios de Satanás e com a soberania que lhe fora dada por Deus, ordenava aos demônios que saíssem.

13. Alguns dos judeus que expulsavam espíritos malignos tentaram usar o nome de Jesus sobre os que estavam possuídos por demônios. Eles estavam dizendo: "Conjuro-vos em nome de Jesus, a quem Paulo prega, que saia". 14. Sete filhos de Ceva, um sumo sacerdote judeu, estavam fazendo isso.

a. *Exorcismo*. Ao escrever o livro de Atos, Lucas com freqüência apresenta primeiro o panorama geral e depois relata o incidente específico. Por exemplo, ele dá a informação geral de que o Senhor fazia muitos sinais milagrosos e maravilhas por intermédio de Paulo e Barnabé (14.1-7). Depois relata a história de Paulo curando o aleijado em Listra (14.8-10). De modo semelhante, depois de descrever a situação em Éfeso, Lucas fornece os detalhes de um caso típico onde exorcistas judeus tentavam expelir um demônio.

Os Evangelhos nos mostram que judeus em Israel expulsavam demônios (Mt 12.27; Lc 11.19). Também, o historiador judeu Josefo, relata que ele viu um patrício seu expulsar um demônio de um homem possesso na presença do general romano Vespasiano.[21] Por vezes, os gentios pediam aos mestres judeus para exorcizar demônios. Alguns desses mestres visitavam seus companheiros judeus que viviam na dis-

21. Josefo *Antiquities* 8.2.5 [46-49].

persão e usavam fórmulas mágicas para esconjurar os espíritos malignos. Visto que as fórmulas quase sempre falhavam em funcionar, os mágicos eram forçados a obter outras esconjurações para incrementar sua arte.[22] Numerosos manuscritos antigos comprovam a grande variedade de encantamentos que os exorcistas judeus empregavam, e como esse relato revela, a cidade de Éfeso era um depósito de rolos de magia.

Os exorcistas judeus que viram Paulo expulsar demônios no nome de Jesus Cristo ficaram intrigados. Eles viram que seus poderes mágicos fracassavam, mas as palavras pronunciadas por Paulo eram eficientes. Os apóstolos curavam pessoas no nome de Jesus, não para praticarem magia, mas para demonstrar a autoridade de Jesus (comparar com 3.6). O termo *nome* significa a pessoa, as palavras e as obras de Jesus, então qualquer pessoa que usa esse nome identifica-se completamente com ele, e se torna um verdadeiro representante dele. Portanto, os descrentes não podem jamais usar o poder do nome de Jesus.

Os charlatões judeus em Éfeso diziam aos espíritos malignos: "Esconjuro-vos por Jesus, a quem Paulo prega" (19.13). A esconjuração deles é derivativa, pois inclui o nome de Paulo. Além disso, eles se expõem como descrentes, pois sua esconjuração mostra que Paulo, e não eles, servem a Jesus. Em contraste, considere-se o homem que expulsava demônios no nome de Jesus e ele disse aos discípulos que não o proibisse, pois "Não proibais; pois quem não é contra vós outros é por vós" (Lc 9.50). O homem evidentemente cria em Jesus e era seu seguidor.

b. *Ceva*. Lucas relata três fatos sobre Ceva: ele era judeu, sumo sacerdote e pai de sete filhos. Os magos judeus eram pessoas influentes durante o século 1º (p. ex., o mágico judeu Barjesus, a serviço do procônsul Sérgio Paulo [13.6,7]). Não temos qualquer evidência de que Ceva estivesse servindo como sumo sacerdote no templo de Jerusalém; portanto não é preciso assumir que ele tinha uma posição de autoridade. Josefo esclarece que alguns homens que eram chamados

22. Adolf Deissmann traduziu um fragmento de papiro onde se lê: "Eu te esconjuro pelo deus dos hebreus Jesu". Deissmann comenta que o nome *Jesu* é uma inserção; "nenhum cristão, muito menos um judeu, teria chamado Jesus de 'o deus dos hebreus'". *Light from the Ancient East*, ed rev., trad. por Lionel R. M. Strachan (Nova York: Doran, 1927), p. 260 n. 4.

de sumo sacerdotes nunca exerciam como tal.[23] É plausível, entretanto, que esse judeu assim se intitulasse para benefício próprio e de seus filhos que viviam na dispersão.[24] Mesmo assim, Lucas nada diz sobre Ceva estar presente em Éfeso; ele só faz referência aos sete filhos. Em vista da falta de evidência palpável com relação ao nome e ofício de Ceva, nós sugerimos que esses seus filhos pertenciam a uma família sacerdotal e praticavam o exorcismo.[25] Na verdade, o texto ocidental, traz *sacerdote* em lugar de "sumo sacerdote".[26]

15. Mas o espírito maligno lhes respondeu: Conheço Jesus e sei quem é Paulo; mas quem é você? 16. E o possesso do espírito maligno saltou sobre eles. Ele os subjugou e de tal modo prevaleceu contra eles, que, desnudos e feridos, fugiram daquela casa.

A descrição de Lucas sobre o espírito maligno que fala pela boca do homem endemoniado encontra paralelos nos relatos dos Evangelhos sinópticos (veja Mt 8.29; Mc 1.24; Lc 4.41). Nesses relatos, os demônios reconheceram Jesus como o Filho de Deus. Em Éfeso, o demônio ao ouvir as palavras pronunciadas pelo exorcista respondeu com total conhecimento: "Conheço Jesus e sei quem é Paulo; mas quem é você?" No texto grego, Lucas usa duas palavras diferentes para o verbo *conhecer.* Talvez para distinguir a natureza divina de Jesus da natureza terrena de Paulo. No entanto, esses dois verbos são virtualmente sinônimos, pois ambos se relacionam com o conhecimento adquirido e não inato.[27] O demônio havia aprendido sobre Jesus, e sabia que o poder divino que dele fluia para Paulo, podia dominá-lo. Ele também detecta o engano da prática dos exorcistas judeus e sabe que

23. Josefo *War* 2.20.4 [566]; 4.9.11 [574]; 5.13.1 [527]. Dos escritos de Josefo, Emil Schürer compilou uma lista de 28 sumo sacerdotes que foram apontados de 37 a.C. a 67-68 d.C. *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ (175 a.C. –135 d.C.)*, rev. e org. por Geza Vermes e Fergus Millar, 3 vols. (Edimburgo: Clark, 1973-87), vol. 2, pp. 229-32.

24. Bruce, *Book of the Acts*, p. 368; Gary M. Burge, "Sceva", *ISBE*, vol. 4, p. 350.

25. Consultar B. A. Mastin, "Sceva the Chief Priest", *JTS* 27 (1976):412.

26. Albert C. Clark afirma que no Novo Testamento em grego, o termo *sumo sacerdote* ocorre com muito mais freqüência do que *sacerdote*, "um escriba..... facilmente substituiria uma palavra rara por outra mais familiar". *The Acts of the Apostles: A Critical Edition with Introduction and Notes on Selected Passages* (1933; Oxford: Clarendon, 1970), p. 370.

27. Os verbos *ginōskō* (Eu venho a saber, entender) e *epistamai* (Eu entendo, sei) são idênticos em significado. Veja Günther Harder, *NIDNTT*, vol. 3, p.122.

eles não têm poder. A pergunta: "quem é você?" revela o desdém do demônio.

O demônio então exala sua fúria sobre os sete filhos de Ceva. O homem possesso, com força sobre-humana pula sobre os sete homens, subjuga-os e domina-os. Nesse ponto, alguns tradutores divergem uns dos outros por causa de uma variante do texto grego. Os melhores manuscritos trazem *ambos*, que aparece em uma tradução como "subjugou-os a ambos" (NASB) e em outra como "e dominou um primeiro e depois o outro" (BJ). Essa versão é incompatível com o número sete (v. 14) se a palavra *ambos* for entendida como sendo aplicada a duas pessoas apenas. Mas quando mais que duas pessoas se acham envolvidas, o termo pode significar "todos" (veja 23.8), termo adotado pela maioria das versões.[28]

O homem possesso de demônio dá tal grande surra nos sete exorcistas que eles escapam por pouco da casa onde estavam. Aliviados por estarem vivos eles fogem nus e feridos. O grego indica que os ferimentos demoraram muito tempo para sarar. Por um lado, esses exorcistas aprenderam a não invocar o nome de Jesus. Do outro, o incidente promoveu a causa do evangelho.

17. Isso se tornou conhecido de todos os judeus e gregos que viviam em Éfeso. Eles ficaram aterrorizados e começaram a considerar o nome de Jesus com grande honra.

Deus confirma seu controle sobre a situação. Ele frustra a estratégia de Satanás em usurpar o poder de Jesus e faz ainda com que o demônio promova o avanço do reino de Deus no mundo dos gentios. Note-se que Lucas primeiro menciona os judeus e depois os gentios que moram em Éfeso. Os judeus efésios reconheceram a suprema humilhação de seus compatriotas. Segundo, os gregos ouviram falar sobre o incidente. O nome de Jesus se tornou tópico de conversa: "Paulo usou aquele nome, e os demônios obedeceram; os exorcistas, ao usarem-no, foram vencidos. O que há por trás desse nome?"[29]

Duas vezes nesse versículo Lucas emprega o adjetivo *todos*: "to-

28. Bauer, p.47. Consultar Robertson, *Grammar*, p. 745.
29. R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (Columbus: Wartburg, 1944), p. 796.

dos os judeus e os gregos" e "todos eles estavam aterrorizados ". Ele enfatiza a natureza abrangente do incidente. Nós vemos um paralelo com as mortes de Ananias e Safira. Naquela ocasião "sobreveio grande temor a toda a igreja e a todos quantos ouviram a notícia destes acontecimentos" (5.11). Em Jerusalém, as pessoas ficaram com medo quando viram a punição divina ser aplicada dentro da igreja (veja 5.5). De modo semelhante, em Éfeso, judeus e gregos ficaram atemorizados quando souberam do castigo que os setes filhos de Ceva receberam. Eles tinham grande respeito pelo nome de Jesus, que revelava poder e autoridade. Conseqüentemente, a população local respeitava altamente o nome do Senhor Jesus e muitas pessoas se arrependeram e confessaram seus pecados.

18. Muitos dos que creram estavam vindo para confessar e anunciar suas más obras. 19. Alguns dos que haviam praticado artes mágicas trouxeram seus livros e os queimaram diante de todos. Quando o preço deles foi calculado, chegou-se à cifra de cinqüenta mil denários. 20. Assim, a palavra do Senhor crescia em força e poder.

a. "Muitos dos que creram estavam vindo para confessar e anunciar suas más obras." Lucas descreve como o poder do evangelho acabou com a influência generalizada da magia em Éfeso.[30] A prática geral da magia estava tão infiltrada que nem mesmo os cristãos estavam imunes. Lucas fala dos cristãos que tinham vindo para a fé em Cristo e que continuaram envolvidos com as artes mágicas. Ao ouvirem sobre o incidente que envolvera os filhos de Ceva, os crentes chegaram à conclusão de que tais práticas eram "incompatíveis e inconsistentes com a fé cristã".[31]

O texto grego revela que esses cristãos foram gradualmente se revelando, provavelmente nos cultos, onde primeiramente eles confessa-

30. A cidade era um centro de artes mágicas, conforme confirmado por descobertas arqueológicas. Numerosos documentos contêm encantamentos, alguns dos quais eram conhecidos como as cartas efésias. Este último termo está relacionado com encantamentos que eram usados nos cultos de adoração à deusa Ártemis. Hans Dieter Betz (org.), *The Greek Magical Papyri in Translation: Including the Demotic Spells* (Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1986), pp. 84, 89, 91.

31. David E. Aune, "Magic", *ISBE*, vol. 3, p. 219.

ram e depois relataram que eles estavam praticando magia.[32] De repente eles entenderam que a conduta deles era incompatível com o estilo de vida e que eles tinham de abandonar as obras malignas. Quais eram essas obras malignas? Essas pessoas praticavam adivinhação e feitiçaria, interpretação de sinais e presságios, se engajavam em magia negra, encantamentos ou consulta aos mortos. Nessa ocasião foi-lhes dito que há muito Deus havia proibido essas práticas detestáveis (Dt 18.10-14). A Palavra de Deus convenceu os efésios de seus pecados. Como resultado eles se arrependeram e deixaram suas obras malignas.

b. "Alguns dos que haviam praticado artes mágicas, trouxeram seus livros e os queimaram diante de todos." Muitos cristãos que publicamente confessaram que eles tinham se envolvido com magias acrescentaram a ação às suas palavras; diariamente, com determinação, eles tiravam os livros de magia de suas casas e os traziam para serem queimados em praça pública. O texto não revela se eram apenas os cristãos que queimavam os livros. É possível que alguns gentios também tenham levado seus pergaminhos e rolos para a fogueira, para se livrarem dos objetos de magia.

c. "Quando o preço deles foi calculado, chegou-se à cifra de cinqüenta mil denários." O valor desses livros era elevado embora não tenhamos como determinar a quantia exata na moeda atual. O texto grego traz as palavras moedas de prata, que eu traduzi como "dracmas". Walter Bauer afirma que o valor da dracma era "normalmente 18 a 20 centavos, oito ou nove pence".[33] Nem é provável que o valor fosse algum exagero pois a população de Éfeso nesse tempo era de duzentas mil pessoas. A queima dos livros pelo público era um sinal claro de que o povo de Éfeso estava desistindo da magia e abraçando o evangelho de Jesus Cristo. A igreja local experimentou um crescimento fenomenal no período de três anos que Paulo ministrou a Palavra em Éfeso (20.31). Em conclusão, a igreja cristã avançou vitoriosamente.

d. "Assim, a palavra do Senhor crescia em força e poder." Ao longo do livro de Atos Lucas emprega algumas afirmações resumidas.

32. Consultar Adolf Deissmann, *Bible Studies*, (reedição; Winona Lake: Alpha, 1979). p. 323. Veja também Bauer, p. 646.

33. Bauer, p. 105.

Uma destas é a referência de Lucas à "a palavra do Senhor" ou "a palavra de Deus" (comparar com 6.7; 12.24; 13.49). Ele descreve o crescimento da igreja mostrando a poderosa influência da Palavra de Deus na vida das pessoas. Nessa afirmação sucinta, Lucas passa a informação de que a igreja crescia em número e que os crentes aplicavam a mensagem do evangelho à sua conduta diária. Eles fortaleciam sua fé, mostravam obediência à Palavra de Deus, e viviam uma vida santa.[34] A cidade de Éfeso experimentou uma transformação por causa da viva e poderosa Palavra de Deus.

A cidade de Éfeso livrou-se da literatura perniciosa pela queima dos livros de magia e se tornou a depositária da literatura sagrada que formou o cânone do Novo Testamento.[35] Durante o tempo em que Paulo viveu em Éfeso ele escreveu sua primeira epístola aos coríntios. Quando Paulo ficou em prisão domiciliar em Roma ele enviou sua primeira epístola aos efésios. Nos anos posteriores quando Timóteo era pastor em Éfeso, Paulo despachou as duas epístolas que levam o nome de Timóteo. Algumas décadas mais tarde, o apóstolo João compôs seu evangelho e suas três epístolas em Éfeso. De certa maneira pode-se dizer que assim como o Antigo Testamento fora confiado aos judeus (Rm 3.2), da mesma forma os efésios se tornaram os guardiães do Novo Testamento.

Considerações Práticas em 19.17-20

Quando o evangelho é proclamado e as pessoas em fé se voltam para Cristo, nosso desejo é ver resultados imediatos e permanentes. Nós esperamos ver os novos convertidos viverem em harmonia com a mensagem da Bíblia e a se pautarem pelos seus ensinamentos em tudo o que fazem e dizem. Percebemos que nossas expectativas são altas mas também conhecemos as fraquezas e as falhas humanas. No entanto, nós continuamos a batalhar para agradar ao nosso Criador e Redentor. Por essa razão, nós estabelecemos as prioridades e confiamos que os recém-convertidos à fé

34. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 2, p.159. A. W. Argyle sugere a seguinte tradução: "Assim, pelo poder de Deus a palavra aumentou e prevaleceu". Veja Acts xix. 20", *ExpT* 75 (1964): 151. E veja Édouard Delebecque, "La mésaventure des fils de Scévas selon ses deux versions (*Actes* 19, 13-20), *RSPT* 66 (1982): 231.

35. John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. por Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2, p. 680.

cristã, bem como o mundo à nossa volta, irão se beneficiar com a nossa maneira de viver e seguir nosso exemplo.

Nós procuramos aplicar os princípios de conduta cristã a todas as áreas da vida. Por exemplo, esperamos que a honestidade e a integridade sejam os pilares a conduzir os negócios e o trabalho secular; a justiça e a igualdade o selo de excelência dos tribunais e assembléias das nossas legislaturas; a fidelidade e a verdade as características inatas de cada cidadão.

Por outro lado, nós temos pleno conhecimento de que vivemos num mundo pecador, egoísta e corrupto, a cuja influência somos obrigados a resistir diariamente. Neste mundo, o recém-convertido à fé cristã enfrenta, dia após dia, as tentações e distrações que procuram levá-lo a viver uma vida dupla: seguir a Cristo nos cultos de domingo e o mundo nos outros dias.

Porém, a pregação do evangelho e a aplicação de sua mensagem são armas poderosas e efetivas na oposição às forças das trevas. Realmente, por meio da obra interior que o Espírito Santo realiza, todos os cristãos obedientes ganham vitórias. Eles vêem as forças do mal recuarem quando a luz da Palavra de Deus ilumina o caminho do justo. Então como cristãos possuidores da genuína fé em Deus, podemos exclamar alegremente: "Na tua luz, vemos a luz" (Sl 36.9).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 19.14-20

Versículo 14

Esta é a versão do texto ocidental, com os acréscimos em itálico:

> Quanto a isso também [sete] filhos de um judeu chamado Ceva *desejaram* fazer *a mesma coisa (eles tinham costume de exorcizar tais pessoas).* E *eles encontraram um homem possesso de demônio e começaram a invocar o Nome, dizendo, "Nós te ordenamos, por Jesus* a quem Paulo prega, *a sair*".[36]

Versículo 16

ὀμφοτέρων – "ambos" ou "todos". O texto Majority traz αὐτῶν (deles).

---

36. Metzger, *Textual Commentary*, p. 471.

τετραυματισμένους – o particípio passivo perfeito do verbo τραυματίζω (Eu firo) mostra um efeito duradouro.

ἐκφυγεῖν – a forma composta deste infinitivo aoristo indica que os homens escaparam por pouco. O particípio ὥστε (então que) precedendo o infinitivo mostra o resultado de uma ação.

Versículos 18-20

Note-se que todos os verbos principais nestes três versos, exceto pelos dois verbos *calcular* e *vir a* (v. 19) estão no tempo imperfeito. Este tempo é descritivo e retrata progressão e repetição.

---

4. *O Plano de Paulo*

19.21,22

Esse segmento do capítulo é bastante breve: somente dois versículos. Mas nesses dois versículos Lucas revela a intenção de Paulo de viajar primeiro na direção norte para a Macedônia, depois para Acaia, e por fim para Jerusalém. No capítulo seguinte, ele relata que de fato Paulo foi para Macedônia e Acaia (20.1,2). Ele não apenas visitou a Macedônia como também pregou o evangelho até o Ilírico (atual Iugoslávia: veja Rm 15.19), escreveu sua carta aos romanos, presumivelmente enquanto estava em Corinto (Rm 16.22,23), e procedeu à coleta em favor dos santos em Jerusalém (1Co 16.1-3). Esses acontecimentos provavelmente ocorreram dentro de um período de dois anos.

21. Depois que essas coisas aconteceram, Paulo resolveu, no seu espírito, ir a Jerusalém, passando pela Macedônia e Acaia. Ele disse, "Depois que eu haver estado ali, devo também visitar Roma". 22. Ele mandou dois de seus assistentes, Timóteo e Erasto, a Macedônia. O próprio Paulo permaneceu na Asia por algum tempo.

a. "Depois que essas coisas aconteceram." A informação dada por Lucas sobre os planos de viagem de Paulo forma um breve interlúdio entre o incidente da queima dos livros de magia, e a revolta instigada por Demétrio. Lucas introduz esse trecho com as palavras *depois que essas coisas aconteceram* e obviamente se refere ao episódio anterior imediato. A cláusula reflete o clímax do trabalho de Paulo em Éfeso, e indica que chegara o tempo da partida.

Durante a segunda viagem missionária de Paulo, as cidades de Tes-

salônica e Corinto se tornaram centros cristãos. E durante sua terceira jornada, Éfeso se tornou o ponto focal do Cristianismo. De todos os lados do mar Egeu (norte, leste e oeste) centros da fé cristã dominavam o panorama. Desses portos o evangelho se espalhou por toda bacia do Mediterrâneo. Mesmo assim Paulo não estava satisfeito. O desejo de seu coração era ir a Roma, a capital do império.

Ao longo do seu Evangelho, Lucas dirigiu sua atenção a Jerusalém como o centro onde Jesus morreu, ressuscitou dos mortos e subiu aos céus. Em Atos, Lucas dirige sua atenção a Roma, de onde a mensagem da salvação se estenderia até aos confins da terra (1.8).

b. "Paulo resolveu, no seu espírito." Será que a palavra *espírito* deveria ser escrita com letra maiúscula ou não? Será que o texto se refere ao espírito humano ou ao Espírito Santo? Se nós interpretarmos a expressão como se referindo ao primeiro ("resolveu, no seu espírito"), podemos comparar com a frase semelhante, "decidiu em seu coração",[37] e tomá-la como uma expressão idiomática. Muitos tradutores escolheram a expressão equivalente: "fez planos" ou "tomou a decisão".[38]

Muitos tradutores interpretam a palavra como uma referência ao Espírito Santo: "Paulo resolveu em Espírito".[39] Ou seja, em contexto mais amplo, os planos de viagem de Paulo foram traçados sob a direção do Espírito Santo (20.22). Além do mais, no versículo 21 Lucas usa a palavra *devo* ("devo também visitar Roma"), que no Novo Testamento freqüentemente denota uma direção divina. Quando o termo *espírito* significa o espírito humano, Lucas geralmente o qualifica com o pronome possessivo (na tradução, "meu espírito"[Lucas 1.47] ou "seu espírito dentro dele" [ele se tornou agitado; At 17.16]). Mas no versículo 21, ele não delimita o termo. Por todas essas razões, muitos estudiosos têm escolhido apropriadamente ser guiado pelo contexto e, portanto, escrever *Espírito* com letra maiúscula.

c. "ir a Jerusalém, passando pela Macedônia e Acaia." Tanto por terra quanto por mar a rota direta de Éfeso para Jerusalém é leste e sudeste, não noroeste e oeste. Mas Paulo tinha a intenção de visitar as

37. Comparar com o texto grego em Lucas 1.66; 21.14; Atos 5.4; 2 Coríntios 9.7.
38. SEB, GNB, BJ, NAB, NEB, respectivamente.
39. RSV, NKJV, MLB, *Moffatt*, com variações.

igrejas da Macedônia e Acaia, da mesma forma que ele se preocupou com as igrejas na Ásia Menor na sua segunda viagem missionária (15.36; 16.1-5). Seu propósito era fortalecer os crentes das igrejas que ele fundara. Depois de passar algum tempo com os cristãos em Filipos, Tessalônica, Beréia e Corinto, ele planejava chegar até Jerusalém. Ele desejava ir a Jerusalém para participar das celebrações do Pentecostes (20.16), levar os donativos assistenciais para os pobres (Rm 15.26,27; 1Co 16.1-3; 2Co 16.1-3; 2Co 8.1-9), e para se reunir com Tiago e os anciãos (At 21.18,19).

d. "Devo também visitar Roma." Note-se o arranjo das palavras nessa curta declaração. Primeiro, depois de visitar Jerusalém, Paulo tinha obrigação divina de visitar a cidade imperial (comparar com 23.11). Paulo não é um turista, mas um embaixador de Jesus Cristo. Segundo, o texto grego indica que ele deve *ver* Roma. Paulo sabia que os cristãos romanos tinham uma igreja em franca expansão, portanto seu propósito de ali chegar era o de fortalecer os crentes em sua fé (Rm 1.11,12). Ele põe seu ideal ainda mais além e planeja chegar até a Espanha (Rm 15.24,28).

e. " Ele enviou dois de seus assistentes, Timóteo e Erasto, a Macedônia." Lucas nada relata sobre o trabalho de Timóteo durante sua estada em Éfeso, embora ele tenha anteriormente mencionado o seu nome com respeito a igreja de Corinto (18.5). Nós supomos que Timóteo tivesse vindo a Éfeso para auxiliar a Paulo. A partir das epístolas de Paulo nós ficamos sabendo que Timóteo lhe serviu de emissário em Corinto; e depois retornou para ele, em Éfeso (1Co 4.17; 16.10,11). Agora Paulo o envia juntamente com Erasto para Macedônia, presumivelmente para Filipos e Tessalônica.

Além desse texto, o nome de Erasto aparece só duas vezes no Novo Testamento. Paulo menciona Erasto em conexão com Corinto e o descreve como tesoureiro da cidade (Rm 16.23). E na sua última epístola, Paulo diz que Erasto permaneceu em Corinto (2Tm 4.20). Em 1930, arqueólogos em Corinto descobriram um bloco de pedra de calçamento que tinha a inscrição, "Erasto, comissário de obras públicas, aprovou a construção deste pavimento".[40] Não sabemos essas são referências à mesma pessoa ou a mais que uma.

40. H. J. Cadbury, "Erastus of Corinth", *JBL* 50 (1931): 42-58. Veja também Colin J.

f. "O próprio Paulo permaneceu algum tempo na Ásia." A discórdia na igreja coríntia segurou Paulo em Éfeso. Ele havia escrito cartas (dentre elas 1 Coríntios) aos coríntios e as tinha despachado com Tito para Corinto para reconciliar as diferenças.[41] Ele estava esperando que Tito lhe trouxesse boas notícias. (Lucas não menciona Tito em Atos, bem como ele tampouco menciona seu próprio nome. Talvez Lucas e Tito fossem parentes e o silêncio uma forma de modéstia. Nós não sabemos). Enquanto esperava em Éfeso, Paulo assistiu à revolta instigada por Demétrio.

5. *A queixa de Demétrio*

19.23-41

O reino de Deus progredia e sua influência era sentida na província da Ásia Menor. Quando o reino de Deus avança Satanás tem de ceder, mas o príncipe das trevas não capitula sem combater. Ele mobilizou as forças dos adoradores de ídolos de Éfeso e incitou uma revolta. Lucas inclui o relato da revolta de Éfeso para ilustrar o poder de Satanás,[42] o progresso do evangelho e a sabedoria do escrivão da cidade. Com muitos detalhes, Lucas registra um incidente que teve um efeito profundo sobre o desenvolvimento da igreja em Éfeso.

a. *Queixa*

19.23-27

23. Por esse tempo, houve grande alvoroço acerca do Caminho. 24. Pois um ourives, chamado Demétrio, que fabricava nichos de prata para Ártemis e que dava muito lucro aos artífices.

Com a frase *por esse tempo*, Lucas indica que o incidente ocorreu quando Paulo estava para deixar a cidade (20.1). A palavra-chave no versículo 23 é "alvoroço". Lucas o qualifica com uma de suas expressões características que numa tradução literal significa, "não pequeno".[43] Nessa cidade oriental, o choque das ondas de perturbações era

Hemer, *The Book of Acts in the Setting of Hellenistic History*, org. por Conrad H. Gempf (Tübingen: Mohr, 1989), p. 235.

41. 2 Coríntios 2.13; 7.6,13; 8.6,16-18,23; 12.18.

42. Consultar Calvino, *Acts of Apostles*, vol. 2, p. 161.

43. Lucas tinha uma inclinação por frases reticentes. Exemplos no texto grego são 12.18; 14.28; 15.2; 17.4,12; 19.23,24; 27.20.

de grave preocupação para os membros da igreja local. Ao refletir sobre esse incidente, Paulo escreve aos coríntios que ele teve de lutar com feras em Éfeso (1Co 15.32; veja também 2Co 1.8-11). Se considerarmos o comentário de Paulo como em sentido figurado (ou seja, seres humanos que lutaram como bestas selvagens), então nós começamos a entender a oposição ferrenha que os cristãos sofreram nessa cidade.[44]

Lucas não usa o termo *igreja*, mas a expressão geral *Caminho*, porque este último representa o estilo de vida cristão (comparar com 9.2; 18.25,26; 19.9; 22.4; 24.14,22). A oposição ao modo de vida cristão veio dos metalúrgicos locais cuja subsistência dependia do culto à deusa Ártemis, conhecida em latim como Diana (veja KJV, NKJV, BJ, NEB).[45]

O templo de Ártemis atraía fiéis que antes de retornarem às suas casas, compravam pequenos santuários e imagens de Ártemis. Esses artefatos, usados pelos fiéis em suas próprias casas, eram feitos e vendidos pelos artífices de Éfeso. Um destes era Demétrio. (Uma inscrição que data de 57 d.C. descreve um certo Demétrio que era "encarregado do templo", mas não sabemos se ela se refere a esse Demétrio mencionado por Lucas. O nome *Demétrio* era bastante comum [veja por exemplo, 3Jo 12]). Talvez Demétrio fosse quem criava os desenhos das imagens e empregasse artífices para fazê-las. Além do mais, ele pode ter sido o porta-voz do sindicato de artífices de Éfeso. Nós sabemos que ele e os outros artífices tinham um negócio lucrativo, pois Lucas, usando uma expressão característica escreve "que dava muito lucro aos artífices". Esses artesãos, incitados por Demétrio, opunham-se a qualquer pessoa ou coisa que apresentasse ameaça ao seu negócio. Sob o disfarce de religião eles defendiam sua fonte de renda.

44. R. E. Osborne interpreta o termo *bestas selvagens* como significando os judeus que se opunham a Paulo primeiro em Éfeso e depois em Jerusalém ("Paul and the Wild Beasts", *JBL* 85 [1966]: 225-30). Abraham J. Malherbe acha que Paulo se refere aos heréticos ("The Beasts at Ephesus", *JBL* 87 [1968]: 71-80).

45. O culto a Artêmis era difundido na Grécia, onde ela era reverenciada como a deusa dos animais, da natureza e da caça. Na Ásia Menor ela era conhecida como a deusa da fertilidade e do parto (veja William S. LaSor, "Artemis", *ISBE*, vol. 1. pp. 306-7). Em 1956, os arqueólogos descobriram em Éfeso, duas estatuetas de Ártemis, cada qual com mais de vinte mamas (símbolo da fecundidade). Embora a deusa fosse conhecida como Ártemis pelos efésios (v. 34), o objeto de adoração verdadeiro no seu templo em Éfeso, era uma pedra, provavelmente um meteorito, que tinha caído do céu (v. 35).

25. Ele os convocou juntamente com outros trabalhadores de profissões semelhantes e disse: "Homens, vocês sabem que nossa prosperidade depende desse negócio. 26. E vocês têm visto e ouvido que não só em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, este Paulo tem persuadido e desencaminhado muita gente. Ele diz a elas que deuses feitos por mãos não são deuses".

a. "Ele os convocando juntamente com outros." Lucas faz distinção entre os artesões e os trabalhadores. Os artesões são técnicos especializados; os trabalhadores representavam os comércios e negócios derivados que dependiam da manufatura dos santuários e imagens. Todas essas pessoas extraíam seu sustento do culto a Ártemis. Demétrio convocou-os a todos, talvez para uma reunião em local fechado, e dirigiu-lhes a palavra:

b. "Homens, vocês sabem que a nossa prosperidade depende desse negócio." A saudação "homens" era costumeira no início de um discurso. O texto ocidental traz a seguinte versão, "Homens, colegas artífices". Devido ao fato de que essa última palavra não ocorre em nenhum outro lugar do Novo Testamento, os estudiosos rejeitam sua autenticidade. O verbo *saber* indica que os ouvintes de Demétrio tinham pleno conhecimento de qual era a fonte de renda deles. O negócio de fabricar e vender imagens e santuários significava prosperidade para eles. Segundo o grego, Demétrio indica que todos eram financeiramente prósperos. Dessa maneira quando Demétrio faz referência aos seus lucros, ele obtém total atenção.

c. "Não só em Éfeso, mas em quase toda a Ásia." Os artífices, mercadores e trabalhadores têm observado e ouvido do fervor da fé cristã que tem tomado conta inumerável multidão em Éfeso e Ásia Menor ocidental. Essas pessoas viraram suas costas a Ártemis e não mais compram os objetos criados e vendidos pelos membros da audiência de Demétrio. Este dá testemunho do fato de que o ministério de Paulo em Éfeso e na província da Ásia deu frutos. Eu não vejo razão para interpretar as palavras de Demétrio como "a afirmação mais exagerada possível".[46] O contexto mais amplo revela que por causa dos milagres extraordinários de Deus e pregação fiel do evangelho por

46. Lake and Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 246.

Paulo, "a palavra do Senhor crescia em força e poder" (v. 20). Lucas não fornece dados sobre o trabalho de Paulo nas regiões vizinhas de Éfeso; portanto nós não sabemos se Paulo fundou alguma das sete igrejas da Ásia (Ap 1.11) além da igreja de Éfeso.

d. "Este Paulo tem persuadido e desencaminhado muita gente." Demétrio e seus ouvintes sabem que Paulo tem sido útil para alcançar as pessoas, especialmente na cidade de Éfeso. Demétrio sente nada mais que desprezo por Paulo e portanto se refere a ele como "este Paulo" (no sentido de que "vocês o conhecem tão bem como eu").[47] Ele está familiarizado com a metodologia de Paulo, porque ele afirma "Paulo tem persuadido" (veja v. 8) o povo a abandonar o culto ao ídolo e servir ao Deus vivo.

e. "[Paulo] diz a eles que deuses feitos por mãos não são deuses." Aqui está o ponto crítico da pregação de Paulo aos gentios. Quando Paulo se dirigiu aos filósofos atenienses ele lhes disse que Deus, que criou os céus e terra, não vive em templo feito por homens. Deus não é uma imagem lavrada por artífices a partir de ouro, prata ou pedra (17.24, 29). Em resumo, Demétrio tinha prestado atenção à mensagem de Paulo, mas como sua subsistência dependia do culto ao ídolo, ele a rejeitava e se opunha a Paulo.

27. "Não somente há o perigo de a nossa profissão cair em descrédito, como também de o próprio templo da grande deusa, Diana, ser estimado em nada; e toda a adoração a ela na Ásia e em todo o mundo irá sofrer a perda da sua magnificência."

Astuciosamente, Demétrio muda o rumo de seu discurso. Ele sai do tópico da prosperidade material para o culto de Ártemis e enfatiza não apenas o descrédito da profissão, mas também o desinteresse pelo templo de Ártemis. Ele aponta a conexão entre sua arte e a adoração da deusa, e alerta a audiência para o perigo de Ártemis perder sua fama. Se ela ficasse desacreditada, declinaria a fonte dos recursos deles. Ele não está dizendo que já havia declínio no seu negócio, mas que o perigo era iminente.

47. Veja F. W. Grosheide, *De Handelingen der Apostelen*, série Kommentaar op het Nieuwe Testament, 2 vols. (Amsterdã: Van Bottenburg, 1948), vol. 2, p. 215.

"Também o de o próprio templo da grande deusa, Ártemis, ser estimado em nada." A preocupação maior ainda, além do futuro deles, era a indiferença do povo pelo templo de Ártemis. Esse templo, construído de mármore, "era de enormes proporções – cerca de quatro vezes o tamanho do Partenom".[48] Ele media 130 metros, por 67 metros, tinha 18 metros de altura e era rodeado por 127 colunas. Quando Paulo viveu em Éfeso, ele pôde ver o templo em todo seu esplendor.[49] Depois que foi queimado em 356 a.C. ele foi restaurado ao seu tamanho original, mas com mais esplendor que antes. Arqueólogos descobriram que esse templo era localizado a dois quilômetros e meio a nordeste de Éfeso.

O templo honrava a grande deusa Ártemis. Não o templo, mas Ártemis é descrita como grande. Demétrio dá atestado de sua grandeza dizendo, "Toda a adoração a ela na Ásia e em todo o mundo irá sofrer a perda de sua magnificência". Ele declara com precisão que o culto a Ártemis era universal,[50] e sua declaração pede ação. Ele toca a trombeta, por assim dizer, e declara estridente oposição à fé cristã.

Considerações Práticas em 19.25-27

Os cristãos lutam por penetrar todos os segmentos de uma cultura existente com seus ensinamentos e princípios. Em áreas onde a fé cristã está se desenvolvendo rapidamente sua influência começa a mudar a cultura circundante; por exemplo, a literatura, a pintura e a escultura refletem a influência cristã. Essa influência geralmente se espalha durante várias décadas e o resultado é que a cidade ou mesmo o país pode ser descrito como cristão. Os crentes geralmente desejam ver que sua fé influencia a cultura na qual eles vivem.

As forças dentro de uma cultura existente, entretanto, oferece resistência ao crescimento da persuasão cristã. Algumas vezes, batalhas renhidas são travadas pelo domínio em uma dada sociedade, como a História pode testemunhar de forma eloqüente. E se o Cristianismo começa a des-

48. Lily Ross Taylor, "Artemis of Ephesus", *Beginnings*, vol. 5, p. 252.

49. Alford, *Alford's Greek Testament*, vol. 2, p. 217.

50. Larry J. Kreitzer supõe que moedas comemorativas romanas, fundidas em Éfeso, com o emblema do templo de Diana, e datadas de cerca de 51 d.C., poderiam indicar apoio imperial aos cultos de adoração no templo de Àrtemis. "A Numismatic Clue to Acts 19.23-41. The Ephesian Cistophori of Claudius and Agrippina", *JSNT* 30 (1987): 59-70.

vanecer, imediatamente uma cultura não cristã ou mesmo anticristã predomina. Seja onde for que Deus tenha colocado seu povo, ele tem de exercer vigilância a serviço do Senhor. Nas palavras de Isaac Watts, o cristão pergunta:

> Não tenho eu adversários para enfrentar?
> Não devo eu conter enchentes?
> Será este mundo vil um amigo da graça,
> para a Deus me levar?
>
> Visto que eu tenho de lutar se quiser reinar,
> Aumenta minha coragem, Senhor;
> Eu suportarei o labor e sofrerei a dor,
> Apoiado em sua Palavra.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 19.24-27

Versículo 24

ἀργυροκόπος – de ἄργυρος (prata) e κόπτω (eu bato), este substantivo ocorre apenas aqui no Novo Testamento e uma vez na Septuaginta (Jr 6.29). Juntos com artesãos, Demétrio formou uma associação de artífices. Arqueólogos ainda não encontraram santuários de prata ou imagens de Ártemis em Éfeso.

Versículo 26

Ἐφέσου ... πάσης Ἀσίας – aqui está um exemplo de um genitivo pouco usado para lugar (veja também Lc 5.19; 16.24; 19.4). Para ligar o caso genitivo com o substantivo ὄχλον (povo) coloca-se um problema de sintaxe por causa da localização deste substantivo na sentença.[51]

οὗτος – pelo uso deste pronome demonstrativo, Demétrio expressa desprezo. Para um uso semelhante deste pronome veja João 3.26.

Versículo 27

εἰς ἀπελεγμὸν ἐλθεῖν – a frase é idiomática e significa "cair em desgraça".[52] O substantivo deriva do verbo ἀπελέγχω (eu repudio) e seu sufixo -μος denota ação progressiva.

---

51. C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 39.

52. Veja G. D. Kilpatrick, "Act 19.27 *apelegmon*", *JTS* n.s. 10 (1959): 327.

O presente infinitivo μέλλειν dá o presente médio infinitivo χαθαιρεῖσθαι uma conotação de futuro: "todo o mundo sofrerá com a perda de sua magnificência".

b. *Tumulto*

19.28-31

Demétrio obteve sucesso em convencer sua audiência do efeito nocivo que o Cristianismo teria sobre suas rendas. E ele provocou os sentimentos religiosos de seus ouvintes, de modo que eles começaram a proclamar a grandeza de Ártemis.

28. Quando ouviram isso, os artesãos ficaram zangados e começaram a gritar, "Grande é a Diana dos efésios!"

O texto ocidental acrescenta uma nota interessante a esse texto: "eles correram para a rua". Se essa versão for verdadeira nós podemos imaginar Demétrio numa sala habilmente insuflando a multidão. Os artífices ficaram irados com as forças que os ameaçavam e correram para as ruas à procura de seu adversário.[53] As pessoas rodavam pela cidade e continuavam a gritar "Grande é Diana dos efésios". O dito em si harmoniza-se com motos semelhantes dos tempos primitivos.[54] A multidão entrou em delírio; como Lucas relata, eles gritaram o *slogan* por duas horas (v. 34).

29. A cidade inteira ficou cheia de confusão. Todos juntos correram para o teatro, depois de haverem agarrado Gaio e Aristarco, os macedônios que eram os companheiros de viagem de Paulo.

Os habitantes de Éfeso ouviram os gritos repetidos sobre a grandeza da Ártemis dos efésios mas não sabiam exatamente o motivo pelo qual a turba havia se formado. Lucas usa a palavra *confusão* duas vezes nesse relato (aqui e no versículo 32: "a assembléia caíra em confusão. E na sua maior parte, nem sabiam por que motivo estavam reunidos".).

A multidão convergiu para o teatro ao ar livre, no centro da cidade. A aparência era de uma turba. Imaginamos que os artífices tentaram

53. F. Sokolowski ("A New Testimony on the Cult of Artemmis of Ephesus", *HTR* 58 [1965]: 427-31) detalha um incidente no qual 45 pessoas de Sardes foram mortas. A raiva expressa nesse incidente e pela multidão de Éfeso é semelhante.

54. Xenofonte Ephesius 1.11.15.

capturar Paulo, mas como foram incapazes de encontrá-lo, eles agarraram seus companheiros de viagem, Gaio e Aristarco. Os nomes desses dois homens eram romano e grego, respectivamente, e Lucas revela que eles eram originários da Macedônia. Ele não fornece informação sobre quando esses dois homens tinham acompanhado Paulo e por quanto tempo eles tinham estado em Éfeso. Nós sabemos que Aristarco, que fez sua casa em Tessalônica, mais tarde acompanhou Paulo a Trôade (20.4) e na sua viagem a Roma (27.2). Paulo menciona Aristarco como um cooperador (Fm 24) e prisioneiro (Cl 4.10). O nome *Gaio* era comum, pois ele aparece muitas vezes no Novo Testamento (20.4; Rm 16.23; 1Co 1.14; 3Jo 1). Lucas afirma que este Gaio era macedônio, enquanto o Gaio que escoltou Paulo para Jerusalém, residia em Derbe (20.4). Nós supomos que Gaio e Aristarco fossem cristãos gentios. Se esse for o caso, então a multidão atacava não só os judeus, mas também os gentios que estavam visitando Éfeso.

A frase *todos juntos correram* também ocorre no relato da morte de Estevão (7.57). Nós imaginamos que a intenção da multidão de Éfeso era semelhante àquela dos integrantes do Sinédrio em Jerusalém. Em resumo, a vida de Gaio e a de Aristarco em particular, e dos cristãos em geral, estavam em perigo.

30. Os discípulos não permitiram que Paulo aparecesse perante a multidão, embora ele quisesse fazer isso.

Os seguidores de Paulo se deram conta do perigo de vida que ele corria. Por essa razão fizeram todo o esforço possível para impedi-lo de se apresentar diante do populacho. De qualquer maneira Paulo queria defender a causa de Jesus Cristo da religião pagã de Ártemis. Não devemos entender mal o propósito de Paulo. Ele se considerava um embaixador de Jesus Cristo, achou que Gaio e Aristarco precisavam de ajuda, e queria refutar as acusações feitas por Demétrio.

Os discípulos de Paulo sabiam que os artífices queriam capturar Paulo e que o populacho o atacaria. Esses discípulos sabiam que Paulo havia sobrevivido a um apedrejamento em Listra, uma surra em Filipos, mas eles usaram o bom senso e não permitiram que ele se tornasse um mártir. Lucas usa o termo *discípulo* num sentido geral, então não devemos necessariamente pensar em termos de alunos como na escola de Tirano, ou dos doze homens que tinham recebido o batismo de João (vs. 1,9).

31. Até mesmo alguns dos representantes da província da Ásia, que eram amigos de Paulo, mandaram uma mensagem a ele advertindo-o a que não se aventurasse a ir ao teatro.

Lucas parece indicar que Paulo não foi facilmente dissuadido da idéia de ir ao teatro. Ele sugere que os discípulos de Paulo não se fiaram no seu poder, físico ou mental, para fazer Paulo ceder à sabedoria do grupo. Eles buscaram auxílio dos oficiais governamentais da província. Lucas relata que alguns desses deputados de alto escalão, ou asiarcas, eram amigos de Paulo. Esses homens tinham poder legal para proteger Paulo e continuavam a lhe rogar que não chegasse perto do teatro.

Quem eram esses representantes provinciais? O título *asiarca* (veja NASB, NAB, BJ, RSV) significa "representante da assembléia provincial da Ásia". Alguns estudiosos asseveram que eles eram também sumo sacerdotes. Mas isso pode não ser verdade para todos os asiarcas, porque os dois títulos sumo sacerdote e asiarca eram "algumas vezes diferenciados".[55] Esses asiarcas pertenciam a uma classe abastada da sociedade e eram "delegados de cidades individuais para o conselho provincial (*Commune Asiae*) que regulava o culto de Roma e do imperador. Eles estavam provavelmente reunidos em Éfeso, dentre outros lugares, para presidir sobre jogos públicos e rituais religiosos no festival, em honra dos deuses e do imperador".[56] Na verdade, nós temos dificuldade em explicar como algumas dessas pessoas influentes, como autoridades em algumas matérias civis e religiosas e como representantes do imperador romano, poderiam ter sido amigas de Paulo. Eles talvez fizessem objeção aos motivos pelos quais os artífices tinham instigado a revolta, e proclamado uma reunião ilegal num teatro (veja v. 40). Dessa maneira, eles favoreciam Paulo e rogaram a ele para não aparecer perante a turba. Esse é outro caso em que os oficiais romanos se posicionaram de modo favorável à fé cristã.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 19.30,31

βουλομένου – a construção absoluta do genitivo figura como parti-

---

55. Bauer, p. 116. A. N. Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law in the New Testament* (1963; reedição, Grand Rapids: Baker, 1968), p. 90. E veja Lily Ross Taylor, "The Asiarchs", *Beginnings*, vol. 5, pp. 256-62.

56. Morris O. Evans, "Asiarch", *ISBE*, vol. 1, p.329.

cípio no tempo presente para enfatizar uma ação continuada. O uso do verbo βούλομαι expressa intenção e propósito.

Os verbos εἴων e παρεκάλουν estão no tempo imperfeito para mostrar efeito repetido e continuado.

ὄντες – este particípio presente de εἰμί pode ter uma conotação causal. Porque eles eram amigos de Paulo, eles lhe rogaram que não fosse ao teatro.

δοῦναι ἑαυτόν – o significado do verbo *dar* neste caso é equivalente ao verbo τίθεναι (colocar, pôr). Os amigos de Paulo tentaram persuadi-lo a não se colocar em perigo.

---

c. *Confusão*

19.32-34

32. Então algumas pessoas gritavam de uma forma ou de outra, pois a assembléia estava em confusão. E, em sua maioria, as pessoas nem sabiam por que motivo estavam reunidas ali.

Ao descrever o incidente Lucas parece ter dificuldade em suprimir as emoções. Uma multidão enfurecida gritando uma coisa depois de outra, e o caos caracteriza a cena. Ele relata que o povo tinha convergido para o teatro, mas ninguém ali parecia saber qual a razão da assembléia. No grego, a palavra *ekklēsia* (assembléia), é usada para a reunião no teatro. Nos outros lugares nas Escrituras essa palavra significa "igreja" e dá a conotação de ordem e paz (comparar com 1Co 14.28,33 em seu contexto). Mas aqui a conotação é de desordem e confusão.

33. Alguns de entre a multidão aconselharam a Alexandre que falasse, porque os judeus o impeliram para a frente. Alexandre fez sinal com a mão e quis fazer uma defesa perante a assembléia. 34. Mas quando eles perceberam que ele era judeu, por cerca de duas horas gritaram em uníssono: "Grande é Ártemis dos efésios!"

O grego no início do versículo 33 é ambíguo, pois ele pode significar tanto que algumas pessoas na multidão pediram Alexandre para falar como que elas o encontraram na multidão. Tendo em vista o interesse que os judeus tinham nesse assunto eu prefiro a primeira escolha, e interpreto as palavras *alguns da multidão* como incluindo os judeus.

Alguns judeus da multidão encontraram Alexandre, levaram-no para

frente e lhe pediram que falasse à multidão. Aparentemente essa pessoa em particular era conhecida como um orador eloqüente. Pelos judeus, e presumivelmente por Demétrio e pelos artífices, ele é informado sobre a causa da reunião. Nós imaginamos que os judeus queriam ficar isentos de qualquer culpa quanto à oposição ao culto de Ártemis. Ao mesmo tempo eles queriam colocar Paulo e seus seguidores em má situação (comparar com v. 9). Por essa razão Alexandre estava por começar a falar em favor dos judeus. A conclusão é que esse homem, um judeu, estava associado com os artífices.

Não temos condição de saber se Alexandre, o latoeiro (2Tm 4.14) era a mesma pessoa que esse orador em Éfeso ou o outro que segundo Paulo, naufragou na sua fé (1Tm 1.19,20).[57] Visto que o nome *Alexandre* era comum no mundo antigo, eu julgo que essas eram três pessoas diferentes.

Alexandre acena com a mão para a multidão e então pede ao povo para fazer silêncio para que ele possa falar (veja 12.17; 13.16; 21.40). Ele tem a intenção de absolver os judeus de qualquer acusação de que eles possam ter mostrado desrespeito por Ártemis. Assim que Alexandre começa a falar e menciona a palavra *judeu*, a multidão começa a gritar, "Grande é Ártemis dos efésios". O povo não vê diferença entre a religião dos judeus na sinagoga local e a fé cristã nas igrejas nas casas. Mas tanto os judeus quanto os cristãos se recusam a adorar a deusa Ártemis e portanto estão em desacordo com a população em geral de Éfeso, e a província da Ásia. Por duas horas o povo deu vazão aos seus sentimentos religiosos e gritaram seu coro de uma linha que proclamava a grandeza de Ártemis. O espírito de turba fornece o entusiasmo necessário para um canto tão demorado. Como Alexandre foi impedido de falar, ele sabiamente se mistura à multidão e desaparece. Mas Gaio e Aristarco permanecem cativos de Demétrio e de seus companheiros de ofício (veja vs. 37,38).

57. Consultar William Hendriksen, *Exposition of the Pastoral Epistles*, série New Testament Commentary (Grand Rapids: Baker, 1957), pp. 86-87, 323-25.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 19.32-34

Versículo 32

ἄλλοι ... ἄλλο – esta é uma expressão clássica que significa "uma coisa, [e] *uma* outra".[58]

οἱ πλείους – o adjetivo masculino é uma contração de πλειόνες e neste caso significa "a maioria".

Lucas usa dois verbos no tempo mais-que-perfeito: ᾔδεισαν (de οἶδα, eu sei) e o composto συνεληλύθεισαν (de συνέρχομαι, eu reuno). O mais-que-perfeito de οἶδα na verdade dá idéia de significado do tempo imperfeito.

Versículo 33

ἐκ δὲ τοῦ ὄχλου – "alguns da multidão". Entretanto o particípio ativo aoristo na construção do genitivo προβαλόντων (de προβάλλω, Eu empurro para a frente) tem um sentido casual: "porque eles o impeliram para frente" (compare-se NASB, GNB, MLB).

Portanto, o particípio influencia o sujeito do verbo principal συνεβί βασαν (eles instruíram, aconselharam).

Versículo 34

ἐπιγνόντες – o particípio nominativo aoristo precisa de um verbo principal nesta sentença. Nesta sentença de sintaxe difícil, Lucas está tentando dizer: " Todo o povo gritou a uma só voz". O verbo *gritar* dado aqui como o particípio presente κραζόντων, serve como verbo principal. O caso genitivo do particípio é controlado pela preposição ἐκ (para).

d. *O discurso*

1.35-41

35. O escrivão da cidade apaziguou a multidão e disse: "Homens de Éfeso, quem não sabe que a cidade de Éfeso é a guardiã do templo da grande Ártemis e da imagem que caiu do céu? 36. Portanto, desde que essas coisas são inegáveis, vocês devem ficar calmos e não fazer nada com precipitação.

58. Robertson, *Grammar*, p. 747 (itálicos adicionados).

a. "O escrivão da cidade apaziguou a multidão." Demétrio tinha perdido o controle do movimento que ele próprio tinha começado. Alexandre é impedido de falar, e a multidão continua a gritar o *slogan* religioso. Ninguém é capaz de mudar a situação até que finalmente o escrivão da cidade se põe de pé perante o povo e lhes dirige a palavra.

O escrivão da cidade em Éfeso era um oficial cuja posição pode ser comparada com a de um prefeito de uma cidade moderna.[59] Ele servia como intermediário entre o governo de Roma e o conselho municipal de Éfeso. Esse homem tinha autoridade e o povo o respeitava. Quando ele acenou com a mão, o povo se acalmou e prontificou-se a ouvir.

b. "Quem não sabe que a cidade de Éfeso é a guardiã do templo da grande Ártemis?" O escrivão da cidade conhecia seu povo e começa a lhes dirigir a palavra chamando-os de "homens de Éfeso". Depois então ele continua afirmando uma verdade óbvia que ele habilmente coloca sob a forma de pergunta retórica. Com essa pergunta (para a qual ele espera uma resposta negativa) ele habilmente passa por cima da questão levantada por Demétrio e seus companheiros de ofício. O escrivão da cidade pergunta se alguém não sabe que Éfeso é a cidade guardiã do templo da grande deusa Ártemis. A resposta é não.

O honorífico título de *guardiã do templo* era geralmente dado a cidades que tinham construído e mantinham templos para o imperador romano. No caso de Éfeso, a honra se relacionava com a deusa Ártemis,[60] pois a cidade era a guardiã da "imagem que caiu de céu". Essa imagem provavelmente era um meteorito que tinha a aparência de um ícone (veja n. 45).

c. "Portanto, desde que essas coisas são inegáveis, os senhores devem ficar calmos e não fazer nada com precipitação." O escrivão da cidade afirma esses fatos como evidência inquestionável e depois rapidamente convida os cidadãos para mostrar dignidade e autodecoro.

59. Em sua tradução do Novo Testamento, Martinho Lutero traduziu o termo grego *grammateus* (escrivão da cidade) como *Kanzler* (chanceler), que é equivalente a um secretário ou ministro de um governo. Consultar Theodor Zahn, *Die Apostelgeschichte des Lucas*, série Kommentar zum Neuen Testament, 2 vols. (Leipzig: Deichert, 1921), vol. 2, p. 697 n. 26.

60. Bauer, p. 537, Sherwin-White nota que o título *neokoros* (guardião do templo) "aparece nas moedas civis de Éfeso, do tempo de Trajano, embora uma geração mais tarde do que as moedas provinciais". *Roman Society and Roman Law*, pp. 88-89.

Por ter começado uma revolta em Éfeso o povo exibia uma conduta que era o "reverso do padrão de um cavalheiro grego".[61] Com palavras bem escolhidas ele os desafia a voltarem para a razão e a usar o bom senso.

37. "Pois vocês trouxeram esses homens aqui, embora eles não tenham roubado templos nem blasfemado contra a nossa deusa."

Durante toda essa provação ambos, Gaio e Aristarco, haviam ficado cativos dos artífices. Nós imaginamos que o escrivão da cidade conhecia esses homens, sabia que não havia nenhuma acusação na corte civil contra eles, e entendeu que Demétrio havia provocado a revolta. De maneira coerente, o escrivão da cidade argumenta que devem liberar os cativos, pois não havia evidências contra eles. Eles não eram ladrões de templos, nem blasfemos. Como estrangeiros na dispersão os judeus observavam esta lei: "Não blasfemem contra os deuses que outras cidades reverenciam, não roubem os templos estrangeiros, nem tome tesouro que tenha sido dedicado ao nome de nenhum deus".[62] Mesmo se Gaio e Aristarco fossem gentios, não judeus, eles não haviam roubado o tesouro do templo de Éfeso, e nem haviam blasfemado contra Ártemis.

O escrivão da cidade deixa de lado o fato de os ensinamentos judeus e cristãos exaltarem o Deus vivo e são contra os ídolos sem vida. Um hábil estadista, ele ignora as inconsistências evidentes no interesse da paz e da ordem.[63] Entretanto, se Demétrio desejar questionar sua observação, o escrivão tem uma recomendação para ele e seus homens.

38. "Se, então, Demétrio e os artífices que o acompanham têm alguma queixa contra alguém, há audiências e os procônsules estão à disposição. Que se acusem uns aos outros. 39. Mas se há algo mais que vocês queiram saber, isso deve ser colocado numa assembléia regular."

Em frente de todo o povo, o escrivão diz a Demétrio e aos artífices como proceder no caso de terem alguma reclamação contra Gaio e Aristarco. Que humilhação para os membros do conselho da associa-

61. Rackham, *Acts*, p. 369.
62. Josefo *Antiquities* 4.8.10 [207] (LCL); *Against Apion* 2.33 [237].
63. Consultar Grosheide, *Handelingen der Apostelen*, vol. 2, p. 222.

ção de artífices! Todos sabem que processos civis deviam ser levados aos magistrados quando os tribunais estavam em sessão. Demétrio, em primeiro lugar, perde o controle sobre a multidão; segundo, ele perde a moral quando lhe é dito que vá aos tribunais e veja os procônsules.[64]

Tanto o tribunal civil como o imperial são lugares onde as disputas eram resolvidas na presença dos conselheiros da cidade, magistrados ou procônsules. Em resumo, o escrivão da cidade dá à sua audiência uma diretiva geral: "Que os acusadores e réus vão aos nossos tribunais, onde eles podem processar em assembléias legais". O escrivão usa os termos técnicos, "processar" e "assembléia legal". Sendo um homem da lei e ordem, ele enfatiza que os processos devem ser instaurados perante um tribunal legalmente constituído que se reúne nas datas marcadas.[65] Por implicação, ele dá a entender que esse ajuntamento não tem qualquer aparência de legalidade.

40. "Porque na verdade estamos nos arriscando a ser acusados de amotinadores a respeito dos acontecimentos de hoje. E não há razão para isso, porque seremos incapazes de fornecer um motivo para esse tumulto."

Nesse último versículo, o escrivão é explícito quando alerta sua audiência para o risco que corriam. Se as autoridades romanas investigassem os acontecimentos do dia, eles considerariam os efésios culpados de desordem. Note-se a ironia do episódio. Demétrio diz aos mem-

64. O termo *procônsul* se encaixa no contexto porque o procônsul romano residia na capital da província para a qual ele era designado. Éfeso, a capital da província da Ásia, tinha um procônsul. O uso do plural nesse caso talvez se refira aos procônsules como uma classe.

Outra explicação para o uso do plural é que logo depois de Nero se tornar imperador (outubro de 54 d.C.), sua mãe, Agripina, tramou a morte de Marcus Junius Silanus, o procônsul da Ásia. Ela deu ordens a dois romanos, um cavaleiro e o outro um liberto, para envenenar o procônsul. Os dois oficiais, que eram protegidos por Agripina, funcionavam como fiscais das receitas públicas imperiais na Ásia (Tácito *Annals* 13.1; Dio Cassius *History* 61.6.4-5). Alguns estudiosos assumem que esses homens assumiram temporariamente a função de procônsul e daí Lucas usar a palavra no plural numa alusão a esses dois oficiais. (Consultar E. M. Blaiklock, *Cities of the New Testament* [Westwood, N. J.: Revell, 1965]. p. 65; Rackham, *Acts*, p. 369; Hemer, *Book of Acts*, pp. 123, 169. Mas Bruce considera essa sugestão "improvável" (*Book of the Acts*, p. 379.). Entretanto, por causa da informação insuficiente, qualquer conclusão a respeito desse assunto nada mais será que uma hipótese.

65. Consultar Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 251.

bros da associação do perigo de verem seu negócio declinar, com isso encorajando o povo a se rebelar; o escrivão da cidade diz aos efésios que eles corriam o risco de serem responsabilizados por terem começado um motim.

Quais eram os riscos que os efésios enfrentavam? O escrivão não os enumera, mas nós especulamos que eles diziam respeito a perder os privilégios que os romanos tinham dado à cidade. A total responsabilidade pela revolta seria da população geral de Éfeso, e não da igreja cristã, representada por Gaio e Aristarco. O escrivão da cidade aponta a situação complicada na qual se encontram. Ele diz que não havia razão válida para se reunirem no teatro, e ninguém poderia justificar o tumulto. (o forte termo *tumulto* em grego tem o sentido adicional de "conspiração")

41. E, havendo dito isso, ele dissolveu a assembléia.

Possivelmente a ausência de um procônsul apontado em Éfeso (vejase n. 64) possa explicar o motivo pelo qual as autoridades romanas falharam em suprimir uma revolta que durou por algumas horas. O escrivão alerta o povo para as possíveis conseqüências e então diz as palavras apropriadas para encerrar uma audiência.

Considerações Doutrinárias em 19.35-41

a. Embora nem Gaio, Aristarco, ou Paulo tenham tomado participação ativa na revolta, o efeito sobre eles e a igreja local foi evidente. Na sua segunda carta à igreja de Corinto, Paulo faz alusão as provações que ele e seus companheiros tiveram de suportar na província da Ásia e fala mesmo de ter recebido a sentença de morte (2Co 1.8,9). Porém mesmo na hora mais escura quando toda a cidade estava em polvorosa, Deus julgou a favor de seu povo por intermédio do escrivão da cidade. A causa de Cristo continuou a avançar de forma que a igreja de Éfeso cresceu em força, tamanho e estatura.

b. Quando Paulo deixou a congregação efésia para ir para a Macedônia (20.1), os anciãos da igreja exerceram liderança e cuidou dos membros como os pastores vigiam o bem-estar suas ovelhas (20.28). Além do mais, a igreja demonstrou unidade e harmonia pela quebra do muro de separação entre os crentes judeus e gentios (Ef 2.14-16).

c. A igreja de Éfeso, se tornou uma igreja evangelista que desde o

início era consumida por um amor ao Senhor (Ap 2.2,3).[66] Ela espalhou o evangelho por toda província da Ásia e se tornou líder entre as igrejas nessa região. Ela foi a destinatária da Epístola circular de Paulo aos Efésios.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 19.35-41

Versículo 35

νεωκόρον – "guardião do templo". A palavra literalmente tem a conotação de "varredor do templo", pois é uma combinação de ναός (templo) e κορέω (eu varro). Refere-se a alguém que é o encarregado.

τοῦ διοπετοῦς – do verbo πίπτω (eu caio) e διός (dos deuses), este termo precisa do substantivo adicional ἄγαλμα (imagem) para que o pensamento fique completo.[67]

Versículo 36,37

ἀναντιρρήτων – este adjetivo verbal tem uma conotação passiva, e com o presente particípio ὄντων forma a construção do genitivo absoluto que expressa causa: "porque não pode ser contraditado".

βλασφημοῦντας – o presente particípio ativo nesta composição denotas concessão: "nem blasfemam".

Versículo 38

εἰ – esta partícula ("se") com o presente do indicativo significa uma condição de fato, isto é, Demétrio e seus homens têm uma queixa.

ἀγοραῖοι – com o substantivo fornecido ἡμέραι (dias) ou σύνοδοι (assembléias), a expressão significa, "dias de mercado" ou "assembléias realizadas durante os dias de mercado".

Versículo 40

Aqui tem um relatório comprimido numa só sentença. Mas essa sentença "se tornou obscura por tentar dizer uma grande quantidade de coi-

---

66. Veja Everett F. Harrison, *The Apostolic Church* (Grand Rapids: Eerdmans, 1985), p. 215.

67. Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. por Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), nº 241.7; Thayer, p. 152.

sas com poucas palavras".[68] Por causa da densidade da estrutura da sentença os problemas textuais são substanciais.

στάσεως – "motim". Será o caso genitivo dependente do verbo precedente *ser acusado de* ou da preposição περί (concernente?) Se for considerado junto com o verbo, significa "sermos acusados de sedição hoje" (RSV). Mas se for interpretado com a preposição, ele significa ser "chamado para depor sobre a confusão de hoje" (NKJV). Ambas as versões são complicadas. Os tradutores em geral acrescentam um substantivo, aqui em itálico, para completar a frase preposicionada: "a respeito do *acontecimento* de hoje".[69]

Sumário do Capítulo 19

Paulo chega a Éfeso encontra doze discípulos que haviam sido batizados com o batismo de João. Ele lhes diz que creiam em Jesus, batiza-os no nome de Jesus, e impõe as mãos sobre eles. Eles recebem o Espírito Santo, falam em línguas e profetizam.

Por três meses Paulo ensina na sinagoga local, mas quando enfrenta oposição de alguns judeus, ele sai. Por dois anos ele ensina seus discípulos na escola de Tirano. Deus realiza milagres por intermédio de Paulo. Os lenços e aventais de Paulo são usados para curar os doentes.

Os filhos de Ceva, um sumo sacerdote judeu, tenta expulsar demônios no nome de Jesus. O demônio se apodera deles e lhes dá uma forte surra, tanto que eles fogem nus e sangrando daquela casa. Muitas pessoas crêem em Jesus, confessam seus pecados, queimam seus livros de feitiçaria, que são avaliados em cinqüenta mil moedas de prata.

Paulo planeja deixar Éfeso, viajar através da Macedônia e Acaia, e ir a Jerusalém. Antes de Paulo sair de Éfeso, o artífice Demétrio convoca a associação de artífices e outros trabalhadores, fabricantes e vendedores de santuários de prata. Ele apela para os interesses econômicos e religiosos de sua audiência e denuncia Paulo e os cristãos por dizerem que ídolos feitos por homens não são deuses. Ocorre um tu-

68. William M. Ramsay, *Pauline and Other Studies in Early Christian History*, Limited Editions Library (1906; reedição, Grand Rapids: Baker, 1970), p. 213.

69. Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 230.

multo. Gaio e Aristarco são presos e levados ao teatro, mas os amigos de Paulo o impedem de ir para lá. Alexandre tenta falar à multidão, mas por ser judeu, é silenciado pelos gritos do povo: “Grande é Ártemis dos efésios”. O escrivão da cidade acalma a multidão e os admoesta e alerta para as conseqüências que poderiam vir a resultar deste levante. Ele então despede a multidão.

20

A Terceira Viagem Missionária

Parte 3

20.1-38

ESBOÇO (continuação)

20.1 – 21.16	C. Para Jerusalém
20.1-6	1. Através da Macedônia
20.7-12	2. Em Trôade
20.13-38	3. Em Mileto
20.13-16	a. Viagens
20.17-21	b. Declaração
20.22-24	c. Testemunho
20.25-31	d. Alerta
20.32-35	e. Compromisso
20.36-38	f. Partida

Capítulo 20

ATOS 20.1-6

20 1. Depois que o tumulto terminou, Paulo mandou chamar os discípulos e
os confortou. Despediu-se e partiu para a Macedônia. 2. Ele passou por
aquelas áreas, encorajou os crentes com muitas palavras e chegou à Grécia, 3.
onde ficou por três meses. Quando os judeus conspiraram contra ele quando esta-
va para embarcar rumo à Síria, determinou voltar pela Macedônia. 4. Ele foi acom-
panhado por Sópatro, de Beréia, filho de Pirro, Aristarco e Secundo, de Tessalôni-
ca, Gaio, de Derbe, e Timóteo, Tíquico e Trófimo, da província da Ásia. 5. Esses
homens foram adiante de nós e nos esperaram em Trôade. 6. Depois da festa dos
pães asmos, navegamos de Filipos e, depois de cinco dias, nos encontramos com
eles em Trôade, onde passamos uma semana.

C. Para Jerusalém

20.1 – 21.16

1. *Através da Macedônia*

20.1-6

Paulo já tinha decidido partir de Éfeso, visitar as igrejas da Macedônia e Acaia, e viajar para Jerusalém. Por própria conta decidiu (1Co 16.8) ficar em Éfeso até o Pentecostes, o que deve ter sido por volta de maio de 55 d.C. As visitas e viagens parecem ter ocupado um período bastante extenso; não se sabe quanto tempo Paulo ministrou aos crentes das igrejas de Filipos, Tessalônica e Beréia.

Na Macedônia, Paulo esperou por Tito para informá-lo sobre a situação da igreja de Corinto (2Co 2.13; 7.6,13), mais uma vez enviou Tito a Corinto (2Co 8.6,16,17), e escreveu sua segunda epístola aos coríntios. Depois, ele viajou para Corinto onde passou três meses (20.3), talvez os meses do inverno (1Co 16.6) de 56-57 d.C. Em Corinto, ele

escreveu a carta aos romanos, recolheu os donativos financeiros para os santos em dificuldades em Jerusalém (Rm 15.26; 1Co 16.2,3; 2Co 8.2-4), viajou de volta pela Macedônia e, depois da Páscoa, navegou de Filipos para Trôade (20.6). Ele pretendia estar em Jerusalém antes do Pentecostes (20.16).

1. Depois que o tumulto terminou, Paulo mandou chamar os discípulos e os confortou. Despediu-se e partiu para a Macedônia.

O pronunciamento do escrivão da cidade de Éfeso pôs fim ao tumulto no teatro (19.35-41). As pessoas voltaram às suas respectivas casas e ocupações. Mas Paulo se deu conta de que seus dias em Éfeso estavam contados, muito embora ele já antes tivesse decidido partir (19.21).

Paulo passou um tempo com seus discípulos, ou seja, com os crentes e os alunos do curso que ele dera na escola de Tirano (19.9). Ele não os veria novamente por muitos anos. Eles teriam de enfrentar sozinhos os tempos de perseguição e dificuldades (Ap 2.3), e precisavam do encorajamento de Paulo.

Depois de se despedir dos crentes em Éfeso, Paulo viajou para a Macedônia. De uma outra fonte nós descobrimos que ele foi primeiro a Trôade (2Co 2.12). Ele tinha estado nessa cidade portuária anteriormente, mas não havia pregado o evangelho ali (16.8). No entanto, o Senhor tinha feito prosperar seu trabalho de pregação do evangelho de Cristo, pois sabemos que havia uma igreja em Trôade. Aqui Paulo esperou em vão para que Tito viesse de Corinto trazendo notícias sobre os conflitos nessa congregação. Por fim, ele comprou passagem no navio que o levou à Macedônia. Talvez Paulo padecesse de alguma enfermidade ou uma depressão mental (2Co 4.7-12).[1] A informação sobre isso é escassa; tanto Lucas quanto Paulo, em seus respectivos escritos, se furtam a esclarecer as aflições de Paulo. Este relata que quando viajou pela Macedônia seu corpo não teve qualquer alívio (2Co 7.5).

2. Ele passou por aquelas áreas, encorajou os crentes com mui-

1. Philip Edgcumbe Hughes fornece uma lista de interpretações relacionadas com as enfermidades físicas e aflições mentais de Paulo. *Paul's Second Epistle to the Corinthians: The English Text with Introduction, Exposition and Notes*, série New International. Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1962), pp. 17-18.

tas palavras e chegou à Grécia, 3. onde ficou por três meses. Quando os judeus conspiraram contra ele quando estava para embarcar rumo à Síria, determinou voltar pela Macedônia.

a. "Ele passou por aquelas áreas." Nesses versículos específicos Lucas apresenta seu relato mais curto das viagens de Paulo. Não somos informados sobre os lugares em que Paulo esteve na Macedônia, e por quanto tempo ficou. Alguns comentaristas pensam que Paulo teria viajado para o nordeste e pregado no Ilírico, ou seja, na moderna Iugoslávia ("de maneira que, desde Jerusalém e circunvizinhanças até o Ilírico, tenho divulgado o evangelho de Cristo"[Rm 15.19]). Embora essa interpretação seja aceitável, o texto pode também significar que Paulo foi até a fronteira do Ilírico.[2] Em Atos, Lucas meramente diz que Paulo havia "passado por aquelas áreas." Se ele quis dizer que Paulo foi além da fronteira da província da Macedônia não se pode determinar. Anos mais tarde, Paulo enviou Tito para a Dalmácia (2Tm 4.10), que é a porção meridional do Ilírico.

b. "[Ele] encorajou os crentes com muitas palavras." Lucas usa o verbo *encorajar* repetidas vezes para mostrar que onde quer que Paulo encontrasse crentes, ele dizia palavras de encorajamento (14.22; 15.32; 16.40). Paulo era o pai espiritual dos crentes no mundo gentio e ele se dirigia a eles como seus filhos espirituais (1Co 4.14; Gl 4.19; 1Ts 2.7, 11). A primeira viagem de pregação de Paulo na Macedônia tinha sido relativamente breve, mas durante sua segunda visita, ele permaneceu por um período maior.

c. "[Ele] chegou à Grécia." Para indicar que um tempo considerável havia se passado durante as viagens de Paulo na Macedônia, pelo menos duas traduções acrescentam a palavra *finalmente* a esta cláusula: "Finalmente [Paulo] chegou à Grécia" (NJV, NAB). Na Macedônia, Paulo pode bordejado a costa ocidental e depois visitado Nicópolis, um porto no oeste da Grécia (Tt 3.12). Quando ele finalmente chegou à Grécia , passou três meses em Corinto.

d. "Quando os judeus conspiraram contra ele, quando estava para embarcar rumo à Síria, determinou voltar pela Macedônia." Os judeus

2. Por exemplo, Everett F. Harrison, *Interpreting Acts: The Expanding Church*, 2ª. ed. (Grand Rapids Zondervan, Academie Books, 1986), p. 326.

em Corinto não tinham se esquecido de Paulo, que tinha convertido dois de seus líderes da sinagoga (Crispo e Sóstenes), e tinha fundado uma igreja ao lado de sua sinagoga (18.7,8,17; 1Co 1.1,14). Eles ainda se lembravam da humilhação de terem perdido um caso no tribunal quando Gálio era procônsul (18.12-17). Então, traçaram um plano para atacar Paulo.[3] Ele ficou sabendo de suas más intenções e mudou seus planos de tomar um navio para Síria e viajou a pé para a Macedônia.

Paulo não estava só em Corinto. Ele havia enviado Timóteo e Erasto de Éfeso para a Acaia (19.22); à caminho da Síria, alguns de seus seguidores da Macedônia e Ásia Menor, incluindo Lucas, eram companheiros de viagem de Paulo.

O texto ocidental acrescenta detalhes interessantes, dados em itálico, sobre a permanência de Paulo em Corinto e sua viagem subseqüente:

> E depois que ele tinha passado três meses ali, e quando uma conspiração contra ele foi feita por parte dos judeus, ele *quis* ir para a Síria, *mas o Espírito lhe disse* que voltasse pela Macedônia. *Portanto quando ele estava para sair*, Sópatro de Beréia, o filho de Pirro, e o tessalonicenses Aristarco e Secundo, e Gaio de *Douberios*, e Timóteo, foram com ele *até a Ásia*; mas os *efésios Êutico* e Trófimo...."[4]

Paulo abandonou seu plano de navegar para o porto coríntio de Cencréia. Nós assumimos que os compatriotas judeus que queriam eliminar Paulo também tinham reservado passagem para Jerusalém. Eles poderiam facilmente arranjar um jeito para que ele se afogasse durante a viagem.[5]

4. Ele foi acompanhado por Sópatro, de Beréia, filho de Pirro, Aristarco e Secundo, de Tessalônica, Gaio, de Derbe, e Timóteo, Tíquico e Trófimo, da província da Ásia.

Paulo não tinha mais como chegar a Jerusalém antes da Páscoa e por isso planejou chegar lá para a festa de Pentecostes (v. 16). As igrejas macedônias lhe entregaram donativos financeiros para levar aos

3. Veja 9.23,24; 14.5; 20.19; 23.12,15,30; 25.3; 2 Coríntios 11.26 para referências a outras tramas.

4. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 474.

5. Consultar William M. Ramsay, *St. Paul the Traveller and the Roman Citizen* (1897; reedição, Grand Rapids: Baker, 1962), p. 287.

membros da igreja em Jerusalém (2Co 8.2,3). Além do mais, representantes de algumas igrejas acompanharam Paulo. Embora Lucas não mencione representantes das congregações coríntia e filipense, ele próprio pode ter representado Filipos. (Durante a segunda viagem missionária de Paulo, Lucas parece ter permanecido em Filipos). Ou talvez Lucas tenha ido para Corinto com Tito (2Co 8.18,19). Base para essa sugestão pode ser inferida do uso de pronomes por Lucas: no versículo 4 ele não usa "nós" e "nos", mas o faz no versículo 5, dessa maneira indicando sua participação nos acontecimentos registrados. (Incidentalmente, as seções "nós" em Atos são 16.10-17; 20.5-15; 21.1-18; 27.1–28.16.) Ao longo de todo o livro de Atos Lucas não menciona seu próprio nome nem se refere ao de Tito; novamente pode-se deduzir que os dois foram encarregados de levar as ofertas das igrejas para os santos em Jerusalém.

Dentre os companheiros de viagem de Paulo estava Sópatro, que é identificado como sendo filho de Pirro e natural da Beréia. Noutros lugares Paulo menciona Sosípatro que pode ser uma outra grafia de Sópatro (Rm 16.21).

Os dois companheiros de Aristarco e Secundo eram de Tessalônica. Lucas menciona Aristarco em dois outros lugares (19.29; 27.2) para indicar a estreita relação que ele tinha com Paulo. As epístolas de Paulo falam dessa intimidade (Cl 4.10; Fm 1.24).O nome *Secundo* ocorre apenas uma vez no Novo Testamento. Deriva do latim "segundo", assim como Tércio significa "terceiro" (Rm 16.22) e "Quarto", quarto (Rm 16.23).

Lucas em seguida menciona Gaio, de Derbe. O texto ocidental fornece a residência de Gaio como sendo Doubérios, que é uma cidade próximo a Filipos. Albert C. Clark adota essa interpretação e assim identifica Gaio como sendo macedônio.[6] Entretanto, a prova para isso é insuficiente, e além de que a seqüência lógica de Lucas requer que se leia como sendo *Derbe*. Os companheiros de viagem de Paulo eram, um de Beréia, dois de Tessalônica, dois de Derbe e Listra, e dois da província da Ásia.[7] Gaio de Derbe não é o mesmo que foi preso em

6. Albert C. Clark, *The Acts of the Apostles; A Critical Edition with Introduction and Notes on Selected Passages* (1933; Oxford: Clarendon, 1970), pp. xlix-1,374-75.

7. Veja Ernst Haenchen, *The Acts of Apostles: A Commentary*, trad. por Bernard Noble e Gerald Shinn (Filadélfia: Westminster, 1971), pp. 52-53; Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol.

Éfeso (cf. 19.29). Lucas cita apenas o nome de Timóteo, mas nós sabemos que ele era de Listra (16.1).

Por último, Tíquico e Trófimo eram da província da Ásia. Os dois nomes aparecem outras vezes nas epístolas de Paulo e são associados com Éfeso e vizinhanças. Nós lemos que Tíquico serviu de mensageiro (correio),[8] para Paulo e a presença de Trófimo em Jerusalém levou Paulo a ser preso (21.29). Anos mais tarde Paulo deixou Trófimo doente em Mileto (2Tm 4.20).

Os sete homens, delegados de várias igrejas, acompanharam Paulo como seus guarda-costas. Eles guardavam também o dinheiro das ofertas que levavam para a igreja de Jerusalém.

5. Esses homens foram adiante de nós e nos esperaram em Trôade.

Lucas agora revela que ele próprio era companheiro de viagem de Paulo e que eles permaneceram em Filipos por mais tempo que os outros sete homens.[9] Lucas não diz qual a razão da separação, mas nós imaginamos que Paulo queria ficar em Filipos para a festa dos pães asmos, que pode ter sido observada num contexto cristão como Páscoa. João Calvino acredita que Paulo procurava oportunidades de falar durante os dias dos pães asmos porque "os judeus estavam [então] mais atentos ao ensino".[10] Mas quando Paulo foi a Filipos na sua segunda viagem missionária, somente mulheres foram ao lugar de oração (16.13-15), e nós não temos qualquer indicação de que judeus tinham se instalado ali nos anos intervenientes. Por falta de provas, não temos como explicar a separação de Paulo de seus companheiros de viagem.

6. Depois da festa dos pães asmos, navegamos de Filipos e, depois de cinco dias, nos encontramos com eles em Trôade, onde passamos uma semana.

4, p. 254; Colin J. Hemer, *The Book of Acts in the Setting of Hellenistic History*, org. por Conrad H. Gempf (Tübingen: Mohr, 1989), p. 124.

8. Efésios 6.21,22; Colossenses 4.7-9; 2 Timóteo 4.12; Tito 3.12.

9. A fraseologia do versículo 5 ("esperando-nos em Trôade") exclui a possibilidade de Timóteo ser o autor de Atos; Timóteo e seus outros companheiros foram para Trôade enquanto Lucas ficou com Paulo. Haenchen opina que somente Tíquico e Trófimo foram na frente para Trôade enquanto o resto ficou com Paulo em Filipos. *Acts*, p. 583.

10. João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 2, p. 168.

Paulo passou a festa dos pães asmos em Filipos, depois ele e Lucas navegaram de Neápolis (a cidade portuária de Filipos) para Trôade. Com ventos favoráveis, a viagem através da ponta norte do Mar Egeu podia ser feita em dois dias (16.11). Mas em condições adversas, a jornada podia durar cinco dias e obrigar paradas em ilhas entre os dois portos.

Paulo passou uma semana inteira em Trôade. O texto não esclarece a razão; talvez, mesmo embora seus companheiros tivessem precedido Paulo, eles não tivessem conseguido um navio de Trôade para Síria.

Palavras, frases e Construções em Grego em 20.2-4

Versículos 2,3

τὴν Ἑλλάδα – esse é o único caso no Novo Testamento da designação *Grécia*. Esta província romana era oficialmente chamada de Acaia, o que é testemunhado tanto por Paulo quanto por Lucas, em seus escritos.

ἐπιβουλῆς – derivado da composição ἐπί (contra) e βούλομαι (eu decido), a palavra *trama* no Novo Testamento ocorre apenas com referência a Paulo (9.24; 20.3, 19; 23.30). O caso genitivo é parte da construção do genitivo absoluto.

γνώμης – o verbo ἐγενετο (ele se tornou) rege o caso genitivo do substantivo *decisão*. C. F. D. Moule questiona se a construção do genitivo seria semelhante a do inglês "ele se tornou possuído de uma decisão".[11]

Versículo 4

ἄχρι τῆς Ἀσίας – "até a Ásia". Poucas traduções adotaram esta versão que aparece nos manuscritos grego, latino e siríaco (veja KJV, NKJV, RV, ASV). Entretanto, outros manuscritos importantes omitem esta frase. Como é mais fácil explicar a adição da frase do que sua eliminação, os estudiosos hesitam em aceitar o acréscimo como original

O texto ocidental substitui a palavra *Êutico* pelo nome *Tíquico*. Provavelmente os escribas foram influenciados pelo versículo 9.

---

7. No primeiro dia da semana, nos reunimos para partir o pão. Paulo começou a falar a eles; como ele deveria partir no dia seguinte, prolongou o discurso até à meia-noite. 8. Havia muitas lâmpadas no cenáculo onde estávamos reunidos. 9.

11. C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge University Press, 1960), p. 38.

Um jovem, chamado Êutico, que estava sentado numa janela, tinha adormecido profundamente durante o prolongado discurso de Paulo. Êutico foi vencido pelo sono, caiu do terceiro andar e foi levantado morto. 10. Paulo desceu, inclinou-se sobre ele e o abraçou. Ele disse "Não fiquem perturbados, ele está vivo". 11. Então Paulo subiu de novo, partiu o pão e comeu. Ele ainda lhes falou longamente até ao amanhecer, e então partiu. 12. A audiência levou o rapaz vivo para casa e eles sentiram-se grandemente confortados.

2. Em Trôade

20.7-12

Paulo tinha visitado Trôade em sua segunda viagem missionária e ali tinha tido uma visão de um homem macedônio que lhe rogava "Venha para a Macedônia e ajuda-nos" (16.9,10). Nessa ocasião Paulo não pregou o evangelho em Trôade. Mas durante sua terceira viagem ele fundou uma igreja ali (2Co 2.12).

7. No primeiro dia da semana, nos reunimos para partir o pão. Paulo começou a falar a eles; como ele deveria partir no dia seguinte, prolongou o discurso até à meia-noite.

Lucas, uma testemunha ocular, fornece quase que uma cronologia diária dos acontecimentos que ocorreram durante a viagem de Paulo de Filipos para Jerusalém. No versículo 6 ele registra que a viagem para Trôade durou cinco dias e que Paulo ali permaneceu outros sete. Nesse versículo, Lucas é igualmente preciso. Ele relata que no primeiro dia Paulo assistiu ao culto na igreja local; no dia seguinte ele deveria deixar Trôade.

"No primeiro dia da semana" (ou seja, no domingo; essa é a primeira referência ao culto de domingo no Novo Testamento), os cristãos se reuniram para celebração da Santa Ceia, que foi seguida pela refeição comunitária, o "banquete ágape".[12] Em Atos, a expressão *partir o pão* significa celebrar a comunhão (2.42; e veja 2.46). O culto começou com a pregação da Palavra e Lucas relata que Paulo pregou até à meia-noite.

Os crentes ouviram com alegria a longa pregação de Paulo, muito embora muitos deles provavelmente tivessem trabalhado o dia inteiro (veja **Considerações Práticas em 20.7-12**). Eles viam a visita de Pau-

12. Consultar J. C. Lambert, "Agape", *ISBE*, vol. 1, p. 66.

lo como uma oportunidade extraordinária de receber instrução de um apóstolo, e sabiam que na manhã seguinte, segunda-feira, Paulo iria partir para a Síria juntamente com seus companheiros. Portanto, eles se alegravam em ouvir Paulo explicar as Escrituras.

8. Havia muitas lâmpadas no cenáculo onde estávamos reunidos. 9. Um jovem, chamado Êutico, que estava sentado numa janela, tinha adormecido profundamente durante o prolongado discurso de Paulo. Êutico foi vencido pelo sono, caiu do terceiro andar e foi levantado morto.

Eis o relato acurado de uma testemunha ocular, que descreve uma cena que se passou numa sala do terceiro andar. Segundo Lucas, havia muitas lâmpadas no cenáculo; as lâmpadas forneciam luz para as pessoas na audiência, mas também faziam com que a temperatura ambiente aumentasse. Imaginamos também que o salão estivesse apinhado de gente; não é de se espantar que um jovem tivesse se sentado no vão de uma janela.[13] Nesse tempo uma janela era apenas um vão na parede. Era geralmente disfarçada por uma cortina, mas quando esta era removida, podia acomodar uma pessoa sentada.

Êutico, cujo nome significa "afortunado" provavelmente tinha trabalhado o dia inteiro e estava cansado. Quando Paulo se "prolongou" (NIV), ele adormeceu. Vencido pelo sono, Êutico caiu do parapeito da janela do terceiro andar e morreu. Se outras pessoas também adormeceram não teve importância para Lucas. Ele diz que a morte do jovem mudou a alegria em tristeza e a felicidade em tragédia e dor. Os membros da igreja apanharam o rapaz morto; Lucas, sendo médico, pôde atestar isso.

10. Paulo desceu, inclinou-se sobre ele e o abraçou. Ele disse "Não fiquem perturbados, ele está vivo". 11. Então Paulo subiu de novo, partiu o pão e comeu. Ele ainda lhes falou longamente até ao amanhecer, e então partiu. 12. A audiência levou o rapaz vivo para casa e eles sentiram-se grandemente confortados.

Note-se os seguintes pontos:

13. Embora Bauer (p. 534) afirme que a palavra *jovem homem* se refira a uma pessoa de "cerca de 24 a 40 anos", Êutico provavelmente estaria nos últimos anos de sua adolescência. (A palavra em grego é *pais* [veja v. 12] que também pode significar "escravo" ou "servo").

a. Ressurreição. A pregação foi bruscamente interrompida. Paulo correu escadas abaixo e se jogou sobre Êutico. Abraçando-o, olhou para a audiência em prantos e disse, "Não fiquem perturbados. Ele está vivo".

Nós encontramos paralelos na vida dos dois profetas, Elias e Eliseu.[14] Cada um desses dois trouxe de volta à vida um filho único, e o fizeram deitando-se sobre o corpo sem vida (1Rs 17.21; 2Rs 4.34,35). Um paralelo no Novo Testamento é a ressuscitação de Dorcas por Pedro. Para preservar o decoro, Pedro se ajoelhou, orou e depois disse a Dorcas para se levantar (veja 9.40). Lucas registrou com toda clareza que ambos os apóstolos trouxeram de volta à vida pessoas mortas .

Paulo trouxe Êutico de volta à vida e disse às pessoas: "Eu sei que vocês estão desolados, mas não precisam ficar assim pois o sopro da vida está nele". Quando ele levantou Êutico ele o fez pelo poder que Jesus lhe deu. Por meio desse milagre, Paulo demonstrou a realidade da presença de Jesus no meio do povo de Deus.

b. Comunhão. Nessa passagem, Lucas menciona duas vezes o partir do pão, mas ele não dá uma apresentação clara da seqüência e do significado desse ato. Com freqüência ele introduz um incidente ou uma ação que ele explica em seguida no contexto subseqüente; por exemplo, ele menciona brevemente que os crentes de Jerusalém tinham tudo em comum (2.44,45), mas numa passagem posterior ele descreve a generosidade de Barnabé (4.36,37) e a mentira de Ananias e Safira (5.1-11). De modo semelhante, seu comentário de que os cristãos de Trôade se reuniram para partir o pão (v. 7) é provavelmente introdutório. O comentário de que Paulo partiu o pão e comeu se refere à celebração da Santa Ceia e à participação no banquete ágape (v. 11). No texto grego, no versículo 11, Lucas escreve o artigo definido antes da palavra *pão* para demonstrar que se tratava de um acontecimento especial: Paulo partiu o pão da Santa Comunhão. Depois de celebrar a Ceia do Senhor, Paulo participou do banquete ágape (1Co 11.20,33; 2Pd 2.13; Jd 1.12).[15] O resto da noite ele passou conversando com os crentes. Ao romper da alva ele partiu para Assôs (v. 13).

14. Lake e Cadbury comentam que esse paralelismo "parece forçado" (*Beginnings*, vol. 4, p. 257). O comentário deles se aplica a uma comparação verbal estrita, mas não à ilustração.

15. F. F. Bruce relaciona o partir do pão da Santa Comunhão e comer o pão à "refeição

c. Alegria. Lucas conclui o relato dizendo que as pessoas "conduziram vivo o rapaz e sentiram-se grandemente confortadas". Essa nota revela o efeito da ressurreição de Êutico sobre a congregação. Uma tradução literal da expressão no estilo de Lucas descreve a alegria dos crentes: "eles não foram moderadamente confortados".

As Escrituras registram uns poucos exemplos de pessoas que foram ressuscitadas: dois no período do Antigo Testamento, no tempo de Elias e Eliseu; três durante o ministério de Jesus (a filha de Jairo, o filho da viúva de Naim, e Lázaro); e dois no período apostólico (Dorcas e Êutico). Quando uma ressurreição ocorre, Deus confirma o testemunho de sua Palavra. E aqui essa Palavra é clara: os cristãos em Trôade levaram Êutico vivo para casa, diz Lucas.

Considerações Práticas em 20.7-12

Atualmente em todo mundo os povos observam a semana de sete dias. Porém no tempo de Paulo somente os judeus, tementes a Deus, e cristãos, mantinham um calendário no qual a semana tinha sete dias. Eles o faziam de acordo com o relato da criação nos dois primeiros capítulos de Gênesis e o mandamento do Decálogo, que ordenava a guarda do sábado depois de trabalhar seis dias (Êx 20.8-11; Dt 5.12-15). Além do mais, os gregos os e romanos não tinham dias de descanso. Na verdade, o autor romano Sêneca zombava dos judeus e falava deles com desprezo por desperdiçarem um dia em sete. Quando Paulo pregava o evangelho exclusivamente para audiência gentia (por exemplo, em Listra e Atenas) ele começava pela doutrina da criação. Ele tinha de ensiná-los que Deus criou os céus e a terra em seis dias e descansou no sétimo.

Os judeus designavam os cinco dias da semana pelos números ordinais (o primeiro dia, o segundo dia, o terceiro, o quarto, o quinto). Esses eram seguidos pelos dias da preparação (sexta-feira) e o Sabá (sábado). Os cristãos primitivos adotaram essa nomenclatura. Porém, nos fins do século 1º, eles chamaram o primeiro dia da semana de Dia do Senhor para comemorar o dia em que Jesus se levantou do túmulo (Ap 1.10; o documento do século 1º *Didache* 14.1). É interessante o fato de que atualmente o calendário grego enumera os dias da semana como Dia do Senhor,

comunal". *The Book of Acts*, ed. rev., série New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), p. 385 n. 30.

segundo, terceiro, quarto, quinto, dia da preparação e Sábado. Em português os dias da semana são domingo, segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira e sábado.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 20.7-12

Versículo 7

τῇ μιᾷ τῶν σαββάτων – "o primeiro dia depois do sábado". Se o plural *sábados* significa "semanas", então ele deve ser traduzido como "o primeiro dia da semana".

ἡμῶν – a construção do genitivo absoluto é completada com o particípio perfeito passivo συνυηγμένων (de συνάγω, eu reúno). O tempo perfeito denota duração.

Versículo 9

καταφερόμενος – do verbo καταφέρω (eu humilho), este particípio passivo presente tem uma conotação de intensidade. O tempo presente mostra o processo.

διαλεγομένου – "discursando". Note-se que o tempo presente deste particípio (em uma construção do genitivo absoluto) insinua ação continuada.

κατενεχθείς – este é o particípio aoristo passivo de καταφέρω. O aoristo expressa ação isolada, a preposição ἀπό por causa ou meios (por causa de ou pelo [sono]), e a precisão do composto.

Versículos 11,12

ἐφ᾽ ἱκανόν – esta expressão idiomática significa "por um longo tempo".

οὕτως – embora o advérbio simplesmente signifique "então", é difícil transmitir adequadamente o conceito com o verbo *partir*. Alguns tradutores eliminam o advérbio; outros o traduzem como "então".

O texto ocidental muda o plural *eles conduziram* para o singular *Paulo conduziu*: "Enquanto eles estavam dizendo adeus, Paulo levou o jovem para casa, vivo".

---

13. Nós tínhamos ido à frente para o navio e partimos para Assôs. Lá, pretendíamos tomar Paulo a bordo, porque ele tinha feito arranjos para viajar aquela

distância a pé. 14. Quando se reuniu conosco em Assôs, recebemo-lo a bordo e fomos a Mitilene. 15. E no dia seguinte saímos dali e chegamos a Quios, do outro lado. No dia seguinte, tocamos em Samos e, um dia depois, chegamos a Mileto. 16. Porque Paulo já havia determinado não aportar em Éfeso, não querendo demorar-se na Ásia. Ele se apressava para estar em Jerusalém no dia de Pentecoste, caso lhe fosse possível.

17. De Mileto, mandou uma palavra a Éfeso para chamar os presbíteros da igreja. 18. E, quando eles vieram até ele, ele disse: "Vocês sabem como eu me conduzi quando estive com vocês, desde o primeiro dia em que entrei na província da Ásia. 19. Eu servi ao Senhor com toda a humildade, lágrimas e provações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram**.** 20. Não escondi nada do que fosse bom para vocês enquanto eu pregava a vocês e os ensinava publicamente e de casa em casa. 21. Eu testifiquei tanto a judeus como a gregos para que se voltassem a Deus em arrependimento e tivessem fé em nosso Senhor Jesus.

22. "E, agora, sou compelido pelo Espírito a ir para Jerusalém, embora eu não saiba o que me acontecerá ali, 23. exceto que o Espírito Santo me disse que em cada cidade prisões e aflições esperam por mim. 24. Porém, não considero minha vida de forma alguma preciosa; quero completar a corrida e cumprir o ministério que recebi do Senhor Jesus, isto é, testificar do evangelho da graça de Deus.

25. "E eu sei que nenhum de vocês, a quem eu estive pregando o reino, verá meu rosto novamente. 26. Portanto, eu hoje testifico a vocês que estou inocente do sangue de todos os homens. 27. Eu não hesitei em proclamar a vocês todo o propósito de Deus. 28. Vigiem a vocês mesmos e a todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os tornou bispos para pastorear a igreja de Deus, que ele comprou com seu próprio sangue. 29. Eu sei que, depois da minha partida, lobos vorazes penetrarão no meio de vocês e não pouparão o rebanho. 30. E inclusive dentro de seu próprio meio, alguns homens se levantarão para **f**alar coisas pervertidas, a fim de arrastar os discípulos atrás deles. 31. Portanto, estejam alertas e lembrem-se de que, por três anos, noite e dia, eu não parei de advertir a cada um de vocês, com lágrimas.

32. "Agora, pois, eu os encomendo ao Senhor e à palavra da sua graça, que tem poder para os edificar e dar a herança entre todos os que são santificados. 33. Não cobicei a prata, nem o ouro, nem as roupas de ninguém. 34. Vocês mesmos sabem que estas mãos ministraram para as minhas próprias necessidades, bem como às do homens que estavam comigo. 35. Em tudo eu mostrei a vocês, trabalhando duro assim, que devemos socorrer o fraco e lembrar das palavras do Senhor Jesus: 'É mais abençoado dar do que receber'."

36. Depois de ter dito essas coisas, ajoelhou-se com todos e orou. 37. Eles começaram a chorar alto, a abraçá-lo e a beijá-lo. Eles estavam entristecidos especialmente pela sua declaração de que eles não mais veriam o seu rosto. E acompanharam-no até o navio.

3. *Em Mileto*

20.13-38

Lucas nos dá uma página de seu diário, por assim dizer, pois ele escreve com o estilo de testemunha ocular, que registra tanto os eventos quanto os diálogos. Ele fornece uma descrição dia a dia da jornada de Trôade a Mileto.

a. *Viajando*

20.13-16

13. Nós tínhamos ido à frente para o navio e partimos para Assôs. Lá, pretendíamos tomar Paulo a bordo, porque ele tinha feito arranjos para viajar aquela distância a pé. 14. Quando se reuniu conosco em Assôs, recebemo-lo a bordo e fomos a Mitilene.

Por razões desconhecidas, Paulo se separou de seus companheiros e decidiu viajar a pé para Assôs. Comentaristas sugerem que Paulo era um mau marinheiro e que estava com medo dos judeus inimigos a bordo do navio, ou que ele queria estar a sós com Deus. Nós não sabemos suas razões. O texto parece dar a entender que os companheiros dele seguiram na frente para o navio, ele tendo ficado por um pouco para traz em Trôade. Ele sabia que o navio iria aportar mais tarde naquele dia (segunda feira) em Assôs, que se situava num monte, duzentos metros acima do nível do mar.

Lucas parece indicar que Paulo embarcou no navio antes de ele chegar em Assôs ou em Assôs. Nesse mesmo dia o navio navegou rumo ao norte ao longo das ilhas Lesbos para aportar na cidade de Mitilene, que se localizava cerca de oitenta quilômetros a sul de Trôade. Ali passaram a noite.

William M. Ramsay fornece uma observação interessante:

> O navio evidentemente parava todas as tardes. A razão era o vento, que no Egeu durante o verão geralmente sopra do norte, começando cedo na primeira hora da manhã, e cessando no final da tarde; ao pôr- do-sol reinava absoluta calmaria e depois uma brisa suave do sul começava e soprava toda a noite. A partida era feita antes do nascer do sol e era necessário que todos os passageiros embarcassem logo depois da meia-noite a fim de estarem prontos ao primeiro sopro vindo do norte.[16]

16. Ramsay, *St. Paul the Traveller*, p. 293.

15. E no dia seguinte saímos dali e chegamos a Quios, do outro lado. No dia seguinte, tocamos em Samos e, um dia depois, chegamos a Mileto. 16. Porque Paulo já havia determinado não aportar em Éfeso, não querendo demorar-se na Ásia. Ele se apressava para estar em Jerusalém no dia de Pentecoste, caso lhe fosse possível.

a. "E no dia seguinte saímos dali e chegamos a Quios, do outro lado." Novamente o navio velejou cedo na manhã do dia seguinte (terça-feira). Um vento setentrional o impulsionou na direção sul-sudoeste pelo o mar aberto para a ilha de Quios. No estreito entre o continente e Quios, os viajantes passaram a noite. No dia seguinte (quarta-feira), eles velejaram rumo sudeste e, novamente em mar aberto, se aproximaram da ilha de Samos, situada ao oeste-sudoeste de Éfeso. No continente em frente à ilha havia uma cidade chamada Trogílio. Segundo o texto ocidental e o texto Majority, Paulo e seus companheiros "ficaram em Trogílio".[17] Esse pequeno detalhe é "natural e provável numa viagem costeira, e geograficamente correto".[18] A frase foi eliminada de alguns manuscritos gregos importantes ou acrescentada ao Ocidental e Majority.

No quarto dia (quinta-feira), o navio bordejou a costa ocidental da Ásia Menor e ancorou em Mileto (comparar com 2Tm 4.20). Essa cidade era localizada quase 64 quilômetros ao sul de Éfeso em linha reta; mas devido ao fato que nos tempos apostólicos um viajante tinha de contornar o Golfo de Priene, a distância total era muito maior. "Atualmente esse golfo é um lago interior e a ilha de Lade, que antes abrigava o porto, se tornou um monte rodeado de uma planície aluvial pantanosa."[19]

b. "Porque Paulo já havia determinado não aportar em Éfeso, não querendo demorar-se na Ásia." Note-se que Lucas deixa entrever que Paulo é quem toma as decisões:[20]

17. KJV, NKJV, JB, *Moffatt.*

18. William M. Ramsay, *The Church in the Roman Empire Before A. D. 170* (Londres: Hodder and Stoughton, 1907), p. 155.

19. Gerald L. Borchert, "Miletus", *ISBE*, vol. 3, p. 355.

20. Comparar com J. Lambrecht, "Paul's Farewell-Adress at Miletus (Acts 20, 17-38)", *in Les Actes des Apôtres: Traditions, Rédaction, Théologie*, org. J. Kremer, Bibliotheca Ephemeridium Theologicarum Lovaniensium 48 (Louvain: Louvain University Press, 1979), pp. 329-30.

Paulo organizou a viagem a pé para Assôs;
Paulo decidiu não parar na província da Ásia;
Paulo enviou um mensageiro a Éfeso para solicitar a vinda dos presbíteros a Mileto.

Ele poderia ter deixado o navio em Trogílio e caminhado até Éfeso, mas permaneceu a bordo até o navio aportar em Mileto. Paulo achava que uma viagem a Éfeso consumiria tempo, enquanto uma reunião com os presbíteros em Mileto economizaria tempo. Além do mais, tendo perdido a oportunidade de estar em Jerusalém na festa dos pães asmos, desejava ali estar para a celebração do Pentecostes.

Lucas relata como Paulo ocupou as sete semanas entre o dia dos pães asmos e o Pentecostes: ele gastou cinco dias viajando entre Neápolis e Trôade (20.6); ficou uma semana em Trôade (20.6); levou quatro dias para viajar de Trôade a Mileto (20.13-16); gastou talvez mais uma semana na viagem de Mileto a Tiro (21.1-3); permaneceu uma semana em Tiro (21.4); e com paradas em Cesaréia, ele precisava de pelo menos uma semana para viajar para Jerusalém (21.7-15). Segundo o registro fornecido por Lucas, Paulo tinha algum tempo de folga antes do Pentecostes.

O capitão do navio presumivelmente decidiu ficar no porto de Mileto por alguns dias para carregar e descarregar carga. Durante esses dias de espera, Paulo pôde se encontrar com os presbíteros de Éfeso e dirigir-lhes seu discurso de despedida.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 20.13-16

Versículos 13,14

προελθόντες – O contexto apóia esta interpretação (“nós fomos na frente”) em lugar de προσελθόντες (nós nos aproximamos). A redação do texto ocidental (“nós descemos”) parece ser uma modificação feita pelo escriba.

διατεταγμένος – o tempo perfeito neste particípio de διατάσσω (eu ordeno, comando) revela que Paulo não tinha tomado uma decisão no calor do momento.

συνέβαλλεν – pelo uso do tempo imperfeito, Lucas torna possível duas traduções: Paulo embarcou perto de, ou em Assôs.

Versículo 16

εἰ δυνατὸν εἴη – "se fosse possível". Aqui temos uma das poucas optativas numa sentença condicional. É uma frase que do tipo "se Deus quiser" (18.21).

εἰς – não "dentro" mas "em". Depois de γενέσθαι (ser), significa "em Jerusalém" (veja 21.17; 25.15).[21]

---

b. *Declaração*

20.17-21

Embora Lucas tenha registrado com precisão o conteúdo e as palavras dos outros sermões de Paulo, a despedida em Mileto é provavelmente a única que Lucas ouviu pessoalmente. O discurso de despedida encontra-se numa das seções com "nós" em Atos;[22] esse relato portanto é de uma testemunha ocular, e o texto registra as palavras que Paulo disse. Comparando-se as palavras usadas nesse discurso com a aquelas das epístolas de Paulo, notamos semelhanças notáveis:

"servindo ao Senhor com toda humildade" (v. 19 e Rm 12.11; Ef 4.2);
"que eu possa terminar a corrida" (v. 24 e 2Tm 4.7);
"completar o ministério que eu recebi do Senhor" (v. 24 e Cl 4.17);
a "herança entre todos aqueles que são santificados" (v. 32 e Cl 1.12).[23]

Embora o discurso possa ser lido como uma unidade, alguns editores do Novo Testamento em grego e alguns tradutores usam as frases recorrentes ("vós sabeis" [v. 18], "e, agora" [vs. 22,32], "e eu sei" [v. 25], "eu sei" [v. 29]) como pontos lógicos de divisão do discurso em

21. Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, tr. e rev. Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), nº 205.

22. C. K. Barrett pergunta porque Lucas haveria de escrever ficção e colocar a história em Mileto em vez de na "a grande cidade e centro paulino de Éfeso". Veja Paul's Address to the Ephesian Elders", *in God's Christ and His People: Studies in Honour of N. A. Dahl*, org. por Jacob Jervell and Wayne A. Meeks (Oslo, Bergen, and Tromsö: Universitetsforlaget, 1977), p. 109.

23. H. J. Cadbury, "The Speeches in Acts", *Beginnings*, vol. 5, p. 413. A bibliografia recente sobre o discurso de Paulo em Mileto é volumosa; veja-se especialmente Jacques Dupont, *Le Discours de Milet: Testament Pastoral de Saint Paul (Acts 20:18-36)*, Lectio Divina 32 (Paris: Cerf, 1962); Hans-Joachim Michel, *Die Abschiedsrede des Paul an die Kirche Apg 20, 17-38: Motivgesschichtliche und theologische Bedeutung* (Munich: Kösel, 1973).

quatro ou cinco parágrafos.[24] As expressões repetitivas são parte do testamento e testemunho de Paulo aos presbíteros. Ele informa a eles que com o final da era apostólica eles se tornaram os pastores do rebanho de Cristo. Paulo usa o verbo *saber* para enfatizar aquelas questões que eles têm em comum:

"Vocês sabem como eu me conduzi com vocês" (v. 18);
" Embora eu não soubesse o que me aconteceria ali" (v. 22);
"Eu sei que nenhum de vocês .....verá o meu rosto novamente" (v. 25);
"Eu sei que ..... virão lobos vorazes" (v. 29);
"vocês mesmos sabem que estas mãos ministraram às minhas próprias necessidades" (v. 34).[25]

O uso repetido desse verbo enfatiza a ligação entre Paulo e os presbíteros e transmite a eles a idéia de que Paulo os estava deixando a cargo da igreja. Os presbíteros de Éfeso receberam a herança de serem os dirigentes e pastores do rebanho de Jesus Cristo.

17. De Mileto, mandou uma palavra a Éfeso para chamar os presbíteros da igreja.

Um mensageiro podia cobrir a distância entre Mileto e Éfeso em dois dias, e os presbíteros precisavam do mesmo período de tempo para chegar a Mileto. Talvez Trófimo, que era natural de Éfeso (21.29), tenha servido de mensageiro e acompanhado os presbíteros quando eles foram se encontrar com Paulo. Nós presumimos que Paulo passou um dia exortando-os e instruindo-os. Anos mais tarde, ele escreveu a Timóteo e Tito sobre as qualificações dos presbíteros, ou seja, bispos (1Tm 3.1-7; 5.17; Tt 1.6-9).

Em todos os lugares onde Paulo fundava uma igreja ele designava presbíteros para a liderança (comparar com 14.23; e veja Tt 1.5). Lucas chama esses homens de "presbíteros" nesse versículo, mas em seu discurso Paulo se refere a eles como "bispos" (v. 28). A palavra *presbí-*

24. Por exemplo, veja Nes-Al, Merk; MLB, NIV, NEB. C. Exum e C. Talbert analisam o discurso como um quiasma no qual o versículo 25 serve como o centro, os versículos 22-24 se equilibram com versículos 26-30 e os versículos 18-21 transmitem a mesma mensagem que os versículos 31-35. "The Structure of Paul's Speech to the Ephesian Elders (Acts 20, 18-35)", *CBQ* 29 (1967): 233-36.

25. Consultar Jacques Dupont, *Nouvelles Études sur les Actes des Apôtres*, Lectio Divina 118 (Paris: Cerf, 1984), p. 439.

teros se refere ao cargo; a palavra *bispo* descreve a tarefa que a pessoa realizava.

18. E, quando eles vieram até ele, ele disse: "Vocês sabem como eu me conduzi quando estive com vocês, desde o primeiro dia em que entrei na província da Ásia".

Nós acreditamos que os presbíteros tenham ido para Mileto sem demora. Eles presumiram que a mensagem de Paulo era diferente daquela de encorajamento que ele dirigira aos discípulos quando partiu para a Macedônia (v. 1). Eles tinham ido na qualidade de presbíteros líderes e mestres aos quais Paulo iria confiar uma herança espiritual.

Paulo relembra, na primeira parte do seu discurso, de como ele havia chegado pela primeira vez de Corinto (18.19), ensinado na sinagoga local, ido a Jerusalém e retornado a Éfeso. Quando ele voltou a Éfeso ele ministrou aulas por quase três anos. Em nenhum outro lugar ele tinha pregado o evangelho por tanto tempo. Os presbíteros sabiam que Paulo tinha ensinado a Palavra do Senhor fielmente aos judeus e gentios na província da Ásia (19.10). Eles podiam dar testemunho de que ele tinha estado no meio deles como um verdadeiro mensageiro do evangelho de Cristo. Convencidos da missão de Paulo, eles eram testemunhas da veracidade da mensagem que ele proclamava. Eles tinham observado que Paulo era completamente devotado ao serviço do seu Senhor.

19. "Eu servi ao Senhor com toda a humildade, lágrimas e provações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram."

Note os pontos:

Primeiro, ao dizer "servi ao Senhor," Paulo indica em grego que ele era um servo de Cristo (comparar com Rm 1.1; 12.11; Gl 1.10; Fp 1.1). Ele literalmente se denomina escravo. E como um escravo que era, ele respeitava seu Senhor, pois ele considerava que fazer menos do que isso seria pecado. De igual modo ele confessa que servia a Jesus "com toda humildade".[26] Ele havia aprendido a viver em toda humildade como servo do Senhor (veja Fp 4.12) e exortava as pessoas a não para olharem meramente para seus próprios interesses mas para pro-

26. Veja Hans-Helmut Esser, *NIDNTT*, vol. 2, p. 263; Walter Grundmann, *TDNT*, vol. 8, pp. 21-23.

mover os dos outros também (Fp 2.4; e veja Ef 4.2). Agostinho capturou a importância da humildade ao dizer:

> Para quem quiser aprender os caminhos do Senhor,
> Humildade é a primeira coisa,
> Humildade é a segunda,
> Humildade é a terceira.

Segundo, Paulo servia ao senhor com lágrimas. Duas vezes em seu discurso Paulo confessa que derramou lágrimas: quando ele foi perseguido pelos inimigos (v. 19) e quando agonizava sobre os convertidos (v. 31). Durante seu ministério, Paulo se entregou completamente ao serviço do Senhor e da igreja. Ele chorou não por causa dos ferimentos e cicatrizes que ele recebeu como servo de Cristo. Ele se preocupava pelos membros da igreja quando ele escreveu aos coríntios para revelar seu grande amor por eles (uma carta que não mais existe; veja 2Co 2.4). E ele disse aos filipenses de suas lágrimas quando revelou que muitas pessoas viviam como inimigos da cruz de Cristo (Fp 3.18). Essas lágrimas dão testemunho da grandeza de Paulo.

Por último, as provações foram grandes impedimentos à vida apostólica de Paulo. Paulo relata que essas provações eram ciladas dos judeus. Desde sua conversão perto de Damasco, as tramas dos judeus contra a sua vida pareciam ocorrer com incrível freqüência, ora em Damasco ora na Ásia Menor, Macedônia, Grécia ou Jerusalém.[27]

A vida dele parecia estar sempre correndo perigo por causa dos bandidos, dos judeus ou gentios (2Co 11.26), mas o Senhor o protegia.

20. "Não escondi nada do que fosse bom para vocês enquanto eu pregava a vocês e os ensinava publicamente e de casa em casa.21. Eu testifiquei tanto a judeus como a gregos para que se voltassem a Deus em arrependimento e tivessem fé em nosso Senhor Jesus."

a. "Eu não escondi nada." Embora enfrentando perigos em toda parte, Paulo destemidamente deu aos crentes tudo de que precisavam para o desenvolvimento de sua vida espiritual. Na verdade, ele disse: "Eu não me mantive em silêncio por temor de esconder de vocês algo que pudesse ser de algum benefício" (v. 27). O que era então era de

27. Veja, por exemplo, 9.23,24,29; 14.5; 20.3; 23.12; 25.3; 2 Coríntios 11.26.

algum benefício para eles? O bem-estar espiritual. Com devoção ilimitada, Paulo levou aos efésios as riquezas da salvação pela pregação da Palavra de Deus.

b. "Eu preguei a vocês e os ensinei." Paulo proclamou o evangelho nos cultos, mas ele também ensinou diariamente na escola de Tirano (19.9). Além do mais, sua pregação nunca era feita em secreto. Ele pregava a Palavra publicamente na cidade de Éfeso, de modo que todo mundo tinha oportunidade de ouvir a mensagem da salvação. Seus ensinamentos não eram limitados às aulas diárias aos seus discípulos; ele também ia de casa em casa para instruir o povo nas riquezas da Palavra. A palavra *casa* sem dúvida se refere às numerosas igrejas que se formavam nas casas (veja Rm 16.5; Cl 4.15; Fm 1.2). Em seu trabalho Paulo demonstrou que ele era sempre e em todo lugar um ministro dessa Palavra.

c. "Eu testifiquei tanto a judeus como a gregos." Paulo era tudo para todos os homens de forma que ele pudesse ganhá-los para Cristo. Ele era um judeu em companhia de judeus e um gentio com os gentios. Ele fazia todo o possível para incentivar o progresso da causa do evangelho (1Co 9.19-23). Era como se ele vivesse em dois mundos diferentes, cada qual com sua própria cultura e costumes. Ele nunca tentou usar seu chamado de apóstolo dos gentios como uma desculpa para não pregar para os judeus. Paulo testificava fielmente a ambos os grupos de pessoas. O verbo *testificar* ocorre com freqüência em Atos e descreve a pregação dos apóstolos Pedro, João e Paulo.[28]

Lucas indica no texto grego que Paulo continuamente testificava. Em que consistia seu testemunho? Simplesmente colocado, é o resumo da doutrina cristã: arrependimento e fé. Em seu discurso Paulo diz que ele proclamava tanto a judeus como a gregos.

arrependimento	fé
a Deus	em nosso Senhor Jesus

Os substantivos *arrependimento* e *fé* são dois lados da mesma mo-

28. Em grego, ela ocorre nove vezes em Atos (2.40; 8.25; 10.42; 18.5; 20.21,23,24; 23.11; 28.23). Ela aparece uma vez no Evangelho de Lucas (16.28) quatro vezes nas epístolas de Paulo (1Ts 4.6; 1Tm 5.21; 2Tm 2.14; 4.1), e uma vez em Hebreus (2.6).

eda. Como Paulo dá dois aspectos de um conceito, nós não devemos ligar arrependimento com gentio e fé com judeu. Tanto um como outro tinha de se arrepender de seus pecados e expressar sua fé em Jesus. Além do mais, arrependimento que não tem a fé como sua contraparte é inútil e fé sem o pré-requisito do arrependimento é fútil. Na verdade, "arrependimento e fé estão interligados numa conexão indestrutível".[29]

Considerações Práticas em 20.17-21

Numerosos crentes domingueiros preferem ouvir sermões sobre os céus do que sobre o inferno. Eles querem ouvir palavras agradáveis sobre o amor de Deus, mas se recusam aceitar a justiça de Deus. Eles aceitam uma palavra de elogios, mas rejeitam mesmo uma alusão à condenação. Das doutrinas da fé cristã eles escolhem aquelas que lhes são mais agradáveis e gratificantes. Conseqüentemente eles se recusam a ouvir as exposições sobre o pecado e o arrependimento, a descrença e a desobediência, o inferno e a desaprovação.

Qual é o papel do pastor que ministra a Palavra para pessoas que sentem coceira nos ouvidos (2Tm 4.3)? Ele deve se lembrar de que ele é um ministro da Palavra de Deus, não um ministro das pessoas. Ele ministra a Palavra para as pessoas, mas ele é primeiro um ministro da Palavra. Para colocar isso numa linguagem das Escrituras, Deus deu-lhe o dever de tocar a trombeta para preparar seu povo para a guerra ao pecado (1Co 14.8), mas se a trombeta falhar em produzir um som claro, ninguém vai se preparar para a batalha, e como resultado todos serão cativos do pecado.

A falha em pregar toda a mensagem da salvação é cruel, pois os resultados são destruição e morte. O pastor que fielmente prega o evangelho, jamais deixa de incluir o chamado ao arrependimento. Ele toca um alerta de condenação iminente se seu chamado for ignorado. Ele aponta o caminho estreito que conduz à vida e alerta sua audiência a não andar na estrada larga do pecado que leva à perdição eterna. Um verdadeiro pregador chama o pecador para o arrependimento e fé. Como disse o renomado evangelista D. L. Moody, "O arrependimento é a lágrima no olho da fé".

29. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 2, p. 176. Para uma sugestão de um quiasma veja Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 260; e John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. por Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2, p. 687.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 20.18 e 20

Versículo 18

ἀπὸ πρώτης ἡμέρας ἀφ᾽ ἧς– a cláusula relativa sobressai em relevo evidente com relação ao substantivo antecedente porque a preposição é repetida.[30] Paulo é enfático em seu discurso e aponta para o primeiro dia em que ele pôs o pé em Éfeso.

τὸν πάντα χρόνον – "o tempo todo". O substantivo se refere ao tempo do calendário e não a um momento ou tempo oportuno.

Versículo 20

ὑπεστειλάμην – este verbo de ὑποστέλλω (eu deixei) sempre mostra que o medo é a força motivadora. Ele ocorre duas vezes em Atos (20.20, 27), uma vez em Gálatas (2.12) e uma vez em Hebreus (10.38).

c. *Testemunho*

20.22-24

22. "E, agora, sou compelido pelo Espírito a ir para Jerusalém, embora eu não saiba o que me acontecerá ali, 23. exceto que o Espírito Santo me disse que em cada cidade prisões e aflições esperam por mim."

Depois de relembrar sua audiência do trabalho que ele tinha realizado entre eles nos dias passados, Paulo, na segunda parte de seu discurso, lhes diz o motivo pelo qual ele vai para Jerusalém.

a. "E, agora, sou compelido pelo Espírito a ir para Jerusalém." Os presbíteros efésios sabiam do desejo que Paulo tinha de viajar a Jerusalém, pois enquanto ele estava ainda ensinando na escola de Tirano ele tinha expressado o desejo de ir para lá (19.21). Provavelmente eles tenham ficado impressionados pelo fato de que em vez de ir para o sul e leste, na direção da Palestina, Paulo tenha ido para o norte e oeste, para Macedônia e Grécia (20.1).

A razão para navegar para Jerusalém, segundo as nuanças do texto grego, era porque Paulo estava comprometido, ou seja, sob a obriga-

30. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 721.

ção de fazer a viagem. Seria um desejo do espírito humano de Paulo ou ele teria sido inspirado pelo Espírito Santo?[31]

Tentamos responder essa pergunta olhando para o contexto mais amplo. Em Atos, Lucas mostra que o Espírito Santo trabalhava em muitas pessoas. Assim sendo, o Espírito induziu

Filipe a se aproximar do oficial etíope (8.29),
Pedro a acompanhar os homens enviados por Cornélio (10.20; 11.12),
A igreja de Antioquia a comissionar Barnabé e Paulo (13.2), e
Paulo a se desviar das regiões da Ásia e Mísia (16.6,7).

Algumas vezes, Lucas usa a palavra *espírito* quando ele se refere ao espírito humano (veja 18.25) Com freqüência ele mostra precisão quando em grego ele delimita essa palavra com um adjetivo possessivo (por ex., *meu* ou *seu* espírito; veja Lc 1.47; At 17.16). No versículo 22 Lucas parece indicar que está aludindo ao Espírito, especialmente quando no versículo seguinte (v. 23) ele escreve explicitamente, "o Espírito Santo". A conclusão é que Paulo é dirigido pelo Espírito Santo a ir a Jerusalém.[32]

b. "Embora eu não saiba o que me acontecerá ali." O Espírito Santo compele Paulo a viajar para Jerusalém, mas não disse a Paulo o que lhe acontecerá ali. O próprio Paulo não tem nenhum conhecimento inato dos acontecimentos futuros. Mas o Espírito lhe revela os detalhes enquanto ele continua a viagem. Durante o curso de sua viagem (para ser preciso, tanto em Tiro quanto em Cesaréia), Paulo recebe informação adicional. Em Tiro, os cristãos o alertam para não continuar para Jerusalém (21.4). E na Cesaréia, o profeta Ágabo revela a Paulo que em Jerusalém ele seria preso e entregue aos gentios (21.10,11)

Três dias depois da conversão de Paulo, Jesus disse a Ananias em Damasco que iria mostrar a Paulo o quanto ele teria de sofrer por amor da revelação de Cristo (9.16). Mesmo embora Paulo tivesse suportado

31. Algumas traduções escrevem a palavra *espírito* em letras minúsculas para indicar que se tratava do espírito de Paulo e não do Espírito Santo (KJV, NKJV, NASB, BJ). Outros a escrevem com letra maiúscula, *Espírito* (MLB, NAB, NEB, NIV, RSV). Outros ainda acrescentam *Santo* ao texto e trazem *Espírito Santo* (GNB, SEB).

32. Comparar com F. F. Bruce, "The Holy Spirit in the Acts of the Apostles", *Interp* 27 (1973): 182. Veja também meu comentário sobre 19.21.

grandes sofrimentos (veja a lista de Paulo em 2Co 11.23-29), ele sabe que será preso e sofrerá adversidades em Jerusalém e em todo lugar. Como o próprio Paulo diz, "o Espírito Santo me disse que em todas as cidades cadeias e tribulações esperam por mim". Quanto mais perto ele chega de Jerusalém mais claramente o Espírito fala com ele sobre os sofrimentos iminentes.

O texto não dá qualquer evidência de que Paulo tenha atrasado sua viagem para postergar ou evitar as aflições que o aguardavam. Ele não resiste ao Espírito mas ouve com obediência e permite que ele governe sua vida. Então, Paulo claramente afirma:

24. "Porém, não considero minha vida de forma alguma preciosa; quero completar a corrida e cumprir o ministério que recebi do Senhor Jesus, isto é, testificar do evangelho da graça de Deus."

Observe os seguintes pontos:

a. *Variações*. Se examinarmos algumas outras traduções veremos que elas mostram variações na primeira linha desse versículo:

"Mas nenhuma dessas coisas me impressiona; nem eu considero minha vida preciosa para mim" (NKJV; veja também KJV, MLB).
"Mas a vida para mim não é uma coisa sobre a qual se deva desperdiçar palavras" (BJ).
"Mas eu não considero minha vida em nada preciosa para mim" (NASB).

A razão para as diferenças está, primeiro, na evidência do manuscrito grego, e segundo, nas expressões idiomáticas. Os textos Ocidental e Majority, trazem a versão expandida que é refletida nas traduções mais longas.[33] Além disso, o versículo contém tanto uma combinação como uma contração de duas expressões: "Eu não considero em nada" e "eu não considero minha vida preciosa"[34] Uma tradução mais ou menos literal da primeira parte do versículo 24 é, "Mas eu não considero minha vida, (como se fosse) preciosa para mim".[35]

33. Consultar Metzger, *Textual Commentary*, p. 479.

34. Veja Hans Conzelmann, *Acts of the Apostles*, trad. por James Limburg, A. C. Thomas Kraabel e Donald H. Juel (1963; Filadélfia:Fortress, 1987), p. 174.

35. Comparar com James Hardy Ropes, "The Text of Acts", *Beginnings*, vol. 3, p. 196; F. F. Bruce, *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introductions and Commentary*, 3ª. ed. rev. e aum. (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), p. 570.

b. *Explicação*. Tanto na presença dos crentes na Cesaréia como nos seus escritos, Paulo declara que ele estava pronto para ceder tudo, inclusive sua vida, para Jesus Cristo (21.13; 2Co 12.10; Fp 1.20,21; 2.17; 3.8). Paulo afirma que ele está correndo uma corrida para completar seu ministério, uma metáfora que ele repete em sua última epístola, que escreveu antes de morrer: "Completei a carreira" (2Tm 4.7). A experiência da conversão de Paulo foi o começo dessa corrida, que agora ele espera completar. Ele sabe que o propósito dessa carreira é completar a tarefa que Jesus lhe deu para fazer, a saber, a tarefa de testificar as boas-novas da graça de Deus (comparar com 2Co 5.18).

c. *Intenção*. As palavras de Paulo não devem ser necessariamente entendidas como significando que ele esperava que sua missão de vida chegasse a um fim abrupto em Jerusalém. Ele havia anteriormente externado seu desejo de ir a Roma (19.21), e em sua epístola à igreja da cidade imperial ele escreve que deseja ir à Espanha (Rm 15.24,28). Ele via sua tarefa se expandir em círculos cada vez maiores, de Jerusalém até aos confins da terra (1.8).

O próprio evangelho revela a graça de Deus a seu povo. Em seu discurso de despedida, Paulo usa esse conceito mais uma vez quando ele recomenda os presbíteros a Deus e à palavra de sua graça (v. 32). Igualmente Pedro, no Concílio de Jerusalém, disse que os gentios são salvos por meio da graça de Jesus (15.11). A salvação é dom da graça de Deus que o pecador toma posse pela fé.[36]

Palavras, Frases e Construções em Grego em 20.22-24

Versículos 22,23

πορεύομαι – o tempo presente deste verbo "descreve uma ação que já estava em progresso, 'eu estou indo para Jerusalém'".[37]

δεσμά – esse substantivo plural *cadeias* (ou seja, prisão) aparece três vezes no Novo Testamento, todas nos escritos de Lucas (Lc 8.29; At 16.26; 20.23). Como sinônimo de δεσμός (cadeias), que descreve vividamente a prisão final de Paulo.

---

36. Os conceitos *graça* e *fé* são intimamente relacionados. Consultar Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: Inter-Varsity, 1981), p. 617.

37. Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: baker, 1983), p. 232.

Versículo 24

A primeira cláusula neste versículo é um grego canhestro porque duas expressões idiomáticas são condensadas. O texto Ocidental separou as duas expressões expandindo o texto: οὐδενὸς λόγον ἔχω μοι (eu não avaliou nada por mim mesmo) e οὐδὲ ποιοῦμαι τὴν ψυχήν μου τιμί αν ἐμαυτοῦ (eu não faço minha vida preciosa para mim). Com modificações, o Textus Receptus e Majority adotaram esta versão expandida.

τῆς χάριτος τοῦ θεοῦ – "A graça de Deus". Com o substantivo *evangelho*, esta expressão é um genitivo subjetivo, não um genitivo objetivo. O evangelho é uma dádiva de Deus.

---

d. *Alerta*

20.25-31

25. "E eu sei que nenhum de vocês, a quem eu estive pregando o reino, verá meu rosto novamente."

Na terceira parte do discurso de despedida de Paulo aos presbíteros efésios, ele prediz que não mais haverão de se encontrar. Como se deve interpretar esse versículo tendo em vista que Paulo retornou mais tarde a Éfeso (1Tm 1.3; 3.14)? Várias respostas podem ser dadas:

1. Quando Lucas escreveu Atos, ele não sabia dos planos de visita de Paulo a Éfeso. Isso é possível se for fato que Lucas escreveu Atos logo depois de Paulo ter sido libertado de sua prisão domiciliar em Roma.
2. Paulo planejava viajar para Roma e outras terras; ele não tinha intenção de retornar a Éfeso. Essa explicação é crível se assumirmos que ele visitou a Espanha.[38]
3. Paulo esperava viajar para Roma, onde ele iria morrer.[39] Mas Lucas termina o Livro de Atos com uma nota otimista que descreve Paulo pregando o evangelho sem empecilho (28.31).
4. Paulo era da opinião de que seria morto em Jerusalém. Somente se

38. Clemente de Roma diz, "[Paulo] chegou aos limites do Ocidente". 1 Clem. 5.7 (LCL); veja o Cânone Muratoriano, linhas 34-39. Hemer apóia a idéia de que Paulo visitou a Espanha, mas se furta a especulações. *Book of Acts*, p. 400.

39. Conzelmann vê um aprisionamento em Roma, durante o qual Paulo morreu (*Acts*, p. 174). A tradição, contudo, assegura que Paulo foi preso duas vezes e viajou muito no ínterim.

interpretarmos este versículo (v. 25) do ponto de vista estritamente humano é que poderemos dizer que Paulo temia essa possibilidade.

5. Quando Paulo finalmente retornou aos seus antigos fiéis em Éfeso, "quase *todas* aquelas pessoas tinham morrido ou se mudado".[40] Mas isso trata-se de mera suposição.

As duas primeiras interpretações são as mais plausíveis. Embora com certeza Paulo percebesse a importância da direção Espírito, contudo ele tinha vontade de pregar o evangelho em outros lugares. Conseqüentemente Paulo disse aos presbíteros efésios que tinham ouvido a mensagem do reino (ou seja, o evangelho [veja 19.8]) que eles não mais veriam sua face. Paulo não iria retornar a Éfeso como ministro deles; ele agora os encarregava de tomar conta da igreja local (v. 28).

26. "Portanto, eu hoje testifico a vocês que estou inocente do sangue de todos os homens. 27. Eu não hesitei em proclamar a vocês todo o propósito de Deus."

Paulo conclui, a partir da afirmação anterior, que sua tarefa em Éfeso tinha terminado. Ao usar novamente o verbo *testificar* (v. 21), ele atesta sua fidelidade na pregação do evangelho: "Eu estou inocente do sangue de todos os homens". Paulo alude a uma profecia em Ezequiel na qual o sentinela da torre de vigia do muro da cidade toca a trombeta para alertar as pessoas da aproximação do perigo. Mas se os habitantes da cidade ignorarem o aviso, o vigia não será considerado responsável caso o sangue deles seja derramado no cerco iminente (Ez 33.4; e veja 3.17-19). Paulo se referiu à essa mesma passagem do Antigo Testamento quando ele se separou dos líderes judeus na sinagoga em Corinto (18.6).

Mais uma vez Paulo repete o que afirmara antes (v. 20): "Eu não hesitei em proclamar a vocês todo o propósito de Deus". Ele não escondeu as verdades do evangelho, mas proclamou o evangelho completo tanto a judeus como a gregos. Ao se dirigir à sua audiência, Paulo usou tato e discrição mas nunca comprometeu a mensagem da salvação. A frase *todo o propósito de Deus* se refere à completa revelação que Deus deu seu em Filho Jesus Cristo, por meio do qual todo crente

40. Bengel, *Gnomon of the New Testament*, vol. 2, p. 688.

obtém a salvação (comparar com 2.23; 4.28). Note-se que em sua epístola aos Efésios, Paulo delineia como Deus realiza e cumpre seu plano de salvação por meio de Cristo, "no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho de sua vontade" (1.11).

28. "Vigiem a vocês mesmos e a todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os tornou bispos para pastorear a igreja de Deus, que ele comprou com seu próprio sangue.

a. "Vigiem a vocês mesmos e a todo o rebanho." Paulo dá um encargo aos presbíteros efésios, que devem assumir as responsabilidades pastorais na igreja local. Ele começa por lhes dizer que cuidem de si mesmos, ou seja, eles devem ser exemplos espirituais para os membros da igreja. Ele os exorta a concentrarem-se no trabalho de vigiarem a si mesmos (comparar com 1Tm 4.16).

Além disso, os presbíteros têm a tarefa de cuidar das necessidades espirituais de "todo o rebanho". Paulo toma emprestada a linguagem da sociedade agrícola de seu tempo.[41] Isso é bastante incomum de Paulo, cuja educação o conservara distante de qualquer conhecimento a respeito da tarefa de pastorear ovelhas. Porém, ele sabia que Jesus com freqüência fazia alusão ao pastor e às ovelhas.[42] E quando Pedro escreveu sua epístola, ele chamou Jesus de Supremo Pastor sob cuja autoridade os presbíteros servem como bispos e pastores do rebanho de Deus (1Pe 5.1-4).

b. "sobre o qual o Espírito Santo os constituiu bispos." Essa cláusula introduz dois pontos significativos. Primeiro, Paulo afirma que o Espírito Santo designou os presbíteros como bispos. Talvez Paulo estivesse se referindo a uma cerimônia específica que teria marcado a indicação deles (comparar com 14.23). Segundo, ele usa o termo *bispos* como sinônimo de "presbíteros" (veja v. 17). A tarefa dos bispos é ser um pastor (comparar com Nm 27.16,17) como Jesus Cristo:

> Pastorear significa cuidado amoroso e consideração, uma responsabilidade cumprida voluntariamente; não deve jamais ser usada para

41. Em suas epístolas, Paulo refere-se apenas uma vez a um rebanho (1Co 9.7) e a pastores (Ef 4.11).

42. Por exemplo, Mateus 7.15; 10.6; 18.12; 25.32; 26.31; João 10.1-4,11,14,16; 21.16,17.

engrandecimento pessoal. Seu significado deve ser observado no serviço altruísta de Cristo, que foi movido pela preocupação com a salvação dos homens.[43]

Tanto Paulo como Pedro descrevem as responsabilidades de um pastor em suas respectivas epístolas. Paulo lista uma série de qualificações para alguém que aspira ao ofício de presbítero / pastor (1Tm 3.1-7; Tt 1.6-9), e Pedro de maneira semelhante especifica os deveres de um presbítero (1Pe 5.1-4). Ambos os apóstolos usam os termos *presbíteros* e *bispo* como sinônimos.

c. "para pastorear a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue." Esta cláusula apresenta dificuldades porque a expressão *igreja de Deus* pode ser traduzida "igreja de Deus/Cristo" ou "igreja do Senhor." A primeira expressão é comum no Novo Testamento; ocorre doze vezes à parte de Atos 20.28.[44] Por outro lado, embora a versão *a igreja do Senhor* apareça em alguns manuscritos gregos excelentes, a frase não ocorre em lugar algum no Novo Testamento e apenas sete vezes na Septuaginta. Com base em evidência escriturística, eu me inclino a adotar a versão *a igreja de Deus*.

Outra dificuldade, entretanto, permanece. Qual é o significado da tradução literal *com seu próprio sangue*? Se nós traduzirmos a frase "com seu próprio sangue", como a maioria dos tradutores, confundimos o significado da sentença. O contexto menciona o Espírito Santo e Deus, a quem a palavra *sangue* não se aplica. Talvez a sugestão de dizer que "seu próprio" é uma variante de "seu amado" ou "seu único [Filho]" seja um passo na direção da resolução da questão.[45]

d. "A igreja de Deus, a qual ele comprou." Deus comprou a igreja universal com o sangue de seu Filho. Ele pagou um preço incalculável para salvar um povo para si mesmo por meio da morte de Cristo na

43. Lothar Coenen, *NIDNTT*, vol. 1, p. 191. E veja Hermann Wolfgang Beyer, *TDNT*, vol. 2, pp. 615-17.

44. A expressão *igreja de Cristo* ocorre somente em Romanos 16.16; outros textos trazem *igreja de Deus* (1Co 1.2; 10.32; 11.16,22; 15.9; 2Co 1.1; Gl 1.13; 1Ts 2.14; 2Ts 1.4; 1Tm 3.5,15).

45. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 262; Metzger, *Textual Commentary*, pp. 480-81. As versões (NEB, RSV, SEB) que aceitam a versão *a igreja do Senhor* elimina a dificuldade com a tradução *seu próprio sangue*.

cruz. Donald Guthrie escreve, "A idéia da morte de Cristo como o preço de compra é uma ênfase distintiva nas epístolas de Paulo.[46] Na verdade, Paulo diz aos coríntios. "Vocês foram comprados por um preço" (1Co 6.20; 7.23; e veja Sl 74.2; Ap 5.9).

29. "Eu sei que, depois da minha partida, lobos vorazes penetrarão no meio de vocês e não pouparão o rebanho. 30. E inclusive dentro de seu próprio meio, alguns homens se levantarão para falar coisas pervertidas, a fim de arrastar os discípulos atrás deles."

a. "Eu sei." Novamente Paulo emprega o verbo *saber*. Ele tem total conhecimento das condições de perigo que os crentes se encontrarão depois que ele os deixar. Ele fala com conhecimento de causa: "lobos vorazes penetrarão no meio de vocês". Os lobos eram predadores que atacavam o rebanho e despedaçavam muitas ovelhas (comparar com Mt 7.15; 10.16; Jo 10.12).

b. "Depois da minha partida." Paulo introduz o conceito de *partida* em termos gerais. Depois da partida dos apóstolos, muitas das sete igrejas da província da Ásia mostraram letargia espiritual (Ap 2.1 – 3.22). O próprio Paulo continuou a alertar a igreja de Éfeso por meio de suas epístolas pastorais a Timóteo (por ex., 1Tm 4.1; 2Tm 3.1-9).

c. "Lobos vorazes." A metáfora dos lobos atacando o rebanho é uma figura dos falsos mestres que entrarão na igreja para enganar os membros e desviá-los da fé. Tanto Pedro como Judas, se opõem aos falsos mestres e zombadores que entram furtivamente na igreja para desviar o povo do caminho. Por exemplo, estes mestres negam a volta de Cristo, desprezam a autoridade, rejeitam Jesus Cristo, repudiam a conduta cristã e vivem na imoralidade (veja, p. ex., 2Pe 2; Jd 4-19).[47]

d. "Inclusive dentro de seu próprio meio." Não apenas os falsos mestres se infiltrarão entre os membros da igreja (comparar com Jd 4), mas mesmo dentro da igreja o perigo da heresia é real (veja 1Jo 2.18,19). Algumas pessoas na igreja se tornam falsos profetas, que algumas ve-

46. Guthrie, *New Testament Theology*, p. 462; e veja a p. 481.

47. Veja Simon J. Kistemaker, *Exposition of the Epistles of Peter and of Jude*, série New Testament Commentary (Grand Rapids: Baker, 1987), pp. 227-29, 357-58. Veja também G. W. H. Lampe, "Grievous Wolves" (Acts 20:29)", *in Christ and Spirit in the New Testament Studies in Honour of C. F. D. Moule,* org. por Barnabas Lindars e Stephen S. Smalley (Cambridge: Cambridge University Press, 1973), pp. 253-68.

zes se disfarçam de anjos de luz (2Co 11.14). Elas de propósito lutam por desviar os crentes da verdade do evangelho.

31. "Portanto, estejam alertas e lembrem-se de que, por três anos, noite e dia, eu não parei de advertir a cada um de vocês, com lágrimas."

Paulo faz soar o alarma: "estejam" (comparar com Mt 24.42; Mc 13.37). Ele alerta os presbíteros sobre a guerra espiritual que eles enfrentam, e que nenhum membro da igreja pode desconsiderar de maneira inocente.

Durante seus três anos de ministério, Paulo incansavelmente alertou os membros da igreja para vigiarem. Ele fez isso noite e dia com lágrimas. Em resumo, Paulo empregou seu coração, sua alma e sua mente no trabalho de admoestar os crentes a seguirem ao Senhor. E no derramar das lágrimas ele demostrou sua preocupação amorosa como pastor da congregação de Éfeso.

Implicitamente, Paulo exortava os presbíteros a seguirem seu exemplo ao assumirem a responsabilidade dos cuidados da igreja de Deus. Ele os intima a que, assim como ele trabalhou pelo bem espiritual deles sem cessar, mesmo a ponto de chorar por eles, também eles por sua vez trabalhem arduamente para o Senhor. Paulo revela que durante seu ministério ele foi um pastor diligente, porque alertou e instruiu cada membro da igreja (veja 1Co 4.14).

Além do mais, a expressão *noite e dia* não é meramente uma expressão idiomática conveniente que denota continuidade. Ela significa que Paulo continuou a praticar seu ofício (19.9) na parte da manhã, ensinou diariamente na escola de Tirano (19.9) e preencheu as horas da noite ensinando às pessoas tanto em público quanto de casa em casa (20.20).

Considerações Doutrinárias em 20.28

Três pontos requerem nossa atenção:

a. *Compra*. Deus comprou para si mesmo um povo que é peculiarmente dele. O preço pago foi o sangue de seu Filho derramado na cruz do Calvário. Entretanto, a metáfora de comprar não pode ser tomada além desse ponto, pois não há vendedor, por assim dizer. Deus não comprou a

igreja de alguém. Na verdade, a palavra grega que eu traduzi como "comprou" (v. 28) significa "adquirir, obter, ganhar para si mesmo".[48]

A palavra não tem nada que ver com comprar e vender mas sim com pagar um preço num tribunal de justiça. Por meio da obra meritória de seu Filho, Deus pagou a penalidade do pecado, ou seja, o sangue que Jesus derramou no Gólgota cobriu os pecados do povo.

b. *Trindade*. No seu discurso aos presbíteros efésios, Paulo implicitamente ensina a doutrina da Trindade. Ele justapõe "arrependimento a Deus" e "fé no nosso Senhor Jesus" (v. 21) e continua com a referência ao Espírito (v. 22) e Espírito Santo (v. 23). Ele também menciona o "Espírito Santo" como tendo escolhido os pastores para o rebanho, "a igreja de Deus [o Pai]" e o "sangue de seu próprio [Filho]" (v. 28).

c. *Igreja*. Ao escrever uma carta a um grupo de crentes, Paulo algumas vezes se dirigia a uma igreja individual (por ex., a igreja de Tessalônica [1Ts 1.1; 2Ts 1.11]). Mas em seu discurso em Mileto ele alude à igreja universal. Ele chama a atenção para a igreja de Deus, "que [Deus] tornou sua por meio da morte de seu Filho" (GNB). "Esse versículo (v. 28) é uma das asserções mais claras da doutrina da expiação no Novo Testamento."[49] Nesse texto, Paulo claramente ensina que Jesus Cristo morreu pelo povo que constitui a igreja ou seja, os eleitos (comparar com João 10.15; 17.9; Rm 8.32,33).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 20.25-30

Versículos 25,26

διῆλθον – o uso do aoristo deve ser visto como "um fato isolado sem referência ao seu progresso".[50]

διότι – no contexto, esta partícula significa "e então".

48. Bauer, p. 650. Veja também Richard B. Rackham, *The Acts of the Apostles: An Exposition*, série Westminster Commentaries series (1901; reedição, Grand Rapids: Baker, 1964), p. 392.

49. David John Williams, *Acts*, série Good News Commentaries (San Francisco: Harper and Row, 1985), p. 351. Consultar Louis Berkhof, *Systematic Theology*, 2ª. ed. rev. (Grand Rapids: Eerdmans, 1941), pp. 394-95.

50. E. D. Burton, *Moods and Tenses of New Testament Greek* (Edimburgo: Clark, 1898), nº 39(b).

Versículo 27

ὑπεστειλάμην – esse aoristo está na voz média: "eu me retiro".[51] É seguido de uma construção infinitiva (τοῦ μὴ ἀναγγεῖλαι). O caso genitivo depende do verbo precedente que expressa hesitação e medo. A partícula negativa μή fortalece a partícula que nega o verbo.

Versículo 28

ποιμαίνειν – note-se o tempo presente, "pastorear continuamente". O infinitivo pode expressar tanto comando, como um substituto para o imperativo, quanto propósito.[52] Com o verbo precedente ἔθετο (ele designou), a idéia de propósito é preferível.

περιεποιήσατο – o verbo aoristo composto está na voz média: "ele adquiriu para si". A inserção ἑαυτῷ (para si mesmo) do texto Ocidental é supérflua.

τοῦ ἰδίου – "seu próprio". Nós fornecemos o substantivo *filho* para completar a frase.[53]

Versículo 30

ὑμῶν αὐτῶν – esta combinação geralmente expressa o significado reflexivo do pronome, mas neste caso tem mais sentido de intensivo.[54]

διεστραμμένα – o particípio passivo perfeito do verbo διαστρέφω (eu distorço). É usado "para objetos que resultam em fracasso nas mãos de um trabalhador desajeitado e cuja forma é portanto distorcida."[55]

---

e. *Compromisso*

20.32-35

Lucas resume a última parte do discurso de Paulo aos presbíteros efésios, numa sentença. Na verdade, Lucas sobrepõe vários termos – graça, edificar, herança, santificar – sem explica-los. Ainda assim a intenção é clara.

32. "Agora, pois, eu os encomendo ao Senhor e à palavra da

---

51. Robertson, *Grammar*, p. 807.
52. Bruce, *Acts* (texto grego), p. 572.
53. Moule, *Idiom-Book*, p. 121.
54. Robertson, *Grammar*, p. 687.
55. Bauer, p. 189.

sua graça, que tem poder para os edificar e dar a herança entre todos os que são santificados."

Paulo está fazendo suas observações finais e encomenda sua audiência "ao Senhor e à palavra da sua graça." De modo semelhante Paulo encomendou os presbíteros das igrejas da Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe ao Senhor (14.23). Lucas ao escrever sobre a pregação de Paulo em Icônio, nota que o próprio Senhor "confirmava a palavra de sua graça" (14.3). O conceito de *graça* é tipicamente paulino, pois Paulo usa a palavra cerca de uma centena de vezes em suas epístolas. Colocado de maneira simples, a expressão *a palavra de sua graça* é sinônimo de "evangelho" (veja v. 24).[56]

O evangelho de Cristo tem o poder inerente de fortalecer e estabelecer os presbíteros efésios em sua fé. Por implicação, nós entendemos que o evangelho recebe sua autoridade do Senhor Jesus. Ele demonstra seu poder pela confirmação dos crentes por meio da palavra falada e escrita (comparar com Rm 16.25). Para ser mais preciso, é ao evangelho que Paulo encomenda os presbíteros e esse evangelho dá-lhes uma herança. A igreja já tinha o cânone do Antigo Testamento, mas no tempo certo recebeu e reconheceu também os livros do Novo Testamento como canônicos e assim herdou a palavra da graça de Deus.

Quando Paulo faz alusão à herança, ele se dirige a toda igreja. Devemos notar que ele diz que o evangelho tem poder para "dar herança entre todos os que são santificados". A palavra-chave nessa frase é a preposição *entre*, pois Paulo não diz que a palavra da graça dará herança aos presbíteros efésios. Ele diz que esses santos em particular, que são confiados a Deus e sua Palavra, recebem uma herança *entre* todos os crentes que são santificados (veja, por exemplo, 1Co 1.2). Ou seja, Paulo enfatiza "a natureza corporativa da igreja *na* qual o crentes tem seu lugar.[57] Portanto Paulo enfatiza a unidade do corpo de Cristo.

33. "Não cobicei a prata, nem o ouro, nem as roupas de ninguém. 34. Vocês mesmos sabem que estas mãos ministraram para as minhas próprias necessidades, bem como às do homens que estavam comigo."

56. Hans-Helmut Esser, *NIDNTT*, vol. 2, p. 119.
57. Hanna, *Grammatical Aid*, p. 233.

a. "Não cobicei a prata, nem o ouro, nem as roupas de ninguém." Embora o Senhor Jesus tenha declarado que aqueles que pregam as boas-novas devam receber um pagamento (Lc 10.7; citado em 1Co 9.14; 1Tm 5.18), Paulo nunca se valeu desse direito. Em vez disso, em suas cartas ele revela que trabalhou noite e dia com suas próprias mãos para se sustentar,[58] para que ninguém nunca pudesse acusá-lo de depender dos ouvintes do evangelho para suas necessidades materiais (comparar com 1Sm 12.3). Ele se recusou a ser um peso a quem quer que fosse nas igrejas que ele fundou. Pela execução de trabalho manual, ele supriu suas necessidades financeiras. Paulo recebeu donativos dos crentes em Filipos, como ele próprio revela (Fp 2.25; 4.16-18), mas ele declara que não solicitou tais ofertas.

b. "Vocês mesmos sabem que estas mãos ministraram para as minhas próprias necessidades." Os presbíteros efésios tinham observado o ministério de Paulo e seu trabalho físico durante sua permanência de três anos. Eles podiam testificar que ele nunca tinha explorado ninguém (2Co 7.2) mas tinha sempre dado um exemplo de diligência e auto-suficiência, no bom sentido da palavra. Ele tinha sido um modelo para os crentes e ensinou a regra: "Se alguém não quer trabalhar, também não coma" (2Ts 3.10).

c. E às dos homens que estavam comigo." Esse é um fragmento de informação interessante. Ao que parece Paulo obteve sustento não somente para si, mas também para seus companheiros. Entre seus companheiros em Éfeso estavam Timóteo e Erasto. Nós não sabemos se esses dois homens faziam algum tipo de trabalho físico ou eram completamente dependentes de Paulo. Lucas, entretanto, indica que com a chegada de Silas e Timóteo em Corinto, Paulo se devotou exclusivamente à pregação do evangelho. Nós assumimos que seus companheiros tinham trazido para ele donativos financeiros das igrejas da Macedônia (18.5).

35. "Em tudo eu mostrei a vocês, trabalhando duro assim, que devemos socorrer o fraco e lembrar das palavras do Senhor Jesus: 'É mais abençoado dar do que receber'."

Esse versículo levanta cinco perguntas:

a. O que é trabalho duro? Em todos os aspectos, diz Paulo aos

58. Veja 1 Coríntios 4.12; 1 Tessalonicenses 2.9; 2 Tessalonicenses 3.8.

presbíteros de Éfeso, eu ensinei a vocês a trabalhar duro e ajudar os fracos com seus ganhos. A expressão *trabalho duro* não precisa ser limitada ao labor físico, mas pode significar exaustão mental e espiritual. No Novo Testamento em grego, o verbo labutar se refere tanto ao trabalho físico como aos esforços empreendidos pelos mestres do evangelho e promotores do reino de Deus (1Co 15.10; 16.16).[59]

b. Quem são os fracos? Ao mundo gentio do tempo de Paulo faltavam as virtudes do amor e da misericórdia. Ninguém se importava com os pobres, os destituídos, os doentes e os fisicamente débeis. Os cristãos alcançavam aqueles em necessidade por causa do amor e da misericórdia que eles próprios receberam de Cristo. Eles cuidavam dos pobres, visitavam os enfermos e ajudavam os fracos. Eles faziam isso sem lembrar quando, onde e quem eles ajudavam (veja Mt 25.37-40).

c. Isso era um provérbio conhecido? Paulo exorta aos presbíteros efésios a obedecer ao mandamento que o próprio Senhor Jesus deu: "É mais abençoado dar do que receber". Note-se que Paulo introduz essas palavras do Senhor com a ordem *lembre-se das palavras*. Durante seu ministério em Éfeso, Paulo tinha ensinado com fidelidade os ensinamentos de Jesus; então os presbíteros sabiam muito bem de sua importância. E um desses ditos era o mandamento da bênção de dar. Os quatro evangelistas não registraram esse dito em seus respectivos evangelhos; no entanto, são palavras genuínas do Senhor.

d. Qual é o significado desse bem-conhecido provérbio? Nós não devemos pensar que somente quem dá e não quem recebe, é abençoado. O receptor recebe uma bênção por meio do donativo. Mas a virtude de dar é um reflexo da atividade contínua de Deus. O maior desejo de Deus é dar. Quando o homem segue o exemplo de Deus, ele recebe uma bênção divina porque ele demonstra que é um dos filhos de Deus.[60] O que Jesus manda neste provérbio é que o ato de dar e não o de tomar ou surrupiar alguma coisa para si mesmo, é uma bênção.[61] O contraste nesse provérbio é comparável à observação de Jesus de que ele veio

59. Thayer, p. 355; Bauer, p. 443.

60. Consultar Joachim Jeremias, *Unknown Sayings of Jesus*, trad. por Reginald H. Fuller (Londres: SPCK, 1957), p. 80.

61. The *Didache* (1.5) tem um paralelo interessante: "Abençoado seja o que dá....pesar para o que recebe, pois se alguém recebe ajuda sob pressão da necessidade, ele é inocente; mas se ele recebe sem precisar, então deve ser julgado sobre o por que e para que o faz".

para servir e não para ser servido (Mc 10.45). O cristão deve mostrar seu amor pelo seu próximo dando suas coisas com alegria (veja Lc 6.30; 2Co 9.7b).

e. São palavras genuínas de Jesus? Ditos populares das culturas persa, grega e judaica são semelhantes às afirmações de Jesus; por exemplo, "Mais bem aventurado é para um homem livre dar quando ele deve do que receber quando precisa".[62]

Mas as analogias não anulam a genuinidade da máxima de Jesus. Jesus não tomou a Regra de Ouro emprestada, "Como quereis que os homens vos façam, assim fazei vós também a eles" (Lc 6.31 [NIV] de Confúcio. Enquanto Jesus falava positivamente, Confúcio se expressou negativamente: "Seja o que for que você não quer que os outros te façam não lhes faça também".[63]

Considerações Práticas em 20.34,35

O Novo Testamento ensina a dignidade e o significado do trabalho, pelo qual o trabalhador pode cuidar das necessidades de sua família e das pessoas impossibilitadas (1Ts 4.11,12; 1Tm 5.8). A comunidade cristã deve sempre cuidar dos pobres (Gl 2.10; 6.10). Por outro lado, todas as pessoas capazes devem se ocupar em emprego conveniente. Nas palavras da *Didache,* "Que todo aquele que 'vem em Nome do Senhor' seja recebido.... Se ele não tiver ofício [ocupação] providencie para ele de acordo com seu entendimento, de modo que nenhum homem viva ocioso entre vós, porque ele é um cristão".[64]

Palavras, Frases e Construções em Grego em 20.32 e 35

Versículo 32

τῷ θεῷ – embora alguns manuscritos tragam τῷ κυρίῳ, a evidência textual apóia a versão *a Deus.*

τῷ δυναμένῳ – o caso dativo depende do antecedente mais próximo, que é τῷ λόγῳ (a palavra).

---

62. Aristóteles, *Ethica Nicomachea* 4.1.7 Comparar com Tucídides 2.97.4; e veja Sir. 4:31.

63. Confucius *The Analects12*.2.

64. *Didache* 12.1, 4-5 (LCL).

Versículo 35

πάντα – o acusativo plural é um acusativo de especificação que tem o sentido de um advérbio: "em todos os sentidos".[65]

ὅτι οὕτως – "desta maneira". Essa combinação não significa "assim – a saber por labutar". É uma ordem (acompanhada de gesto de ênfase): "olha, assim todos devem trabalhar e labutar".[66]

---

f. Partida

20.36-38

Paulo conclui suas recomendações aos presbíteros de Éfeso com as palavras atribuídas a Jesus e conhecida deles do tempo do ministério de Paulo entre eles. Os presbíteros compreendem que a responsabilidade de cuidar das necessidades espirituais dos crentes pertence a eles. A hora de dizer adeus ao seu amado mestre chegara.

36. Depois de ter dito essas coisas, ajoelhou-se com todos e orou.

Ao longo de toda a sua narrativa, Lucas revela que Paulo tinha completo controle de toda a situação. No término de seu discurso, Paulo se ajoelha com os presbíteros de Éfeso e fervorosamente ora por cada um deles. Em seu discurso ele os encomenda a Deus; agora, antes de sua partida, ele leva suas necessidades e pedidos a Deus em oração (comparar com 21.5)

37. Eles começaram a chorar alto, a abraçá-lo e a beijá-lo.

O amor constante que Paulo deu aos efésios durante seu ministério, é totalmente retribuído pelos presbíteros que, dominados pela emoção, choram em voz alta. A intensidade do choro demonstra a afeição deles por Paulo. Eles o abraçam e o beijam repetidamente. O grego é descritivo: "Caindo em volta do seu pescoço eles ficaram beijando-o"(comparar com Gn 33.4; 45.14,15; e Lc 15.20).

38. Eles estavam entristecidos especialmente pela sua declaração de que eles não mais veriam o seu rosto. E acompanharam-no até o navio.

No seu discurso, Paulo afirmou que os presbíteros não mais o veri-

---

65. Bauer, p. 633.
66. Blass e Debrunner, *Greek Grammar*, nº 425.6.

am de novo (v. 25). Ele então experimenta o impacto dessa palavra porque os membros de sua audiência lhe dizem adeus com a idéia que jamais se encontrarão novamente na terra. O verbo que é traduzido como "ver" na realidade significa "observar cuidadosamente". Eles entendem que chegara o fim. Com tristeza acompanham Paulo até o navio que o levará, juntamente com seus companheiros, a Jerusalém. Contudo, pela providência divina eles se encontram outra vez depois da libertação de Paulo em Roma (1Tm 1.3; 3.14).

Sumário do Capítulo 20

Quando a revolta em Éfeso terminou, Paulo se dá conta que a hora de sua partida estava próxima. Ele reúne seus discípulos, anima-os, e depois parte para a Macedônia e Grécia. Depois de passar três meses na Grécia, ele decide ir para a Síria. Para frustrar um atentado contra sua vida, ele viaja pela Macedônia com alguns amigos.

De Filipos Paulo navega para Trôade, onde permanece por sete dias, parte o pão no primeiro dia da semana e prega a Palavra. Enquanto Paulo prega, Êutico, "vencido pelo sono", cai de uma janela. Ele morre, mas é ressuscitado por Paulo. Paulo continua sua jornada a pé até Assôs, onde ele embarca para Mileto. Ali ele convoca os presbíteros de Éfeso para virem e ouvirem o discurso de despedida de Paulo.

Paulo relembra os presbíteros do trabalho por ele realizado entre eles por meio do ensino público, e de casa em casa. Ele informa que o Espírito Santo o está avisando de que prisão e provas o esperam em Jerusalém. Ele diz que não mais se verão. Paulo afirma que proclamou a mensagem completa da palavra de Deus e recomenda aos presbíteros que sejam vigilantes com respeito ao rebanho da igreja de Deus. Ele os alerta para o perigo de lobos vorazes que irão aparecer entre as ovelhas. Ele os exorta a seguir seu exemplo e a trabalharem arduamente. E por último, ele conclui seu discurso com a bem conhecida Palavra do Senhor Jesus.

Depois do discurso, os presbíteros choram, abraçam Paulo e o beijam. Eles o acompanham até o navio.

21

A Terceira Viagem Missionária

Parte 4

21.1-16

e Em Jerusalém e Cesaréia

Parte 1

21.17-40

ESBOÇO (continuação)

21.1-16	4. Viagem
21.1-6	a. A Tiro
21.7-9	b. Em Cesaréia
21.10,11	1) Profecia
21.12-14	2) Resposta
21.15,16	c. Para Jerusalém
21.17–26.32	IX. Em Jerusalém e Cesaréia
21.17-23.22	A. Em Jerusalém
21.17-26	1. A Chegada de Paulo
21.17-19	a. A Recepção
21.20-25	b. O Conselho
21.26	c. O Voto
21.27-36	2. A Prisão de Paulo
21.27-29	a. A Acusação
21.30-32	b. A Confusão
21.33-36	c. A Intervenção
21.37–22.21	3. O Discurso de Paulo
21.37-40	a. O Pedido

Capítulo 21

ATOS 21.1-16

21 1. Depois de nos separarmos deles, fizemo-nos à vela e, navegando sempre para a frente, chegamos a Cós; no dia seguinte, fomos a Rodes, e dali, a Pátara. 2. Achando um navio que ia para a Fenícia, embarcamos nele e seguimos viagem. 3. Quando Chipre já estava à vista, deixando-a à esquerda, navegamos para a Síria. Desembarcamos em Tiro, pois o navio devia ser descarregado ali. 4. Encontrando os discípulos, permanecemos lá durante sete dias. Por intermédio do Espírito, eles disseram a Paulo que não fosse a Jerusalém. 5. Passados aqueles dias, nos separamos e começamos nossa viagem. Acompanhados por todos, cada um com sua mulher e filhos, até fora da cidade, nós nos ajoelhados na praia e oramos. 6. Nos nós despedimos uns dos outros e embarcamos, enquanto eles voltaram para casa. 7. Continuamos nossa viagem a partir de Tiro e desembarcamos em Ptolemaida, onde saudamos os irmãos e passamos um dia com eles. 8. No dia seguinte, partimos, chegamos a Cesaréia entramos na casa de Filipe, o evangelista, que era um dos sete, e ficamos com ele. 9. Ele tinha quatro filhas, que eram virgens e profetizavam.

10. Depois de termos estado ali já por alguns dias, desceu da Judéia um profeta chamado Ágabo. 11. E, vindo ter conosco, tomou o cinto de Paulo, ligando com ele os próprios pés e mãos. Ele disse, "O Espírito Santo diz: 'Assim os judeus, em Jerusalém, farão ao dono deste cinto e o entregarão nas mãos dos gentios'". 12. Quando ouvimos estas palavras, tanto nós como os daquele lugar, rogamos a Paulo que não subisse a Jerusalém. 13. Então, ele respondeu: "Por que vocês estão chorando e quebrantando meu coração? Eu estou pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus". 14. Como ele não poderia ser dissuadido, desistimos e dissemos: "Que seja feita a vontade do Senhor".

15. Depois desse intervalo, nos preparamos e subimos para Jerusalém. 16. Alguns dos discípulos de Cesaréia nos acompanharam, levando-nos a Mnasom, natural de Chipre, antigo discípulo, com quem ficamos.

4. *Viagem*

21.1-16

Em sua narrativa da viagem, Lucas apresenta um relato quase que diário dos incidentes que aconteceram na ida de Mileto a Jerusalém. Ele nota que os crentes tanto de Tiros quanto de Mileto alertaram Paulo, por meio do Espírito Santo, para não ir a Jerusalém. Em resumo, Lucas introduz um conflito aparente: Paulo sendo compelido pelo Espírito a prosseguir (20.22) e os crentes, por meio do Espírito, advertindo-o para não ir.

a. *Para Tiro*

21.1-6

1 Depois de nos separarmos deles, fizemo-nos à vela e, navegando sempre para a frente, chegamos a Cós; no dia seguinte, fomos a Rodes, e dali, a Pátara. 2 Achando um navio que ia para a Fenícia, embarcamos nele e seguimos viagem.

Não temos qualquer indicação sobre quem viajou com Paulo de Mileto a Jerusalém, mas presumimos que Lucas e os companheiros de viagem listados em 20.4 estavam com ele. Assim sendo, o pronome *nós* se refere aos nove homens que se despediram dos presbíteros em Éfeso. O texto grego descreve uma cena de despedida carregada de emoções: um pouco antes do embarque, eles caem em prantos pelas demonstrações de afeto e tristeza por parte dos presbíteros efésios.

O navio deixa o porto de Mileto; impelido por um vento setentrional, bordeja a costa e veleja para a ilha de Cós, ao sul. Os viajantes chegam à tarde e passam a noite ali. Na manhã seguinte a tripulação iça velas. Zarpando na direção sudeste o navio chega à cidade de Rodes, localizada na extremidade norte da ilha de mesmo nome, ao final do segundo dia. Contornando a costa sudoeste da Ásia Menor; no terceiro dia ele se dirige para Pátara, uma cidade com um excelente porto, na província de Lícia.[1]

1. De acordo com o texto ocidental, Paulo e seus companheiros viajaram para Mira. Os outros manuscritos mais importantes não trazem a referência que pode ter sido inserida no texto ocidental pela assimilação de 27.5 ou de Atos de Paulo e Thecla. Consultar Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª ed. cor. (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 482.

Em Pátara, Paulo e seus companheiros se transferem para outro navio. Embora Lucas não esclareça o motivo da troca de embarcação, nós imaginamos que o navio que fazia o percurso da costa ocidental da Ásia Menor fosse um circular. No século 1º a maioria dos navios geralmente não se afastava da linha da costa mas os maiores cruzavam mar aberto de Pátara a Tiro, na Fenícia. Medindo talvez mais de trezentos metros de comprimento, esses navios tinham capacidade para se aventurarem longe do continente.[2] Alguns navios de carga acomodavam numerosos passageiros; por exemplo, o que encalhou em Malta tinha 276 pessoas a bordo (27.37). Além do mais, um navio direto de Pátara a Tiro (cerca de 650 quilômetros) seria muito mais rápido do que um parando de porto em porto ao longo da costa.

3 Quando Chipre já estava à vista, deixando-a à esquerda, navegamos para a Síria. Desembarcamos em Tiro, pois o navio devia ser descarregado ali.

Paulo e seus companheiros embarcaram num navio grande que vai direto para Tiro. Possivelmente no decurso de três dias eles começariam avistar as montanhas de Chipre à medida que se aproximavam da ilha e seguindo rumo ao sul (contraste com 27.4). Como Lucas escreve "navegamos", isso parece indicar a contribuição de vento favorável. Eles chegaram no porto de Tiro no quarto ou quinto dia de viagem. Lucas acrescenta que o navio ancorou no porto para descarregar. Usando a construção do presente particípio do grego *ser descarregado*, ele indica que a tarefa de esvaziar o navio tomou tempo – sete dias. Essa informação confirma que Paulo viajava a bordo de um cargueiro grande.[3] Aparentemente ele seguiu viagem no mesmo navio; caso contrário ele não teria necessidade de permanecer nesse porto por uma semana inteira.

4. Encontrando os discípulos, permanecemos lá durante sete dias. Por intermédio do Espírito, eles disseram a Paulo que não fosse a Jerusalém.

Em Atos, o nome *Tiro* ocorre duas vezes nesse contexto (vs. 3,7) e

2. Veja Earle Hilgert, "Ships; Boats", *ISBE*, vol. 4, pp. 482-89.
3. Consultar William M. Ramsay, *St. Paul The Traveller and the Roman Citizen* (1897; reedição. Grand Rapids: Baker, 1962), p. 300.

uma vez em 12.20. Essa cidade localizava-se na Fenícia (atual Líbano); crentes judeus que foram dispersos depois da morte de Estevão chegaram a ir tão longe quanto a Fenícia (11.19) e levaram o evangelho de Cristo ao conhecimento das pessoas. Quando Paulo e Barnabé viajaram da Antioquia para Jerusalém eles cruzaram a Fenícia para contar aos crentes como Deus havia levado a fé até os gentios (15.3). Aqueles crentes ficaram muito satisfeitos em saber do crescimento da igreja entre os gentios. A cidade de Tiro, que gozava de *status* colonial nos tempos romanos, pode ter tido uma congregação de judeus e gentios quando Paulo foi visitá-la. Pouco sabemos a respeito dessa igreja, mas nos tempos pós-apostólicos Tiro se tornou um grande centro da fé cristã (cumprimento do Sl 87.4).

Tiro fica a cerca de 180 quilômetros ao norte-noroeste de Jerusalém e cerca de 105 quilômetros de Cesaréia. Em outras palavras, Paulo podia facilmente chegar a Jerusalém antes do dia de Pentecostes (20.16). Até mesmo se ele cobrisse a distância a pé ainda assim chegaria a Jerusalém em uma semana. Mas na ocasião ele tinha tempo de ministrar aos discípulos em Tiro.

Enquanto a tripulação descarregava o navio, Paulo e seus companheiros foram para a cidade tentar encontrar os membros da igreja local. Eles os encontram e ali permanecem por sete dias (veja 20.6). Nós presumimos que Paulo usa esse tempo para ensinar aos cristãos, que Lucas chama de discípulos. Porém esses crentes não são necessariamente novos convertidos. Eles recebem instrução de Paulo e de volta eles lhes dão uma palavra de alerta.

Lucas relata que os cristãos de Tiro tratam de dissuadir Paulo da idéia de viajar até Jerusalém. Eles tinham recebido uma revelação do Espírito Santo (comparar com 1Co 14.32) de que Paulo iria enfrentar adversidades ali. Essa revelação apóia o comentário de Paulo de que o Espírito Santo o havia alertado sobre futura prisão e dificuldades (20.23).

Haverá uma contradição entre as revelações que Paulo recebeu do Espírito Santo e a recebida pelos crentes de Tiro? Não, de modo algum. Os cristãos de Tiro ouviram o Espírito Santo dizer que Paulo iria enfrentar oposições, mas não entenderam o propósito dos sofrimentos futuros de Paulo. Já ao contrário, Paulo entendeu os avisos como confirmação de que "lhe importa sofrer pelo meu nome" (9.16 JFA). Ele

considerou essas revelações divinas como símbolos da graça de Deus designadas para prepará-lo para o futuro imediato.[4]

Os membros da igreja em Tiro expressaram uma reação humana normal: eles aconselharam a Paulo a não ir a Jerusalém. Eles desejavam que Paulo evitasse as aflições óbvias que o aguardavam. Mas Paulo se torna cada vez mais determinado em seguir adiante e aceitar os sofrimentos predeterminados como um verdadeiro servo de seu Deus e partir para Jerusalém (veja passagem paralela em Lc 9.51).

5. Passados aqueles dias, nos separamos e começamos nossa viagem. Acompanhados por todos, cada um com sua mulher e filhos, até fora da cidade, nós nos ajoelhados na praia e oramos.

a. "Passados aqueles dias." Essa frase nos diz que a tripulação havia terminado de descarregar o navio e estava pronta a prosseguir viagem. Portanto, não foi Paulo, mas o capitão do navio quem determinou a duração de sua permanência em Tiro.

b. "Acompanhados por todos, cada um com sua mulher e filhos, até fora da cidade." Aqui aparece uma amostra da estreita relação de Paulo com as igrejas que ele servia. Em Mileto os presbíteros efésios o abraçaram e o beijaram na despedida (20.37). Em Tiro, quase toda a congregação – maridos, esposas e filhos – o acompanharam bem como a seus companheiros, até o navio. A despedida foi menos emocional em Tiro do que em Mileto; Paulo havia servido em Éfeso por quase três anos e tinha estado com os crentes em Tiro por apenas uma semana. De qualquer maneira, há um paralelo: em ambos os locais os crentes oraram juntos.

c. "Nós nos ajoelhados na praia e oramos." Embora ajoelhar seja uma postura apropriada para a oração,[5] as Escrituras não prescrevem uma postura específica. Nas epístolas pastorais Paulo fala de erguer as santas mãos em oração (1Tm 2.8), e os judeus em geral ficam de pé enquanto oram. Na praia de Tiro, toda a congregação, juntamente com Paulo e seus companheiros, se ajoelharam e oraram uns pelos outros. Que testemunho fabuloso para os gentios que assistiram ao aconteci-

4. João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 2, p. 193.

5. Veja 2 Crônicas 6.13; Salmo 95.6; Daniel 6.10; Atos 9.40.

mento! O conteúdo das orações que foram oferecidas na praia de Tiro não é conhecido, mas nós imaginamos que Paulo tenha orado pelo crescimento da igreja local. Por sua vez, a congregação teria orado pela segurança de Paulo.

6 Nos nós despedimos uns dos outros e embarcamos, enquanto eles voltaram para casa.

Os membros da congregação acompanharam Paulo e seus companheiros até o navio ancorado nas docas. Ali eles se separam: Paulo e seus companheiros embarcam no navio que os havia trazido a Tiro e agora os levará a Ptolemaida e Cesaréia. Os membros da Igreja retornam a seus respectivos lares.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 21.1-6

Versículos 1,2

ἀποσπασθέντας – o particípio passivo aoristo (de ἀποσπάω, eu parto) deve ser entendido como um reflexivo e ser interpretado de modo literal: "nós nos apartamos".

διαπερῶν – este particípio presente ativo de διαπεράω (eu cruzo) "tem um sentido de propósito futurístico". O propósito expresso neste particípio coincide com a ação do verbo principal ou particípio precedente: "Encontramos um barco que ia atravessar". Isso pode ser dito também do particípio presente ἀποφορτιζόμενον (v. 3), "o navio seria descarregado ali".[6]

Versículo 3

ἀναφάναντες – do ἀναφαίνω (eu avisto; faz aparecer), o particípio aoristo ativo significa "nós o tornamos visível para nós mesmos chegando mais perto".[7]

ἐπλέομεν – o tempo imperfeito tem um sentido descritivo: "nós continuamos a navegar". Indica que os ventos foram favoráveis durante toda a viagem. Em contraste, o tempo aoristo em χατήλθομεν (nós aportamos) denota uma ocorrência única.

---

6. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), pp. 891, 1115.

7. Consultar Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. por Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), nº 309.1.

Versículo 4

αὐτοῦ – um advérbio de lugar ("lá"), não um caso genitivo de pronome pessoal.[8]

ἔλεγον – o tempo imperfeito significa repetição: "eles continuaram a repetir-lhe que não fosse". μὴ ἐπιβαίνειν é uma cláusula de propósito negativo com um presente infinitivo.

Versículos 5,6

ἐξαρτίσαι – esse infinitivo aoristo ativo do verbo ἐξαρτίζω (eu termino, completo) é talvez um termo náutico.[9]

τὸ πλοῖον – o artigo definido aparece para apoiar a interpretação de que Paulo embarcou no mesmo navio que o trouxera a Tiro.

τὰ ἴδια – o termo é idiomático: "para suas próprias casas".

---

b. *Em Cesaréia*

21.7-9

7. Continuamos nossa viagem a partir de Tiro e desembarcamos em Ptolemaida, onde saudamos os irmãos e passamos um dia com eles.

Lucas relata que de Tiro o grupo continuou a viagem para o porto de Ptolemaida. A distância entre os dois lugares é de cerca de 44 quilômetros; com um vento favorável o navio podia rapidamente cobrir o percurso em menos de um dia. Com pequenas diferenças, muitos tradutores dão, "Quando nós tínhamos terminado a viagem a partir de Tiro".[10] A implicação é que Paulo desembarcou em Ptolemaida e tinha a intenção de fazer o restante da viagem a pé. Entretanto, o verbo grego *dianyo* (completar) pode também ser interpretado como "continuar", como é evidenciado pela literatura grega.[11] Paulo então, prosseguiu sua viagem depois de uma breve pausa em Ptolemaida.

---

8. Bauer, p. 124.

9. F. F. Bruce, *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary*, 3ª (ed. rev. e aum.). (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), p. 580.

10. KJV, NJV, RSV, NASB, MLB, JB, *Moffatt.*

11. Bauer, p. 187. Veja o uso desse verbo em Xenofonte Ephesius 1.11.2; 3.2.12; 5.1.5; 5.10.3; 5.11.1.

A cidade de Ptolemaida tem uma história que remonta ao Antigo Testamento, quando ela era conhecida como Aco (Jz 1.31). Mas durante o período intertestamentário, depois da morte de Alexandre, o Grande, a área foi ocupada pelos ptolomeus do Egito, que deram o nome de *Ptolemais* à cidade (veja 1Mb 5.22; 10.39; 12.48). Nos tempos romanos, a cidade se tornou uma colônia e conservou seu nome egípcio.[12] Posteriormente, o nome semítico tornou a ficar em voga, e atualmente a cidade é conhecida como Acre. Nós conjeturamos que quando o evangelho se espalhou ao longo da costa na direção setentrional até a Fenícia (11.19), ele chegou também a Ptolemaida.

Enquanto os tripulantes carregavam e descarregavam o navio, os passageiros têm tempo para irem ao continente. Paulo e seus companheiros encontraram os membros da igreja local – a frase *saudamos os irmãos* tem a mesma conotação de "tendo encontrado os discípulos" (v. 4). Depois de ficarem com eles por um dia, Paulo continuou sua jornada a Cesaréia, cerca de 56 quilômetros ao sul.

8. No dia seguinte, partimos, chegamos a Cesaréia entramos na casa de Filipe, o evangelista, que era um dos sete, e ficamos com ele. 9. Ele tinha quatro filhas, que eram virgens e profetizavam.

O texto grego não dá qualquer indicação sobre se Paulo viajou a Cesaréia a pé ou de barco. Se traduzirmos o versículo anterior (v. 7) como "continuou" é lógico supor que Paulo foi de barco de Ptolemaida a Cesaréia.

Quando Paulo e seus companheiros chegaram a Cesaréia,[13] ele não era nenhum estranho na cidade, pois por duas vezes em suas viagens de ida e volta a Jerusalém (9.30; 18.22) ele havia estado ali. Ali mora Filipe, um dos sete diáconos em Jerusalém (6.5). Ele é chamado de "o evangelista" por causa de suas funções evangelísticas em Samaria (8.4-13) e ao longo da costa mediterrânea de Azoto a Cesaréia (8.40). Nas duas décadas desde sua primeira aparição pública, Filipe tinha se instalado na cidade portuária de Cesaréia. Lucas adiciona o comentário interessante que Filipe tinha quatro filhas solteiras que tinham o dom

12. Veja H. Porter, "Acco", *ISBE*, vol. 1, pp. 23-24.

13. Pelo menos duas traduções (KJV, NKJV), seguindo o texto Majority, acrescentam as palavras dadas aqui em itálico: "No dia seguinte nós, *os companheiros de Paulo*, partimos". Entretanto, os manuscritos mais importantes não apóiam essa adição.

da profecia. Infelizmente, ele não fornece detalhes, então não sabemos nada sobre a natureza de suas profecias. A palavra *profetizava* deve ser interpretada em harmonia com a referência de Paulo aos dons do Espírito (1Co 11.5; 14.1,39). Evidentemente que essas quatro mulheres eram muito bem versadas nas Escrituras, e tal como seu pai, evangelizavam a sociedade gentia na qual viviam.

Pelos pais da igreja do século 2º ficamos sabendo que Filipe e suas filhas afinal se mudaram para a cidade de Hierápolis no oeste da Ásia Menor e foram enterrados ali.[14]

1) *Profecia*

21.10,11

10. Depois de termos estado ali já por alguns dias, desceu da Judéia um profeta chamado Ágabo. 11. E, vindo ter conosco, tomou o cinto de Paulo, ligando com ele os próprios pés e mãos. Ele disse, "O Espírito Santo diz: ´Assim os judeus, em Jerusalém, farão ao dono deste cinto e o entregarão nas mãos dos gentios´".

a. "Depois de termos estado ali já por alguns dias." A partir dos dados fornecidos por Lucas em sua narrativa da viagem, nós podemos recompor a agenda de Paulo entre a festa dos pães asmos e Pentecostes:

Primeira semana	Partida de Filipos depois da Páscoa
	Viagem a Trôade (20.6; cinco dias)
Segunda semana	Passa sete dias em Trôade (20.6)
Terceira semana	Viagem a Mileto (20.13-16; quatro dias)
Quarta semana	Viagem de Mileto a Tiro (21.1-3; sete dias)
Quinta semana	Passa sete dias em Tiro (21.4)
Sexta semana	Viagem a Ptolemaida (21.7; um dia)
	Passa um dia em Ptolemaida (21.7)
	Viagem a Cesaréia (21.8; um dia)
Sétima semana	Passa vários dias em Cesaréia (21.10,15)
	Viagem a Jerusalém (21.15; dois ou três dias)
	Chega a Jerusalém (21.17)

Paulo estava contando os dias antes do Pentecostes, pois já se ha-

14. Clemente de Alexandria *Stromata* 3.6.52; Eusébio cita Polícrates de Éfeso *in Ecclesiastical History* 3.31.3-5.

viam passado seis semanas desde que ele deixara Filipos. De Cesaréia, ele teria de viajar 105 quilômetros até Jerusalém. E essa jornada levaria dois, senão três dias. Devido aos diversos avisos que ele recebera em muitos lugares (20.23), ele não tinha pressa de chegar a Jerusalém. Ele queria passar algum tempo com Filipe (que, à propósito, devia ser proprietário de uma grande casa para poder acomodar Paulo e seus companheiros). Nesse meio-tempo Lucas tem a oportunidade de ouvir dos lábios de Filipe sobre os batismos dos samaritanos e do oficial etíope em sua missão de trabalho ao longo da costa.

b. "Desceu da Judéia um profeta chamado Ágabo." Essa é a segunda vez que Lucas menciona o profeta Ágabo (veja também 11.28). Por que Lucas acha necessário apresentar essa pessoa e seu ofício em seu relato uma vez mais não está claro, talvez porque essa fosse a primeira vez que ele se encontra com Ágabo.

Na década anterior, Ágabo tinha viajado de Jerusalém a Antioquia onde ele predisse uma severa fome em todo o mundo romano. Paulo e Barnabé ouviram-no profetizar na Antioquia e os crentes ali os encarregaram de entregar donativos aos presbíteros da Judéia. Agora, mais uma vez, Ágabo e Paulo se encontram. Como um profeta inspirado pelo Espírito Santo, Ágabo vem da Judéia, ou seja, a terra dos judeus, com uma mensagem pessoal para Paulo.[15]

c. "Ele tomou o cinto de Paulo, ligando com ele os próprios pés e mãos." Ágabo segue o exemplo do Antigo Testamento, dos profetas Isaías, Jeremias e Ezequiel, que usaram sinais visuais para avisar os israelitas de seu exílio iminente (veja Is 20.2; Jr 13.1-11; Ez 4.1-12). Ágabo pega o cinto que pertence a Paulo e habilmente amarra suas próprias mãos e pés com ele. Presume-se que o cinto fosse feito de tecido e não de couro; um cinto de tecido facilitaria o processo de se amarrar com ele.

A diferença entre os profetas do Antigo e os do Novo Testamentos não deve ser ignorada. Enquanto a função dos profetas do Antigo Testamento era revelar a vinda do Messias, Ágabo predisse acontecimentos futuros imediatos.[16]

15. Localizada na província da Judéia, Cesaréia era um centro romano militar e administrativo da Palestina, e aos olhos dos judeus, não era parte de Israel. Comparar com *Antiquities* de Josefo, 15.9.6 [331-41]; 16.5.1 [136-41].

16. Consultar Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: Inter-Varsity, 1981), p. 740.

d. "O Espírito Santo diz: Assim os judeus, em Jerusalém, farão ao dono deste cinto." O Espírito fala diretamente por intermédio de Ágabo e se dirige a Paulo. Mediante esse sinal visível, o Espírito Santo estava fazendo Paulo saber sobre a maneira como se tornaria prisioneiro em Jerusalém. Naturalmente que os fatos não devem ser levados aos seus extremos; os judeus em Jerusalém não amarraram Paulo com um cinto. Em vez disso, os judeus o teriam matado não fosse a intervenção do comandante romano. Este o socorreu e o prendeu com duas cadeias (vs. 31-33).

e. "e o entregarão nas mãos dos gentios." Com essas palavras o Espírito Santo estava aludindo a Jesus, que predisse que ele seria traído, condenado e entregue aos gentios (Mt 20.19; Mc 10.33). Os gentios eram as autoridades romanas que, influenciados pela hierarquia judaica, crucificaram a Jesus e logo iriam prender a Paulo. Note-se que o Espírito Santo predisse a prisão e o encarceramento de Paulo, mas não sua morte. Por implicação, seu ministério iria continuar mesmo na prisão.

Considerações Doutrinárias em 21.11

Em Atos, a doutrina do Espírito Santo é ensinada em muitos capítulos. Por causa dessa ênfase, o pai da igreja primitiva, Crisóstomo, se refere a Atos como o Evangelho do Espírito Santo.[17] O Espírito de Deus fala diretamente por intermédio dos profetas. Na Antioquia o Espírito usa Ágabo para predizer a fome no mundo (11.28). Mediante os profetas e em harmonia com a igreja antioquiana, ele torna seu desejo conhecido a respeito do ministério de Paulo e Barnabé (13.1,2). E em Cesaréia, o Espírito novamente emprega o profeta Ágabo para falar a Paulo diretamente.

Paulo experimenta o poder do Espírito Santo que o compelia a ir a Jerusalém, onde iria enfrentar dificuldades e aflições. Paulo obedece à direção do Espírito. Ele também demonstra sua confiança em Deus.

Em alguma ocasião antes de Paulo decidir viajar a Jerusalém, ele escreveu sua Epístola aos Romanos. Nessa epístola ele exortava os cristãos em Roma a orarem a Deus em seu favor. Ele pediu-lhes que orassem a fim de que ele pudesse ser livrado dos não-crentes na Judéia e que seus serviços aos santos em Jerusalém fosse aceitável. E ele esperava que em res-

17. Crisóstomo *Homilies on the Acts of the Apostles* 1.5.

posta às suas orações ele pudesse visitar a igreja de Roma (Rm 15.30-32). Paulo então confiou que as orações dos santos seriam respondidas e que o Espírito Santo o guiaria através das dificuldades que ele estava por enfrentar. Pela fé ele aceitou as palavras do Espírito ditas por intermédio de Ágabo como sendo uma revelação detalhada de acontecimentos futuros.[18]

2) *Resposta*

21.12-14

12. Quando ouvimos estas palavras, tanto nós como os daquele lugar, rogamos a Paulo que não subisse a Jerusalém. 13. Então, ele respondeu: "Por que vocês estão chorando e quebrantando meu coração? Eu estou pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus".

a. "Tanto nós como os daquele lugar, rogamos a Paulo que não subisse a Jerusalém." Os companheiros de Paulo e os cristãos na Cesaréia queriam protegê-lo do perigo e rogaram que ele não fosse a Jerusalém. Numa ocasião anterior os discípulos de Paulo e os oficiais da província tinham conseguido impedir Paulo de entrar no teatro e falar à multidão desordenada. Dessa maneira haviam livrado Paulo de danos físicos (19.30,31). Mas em Cesaréia a situação tinha um foco diferente porque Paulo sabia que o Espírito Santo o compelia a viajar para Jerusalém (19.21; 20.22). Ele vê cada manifestação do Espírito nesse ponto como uma confirmação do mandato para demonstrar em Jerusalém a unidade da igreja de Cristo em expansão.

Os companheiros de Paulo devem ter sido atingidos pela repetição da mensagem do Espírito Santo em Tiro e Cesaréia. Observe-se a resposta semelhante dos dois grupos; a diferença é que na Cesaréia o povo acompanha seu pedido com choro.

b. "Então, ele respondeu: ´Por que vocês estão chorando e quebrantando meu coração?" Paulo mostra determinação inabalável em face de uma resposta emocional de seus companheiros e crentes de Cesaréia. Paulo não mostra obstinação, mas sim obediência. Por essa razão Paulo toma os esforços bem-intencionados das pessoas como um

18. Veja E. Earle Ellis, "The Role of the Christian Prophet in Acts", *in Apostolic History and the Gospel*, org. por W. Ward Gasque e Ralph P. Martin (Exeter: Paternoster; Grand Rapids: Eerdmans, 1970), pp. 55-67.

obstáculo. Ele os repreende perguntando o que eles estão tentando fazer. Com o choro eles partem o coração de Paulo e estão tentando dissuadi-lo. Mas Paulo rejeita o choro deles primeiro porque ele próprio é propenso a uma certa emotividade que faz com que chore com freqüência (20.19,31), e segundo, porque ele quer obedecer à ordem do Espírito Santo.

c. "Eu estou pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus." O Espírito dá força interior a Paulo e o habilita a resistir à tentação de fugir. Logo depois da conversão de Paulo em Damasco Jesus dissera a Paulo que ele teria de sofrer muito pelo nome de Cristo (9.15,16).

Paulo não sente medo porque ele sabe que é Deus quem determina o desfecho de todas as coisas. Sua atitude é totalmente livre de fatalismo; em total submissão a Cristo ele aceita a mensagem do Espírito Santo e informa à sua audiência que ele está pronto não apenas a ser preso, mas também a morrer em Jerusalém (comparar com 20.24). Em vista do sofrimento que ele já tinha suportado em favor de Cristo (veja 2Co 11.23-28), Paulo já provara sua disposição para morrer pelo Senhor Jesus. Por outro lado, as palavras de Paulo não devem ser interpretadas como significando que ele esperava que sua vida tivesse um fim em Jerusalém. Ele ainda pretende estender a igreja até os confins da terra.

14. Como ele não poderia ser dissuadido, desistimos e dissemos: "Que seja feita a vontade do Senhor".

Lucas escreve que não puderam dissuadir Paulo. Lucas por certo sabia que no final do seu ministério em Éfeso Paulo expressara seu desejo de ir a Jerusalém (19.21). Quando ele finalmente deixou Trôade a caminho do sul e leste, Paulo estava com pressa, pois ele tinha apenas um desejo: chegar a Jerusalém antes do Pentecostes (20.16). A uma distância de 105 quilômetros de seu destino Paulo não podia ser convencido a mudar de idéia. Ele permaneceu obediente ao seu Senhor. Embora estivesse apreensivo, ele, tal como seu Mestre, manteve firme sua intenção de ir a Jerusalém.

Até mesmo Lucas se juntou nos esforços de dissuadir Paulo. Mas quando ele e o resto do grupo percebeu o firme desejo de Paulo de

obedecer à vontade de Deus, eles disseram, "Que seja feita a vontade do Senhor!" Essa não era uma afirmação piedosa mas sim o eco da terceira petição da Oração do Senhor, "Seja feita a vossa vontade".[19] Temos a certeza de que na segunda metade do século 1º a Oração do Senhor era com certeza muito usada pelos apóstolos e seus auxiliares. Além disso, as palavras ditas pelas pessoas de Cesaréia lembravam a oração de Jesus feita a seu Pai no Getsêmani: "que não seja feita a minha vontade, mas a tua" (Lc 22.42).

Considerações Práticas em 21.14

Lucas descreve Paulo como um verdadeiro seguidor de Jesus Cristo. À medida que ele relata a viagem de Paulo, Lucas traça numerosos paralelos:

Paulo desejava ir a Jerusalém assistir à festa dos Pães Asmos (At 20.3) ou ao Pentecostes (At 20.16)	Jesus viajou a Jerusalém para sua última festa dos Pães Asmos (Jo 12.1; 13.1)
O Espírito avisou a Paulo três vezes (At 20.23; 21.4, 11)	Jesus falou de sua Paixão três vezes (Lc 9.22, 44; 18.31-33)
Paulo foi preso por soldados romanos (At 21.33)	Jesus foi preso por soldados (Jo 18.12)
Paulo se ajoelhou e orou (At 20.36; 21.5)	Jesus se ajoelhou e orou (Lc 22.41)
"Que seja feita a vontade do Senhor" (At 21.14)	"Que não seja feita a minha vontade, mas a tua"(Lc 2242)

Palavras, Frases e Construções em Grego em 21.12-14

Versículos 12,13

τοῦ μὴ ἀναβαίνειν – o infinitivo presente com o artigo definido no caso genitivo e a partícula negativa μή expressa propósito negativo. Para uma construção comparável, veja o versículo 4.

---

19. Henry Alford, *Alford's Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, 7ª ed., 4 vols.(1877; Grand Rapids: Guardian, 1976), vol. 2, p. 238.

συνθρύπτοντες – a forma composta do presente particípio ocorre somente uma vez no Novo Testamento. De modo semelhante, o verbo sozinho θρύπτω (eu quebro em pedaços pequenos) aparece no Novo Testamento somente uma vez (1Co 11.24). O verbo composto é intensivo e significa "totalmente quebrado em pedaços".

εἰς – a preposição nesse contexto é equivalente a ἐν (para).

ἑτοίμως ἔχω – "Eu me mantenho pronto". Esta é uma expressão idiomática que deveria ser traduzida com o verbo *ser*: "Eu estou pronto".

Versículo 14

πειθομένου – esta é uma construção com o genitivo absoluto. O presente particípio do verbo πείθω (eu persuado) indica ação continuada; o passivo indica que a audiência é o agente.

εἰπόντες – seguindo o verbo principal ἡσυχάσαμεν (nós permanecemos em silêncio), a construção é paralela à expressão idiomática *ele respondeu e disse*.

---

c. *Para Jerusalém*

21.15,16

15. Depois desse intervalo, nos preparamos e subimos para Jerusalém. 16. Alguns dos discípulos de Cesaréia nos acompanharam, levando-nos a Mnasom, natural de Chipre, antigo discípulo, com quem ficamos.

Depois que os crentes desistiram de suas tentativas de persuadir Paulo a ficar longe de Jerusalém, Paulo e seus companheiros de viagem fizeram os preparativos para deixar Cesaréia. O texto grego diz literalmente, "depois daqueles dias" (ou seja, que eles terminaram sua permanência de vários dias). A hora chegara em que eles deviam completar a jornada a Jerusalém. Lucas não diz se eles viajaram a pé ou a cavalo; o texto somente diz que eles fizeram preparativos para a viagem.[20] Entretanto, a versão do texto Ocidental sugere que a viagem foi completada em dois dias: Paulo e seus companheiros passaram uma

20. Ramsay afirma que o verbo *aprontar* significa "equipar ou selar um cavalo". *St. Paul the Traveller*, p. 302. Devido ao fato de que esse verbo ocorre uma única vez no Novo Testamento (e duas vezes em outro lugar), as evidências em favor da interpretação de Ramsay são escassas.

noite na casa de Mnasom de Chipre e partiram para Jerusalém no dia seguinte.[21] Para cobrir uma distância de 105 quilômetros em dois dias a viagem tinha de ser feita a cavalo. Se eles a fizessem a pé, iriam precisar de um dia a mais.

A igreja de Cesaréia estendeu seus cuidados a Paulo e seus companheiros enviando alguns crentes para acompanhá-los parte do caminho a Jerusalém. A caravana de nove pessoas de Paulo (sete companheiros [20.4] mais Lucas) em adição a vários cristãos da Cesaréia deve ter formado um grupo admirável.

A construção da sentença grega na última parte do versículo 16 é ambígua. Duas traduções diferentes são possíveis. A primeira seria, "e trouxeram com eles um Mnasom de Chipre, um antigo discípulo, com quem nos deveríamos hospedar".[22] A segunda seria, "e nos levou a Mnasom de Chipre, um antigo discípulo, com quem nós ficamos."[23] O sentido da passagem favorece a segunda tradução pois parece estranho que Mnasom fosse companheiro de viagem e hospedeiro.

Numerosos viajantes estavam a caminho de Jerusalém para o Pentecostes, então seria difícil encontrar hospedagem. Entretanto, Mnasom (o nome pode ser a grafia grega do nome hebraico *Manassés*) forneceu abrigo;[24] ele deve ter sido um homem de posses para possuir uma casa capaz de acomodar um grupo grande de visitantes. Lucas comenta que Mnasom, um nativo de Chipre (comparar com 4.36), era um antigo discípulo, o que pode significar que ele estava entre os primeiros convertidos no Pentecostes.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 21.15,16

Versículo 15

μετὰ δὲ τὰς ἡμέρας ταύτας – a expressão temporal *depois daque-*

---

21. Os acréscimos a esse texto estão em itálico; o texto Ocidental traz: "E estes [os discípulos da Cesaréia] nos levou até onde deveríamos ficar hospedados; *e quando chegamos a uma certa vila nós ficamos* com Mnasom de Chipre, um antigo discípulo. *E quando nós partimos* nós vimos..." Veja-se Metzger, *Textual Commentary*, p. 483.

22. Com pequenas variações, KJV, NKJV, RV, ASV, NEB.

23. Umas poucas mudanças afora BJ, NASB, NAB, NIV, RSV, SEB, *Phillips*, e *Moffatt*.

24. Bruce, *Acts* (texto grego), p. 585.

les dias refere-se diretamente à cláusula *depois de estarmos lá por vários dias* (v. 10).

ἐπισκευασάμενοι – "tendo feito os preparativos". O Textus Receptus traz ἀποσκευασάμενοι, que provavelmente significa "fazer as malas e partir".[25]

Versículo 16

τῶν μαθητῶν – para dar significado ao genitivo partitivo desta construção, nós devemos fornecer o pronome indefinido τινές (algum).

ἄγοντες – este particípio presente do verbo *trazer* precisa de um objeto direto (ἡμᾶς, nós) para completar o significado deste verbo transitivo.

ξενισθῶμεν – o subjuntivo passivo aoristo de ξενίζω (eu recebo como hóspede) tem um sentido volitivo, "nós devemos hospedar".[26] A cláusula relativa precedente παρ᾽ ᾧ (com quem) expressa propósito.

---

17. Quando chegamos a Jerusalém, os irmãos nos receberam com alegria. 18. No dia seguinte, Paulo foi conosco encontrar-se com Tiago, e todos os presbíteros estavam presentes. 19. E, tendo-os saudado, Paulo começou a contar minuciosamente todas as coisas que Deus fizera entre os gentios por meio do seu ministério.

20. Quando eles ouviram isso, começaram a glorificar a Deus e lhe disseram: "Você pode ver, irmão, quantas dezenas de milhares há entre os judeus que creram, e todos são zelosos da lei. 21. Eles foram informados de que você está ensinando a todos os judeus que vivem entre os gentios a abandonarem Moisés, dizendo-lhes que não circuncidem os filhos, nem mantenham nossas tradições. 22. O que devemos fazer? Certamente, eles saberão da tua chegada. 23. Então faça conforme vamos dizer. Há quatro homens que fizeram um voto. 24. Tome-os, purifique-se com eles e pague as despesas deles para que raspem a cabeça. Então todos saberão que não são verdadeiras todas essas coisas que eles têm ouvido a seu respeito, mas que você mesmo mantém-se fiel à lei e a guarda. 25. Quanto aos crentes gentios, já transmitimos a eles decisões para que se abstenham das coisas sacrificadas a ídolos, do sangue, da carne de animais sufocados e da imoralidade sexual".

26. No dia seguinte, Paulo tomou os homens e purificou-se com eles. Ele entrou no templo e avisou sobre quando os dias da purificação se cumpririam e quando a oferta por cada um deles deveria ser trazida.

---

25. Bauer, p. 98.
26. Robertson, *Grammar*, p. 955.

IX. Em Jerusalém e Cesaréia
21.17 – 26.32

A. Em Jerusalém
21.17 – 23.22

Depois de cada viagem missionária, Paulo retornava à igreja em Jerusalém. Quando Paulo e Barnabé completaram sua primeira viagem eles foram a Jerusalém dar relatório ao conselho (15.1,2,4,12; Gl 2.1,2). Embora Lucas seja extremamente conciso na sua narrativa da conclusão da segunda viagem de Paulo ele parece indicar que Paulo foi a Jerusalém (18.22). E por fim, Paulo foi aos líderes da igreja em Jerusalém para dar relatório do que Deus tinha feito durante sua terceira viagem missionária.

Embora a igreja da Antioquia tivesse se tornado o centro de missões da igreja primitiva e comissionado homens para trazer a mensagem do evangelho ao mundo gentio, a igreja de Jerusalém ocupava um lugar de liderança, embora em declínio.

1. *A chegada de Paulo*
21.17-26

> Jerusalém, a cidade dourada, abençoada com leite e mel,
> Sob sua contemplação desmaia o coração e a voz oprimida,
> Eu não sei, oh, eu não sei que gozo nos espera ali,
> Que glória radiante, que alegria incomparável!

No século 12, Bernard of Cluny compôs um hino no qual descreve as alegrias da Jerusalém celestial. Mas quando Paulo chegou na Jerusalém terrestre, ele experimentou a alegria de ser calorosamente recebido pelos cristãos locais e a ansiedade de ser preso pelos romanos.

a. *Recepção*
21.17-19

17. Quando chegamos a Jerusalém, os irmãos nos receberam com alegria. 18. No dia seguinte, Paulo foi conosco encontrar-se com Tiago, e todos os presbíteros estavam presentes. 19. E, tendo-os saudado, Paulo começou a contar minuciosamente todas as coisas que Deus fizera entre os gentios por meio do seu ministério.

a. "Os irmãos nos receberam com alegria." Depois de passar a noite na casa de Mnasom o grupo chega a Jerusalém no dia seguinte, provavelmente bem depois que a noite já havia caído. Quando Paulo e seus companheiros chegam a Jerusalém, os representantes da igreja os estavam aguardando para dar-lhes calorosas boas-vindas. Lucas chama os representantes de "irmãos", que é um termo que significa "colegas crentes". Paulo está seguro na presença dos cristãos, mas os repetidos avisos do Espírito Santo intensificam sua consciência de perigo na cidade (comparar com 9.29).

b. "Tiago, e todos os presbíteros estavam presentes." O dia seguinte, que pode ter sido o sábado judaico, Tiago e os presbíteros receberam Paulo e seus companheiros. Os líderes da igreja de Jerusalém, dessa forma, reconheceram os sete representantes das igrejas gentias como irmãos em Cristo. Eles puderam ver o elo de ligação da irmandade na igreja mundial de Jesus Cristo. Embora Lucas não relate especificamente que os companheiros de Paulo tenham entregado os donativos das igrejas gentias,[27] nós assumimos que eles o fizeram e Tiago juntamente com os presbíteros se alegraram ao recebê-los.

Nesse versículo Lucas nada diz sobre os apóstolos; aparentemente eles estavam em outro lugar, e alguns talvez já tivessem morrido. Ele se concentra nos presbíteros e em Tiago, que era o sucessor de Pedro na igreja de Jerusalém (veja 12.17). Tiago fez um discurso decisivo no Conselho de Jerusalém (15.13-21) e foi uma das três colunas que estenderam sua destra de comunhão a Paulo e Barnabé (Gl 2.9).

Nesse versículo Lucas também muda seu uso de pronomes. Para fins literários – para enfatizar que Paulo era a figura central do relato – ele muda da primeira pessoa do plural para a terceira pessoa do plural.[28] Ele retoma o uso da primeira pessoa do plural em seu relato da viagem de Paulo a Roma (27.1), da qual Lucas participou.

c. "[Paulo] começou a contar minuciosamente o que Deus fizera entre os gentios por meio do seu ministério." A visita de Paulo tinha três objetivos: primeiro, entregar a oferta em dinheiro enviada pelas

27. Veja também Romanos 15.25-28; 1 Coríntios 16.1-4; 2 Coríntios 8.1-4.

28. Consultar Ernst Haenchen, *The Acts of the Apostles: A Commentary*, trad. por Bernard Noble e Gerald Shinn (Filadélfia: Westminster, 1971), p. 608.

igrejas gentias; segundo, fortalecer o elo entre as igrejas dos judeus e dos gentios, promovendo o encontro de Tiago e dos presbíteros com os representantes gentios; terceiro, dar relatório do crescimento e influência das igrejas gentias.

Paulo apresenta um relatório minucioso de sua terceira viagem missionária; para fazer sua narrativa, ele precisa de tempo. Então Tiago e os presbíteros passam a maior parte do dia ouvindo o que Deus tinha feito entre os gentios por intermédio de seu servo Paulo. Esses líderes de Jerusalém têm de desenvolver uma compreensão da unidade da igreja universal. Lucas enfatiza que Deus fez a obra e, portanto, ele dá a Deus glória e louvor. *Soli Deo Gloria!* (somente a Deus toda a honra [1Tm 1.17]).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 21.17-19

γενομένων – a construção do genitivo absoluto com um verbo que expressa movimento: "quando nós chegamos". Portanto a preposição εἰς, embora traduzida como "em", pode ter uma conotação comum, "em direção".

εἰσῄει – este é o tempo (imperfeito) passado do verbo εἴσειμι (eu entro). Veja 3.3; 21.26; Hebreus 9.6. Este verbo não tem o aoristo, então o imperfeito tem papel duplo.

ἐξηγεῖτο – note-se o tempo imperfeito do verbo ἐξηγέομαι (eu relato). Nesse contexto, o imperfeito denota ação contínua. Além disso, a expressão idiomática καθ᾽ ἕν ἕκαστον (um por um) indica que Paulo relatou sua experiência fornecendo detalhes minuciosos fez com que a mão de Deus fosse vista operando no desenvolvimento da igreja nos outros países.

---

b. *Conselho*

21.20-25

20. Quando eles ouviram isso, começaram a glorificar a Deus e lhe disseram: "Você pode ver, irmão, quantas dezenas de milhares há entre os judeus que creram, e todos são zelosos da lei".

Fazemos duas observações:

a. *Glorificação*. Ao ouvirem sobre o crescimento tremendo da igreja

na Ásia Menor, Macedônia, Grécia, Roma e Ilírico e sobre as intenções de Paulo de ir à Espanha, Tiago e os presbíteros ficaram a gritar aleluias. Eles louvavam a Deus por sua maravilhosa obra entre os gentios e viram o cumprimento das Escrituras do Antigo Testamento que falavam sobre os gentios conhecerem a Deus. Eles estavam gratos porque os relatórios negativos que eles tinham ouvido sobre Paulo e seu trabalho entre os gentios eram incorretos. De qualquer modo, eles se sentiram na obrigação de avisar a Paulo sobre os sentimentos de numerosos judeus cristãos em Jerusalém.

b. *Alerta*. Paulo vai aos presbíteros para promover a unidade da igreja e espera que eles aceitem os gentios cristãos estrangeiros em pé de igualdade com os judeus cristãos em Jerusalém. Mas o contrário também é verdade, a saber, que Paulo deve dar a devida a atenção aos judeus cristãos que zelosamente guardam a lei. Tiago e os presbíteros envolvem Paulo diretamente dizendo-lhe, "Você vê, irmão". O verbo *ver* significa perceber alguma coisa e assim refletir e ponderar. A palavra *irmão* indica que Tiago e os presbíteros consideram Paulo um irmão em Cristo. E eles também se distanciam daqueles judeus cristãos que em seu zelo têm interferido nas decisões do Conselho de Jerusalém (15.19-21,23-29).

Tiago demonstrou sabedoria em convidar somente os presbíteros para irem ouvir Paulo. Ele queria manter a paz na igreja e evitar qualquer ruptura que pudesse resultar do relatório de Paulo sobre seu trabalho entre os gentios. Tiago queria também alertar Paulo sobre a maneira de pensar e as práticas de muitos milhares de judeus crentes. Ele desejava que Paulo esclarecesse toda suspeita que os judeus cristãos tinham, pois Paulo não podia abandonar todas as pessoas que, com os gentios crentes, formavam o corpo de Cristo.[29]

Multidões de judeus cristãos em Jerusalém e na Judéia observavam a lei estritamente e esperavam que todos os crentes fizessem o mesmo. Eles eram como os judaizantes que fizeram oposição a Paulo e Barnabé no final de sua primeira viagem missionária a Chipre e Ásia Menor (15.1,5). Devido ao zelo pela lei, a igreja de Jerusalém tinha perdido seu zelo pelas missões. Enquanto Paulo tinha seguido em fren-

29. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 2 p. 199.

te pregando a mensagem da salvação ao mundo greco-romano, os judeus que tinham ido à fé em Cristo procuravam o mérito da salvação pela manutenção das tradições judaicas e pela observação da lei mosaica. Com imparcialidade, nós notamos que as decisões do Conselho de Jerusalém se dirigiam aos cristãos gentios mas permitiam que os judeus cristãos continuassem com seu apego aos costumes e rituais antigos do judaísmo.

Nós presumimos que a expressão *milhares* inclua todos os judeus cristãos que moravam na Palestina. Depois da perseguição que se seguiu à morte de Estevão, os crentes se espalharam através da Judéia e Samaria (8.1). Ainda mais, a igreja em Jerusalém no decurso do tempo começou a crescer, de forma que literalmente milhares de crentes residiam na cidade e no campo.

21. "Eles foram informados de que você está ensinando a todos os judeus que vivem entre os gentios a abandonarem Moisés, dizendo-lhes que não circuncidem os filhos, nem mantenham nossas tradições. 22. O que devemos fazer? Certamente, eles saberão da tua chegada."

a. "Você está ensinando a todos os judeus que vivem entre os gentios a abandonarem Moisés." Enquanto Paulo proclamava o evangelho em Éfeso, chegaram notícias sobre seu trabalho em Jerusalém. As pessoas de Jerusalém interpretaram essas notícias de acordo com suas próprias perspectivas, que diferiam consideravelmente da de Paulo em Éfeso. Os judeus cristãos em Jerusalém inseriram o evangelho no contexto da lei mosaica e das tradições, mas Paulo em Éfeso ensinou os cristãos gentios que eles não eram obrigados a obedecer aos regulamentos mosaicos. Paulo disse aos gentios sobre as decisões do Conselho em Jerusalém que os instruía a "se absterem das coisas sacrificadas a ídolos, da carne de animais sufocados e das relações sexuais ilícitas" (15.29). Ele ensinou o evangelho da graça de Deus (20.24) aos judeus de Éfeso, e mostrou a eles que a fé em Jesus Cristo superava as leis e os costumes mosaicos (Gl 3.25).

Na Ásia Menor, na Macedônia e na Grécia, Paulo pregava o evangelho tanto a judeus como a gentios (20.21). Para os judeus ele era judeu e para os gentios ele se tornava um deles, para que pudesse ganhar todos para Cristo (1Co 9.20-22). Paulo compreendia perfeitamen-

te a dificuldade que enfrentava na pregação do evangelho a dois grupos diferentes de pessoas, ainda assim ele tinha a consciência tranqüila. Ele chamava os judeus e os gentios ao arrependimento. Entre os judeus na dispersão estavam aqueles que discordavam da maneira de Paulo ensinar (veja vs. 27-29). Eles registravam suas reclamações aos judeus e aos judeus cristãos em Jerusalém e diziam que Paulo instruíra a todos os judeus para não observarem as leis os costumes judaicos.

b. "[Você diz] a eles para não circuncidarem seus filhos e não manter nossas tradições." Os judeus cristãos em Jerusalém ouviram os relatórios das atividades missionárias de Paulo e encontraram sérias falhas em seu trabalho. Com base nos relatórios recebidos – que Paulo não exigia que os judeus na dispersão circuncidassem seus filhos e observassem os costumes judaicos – eles consideravam Paulo um desviado. Embora Tiago e os presbíteros soubessem que Paulo aplicava as decisões do Conselho de Jerusalém, a multidão de judeus cristãos queria que Paulo impusesse a circuncisão e as leis judaicas. Eles se negavam a entender que os gentios tinham se tornado mais numerosos do que os judeus na igreja e que eles próprios teriam de promover a unidade do corpo de Cristo.

Para fazer justiça a Paulo, devemos notar que em seu trabalho e sua vida ele demonstrava lealdade aos judeus pela obediência aos costumes judaicos. Por exemplo, ele fez com que Timóteo fosse circuncidado na mesma ocasião que ele estava enviando a carta para do Conselho de Jerusalém para as igrejas da Galácia (16.3,4). Segundo, ele próprio tinha feito o voto nazireu que requeria que seu cabelo fosse rapado e se apresentasse no Templo de Jerusalém em data específica (18.18). E por fim, em suas epístolas, ele nunca proíbe os judeus de circuncidar os filhos.

c. "O que devemos fazer? Certamente saberão da tua chegada." O texto Majority tem uma adição, mostrada em itálico: "E então? *A assembléia deverá com certeza se reunir,* pois eles irão ouvir que você chegou".[30] A intenção era óbvia, pois a diferença entre gentios cristãos

30. NKJV; veja também KJV, BJ. O acréscimo grego pode também significar "uma turba se reunirá". Veja Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 272; James Hardy Ropes, *Beginnings*, vol. 3, p.205.

e judeus cristãos só poderia ser resolvida em uma assembléia. Muito embora a adição pareça original, os estudiosos hesitam em incluí-la em suas traduções.

Tiago e os presbíteros apoiavam Paulo em seu trabalho e em seus ensinamentos, mas tinham achado difícil dispersar a volátil atmosfera dos círculos judeus cristãos. Se os judeus cristãos em Jerusalém tinham um forte preconceito contra Paulo, "os judeus não-cristãos tinham um ódio no mais alto grau".[31] Com tantos judeus se opondo a Paulo de forma tão violenta a situação era de fato grave. E as notícias de Paulo ter chegado a Jerusalém não podiam ser mantidas em segredo, especialmente não com os judeus cristãos encontrando os delegados das igrejas gentias (veja vs. 17-19).

23. Então faça conforme vamos dizer. Há quatro homens que fizeram um voto. 24. Tome-os, purifique-se com eles e pague as despesas deles para que raspem a cabeça. Então todos saberão todos que não são verdadeiras todas essas coisas que eles têm ouvido a seu respeito, mas que você mesmo mantém-se fiel à lei e a guarda.

Fazemos as seguintes observações:

a. *Conselho*. Os presbíteros da igreja de Jerusalém fizeram uma proposta prudente a Paulo. Eles conheciam quatro homens, judeus cristãos, que tinham tomado voto. Nós presumimos que eles tinham tomado voto nazireu antes da festa do Pentecostes. Ao final de um período de um mês do voto eles estavam sem condições de pagar as despesas envolvidas no cumprimento do voto. Segundo Números 6.14-17, o nazireu tinha de oferecer três animais (um cordeiro macho e uma fêmea e um carneiro), um grão e uma oferta de bebida e um cesto de pães.[32] O custo do nazirado individual era alto mas servia como uma expressão de total compromisso com Deus.

b. *Voto*. Durante o período do seu voto, o nazireu não podia usar lâmina em sua cabeça e tinha de deixar o cabelo crescer. Mas ao findar o período ele rapava a seu cabelo e o oferecia ao Senhor, queimando-o junto com o sacrifício da oferta pacífica (Nm 6.18).[33]

---

31. William M. Ramsay, *Pictures of the Apostolic Church: Studies in the Book of Acts* (reedição. Grand Rapids: Baker, 1959), p. 272.

32. Veja SB, vol. 2, p. 755.

33. Comparar com Josefo *Antiquities* 4.4.4 [72]; 19.6.1 [294].

c. *Ritual.* Tiago e os presbíteros aconselharam a Paulo a levar esses quatro homens e se juntar a eles no ritual de purificação e pagar as despesas deles. Nós entendemos que o próprio Tiago conhecia bem o voto nazireu. O historiador da igreja Eusébio faz uma citação de um livro escrito por Hegesippus, que pertenceu à geração subseqüente aos apóstolos. Em sua citação, Hegesippus apresenta Tiago como sendo um nazireu.[34]

Embora os quatro homens tivessem tomado o voto nazireu, Paulo evidentemente não o tinha. Portanto os rituais de purificação para os nazireus e para ele não podiam ser os mesmos. Paulo tinha chegado a Jerusalém depois de sair de um território gentio e estava cerimonialmente impuro. Ele tinha de se submeter à purificação levítica antes que pudesse ser o benfeitor dos quatro nazireus e participar de suas cerimônias. Para ele, os dias prescritos de purificação duravam uma semana. No terceiro dia da semana, ele foi aspergido com água de expiação (v. 26); uma segunda aspersão foi feita no sétimo dia (v. 27). Depois, quando os sacrifícios fossem marcados para serem oferecidos, Paulo iria cobrir as despesas dos quatro nazireus.[35] Ele podia participar da cerimônia somente se ele próprio estivesse limpo segundo a lei levítica. No sétimo dia da purificação de Paulo, o tempo de abstenção dos nazireus tinha também terminado (comparar com Nm 6.3).[36] E se Paulo procurava obter o cerimonial de purificação de uma semana ele não precisava raspar a cabeça.

d. *Prova*. Ao pagar as despesas dos quatro nazireus, apresentar-se ao sacerdote com eles na hora certa dos sacrifícios, e participar nos rituais de purificação, Paulo demonstrava que ele era um judeu que obedecia às leis. Uma demonstração prática de sua integridade como judeu era muito mais efetiva do que uma longa explicação. Ele aplicou o velho adágio: "Uma figura vale mais do que um milhão de palavras".

Os líderes da igreja e Paulo esperavam que assim os judeus cris-

34. Eusébio *Ecclesiastical History* 2.23.4-6.

35. Veja SB, vol. 2, pp. 757-58; Haenchen, *Acts*, p. 612.

36. Josefo *War* 2.15.1 [313]. Nós temos dificuldade de crer que todos os quatro homens simultaneamente se tornaram impuros porque uma morte ocorreu na presença deles (Nm. 6.9), exatamente na época em que Paulo fazia os preparativos necessários para seus próprios rituais de purificação.

tãos em Jerusalém fossem capazes de ver que os relatórios que eles tinham recebido sobe os ensinamentos de Paulo eram falsos. Pagar as despesas dos quatro nazireus era considerado um ato de piedade. Os líderes anteciparam que a participação de Paulo nas cerimônias, mesmo não sendo um nazireu, convenceria os judeus cristãos de que Paulo era um filho tradicional de Abraão. Em resumo, a associação de Paulo com os quatro nazireus deveria ser uma prova contundente de que ele era um judeu dedicado na observação das leis de Deus em todos os sentidos.

25. "Quanto aos crentes gentios, já transmitimos a eles decisões para que se abstenham das coisas sacrificadas a ídolos, do sangue, da carne de animais sufocados e da imoralidade sexual."

a. *Tradução*. O texto Ocidental tanto acrescenta como elimina material desse versículo. As adições (em itálico) tinham a intenção de mostrar a diferença entre cristãos judeus e gentios: "Quanto aos crentes gentios, *eles* [ou seja, os judeus cristãos], *nada temos a lhe dizer*, já lhes transmitimos decisões *que ele não devem observar nada a não ser* que se abstenham das coisas sacrificadas a ídolos, do sangue, da carne de animais sufocados e da imoralidade sexual". A expansão não adiciona nada ao sentido do texto e parece ser uma paráfrase. Por essa razão os estudiosos eliminam os aumentos[37] e adotam a versão curta. Contrariamente, o texto Ocidental omite uma das estipulações do Conselho de Jerusalém: a abstenção de comer carne de animais sufocados. Para uma discussão sobre essa omissão veja a **Nota Textual sobre 15.20**.

b. *Intento*. Tiago e os presbíteros da igreja de Jerusalém queriam evitar mal-entendidos sobre o assunto em questão. Eles sabiam que a questão envolvia judeus cristãos que viviam na Dispersão, não gentios cristãos. De qualquer modo os presbíteros acharam por bem repetir as decisões tomadas pelo Conselho de Jerusalém de modo que todo mundo saberia que os gentios cristãos não eram obrigados a observar as leis judaicas cerimoniais e os costumes. A repetição não tinha o propósito de instruir os delegados dos gentios cristãos.[38] Eles já haviam sido

37. Mas veja KJV e NKJV.

38. Veja I. Howard Marshall, *The Acts of the Apostles: An Introduction and Commentary*, série Tyndale New Testament Commentary (Leicester: Inter-Varsity; Grand Rapids: Eerdmans, 1980), p. 346. Marshall adianta que "Lucas não editou a fonte [nós] à luz de menção

instruídos por Paulo, conheciam as regras prescritas e gozavam da liberdade em Cristo. Os líderes da igreja de Jerusalém reiteraram as estipulações para esclarecer que eles já tinham a questão dos gentios cristãos resolvida, mas não a dos judeus cristãos. Na verdade, a igreja teria de convocar outra reunião para debater a questão da liberdade em Cristo para os judeus cristãos.

Considerações Doutrinárias em 21.20-25

Fortalecido pelas decisões do Conselho de Jerusalém, Paulo retornou ao mundo greco-romano na segunda e na terceira viagens missionárias. Ele estava determinado a pregar o evangelho da liberdade cristã a todo gentio que quisesse ouvi-lo. Ele instruía aos gentios que eles não teriam de se tornar judeus, pois Cristo tinha cumprido as leis do judaísmo.

Mas em Jerusalém, Paulo cordatamente aceitou o conselho dos presbíteros de Jerusalém de pagar pelos sacrifícios dos quatro nazireus, e a se submeter às leis levíticas do ritual de purificação. Teria Paulo comprometido seus próprios ensinamentos e crença? Deveria ele ter rejeitado o conselho dos presbíteros? Não, realmente não. Paulo mantinha que os gentios cristãos pecariam se eles tivessem de observar as leis cerimoniais judaicas e costumes, e os judeus cristãos pecariam se eles conservassem a lei com o propósito de merecer salvação. Observar os cerimoniais judaicos em si não era pecado.[39] O próprio Paulo permanecia judeu e continuava a observar os costumes judaicos. Ele até mesmo fez um voto em Cencréia e viajou a Jerusalém para cumpri-lo (18.18). Em sua defesa perante o governador Félix, Paulo afirmou que ele tinha ido a Jerusalém para apresentar oferendas (24.17).

O propósito de Paulo em ir a Jerusalém era promover a unidade da igreja. Ele queria reunir os representantes das igrejas gentias cristãs do estrangeiro com os da igreja judaica cristã em Jerusalém. Ele mesmo faria qualquer coisa que estivesse ao seu alcance para manter a unidade, mesmo se ele tivesse de passar pelo ritual de purificação e pagar por sacrifícios.

---

anterior do decreto no capítulo 15". Esta explicação tem seu mérito se nós entendermos que a " fonte-nós" é o próprio diário de Lucas.

39. F. W. Grosheide, *De Handelingen der Apostelen*, série Kommentaar op het Nieuwe Testament, 2 vols. (Amsterdã: Van Bottenburg, 1948), vol. 2, p. 267 n. 2.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 21.20-25

Versículo 20

ἐδόξαζον τὸν θεὸν εἶπόν – os tempos imperfeitos e o aoristo indicam ação contínua num caso e ação isolada em outro. "Eles louvaram a Deus por algum tempo e de várias maneiras até que finalmente eles disseram".[40]

τοῦ νόμου – o caso genitivo é objetivo ("[zeloso] pela lei"). A influência e o crescimento numérico dos crentes que "pertenciam ao partido dos fariseus" (15.5) parece ter sido substancial. Uma tradução literal do grego é "dezenas de milhares" mas em inglês idiomático, "milhares".

Versículo 21

διδάσκεις – o verbo *ensinar* leva um acusativo duplo: uma coisa (ἀποστασίαν, apostasia) e as outras pessoas (Ἰουδαίους, judeus). O adjetivo πάντας (todos), devido ao seu lugar na sentença revela um toque de exagero no relatório a respeito de Paulo. A ordem das palavras nesta sentença é desajeitada.

τοῖς ἔθεσιν – o dativo de esfera significa "segundo nossos costumes".[41]

Versículos 23,24

ἡμῖν – o dativo de possessão. Na tradução o verbo *ser* se torna ter: "nós temos quatro homens".

ἐφ᾽ ἑαυτῶν – "por eles mesmos". A palavra para ἀφ᾽ em pelo menos dois manuscritos mais importantes (Sinaiticus e Vaticanus) significam "pela própria iniciativa deles".

ἁγνίσθητι – o aoristo passivo imperativo de ἁγνίζω (eu purifico) deveria ser entendido como um causativo médio: "purifique-se".

ξυρήσονται – a partícula ἵνα introduz o uma cláusula de propósito, mas em alguns manuscritos o verbo aparece no futuro indicativo em vez do aoristo subjuntivo. No Novo Testamento, o uso do tempo futuro em lugar do subjuntivo é comum (veja, por ex., Jo 7.3; 1Pe 3.1; Ap 6.4). O passivo é equivalente a um permissivo médio: "então eles podiam ter a cabeça raspada".[42]

40. Blass e Debrunner, *Greek Grammar*, nº 327.
41. Robertson, *Grammar*, p. 524.
42. Bauer, p. 549; Robertson, *Grammar*, p. 809.

Versículo 25

ἐπεστείλαμεν – a evidência externa para esta versão ou apesteilamen é igualmente forte. A intenção do versículo permanece a mesma com qualquer das duas versões.

---

c. *Voto*

21.26

26. No dia seguinte, Paulo tomou os homens e purificou-se com eles. Ele entrou no templo e avisou sobre quando os dias da purificação se cumpririam e quando a oferta por cada um deles deveria ser trazida.

Num único versículo Lucas comprimiu um grande número de detalhes que requerem explicação em notas de rodapé, por assim dizer. (Em Atos, Lucas repetidas vezes condensou informação a ponto de comprometer a claridade de certos versículos em particular [veja, por exemplo, 6.13,14; 7.16; 18.22].) Quando ele escreve "o dia seguinte", Lucas se referia ao terceiro dia da chegada de Paulo em Jerusalém (veja vs. 17,18). Nós nos aventuramos a dizer que se Paulo tiver chegado a Jerusalém numa sexta-feira e encontrado Tiago e os presbíteros no sábado, então domingo (o dia de Pentecostes) seria o terceiro dia. Para uma discussão mais completa, veja o comentário sobre o versículo 24.11.

Quando Paulo levou os quatro nazireus ao sacerdote no Templo no domingo de Pentecostes, ele tinha se sujeitado a uma semana inteira de purificação a fim de se qualificar como o benfeitor dos quatro homens. O sacerdote aspergiu Paulo com água de expiação no terceiro dia dessa purificação (terça-feira) e novamente no sétimo dia (sábado) – os dias especificados para purificação eram o terceiro e o sétimo dias (veja Nm 19.12). O próprio Paulo não podia tomar o voto dos nazireus, mas ele tinha de se juntar a esses homens nos rituais de purificação durante uma semana. Posteriormente, ao falar em sua própria defesa perante Félix, Paulo testificou que ele estava cerimonialmente limpo. Ele tinha ido ao Templo para levar as ofertas para os pobres, ou seja, para sua própria gente (24.17,18). A partir dessa informação nós não ficamos sabendo se Paulo pagou as despesas com dinheiro das ofertas que trouxera a Jerusalém. Nós assumimos que ele pagou as despesas com seus recursos próprios. Além do mais, pelo fato de Paulo pagar as despesas

deles, os nazireus tiveram condições de completar as cerimônias prescritas. Segundo os regulamentos judaicos, a apresentação de sacrifícios e o rapar as cabeças duravam sete dias.[43]

Em resumo, Paulo tomou as providências necessárias para os nazireus indo até o sacerdote no Templo, certificando-se da duração dos dias de purificação e marcando a hora dos sacrifícios para cada um dos nazireus (Nm 6.18).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 21.26

εἰσῄει – veja-se discussão sobre esse verbo no versículo 18.

διαγγέλλων – do verbo *notificar de*, este particípio presente expressa propósito.

ὑπέρ – o significado básico dessa preposição é a singularidade aplicável no contexto presente: "a favor de, pelo amor de alguém".[44]

---

27. Quando já estavam por findar os sete dias, os judeus vindos da província da Ásia, tendo visto Paulo no templo, alvoroçaram todo o povo e o agarraram. 28. Eles gritavam: "Homens de Israel! Socorro! Este é o homem que por toda parte ensina todos a serem contra o povo, contra a lei e contra este lugar. Ele até introduziu gregos no templo e profanou este recinto sagrado". 29. Eles tinham visto Trófimo, o efésio, em sua companhia na cidade e julgavam que Paulo o havia trazido ao templo.

30. Agitou-se toda a cidade e as pessoas se juntaram. Elas agarrando a Paulo, arrastaram-no para fora do templo, e imediatamente foram fechadas as portas. 31. Enquanto elas estavam procurando matá-lo, chegou ao conhecimento do comandante da força de ocupação que toda a Jerusalém estava amotinada. 32. Imediatamente, ele tomou alguns soldados e oficiais e correu para a multidão. Quando os judeus viram o comandante e os soldados, pararam de espancar Paulo.

33. Então o comandante aproximou-se de Paulo, prendeu-o e ordenou que fosse acorrentado com duas cadeias. Ele perguntou quem ele era e o que havia feito. 34. Mas quando na multidão, alguém gritou uma coisa, e outros, coisas diferentes, e como o comandante não conseguia descobrir a verdade, ele ordenou que Paulo fosse levado à fortaleza. 35. Quando Paulo chegou às escadas, a violência da multidão fez com que os soldados o carregassem. 36. A massa de judeus continuava a segui-lo gritando: "Mate-o!"

---

43. Mishnah *Nazir* 3.6.

44. Bauer, p. 838; C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 64.

2. *A Prisão de Paulo*

21.27-36

Para Paulo, o Templo era ao mesmo tempo o lugar mais seguro bem como o mais perigoso em Jerusalém. Era seguro porque ele tinha se submetido aos rituais de purificação e não poderia ser acusado de estar contaminando o Templo ou quebrando os costumes judaicos. Mas como o Templo atraía as massas de judeus especialmente durante o festival, era extremamente perigoso para Paulo aparecer ali.

a. *Acusação*

21.27-29

27. Quando já estavam por findar os sete dias, os judeus vindos da província da Ásia, tendo visto Paulo no templo, alvoroçaram todo o povo e o agarraram.

O relacionamento entre judeus e judeus cristãos em Jerusalém era harmonioso, especialmente na época dos festivais religiosos. Conquanto os judeus cristãos continuassem a observar os costumes e as tradições do judaísmo, os judeus aceitavam ignorar certas aberrações.[45] Na opinião dos judeus, os cristãos não eram uma ameaça. A perseguição que se seguiu à morte de Estevão era coisa do passado.

Os judeus da dispersão, entretanto, não estendiam a tolerância a Paulo. Os judeus em Corinto tinham tramado tirar a vida de Paulo quando ele estava para viajar para Jerusalém para celebrar a Festa dos Pães Asmos (20.3), mas Paulo abortou o esquema deles viajando através da Macedônia e chegando a Jerusalém para a festa dos Pentecostes. Em Jerusalém os judeus da Ásia Menor, provavelmente de Éfeso, reconheceram Paulo, que tinha vivido nessa cidade por quase três anos. Esses judeus provavelmente esperavam para ver se Paulo iria aparecer em Jerusalém para celebrar a festa; quando ele chegou, eles viram a oportunidade de eliminá-lo, o que apesar de suas tramas eles não tinham conseguido antes (20.19).

Na primeira semana de sua estada em Jerusalém, Paulo permaneceu despercebido das multidões. Os judeus de Jerusalém não o reco-

45. Richard B. Rackham, *The Acts of the Apostles: An Exposition*, série Westminster Commentaries (1901; reedição, Grand Rapids, 1964), p. 411.

nheceram, porque ele tinha estado ausente da cidade por mais de duas décadas. Mas quando ele entrou nos recintos do Templo com quatro homens que eles não conheciam, os judeus da Ásia se sentiram ultrajados. Eles o tinham visto na cidade com Trófimo, um gentio de Éfeso, e assumiram que Paulo tinha introduzido gentios no lugar sagrado. Então os judeus açularam as multidões nos pátios do Templo. Lucas especifica que os judeus, não os judeus cristãos, instigaram uma revolta que resultou na prisão de Paulo.

Por que os judeus estavam contra Paulo dessa maneira? Na opinião deles ele representava uma ameaça ao judaísmo: ao que parece ele havia ensinado aos judeus na dispersão a não observar os costumes e as leis cerimoniais de Moisés. As acusações contra Paulo encontravam paralelo naquelas feitas a Estevão. Os judeus acusaram Estevão de falar contra a lei, contra Deus e contra o Templo (6.11, 13,14). Os judeus da Ásia acusavam Paulo de ensinar contra a lei e o Templo (vs. 28,29).

28. Eles gritavam: "Homens de Israel! Socorro! Este é o homem que por toda parte ensina todos a serem contra o povo, contra a lei e contra este lugar. Ele até introduziu gregos no templo e profanou este recinto sagrado". 29. Eles tinham visto Trófimo, o efésio, em sua companhia na cidade e julgavam que Paulo o havia trazido ao templo.

Estes são os pontos importantes:

a. *Preocupação*. Em grego Lucas foi capaz de registrar numa sentença uma dupla acusação que os judeus efésios tinham contra Paulo. Na verdade, quando Paulo faz sua defesa perante Félix, em Cesaréia, ele desafia esses judeus a comparecerem perante o tribunal e formalizar a acusação (24.19). O que eles disseram nos pátios do Templo mal podia ser considerado uma acusação!

Os judeus da Dispersão introduziram o assunto como uma preocupação judaica típica. Então eles gritam: "Homens de Israel!" Eles se consideram como sendo os guardas das muralhas de Sião; eles são os defensores da fé ortodoxa. Eles pedem ajuda aos companheiros judeus e gritam: "Socorro!" Mas se eles precisavam de ajuda eles deviam ter convocado o capitão da guarda do Templo e seus oficiais (4.1; 5.24, 26; Lc 22.4).

b. *Primeira Acusação*. Os judeus da Ásia começaram as acusações contra Paulo com estas palavras: "Este é o homem que por toda parte ensina todos a serem contra o povo, contra a lei e contra este lugar".

Essa parte da acusação revela o exagero: "todos [em todos lugares]". A palavra *todos* [homens] é inclusiva: judeus e gentios. Se a alegação fosse verdade então Paulo deveria ter estado ensinando em Jerusalém também. Além do mais, a acusação de que Paulo ensinou contra o povo judeu simplesmente não podia ser provada; as informações em Atos e nas epístolas de Paulo mostram que Paulo pregava o evangelho primeiro nas sinagogas e que, a despeito da rejeição, Paulo expressou consideração pelos judeus (por ex., Rm 11.1-2a,13-15). Embora Paulo tivesse instruído o povo judeu de que as leis cerimoniais foram cumpridas por Cristo, ele enfatizava o significado e aplicação da lei moral. Por último, os fatos – que Paulo estava no Templo para ser purificado e que ele pagara as despesas dos quatro nazireus – refutavam as acusações de que Paulo falara contra o Templo.

c. *Segunda Acusação*. A segunda parte da acusação ("Ele até introduziu gregos no templo e profanou este recinto sagrado") era também sem fundamento. Nenhum gentio sequer pensaria em entrar nos pátios sagrados do Templo; segundo Josefo, numerosos sinais em grego e latim proibiam os gentios de ultrapassar o Pátio dos Gentios.[46] Qualquer pessoa na cidade de Jerusalém, fosse grega ou gentia, tinha conhecimento da inscrição: "Nenhum gentio pode adentrar o santuário e seus recintos. Quem for pego estará sujeito à pena de morte que inevitavelmente ocorrerá".[47]

Se Paulo tivesse trazido gregos para dentro da área específica do Templo – o pátio das Mulheres e o pátio dos Israelitas – que era proibida aos gentios, então os judeus teriam tido a evidência: invasores capturados. Mas esse não era o caso. Os judeus furiosos baseavam-se em rumores, não em fatos.

d. *Explicação*. O efésios judeus tinham visto Paulo alguns dias antes na cidade. Na ocasião ele estava acompanhado de Trófimo de Éfeso, a

46. Josefo *War* 5.5.2 [194]; 6.2.4 [124-26]; *Antiquities* 15.11.5 [417]. Veja também SB, vol. 2, pp. 761-62.

47. Harold Stigers, "Temple, Jerusalem", *ZPEB*, vol. 5, p. 650.

quem eles conheciam como sendo um gentio que tinha se tornado cristão. Eles agora viram Paulo nos pátios do Templo com quatro homens. Ignorando quem eram esses homens, os judeus efésios presumiram que eles eram gentios cristãos que tinham acompanhado Paulo a Jerusalém. Mas Paulo estava com os quatro nazireus próximo da chamada câmara dos nazireus, que era localizada no canto sudeste do pátio das mulheres.[48] Paulo e os nazireus estavam ali fazendo os arranjos finais com o sacerdote para oferecerem seus sacrifícios e completar seus votos.

As suposições dos judeus da Ásia não combinavam com a realidade. Se eles tinham visto Trófimo na área do templo, eles deveriam tê-lo prendido sem demora. Então eles teriam uma prova incontestável de que Paulo tinha contaminado o templo levando Trófimo, um gentio, para o pátio das Mulheres e o pátio dos Israelitas. Então o guarda do templo (veja 4.1) poderia ter feito a prisão.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 21.27-29

Versículo 27

ἀπό – em lugar da preposição apropriada ἐκ (fora de), Lucas lança mão de ἀπό (de). Comparar com 6.9.

συνέχεον – o tempo imperfeito do verbo συγχέω (eu açulo) descreve um esforço continuado para confundir a multidão. O significado literal deste verbo é "derramar".

Versículo 28

τοῦ λαοῦ – note-se o uso do artigo definido para este substantivo e para as palavras *lei* e *lugar*. Os judeus especificam três categorias distintas. O substantivo λαός significa o próprio povo de Deus.

πάντας πανταχῇ – "todo mundo em todo lugar". Esta combinação talvez seja uma expressão idiomática.

εἰσήγαγεν – o tempo aoristo de εἰσάγω (eu entro) denota uma ocorrência única, mas note-se que o verbo κεκοίνωκεν está no tempo perfeito que mostra efeito continuado e conseqüências duradouras.[49]

---

48. Veja Shmuel Safrai and Michael Avi-Yonah, "Temple", *Encyclopaedia Judaica*, vol. 15, p. 966.

49. Blass e Debrunner, *Greek Grammar*, nº 342.4; Robertson, *Grammar*, p. 894.

Versículo 29

ἦσαν γὰρ προεωρακότες – a construção perifrástica perfeita do verbo *ser* com o particípio perfeito de προοράω (eu vi anteriormente) indica que o ato de observar Trófimo na cidade continuava a contrariar os judeus efésios.

ἐνόμιζον – o tempo imperfeito do verbo νομίζω (eu penso) acrescenta um caráter de vivacidade à narrativa.

---

b. *Confusão*

21.30-32

30. Agitou-se toda a cidade e as pessoas se juntaram. Elas agarrando a Paulo, arrastaram-no para fora do templo, e imediatamente foram fechadas as portas.

Pela boca do povo a acusação de que Paulo ensinava contra o povo judeu, a lei e o templo, se espalhou rapidamente. Essa acusação foi suficiente para açular toda a população de Jerusalém bem como os numerosos visitantes. Em tempos de festividades o povo ficava ligado em notícias extraordinárias. Por exemplo, quando Jesus fez sua entrada triunfal em Jerusalém toda a cidade se agitou (Mt 21.10); quando o Espírito Santo foi derramado no Dia de Pentecostes, a multidão se agitou em confusão (2.6). De forma semelhante, nessa ocasião o povo se aglutinava pela cidade e corria para a área do templo sem saber qualquer detalhe do acontecido. Esse é um fato típico das cidades orientais, onde ainda na atualidade grandes massas de gente se aglomeram de repente e sem mais nem menos se juntam num *slogan*, empunhando faixas e cartazes.

Os instigadores da revolta, os judeus efésios, agarraram Paulo (v. 27). Agora eles e outros o arrastavam para fora dos pátios do templo. Lucas não distingue os diferentes pátios do complexo do templo; para ele o templo consistia de todas as áreas que podiam ser fechadas por portões e eram vedadas aos gentios. Estas áreas eram, o templo propriamente dito, os pátios dos Sacerdotes, o dos Israelitas e o das Mulheres. As áreas livres do templo – o pátio dos Gentios, o pórtico de Salomão (Jo 10.23; At 3.11; 5.12) e o pórtico Real, onde os cambistas e mercadores realizavam seus negócios – ofereciam espaço para acomodar milhares de pessoas.

O capitão da guarda do templo e seus homens correram rapidamente e fecharam as portas entre o pátio dos Gentios e das Mulheres. O capitão tinha a responsabilidade de manter a ordem dentro e ao redor do complexo do templo.[50] Fechando as portas ele evitava que as multidões amotinassem nos pátios. Se a multidão matasse Paulo nos recintos sagrados do templo, seu sangue o contaminaria (2Rs 11.15,16; 2Cr 24.21).

31. Enquanto elas estavam procurando matá-lo, chegou ao conhecimento do comandante da força de ocupação que toda a Jerusalém estava amotinada. 32. Imediatamente, ele tomou alguns soldados e oficiais e correu para a multidão. Quando os judeus viram o comandante e os soldados, pararam de espancar Paulo.

Paulo corria risco de vida, pois ele não tinha recurso para uma ação legal. Qualquer pessoa acusada de contaminar o templo era imediatamente morta, sem direito a julgamento. A turba podia ter arrastado a Paulo para fora da cidade e o apedrejado até matá-lo, tal como fizeram com Estevão (7.58). Mas eles não tiveram paciência e tentavam matar Paulo ali mesmo, segundo relata Lucas. Somente a intervenção dos soldados romanos é que livrou Paulo da morte.

Os romanos tinham construído a Fortaleza Antônia e seus quartéis adjacentes (v. 34) numa "rocha de 23 metros de altura e com precipícios de todos os lados".[51] a fortaleza em si tinha quinze metros de altura mas tinha torres de pelo menos trinta metros. Desse ponto elevado, os romanos podiam vigiar as multidões não apenas na área do templo mas também nas outras partes da cidade. Se sublevações ocorressem o comandante devia imediatamente enviar suas tropas para restaurar a ordem.

Lucas denomina o comandante de quiliarca (líder de um milhar); atualmente um oficial análogo teria o posto de major ou coronel.[52] Ele era superior a um centurião e tinha patente de cavalaria na sociedade

50. Emil Schurer, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ (175 a. C. – 135 d.C.)*, rev. e org. por Geza Vermes e Fergus Millar, 3 vols. (Edimburgo: Clark, 1973-87) ,vol. 2, p. 278.

51. Josefo *War* 5.5.8 [238].

52. Bauer, p. 882; veja também, p. ex. João 18.12. Havia em Jerusalém uma coorte de 760 soldados da infantaria e um esquadrão de cavalaria composto por 240 homens. Consultar Lake e Cadbury, *Beginnnings*, vol. 4, p. 275.

romana. Esse comandante era bem conhecido em Jerusalém: Lucas registra seu nome, Cláudio Lísias (23.26). Quando o sentinela de sua torre viu o motim na cidade ele avisou seu comandante que imediatamente agiu. Ele notou grandes multidões em movimento e ordenou a alguns de seus oficiais e soldados – pelo menos duzentos homens – que o acompanhasse. Eles correram para o meio da multidão para prender o culpado de causar o tumulto.

Imediatamente os atacantes de Paulo param de golpeá-lo, pois eles não tinham nenhuma intenção de serem presos junto com ele. Eles preferiam entregá-lo ao comandante romano a prendê-lo eles mesmos e serem acusados de revolta.

Considerações Doutrinárias em 21.30-32

Quando Jesus morreu no Calvário, o véu que separava o Santo dos Santos do resto do templo se rasgou de alto a baixo (Mt 27.51). Mediante esse ato sobrenatural, Deus mostrou decisivamente que o sacerdócio levítico e o templo eram obsoletos. Mesmo assim Deus ainda deu aos judeus mais quarenta anos antes de eliminar o sacerdócio e destruir o templo.

Por todos esses quarenta anos o templo permaneceu sagrado para o povo judeu. Quem quer que falasse negativamente sobre o templo era morto. Por exemplo, tanto Jesus (Mt 26.61) como Estevão (At 6.13) foram acusados de falarem contra o templo e foram mortos. Para os judeus, Israel era o centro de todas as nações do mundo, Jerusalém era o centro de Israel e o templo era o centro de tudo.

No entanto, com o influxo de gentios cristãos para dentro da igreja, os judeus cristãos tiveram de encontrar solução para um problema de imensa magnitude. Eles próprios continuaram a adorar junto com os judeus não-cristãos no templo. Mas se quisessem promover a unidade da igreja universal eles tinham de chegar a um acordo sobre a adoração no templo que excluía os samaritanos e gentios cristãos. Jesus disse à mulher samaritana que os verdadeiros adoradores eram aqueles que adoram o Pai em espírito e verdade (Jo 4.21-24), mas eles não iriam adorar nem em Jerusalém nem no monte Gerizim. Jesus, o Messias prometido, inaugurou um novo sistema de adoração que "não era preso a um lugar santo em particular".[53]

---

53. Leon Morris, *The Gospel According to John*, série New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1971), p. 270.

Um gentio cristão, Lucas presenciou a prisão de Paulo e o fechamento subseqüente dos portões do templo. De sua perspectiva, o ato de fechar os portões simbolicamente significava que o templo não tinha qualquer importância para a igreja gentia cristã e com o tempo – depois de 70 d.C. – não teria também para o segmento de judeus cristãos.

No país do dia eternal
    tem uma cidade quadrangular,
que jamais haverá de acabar,
    E noite ali não haverá.

Suas portas nunca haverão de fechar
    Naquela cidade quadrangular;
Ali a vida corre como um rio de cristal,
    E noite ali não haverá.

– John R. Clements

Palavras, Frases e Construções em Grego em 21.30-32

Versículo 30

εἷλκον – o tempo imperfeito de ἕλκω (eu arrasto) é descritivo e denota processo. Mas o verbo aoristo passivo ἐκλείσθησαν (de κλείω, eu fecho) denota ação isolada. Enquanto os judeus estavam arrastando Paulo para fora do pátio das mulheres para o pátio dos gentios, o guarda do templo fechava os portões.

Versículos 31,32

ζητούντων – a construção do genitivo absoluto não tem o pronome αὐτῶν no caso genitivo. O pronome está implícito.[54] O verbo ζητέω (eu busco) passa a conotação desfavorável de tentar matar alguém.

συγχύννεται – esta é uma variação do tempo presente de συγχέω (eu confundo), veja o versículo 27.

κατέδραμεν – de κατατρέχω (eu desço correndo), este verbo no segundo aoristo descreve vividamente o comandante descendo correndo as escadas na direção do pátio dos gentios.

54. Robertson, *Grammar*, p. 1126.

c. *Intervenção*

21.33-36

33. Então o comandante aproximou-se de Paulo, prendeu-o e ordenou que fosse acorrentado com duas cadeias. Ele perguntou quem ele era e o que havia feito.

Lemos na narrativa de Lucas que as autoridades romanas mostravam boa vontade em relação a Paulo. Exceto em Filipos (16.22), os oficiais do governo romano repetidamente favoreceram e protegeram Paulo. Por exemplo, em Corinto o procônsul romano liberou Paulo mesmo antes de ele ter uma chance de se defender (18.14,15). Em Éfeso, os asiarcas aconselharam Paulo a não entrar no teatro (19.31). Durante sua viagem a Roma, o centurião chamado Júlio agiu com boa vontade em relação a Paulo e até permitiu-lhe desembarcar e ir a Sidom visitar seus amigos (27.3).

O comandante de Jerusalém se aproximou de Paulo, prendeu-o e fez com que lhe pusessem duas cadeias (comparar com 12.6).[55] Ao acorrentar Paulo, o comandante cortava qualquer possibilidade de fuga. (Paulo se deu conta que a profecia de Ágabo, com sua demonstração de como seria sua prisão, se cumprira [21.10,11].) A intervenção do comandante salvou a vida de Paulo. Ele começou a perguntar aos agressores sobre a identidade e as transgressões de Paulo. O tempo do verbo em grego indica que o comandante repetiu a pergunta muitas vezes.

34. Mas quando na multidão, alguém gritou uma coisa, e outros, coisas diferentes, e como o comandante não conseguia descobrir a verdade, ele ordenou que Paulo fosse levado à fortaleza.

O comandante demonstrou que tinha total controle da situação. Enquanto uns anos antes o governador anterior, Cumanus, tinha ordenado às suas tropas que fossem suprimir uma revolta e em conseqüência milhares de judeus foram mortos,[56] Cláudio Lísias em pessoa ficou no meio da turba e tentou descobrir o que tinha acontecido.

A multidão não tinha como lhe responder porque também não sabia porque ali estavam (veja 19.32 para um paralelo). Algumas pessoas

55. Comparar com Josefo *Antiquities*, 18.6.7 [196]; veja também Atos 28.20; Efésios 6.20; 2 Timóteo 1.16.

56. Josefo *War* 2.12.1 [223-26]; *Antiquities* 20.5.3 [105-12].

gritavam que Paulo tinha desviado judeus, outros que ele tinha quebrado a lei e ainda outros que ele tinha contaminado o templo (v. 28). Conseqüentemente quando o comandante não recebeu resposta satisfatória às suas perguntas ele ordenou que recolhessem Paulo na fortaleza, onde ele pessoalmente o haveria de questionar (22.27,28).

35. Quando Paulo chegou às escadas, a violência da multidão fez com que os soldados o carregassem. 36. A massa de judeus continuava a segui-lo gritando: "Mate-o!"

Os agressores viram o objeto de sua ira ser levado embora sob custódia romana, possivelmente escapando da pena de morte que eles tinham tanta sede de ministrar. Quando Paulo, preso entre dois soldados alcançou os dois lances de escada que levavam à Fortaleza Antônia, a turba tentou evitar que ele subisse os degraus.[57] A pressão do povo era tanta que os soldados tiveram de alçar Paulo do chão e carregá-lo escadas acima.

A multidão continuou a seguir os soldados romanos que sem dúvida tentava evitar que subissem os degraus. Quando as pessoas entenderam que sua vítima lhes escapara, puseram-se a gritar para os soldados: "Mate-o!" Com isso, elas pretendiam que os soldados matassem Paulo ali mesmo e não o levassem para a fortaleza. Note-se a semelhança do refrão de quando Pôncio Pilatos procurou soltar Jesus. Então a multidão gritava "Mate-o! Mate-o! Crucifica-o" (Jo 19.15; e veja Lc 23.18; At 22.22). Na verdade, Paulo podia confirmar a verdade das palavras de Jesus que nenhum servo é maior do que seu mestre (Mt 10.24; Jo 13.16).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 21.33-36

Versículo 33

αὐτοῦ – o caso genitivo do pronome depende do verbo aoristo ἐπελάβετο (ele prendeu). Verbos que denotam agarrar, pegar, prender regem o caso genitivo.

ἐπυνθάνετο – o tempo imperfeito demonstra o questionamento repetido pelo comandante que tentava conhecer os detalhes sobe Paulo como pessoa (τίς, quem) e como a causa da perturbação (τί, o que).

---

57. Josefo *War* 5.5.8 [243]. Consultar Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 1, p. 366.

εἴη – o presente optativo do verbo εἰμί (eu sou) com a construção perifrástica de ἐστιν e o particípio perfeito πεποιηκώς. O uso do optativo e da construção perifrástica provavelmente refletem as próprias palavras do comandante. Compare-se a freqüência do uso do optativo no discurso relativamente curto do Governador Festo (25.16 [duas vezes], 20).

Versículo 34

ἄλλοι δε ἄλλο – "alguns uma coisa, outros outra". Veja 19.32 para esta expressão idiomática.[58]

ἐπεφώνουν – o tempo imperfeito mostra ação repetitiva; o verbo composto revela intensidade: "eles ficavam gritando alto".

δυναμένου δὲ αὐτοῦ – embora a construção seja o genitivo absoluto, não é verdadeiro para com a forma porque o sujeito do verbo principal ἐκέλευσεν (ele ordenou) é o mesmo daquele do genitivo absoluto.

Versículos 35,36

συνέβη – esta forma aorista συμβαίνω (eu encontro, acontece) é uma variante estilística de ἐγένετο (aconteceu). Com o infinitivo presente βαστάζεσθαι (carregar), descreve a surpresa de Lucas pelos soldados romanos levarem Paulo para lugar seguro.

ἠκολούθει – o tempo imperfeito do verbo ἀκολουθέω (eu sigo) mostra a persistência da multidão e seu ódio apaixonado por Paulo.

37. Quando Paulo estava sendo recolhido à fortaleza, ele perguntou ao comandante :"Posso dizer-lhe algo?" E o comandante exclamou, "Você fala grego? 38. Então você não é o egípcio que algum tempo atrás começou uma revolta e levou quatro mil assassinos para o deserto?" 39. "Respondeu-lhe Paulo: Eu sou judeu, natural de Tarso da Cilícia, cidadão de uma cidade não insignificante. Por favor, permita-me falar ao povo". 40. O comandante deu a ele a permissão, então Paulo, em pé na escada, fez com a mão sinal ao povo. As pessoas ficaram em silêncio, e Paulo falou em aramaico.

3. *Discurso de Paulo*

21.37-22.21

Paulo é agora um prisioneiro de Roma, e ele permanece prisioneiro desse ponto de Atos até fim do livro. No entanto, por estar sob custódia romana, Paulo dá os primeiros passos na direção da capital do

58. Robertson, *Grammar*, p. 747.

império. Mesmo estando em cadeias ele afinal realiza seu projeto de visitar Roma (veja 19.21).

Roma constituía o ponto central do império do qual estradas, como os raios que saem do eixo de uma roda, se estendiam até os confins do mundo. Assim, o fato de Paulo chegar a Roma significava cumprir a ordem de Jesus aos apóstolos: "e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra" (1.8).

a. *Pedido*

21.37-40

37. Quando Paulo estava sendo recolhido à fortaleza, ele perguntou ao comandante:"Posso dizer-lhe algo?" E o comandante exclamou, "Você fala grego? 38 Então você não é o egípcio que algum tempo atrás começou uma revolta e levou quatro mil assassinos para o deserto?"

a. "Quando Paulo estava sendo levado à fortaleza." Tendo se interessado por Paulo, o comandante ficou perto dele. Seus soldados impediram a multidão de subir os degraus e Paulo foi protegido da força brutal da turba. Enquanto os oficiais e soldados ainda estavam nos degraus fora da fortaleza, Paulo, num excelente grego, faz uma pergunta ao comandante.

b. "Posso dizer-lhe algo?" O comandante se surpreende ao ouvir Paulo falar fluentemente em grego e de ser abordado de modo tão cortês, pois ele tinha suposto que Paulo era um judeu egípcio e um criminoso. Além disso, a tentativa do comandante de fazer perguntas no pátio dos gentios tinha sido infrutífera. Sem dar uma resposta a Paulo, o comandante revela sua surpresa e por sua vez faz uma pergunta óbvia, "Você fala grego?" Ele provavelmente deseja saber se o grego é a língua nativa de Paulo e onde ele tinha aprendido a língua.

c. "Então você não é o egípcio." A pergunta retórica do oficial coloca uma demanda e pede uma resposta positiva. Ele sabia que a língua nativa de um judeu egípcio seria o grego. Mas Paulo não é o egípcio que o comandante tinha em mente, ou seja, aquele que tinha começado uma rebelião contra Roma e levado cerca de quatro mil homens armados de espadas para o deserto alguns anos atrás.

d. "[O egípcio] que algum tempo atrás começou uma revolta." Josefo relata que um impostor do Egito, alegando ser profeta, tinha liderado um bando de trinta mil pessoas do deserto para o Monte das Oliveiras. Esse impostor tinha declarado que ao seu comando as muralhas de Jerusalém cairiam. Ele pretendia derrubar a guarnição romana do forte Antônia e então se tornar um tirano. Mas o governador Félix ficou sabendo da revolta e enviou sua cavalaria. Seus soldados mataram numerosos judeus e fez muitos outros cativos (comparar com 5.36). O egípcio e numerosos seguidores fugiram.[59]

e. "e conduziu ao deserto quatro mil assassinos." A discrepância quanto aos números de Josefo e do relato de Atos provavelmente provém de um erro de escriba. Nos manuscritos antigos, os números eram representados por letras abreviadas, em que a letra grega letra maiúscula D (Δ) era igual a quatro e a letra maiúscula L (Λ) representava trinta. Em grego, a diferença é apenas um curto traço de pena.[60]

Durante a administração do governador Félix, um grupo de terroristas conhecido como Sicarii tinha assassinado alguns líderes judeus que eram simpatizantes dos romanos. O nome desses assassinos derivou de *sica* (espada) que eles escondiam em suas túnicas volumosas.[61] Especialmente durante os festivais judaicos, eles se misturavam às multidões e rapidamente atingiam seus oponentes, se juntavam aos peregrinos e assim escapavam de serem presos.

Não é de admirar que o comandante quisesse saber a identidade de Paulo. Ele percebe que Paulo não é um assassino notório, mas sim uma pessoa estrangeira instruída.

39. "Respondeu-lhe Paulo: Eu sou judeu, natural de Tarso da Cilícia, cidadão de uma cidade não insignificante. Por favor, permita-me falar ao povo."

De pé nos degraus, com uma multidão enfurecida embaixo no pátio dos gentios, Paulo se absteve de dar uma longa explicação sobre sua identidade. Ele meramente se identifica como judeu natural de Tarso

59. Josefo, *War* 2.13.1 [261-63]; *Antiquities* 20.8.1 [169-72].

60. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 277.

61. Josefo *Antiquities* 20.8.10 [186]. Veja Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 1, p. 463; Terence L. Donaldson, "Zealot", *ISBE*, vol. 4, p. 1178.

na província da Cilícia. Depois ele acrescenta, à guisa de esclarecimento, "um cidadão de uma cidade não insignificante". O comentário de Paulo não era sem fundamento; Tarso era a capital da Cilícia (9.11; 22.3; 23.34) e uma cidade universitária que se equiparava com Atenas. Era conhecida como um lugar de estudo para os filósofos estóicos.[62]

O comandante, entretanto, não se deixa impressionar pelas asserções de Paulo de ser proveniente de importante cidade da Ásia Menor. Mas quando Paulo subseqüentemente revela que é cidadão romano, o oficial fica intrigado e informa a Paulo que ele próprio pagara grande soma de dinheiro pela cidadania (22.28). Paulo afirma ser cidadão romano por nascimento.

Paulo pede permissão para falar à multidão enfurecida abaixo. Ao fazer isso ele se identifica com o povo que poucos momentos antes tentava matá-lo. Falar a essa multidão mostra intrepidez e caráter. Portanto, Paulo obtém o respeito do comandante e o oficial prontamente dá permissão.

40. O comandante deu a ele a permissão, então Paulo, em pé na escada, fez com a mão sinal ao povo. As pessoas ficaram em silêncio, e Paulo falou em aramaico.

Quando Paulo recebe permissão para falar à multidão, ele acena para a multidão (veja 12.17; 13.16; 19.33). E a multidão, ao ver o gesto, gradualmente se cala e se dispõe a ouvir o que Paulo tem a dizer.

Paulo mostra tato e habilidade ao se dirigir à multidão em aramaico, língua vernacular dos judeus. Ele quer se dirigir aos judeus para que conheçam seus antecedentes, treinamento, conversão e chamado. Por essa razão, ele se comunica na língua do povo para ganhar a confiança deles. Ele usa a oportunidade para falar às pessoas sobre Jesus.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 21.37-40

Versículo 37

εἰ – quando esta partícula introduz uma pergunta direta ela não requer tradução (veja 19.2).

---

62. Veja E. M. Blaiklock, *Cities of the New Testament* (Westwood, N. J.: Revell, 1965), p. 21; Ramsay, *St. Paul the Traveller*, pp. 31-32; e veja Colin J. Hemer, "Tarsus", *ISBE*, vol. 4, pp. 734-36.

γινώσκεις – o verbo conhecer neste contexto significa "entender". Entretanto, Lake e Cadbury afirmam que o presente infinitivo λαλεῖν deveria ser acrescentado depois de γινώσκεις: "Você sabe falar grego?"[63]

Versículos 39,40

μὲν ... δέ – note-se o contraste neste verso. Com a partícula μέν Paulo responde à pergunta do comandante, e com δέ ele faz uma pergunta.

σιγῆς – a construção do genitivo absoluto: "quando houve grande silêncio". Lucas corrobora sua afirmação no capítulo seguinte dizendo; "eles ficaram ainda mais quietos" (22.2).

Sumário do Capítulo 21

Depois de deixar os presbíteros efésios em Mileto, Paulo e seus companheiros embarcaram num navio e navegaram para Pátara via Cós e Rodes. Dali eles atravessaram para Tiro, onde ficaram por uma semana com os cristãos. Esses crentes instaram com Paulo para não ir a Jerusalém, mas ele lhes disse que o Espírito o compelia a ir. Antes de ele partir, eles oram juntos na praia. Depois Paulo e seus companheiros embarcam num navio e viajam para Ptolemaida e Cesaréia. Em Cesaréia, eles se hospedam com Filipe, o evangelista, cujas quatro filhas profetizavam.

O profeta Ágabo viajou da Judéia para Cesaréia com uma profecia para Paulo. Ele toma o cinto de Paulo, amarra-o em volta de seus próprios pés e mãos, e diz que os judeus de Jerusalém irão amarrar o dono do cinto e entregá-lo aos gentios. Muito embora os companheiros de Paulo lhe rogassem com lágrimas para que desistisse de ir a Jerusalém, Paulo estava decidido a ir por amor a Jesus Cristo. Ele e seus companheiros partem de Cesaréia e pousam na casa de Mnasom, chegando a Jerusalém no dia seguinte.

Os cristãos em Jerusalém recebem Paulo calorosamente; ele encontra Tiago e os presbíteros da igreja no dia seguinte. Ele relata tudo o que Deus tinha feito por meio de seu ministério. Os presbíteros aconselham a Paulo a desmentir os rumores de que ele estava ensinando os judeus na dispersão a não circuncidar os filhos. Eles o aconselham a

63. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 276.

pagar as despesas de quatro homens que tinham feito um voto nazireu. Esperavam que dessa maneira todos pensassem que os rumores sobre Paulo eram falsos.

Paulo segue o conselho dos presbíteros e se submete aos rituais de purificação no templo. Alguns judeus da província da Ásia o vê e o agarram. Eles gritam por ajuda dizendo que Paulo tinha contaminado o templo. Eles o arrastam para fora do templo e tentam matá-lo. O comandante romano ouve dizer que a cidade de Jerusalém inteira estava se amotinando. Escoltado por duas centenas de soldados, o comandante prende Paulo e lhe mete duas cadeias. Quando vão subindo as escadas do quartel, Paulo pede permissão para falar ao povo. Depois de obter permissão, Paulo fala ao povo em aramaico, o vernáculo.

22

Em Jerusalém e Cesaréia

Parte 2

22.1-30

ESBOÇO (continuação)

22.1-5	b. A Educação
22.6-11	c. A Conversão
22.12-16	d. A Restauração
22.17-21	e. A Missão
22.22 – 23.11	4. O julgamento de Paulo
22.22-29	a. O Apelo
22.30	b. A Acusação

Capítulo 22

ATOS 22.1-5

22 1. “Homens, irmãos e pais, ouçam agora, a minha defesa diante de vocês.” 2. Quando ouviram que Paulo lhes falava em aramaico, ficaram ainda em maior silêncio. Ele disse: 3. “Eu sou judeu, nascido em Tarso da Cilícia, mas criado nesta cidade e instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados, sendo zeloso para com Deus, exatamente como vocês são hoje. 4. Persegui os adeptos deste Caminho até à morte, prendendo tanto homens como mulheres, e colocando-os na prisão. 5. Na verdade, até mesmo o sumo sacerdote o todo o conselho de anciãos podem testemunhar a meu favor de que eu recebi cartas deles para os irmãos em Damasco. Eu fui lá para trazer aqueles que estavam presos para serem punidos em Jerusalém”.

Embora a audiência à qual Paulo se dirige dos degraus da fortaleza Antônia seja judia, ela é composta de cristãos e não-cristãos. Ele sabe que ambos os grupos são zelosos da lei (21.20). Ele sabe também que tanto os judeus quanto os cristãos, em Jerusalém, pensam que ele ensina contra a raça judaica, a lei, e o templo (21.28). Ele quer dizer a esse povo que ele é um deles quanto à raça e à educação, e quanto aos cristãos, à conversão. E ele quer informar-lhes sobre a sua comissão como apóstolo dos gentios.

A acusação contra Paulo é semelhante à que fora formulada contra Estevão, isto é, falar contra Deus, a lei, e o templo (6.11-14). Estevão se defendera rememorando a história de Israel para mostrar que as acusações eram infundadas; Paulo conta sua história pessoal para provar a genuinidade de suas raízes e sua devoção ao seu Senhor. Em seu discurso, Paulo se abstém de se auto-inocentar da acusação de profanação do templo. Em vez disso, sua oratória culminou na sua referência à ordem divina para que ele fosse trabalhar em meio aos gentios.[1]

1. Consultar Martin Dibelius, *Studies in the Acts of the Apostles* (Londres: SCM, 1956), p. 160.

Paulo se dirigiu à multidão em aramaico, o vernáculo do povo judeu. Dos escritos de Lucas nós deduzimos que ele sabia aramaico o suficiente para entender e traduzir o discurso de Paulo para o grego. Além do mais, ele estava familiarizado com a história de Paulo, que ele, como companheiro de viagem, tinha ouvido dos lábios do apóstolo muitas vezes. Portanto, Lucas não teve qualquer dificuldade em reconstruir o discurso e apresentar seu conteúdo com exatidão.

b. *A Educação*

22.1-5

1. "Homens, irmãos e pais, ouçam agora, a minha defesa diante de vocês."

Os judeus que apenas momentos antes buscavam matar Paulo, agora o ouvem chamá-los respeitosamente de irmãos e pais. Para a surpresa deles, Paulo estabelece uma comunicação com eles não apenas por lhes dirigir a palavra em aramaico, mas também por dizer-lhes que ele é um filho do povo judeu. Paulo mostra respeito ao usar a palavra *pais* (veja 7.2); ele chama seus ouvintes de irmãos e pais e lhes pede que ouçam suas explicações.

Paulo pede à multidão reunida para ouvir sua "defesa", e ao usar esse termo, por implicação, Paulo transforma a situação num caso de tribunal. Entretanto, ele se abstém de enumerar as acusações contra ele e as ignora. Mesmo assim a construção literária em grego (verbo e substantivo), traduzido aqui como "defesa", aparece novamente no discurso de Paulo perante Félix, Festo e Agripa.[2] Em outras palavras, Paulo com toda certeza, considera seu discurso como uma defesa de seu trabalho, a saber, a proclamação do evangelho aos gentios. O discurso do apóstolo não é uma defesa perante um comandante romano, mesmo sendo seu prisioneiro, mas a justificação de seu trabalho na presença de seu próprio povo, os judeus.[3]

---

2. Veja 24.10; 25.8,16; 26.1,2,24. E consultar Romanos 2.15; 1 Coríntios 9.3; 2 Coríntios 12.19; Filipenses 1.7,16; 2 Timóteo 4.16.

3. Consultar F. W. Grosheide, *De Handelingen der Apostelen*, série Kommentaar op het Nieuwe Testament, 2 vols. (Amsterdã: Van Bottenburg, 1948), vol. 2, p. 282. Entretanto, Jacob Jervell pensa que o objeto de defesa é a pessoa de Paulo e não sua missão aos gentios, a comunidade cristã, ou o evangelho. "Paulus – der Lehrer Israels. Zu den apologetischen Paulusreden in der Apostelgeschichte", *NovT* (1968): 164-90.

2. Quando ouviram que Paulo lhes falava em aramaico, ficaram ainda em maior silêncio. Ele disse: 3. "Eu sou judeu, nascido em Tarso da Cilícia, mas criado nesta cidade e instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados, sendo zeloso para com Deus, exatamente como vocês são hoje".

Note-se os seguintes pontos:

a. *Linguagem*. Paulo sabiamente lhes dirige a palavra em aramaico, o vernáculo em Israel. Ele busca estabelecer contato com seu povo e, quando eles ouvem palavras em aramaico saindo de seus lábios, eles escutam. Eles acham que um judeu da Dispersão que fala aramaico tão fluentemente merece a atenção deles. Lucas descreve o desenvolvimento da cena, dizendo, "eles ficaram ainda em maior silêncio". Com habilidade, Paulo entrou em contato com as pessoas e agora começa seu discurso.

b. *Criação*. O primeiro item que Paulo menciona é sua identidade (veja Fp 3.5). Ele se intitula um judeu e acrescenta que nasceu em Tarso (9.11; 21.39), que era a capital da província da Cilícia. Paulo diz que é um judeu da Dispersão, mas informa imediatamente que foi criado na cidade de Jerusalém. Para ser bem preciso, seus pais se mudaram de Tarso para Jerusalém quando Paulo era ainda uma criança (comparar com 26.4).[4] O verbo *criado*, que aparece no versículo 3, refere-se ao treinamento mental e físico de uma criança[5] mas difere do verbo *educar*. Paulo cresceu falando aramaico e possivelmente grego, "pois os estudantes judeus estudavam grego em Jerusalém. O vocabulário e os conceitos gregos eram empregados por muitos rabinos".[6]

c. *Educação*. Em Jerusalém, continua Paulo, "fui instruído aos pés

4. W. C. van Unnik, *Tarsus or Jerusalém: The City of Paul's Youth*, trad. por George Ogg (Londres: Epworth, 1962), p. 44.

5. Bauer, p. 62. A pontuação nesse versículo é decisiva para distinguirmos entre os verbos *ser criado* e educar. Umas poucas traduções, entretanto, tomam os verbos como sinônimos: "criei-me nesta cidade aos pés de Gamaliel, instruído segundo a exatidão da lei de nossos antepassados" (RSV; e veja NKJV, ASV).

6. Everett F. Harrison, "Acts 22:3 – A Test Case for Luke's Reliability", *in New Dispersion in New Testament Study*, org. por Richard N. Longenecker e Merril C. Tenney (Grand Rapids: Zondervan, 1974), p. 256. Veja também Emil Schürer, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ (175 B.C.-A.D. 135)*, rev. e org. por Geza Vermes e Fergus Millar, 3 vols. (Edimburgo: Clark, 1973-87), vol. 2, p. 78.

de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados". Seu mestre fora Rabban Gamaliel, o presbítero, que era altamente respeitado (veja 5.34-39). Ele também era um mestre que tinha o maior respeito pela lei, tanto que depois de sua morte os rabinos costumavam dizer: "Depois que Rabban Gamaliel, o presbítero, faleceu, o respeito pela Torá acabou e a pureza e a abstinência morreram junto".[7] Quando Paulo recebeu sua instrução, ele e seus colegas se sentavam no piso enquanto seu mestre se sentava na plataforma. Eles literalmente se sentavam aos pés dele.

Quando Paulo menciona o nome de Gamaliel e revela ter sido ensinado por esse renomado mestre da lei, suas palavras surtem efeito. Os judeus vêem-no como um fariseu e especialista na lei de seus pais espirituais (veja Gl 1.14).

d. *Zelo*. Paulo prossegue dizendo-se zeloso para com Deus e acrescentando, "exatamente como vocês são hoje". A palavra *zeloso* traz consigo sugestões de "perseguidor". Paulo discorre sobre o zelo que ele tinha antes de sua conversão, quando perseguia a igreja e pensava estar prestando um serviço a Deus (Fp 3.6; comparar com Jo 16.2). Como ele escreve a respeito dos judeus em sua epístola aos romanos, "Porque lhes dou testemunho de que ele têm zelo por Deus, porém não com entendimento" (Rm 10.2).[8] Paulo é direto e franco ao afirmar que os judeus a quem ele se dirige, tanto cristãos como não, têm o mesmo tipo de zelo mal-direcionado. Eles demonstraram seu zelo por Deus momentos antes, quando quiseram matar Paulo no pátio dos gentios. Paulo não os está acusando pois ele sabe que o zelo deles é resultado da ignorância (veja 3.17).

4. "Persegui os adeptos deste Caminho até à morte, prendendo tanto homens como mulheres, e colocando-os na prisão."

Paulo agora relembra seu passado pecaminoso (veja 8.3; 9.2). Por algum tempo ele foi perseguidor e tentou destruir a igreja (Gl 1.23). Mas note-se que Paulo usa a expressão os *adeptos do Caminho* para descrever os membros da igreja. Paulo passa a usar esse termo porque ele estava entre as primeiras designações para os crentes. Ele queria

7. Mishnah *Sota* 9.15. Consultar SB, vol. 2, p. 763; Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 2, p. 368.

8. Hans-Christoph Hahn, *NIDNTT*, vol. 3, p. 1167.

que sua audiência percebesse que ele estava falando sobre eventos que haviam ocorrido mais de vinte anos atrás (9.2; e comparar com 19.9,23; 24.14,22).

"Eu (os) persegui até à morte." Os judeus da audiência de Paulo tentaram fazer com ele o que o próprio Paulo havia feito com os primeiros cristãos. Paulo confessa aberta e honestamente seu pecado de matar homens e mulheres inocentes. Alguns estudiosos são da opinião de que Paulo consentiu apenas na morte de Estêvão (8.1a).[9] Mas isso é pouco provável de ser correto se nós considerarmos as explicações adicionais de Paulo perante o rei Agripa: "E assim procedi em Jerusalém: não somente mandei muitos santos para a prisão, porque eu tinha recebido autorização dos principais sacerdotes, como também dava o meu voto contra eles para os matarem" (26.10). Paulo diz que prendeu tanto homens quanto mulheres e os entregou às prisões. Essa é uma referência direta à perseguição que se seguiu à morte de Estêvão. Lucas relata que naquela época Paulo ia de casa em casa arrastando para as prisões tanto homens quanto mulheres (8.3).

Na igreja, homens e mulheres eram participantes ativos, como é evidente das saudações de Paulo enviadas à igreja em Roma (Rm 16.3-23; veja também Fp 4.2,3; Cl 4.15; Fm 1,2); no templo e nas sinagogas os homens eram proeminentes em assuntos religiosos. No entanto, quando Paulo se comportava como um zeloso cego, ele não fazia distinção e prendia tanto homens como mulheres.

5. "Na verdade, até mesmo o sumo sacerdote o todo o conselho de anciãos podem testemunhar a meu favor de que eu recebi cartas deles para os irmãos em Damasco. Eu fui lá para trazer aqueles que estavam presos para serem punidos em Jerusalém."

a. "Na verdade, até mesmo o sumo sacerdote." Se era verdade que Paulo tinha deixado Jerusalém mais de duas décadas antes, deveria haver na multidão algumas pessoas que se lembravam dos tempos em que o sumo sacerdote e o concílio de presbíteros, comissionavam Paulo para perseguir os cristãos nas outras cidades. Nós sabemos que quando Paulo se refere ao sumo sacerdote ele se refere a Caifás, que serviu nesse posto de 18 a 36 d.C. (veja o comentário sobre 4.6 e 9.1). Do

9. Veja por exemplo, Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 279.

relato de Lucas nós ficamos sabendo que no momento em que Paulo se dirigia à sua audiência judia, Ananias, um homem excepcionalmente cruel, era o sumo sacerdote (23.2). Nós assumimos que essa pessoa, que pertencia a uma família de alto escalão sacerdotal, estava presente quando Paulo perseguia os cristãos.

b. "e todo o conselho de anciãos podem testificar." A expressão *conselho de anciãos* é um outro nome para o Sinédrio, que aprovava as tarefas que Caifás dava a Paulo (comparar com Lucas 22.66).[10] O Sinédrio exercia sua autoridade enviando Paulo a Damasco para prender os judeus cristãos e trazê-los como prisioneiros ao sumo sacerdote.[11] Mesmo que os líderes do atual Sinédrio não pudessem se lembrar do antigo trabalho de Paulo, os registros indicariam que, em alguma época, ele estivera a serviço do sumo sacerdote.

c. "Recebi cartas deles para os irmãos em Damasco." Paulo diz que ele fora a Damasco com cartas autorizadas pelo Sinédrio e dirigidas aos irmãos de lá. Especificamente esses irmãos eram líderes das sinagogas de Damasco (9.2); depois, junto com outros judeus, eles planejavam matá-lo (9.23).

d. "Fui para lá com o propósito de trazer os prisioneiros para serem punidos em Jerusalém." Os cristãos foragidos de Jerusalém depois da morte de Estêvão viajaram para a Judéia, Samaria, Fenícia, Antioquia e Chipre (8.1b; 11.19). Nós presumimos que eles tenham se estabelecido em Damasco. Mas nem todo crente em Damasco era um refugiado, porque o devoto Ananias recebeu relatórios sobre as perseguições em Jerusalém (9.13). Paulo se lembra de que ele estava a caminho de Damasco para prender os cristãos e trazê-los em cadeias para Jerusalém, onde eles seriam punidos. Ele usa o tempo imperfeito do verbo *viajar* para indicar que ele não pudera completar sua missão.

Considerações Práticas em 22.1-5

Versículo 1-3

Quando proclamando ou ensinando a Palavra de Deus, o pastor deve

10. Lothar Coenen, *NIDNTT*, vol. 1, pp. 196-97. Os cristãos também usavam o termo (1Tm 4.14).

11. Veja também Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 2, pp. 198, 218.

exercer tato e diplomacia. Por mais difícil que ele possa achar se ajustar à cultura ou à situação na qual Deus o colocou, ele deve aprender a se dirigir ao povo com palavras que toquem o coração de cada um. Na comunicação efetiva do evangelho, ele deve lutar para estabelecer um ponto de contato com sua audiência.

Versículos 4,5

Ao longo de todo o seu Evangelho, Lucas se mostra imparcial; ele menciona tanto homens como mulheres (por ex., Zacarias e Isabel, José e Maria, Simeão e Ana). Em Atos, Lucas continua o tema com igualdade: as mulheres e os apóstolos (1.13,14), Ananias e Safira (5.1-10), Enéias e Dorcas (9.32-42), Áqüila e Priscila (18.2), Félix e Drusila (24.24), Agripa e Berenice (25.23).

O fato de Lucas relatar o acontecimento da conversão de Paulo três vezes é prova suficiente de que este livremente admitia sua participação na perseguição da igreja. Quando se tornou um crente, ele percebeu que iria sofrer perseguição por amor ao Senhor Jesus Cristo. Embora essa perseguição viesse principalmente dos judeus, ele ainda assim os chamava de irmãos.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 22.1-5

Versículos 1,2

μου – este pronome não enfático deveria ser usado com o substantivo ἀπολογίας (defesa) e não com o verbo ἀκούω (ouvir). A posição do pronome se deve ao costume grego de colocar pronomes não enfáticos tão perto quanto possível do início da sentença.[12]

῾Εβραΐδι – embora a palavra signifique "hebreu", o termo no contexto refere-se à língua aramaica falada na Palestina (veja 21.40; 26.14).

Versículo 3

τῆς Κιλικίας – este substantivo ("Cilícia") é um genitivo descritivo de lugar.[13]

---

12. Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. por Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), nº 473.1.

13. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 497.

ἀνατεθραμμένος – o particípio perfeito passivo de ἀνατρέφω (eu cresci) revela que Paulo passou sua juventude em Jerusalém. O tempo perfeito mostra ação duradoura.

ὑπάρχων – o particípio no tempo presente é um substituto para o presente particípio de εἰμί (eu sou).

Versículo 5

μαρτυρεῖ – o contexto demanda o uso do verbo auxiliar *pode*, ou seja, "o sumo sacerdote pode testemunhar". O texto ocidental acrescenta o nome Ἀνανίας (Ananias) depois do termo *sumo sacerdote*, mas a inserção é influenciada pelo capítulo seguinte e derivada dele (23.2).

ἄξων – o particípio futuro de ἄγω (eu conduzo, trago) expressa propósito.

---

6. "Enquanto eu estava a caminho, por volta de meio-dia, e já perto de Damasco, repentinamente, uma brilhante luz do céu cintilou ao redor de mim. 7. Eu caí por terra e ouvi uma voz que me dizia: 'Saulo, Saulo, por que você me persegue?' 8. Mas eu perguntei, 'Quem és tu, Senhor?' E ele me respondeu: 'Eu sou Jesus de Nazaré, a quem você está perseguindo'. 9. Os que estavam comigo viram a luz, mas não entenderam a voz de quem falava comigo. 10. Eu perguntei: 'O que devo fazer, Senhor?' E o Senhor me disse: 'Levante-se, vá para Damasco e ali você ficará sabendo tudo o que está ordenado para você fazer'. 11. Desde que eu não podia enxergar por causa do fulgor da luz, meus companheiros me guiaram pela mão e eu cheguei a Damasco."

---

c. *A Conversão*

22.6-11

6. "Enquanto eu estava a caminho, por volta de meio-dia, e já perto de Damasco, repentinamente, uma brilhante luz do céu cintilou ao redor de mim. 7. Eu caí por terra e ouvi uma voz que me dizia: 'Saulo, Saulo, por que você me persegue?'"

Paulo relata sua experiência de conversão; esse relato (22.6-11) difere da narrativa anterior (9.3-9) somente em detalhes mínimos. Paulo relata que estava a caminho de Damasco e que quando estava se aproximando da cidade, por volta do meio-dia, de repente ele viu uma grande luz do céu brilhando ao seu redor. O acréscimo neste relato foi a referência à hora: "por volta do meio-dia".

Quando Paulo fala sobre a luz brilhante cintilando do céu, ele está

dizendo à sua audiência judia que havia tido um encontro divino. Os judeus sabiam das Escrituras que a luz procede de Deus (Sl 4.6; 44.3; 89.15) e que era uma representação que Deus empregava para revelar-se (veja, por ex., Êx 13.21,22; Ne 9.12; Sl 104.2; Dn 2.22; Hc 3.4).[14] Na verdade, a luz da auto-revelação de Deus supera a luz criada. Em seu discurso perante Agripa, Paulo diz que a luz que o envolveu era mais brilhante do que o sol (26.13).

Paulo afirma que sua conversão ao Cristianismo não se deu por persuasão dos crentes mas sim porque Jesus o detivera perto de Damasco. Ele rememora que caíra no chão e ouviu a voz se dirigindo a ele duas vezes chamando-o pelo seu nome hebreu: Saulo. Do conhecimento das Escrituras que tinham, os judeus sabem que quando Deus chamava as pessoas ele freqüentemente repetia o nome delas. Por exemplo, "Moisés, Moisés" (Êx 3.4), e no tabernáculo Deus chamou o menino Samuel e disse: "Samuel, Samuel" (1Sm 3.10). Paulo, portanto, indica que fora divinamente chamado. A voz perguntou-lhe, "Por que você me persegue?"

8. "Mas eu perguntei, 'Quem és tu, Senhor?' E ele me respondeu: ´Eu sou Jesus de Nazaré, a quem você está perseguindo."

Enquanto ele se encontrava cego pela luz, caído ao chão, e ouvindo uma voz vinda do céu fazendo-lhe uma pergunta – Paulo recorda – ele manteve a mente lúcida. A voz que se dirigiu a Paulo perguntou-lhe por que ele estava vitimizando aquele que lhe falava. Paulo teve de responder pedindo à voz que se identificasse. Assim ele perguntou, "Quem és tu, Senhor?" E recebeu a surpreendente resposta, "Eu sou Jesus de Nazaré, a quem você está perseguindo". Note-se que em seu discurso aos judeus Paulo menciona o substantivo esclarecedor *Nazaré*, que está ausente dos outros dois relatos (9.5; 26.15). Em Atos, o título Jesus de Nazaré aparece com freqüência e é o nome pelo qual Jesus era conhecido entre os judeus crentes e os não crentes.[15]

Ao ouvirem Paulo, os judeus ficam sabendo que Jesus o chamara dos céus e indicara duas vezes que Paulo o perseguia. Paulo se abstém de identificar Jesus com maior precisão, mas deixa a distinta impres-

14. Hans-Christoph Hahn and Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 2, pp. 491, 491.
15. Veja 2.22; 3.6; 4.10; 6.14; 22.8; 26.9; e veja 24.5.

são de que Jesus é divino. A partir do diálogo entre Jesus e Paulo os judeus ficam sabendo também que Jesus se identificava totalmente com os crentes. Paulo, continuando seu relato, diz,

9. "Os que estavam comigo viram a luz, mas não entenderam a voz de quem falava comigo."

Os companheiros de viagem de Paulo testemunharam a luz brilhante e viram Paulo caído no chão. Embora eles observassem o fenômeno, a luz não os cegou como ocorreu com Paulo. Além do mais, eles ouviram a voz falando mas não a entenderam, muito embora a voz tivesse se dirigido a Paulo em aramaico (26.14). A voz tinha sido incompreensível para eles. Eles ficaram mudos de pavor (9.7; veja o comentário para uma discussão).[16] Tampouco eles entenderam as palavras de Jesus que levaram à conversão de Paulo.

10. "Eu perguntei: 'O que devo fazer, Senhor?' E o Senhor me disse: 'Levante-se, vá para Damasco e ali você ficará sabendo tudo o que está ordenado para você fazer'."

O relato anterior (9.5-7) difere ligeiramente da descrição que Paulo dá perante a audiência judia, pois ele lhes fornece informações adicionais. Primeiro, Paulo relata que os homens que o acompanhavam "viram a luz". Segundo, Paulo revela um diálogo continuado com Jesus. Ele lhe perguntou, "O que devo fazer, Senhor?" Essa pergunta e a sentença que introduz a resposta de Jesus está ausente do primeiro relato da conversão de Paulo. E, finalmente, as instruções que Jesus deu são mais detalhadas no segundo relato do que no primeiro. A frase *tudo o que está ordenado para você fazer* foi acrescentada.

Três vezes em dois versículos (vs. 8,10) Paulo emprega o termo *Senhor,* pelo qual ele demonstra seu respeito por Jesus. Ao mesmo tempo numerosas pessoas na audiência de Paulo eram judeus cristãos (comparar com 21.20). Paulo sabe que ele e eles compartilham um modo de se dirigirem a Jesus. Mas a fim de não provocar os judeus não-crentes, ele se abstém de usar o nome *Jesus* e emprega a expressão *Senhor* em seu lugar.

16. Os textos Ocidental e Majority trazem um acréscimo. Depois das palavras *viram a luz*, eles acrescentam "e ficaram com medo" (KJV, NKJV). Os tradutores precisam decidir se a frase fora acidentalmente omitida do texto ou se foi adicionada. A maioria prefere a segunda opção.

O Senhor tem completo controle sobre a conversão e o chamado de Paulo, pois já tinha lhe designado uma tarefa. A frase *tudo o que está ordenado para você fazer* significa que Jesus já tinha planejado uma carreira de serviço para Paulo.[17] O tempo do verbo em grego indica que os arranjos tinham sido feitos no passado, mas estavam sendo postos em ação no momento da conversão de Paulo. Ou seja, Jesus designou Paulo para ser seu servo e testemunha (26.16) e o enviava como um apóstolo aos gentios (9.15).

11. "Desde que eu não podia enxergar por causa do fulgor da luz, meus companheiros me guiaram pela mão e eu cheguei a Damasco."

Paulo continua seu relato e descreve como ficou cego devido ao fulgor da luz que brilhou ao redor dele (9.3). Nesse versículo, ele fala brevemente de sua cegueira e dependência de seus companheiros de viagem. A descrição anterior de Lucas, com pequenas variações, tem o mesmo sentido (9.8). Mas Lucas divulga que Paulo ficara cego por três dias e que jejuara durante esse período (9.9). O próprio Paulo omite esse detalhe de sua narrativa. De acordo com as Escrituras, ser atingido com cegueira era uma das maldições que Deus fazia cair sobre os desobedientes (Dt 28.15,28,29). Mas esse não era o caso de Paulo, pois ele recebe mais instruções do Senhor em Damasco.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 22.6-11

Versículo 6

μοι – "para mim". O caso é um dativo de vantagem, seguido dos particípios presentes descritivos πορευομένῳ (indo) e ἐγγίζοντι (aproximando-se).

περὶ μεσημβρίαν – veja-se o comentário em 8.26.

Versículo 7

ἤκουσα φωνῆς – "A clássica regra do gen[itivo] para as pessoas que nós ouvimos, e o acusativo para as pessoas ou coisas acerca de quem ou das quais ouvimos, é aplicada mesmo mais sistematicamente no N[ovo]

17. Consultar J. I. Packer, *NIDNTT*, vol. 1, p. 476.

T[estamento] onde o ac[usativo] tende a substituir o genitivo clássico mais comum mesmo no caso de ouvir um som, embora o último ainda ocorra."[18]

Versículo 10

τί ποιήσω – o subjuntivo deliberativo em lugar do futuro indicativo: "O que devo fazer?"

ἀναστάς – embora o particípio com um verbo finito normalmente significa "aprontar-se", para Paulo, que jaz prostrado no chão, a palavra tem uma conotação literal: "levante-se".

τέτακται – de τάσσω (eu aponto), o perfeito mostra uma ação no passado com resultados duradouros para o presente.

Versículo 11

ἀπό – no contexto esta preposição tem um sentido causal: "devido ao brilho da luz".

---

12. "Alguém chamado Ananias veio até mim. Ele era um homem devoto conforme a lei, e respeitado por todos os judeus que ali moravam. 13. Ele colocou-se junto a mim e disse: ´Irmão Saulo, receba sua visão!`. E eu olhei para ele nesse mesmo momento. 14. Ananias disse: ´O Deus de nossos pais o designou para conhecer sua vontade e ver o Justo e ouvir uma mensagem de sua boca 15. porque você testemunhará dele a todos os homens, a respeito das coisas que você viu e ouviu`.16. E agora, por que você está demorando? Levante-se, receba o batismo e lave-se de seus pecados, invocando o nome dele."

---

d. *A Restauração*

22.12-16

12. "Alguém chamado Ananias veio até mim. Ele era um homem devoto conforme a lei, e respeitado por todos os judeus que ali moravam. 13. Ele colocou-se junto a mim e disse: ´Irmão Saulo, receba sua visão!`. E eu olhei para ele nesse mesmo momento."

Mais uma vez Paulo é mais conciso do que Lucas em seu relato com respeito a Ananias. Lucas descreve a visão de Ananias, na qual Jesus lhe deu as informações necessárias acerca de Paulo (9.10-16). Por contraste, Paulo revê o incidente de seu próprio ponto de vista. Ele se lembra de que um certo homem chamado Ananias o visitara. O nome

18. Gerhard Kittel, *TDNT*, vol. 1, p. 216.

Ananias era muito comum no judaísmo como é evidente em Atos (veja 5.1; 23.2) e na literatura apócrifa (que com freqüência lista o nome com sua grafia alternativa).[19] Paulo claramente relata que Ananias era um homem, "devoto conforme a lei, e respeitado por todos os judeus que ali moravam". Ele desiste de chamá-lo de discípulo ou seguidor do Caminho. Em lugar disso, ele descreve Ananias em termos que soavam bem aos ouvidos da audiência judia e tinha a intenção de colocar todo o episódio da conversão sob uma luz favorável.[20]

Ananias observava a lei com devoção, disse Paulo, de tal maneira que na cidade de Damasco ele era altamente respeitado pelos judeus que ali residiam. Paulo enfatiza o ponto para mostrar que Ananias, embora cristão, era um judeu que observava a lei em bons termos com seus compatriotas. Incidentalmente, mais tarde no versículo Paulo descreve-se como sendo um judeu tradicional que adorava no templo (v. 17).

Paulo relembra que Ananias veio e "colocou-se junto [dele]". Ele desconsidera o medo que Ananias tivera de vencer para se aproximar do perseguidor dos crentes. Em lugar disso, Paulo apresenta seu visitante como aquele que meramente pronunciou as palavras, "Irmão Saulo, receba sua visão" e Paulo pôde ver novamente. Na história contada por Paulo no contexto judeu, a palavra *irmão* denota uma ligação estreita entre dois judeus. Além do mais, a audiência se deu conta de que quando Ananias disse as palavras para Paulo recobrar sua visão, um milagre ocorrera. Da profecia de Isaías eles tinham aprendido que o Messias iria abrir os olhos aos cegos (Is 35.5). E Jesus durante seu ministério tinha freqüentemente aberto os olhos aos cegos (por ex., Mt 9.28-30; 11.5; 20.30-34). Em resumo, mediante as palavras de Ananias, Jesus restaura a visão de Paulo. Entretanto, por fins apologéticos Paulo omite as palavras do relato de Lucas quando da primeira descrição da conversão de Paulo: "Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que apareceu a você na estrada pela qual você vinha, mandou-me para que você recupere a vista e fique cheio do Espírito Santo" (9.17). Agora Paulo usa uma típica frase judia, "O Deus de nossos pais", que indiretamente, mas ainda assim claramente, se refere ao Messias.

19. 1 Esdras 5.16; 9.21,29,43,48; Tobias 5.12; Song of the Three Young Men 66.
20. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 280.

14. "Ananias disse: 'O Deus de nossos pais o designou para conhecer sua vontade e ver o Justo e ouvir uma mensagem de sua boca 15. porque você testemunhará dele a todos os homens, a respeito das coisas que você viu e ouviu'."

Repetindo as palavras de Ananias, Paulo explica que o Senhor tinha uma missão para ele. Ao empregar a expressão *o Deus de nossos pais*, Paulo continua a afirmar sua identidade judia. Ele demonstra que o Deus que graciosamente tratara com os antepassados é o mesmo Deus que o designara e chamara.[21]

A expressão é uma vívida lembrança de quando Moisés permaneceu de pé em frente do arbusto que se queimava no deserto de Sinai e ouviu a voz de Deus dizendo-lhe: "O SENHOR, o Deus de seus pais – o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó – me enviou a você" (Êx 3.15, NIV). Pedro também usou a expressão em seu sermão no pórtico de Salomão (3.13), e no seu discurso perante o Sinédrio (5.30). Agora Paulo usa essas palavras de Ananias para convencer sua audiência de que o Deus de Israel o escolhera (veja 26.16). Deus separou Paulo desde antes do seu nascimento como o próprio Paulo escreve (Gl 1.15). Coerentemente Paulo reconhecia que em sua vida Deus estava desenvolvendo seu plano.[22] Qual era esse plano?

a. "Conhecer a sua vontade." Para os judeus, conhecer a Deus significava obedecer aos seus preceitos. Eles entendiam que qualquer pessoa que conhece a vontade de Deus, mas a desobedece recebe castigo. Seria melhor para essa pessoa que ela nunca tivesse ficado sabendo da vontade de Deus.[23] Paulo tinha tentado fazer um serviço a Deus perseguindo os cristãos, mas Deus lhe disse que sua vontade divina era totalmente diferente. Paulo tinha de ver a vontade de Deus em relação com o Justo.

b. "Ver o Justo." O termo *Justo* é um título messiânico que tem sua origem nos livros dos profetas. Por exemplo, Isaías diz, "com o seu

21. Veja Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downer Grove: Inter-Varsity, 1981), p. 89.

22. Leon Morris, *New Testament Theology* (Grand Rapids: Zondervan, Academie Books, 1986), p. 173.

23. Veja Lucas 12.47; Romanos 2.12; Tiago 4.17; 2 Pedro 2.21.

conhecimento, justificará a muitos" (53.11).[24] Os apóstolos reconheciam essas passagens proféticas como messiânicas e as atribuíam a Jesus. No caminho para Damasco Paulo viu o Jesus ressurreto e ouviu sua voz.

c. "Ouvir uma mensagem da sua boca." Na verdade, Deus revelou o Justo a Paulo mas Jesus deu-lhe instruções adicionais. Paulo tinha ouvido a mensagem de Jesus fora de Damasco, mas por intermédio de Ananias recebeu outra mensagem. Ao revelar à sua audiência que Jesus falara a Ananias (9.15), Paulo evitou o uso do nome de Jesus.

d. "Porque você será sua testemunha diante de todos os homens, das coisas que você viu e ouviu." Por ter visto e ouvido Jesus, Paulo tornou-se um apóstolo (1Co 9.1; comparar com 4.20). Depois de ver Jesus e ouvir sua voz, ele entendeu a vontade de Deus: "você será sua [de Jesus] testemunha". Para Paulo, portanto, proclamar o Jesus ressurreto a todos os homens, em todos os lugares, se tornou o equivalente a fazer a vontade de Deus. A expressão *todos os homens* tem um sentido geral porque ela podia se referir a todos os judeus que viviam na Dispersão. Mas porque Jesus chamou Paulo para ser apóstolo dos gentios, nesse contexto o termo obviamente inclui a todos.

16. "E agora, por que você está demorando? Levante-se, receba o batismo e lave-se de seus pecados, invocando o nome dele."

Paulo não diz que jejuara por três dias e estivera incapacitado de ver (9.10-12). Quando recobrou sua vista e ouviu a mensagem de Jesus por intermédio de Ananias, ele teve de ser estimulado. Por essa razão Ananias perguntou-lhe por que ele ainda estava precisando de tempo, pois o próprio Paulo tinha de tomar a decisão de seguir a Jesus.[25] Paulo revela que Ananias o instruiu sobre os passos que tinha de dar:

Levantar-se,
receber o batismo e
lavar-se de seus pecados,
invocando o nome dele.

24. Veja também Jeremias 23.5; 33.15; Zacarias 9.9. Para as referências do Novo Testamento veja Atos 3.14; 7.52; 1 João 2.1.

25. Consultar *James D. G. Dunn, Baptism in the Holy Spirit*, Studies in Biblical Theology, 2ª. serie 15 (Londres: SCM, 1970), p. 74.

O verbo *levantar* é mais idiomático do que literal e significa "apronte-se [para ser batizado]". Os judeus estavam familiarizados com o batismo levítico e o de João Batista.[26]

O batismo cristão fora demonstrado visivelmente no Pentecostes quando três mil judeus creram e foram batizados (2.41), e numerosas vezes depois.

Quando Pedro respondeu à pergunta da multidão, ele lhes disse para ser batizado para o perdão dos pecados no nome de Jesus Cristo (2.38). Ananias, da mesma forma, instruiu Paulo a ser batizado para lavar-se de seus pecados, e para fazê-lo no nome de Jesus. Por perseguir os cristãos Paulo ferira a igreja de Jesus, e conseqüentemente o próprio Jesus. Ele poderia receber remissão dos pecados somente mediante o pedido de perdão a Jesus. Quando Paulo clamou por perdão no nome de Jesus Cristo ele foi batizado nesse nome.[27] O ato consciente de Paulo confessar seus pecados demonstrou sua fé em Jesus. O ritual externo do batismo selou sua união com Cristo. Anos mais tarde Paulo disse aos coríntios que eles estavam lavados, santificados e justificados no nome de Jesus Cristo (1Co 6.11).

Paulo evita de usar o nome de Jesus enquanto relata as palavras de Ananias. Contudo o antecedente mais próximo ao qual a expressão *seu nome* exegeticamente pode se referir, é ao "Justo", a saber, Jesus Cristo. Em todo o discurso de Paulo aos judeus, ele não usa o termo *Jesus*, exceto na auto-identificação de Jesus (v. 8). Nós assumimos que a audiência tinha conhecimento do batismo cristão, e entendia que Paulo tinha sido batizado.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 22.14-16

Versículo 14

γνῶναι – o conteúdo do aoristo ativo do verbo γινώσκω (eu sei) é fortalecido pelo uso dos infinitivos aoristos ἰδεῖν (ver) e ἀκοῦσαι (ouvir).

---

26. Consultar W. H. T. Dau, "Baptism", *ISBE*, vol. 1, p. 425.
27. G. R. Beasley-Murray, *NIDNTT*, vol. 1, p.146.

Versículo 16

βάπτισαι – o imperativo aoristo de βαπτίζω (eu batizo) e o imperativo aoristo de ἀπόλουσαι (de ἀπολούω, eu me lavo) são verbos reflexivos causativos médios: "receba o batismo e seja purificado de seus pecados".[28]

17. "Quando eu voltei para Jerusalém e estava orando no templo, sobreveio-me um êxtase. 18. Eu vi o Senhor falando comigo: 'Apresse-se e saia logo de Jerusalém, porque não aceitarão o seu testemunho a meu respeito'. 19. "E eu disse: 'Senhor, eles sabem que nas sinagogas eu prendia e açoitava os que criam em ti. 20. Quando o sangue de seu mártir, Estêvão, era derramado, eu estava presente, dei meu consentimento e até guardei as roupas dos que o matavam'."

e. *A Missão*

22.17-21

17. "Quando eu voltei para Jerusalém e estava orando no templo, sobreveio-me um êxtase. 18. Eu vi o Senhor falando comigo: 'Apresse-se e saia logo de Jerusalém, porque não aceitarão o seu testemunho a meu respeito'."

Paulo exclui os detalhes relativos à sua pregação nas sinagogas de Damasco (9.20-22), sua longa permanência no deserto árabe (Gl 1.17) e sua fuga num cesto por um muro de Damasco (2Co 11.33). Ele negligencia os detalhes concernentes à sua volta a Jerusalém, onde ele foi rejeitado pelos cristãos que o temiam, e pelos judeus, que tramaram matá-lo (9.26-29). Ele menciona, entretanto, aspectos de sua vida religiosa que não têm paralelo em 9.26 nem em 26.20.

a. "Quando eu voltava para Jerusalém e estava orando no templo." Paulo fala de modo geral sem indicar quando ele voltara à cidade.[29] Ele

28. Robertson, *Grammar*, p. 808.

29. Alguns estudiosos rejeitam a sugestão de que Paulo se refere à sua primeira visita depois de sua conversão. Eles dizem isso porque não conseguem ver um paralelo com outras passagens (9.29,30; Gl 1.17-2.2). Hans Conzelmann afirma que o êxtase de Paulo (vs. 17-21) "forma uma variação concordante com o relato da chamada no caminho de Damasco". *Acts of the Apostles*, trad. por James Limburg, A. Thomas Kraabel e Donald H. Juel (1963; Filadélfia: Fortress, 1987), p. 187. Veja também E. P. Blair, que coloca o êxtase de Paulo e a chamada para os gentios durante sua visita ao Concílio de Jerusalém. "Paul's Call to the Gentile Mission", *BibRes* 10 (1965): 19–33.

Mas Paulo fornece detalhes adicionais sobre sua permanência em Jerusalém que indica que ela aconteceu depois de sua experiência de conversão. Por exemplo, o Senhor ordena a

revela o desenvolvimento sucessivo do "tudo o que está ordenado para você fazer" (v. 10). Enquanto ele estava em êxtase, ele diz, ele estava recebendo mais instruções de Jesus.

Note-se que Paulo não coloca qualquer ênfase sobre a ocasião de seu retorno. O que era importante para ele no seu discurso presente é que ele viera ao templo para orar. Habilmente ele introduz esse fato. Paulo espera que seus ouvintes entendam que ele obviamente não podia ser um profanador do templo porque ele ali retornara para orar.

b. "Sobreveio-me um êxtase." No grego Lucas usa a palavra *ekstasis*, da qual deriva a palavra *êxtase*. Pedro tivera uma experiência de êxtase semelhante no eirado da casa de Simão, em Jope, quando ele estava fazendo as orações da tarde (10.9,10), e João achava-se em espírito, no dia do Senhor (Ap 1.10). Os apóstolos experimentaram êxtase quando a mente deles se tornava tão intensamente concentrada em oração que eles entravam na presença de Jesus. Quando isso aconteceu, Jesus deu-lhes instruções relacionadas com o ministério de cada um. Os apóstolos não estavam sonhando ou fantasiando, mas estavam atentos ao poder de Deus que era transmitido para eles tanto em visão quanto em som.

c. "Eu vi o Senhor falando comigo: 'Apresse-se e sai logo de Jerusalém'." Uma tradução literal do grego é simplesmente, "Eu o vi falando comigo". O pronome *o* evidentemente se refere a Jesus, que falou com Paulo na estrada de Damasco. Aqui, então estava a confirmação de Paulo de que o Senhor que falou com ele próximo a Damasco era o mesmo Senhor ressurreto que lhe apareceu em Jerusalém. O próprio Senhor estava protegendo a Paulo ao dar-lhe instruções pertinentes ao seu futuro imediato. Ele sabe dos perigos presentes em Jerusalém e, portanto, diz a Paulo que saia da cidade imediatamente.

d. "Porque não aceitarão o seu testemunho a meu respeito." O sujeito está ausente nessa sentença porque Paulo tenta suavizar a censura de Jesus, de que os judeus de Jerusalém se recusariam a ouvir as boas-novas da salvação. Mas a mensagem de Jesus na verdade estava implícita. Ela expressa um pensamento afirmativo em termos negativos; a

---

ele que deixe Jerusalém em seguida porque os judeus se recusam a ouvir o evangelho. A referência se encaixa no plano dos judeus para matar Paulo (9.29).

intenção era realçar o efeito das palavras ditas por Jesus.[30] Ele na verdade quis dizer que os judeus rejeitariam a mensagem de salvação de Paulo e que assim como seus antepassados perseguiram os profetas, eles também tentariam tirar a vida de Paulo.

Paulo, o judeu, desejava pregar o evangelho primeiro ao seu próprio povo, especialmente aqueles residentes na cidade de Jerusalém. Por um período de duas semanas Paulo falara abertamente sobre Jesus em debates com os judeus de língua grega. Mas os judeus rejeitaram o ensino de Paulo e planejaram tirar-lhe a vida. Jesus entretanto impediu-o de continuar seu trabalho entre os judeus. Por meio da intervenção dos irmãos cristãos, que levaram Paulo de Jerusalém para Cesaréia e o colocaram a bordo de um navio para Tarso (9.30), Jesus interrompeu o ministério de Paulo entre os judeus em Jerusalém. Isso não significa que Paulo deixaria de proclamar o evangelho aos judeus, pois durante sua viagem missionária ele seguia a exortação de Jesus de pregar aos judeus primeiro, e depois aos gentios (Mt 10.5,6; e veja Rm 1.16). Em seu discurso aos presbíteros de Éfeso em Mileto, ele afirmou que tinha testemunhado tanto a judeus quanto a gregos para se voltarem para Deus em arrependimento e crerem em Jesus (20.21).

19. "E eu disse: 'Senhor, eles sabem que nas sinagogas eu prendia e açoitava os que criam em ti. 20. Quando o sangue de seu mártir, Estêvão, era derramado, eu estava presente, dei meu consentimento e até guardei as roupas dos que o matavam'."

Em lugar de dizer à sua audiência o que ele tinha feito depois de deixar Jerusalém, Paulo diz que ele estava determinado a ficar na cidade e testemunhar para seus conterrâneos. Em Damasco Paulo tinha pregado aos judeus nas sinagogas locais; quando ele veio a Jerusalém, ele novamente foi aos judeus. Ele afirma que era altamente qualificado para ministrar os ensinamentos da fé cristã aos judeus; sendo um especialista na lei judaica ele tinha condição de levar os judeus de Jerusalém a Cristo. Ele se sentia à vontade com o povo judeu porque eles conheciam as Escrituras. Paulo tinha condição de debater com eles e

30. John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, trad. por Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2, p. 698. Bengel chama esse recurso literário de *tapeinosis* ou litotes. Louis Berkhof explica que "a litotes afirma uma coisa pela negação do oposto". *Principles of Biblical Interpretation*, 2ª ed. (Grand Rapids: Baker, 1952), p. 91.

de imediato estabelecer um ponto de contato (9.29). Mas o Senhor o havia informado, por intermédio de Ananias em Damasco, que ele teria de pregar o evangelho aos gentios (9.15). Jesus queria que Paulo empregasse seus dons e talentos no mundo gentio para que assim a igreja se tornasse universal.

Paulo entra num diálogo com Jesus, embora ele não chame Jesus pelo nome. Em vez disso, ele usa *Senhor*, que é um termo geral que pode também se referir a Deus. Paulo diz: "Senhor, eles sabem que eu ia de sinagoga em sinagoga prendendo e açoitando os que criam em ti" (veja 8.3). Ele deixa implícito que quando retornasse a Jerusalém os judeus se lembrariam dele como um perseguidor dos homens e mulheres cristãos. Por dizer "eles sabem", Paulo sugere que os judeus deveriam se recordar de seu passado. Apenas três anos antes de seu retorno a Jerusalém (Gl 1.18) Paulo prendia e espancava os membros das igrejas cristãs.[31] Em resposta à ordem de Jesus para deixar a cidade, Paulo usa o pronome pessoal *eu* três vezes. Com o uso freqüente desse pronome ele divulga que fizera objeções a ir para longe. Em outras palavras, Paulo preferia ter continuado seu ministério de ensino na cidade, mesmo com o risco perder sua vida.

A partir dos tempos dos verbos no texto grego, nós ficamos sabendo que um período constante se passara durante o qual Paulo prendia e espancava os cristãos. Ele ia de sinagoga em sinagoga, de onde os crentes eram levados perante os concílios. Quando os cristãos eram considerados culpados de confessar o nome de Jesus eles eram açoitados (comparar com Mt 10.17; 23.34). Paulo admite que ele próprio chicoteava esses crentes.

"Quando o sangue seu mártir, Estêvão, era derramado", Paulo continua, "eu estava presente, dei meu consentimento e até guardei as roupas dos que o matavam" (veja 7.58; 8.1). A morte de Estêvão havia deixado uma duradoura impressão em Paulo. Na verdade, ele havia se tornado o sucessor de Estêvão em alcançar o judeus de fala grega (comparar com 6.8-10 e 9.29). Paulo usa a palavra *mártir* que deriva do verbo grego *martyreo* (testificar, testemunhar). Enquanto testemunha-

31. O verbo *saber* "expressa o resultado de um processo de percepção". Günther Harder, *NIDNTT*, vol. 3, p. 122.

va por Jesus Estêvão tinha sido morto por seus acusadores com a total aprovação do Sinédrio. Lucas não fornece evidências sobre se em alguma época Paulo tivesse sido membro do concílio judeu. Em lugar disso, ele dá a entender que Paulo era comissionado pelo Sinédrio para perseguir os cristãos. Nessa passagem Paulo confessa que ele próprio consentira na morte de Estêvão. Ele guardara as roupas dos homens que atiravam as pedras em Estêvão, o primeiro mártir cristão.

Por um lado, Paulo relembra sua participação na morte de Estêvão para mostrar sua identidade com os judeus que seguiam rigidamente a lei e guardavam a pureza da fé judaica. Por outro lado, ele usa esse incidente para introduzir a resposta a Jesus. Se Paulo tinha pensado que podia convencer Jesus a mudar suas instruções ele estava tristemente enganado. Jesus tinha dito a Paulo para ir pregar seu nome aos gentios e reiterava sua ordem.

21. "Mas ele me disse: 'Vá, porque eu o enviarei para longe, para os gentios'."

Paulo chega ao clímax de seu discurso. Evitando o uso do nome Jesus, contudo ele não deixou do atribuir a Jesus a ordem para que ele saísse de Jerusalém. O Senhor o enviaria para longe, para os gentios. Finalmente a palavra *gentios* sai dos lábios de Paulo, embora originalmente tivesse sido dita pelo Senhor. Isso significa, naturalmente, que a incumbência de Paulo de pregar o evangelho aos gentios não foi iniciativa de Paulo, mas sim uma ordem divina. Para Paulo, a mensagem de Jesus era animadora porque o próprio Jesus o enviaria aos gentios e dessa maneira supriria suas necessidades físicas e espirituais (comparar com 26.17). Além do mais, Jesus especificamente disse a Ananias que Paulo era seu instrumento escolhido para servi-lo como seu mensageiro aos gentios (9.15). Paulo não pôde omitir de seu relato a incumbência que Jesus lhe dera.

Notas adicionais em 22.1-21

As diferenças entre o primeiro e o segundo relato da conversão de Paulo (9.1-19 e 22.1-21) são óbvias a despeito do fato de Lucas ter escrito ambos. O primeiro relato é uma narrativa feita por Lucas enquanto ele delineia a vida de Paulo. O segundo, embora também escrito por ele, é um discurso que Paulo fez para aos judeus quando ele se encontrava nos de-

graus da fortaleza Antônia. Embora nós não esperamos encontrar uma transcrição palavra por palavra, descobrimos que Lucas fielmente apresenta o conteúdo do discurso de Paulo. Devemos considerar os seguintes aspectos:

a. *Ênfase judaica*. O fato de Paulo ter-se dirigido aos judeus em sua língua nativa (aramaico) foi significativo, mas também o foi sua escolha de palavras, expressões e descrições que eram tipicamente judaicas. Veja como Paulo dirigiu-se às multidões: "Homens, irmãos e pais" (v. 1); o discurso é semelhante ao de Estêvão quando enfrentara os membros do Sinédrio (7.2). Paulo faz uso dos termos judeus, incluindo "o Deus de nossos pais" e "o Justo" (v. 14). Ele se identifica como sendo um judeu, nascido no exterior, mas criado e educado em Jerusalém, com o nome de Saulo. Ele enfatiza o respeito pela lei mosaica e, ao fazer referência ao zelo por Deus, identifica-se com qualquer judeu eu o estivesse ouvindo (v. 3). Ele chama Ananias de homem devoto segundo a lei (v. 12) e evita se referir a ele como um discípulo (veja 9.10). E por último, ele retrata a si mesmo como sendo um judeu que ia ao templo para orar (v. 17).

b. *Omissões*. Com exceção da auto-identificação de Jesus, "Eu sou Jesus de Nazaré" (v. 8), Paulo deliberadamente evita usar esse nome e em grego alude a ele com pronomes pessoais. Ele usa o grego para "Senhor" quatro vezes (vs. 8, 10 [duas vezes], 19), mas esse termo era também usado para Deus e não ofendia os judeus. No primeiro relato da conversão de Paulo, Ananias informa a Paulo que o Senhor Jesus o tinha enviado (9.17), mas no discurso de Paulo aos judeus essas palavras estão ausentes. Mais, Jesus instrui Ananias para ir ter com Paulo, que deveria proclamar seu nome aos gentios (9.15). Mas quando Paulo se dirige aos judeus ele diz que Ananias lhe dissera: "Você será uma testemunha [do Justo] diante de todos os homens, das coisas que você viu e ouviu" (v. 15). Da mesma forma, a expressão *todos os homens* são inofensivas.

c. *Adições*. Em seu relato Paulo descreve seu diálogo com Jesus (vs. 10, 18-21). Essa informação está ausente do relato anterior de Lucas (9.5-7). No Antigo Testamento, Deus encoraja o diálogo com seu povo (por ex., veja Is 1.18). Os judeus exibiam essa característica de liberdade de troca verbal: Ananias (9.10-16); Pedro (10.13-15) e Paulo (22.8-10,18-21).

Quando Jesus disse a Paulo, "Lá lhe dirão acerca de tudo o que está ordenado para você fazer" (v. 10), ele desenvolve suas instruções para Paulo em Damasco (9.15,16) e em Jerusalém (vs. 18,21). Jesus cumpre

sua promessa e em várias ocasiões informa a Paulo sobre o que fazer em seguida (veja 18.9,10; 23.11).

d. *Conclusão*. Com exatidão, Lucas descreve Paulo como sendo um orador que relata sua experiência de conversão "como uma segunda versão do acontecimento de Damasco".[32] Lucas assume que o leitor se lembra dos detalhes do primeiro relato e agora conta como Paulo se dirigiu aos judeus em Jerusalém. Além disso, Lucas finaliza o discurso de Paulo com as palavras, "eu te enviarei para longe, aos gentios" (v. 21), porque a multidão furiosamente impediu a Paulo de continuar seu discurso (v. 22). Martin Dibelius chama essa "interrupção intencional" de um recurso literário que Lucas emprega para concluir o discurso em Atos.[33] Mas quando é sujeito a escrutínio cuidadoso, essa observação engenhosa não se aplica ao discurso de Paulo em Jerusalém. Em primeiro lugar porque em sua conclusão esse discurso não apresenta uma exortação à audiência.[34] À luz do desenvolvimento do discurso de Paulo, bem como da reação a ele, nós não somos persuadidos a duvidar de sua historicidade, mas a afirmar que Lucas fornece uma apresentação verdadeira dos fatos.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 22.17-21

Versículos 17,18

προσευχομένου μου – " enquanto eu estava orando." Como o sujeito deste genitivo absoluto é o mesmo da sentença principal, a construção gramatical é falha.

παραδέξονται – este é o futuro preditivo do verbo composto παραδέχομαι (eu aceito, reconheço) em seu sentido perfeito. Com a partícula negativa οὐ (não) o verbo na verdade significa "rejeitar, desdenhar".

Versículo 19

ἤμην – com os dois particípios presente φυλακίζων (prender) e δέ ρων (espancar) este imperfeito do verbo εἰμί (eu sou) é uma construção perifrástica que talvez reflita a sintaxe aramaica.

κατά – a preposição expressa a idéia distribuitiva: "de uma sinagoga a outra".

32. Paul Schubert, "The Final Cycle of Speeches in the Book of Acts", *JBL* 87 (1968): 14.
33. Dibelius, *Studies in the Acts of the Apostles*, p. 160.
34. Consultar Thomas L. Budesheim, "Paul's *Abschiedsrede* in the Acts of the Apostles", *HTR* 69 (9176): 16-17.

Versículos 20,21

ἐξεχύννετο – note-se o uso descritivo do tempo imperfeito ("estava sendo derramado") para realçar o efeito de uma testemunha ocular.

μακράν – o adjetivo modifica o substantivo fornecido ὁδόν (caminho) e funciona como um acusativo de extensão: "longe".

---

22. Eles o ouviram até essa declaração. Então, gritaram, dizendo: "Tirem este homem da terra. Ele não serve para viver!" 23. Eles gritavam, arremessavam suas capas e atiravam poeira para o ar. 24. O comandante ordenou que Paulo fosse levado ao quartel. Ele disse que Paulo deveria ser interrogado sob açoite, para que ele pudesse saber o motivo pelo qual os judeus clamavam contra ele. 25. Quando o estavam amarrando para que fosse açoitado, Paulo disse ao centurião presente: "Será lícito açoitar um homem que é cidadão romano, sem que tenha havido um julgamento?" 26. Quando o oficial ouviu isso, foi até o comandante e lhe disse: "O que você está pretendendo fazer? Este homem é um cidadão romano". 27. O comandante foi até Paulo e disse, "Diga-me, você é cidadão romano?" E Paulo respondeu, "Sou". 28. O comandante declarou, "Eu comprei minha cidadania por uma grande soma de dinheiro". Mas Paulo disse, "Eu sou cidadão por direito de nascimento". 29. Aqueles que estavam prontos para interrogá-lo, imediatamente o deixaram ir. O próprio comandante sentiu-se receoso quando soube que Paulo era romano, porque mandara colocá-lo em cadeias.

---

4. *O Julgamento de Paulo*

22.22-23.11

A multidão tinha se reunido nos pátios do templo porque os judeus tinham espalhado o boato de que Paulo havia ensinado aos judeus que viviam na dispersão a viver como os gentios (21.28). Eles também alegaram que Paulo tinha trazido os gentios para dentro das áreas do templo que lhes eram proibidas (21.29). Quando a multidão ouviu Paulo dizer que fora enviado aos gentios, eles concluíram que ele próprio confirmara os boatos que haviam escutado.

a. *O Apelo*

22.22-29

22. Eles o ouviram até essa declaração. Então, gritaram, dizendo: "Tirem este homem da terra. Ele não serve para viver!"

As pessoas que estavam nos degraus que levavam até a fortaleza Antônia escutaram atentamente as palavras ditas por Paulo. Embora elas aceitassem seu discurso elaborado com palavras agradáveis aos

seus ouvidos, elas se voltaram contra ele quando ele mencionou que tinha pregado aos gentios. Esta palavra, gentios, foi suficiente para eles condenarem Paulo como um profanador do templo.

Na opinião dos judeus, Paulo tinha se esquecido da verdade do judaísmo e não podia ser mais considerado ortodoxo. Eles sentiram que em seu discurso ele tentava esconder seus esforços para ganhar convertidos gentios.[35] Eles não tinham objeção a que Paulo ensinasse aos gentios sobre o Deus de Israel; na verdade eles encorajavam os gentios a se converterem (comparar com Mt 23.15). Mas eles consideraram que Paulo estava ensinando o contrário das exigências deles, de que os gentios obedecessem à lei. Quando Paulo fez alusão à sua comissão divina para ir aos gentios, isso deixou os ouvintes furiosos. Eles se recusavam a reconhecê-lo como missionário da causa judia. Para eles a afirmação de Paulo significava que ele considerava os judeus e os gentios iguais perante Deus. Isso era totalmente inaceitável para a audiência de Paulo.[36]

Os judeus interromperam o discurso de Paulo e gritaram: "Tirem este homem da terra. Ele não serve para viver!" Quase três décadas antes uma multidão de judeus gritara quase que as mesmas palavras para Pôncio Pilatos (Lc 23.18; Jo 19.15; e veja At 21.36). Os judeus se recusavam a identificar Paulo pelo nome, mas pejorativamente se referiam a ele como "este homem" ou "tal pessoa" (lit.). O clamor deles sobre sua remoção física da terra e impropriedade para viver era uma exigência de pena de morte (veja 25.24).

23. Eles gritavam, arremessavam suas capas e atiravam poeira para o ar.

Lucas descreve um típico tumulto oriental durante o qual as pessoas dão vazão às suas emoções. Ele descreve a multidão gritando (provavelmente um *slogan* depois de outro), removendo artigos do vestuário que as pessoas sacudiam ou jogavam no ar, e pegando poeira com

35. Veja Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, pp. 281-82.

36. Grosheide, *Handelingen der Apostelen*, vol. 2, pp. 296-97. A. J. Mattill, Jr. ressalta que os judeus cristãos da Judéia e da Galiléia "deveriam ser mais zelosos da lei do que os de Jerusalém". Veja "The Purpose of Acts: Schneckenburg Reconsidered", *in Apostolic History and the Gospel*, org. por W. Ward Gasque e Ralph P. Martin (Exeter: Paternoster; Grand Rapids: Eerdmans, 1970), p. 116.

as mãos e jogando para cima. A cena inteira era de agitação e extrema confusão.

Nós suspeitamos que o comandante romano não tenha conseguido entender o discurso de Paulo. Mesmo que ele soubesse aramaico, ainda assim ele não conseguiria seguir o raciocínio teológico que causou a balbúrdia entre os judeus. Embora ele tivesse pessoalmente protegido Paulo de danos físicos e possivelmente da morte, ele ignorava totalmente a razão pela qual os judeus ficaram tão injuriados contra Paulo.

24. O comandante ordenou que Paulo fosse levado ao quartel. Ele disse que Paulo deveria ser interrogado sob açoite, para que ele pudesse saber o motivo pelo qual os judeus clamavam contra ele.

Quando o comandante se deu conta de que a multidão se tornava cada vez mais hostil, deu ordens aos soldados que levassem Paulo para a fortaleza. Ao tirar Paulo da vista ele procurava pôr um fim à revolta. Como comandante ele era responsável pela manutenção da paz.

Talvez o comandante tivesse se ressentido da decisão de Paulo de falar à multidão em aramaico e não em grego. Ninguém lhe contou sobre a causa da revolta, nem os judeus nem Paulo. No entanto, ele tinha de descobrir a fonte do descontentamento para poder tomar medidas em possíveis erupções futuras.

O oficial romano mandou seus soldados açoitar Paulo pois pensava que assim Paulo responderia às perguntas sobre a razão da multidão estar gritando com ele (comparar com 21.34). A lei romana permitia açoites como meio de questionar um infrator ou para punir escravos ou criminosos. O chicote era feito de tiras de couro às quais eram presos pedaços de osso ou metal. Conseqüentemente, quando o chicote era aplicado às vítimas, elas freqüentemente ficavam com feridas abertas que expunham seus ossos.[37] Algumas vezes as vítimas morriam no próprio momento do castigo ou logo depois.

25. Quando o estavam amarrando para que fosse açoitado, Paulo disse ao centurião presente: "Será lícito açoitar um homem que é cidadão romano, sem que tenha havido um julgamento?"

37. Josefo *War* 2.21.5 [612]; 6.5.3 [304]. Consultar David W. Wead, "Scourge", *ISBE*, vol. 4 p. 359.

Mais uma vez Paulo percebeu que corria risco de vida. Segundo seu próprio testemunho (2Co 11.23-25), ele tinha sido açoitado mais severamente do que qualquer outro dos apóstolos (comparar com At 5.40) e tinha visto a morte de perto repetidas vezes. Ele se lembrava de que em cinco ocasiões diferentes ele tinha recebido 39 chicotadas dos judeus segundo prescrição dos rabinos (veja Dt 25.1-3). Esses açoites haviam sido provavelmente aplicados nas sinagogas judaicas onde Paulo pregara o evangelho e encontrara oposição. Em três outros casos ele tinha recebido severos açoites com varas – uma delas em Filipos (16.22,23).

a.. "Quando o estavam amarrando para que fosse açoitado." A construção dessa sentença em grego permite duas interpretações. Ela pode significar que os soldados esticaram os braços de Paulo ao redor de um poste e expuseram suas costas para os açoites, ou que amarraram suas mãos com uma corda e levantaram-no do chão para administrar os açoites. Em qualquer uma das duas traduções, o resultado permanece o mesmo.

b. "Será lícito açoitar um homem que é um cidadão romano, sem que tenha havido um julgamento?" A lei romana eximia os cidadãos romanos de serem espancados, embora, no tempo de Cícero, um cidadão romano tivesse sido espancado até morrer. Mas tais procedimentos eram extremamente raros.[38] Os cidadãos romanos possuíam direitos inalienáveis que eram geralmente estritamente observados. Diz Cícero, "Amarrar um cidadão romano era crime, açoitá-lo era uma abominação, matá-lo era quase um ato de assassinato: crucificá-lo era – o quê? Não havia palavra que pudesse possivelmente exprimir tão horrendo ato.[39]

As leis que protegiam os direitos dos cidadãos romanos tinham sido sancionadas durante os séculos antecedentes à idade apostólica. Nos dias de Paulo essas leis romanas eram aplicadas em todas as províncias do império. Paulo objetava a ser açoitado sem um julgamento; assim ele invocava essas leis em benefício próprio e afirmava que era

38. Lívio 10.9.4. Consultar Conzelmann, Acts, p. 189. A. N. Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law in the New Testament* (9163; reedição, Grand Rapids: Baker, 1968), p.172; Mark Black, "Paul and Roman Law in Acts", *ResQ* 24 (1981): 209-18.

39. Cícero *Against Verres* 2.5.66 (LCL); veja também *In Defense of Rabirius* 4:12-13.

um cidadão romano. Nos anos posteriores ele exercera o direito de apelar para César (25.11). Em contraste, quando Paulo e Silas foram açoitados com varas em Filipos (16.22,23), eles não invocaram seus direitos de cidadãos romanos mas sofreram por amor da congregação local (16.37-40).

26. Quando o oficial ouviu isso, foi até o comandante e lhe disse: " O que você está pretendendo fazer? Este homem é um cidadão romano".

O centurião encarregado dos açoites entendeu a implicação da pergunta de Paulo e correu a Cláudio Lísias. Nós assumimos que de alguma maneira Paulo tinha como provar sua cidadania romana (veja comentário sobre 16.38). A evidência era suficiente para o centurião interromper o procedimento e ir perguntar ao seu superior se ele sabia o que estava fazendo. Quando o oficial mencionou a expressão *cidadão romano*, o comandante foi direto falar com Paulo. Aplicar açoites num cidadão romano sem dar-lhe um julgamento adequando poderia colocar o comandante em sérias dificuldades com seus superiores. Ele podia ser rebaixado ou demitido da corporação militar.

27. O comandante foi até Paulo e disse, "Diga-me, você é cidadão romano?" E Paulo respondeu, "Sou". 28. O comandante declarou, "Eu comprei minha cidadania por uma grande soma de dinheiro". Mas Paulo disse, "Eu sou cidadão por direito de nascimento".

A cidadania romana podia ser obtida de várias maneiras: como recompensa por um serviço prestado a Roma, pela compra do direito, ou por ter nascido numa família que possuía o privilégio e o passava a seus filhos. A conversa entre o comandante romano e Paulo girou em torno da expressão *cidadão romano*. Cláudio Lísias perguntou a Paulo se ele tinha como provar sua cidadania. Quando Paulo respondeu afirmativamente, o comandante voluntariamente se explicou, "Eu comprei minha cidadania por uma grande soma de dinheiro". Lucas não fornece qualquer detalhe sobre a naturalidade de Cláudio Lísias. Entretanto, o nome do comandante indica que ele teria obtido sua cidadania durante o reinado do imperador Cláudio, e a "grande soma de dinheiro" era o suborno que teria sido pago aos oficiais.[40] Lucas deixa a

40. Estudiosos assumem que Cláudio Lísias era grego por nascimento; as pessoas que

distinta impressão de que, para o comandante, a alegação de cidadania era extremamente importante.

Quando Paulo adiantou que era um cidadão romano por nascimento, o comandante teve de reconhecer que Paulo lhe era superior em *status*. Os ancestrais de Paulo obtiveram sua cidadania em Tarso, mais provavelmente prestando serviços a Roma.[41] Ao receberem sua cidadania seus ancestrais estipularam que o privilégio poderia ser conferido a seus descendentes.

29. Aqueles que estavam prontos para interrogá-lo, imediatamente o deixaram ir. O próprio comandante sentiu-se receoso quando soube que Paulo era romano, porque mandara colocá-lo em cadeias.

Ao comando de Cláudio Lísias, o centurião e os soldados não perderam tempo em soltar Paulo. O comandante tinha total conhecimento dos direitos de um cidadão romano e se dava conta que mesmo embora ele não tivesse machucado Paulo ele ainda assim o tinha amarrado. Paulo podia ter dito ao comandante que ele não apenas era um cidadão de Tarso (21.39) mas também de Roma, mas esperou até que os soldados o tivessem amarrado e estivessem prontos para açoitá-lo. Ele sabia que o comandante iria ser contra a quebra da lei romana e num esforço para se redimir, iria tratar a Paulo de modo diferenciado.

As cadeias de Paulo eram a prova visível da prisão de um romano (21.33). Prender um cidadão romano com cadeias era uma violação direta da lei romana e podia ser usada como evidência contra o comandante. Mesmo assim, durante sua prisão em Cesaréia e em sua casa em Roma, Paulo foi acorrentado por pelo menos quatro anos.[42]

---

eram cidadãs romanas por nascimento em geral tinham três nomes em vez de dois. A respeito de suborno, veja Dio Cassius *History* 60.17.5-6; Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law*, pp. 154-55; F. F. Bruce, *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary*, 3ª. ed. (ver. e aum.) (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), p. 609.

41. William M. Ramsay, *The Cities of St Paul: Their Influence on His Life and Thought* (1907; reedição, Grand Rapids: Baker, 1963), pp. 197-98.

42. Veja Atos 26.29; 28.20,30; Efésios 6.20; Filipenses 1.13,14,17; Colossenses 4.3,18; Filemom 10,13.

Considerações Práticas em 22.26 e 28

Versículo 26

Durante sua vida Paulo exercitou seus direitos de cidadão romano duas vezes diretamente (16.37,38; 22.26) e uma vez apelando para César (25.11). Para Paulo, contudo, a cidadania do reino dos céus era muito mais importante do que direitos civis. Ele escreve, "pois nossa pátria está nos céus" (Fp 3.20, JFA). Ele não aponta a cidadania terrena aos crentes de filipenses (embora Filipos tivesse *status* especial [veja o comentário sobre 16.12 a]) mas em vez disso transmite a eles a mensagem que os crentes são residentes da cidade de Deus.[43]

Versículo 28

Nesse versículo Lucas indiretamente se refere à época do acontecimento. Cláudio Lísias menciona uma grande soma de dinheiro que ele tivera de pagar para obter a cidadania romana. Durante o reinado do imperador Cláudio, os oficiais tinham permissão para receber propinas substanciais das pessoas que desejavam comprar a cidadania romana. Mas quando Nero se tornou imperador em 54 d.C. ele acabou com esses abusos e prescreveu punição apropriada para os infratores. Em resumo, a observação de Cláudio Lísias reflete o tempo do imperador Cláudio (41-54 d.C.) e não o de Nero.[44]

Palavras, Frases e Construções em Grego em 22.24-29

Versículos 24,25

εἴπας – este segundo particípio aoristo com uma terminação de primeiro aoristo é equivalente ao verbo coordenado ("ele disse"), ou seja, "o comandante ordenou ... e disse".

τοῖς ἱμᾶσιν – do substantivo ἱμάς (corda), este dativo plural pode ser interpretado como um instrumental dativo ("com cordas"). Ele pode também significar um dativo de propósito ("para as cordas", ou seja, Paulo fora esticado para ser chicoteado). Os tradutores preferem a segunda interpretação.[45]

43. Hans Bietenhard, *NIDNTT*, vol. 2, p. 804.
44. Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law*, p. 156.
45. Bauer, p. 376.

εἰ – esta partícula introduz uma pergunta direta e não é traduzida.

Versículos 28,29

κεφαλαίου – este é o segundo significado do substantivo κεφάλαιον (sumário), que no contexto significa "soma de dinheiro". O genitivo é o genitivo de preço.

ὅτι – o primeiro caso é o declarativo "aquele", mas o segundo tem um significado causal.[46]

ἦν δεδεκώς – a construção do perfeito perifrástico do verbo δέω (eu ligo) denota ação no passado com efeito que continua no presente.

30. No dia seguinte, querendo saber exatamente o motivo pelo qual Paulo havia sido acusado pelos judeus, o comandante o soltou e ordenou aos principais sacerdotes e a todo o Sinédrio que se reunisse. E levou Paulo e colocou-o diante deles.

b. *A Acusação*

22.30

Depois de Paulo ser solto das correias, os soldados o levaram para dentro da fortaleza e o guardaram durante à noite. Nesse ínterim, Cláudio Lísias pôde refletir sobre a situação e encontrar um jeito de solucionar o problema do prisioneiro indesejável na sua fortaleza. Ele se deu conta de que o assunto que perturbara os judeus era de cunho teológico. Portanto, no dia seguinte ele tentou acertar a situação convocando o Sinédrio e apresentando Paulo perante seu corpo diretivo de judeus.

30. No dia seguinte, querendo saber exatamente o motivo pelo qual Paulo havia sido acusado pelos judeus, o comandante o soltou e ordenou aos principais sacerdotes e a todo o Sinédrio que se reunisse. E levou Paulo e colocou-o diante deles.

a. "O motivo pelo qual Paulo havia sido acusado pelos judeus." Cláudio Lísias tinha de averiguar com exatidão os motivos da acusação dos judeus contra Paulo. Ele era o comandante das forças romanas que serviam em Jerusalém e seria responsabilizado pelo seu superior, o governador Félix (23.24), se algum tumulto ocorresse. Ao conhecer as causas da revolta do dia anterior, ele poderia evitar que algo semelhante acontecesse.

46. Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), pp. 237-38.

b. "O comandante o soltou e ordenou aos principais sacerdotes e todo o Sinédrio que se reunissem." A partir do texto, eu entendo que Cláudio Lísias liberou Paulo da custódia e deu-lhe o privilégio de sair andando livremente ao lado dos soldados romanos. Um dia antes o comandante havia libertado Paulo das correntes quando soube da sua cidadania romana (v. 29).[47]

Alguns estudiosos pensam que esse incidente não pode ter sido um acontecimento histórico verdadeiro.[48] Eles acham que o comandante deixou Paulo agrilhoado durante a noite e em vez de examinar o caso, esquivou-se de suas responsabilidades levando-o perante o Sinédrio. Mas essas dificuldades desaparecem quando nós aceitamos o versículo anterior (v. 29) tal como registrado e que o comandante reconheceu seu erro. Ele conservou Paulo em custódia durante a noite e de manhã lhe deu total liberdade.[49] Além do mais, como o conflito entre Paulo e os judeus era teológico e não político, Cláudio Lísias tinha todo o direito de levá-lo para o Sinédrio e dessa maneira obter informação precisa dos teólogos judeus.

Teria o comandante autoridade para convocar o Sinédrio? Sim, na verdade sim. Em Israel o Sinédrio judaico e o tribunal romano coexistiam lado a lado. Embora o Sinédrio tivesse poder para levar Paulo a julgamento, o comandante romano, quando considerasse que os interesse de Roma estavam sendo ameaçados, exercia uma autoridade superior a do tribunal judeu.[50] Ele não apenas ordenou que os membros do Sinédrio se reunissem (v. 30), mas também transportou Paulo para Cesaréia para ser julgado num tribunal romano (24.1-22).

c. "E ele levou Paulo e o colocou diante deles." O comandante

47. Boyd Reese nota uma preocupação semelhante dos magistrados em Filipos (16.38) e o comandante em Jerusalém (22.29). "The Apostle Paul's Exercise of his Rights as a Roman Citizen as Recorded in the Book of Acts", *EvQ* 47 (1975): 142.

48. Conzelmann, *Acts*, p. 191; veja também Ernst Haenchen, *The Acts of the Apostles: A Commentary*, trad. por Bernard Noble e Gerald Shinn (Filadélfia: Westminster, 1971), pp. 639-40.

49. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 286. I. Howard Marshall é da opinião que Paulo foi mantido em cadeias. *The Acts of the Apostles: An Introduction and Commentary*, série Tyndale New Testament Commentary (Leicester: Inter-Varsity; Grand Rapids: Eerdmans, 1980), p. 361.

50. Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 1, pp. 377-78.

primeiro informou o sumo sacerdote (veja comentário sobre 4.6) sobre uma reunião; o sumo sacerdote por sua vez convocou os membros do tribunal. Depois ele ordenou que Paulo fosse introduzido na sala de reunião.

Os gentios não tinham permissão para entrar em nenhuma das salas do complexo do templo. Segundo Josefo, a sala de assembléia do Sinédrio era situada a oeste do templo.[51] Ali o comandante levou Paulo e o apresentou perante os membros do Sinédrio (comparar com 4.7; 5.27; 6.15).

Sumário do Capítulo 22

Paulo dirige a palavra ao povo judeu de pé nos degraus da fortaleza Antônia. Em aramaico ele conta aos judeus que era natural de Tarso, mas criado em Jerusalém e instruído pelo respeitável mestre Gamaliel. Ele revela que tinha sido perseguidor dos cristãos e munido de cartas do sumo sacerdote e do Sinédrio, tinha ido a Damasco prender essas pessoas.

Perto de Damasco, Paulo relata, Jesus o chamou e o instruiu a entrar na cidade onde haveria de receber instruções sobre o que fazer. Cego por causa do fulgor de uma luz do céu, ele foi guiado a Damasco. Ali, um judeu piedoso chamado Ananias foi ao seu encontro e restaurou-lhe a visão. Ananias disse-lhe para testemunhar a todos os homens, que fossem batizados e invocassem o nome do Senhor.

Quando do seu retorno a Jerusalém, diz Paulo, ele entrou no templo para orar, entrou em êxtase e ouviu Jesus instruir-lhe que deixasse Jerusalém imediatamente. Embora Paulo resistisse a essa instrução, o Senhor lhe ordenou que fosse para longe até os gentios.

A audiência estava ouvindo Paulo sem interrupção, mas quando ele diz que tinha de ir para os gentios, criou-se um tumulto. O comandante romano leva Paulo para a fortaleza e dá ordens aos seus oficiais para interrogar Paulo fazendo uso de açoites. Quando os soldados o amarram para ser açoitado, Paulo pergunta ao oficial se era legal açoi-

51. Josefo *War* 2.16.3 [344]; 5.4.2 [144]; 6.6.3 [354]. Consultar Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 2, pp. 223-24.

tar um cidadão romano. O oficial informa ao comandante, que por sua vez pergunta a Paulo sobre a legitimidade de sua cidadania. Paulo responde afirmativamente e o comandante, temendo conseqüências adversas por haver agrilhoado um cidadão romano, o liberta. No dia seguinte Paulo é apresentado perante o Sinédrio.

23

Em Jerusalém e Cesaréia

Parte 3

23.1-35

ESBOÇO (continuação)

23.1-5	c. Apresentação
23.6-8	d. Assembléia
23.9-11	e. Resgate
23.12-22	5. Proteção para Paulo
23.12-15	a. A Conspiração
23.16-22	b. Descoberta
23.23 – 26.32	B. Na Cesaréia
23.23-35	1. Transferência de Paulo
23.23,24	a. Ordem
23.25-30	b. Carta
23.31-35	c. Chegada

Capítulo 23

ATOS 23.1-5

23 1. Paulo olhou intensamente o Sinédrio e disse: “Homens, irmãos, tenho andado diante de Deus com a consciência perfeitamente limpa até o dia de hoje”. 2. O sumo sacerdote, Ananias, mandou aos que estavam perto dele que lhe batessem na boca. 3. Então Paulo disse a ele, “Deus está para feri-lo, parede branqueada! Você se senta aí para julgar-me de acordo com a lei, mas com a ordem de bater em mim, você mesmo infringiu a lei”. 4. Os que estavam ao lado de Paulo, perguntaram a ele, “Você ousa insultar o sumo sacerdote de Deus?” 5. Paulo respondeu, “Eu não sabia, irmãos, que ele é o sumo sacerdote; porque está escrito: Não fale mal de uma autoridade de seu povo”.

---

c. *Apresentação*

23.1-5

Paulo estava exatamente no mesmo lugar onde Estêvão estivera vinte anos antes. Embora Paulo tivesse afirmado que ele estava pronto para morrer por Jesus em Jerusalém (21.13), ele também sabia que o comandante romano era responsável pela sua segurança pessoal. Como cidadão romano, Paulo tinha todo o direito de pedir para ser julgado num tribunal romano.

Como Paulo conhecia muito bem a organização do Sinédrio, ele tinha consciência de que sua apresentação nesse tribunal só piorava a situação. Ele sabia que os líderes do Sinédrio tinham, de boa vontade, concordado em atender ao pedido do comandante de convocar os membros do tribunal. Ele também estava ciente da recusa deles em falar a verdade sobre a questão e da intenção de acusá-lo de perturbador da paz. Se essa acusação fosse feita contra ele perante o comandante romano, o resultado seria danoso para a sua integridade física.

Três conclusões podem ser tiradas a partir desse contexto. Primei-

ra, para benefício do comandante romano, Paulo se dirigiu aos membros do tribunal em grego. Isso foi um total contraste com o dia anterior, quando Paulo havia procurado entrar em contato com o povo judeu falando em aramaico (21.40; 22.2). Segundo, por causa do seu treinamento teológico em Jerusalém e sua associação íntima com o Sinédrio (22.5), ele poderia assumir o controle da situação no tribunal e virar o processo a seu favor. Terceiro, muitos membros do Sinédrio tinham escutado Paulo falar no dia anterior e, portanto, não precisavam de informação detalhada sobre sua vida e seu ministério.

1. Paulo olhou intensamente o Sinédrio e disse: "Homens, irmãos, tenho andado diante de Deus com a consciência perfeitamente limpa até o dia de hoje".

a. "Paulo olhou intensamente o Sinédrio." Nós presumimos que a abertura de praxe tinha sido feita pelo oficial que presidia a sessão, ou seja, Ananias o sumo sacerdote, e que o comandante tivesse pedido ao tribunal para fornecer informações que o ajudariam a entender as diferenças teológicas entre os judeus e Paulo. Então Paulo recebeu permissão para falar.

Lucas, que pode ter sido um ouvinte na sessão, registra que Paulo se demorou fitando intensamente os membros do Concílio. Estes tinham mudado consideravelmente desde os tempos em que Paulo tinha sido encarregado de perseguir os cristãos em Jerusalém e Damasco. Mas sem dúvida Paulo queria ver se ainda reconhecia alguém.

b. "Homens e irmãos." Quando Paulo começa a falar, ele não repete as palavras introdutórias de antes, "Irmãos e pais" (22.1), mas diz apenas, "Homens e irmãos". Ele parece continuar o discurso do dia anterior, porque em sua introdução ele não faz a apresentação do caso. Ele retoma do ponto em que havia sido interrompido e afirma: " Tenho andado diante de Deus com a consciência perfeitamente limpa até o dia de hoje". Essa frase é carregada de significado.

c. "Tenho andado." Paulo não estava dizendo que sua morte era iminente (para contraste, veja 2Tm 4.7). Antes, que sua vida tinha se passado em harmonia com os princípios religiosos. Conscientemente, ele se esforçava para viver uma vida de fé em Deus.[1]

1. Consultar Hans Bietenhard, *NIDNTT*, vol. 2, p. 804; Hermann Strathmann, *TDNT*, vol. 6, p. 534.

d. "[Eu tenho] a consciência perfeitamente limpa." Essa é uma alegação que Paulo faz consistentemente tanto em sua defesa perante o governador Félix como em suas epístolas. Na presença de Félix, o sumo sacerdote Ananias e outros, ele diz, "Eu sempre fiz o possível para manter a consciência pura diante de Deus e dos homens" (24.16). E em suas epístolas ele também fala de uma consciência pura: "o testemunho de nossa consciência é este: que em santidade e sinceridade ... temos nos conduzido no mundo" (2Co 1.12; veja também 1Tm 3.9; comparar com 1Pe 3.16,21).

e. "Diante de Deus ... até o dia de hoje." Qual seria o significado, no contexto, da palavra *consciência*? Em primeiro lugar, olhamos para dois qualificativos, que eu traduzi como "perfeitamente" e "limpa", ou seja, a consciência de Paulo não apenas afetava *todos* os aspectos de sua vida como era também *boa*. (Em português fala-se de uma consciência limpa). Perante Deus, Paulo podia com toda segurança afirmar que ele tinha vivido uma vida moral e religiosa. Os pecados cometidos antes de sua conversão, incluindo aqueles da perseguição dos cristãos, Paulo prontamente confessara. Mas com referência às acusações feitas contra ele pelos judeus, ele se considerava inocente. Ele sabia que vivera como um judeu, que era fiel ao seu Deus e obedecia à lei de Deus todos os dias.[2]

2. O sumo sacerdote, Ananias, mandou aos que estavam perto dele que lhe batessem na boca.

O sumo sacerdote rudemente interrompeu o discurso de Paulo. Baseado em uma das observações de Paulo, o sumo sacerdote mandou que as pessoas que estavam perto de Paulo "lhe batessem na boca". Para Ananias, Paulo era um deturpador da religião judaica que tinha de ser humilhado e condenado. Sua profunda antipatia por Paulo se tornou evidente alguns dias depois quando ele pessoalmente viajou 105 quilômetros de Jerusalém a Cesaréia para apresentar queixa contra Paulo ao governador Félix (24.1).

2. A bibliografia sobre o conceito *consciência* é vasta; alguns exemplos de trabalhos representativos são Claude A. Pierce, *Conscience in the New Testament* (Naperville, III.: Allenson, 1955); Alfred Martin Rehwinkel, *The Voice of Conscience* (St. Louis: Concordia, 1956); N. H. G. Robinson, *Christ and Conscience* (Londres: Nisbet, 1956); Hans-Christoph Hahn e Colin Brown , "Conscience", *NIDNTT*, vol. 1, pp. 348-53.

Josefo informa que Ananias era filho de Nedebaeus, fora apontado sumo sacerdote por Herodes, o rei da Cálcida (44 - 48 d.C.), presumivelmente uma década antes desse incidente. Ele ocupou o cargo de sumo sacerdote de 47 a 59 d.C.[3] Ananias, conhecido pela sua má fama e violência, era rico e influente, e sua ganância o tornou impopular junto ao povo. O rei Agripa o depôs em 59 d.C.; assassinos o mataram em setembro de 66 d.C. durante a revolta judaica.[4]

A ordem para bater na boca de Paulo tem paralelo em João 18.22,23: Jesus, ao responder a uma pergunta do sumo sacerdote Caifás, foi espancado na face por um dos oficiais. Não se sabe se Ananias queria com isso que Paulo fosse mais respeitoso com relação ao Sinédrio ou se o tapa era para servir de sinal para Paulo se colocar em seu lugar.[5] O que ficou claro é que o sumo sacerdote feriu as normas do tribunal quando instruiu as pessoas próximas a disciplinar Paulo batendo-lhe na boca. Ao quebrar o protocolo, ele sem querer causou uma confusão que depois não conseguiu desfazer.

3. Então Paulo disse a ele, "Deus está para feri-lo, parede branqueada! Você se senta aí para julgar-me de acordo com a lei, mas com a ordem de bater em mim, você mesmo infringiu a lei".

O tapa no rosto não fez com que Paulo se calasse ou ficasse mais respeitoso. Ele reagiu imediatamente. Jesus também reagiu quando um oficial o atingiu na face, mas ele meramente inquiriu se tinha dito algo errado e perguntou ao oficial que lhe batera por que ele fizera aquilo (Jo 18.23). Em contraste, Paulo não seguiu o exemplo de seu mestre. Paulo pediu a Deus que atingisse o sumo sacerdote; seu pedido foi na verdade uma maldição pronunciada contra Ananias.[6] (Por acaso Paulo falou profeticamente porque sua maldição foi cumprida alguns anos mais tarde quando Ananias morreu nas mãos de assassinos).

---

3. Josefo *Antiquities* 20.5.2 [103]; 20.6.2 [131]. Consultar Emil Schürer, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ (175 a. C. – 135 d. C.)*, rev. e org. por Geza Vermes e Fergus Millar, 3 vols. (Edimburgo: Clark, 1973-87), vol. 2, p. 231.

4. Josefo *War* 2.12.6 [243]; 2.17.9 [441-42]; *Antiquities* 20.8.11 [196]. Veja-se também SB, vol. 2, p. 766.

5. F. W. Grosheide, *De Handelingen der Apostelen*, Kommentaar op het Nieuwe Testament, 2 vols. (Amsterdam: Van Bottenburg, 1948), vol. 2, p. 305.

6. Veja SB, vol. 2, p. 766.

Além do mais, Paulo descreveu Ananias com um epíteto insultuoso: "parede branqueada". Em outras palavras, Ananias era como uma parede caiada que tinha uma camada externa de cal, mas uma estrutura interna a qual faltava argamassa suficiente para unir as pedras. Se chuvas torrenciais caíssem contra ela e o vento soprasse, aquela parede cairia (comparar com Ez 13.10-12). Outra comparação é com o sepulcro cujo exterior caiado escondia os ossos dos mortos (Mt 23.27). Sem dúvida a intenção de Paulo era retratar o caráter de Ananias; portanto ele recorreu ao uso de termos de "insulto genérico".[7]

"Você se senta aí para julgar-me de acordo com a lei, mas ao dar a ordem para me bater, você mesmo infringe a lei." Paulo, um especialista na lei mosaica, apresenta a Ananias uma questão legal. Com base na lei, o sumo sacerdote não tinha o direito de ordenar que Paulo fosse espancado. Se Ananias admitisse que havia quebrado a lei (veja Lv 19.15, "com justiça julgarás o teu próximo" [JFA], ele perderia sua autoridade para julgar. Os fariseus e os especialistas da lei que estavam presentes no tribunal teriam concordado com Paulo, "pois na lei judaica os direitos dos acusados eram cuidadosamente garantidos".[8]

4. Os que estavam ao lado de Paulo, perguntaram a ele, "Você ousa insultar o sumo sacerdote de Deus?" 5. Paulo respondeu, "Eu não sabia, irmãos, que ele é o sumo sacerdote; porque está escrito: Não fale mal de uma autoridade de seu povo".

Para os circunstantes – dentre eles talvez os que haviam batido em Paulo – esse insulto era demasiado. Um grito de indignação se levantou: "Você ousa insultar o sumo sacerdote de Deus?" A despeito do caráter rude e avaro do sumo sacerdote e sua nomeação por um rei secular, os ouvintes o reconheciam como sendo "o sumo sacerdote de Deus". Uma vez mais note-se o paralelismo entre Jesus e Paulo. O oficial que bateu em Jesus perguntou, "É assim que falas ao sumo sacerdote?" (Jo 18.22). As pessoas que se encontravam ao lado de Paulo lhe fizeram praticamente a mesma pergunta.

---

7. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol 4, p. 287.

8. David John Williams, *Acts*, Good News Commentaries series (San Francisco: Harper and Row, 1985), p. 383. F. F. Bruce observa que "a lei judaica presumia inocência até prova em contrário". *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary*, 3ª ed. (rev. e aum.). (Grand Rapids: Eerdmanns, 1990), p. 612.

A resposta de Paulo ("Não sabia, irmãos, que ele é o sumo sacerdote") é de difícil interpretação. Várias explicações, nenhuma satisfatória, têm sido dadas:

1. Devido ao fato de Paulo ter estado ausente de Jerusalém, ele não sabia que Ananias era o sumo sacerdote. Mas isso é bem pouco provável porque Paulo tinha estado em Jerusalém no final de sua segunda viagem missionária (18.22) e portanto teria de saber sobre Ananias.

2. Paulo se recusava a reconhecer Ananias como sumo sacerdote e portanto expressou ironia: "Não sabia, irmãos, que ele é o sumo sacerdote". Mas Paulo tinha completo conhecimento da história de Israel e sabia que alguns de seus sumo sacerdotes tinham sido igualmente maus.

3. A visão de Paulo era fraca (Gl 4.15; 6.11) e não podia distinguir o sumo sacerdote dos outros membros do Sinédrio. Mas ele sabia que o sumo sacerdote presidia o Sinédrio.

Sejam quais forem as soluções escolhidas pelos comentadores, elas esbarrarão em objeções. Talvez façamos bem em aceitar a descrição que Lucas fornece de Paulo como um ser humano, "com defeitos e tudo mais". Paulo perdeu as estribeiras quando foi rudemente interrompido pelo sumo sacerdote e espancado no rosto. Enquanto tratava de se recompor ele teria feito uma observação sem sentido. Ela deve ser entendida como uma desculpa capciosa por ter sido descortês para com Ananias.

Como um especialista da lei, Paulo imediatamente citou a lei mosaica: "não falarás mal do governante do teu povo" (Êx 22.28 [22.27, LXX]). A seqüência das palavras segue a versão da Septuaginta, "Não blasfemarás contra Deus e não amaldiçoarás o(s) governo(s) do teu povo". Para ser exato, os rabinos entendiam a palavra *Deus* como "juízes".[9] Deus queria que seu povo respeitasse seus governantes e obedecesse às autoridades nomeadas por ele (Rm 13.1; 1Pe 2.13,14). Paulo sabia que ele tinha de mostrar obediência à autoridade espiritual do sumo sacerdote e por isso citou as Escrituras com a finalidade de se desculpar perante Ananias e o tribunal.

9. SB, vol. 2, p. 766; Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 288; Ernst Haenchen, *The Acts of the Apostles: A Commentary*, trad .por Bernard Noble e Gerald Shinn (Filadélfia: Westminster, 1971), p. 638 n. 2.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 23.1-5

Versículo 1

πάσῃ συνειδήσει ἀγαθῇ – este é o dativo de modo. Os dois adjetivos foram colocados antes e depois do substantivo. O adjetivo precedente πάσῃ (em todo respeito, completamente) e o adjetivo subseqüente ἀγαθῇ (bom; puro, claro) pode ser traduzido como "perfeitamente limpa". O substantivo deriva da preposição σύν (junto) e o verbo οἶδα (eu sei); ele indica conhecimento agregado ou consciência.[10]

πεπολίτευμαι – precedido pelo pronome enfático ἐγώ, o verbo no médio perfeito (de πολιτεύομαι, eu sou um cidadão) tem conotação política em muitas passagens. Aqui, entretanto, ela significa viver como um cidadão em obediência à lei. O grego deste versículo é excelente.

Versículo 3

κατὰ τὸν νόμον – "de acordo com a lei". Note-se o contraste no uso do particípio presente ativo παρανομῶν (quebrando a lei). O particípio denota modo.

Versículo 5

ᾔδειν – o mais que perfeito do verbo οἶδα (eu sei) como um imperfeito significa "eu desconhecia o fato".

οὐκ ἐρεῖς – o futuro imperativo, comum na Septuaginta, transmite uma ordem: "não fale [mal]".

6. Mas Paulo sabia que alguns eram saduceus e outros fariseus. Ele começou a gritar no Sinédrio: "Homens e irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus. Estou sendo julgado por causa da esperança na ressurreição dos mortos". 7. Depois de ele ter dito isso, houve uma dissensão entre fariseus e saduceus, e a assembléia se dividiu. 8. Os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjos, nem espíritos, ao passo que os fariseus admitem todas essas coisas.

d. *Assembléia*

23.6-8

6. Mas Paulo sabia que alguns eram saduceus e outros fariseus. Ele começou a gritar no Sinédrio: "Homens e irmãos, eu sou

10. Thayer, p. 602.

fariseu, filho de fariseus. Estou sendo julgado por causa da esperança na ressurreição dos mortos".

Lucas descreve Paulo como um homem capaz de reconhecer suas oportunidades e dominar a situação. Educado como fariseu sob a tutela de um mestre excelente e membro do Sinédrio, Gamaliel, Paulo conhecia as facções do tribunal. Ele sabia que o partido minoritário do governo era o dos saduceus, enquanto os fariseus, que compunham a maioria, exerciam grande influência, especialmente em questões teológicas. (Veja o comentário sobre 4.1-4 para uma detalhada discussão a respeito dos saduceus e dos fariseus.) Além do mais, Paulo percebeu que o propósito dessa sessão era fornecer informações úteis ao comandante romano.

a. "Homens e irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus!" O texto indica que o barulho na assembléia era tanto que Paulo teve de gritar para ser ouvido. Ele se identifica sem deixar sombra de dúvida, como um fariseu, e na verdade ele tinha sido um membro desse partido em seus dias de estudante (26.5; Fp 3.5). Além disso, quando ele retornou a Jerusalém no término de sua terceira viagem missionária, ele soube que milhares de judeus cristãos eram zelosos da lei (ou seja, como fariseus [21.20]). E embora ele divergisse desses judeus cristãos em alguns pontos, ele, em deferência às suas preocupações, se submetia a rituais de purificação e oferecia sacrifícios no templo (21.26). Em questões de doutrinas, Paulo concordava com os fariseus. Portanto, não devemos acusá-lo de faltar com a verdade.[11]

Mais uma vez Paulo se dirigiu aos membros do Sinédrio como "homens e irmãos". Ele habilmente fez jogo com o espírito do partido e se posicionou ao lado do partido majoritário no tribunal: "Eu sou fariseu, filho de fariseus". A expressão *filho de* não era necessariamente uma referência aos progenitores de Paulo, mas sim um termo geral que era comum entre os judeus (exemplo, "filho de Abrão" e "filho de Davi"). Aqui, aparentemente, significava que Paulo apoiava o partido fariseu.[12]

b. "Estou sendo julgado por causa da esperança na ressurreição

11. João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 2, p. 230.

12. Bauer (p. 833) acha que a expressão "é provavelmente uma referência à descendência direta".

dos mortos." Paulo tocou no ponto crítico da questão – isto é, a doutrina da ressurreição – que unia os fariseus e os cristãos mas separava os fariseus e saduceus. "Na igreja judaica cristã primitiva alguém podia se tornar cristão e continuar fariseu, mas um saduceu teria de mudar totalmente sua posição teológica."[13] Quando Pedro e João pregavam "em Jesus, a ressurreição dentre os mortos" (4.2), os saduceus se opunham a eles. Os saduceus rejeitavam essa doutrina e reagiram veementemente quando Paulo afirmou que ele estava sendo julgado por causa de sua esperança na ressurreição dos mortos.

Em discursos subseqüentes, Paulo menciona o termo *esperança*. Perante o rei Agripa Paulo eloqüentemente explica o conceito: "E, agora, estou sendo julgado por causa da esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais, a qual as nossas doze tribos, servindo a Deus fervorosamente de noite e de dia, almejam alcançar; é no tocante a esta esperança, ó rei, que eu sou acusado pelos judeus. Por que se julga incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?" (26.6-8). E em sua reunião com os líderes judeus em Roma, Paulo explica que ele é um prisioneiro por causa da "esperança de Israel" (28.20). Essa esperança então é centrada na ressurreição dos mortos. Paulo apresenta sua crença na ressurreição como sendo "a verdadeira continuação da religião judaica e do povo de Deus", o Cristianismo.[14] Por essa razão, ele recebe apoio tanto dos judeus cristãos como dos fariseus. Na apresentação de Paulo, a ressurreição de Jesus é relacionada com a ressurreição geral de maneira inextricável, e rejeitar uma é rejeitar a outra (comparar com 13.32-41; 17.31; 26.23).[15]

7. Depois de ele ter dito isso, houve uma dissensão entre fariseus e saduceus, e a assembléia se dividiu. 8. Os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjos, nem espíritos, ao passo que os fariseus admitem todas essas coisas.

Paulo se apresenta como um fariseu que divulga e defende a dou-

13. I. Howard Marshall, "The Resurrection in the Acts of the Apostles", *in Apostolic History and the Gospel*, org. por W. Ward Gasque e Ralph P. Martin (Exeter: Paternoster; Grand Rapids: Eerdmans, 1970), p. 97.

14. Robert J. Kepple, "The Hope of Israel, the Resurrection of the Dead, and Jesus", *JETS* 20 (9177): 240-41.

15. Considerar também as apresentações de Pedro: 2.24; 3.15; 4.2,10; 5.30; 10.40.

trina da ressurreição. Tão logo ele gritara essa afirmação, os fariseus e saduceus se puseram uns contra os outros. Lucas usa a palavra *dissenção*, que pode significar "revolta", mas nesse contexto se refere a um desacordo que degenera em violência física (veja v. 10). O sumo sacerdote Ananias perdeu o controle da situação.

Para benefício dos leitores, Lucas esclarece as diferenças doutrinárias entre os fariseus e os saduceus. Na verdade, ele agrega um pensamento entre parênteses, que equivale a uma nota de rodapé. Ele diz que os saduceus rejeitavam as doutrinas da ressurreição, dos anjos e dos espíritos, mas os fariseus aceitavam todas essas crenças. Devido à sua afinidade doutrinária com os judeus cristãos a respeito desses princípios, os fariseus estavam dispostos, no momento, a aceitar Paulo como um deles e a defendê-lo contra os ataques dos saduceus.

Quando os saduceus tentaram testar Jesus, eles urdiram uma história na qual sete irmãos se casavam com a mesma mulher sucessivamente. Eles lhe perguntaram a qual dos sete irmãos esta mulher pertenceria no dia da ressurreição. Jesus habilmente responde à questão comparando as pessoas ressurrectas com anjos, que não se casam nem são dados em casamento (Mt 22.23-32). Ele refutou os saduceus ensinando-lhes as doutrinas da ressurreição e sobre os anjos.

Considerações Históricas em 23.1-8

Ao olhar para os detalhes descritivos dos procedimentos do tribunal, um escritor é da opinião que "o incidente é historicamente impossível" e que Lucas escreveu essa história em estilo de "anedota".[16] À primeira vista, nós também consideramos que o relato de Lucas parece ser problemático, mas os problemas que vemos não nos dão a liberdade de dizer que Lucas inventou anedotas.

Pelo fato de Paulo conhecer os partidos e as diferenças doutrinárias no Sinédrio, ele sabia que ele tinha de semear a discórdia entre os fariseus e os saduceus. Ele percebeu que se eles se unissem na acusação contra ele de perturbar a *pax romana*, ele perderia a proteção do comandante. Em resumo, Paulo estava lutando por sua vida e o relato de Lucas reflete isso.

16. Hans Conzelmann, *Acts of the Apostles*, trad. por James Limburg, A. Thomas Kraabel e Donald H. Juel (1963; Filadélfia: Fortress, 1987), pp. 191-92. Veja também Martin Dibelius, *Studies in the Acts of the Apostles* (Londres: SCM, 1956), p. 170.

Se considerarmos o estilo de escrever de Lucas, descobrimos que ele repetidas vezes comprime seus relatos. A brevidade deles levanta questões sobre a precisão histórica, mas ao longo de todo o livro de Atos, Lucas prova ser totalmente preciso. Por exemplo, a narrativa vívida sobre o sobrinho de Paulo relatando a conspiração contra a vida de seu tio força o leitor a concluir que se trata do relato de uma testemunha ocular. Outro exemplo é a descrição da milícia que acompanhou Paulo de Jerusalém a Antipátride e Cesaréia (v. 23). Pelo menos um estudioso define o relato como "pura fantasia".[17] A verdade é que a área rural era infestada de guerrilheiros judeus;[18] Josefo relata que esses terroristas causaram estrago incalculável durante a administração do governador Félix.[19] Essa atividade guerrilheira – e o desejo de mais de quarenta judeus de matar a Paulo – exemplifica o desrespeito pela lei a falta de ordem desses dias. Essas desordens civis teriam feito o comandante romano particularmente cioso de suas responsabilidades em providenciar um salvo-conduto, sob a forma de 470 homens, para Paulo, um cidadão romano. Considerando que Lucas é sucinto em seus relatos, ele apresenta os fatos com exatidão.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 23.6 e 8

Versículo 6

γνούς – o particípio aoristo de γινώσκω (eu sei) é constativo. "Este uso do aoristo contempla a ação em sua inteireza".[20]

ἔκραζεν – o tempo é o descritivo imperfeito. Lucas retrata Paulo tentando levantar a voz para poder ser ouvido acima do barulho no edifício.

ἐλπίδος καὶ ἀναστάσεως – " a coordenação de duas idéias, uma das quais é dependente da outra, serve no Novo Testamento para evitar uma série de genitivos dependentes." A frase, portanto, significa "por conta da esperança da ressurreição dos mortos".[21]

17. Conzelmann, *Acts*, p. 194.

18. Consultar E. M. Blaiklock, "The Acts of the Apostles as a Document of First Century History", *in Apostolic History and the Gospel*, org. por W. Ward Gasque e Ralph P. Martin (Exeter: Paternoster; Grand Rapids: Eerdmanns, 1970), p. 48.

19. Josefo *War* 2.13.6 [264-65]; *Antiquities* 20.8.5-6 [160-72].

20. H. E. Dana e Julius R. Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament* (1927; Nova York: Macmillan, 1967), p. 196.

21. Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. por Robert Funk (Chicago: University ogf Chicago Press, 1961), nº 442.16.

κρίνομαι – "eu sou julgado." Paulo não está dizendo que ele está sendo julgado numa assembléia legal porque o Sinédrio tinha convocado uma sessão de tribunal. Em vez disso, Paulo está se referindo ao ensino da ressurreição pelo qual ele está sendo julgado.

Versículo 8

μὲν ... δέ – o contraste entre os saduceus e os fariseus é aguçado por estas duas partículas: "por uma e por outra".

τὰ ἀμφότερα – o significado primário deste adjetivo no plural neutro é "ambos"; o significado secundário é "todo" quando mais do que dois itens são mencionados.[22]

---

9. Os gritos aumentaram e alguns dos escribas dos fariseus se levantaram e começaram a argumentar com veemência, "Não achamos nada de errado neste homem. E se um espírito ou um anjo falou a ele?"

10. A dissensão se tornou tão violenta que o comandante temeu que Paulo fosse despedaçado por eles. Ele mandou que a guarda descesse e retirasse Paulo dali pela força e o levasse para a fortaleza. 11. Na noite seguinte, o Senhor colocou-se ao lado de Paulo e disse, "Coragem! Do mesmo modo que você testemunhou a meu respeito em Jerusalém, assim deve testemunhar em Roma.

---

e. *Resgate*

23.9-11

9. Os gritos aumentaram e alguns dos escribas dos fariseus se levantaram e começaram a argumentar com veemência, "Não achamos nada de errado neste homem. E se um espírito ou um anjo falou a ele?"

Lucas continuou o relato descrevendo a discussão entre os dois grupos opostos. Os fariseus se declaram protetores de Paulo porque ele e eles acreditam nos mesmos princípios doutrinários. Mas os saduceus se opõem a esses ensinamentos e conseqüentemente desejam levar Paulo a julgamento. Os gritos aumentam de volume cada vez mais e, como Lucas indica, alguns escribas dos fariseus não conseguem mais ficar calmos. Eles se levantam e veementemente discutem com os saduceus. Nós não temos como dizer se os fariseus estavam sentados separados dos saduceus ou se os dois partidos se misturavam nos assentos.

---

22. Bauer, p. 47.

Alguns dos escribas dos fariseus gritavam declarando que Paulo era inocente de qualquer acusação: "Não achamos nada de errado neste homem; e se algum espírito ou anjo falou com ele?" Uma vez mais eu chamo a atenção para o paralelo entre Jesus e Paulo. Quando Pôncio Pilatos declarou Jesus inocente ele afirmou repetidamente: "Não vejo neste homem crime algum".[23] Alguns dos fariseus pronunciavam o mesmo julgamento sobre Paulo. Nessas circunstâncias, Paulo não podia senão notar as semelhanças.

Podemos esperar que numerosos fariseus considerassem Paulo inocente. Durante o ministério de Jesus, muitos deles, dentre os quais Nicodemos e José de Arimatéia, concordavam com ele. Em Atos, "Lucas nunca denigre os fariseus: para ele, eles representam o melhor do judaísmo, e alguns deles nessa ocasião mostraram que não estavam muito longe do reino de Deus".[24]

A segunda metade do julgamento feito pelos fariseus é esclarecedor. Em vez de mencionar a doutrina da ressurreição, eles afirmam dois outros princípios doutrinários: "e se algum espírito ou anjo falou com ele?"[25] Eles inferem que um espírito ou um anjo tivesse falado com Paulo quando de sua conversão perto de Damasco. Nesse contexto, nós vemos Lucas fornecendo uma nota explicativa para suavizar a transição entre a doutrina da ressurreição para a dos espíritos e dos anjos (v. 8).

10. A dissensão se tornou tão violenta que o comandante temeu que Paulo fosse despedaçado por eles. Ele mandou que a guarda descesse e retirasse Paulo dali pela força e o levasse para a fortaleza.

Os argumentos se tornaram cada vez mais alterados e a reação concomitante chegou ao ponto da violência física. Embora os fariseus tentassem proteger Paulo, os saduceus o atacavam. Ele se torna um objeto em risco de ser feito em pedaços.

Quando o comandante romano avaliou a precariedade da situação,

23. Lucas 23.4,14,22; João 18.38.

24. F. F. Bruce, *The Book of Acts*, ed. rev., série New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), Haenchen, *Acts*, p. 643.

25. A KJV e NKJV acrescentam uma cláusula que não conta com o apoio de manuscritos mais importantes. A cláusula adicionada (em itálico) talvez tenha sido introduzida a partir de 5.39: "Mas se um espírito ou um anjo falou com ele, *não vamos lutar contra Deus*".

ele ordenou aos soldados que entrassem no recinto da assembléia do Sinédrio e resgatassem Paulo livrando-o da violência física que o cercava. Sob escolta militar, Paulo deixa a reunião e é escoltado até a fortaleza Antônia (veja 21.34; 22.24). Enquanto isso, o sumo sacerdote Ananias e os saduceus perceberam que eles tinham perdido a oportunidade de condenar Paulo, sentenciá-lo e executá-lo.

11. Na noite seguinte, o Senhor colocou-se ao lado de Paulo e disse, "Coragem! Do mesmo modo que você testemunhou a meu respeito em Jerusalém, assim deve testemunhar em Roma.

a. "Na noite seguinte, o Senhor colocou-se ao lado de Paulo." Nós supomos que o medo tenha tomado conta de Paulo. Ele não tinha idéia do que iria acontecer no dia seguinte. Duas vezes em dois dias o comandante romano Cláudio Lísias o socorrera, primeiro nas dependências do templo, e depois na assembléia do Sinédrio. Mas quando os perigos rodearam Paulo de forma que ele se sentia encurralado de todos os lados, Jesus apareceu a ele numa visão (comparar com 18.9; 22.18; 27.23; 2Tm 4.17).

Durante a noite seguinte, Paulo teve uma visão na qual ele vê Jesus de pé ao seu lado dizendo; "Coragem!"[26] Jesus usou esse verbo muitas vezes durante seu ministério terreno. Por exemplo, quando Jesus andou sobre as ondas do lago da Galiléia e os discípulos ficaram cheios de medo, ele lhes disse que tivessem coragem (Mt 14.27; Mc 6.50).[27] Aqui em Jerusalém Jesus encoraja Paulo a ser destemido.

b. "Do mesmo modo que você testemunhou a meu respeito em Jerusalém, assim deve fazer em Roma." Que segurança inabalável! Que promessa maravilhosa! Exatamente quando Paulo se vê num beco sem saída, ele recebe uma palavra direta de Jesus que do mesmo modo como ele pregara em Jerusalém ele iria pregar em Roma. Tendo completado sua terceira viagem missionária, Paulo agora obtém sua próxima missão: "Ir a Roma e pregar lá". A missão assegura-lhe que Jesus o protegerá. Note-se, entretanto, que o Senhor não lhe promete liberdade e jornada tranqüila até a cidade imperial. Jesus assegura a Paulo que

26. A adição do nome *Paulo* (KJV e NKJV) não é apoiada pelos manuscritos mais importantes. Assim, muitos tradutores eliminam o nome.

27. Veja também o texto grego de Mateus 9.2; Marcos 10.49; João 16.33.

ele chegará ao seu destino, mas omite como a longa jornada se passará e os tipos de perigos que Paulo enfrentará ao longo do percurso. Nas palavras de um ditado há muito honrado:

> Deus não promete boa viagem,
> Mas garante um porto seguro.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 23.9-11

Versículo 9

διεμάχοντο – o tempo imperfeito indica ação progressiva: "eles começaram e continuaram a discutir fortemente". A forma composta deve ser entendida no sentido perfeito.

εἰ – embora traduzido "supõe-se", a partícula introduz uma sentença condicional que falta à segunda metade. A sentença deveria concluir com a apódose, "que oposição poderíamos fazer?"[28]

Versículo 10

στάσεως – neste contexto στάσις não mais significa "dissenção" (v. 7), porque o adjetivo πολλῆς modifica-o para assinalar violência física. O sufixo -σις do substantivo dá conotação de atividade contínua; os genitivos formam a construção do genitivo absoluto.

διασπασθῇ – este subjuntivo aoristo passivo está na cláusula de medo. A forma é uma forma composta da preposição διά (através) e do verbo σπάω (eu tiro) e significa "tirar em dois". O substantivo inglês *spasm* (espasmo) deriva deste verbo.

Versículo 11

διεμαρτύρω – o aoristo médio da segunda pessoa do singular ("você testificou") dificilmente difere em significado do aoristo infinitivo ativo μαρτυρῆσαι (testificar). O infinitivo é introduzido por δεῖ (é necessário), que expressa um comando divino.

εἰς – precedendo os dois substantivos que descrevem as cidades de Jerusalém e Roma, esta preposição é equivalente a ἐν e deve ser traduzida "para".

---

28. Blass e Debrunner, *Greek Grammar*, nº 482.

12. Na manhã seguinte, os judeus se reuniram e, sob anátema, disseram que
não haveriam de comer, nem beber, enquanto não matassem Paulo. 13. Eram mais
de quarenta os que fizeram esse voto. 14. Eles foram até os principais sacerdotes
e os anciãos e disseram: "Juramos, sob pena de anátema, não comer coisa alguma
enquanto não matarmos Paulo. 15. Agora, portanto, juntamente com o Sinédrio,
notifiquem o comandante para que tragam Paulo até aqui, sob a alegação de que
irão investigar seu caso de modo mais acurado. Mas antes que Paulo chegue aqui,
estaremos prontos para assassiná-lo".

16. Quando o filho da irmã de Paulo ouviu sobre a trama, foi à fortaleza e
contou a Paulo. 17. Paulo chamou um dos oficiais e disse, "Leve este rapaz ao
comandante. Ele tem algo a comunicar a ele". 18. Então o oficial levou o rapaz ao
comandante, dizendo: "O preso Paulo chamou-me e me pediu que trouxesse à sua
presença este rapaz, pois ele tem algo que dizer ao senhor". 19. O comandante
tomou o rapaz pela mão e, pondo-se à parte, perguntou-lhe, "O que você tem a me
comunicar?" 20. Ele respondeu, "Os judeus concordaram em pedir ao senhor que
leve Paulo ao Sinédrio amanhã, como se fosse para investigá-lo mais a fundo. 21.
Não os ouça porque mais de quarenta deles estão armando uma cilada contra ele.
Eles se colocaram sob uma maldição de não comer, nem beber até que o tenham
matado. Agora eles estão prontos e esperando por sua resposta". 22. Então o co-
mandante despediu o rapaz, recomendando-lhe, "Não conte a ninguém que você
me informou sobre isso".

5. *Proteção de Paulo*

23.12-22

Depois de uma boa noite de descanso, Paulo sabe que afinal verá Roma. Mesmo consciente de que os judeus poderão tramar para tirar-lhe a vida, ele confia que as forças militares romanas o manterão a salvo.

a. *A Conspiração*

23.12-15

12. Na manhã seguinte, os judeus se reuniram e, sob anátema, disseram que não haveriam de comer, nem beber, enquanto não matassem Paulo. 13. Eram mais de quarenta os que fizeram esse voto.

Com Paulo sob custódia romana, os judeus lamentam o fato de ele ter escapado ao controle deles. Quando eles se reúnem na manhã seguinte eles têm uma discussão acalorada sobre o assunto com alguns saduceus, expressam seu ódio por Paulo e formam uma conspiração

para matá-lo a qualquer custo. Lucas usa o termo *judeus* somente como uma categoria geral e não para indicar que todos os judeus estivessem envolvidos na conspiração. Nós assumimos que até os terroristas que eram chamados de zelotes (21.38) e eram ferozmente opostos à ocupação romana, estavam entre eles. Essas pessoas queriam levar o comandante romano a fazer Paulo aparecer uma vez mais em público para que assim pudessem eliminá-lo.

Os judeus que planejavam matar Paulo fizeram um voto. Eles pediram a Deus para amaldiçoá-los se eles comessem qualquer coisa ou tomassem qualquer líquido antes de terem assassinado Paulo. Eles esperavam assassinar Paulo logo, pois eles não podiam viver sem água por mais de 24 horas. A sede, não a fome traça os limites de sua resistência.

Lucas prova ser um narrador mestre que com uns poucos traços de sua pena literária descreve a cena com humor evidente. Ele se delicia em descrever o voto impensado dos judeus de não comer nem beber nada até que matassem Paulo. Ele acrescenta que os participantes dessa conspiração eram mais de quarenta. Ao revelar que muitos radicais tinham feito o voto, ele dá a entender que o mesmo não tinha como permanecer secreto.

14. Eles foram até os principais sacerdotes e os anciãos e disseram: "Juramos, sob pena de anátema, não comer coisa alguma enquanto não matarmos Paulo. 15. Agora, portanto, juntamente com o Sinédrio, notifiquem o comandante para que tragam Paulo até aqui, sob a alegação de que irão investigar seu caso de modo mais acurado. Mas antes que Paulo chegue aqui, estaremos prontos para assassiná-lo".

O número de pessoas que sabiam da conspiração aumenta dramaticamente quando os assassinos em potencial se dirigem aos sumo sacerdotes e presbíteros. Eles informam a esses líderes do voto que fizeram; com efeito, eles anunciam seu plano de matar Paulo[29] e pedem ao Sinédrio aprovação para o mesmo. Qual era o esquema deles? Eles queriam que o Sinédrio, representado por esses líderes, pedissem a Cláudio Lísias que trouxesse Paulo perante eles uma vez mais para

29. Comparar com 4.23; 25.2,15; e veja Mateus 26.47.

questionamento detalhado. O comandante deveria entender que por causa do tumulto do dia anterior, um questionamento adequado não pudera ser feito. Portanto, outra audiência seria conveniente.

Entretanto, o pedido era um pretexto para matar Paulo antes mesmo que ele chegasse no tribunal do Sinédrio. Em outras palavras, se o comandante atendesse ao pedido deles, os traidores estavam decididos a enfrentar a milícia romana, se necessário, para atingirem seu objetivo. Eles também pensavam que o Sinédrio iria concordar com a proposta deles porque o sumo sacerdote e os saduceus desejavam a morte de Paulo. E se o plano falhasse eles podiam ter seu voto anulado com base no fato que eles foram incapazes de cumprir com sua obrigação.[30] Embora votos fossem irrevogáveis, os especialistas da lei os anulavam quando os mesmos não tinham como ser cumpridos.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 23.12 e 15

Versículo 12

οἱ Ἰουδαῖοι – O Texto Majority traz o pronome indefinido ("alguns") precedendo esse artigo definido e substantivo: "alguns dos judeus" (KJV, NKJV). A presença do pronome forma uma transição harmoniosa para o versículo seguinte (v. 13). Mas segundo uma regra textual, a interpretação mais difícil é a melhor. A ausência do pronome é mais difícil de explicar do que sua presença, portanto sua omissão é preferida.

Versículo 15

O texto ocidental expande o início deste versículo: "Agora pois, *nós lhes pedimos para fazer isto por nós: reúna o Sinédrio e* avise ao comandante". E o texto oriental adiciona uma cláusula de conclusão do versículo: "embora nós devamos morrer também".[31]

ἀκριβέστερον – este advérbio de comparação funciona como um superlativo e significa "muito acuradamente." Veja também o versículo 20.

---

30. Midrash *Nedarim* 3.3; 9.1. Consultar Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 2, p. 486.

31. Bruce M. Metzger, *A textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª ed. cor. (Londres and Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 488.

b. *Descoberta*

23.16-22

16. Quando o filho da irmã de Paulo ouviu sobre a trama, foi à fortaleza e contou a Paulo. 17. Paulo chamou um dos oficiais e disse, "Leve este rapaz ao comandante. Ele tem algo a comunicar a ele.

Os conspiradores aparentemente não fizeram qualquer tentativa de ocultar sua trama secreta. Talvez eles fossem da opinião de que as barreiras culturais e lingüísticas fossem impedir os romanos de ficar sabendo sobre ele. Mas eles deviam saber que Deus reina sobre tudo e todos. Tal como Salomão observou "Não há sabedoria, nem inteligência, nem mesmo conselho contra o Senhor." (Pv 21.30, JFA; veja também Is 8.10). Deus se ri das deliberações humanas e se diverte com seus esquemas.[32]

A vivacidade da história escrita mostra claramente a presença de uma testemunha ocular. Lucas relata que a irmã de Paulo morava em Jerusalém e que o filho dela escutou sobre o plano para matar Paulo. Essas notícias o deixaram alarmado então ele vai visitar Paulo na fortaleza e lhe conta sobre a conspiração. Segundo o costume daqueles dias, os prisioneiros dependiam de seus parentes e amigos para a alimentação e o atendimento de outras necessidades (Hb 10.34; 13.3). Conseqüentemente, o menino é prontamente levado a Paulo. Talvez Lucas o tivesse acompanhado; se foi assim, o incidente teria ficado marcado de forma indelével em sua mente.

Paulo, que havia tido experiências com outras tramas dos judeus (9.23,29; 20.3), age imediatamente. Ele chama um dos oficiais e o instrui para levar o menino a Cláudio Lísias. Conforme o costume da época, Paulo se comunica com o comandante por intermédio do oficial de patente menor. Além do mais, a relação de Paulo com os centuriões e comandante era de fato cordial; como cidadão romano Paulo era tratado com respeito.

18. Então o oficial levou o rapaz ao comandante, dizendo: "O preso Paulo chamou-me e me pediu que trouxesse à sua presença este rapaz, pois ele tem algo que dizer ao senhor. 19. O comandan-

32. Consultar Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 2, p. 239.

te tomou o rapaz pela mão e, pondo-se à parte, perguntou-lhe, "O que você tem a me comunicar?"

O centurião leva o menino até Cláudio Lísias e apresenta um relatório militar típico. Ele corretamente declara quem lhe havia dado ordens, quais eram estas e a prova para confirmá-las. Ele identifica Paulo como o prisioneiro, embora os romanos tratem Paulo com cortesia e não como cativo. O oficial diz que Paulo o chamou e pediu-lhe que levasse o menino ao comandante. Então explicou que o menino tinha algo a dizer-lhe. Lucas emprega vários termos em grego para descrever o sobrinho de Paulo como um filho (v. 16) e um jovem homem (vs. 17,18). Mas nós recebemos a impressão distinta de que o menino não era nem mesmo um adolescente; nenhum oficial iria tomar um adolescente ou adulto pela mão. Cláudio Lísias quis que a informação que ele recebeu permanecesse confidencial. Ele entende que se material confidencial se tornasse de conhecimento público, ele perderia a oportunidade de agir de forma decisiva. Tendo encontrado alguma privacidade, o comandante deixa o menino à vontade e com voz amigável lhe pergunta o que ele queria lhe contar. Em grego, o tempo do verbo *perguntar* indica que ele se entreteve numa longa conversação com o menino.

20. Ele respondeu, "Os judeus concordaram em pedir ao senhor que leve Paulo ao Sinédrio amanhã, como se fosse para investigá-lo mais a fundo. 21. Não os ouça porque mais de quarenta deles estão armando uma cilada contra ele. Eles se colocaram sob uma maldição de não comer, nem beber até que o tenham matado. Agora eles estão prontos e esperando por sua resposta".

Com a ternura e confiança de uma criança, o menino relata o que ele havia escutado sobre a trama dos judeus rebeldes. Ele começa com a descrição da trama e depois muda para o discurso direto no qual ele roga ao comandante que não dê ouvidos aos judeus. Em seguida, ele volta a descrever o sucedido e por fim ele diz que o oficial terá de agir.

O menino passa todas as informações que ele tinha sobre a trama (comparar com a fraseologia do v. 15). O ponto crucial da questão naturalmente está nas palavras *como se*. E isso é razão suficiente para o jovem expressar seus temores de que o comandante não consiga ver além do pretexto e assim sem querer coloque a vida de Paulo em perigo mortal. De maneira infantil, o menino instrui o comandante a não

dar ouvidos aos judeus que virão a ele com o pedido. Ele informa a Cláudio Lísias que mais de quarenta judeus vão fazer emboscada contra Paulo, pois eles fizeram um juramento de não comer nem beber até que tenham matado Paulo. Ele completa seu relatório afirmando que os judeus chegarão a qualquer momento à porta do comandante e estarão esperando por uma resposta favorável.

Lucas não diz se o menino falou somente como um parente próximo de Paulo ou como um cristão que extra-oficialmente representa a igreja. Numa análise final nós vemos a mão de Deus guiando enquanto ele protege Paulo de perigos, abortando a conspiração dos judeus.

22. Então o comandante despediu o rapaz, recomendando-lhe, "Não conte a ninguém que você me informou sobre isso".

Cláudio Lísias aceita o relato do menino como verdadeiro, pois ele percebe que o jovem fala a verdade. O comandante tem de manter a lei e a ordem em Jerusalém e agradece qualquer informação que ajude a evitar qualquer tumulto ou traição. Ele despede o sobrinho de Paulo com a recomendação de que ele a ninguém conte sobre a conversa que tiveram. O comandante não quer que os judeus tenham suspeitas a respeito dos atos que ele está a ponto de executar.

Considerações Práticas em 23.15 e 20

Nesses dois versículos, a expressão *como se* revela uma tentativa deliberada de iludir o ouvinte desavisado e tirar vantagem de sua ingenuidade. O mundo está cheio de falsidade: no mercado, nas propagandas, na política, em testemunhos, para mencionar apenas umas poucas áreas. A deturpação da verdade está na ordem do dia, então a sociedade prontamente perde a confiança nas pessoas que deliberadamente distorcem os fatos em suas próprias esferas de especialização. "A bem conhecida falta de credibilidade em todas essas áreas levam a uma demanda por leis que exijam verdade na propaganda, verdade no empréstimo, verdade no testemunho."[33]

---

33. Ralph E. Powell, "Deception", *in Baker's Dictionary of Christian Ethics*, org. por Carl F. H. Henry (Grand Rapids: Baker, 1973), p. 167.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 23.18-21

Versículos 18,19

ἠρώτησεν – quando este verbo aparece no aoristo, é uma forma de pedido que deve ser obedecido. O verbo ἐρωτάω (eu requeiro), não o verbo αἰτέω (eu peço, solicito) é usado.

ἔχοντα – este é o particípio presente ativo de ἔχω (eu tenho, seguro) com uma conotação casual: "porque ele tem....."

ἐπυνθάνετο – o tempo imperfeito do verbo πυνθάνομαι (eu pergunto) é descritivo e sugere uma conversação animada.

Versículo 20

ὅπως – com o verbo καταγάγῃς (você humilha) este é uma cláusula de propósito que segue o aoristo infinitivo articular ἐρωτῆσαι, que também indica propósito.

ὡς – a expressão *como se* (veja v. 15) é o ponto focal na sentença. O particípio singular neutro μέλλον (indo ao) concorda com o substantivo *Sinédrio*.

Versículo 21

μὴ πεισθῇς αὐτοῖς – a proibição negativa está no subjuntivo aoristo passivo: "não se deixe persuadir por eles". O pronome expressa o dativo de agente.

---

23. O comandante chamou dois de seus oficiais e disse, "Prepare duzentos soldados, setenta cavaleiros e duzentos lanceiros para irem a Cesaréia às nove horas desta noite. 24. Providencie cavalos, de modo que Paulo possa cavalgar e você possa levá-lo com segurança ao governador Félix". 25. Ele escreveu uma carta nestes termos:

> 26. "Cláudio Lísias ao excelentíssimo governador Félix, saúde. 27. Salvei este homem que havia sido tomado pelos judeus e estava a ponto de ser morto por eles. Fui até eles com minhas tropas porque fiquei sabendo que se trata de um cidadão romano. 28. Querendo saber o motivo das acusações que faziam contra ele, levei-o ao Sinédrio deles. 29. Descobri que ele estava sendo acusado de coisas referentes à lei que os rege, nada, porém, que justificasse morte ou mesmo prisão. 30. Depois de eu haver sido informado de que ia haver uma cilada contra o homem, tratei de enviá-lo imediatamente a você. Também instruí seus acusadores a levarem a você as acusações que fazem contra ele".

31. Então os soldados, conforme lhes foi ordenado, tomaram Paulo e o levaram à noite a Antipátride. 32. De manhã, deixando os cavaleiros para seguirem com Paulo, eles voltaram para a fortaleza. 33. Quando os cavaleiros chegaram a Cesaréia, entregaram a carta ao governador e lhe apresentaram Paulo. 34. Depois de ler a carta, ele perguntou de que província Paulo era. Quando soube que era da Cilícia, 35. disse: "Vou ouvi-lo quando seus acusadores chegarem". E mandou que ele fosse detido sob vigilância no palácio de Herodes.

B. Em Cesaréia

23.23 – 26.32

1. *Transferência de Paulo*

23.23-35

Cláudio Lísias respondia diretamente ao governador Félix, que residia na Cesaréia. Como Paulo era um cidadão romano cuja sua segurança pessoal corria risco em Jerusalém, o comandante sabiamente decidiu transferi-lo para Cesaréia. Ali Félix teria condição de decidir sobe o caso de Paulo.

a. *Ordem*

23.23,24

23. O comandante chamou dois de seus oficiais e disse, "Prepare duzentos soldados, setenta cavaleiros e duzentos lanceiros para irem a Cesaréia às nove horas desta noite. 24. Providencie cavalos, de modo que Paulo possa cavalgar e você possa levá-lo com segurança ao governador Félix".

Nós fizemos as seguintes observações:

a. *Ocasião.* Lucas relata que os judeus fizeram um plano no decurso da manhã e foram ao sumo sacerdote e presbíteros para que o aprovassem. O sobrinho de Paulo presumivelmente ouviu sobre o plano na parte da tarde e correu para a fortaleza. Nessa mesma tarde, o comandante convocou dois centuriões e lhes deu as seguintes instruções: "Às nove horas desta noite, sob o abrigo da escuridão, esteja preparado para ir para Cesaréia com duzentos soldados, setenta cavaleiros e duzentos lanceiros. Leve Paulo a cavalo junto com você e entregue-o em segurança ao governador Félix".

b. *Texto*. A passagem apresenta algumas dificuldades. Em primeiro

lugar, o texto ocidental traz uma versão diferente (as mudanças são dadas em itálico):

> "Prepare soldados para irem a Cesaréia, *cem* da cavalaria e duzentos lanceiros", e *ele ordenou que eles estivessem prontos para partir na terceira hora da noite*. *E ele ordenou aos centuriões* que providenciassem montaria para Paulo e que o levassem *à noite* para Félix o governador; *pois ele temia que os judeus o agarrassem [Paulo] e o matassem, e depois ele incorreria em acusação de ter recebido dinheiro* [ou seja, para permitir que Paulo fosse linchado].[34]

Essa versão indica, primeiro, que a força total consistia de trezentos homens e segundo, a razão para medidas tão extraordinárias tomadas por Cláudio Lísias. Caso os terroristas assassinassem Paulo, o comandante seria tido como responsável e "incorreria em acusação de ter recebido dinheiro" (ou seja, uma propina. O recebimento de propinas tinha causado a perda do posto ao governador Cumanus, o predecessor de Félix, e o próprio Félix esperava que Paulo lhe desse uma propina [24.26]. Mas em vista do limitado apoio dado pelo manuscrito para essa versão os tradutores hesitam em adotá-la.

c. *Interpretação*. Uma dificuldade reside na palavra grega *dexiolaboi*, que literalmente significa "jogando com a [mão?] direita". A palavra ocorre somente aqui e em alguns manuscritos dos séculos 7º e 10º, mas em nenhum outro lugar é encontrada na literatura grega conhecida. Estudiosos têm apresentado muitas sugestões para esclarecer seu significado, mas nenhuma é satisfatória.[35] Os tradutores geralmente dão a versão *lanceiros*, porque a lança era jogada com a mão direita.[36] Outros a traduzem pela palavra "auxiliares" (BJ) ou "tropas de armas leves" (NEB). Seja qual for a tradução, o significado da palavra permanece incerto.

d. *Perguntas*. Por que Cláudio Lísias destacou uma força tão grande para proteger apenas um prisioneiro? Ele não tinha como saber se os quarenta pretensos assassinos tinham alertado os terroristas fora de

34. Metzger, *Textual Commentary*, pp. 488-89.

35. Lake e Cadbury propõem a tradução "cavalos que vão à frente"; *Beginnings*, vol. 4, p. 239. G. D. Kilpatrick sugere "lanceiros da polícia local"; veja seu artigo, "Dexiolaboi", *JTS* 14 (1963): 393-94.

36. Exemplos, KJV, NKJV, NASB, GNB, NIV, SEB, RSV, NAB, *Phillips*, e *Moffatt*.

Jerusalém, e assim queria estar seguro de que sua força era grande o suficiente para que impedir que um grupo de assassinos atacassem. O movimento das tropas romanas era comum o suficiente para que um grande segmento de soldados da cavalaria, bem como lanceiros, pudessem se preparar para partir de Jerusalém sem levantar suspeitas imediatas entre os judeus.

Por que Cláudio ordenou aos seus oficiais para "preparar também cavalos, de modo que Paulo possa cavalgar"? Teria sido permitido aos amigos de Paulo (Lucas e Aristarco), que o acompanharam a Cesaréia, que montassem? Não sabemos. O que nós sabemos é que Aristarco era companheiro de Paulo na ocasião da revolta em Éfeso (19.29), na jornada para Corinto via Macedônia para Jerusalém (20.4) e na viagem para Roma (27.2). Em suas cartas, Paulo o chamou de "companheiro de prisão" (Cl 4.10), e ele enviou saudações (Fm 24).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 23.23,24

Versículo 23

δύο τινάς – a tradução parece ser "um certo dois" em vez de "cerca de dois".[37]

δεξιολάβους – a palavra ocorre aqui e em alguns documentos dos séculos 7º e 10º e tem um significado incerto: "tomando [uma lança] na mão direita". Um soldado levava uma lança na mão direita e um escudo na mão esquerda.[38]

Versículo 24

κτήνη – do verbo κτάομαι (eu possuo), este substantivo se refere à propriedade de uma pessoa sob a forma de lote de animais (cavalos ou burros).

παραστῆσαι – este infinitivo aoristo de παρίστημι (eu forneço; lugar perto de) serve como um imperativo.

διασώσωσι – o verbo composto no subjuntivo aoristo é seguido pela

---

37. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 742.

38. Blass e Debrunner, *Greek Grammar*, nº 119.1; Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 239.

preposição πρός (em direção a) e é diretivo: "leva [Paulo] em segurança a [Félix]", assim protegendo-o de perigos.

b. *Carta*

23.25-30

25. Ele escreveu uma carta nestes termos:

26. "Cláudio Lísias ao excelentíssimo governador Félix, saúde.

Não devemos pensar que Lucas teve acesso direto à correspondência entre um comandante romano e um governador. Conjeturamos que a essência da carta foi passada a Paulo que por sua vez a passou a Lucas.[39] Por essa razão, Lucas prefacia sua paráfrase com as palavras, "ele escreveu uma carta nestes termos".

Cláudio dirige sua carta a "ao excelentíssimo governador Félix". O nome do governador na carta é matéria de disputa; ele poderia ser Tibério Cláudio Félix ou Marco Antônio Félix.[40] A partir dos autores romanos nós ficamos sabendo que Félix e seu irmão, Pallas, eram antigos escravos que alcançaram uma posição de influência no governo romano. Em 52 d.C. o imperador Cláudio indicou Félix para governador da Cesaréia e assim o elevou a um nível ainda mais alto. As indicações existentes são de que seu governo durou sete anos e não foi nada notável. Na verdade, Tácito observou: "[Ele] praticou todo tipo de crueldade e luxúria, exercendo o poder de um rei com os instintos de um escravo".[41] Depois que Félix tinha expulso os seguidores do egípcio (21.38), gangues de forças rebeldes infestavam a zona rural à vontade. Eles saqueavam casas, queimavam vilas e assassinavam líderes. O resultado era um clima de instabilidade social e político, especialmente em Jerusalém.[42]

27. "Salvei este homem que havia sido tomado pelos judeus e

39. Colin J. Hemer especula que "a carta original teria sido lida no tribunal na presença de Paulo". *The Book of Acts in the Setting of Hellenistic History*, org. por Conrad H. Gempf (Tübingen: Mohr, 1989), p. 348.

40. Josefo *Antiquities* 20.7.1 [137]; Tácito *History* 5.9; F. F. Bruce, "The Full Name of Procurator Felix", *JSNT* 1 (1978): 33-36; Colin J. Hemer, "The Name of Felix Again", *JSNT* 31 (1987): 45-49.

41. Tácito *History* 5.9 (LCL).

42. Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 1, pp. 460-65.

estava a ponto de ser morto por eles. Fui até eles com minhas tropas porque fiquei sabendo que se trata de um cidadão romano."

A carta, escrita em excelente grego, é um relatório militar no qual um oficial comandante dá conhecimento ao seu superior de um problema político. Cláudio explica que ele próprio tinha feito todo possível para resolver o problema.(Note-se o uso do pronome *eu*, que em minha tradução ocorre sete vezes em quatro versículos.) Cláudio informa a Félix que como um comandante militar ele ordenou aos soldados para arrancar Paulo dos judeus que estavam a ponto de matá-lo. Ele acrescenta que fez isso porque Paulo lhe dissera que era cidadão romano. Aqui Cláudio se posiciona sob luz favorável, pois na realidade ele não soube do *status* da cidadania de Paulo até ter dado ordens para açoitá-lo. Nós imaginamos que o comandante se abstém de mencionar qualquer fato que possa vir a denegri-lo de qualquer maneira, e entendemos que ele apresenta o relato de maneira condensada. Não devemos necessariamente condenar Cláudio por sombrear a verdade.

28. "Querendo saber o motivo das acusações que faziam contra ele, levei-o ao Sinédrio deles. 29. Descobri que ele estava sendo acusado de coisas referentes à lei que os rege, nada, porém, que justificasse morte ou mesmo prisão."

Em umas poucas sentenças Cláudio descreve a ação seguinte que ele tomou, a saber, apresentar Paulo diante do Sinédrio para se inteirar da causa das acusações que tinham sido feitas contra Paulo. Ele sabiamente se abstém de comentar sobre o procedimento impróprio da assembléia no tribunal do Sinédrio. Em vez disso, meramente resume que a questão legal era relativa a controvérsias sobre a lei judaica.[43] Vendo Paulo como um cidadão romano Cláudio julga que as acusações feitas pelos judeus não justificam morte nem prisão.[44]

30. "Depois de eu haver sido informado de que ia haver uma cilada contra o homem, tratei de enviá-lo imediatamente a você. Também instruí seus acusadores a levarem a você as acusações que fazem contra ele."

43. O texto ocidental aumenta a versão acrescentando a cláusula : "[da lei deles] de Moisés e um certo Jesus".

44. Novamente, o texto ocidental embeleza. No final da sentença adiciona "eu o retirei pela força e com dificuldade".

Cláudio meramente diz que ele soube de uma cilada para matar Paulo e assume que Félix entenderia. Então ele esclarece que os acusadores de Paulo viajariam a Cesaréia para apresentar sua acusação perante o governador. Mediante esse curso de ação, Cláudio Lísias apela para que o governador figure como juiz a favor de um cidadão romano que ele é legalmente obrigado a proteger. Na verdade, o comandante diz a Félix que, em sua opinião Paulo, não é um criminoso e que deveria ser liberto (comparar com 25.11,25; 26.31,32; 28.18).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 23.27 e 30

Versículo 27

μαθών – o particípio aoristo de μανθάνω (eu soube) denota causa: "porque ele era um cidadão romano". Teria Cláudio Lísias distorcido a verdade? C. F. D. Moule sugere que as palavras do comandante "representam um ajuste diplomático dos fatos".[45]

Versículo 30

ἔσεσθαι – este infinitivo futuro de εἰμί (eu sou) depende do particípio aoristo passivo μηνυσθείσης na construção do genitivo absoluto: "depois me foi revelado que ia haver uma cilada".

ἔπεμψα – "eu enviei". Cláudio Lísias usa o aoristo epistolar e considera o ponto de vista do destinatário, que vê a ação no tempo passado.

---

c. *Chegada*

23.31-35

31. Então os soldados, conforme lhes foi ordenado, tomaram Paulo e o levaram à noite a Antipátride. 32. De manhã, deixando os cavaleiros para seguirem com Paulo, eles voltaram para a fortaleza.

Por ordem do comandante, os soldados foram os guardiães de Paulo. Eles marcharam de Jerusalém até Antipátride, 65 quilômetros a noroeste. Quando eles chegaram a Antipátride apenas setenta cavaleiros continuaram escoltando Paulo até a Cesaréia. As tropas retornaram a Jerusalém.

---

45. C. F. D.C. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª. ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 100.

Perguntas têm sido feitas a respeito desse incidente. Por exemplo, a ordem original para os dois centuriões era para aprontar as tropas para levar Paulo em segurança até Cesaréia (v. 23). Mas os soldados vão somente até Antipátride; eles então retornam à fortaleza em Jerusalém e deixam a cavalaria responsável pela escolta de Paulo até Cesaréia. Uma explicação plausível é que Lucas relata uma ordem geral, não detalhes específicos. Além do mais, os setenta cavaleiros levaram Paulo em segurança a Félix na Cesaréia.

Antipátride era um posto militar romano usado para descanso entre Cesaréia e Jerusalém. Herodes o Grande, tinha construído a cidade e a dedicado a seu pai, Antipater.[46] Para Paulo, a viagem de Jerusalém a Cesaréia refazia a rota que ele tinha feito exatamente duas semanas antes (21.15,16).[47] Para os soldados, a excursão a Antipátride era apenas mais um de seus exercícios militares.

33. Quando os cavaleiros chegaram a Cesaréia, entregaram a carta ao governador e lhe apresentaram Paulo.

Nós presumimos que ao chegarem em Antipátride os soldados e Paulo descansaram antes de continuarem suas respectivas viagens no dia seguinte. Antipátride ficava a cerca de quarenta quilômetros da Cesaréia, então Paulo e seus companheiros poderiam chegar a Cesaréia antes do cair da noite. Quando eles chegaram, os oficiais romanos entregaram a carta de Cláudio Lísias ao governador e apresentaram Paulo como sendo a pessoa para a qual a escolta havia sido preparada. A milícia tendo cumprido sua missão voltou ao quartel. Paulo estava agora sob custódia de Félix.

34. Depois de ler a carta, ele perguntou de que província Paulo era. Quando soube que era da Cilícia, 35. disse: "Vou ouvi-lo quando seus acusadores chegarem". E mandou que ele fosse detido sob vigilância no palácio de Herodes.

Félix leu a comunicação de Cláudio Lísias e percebeu que Paulo não era um criminoso ou revoltoso. Félix queria conhecer a história de

46. Josefo *War* 1.21.9 [417]; veja também *Antiquities* 13.15.1 [390]; 16.5.2 [143].

47. Paulo chegou em Jerusalém na sexta-feira antes do Pentecostes, e cerca de duas semanas mais tarde ele foi apresentado perante Félix. Veja o comentário sobre 24.11; veja também Richard B. Rackham, *The Acts of the Apostles: An Exposition*, série Westminster Commentaries (1901; reedição, Grand Rapids: Baker, 1964), pp. 441-42.

Paulo porque ele poderia legalmente enviar Paulo à sua província nativa para julgamento.[48] Quando Paulo lhe informou ser nativo da Cilícia, o governador decidiu julgar Paulo na Cesaréia em lugar de mandá-lo para Tarso. Na ocasião em que Paulo compareceu perante Félix, Ummidius Quadratus era o legado da província da Síria-Cilícia.[49] Nós imaginamos que Félix hesitou em incomodar o legado com um processo trivial. Ele também preferia não antagonizar os líderes judeus obrigando-os a viajar de Jerusalém para a Cilícia.

Félix disse a Paulo que iria dar-lhe um julgamento completo quando seus acusadores chegassem a Cesaréia. Ele esperava que uma delegação de oficiais judeus de Jerusalém estivesse presente na reunião marcada para o tribunal (veja 24.1). Nesse intervalo ele ordenou a seus oficiais que prendessem Paulo no palácio de Herodes, que tinha sido construído por Herodes o Grande, e era a residência do governador.[50] Com base na cidadania romana de Paulo, Félix deveria tê-lo libertado. Em vez disso, porém, ele conservou Paulo sob guarda enquanto esperava pela chegada dos judeus.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 23.31-35

Versículo 31

μὲν ... δέ – estas duas partículas mostram seqüência de ação mais do que contraste: os soldados viajaram até Antipátride e depois retornaram a Jerusalém.

διὰ νυκτός – "durante a noite". A preposição denota que a jornada durou a noite toda (comparar com 5.19; 16.9; 17.10). Sem a preposição o substantivo no caso genitivo geralmente significa "à noite".[51]

Versículos 34,35

ἐκ – esta preposição aqui é uma variação estilística de ἀπό (de).

---

48. A. N. Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law in the New Testament* (1963; reedição, Grand Rapids: Baker, 1978), p. 55.

49. Bruce, *Acts* (texto grego), p. 625.

50. Josefo *Antiquities* 15.9.6 [331].

51. No grego, veja Mateus 2.14; 28.13; Lucas 2.8; João 3.2; 19.39; Atos 9.25.

ποίας – o pronome interrogativo apresenta a qualidade do substantivo e o modifica. Mas neste contexto ele meramente introduz uma pergunta simples e assim especifica lugar.

κελεύσας – embora dado na forma de um particípio aoristo a palavra é traduzida como um verbo finito: "ele ordenou".

Sumário do Capítulo 23

Paulo encara os membros do Sinédrio e começa a se dirigir a eles. Mas depois de uma sentença o sumo sacerdote o interrompe e dá ordem aos ouvintes para bater na boca de Paulo. Paulo reage chamando o sumo sacerdote de parede branqueada, recebe uma reprimenda por esse comentário e pede desculpas. Sabedor de que alguns membros do Sinédrio eram saduceus e outros fariseus, Paulo se declara fariseu e crente na ressurreição dos mortos, uma doutrina que os saduceus se recusam a aceitar. Os fariseus apóiam Paulo e começa uma disputa, com o resultado de que Paulo é quase feito em pedaços. O comandante romano chama seus soldados, que socorrem Paulo e o levam para a fortaleza.

Durante a noite o Senhor aparece a Paulo numa visão e o encoraja com a revelação de que ele deverá pregar o evangelho em Roma. Enquanto isso os judeus planejam assassinar Paulo. Eles pedem ao Sinédrio para apresentar Paulo mais uma vez no tribunal e planejam matá-lo no percurso entre a fortaleza romana e o Sinédrio. O sobrinho de Paulo fica sabendo do plano e o avisa. O menino é levado ao comandante romano e relata que quarenta judeus fizeram um juramento de não comer nem beber coisa alguma até terem matado Paulo. O comandante dá ordens a dois centuriões para aprontarem as tropas para acompanhar Paulo a Cesaréia à noite. Ele escreve uma carta ao governador Félix e a envia com os soldados em sua viagem. Os soldados da infantaria foram somente até Antipátride e depois voltaram a Jerusalém, enquanto a cavalaria seguiu até Cesaréia levando Paulo. Lá chegando, os oficiais entregaram a carta a Félix, que pôs Paulo sob guarda no palácio de Herodes.

24

Em Jerusalém e Cesaréia

Parte 4

24.1-27

ESBOÇO (continuação)

24.1-27	2. Paulo Perante Félix
24.1-4	a. Introdução
24.5-9	b. Acusação
24.10-16	c. Resposta
24.17-21	d. Fatos
24.22-27	e. Adiamentos e Atrasos

Capítulo 24

ATOS 24.1-18

24 1. Cinco dias depois, o sumo sacerdote Ananias desceu a Cesaréia com os anciãos e um advogado chamado Tértulo. Eles apresentaram ao governador as acusações contra Paulo. 2. Quando Paulo foi chamado, Tértulo começou a acusá-lo, dizendo a Félix: "Desde que nós conseguimos, por seu intermédio, uma paz duradoura, e também por sua previsão, as reformas que foram feitas nesta nação, 3. reconhecemos isso com sincera gratidão, de todos os modos e em todos os lugares, excelentíssimo Félix. 4. Entretanto, para não cansá-lo mais, rogo que o senhor tenha a gentileza de nos ouvir por um pouco". 5. "Descobrimos que este homem é um agitador, que promove tumultos entre todos os judeus por todo o mundo. Ele é um líder da seita dos nazarenos. 6. Ele tentou até mesmo profanar o templo, de modo que nós o prendemos." [6b. "E queríamos julgá-lo de acordo com a nossa lei. 7. Mas Lísias, o comandante, apareceu e o arrebatou das nossas mãos com grande violência, 8a. ordenando que os seus acusadores viessem à sua presença.] 8b. Se o senhor descobrir, perguntando a ele mesmo, o que aconteceu, poderá se certificar de tudo o que o estamos acusando." 9. Os judeus também se juntaram à acusação, afirmando que tudo era verdadeiro.

10. Quando o governador assentiu, Paulo replicou: "Sei que o senhor há muito tempo é juiz desta nação, de modo que eu de bom grado faço minha defesa. 11. O senhor poderá verificar que não mais do que doze dias atrás eu subi a Jerusalém para adorar. 12. E que nem no templo, nem nas sinagogas ou na própria cidade, meus acusadores encontraram-me discutindo com alguém ou fazendo tumulto entre o povo. 13. Eles não podem provar ao senhor as acusações que, agora, fazem contra mim. 14. Porém isto eu confesso ao senhor: Eu sirvo o Deus de nossos pais de acordo com o Caminho, que eles chamam de seita, e eu acredito em tudo o que está escrito na lei e nos profetas. 15. Eu tenho a mesma esperança em Deus que estes homens têm: de que certamente haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos. 16. Por isso, sempre me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens. 17. Mas depois de alguns anos, eu voltei a Jerusalém para trazer donativos para meu povo e fazer oferendas. 18. E enquanto eu estava fazendo isso, eles me encontraram já purificado no templo – não num ajuntamento ou

tumulto. 19. Mas alguns dos judeus da província da Ásia estão lá, os quais deveriam se apresentar diante do senhor para me acusar, se é que eles têm alguma coisa contra mim. 20. Ou então que estes homens digam que crime eles encontraram em mim quando do meu comparecimento perante o Sinédrio, 21. a não ser que se trate das palavras que eu gritei enquanto estava entre eles: 'Estou sendo julgado diante de vocês hoje por causa da ressurreição dos mortos'."

22. Mas Félix, que conhecia o Caminho mais acuradamente [do que a maioria das pessoas], adiou a sessão dizendo, "Quando o comandante Lísias descer, decidirei seu caso". 23. Ele ordenou ao oficial que conservasse Paulo sob guarda, mas que lhe permitisse alguma liberdade e que permitisse que seus amigos o servissem. 24. Passados alguns dias, Félix veio com sua esposa, Drusila, que era judia. Mandou chamar Paulo e passou a ouvi-lo falar a respeito da fé em Cristo Jesus. 25. Como Paulo estivesse conversando com eles sobre justiça, domínio próprio e o juízo vindouro, Félix ficou temeroso. "Retire-se agora", ele disse, "chamá-lo-ei quando eu tiver tempo." 26. Ao mesmo tempo, entretanto, ele esperava que Paulo lhe oferecesse um suborno. Assim, mandava chamá-lo com freqüência e falava com ele. 27. Depois de dois anos, Pórcio Festo tornou-se o sucessor de Félix. Mas Félix quis fazer um favor aos judeus, então deixou Paulo na prisão.

---

2. *Paulo Perante Félix*

24.1-27

A apresentação de Paulo perante o Sinédrio não poderia ser chamada de um julgamento bem-sucedido (23.1-11). Mas quando o comandante Cláudio Lísias o enviou a Félix juntamente com uma carta (23.26-30), ele entregou o caso ao governador e pediu-lhe para julgar a pendência.

a. *Introdução*

24.1-4

1. Cinco dias depois, o sumo sacerdote Ananias desceu a Cesaréia com os anciãos e um advogado chamado Tértulo. Eles apresentaram ao governador as acusações contra Paulo.

Lucas escreve como uma testemunha ocular que manteve um registro diário sobre a prisão de Paulo, seu encarceramento e seu julgamento. Note-se a referência a um intervalo de cinco dias antes que o julgamento pudesse ser iniciado. Depois de sua prisão, Paulo passou um dia e meio a dois em Jerusalém antes de ser levado a Cesaréia. Essa viagem levou de um dia e meio a dois. Depois da partida de Paulo, Cláudio Lísias disse aos judeus que apresentassem suas acusações contra

Paulo perante o governador Félix em Cesaréia (23.30). Os líderes se encontraram para formular suas acusações e pediram ao advogado chamado Tértulo para ir com eles e falar por eles no tribunal. Sem demora, eles partiram para Cesaréia. Quando lá chegaram tinham se passado pelo menos cinco dias desde a prisão de Paulo em Jerusalém.[1]

O sumo sacerdote Ananias atribuiu tal importância ao caso de Paulo que ele próprio, o principal chefe dos judeus, decidiu estar presente no julgamento. Além do mais, a prudência o aconselhou a ganhar o favor das autoridades romanas.[2] Alguns dos anciãos, representando o Sinédrio, acompanharam Ananias; nós suspeitamos que esses anciãos em particular apoiavam o ponto de vista dos saduceus. Esses líderes religiosos se abstiveram de apresentar as acusações e contrataram um advogado chamado Tértulo como porta-voz.

O nome *Tértulo* é um diminutivo de Tércio, que significa "terceiro" (comparar com Rm 16.22). Tértulo pode ter sido um judeu nascido e criado na Dispersão.[3] Ele parece ter estudado a lei romana e provavelmente falava latim.

2. Quando Paulo foi chamado, Tértulo começou a acusá-lo, dizendo a Félix: "Desde que nós conseguimos, por seu intermédio, uma paz duradoura, e também por sua previsão, as reformas que foram feitas nesta nação, 3. reconhecemos isso com sincera gratidão, de todos os modos e em todos os lugares, excelentíssimo Félix".

A chegada do sumo sacerdote, acompanhado como estava por um orador e pelos anciãos judeus, causou impressão em Félix. Esses dignitários tinham vindo imediatamente a Cesaréia e desejavam evitar a demora em reunir o tribunal. Assim, o governador os favoreceu e ordenou a um soldado que trouxesse Paulo ao tribunal.

1. Outra tradução é, "Cinco dias mais tarde ... Ananias foi para a Cesaréia" (GNB). Isso significa que cinco dias depois que Paulo chegou na Cesaréia, Ananias apareceu.

2. No tempo de Ananias "reis-constituintes judeus (Herodes da Cálcida e Agripa II)" indicavam o sumo sacerdote, mas em tempos anteriores essa prerrogativa pertencia aos governadores romanos. Veja Emil Schürer, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ (175 B. C. – A.D. 135)*, rev. e org. por Geza Vermes e Fergus Millar, 3 vols. (Edimburgo: Clark, 1973-87), vol. 1, p. 377.

3. John Albert Bengel acha que "parece que ele era italiano." *Gnomon of the New Testament*, org. por Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2, p. 706. F. F. Bruce acha que ele era um helenista. *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary*, 3ª ed. rev. e aum. (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), p. 627.

Ao que tudo indica, Lucas se encontrava presente nessa audiência. Embora ele não ofereça um relato palavra por palavra, ele retrata Tértulo com precisão, por meio de sua retórica floreada. Tértulo primeiramente bajula Félix e depois acusa Paulo de sedição.

a. "Desde que nós, por teu intermédio, conseguimos uma paz duradoura." A administração de Félix, que começara cinco anos antes (52 d.C.), não tinha de modo nenhum se caracterizado por paz duradoura. Félix tinha expulsado um bando de quatro mil judeus liderados por um egípcio que tinha prometido derrubar o governo romano e expulsar a guarnição romana da fortaleza Antônia (veja 21.38). Ele também tinha capturado e crucificado um número incalculável de cidadãos, tanto insurgentes quanto inocentes.[4] Suas ações repressivas causaram uma reação entre os cidadãos judeus que há muito almejavam sua independência de Roma. Rebeldes e assassinos livremente infestavam a zona rural de tal modo que a vida em Israel não era mais segura para pessoa alguma inclinada a promover o governo romano. Apenas as pessoas que tomavam o partido dos romanos elogiavam as medidas brutais do governador Félix. Dentre eles estava o orador Tértulo, cuja adulação descomedida agradou a Félix.

b. "E as reformas que foram feitas nesta nação por sua previdência." Tértulo empregou uma lisonja que nada tinha que ver com a realidade. Ele usou a palavra *providência*, uma expressão teológica que no contexto do Antigo Testamento se refere ao cuidado de Deus por seu povo.[5] Mas o governador não tinha a virtude da previdência. Na verdade, os judeus tinham de se esforçar muito para conseguir mencionar qualquer reforma benéfica que tivesse sido feita por Félix. Sua administração era tão opressiva que Nero o chamou de volta dois anos depois do julgamento de Paulo (comparar com v. 27). Félix deixou a Palestina em tal estado de desordem civil que mais tarde culminou com a guerra judaica. Durante a guerra, Jerusalém e o templo foram destruídos e o sacerdotalismo foi extinto.

c. "Nós reconhecemos isso com sincera gratidão de todos os mo-

4. Josefo *War* 2.13.2 [253]; *Antiquities* 20.8.5 [160]; Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 1, p. 463.

5. Paul Jacobs e Hartmut Krienke, *NIDNTT*, vol. 1, p. 694; Johannes Behm, *TDNT*, vol. 4, pp. 1011-12.

dos e em todos os lugares, excelentíssimo Félix." Lucas dá ao leitor uma amostra da bajulação excessiva com que Tértulo brindou o governador. Os três adjetivos, *sincera*, *de todos os modos* e *em todos os lugares* realçam o efeito. O elogio de Tértulo é imerecido; embora o epíteto *excelentíssimo* seja um título de respeito, a História mostra que Félix nada fez para merecê-lo.

4. "Entretanto, para não cansá-lo mais, rogo que os senhor tenha a gentileza de nos ouvir por um pouco."

Tértulo nota que seus comentários ostensivamente elogiosos estavam cansando o governador. Como um prefácio às acusações que ele estava por fazer, Tértulo apela para a gentileza do governador e implora a ele que o ouça por alguns momentos. A ironia da situação está em que a queixa contra Paulo é tão sem substância que ele tem de fazer uma louvação para dar às acusações a aparência de procedência. Por sua própria admissão, Tértulo tem bem pouco a dizer.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 24.1-4

Versículos 1,2

κατά – neste contexto, a preposição seguida de um substantivo no caso genitivo, significa "contra".

κληθέντος – Lucas emprega um termo legal "intimou". É o particípio passivo aoristo de καλέω (eu chamo) e com o pronome αὐτοῦ forma a construção do genitivo absoluto. A referência é a Paulo.

πολλῆς εἰρήνης – o uso do adjetivo *grande* para modificar a palavra *paz* indica exagero deslavado. O genitivo depende do particípio presente τυγχάνοντες (encontrando, experimentado).

Versículos 3,4

ἀποδεχόμεθα – "nós reconhecemos". No grego o verbo não tem objeto direto, que é suprido pela tradução. Lucas relata todas as inconsistências gramaticais pronunciadas pelo orador.

ἐγκόπτω – "eu incomodo, atrapalho". Este verbo "é entendido pelas versões em sir[íaca] e armê[nia] como significando *a fim de não cansá-lo mais*.[6]

6. Bauer, p. 216.

b. *A Acusação*

24.5-9

Nas poucas sentenças seguintes Tértulo faz três acusações: ele descreve Paulo como um sujeito subversivo, o principal da seita dos nazarenos e um profanador do templo. Ele sugere a Félix investigar por si mesmo para comprovar que essas acusações são verdadeiras.

5. "Descobrimos que este homem é um agitador, que promove tumultos entre todos os judeus por todo o mundo. Ele é um líder da seita dos nazarenos. 6. Ele tentou até mesmo profanar o templo, de modo que nós o prendemos."

Embora Lucas não transcreva o discurso, mesmo assim registrou o grego ruim falado por Tértulo. Uma tradução grosseira da primeira sentença leria, "Visto ser este homem um encrenqueiro que fomenta revoltas entre todos os judeus em todo o mundo". Em resumo, a sentença pede um verbo principal (comparar com o texto grego de Lucas 23.2). Lucas relata os erros gramaticais desse orador com precisão jornalística.[7] Ele quer demonstrar que o orador é incapaz de convencer o tribunal.

A acusação foi feita em três partes:

Primeiro, com desdém, Tértulo se refere a Paulo como "este homem" e o chama de agitador. Em grego, a palavra *loimos* na verdade significa uma pessoa que espalha uma peste. Paulo então, põe em risco o bem comum e deve ser encarcerado ou eliminado completamente. O orador acusa Paulo de promover sedições entre o povo judeu em todo o mundo. Embora a alegação seja exagerada, do ponto de vista do governador é séria. Tértulo caracteriza Paulo como sendo uma pessoa subversiva que coloca em perigo o Estado romano.

Segundo, o orador diz que Paulo é o cabeça da seita dos nazarenos. Na versão, a palavra *nazareno* é geralmente traduzida como "de Nazaré".[8] Os judeus identificavam os cristãos como seguidores de Jesus o

7. James Hope Moulton afirma que "Lucas cruelmente relata o orador *verbatim*". *A Grammar of New Testament Greek*, vol.1, *Prolegomena*, 2a. ed. (Edimburgo: Clark, 1906), p. 224.

8. Dificuldades lingüísticas quanto à ortografia persistem; veja Hans Heinrich Schaeder, *TDNT*, vol. 4, p. 879; Karl Heinrich Rengstorf, *NIDNTT*, vol. 2, pp. 332-34. Somos informados pelos evangelhos que as expressões *Jesus da Galiléia* e *Jesus de Nazaré* são virtual-

nazareno,[9] mas porque Tértulo fala da seita dos Nazarenos? "Conjetura-se que nos tempos pré-cristãos um partido nazoreno de judeus sectários era conhecido por observar rígidas regras ascéticas de conduta. Talvez esse partido fosse chamado desdenhosamente pelo nome de *Nazoraioi* pelos judeus ortodoxos que, nos tempos pré-cristãos aplicaram esse termo, por desrespeito, desconhecimento ou ignorância, à nova seita cristã.[10] Tértulo tentou retratar a chamada seita nazarena como sendo um partido político, mas ele fracassou porque Félix tinha conhecimento da fé cristã (v. 22).

Terceiro, Tértulo diz que Paulo tentou profanar o templo, "nós o prendemos". No máximo, a afirmação é uma meia-verdade porque os judeus estavam tentando matar Paulo quando eles o agarraram no templo (21.27,30).

[6b. "E queríamos julgá-lo de acordo com a nossa lei. 7. Mas Lísias, o comandante, apareceu e o arrebatou das nossas mãos com grande violência, 8a. ordenando que os seus acusadores viessem à sua presença."]

Considere-se estes dois pontos:

a. *Texto*. Essa passagem, relegada a uma nota de rodapé em muitas versões,[11] não se encontra na maioria dos manuscritos mais importantes. Com o apoio de manuscritos menos importantes no texto ocidental, encontra-se incluso em algumas versões.[12] A interpretação do versículo 8 ("Se o senhor descobrir, conversando com ele mesmo, o que aconteceu ") depende do que se inclui ou elimina da passagem.[13]

Alguns estudiosos pensam que os versículos teriam sido acrescentados por um escriba para suavizar a transição do versículo 6a para o 8b. Eles não incluem os versículos (veja como exemplo, a NIV) e in-

mente sinônimas (Mt 26.69,71), e na inscrição da cruz de Jesus figurava a palavra Nazaré como referência ao seu lugar de origem (João 19.19). Os judeus, especialmente os de Jerusalém e da Judéia, consideravam a Galiléia como um lugar atrasado e o termo Nazaré como escárnio (veja João 1.46).

9. Em Atos veja 2.22; 3.6; 4.10; 6.14; 22.8; 24.5; 26.9.

10. David H. Wallace, "Nazarene", *ISBE*, vol. 3, p. 500.

11. Veja, por exemplo, RSV, NASB, NEB, GNB, NIV.

12. KJV, NKJV, JB, MLB. O Textus Receptus e a Vulgata também trazem essa versão, mas Arthur L. Farstad e Zane C. Hodges eliminam a passagem. *The Greek Text According to the Majority Text* (Nashville: Nelson, 1982), p. 459.

13. Consultar James Hardy Ropes, "The Text of Acts", *Beginnings*, vol. 3, p. 225.

terpretam a passagem para indicar que Félix ia perguntar a Paulo sobre as acusações feitas pelos judeus.

Contudo, outros estudiosos, incluem a passagem em disputa em suas traduções. Eles alegam que o contexto mais amplo indica que Lísias era a pessoa que seria questionada pelo governador (veja v. 22), e eles pelo menos consideram aceitar a passagem.[14]

b. *Explicação*. A escolha de palavras e a sintaxe da adição ocidental se encaixa na estrutura do discurso de Tértulo; sem a adição o discurso parece se interromper bruscamente depois da frase então *nós o prendemos*.[15] A adição é claramente um protesto contra Lísias; Tértulo reclama ao governador que o comandante tinha ultrapassado sua jurisdição. Os romanos tinham dado autoridade aos judeus para executar qualquer um que profanasse o templo deles. Portanto, ao tirar Paulo do pátio do templo, o comandante tinha claramente violado as prerrogativas dos judeus.

Tértulo continua a expressar sua insatisfação relembrando a Félix da ordem de Cláudio Lísias para que os judeus levassem suas acusações contra Paulo perante o governador (veja 23.30). Se não fosse essa ordem, os judeus não teriam tido de viajar até Cesaréia. As reclamações feitas pelo orador pareciam justificadas.

Uma coisa é dizer que o escriba reparou que havia uma pausa depois da frase *nós o prendemos* e então elaborou uma transição. Mas outra bem diferente é explicar a omissão dessa passagem se ela de fato constava no original.[16] Evidências textuais à parte, a versão ocidental tem um toque de autenticidade. Portanto, eu não quero omitir sua inclusão, mas criteriosamente prefiro colocá-la entre parêntesis.

8b. "Se o senhor descobrir, perguntando a ele mesmo, o que aconteceu, poderá se certificar de tudo o que o estamos acusando." 9. Os judeus também se juntaram à acusação, afirmando que tudo era verdadeiro.

14. Veja Albert C. Clark, *The Acts of the Apostles: A Critical Edition with Introduction and Notes on Selected Passages* (1933; Oxford: Clarendon, 1970), p. x1vii. Consultar também F. F. Bruce, *The Book of the Acts*, ed. rev., série New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), p. 441.

15. Lake e Cadbury afirmam: "Pesando-se os dois conjuntos de argumentos parece haver uma preponderância visível a favor do texto ocidental". *Beginnings*, vol. 4, p. 299.

16. Henry Alford, *Alford's Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, 7ª ed., 4 vols. (1877; Grand Rapids: Guardian, 1976), vol. 2, p. 262.

Sem a adição do ocidental, a sintaxe dita que o pronome *ele* ("Se o senhor descobrir, perguntando para ele mesmo, o que aconteceu") refere-se ao antecedente mais próximo – ou seja, Paulo. Em outras palavras, Tértulo está dizendo a Félix que ele duvida que Paulo vá omitir informação na presença do governador. Ele encoraja Félix a interrogar Paulo e dessa maneira saber se as acusações dos judeus contra ele são genuínas.

Se o acréscimo for aceito como sendo parte do original, o antecedente mais próximo para o pronome *ele* é Lísias. Essa versão concorda com o versículo 22, que diz que Félix suspende a audiência até a chegada de Cláudio Lísias. Portanto, segue-se também que Tértulo intima o governador a investigar as reclamações contra o comandante. Uma dificuldade com esta interpretação é que os judeus estavam interessados em que Félix investigasse as denúncias contra Paulo.[17] Eles queriam também que Félix repreendesse Lísias por interferir nos objetivos deles e usurpar suas prerrogativas. Embora esta interpretação demonstre o ressentimento dos judeus, ela falha em esclarecer o contexto total (v. 22). A evidência textual permanece não conclusiva; por isso, eu a coloquei entre parênteses.

O discurso pronunciado pelo advogado Tértulo revela-se oratória pomposa na abertura mas prova não-conclusiva no final. Ao pedir a Félix que investigasse todas as acusações contra Paulo, Tértulo implicitamente admite a fraqueza da prova apresentada.

Lucas conclui dizendo que Ananias e os anciães apoiaram o discurso de Tértulo. A ironia do incidente é que Ananias, que havia impedido Paulo de falar na assembléia do Sinédrio (23.2), era agora forçado a ouvir a defesa de Paulo.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 24.5 e 8

Versículo 5

εὑρόντες – o particípio ativo aoristo ("encontrando"). Visto que falta

17. Édouard Delebecque argumenta que, com base no contexto maior, a referência deve ser a Paulo. "Saint Paul avec ou sans le tribun Lysias en 58 à Césarée (Actes, XXIV, 6-8)", *RevThom 81* (1981): 426-34.

Com sua concisão característica (comparar com 7.16; 20.24, 32), Lucas condensa os fatos de modo que suas referências tanto a Lísias quanto a Paulo se sobrepõem.

o verbo principal, a sentença é incoerente. Deveria trazer a forma εὕρομεν (nós encontramos).

στάσεις – "tumultos". O Texto Majority traz o singular "dissensão" (NKJV).

Versículo 8

ἀνακρίνας – este particípio ativo aoristo do verbo ἀνακρίνω (eu questiono, examino) denota condição: "Se você descobrir".

---

c. *A Resposta*

24.10-16

Ao relatar os discursos de Tértulo e Paulo, Lucas devota espaço muito maior à defesa de Paulo do que à acusação de Tértulo.

Com sua concisão característica (comparar com 7.16; 20-24,32) Lucas condensa os fatos de maneira que suas referências tanto a Lísias quanto a Paulo se sobrepõem.

Observe que as palavras de respeito de Paulo para com Félix são relativamente breves (meio versículo), enquanto que o elogio de Tértulo é extenso (três versículos).

10. Quando o governador assentiu, Paulo replicou: "Sei que o senhor há muito tempo é juiz desta nação, de modo que eu de bom grado faço minha defesa".

Devemos nos lembrar que Félix recebera uma carta de Cláudio Lísias informando-o sobre diversos fatos. Ele sabia que Paulo era um cidadão romano, que as acusações contra ele diziam respeito a um assunto da lei judaica, que os judeus queriam matar Paulo, e que Paulo nada tinha feito para merecer a pena de morte ou prisão (23.27-29). Ele sabia também que Lísias tinha ficado sabendo de uma trama contra Paulo.

Quando os representantes do Sinédrio se apresentaram perante Félix com um orador que fracassou em fornecer provas conclusivas, o governador se irritou. Com um sinal na direção de Paulo, Félix lhe deu permissão para falar.[18]

---

18. O texto ocidental expande a passagem: "E quando o governador sinalizou para ele *fazer sua própria defesa*, Paulo respondeu; *e assumindo a aparência de um deus*, ele dis-

a. "Sei que o senhor há muitos anos é juiz desta nação." Paulo não elogia Félix, mas meramente apresenta um fato neutro. Ele diz que o governador tem sido juiz por muitos anos, mas omite quaisquer adjetivos qualificativos. Ele ressalta que Félix tem ocupado o posto por muitos anos (Félix sucedeu Cumanus como governador em 52 d.C.).[19] Segundo o historiógrafo romano Tácito, Ventidius Cumanus governou a Galiléia de 48 a 52 d.C. e Félix governou a Samaria (e Judéia) simultaneamente até Cumanus ser deposto em 52 d.C., quando Félix se tornou governador da província da Judéia.[20] Nós sugerimos que a expressão *muitos anos* deve ser tomada literalmente, não retoricamente, para se referir à sua administração na década de 50.

b. "De modo que eu de bom grado faço minha defesa." Paulo deixa implícito que Félix estava acostumado com os processos na Judéia e poderia entender os assuntos relacionados com as diferenças entre o Judaísmo e o Cristianismo. Paulo, portanto, de bom grado começa sua defesa porque ele quer deixar tudo bem claro na presença de um juiz que tem algum conhecimento do Caminho (veja v. 22). Ele confia que Félix será um juiz imparcial.

11. "O senhor poderá verificar que não mais do que doze dias atrás eu subi a Jerusalém para adorar. 12. E que nem no templo, nem nas sinagogas ou na própria cidade, meu acusadores encontraram-me discutindo com alguém ou fazendo tumulto entre o povo."

Logo no início Paulo envolve Félix no julgamento, desafiando-o a verificar que somente doze dias tinham se passado desde que ele chegara em Jerusalém para celebrar a festa dos Pentecostes. Ele convida Félix a perguntar os líderes judeus sobre quando eles o tinham visto pela primeira vez na cidade. Eles se deram conta de que o governador sabia exatamente quando os festivais judaicos aconteciam. Eles tam-

---

se....." Bruce M. Metzger, *A textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª. ed. corrig. (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 491. (As adições estão em itálico).

19. Josefo *War* 2.12.8 [247]; *Antiquities* 20.7.1 [137].

20. Tácito *Annals* 12.54.3; Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 1, p. 459 n. 15. Mas Ernst Haenchen tem sérias dúvidas sobre a precisão do relatório de Tácito. Ele mostra que Félix não foi indicado governador até 52 d.C. *The Acts of the Apostles: A Commentary*, trad. por Bernard Noble e Gerald Shinn (Filadélfia: Westminster, 1971), pp. 68-70.

bém sabiam que Félix mantinha contato constante com o comandante militar em Jerusalém.

a. "Não há mais do que doze dias atrás eu subi a Jerusalém para adorar." Existem duas interpretações para essa frase. Alguns estudiosos acham que o período de doze dias se estendia desde o dia da chegada de Paulo em Jerusalém até o momento de sua defesa perante Félix. Eles assumem que Paulo teria chegado em Jerusalém na sexta-feira antes do Pentecostes e contam este como sendo o primeiro dia. Então no sábado ele teria se encontrado com Tiago e os presbíteros (21.18). No domingo teria se purificado no templo (21.26) e antes da semana de purificação terminar, ele fora preso (21.27). No oitavo dia, sexta-feira, ele comparecera perante o Sinédrio (22.30) e no nono dia (sábado) à tarde fora levado de Jerusalém a Cesaréia, onde ele chegara na segunda-feira, o décimo primeiro dia. Os líderes judeus foram a Cesaréia na terça-feira (décimo segundo dia), e o julgamento perante Félix estava ocorrendo na quarta-feira.[21] A dificuldade com esta interpretação é que se Paulo fora ao templo para purificação no domingo, ele teria sido aspergido com a água da expiação no terceiro dia seguinte, ou seja na terça-feira; e a segunda aspersão teria ocorrido no sétimo dia, sábado. Em resumo Paulo teria ficado em Jerusalém por um período maior do que o aceito pelos estudiosos.

Outros estudiosos consideram o período de doze dias como se referindo ao tempo total que Paulo teria passado em Jerusalém desde sua chegada até sua partida. Seguindo Adolf Schlatter, Ernst Haenchen estende a semana de purificação de Paulo do terceiro ao nono dia e coloca a apresentação de Paulo perante o Sinédrio no décimo dia, e sua transferência para Cesaréia no décimo segundo dia.[22] A dificuldade com esta interpretação é que Paulo menciona o período de doze dias ao governador Félix e não ao sumo sacerdote judeu. O sumo sacerdote Ananias saberia que Paulo tinha ficado doze dias em Jerusalém, mas Félix pensaria que o período teria sido contínuo até o momento que Paulo comparecera perante ele no tribunal.

---

21. Consultar Richard B. Rackham, *The Acts of the Apostles: An Exposition*, série Westminster Commentaries (1901; reedição, Grand Rapids: Baker, 1964), p. 441; Alford, *Alford's Greek Testament*, vol. 2, p. 263.

22. Haenchen, *Acts*,p. 654 n. 2. Bruce adota essa agenda, mas coloca a chegada de Paulo a Cesaréia no dia 12. *Acts* (texto grego), p. 631.

Podemos perceber que é difícil um relato preciso, primeiro porque não sabemos com exatidão quando Paulo foi preso no pátio do templo (21.27) e, segundo, porque parte de um dia era geralmente contado como um dia inteiro. Entretanto, somos inclinados a dizer que a idéia do limite de doze dias à permanência de Paulo em Jerusalém tem seus méritos. Em conclusão, o que Paulo queria dizer é que o tempo que ele havia passado em Jerusalém fora curto.

b. "Nem no templo, nem nas sinagogas e nem na própria cidade." Em vista dos avisos que Paulo recebera quando a caminho de Jerusalém (20.23; 21.4,11) e aos conselhos de Tiago e dos presbíteros quando ele estava na cidade (21.20-24), Paulo evitara aparecer em público. Exceto para tomar as providências para a purificação, ele se mantivera longe do templo. Ele não visitou as sinagogas locais. Em lugar nenhum Paulo criou perturbações públicas ou tumultos. Em vez disso, ele disse, "subi a Jerusalém para adorar". Ele queria se encontrar com os judeus cristãos e fortalecer o vínculo de unidade entre eles e os gentios crentes. Para ele, adorar significava servir a Cristo com seu povo.

c. "[meus acusadores] não me acharam ... discutindo com ninguém, nem tampouco fazendo tumulto no meio do povo." O texto é enfático, como o uso de três negativas sucessivas demonstram: "não .. no templo, nem .. nas sinagogas ou na [nem] cidade". Em sua defesa, Paulo refuta a acusação de que ele é um perturbador da ordem pública que instiga revoltas. Ele declara que essa acusação não tem base.

13. "Eles não podem provar ao senhor as acusações que, agora, fazem contra mim."

Paulo põe Tértulo e os líderes judeus na defensiva desafiando-os a provar, na presença do governador, que ele tivesse instigado levantes em Jerusalém. A lei exigia que uma acusação fosse testemunhada por duas ou mais testemunhas (Dt 17.6; 19.15). Os inimigos de Paulo não tinham nada para apresentar como prova de sua acusação. Por essa razão Paulo se volta da primeira acusação de ser um perturbador da ordem pública (um crime político) à segunda acusação, o de ser um líder da seita nazarena (v. 8; um tema religioso).

14. "Porém isto eu confesso ao senhor: Eu sirvo o Deus de nossos pais de acordo com o Caminho, que eles chamam de seita, e eu acredito em tudo o que está escrito na lei e nos profetas."

A resposta de Paulo ao indiciamento de que ele era um líder cristão é clara: ele admite abertamente a Félix que era cristão. Ele não tem qualquer intenção de esconder esse fato tão importante. Entretanto, Paulo neutraliza a importância da acusação dos judeus ao colocar sua admissão dentro do contexto de servir ao Deus de Israel. Ele queria que o governador soubesse que os seguidores do Caminho davam seqüência ao judaísmo, que era uma religião legal dentro do império romano. Paulo servia ao Deus de seus antepassados judeus e observou que a religião cristã tinha suas raízes na religião dos judeus.

No século 1º o Cristianismo era conhecido como o Caminho. Nós entendemos pelo discurso de Paulo que os crentes se intitulavam seguidores do Caminho.[23] Algumas vezes eles se referiam à sua religião como "o caminho do Senhor" (18.25) ou "o caminho de Deus" (18.26). Seus adversários, entretanto, deram-lhe o nome pejorativo de seita dos *nazarenos*. Para os cristãos, o Caminho era uma maneira de vida. Para seus inimigos judeus era uma heresia.

Paulo coloca *os pingos nos is* quando ele diz que servia "ao Deus de nossos pais [judeus]", "segundo o Caminho, que eles chamam de seita". Ele se identifica com o povo judeu quando usa o pronome pessoal *nossos* (mas, note-se também, que se dirige a Félix, que era casado com Drusila, uma judia [v. 24]). A palavra *pais* é também significativa. Ela indica que Paulo não havia se esquecido dos ensinamentos de seus antepassados físicos e espirituais, pois ele serve ao Deus de Abraão, Isaque e Jacó (comparar com 22.3; 28.17).

De que maneira Paulo serve ao Deus de Israel? "Acreditando em tudo o que está escrito na lei e nos profetas." Em outras palavras, Paulo estava dizendo a Félix que ele se mantinha fiel aos ensinamentos das Escrituras do Antigo Testamento (veja 26.22; 28.23). Ao se referir às duas partes do Antigo Testamento, Paulo se identifica com os judeus, cuja religião, como Félix sabe, era protegida pela lei romana. De modo conclusivo, Paulo prova que embora seja um líder na comunidade cristã, sua atividade não fere a lei romana.

15. "Eu tenho a mesma esperança em Deus que estes homens têm: de que certamente haverá ressurreição, tanto de justos como

23. Atos 9.2; 19.9,23; 22.4; 24.14,22.

de injustos. 16. Por isso, sempre me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens."

Nós fazemos estas observações:

a. *Esperança*. Paulo afirma sem transigir que tem a mesma esperança que seus acusadores têm. Que esperança era essa em Deus? Em resumo, é a doutrina da ressurreição dos mortos. Quando Paulo esteve perante o Sinédrio e o sumo sacerdote Ananias se recusou a dar-lhe uma audiência imparcial, Paulo se defendeu dizendo que pertencia ao partido dos fariseus e que "no tocante à esperança na ressurreição dos mortos" estava sendo julgado (23.6). Na presença de Félix, Paulo retorna ao mesmo tópico: a esperança de Israel, aqui chamada de esperança em Deus. Uma vez mais foi armado o palco para um conflito entre os judeus que aceitavam a doutrina na ressurreição e os que não a aceitavam. Mas como os acusadores de Paulo estavam na presença do governador, eles ficaram quietos.

b. *Ressurreição*. Nos tempos do Antigo Testamento, a doutrina da ressurreição era ensinada (Dn 12.2). Em todo o período intertestamentário e no tempo de Jesus e dos apóstolos, essa doutrina era parte das crenças de Israel.[24] Paulo, assim como os fariseus, ensinou a doutrina da ressurreição, mas os saduceus a rejeitavam.

Em suas epístolas, Paulo expõe sua crença na ressurreição dos mortos: dos justos e dos injustos.[25] (Considere-se que várias cartas de Paulo já haviam sido escritas quando ocorreu esse julgamento e estavam circulando nas igrejas.) Emil Schürer escreve, "Essa idéia nunca foi aceita com unanimidade; muitos continuavam a crer apenas na ressurreição dos justos".[26] No entanto, Jesus ensinou que todos iriam enfrentar julgamento (Mt 25.31-46) e todos os mortos – aqueles que tinham feito o bem e os que tinham feito o mal – ressuscitariam para serem julgados (Jo 5.28-30; veja também Ap 20.12). Coerente com os ensinamentos de Jesus a respeito dessa doutrina, Paulo refere-se à ressurreição do justo e do injusto, seguida do julgamento e da vinda do reino de Cristo (comparar com 2Tm 4.1).

---

24. Veja a bibliografia do período intertestamentário: 2Mb 7.9,14,23,36; 12.43,44; Salmos de Salomão 3.11,12; 10.8; 14.10. E consultar Josefo *War* 2.8.14 [163]; *Antiquities* 18.1.3 [14].

25. Veja 1 Coríntios 15.23-26; 1 Tessalonicenses 4.16,17.

26. Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 2, p. 494.

Para os apóstolos, o ensinamento de Jesus sobre a ressurreição era fundamental para a fé cristã. Tanto Pedro quanto Paulo proclamam esta doutrina em seus sermões e discursos perante audiências judaicas e gentias.[27] A partir desse ensinamento eles deduziram a doutrina geral da ressurreição dos crentes e dos ímpios. O próprio Paulo nutria a firme convicção de que depois de sua partida desta vida seu corpo iria se levantar da morte, ele passaria pelo julgamento e estaria com Cristo eternamente.

c. *Consciência*. "Por isso, também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens." Paulo disse que se esforçava ao máximo para ter uma consciência livre de pecado, sem ofensa e sem culpa.[28] Ele escolhe as mesmas palavras que usou perante o Sinédrio uns poucos dias antes, quando disse, "tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência até ao dia de hoje" (23.1). Ele estava sendo julgado por ensinar a verdade fundamental da ressurreição dos mortos (veja v. 21). Porém sua consciência estava limpa diante de Deus e dos homens porque ele se esforçava ao máximo para fazer a vontade de Deus: proclamar e revelar sua verdade.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 24.10-16

Versículo 10

νεύσαντος – o particípio ativo aoristo de νεύω (eu sinalizo) no caso genitivo é parte da construção do genitivo absoluto. O particípio denota tempo: "Quando o governador fez-lhe um sinal".

ἐκ – com expressões de tempo esta preposição indica um ponto de partida (ou seja, o tempo em que alguma coisa começou): "há muitos anos".[29]

ὄντα – o particípio presente do verbo εἰμί (eu sou) no contexto dá o sentido de tempo perfeito ("você tem sido").

ἀπολογοῦμαι – esta é uma forma verbal reflexiva que é traduzida como "Eu faço minha defesa".

---

27. Atos 2.24,32; 3.15; 4.10; 5.30; 10.40; 13.30,33,34,37; 17.31.

28. Bauer, p. 102; Thayer, p. 70.

29. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 597.

Versículo 11

δυναμένου – o particípio médio presente no caso genitivo forma a construção do genitivo absoluto com o pronome σου (você). O particípio introduz o infinitivo complementar ἐπιγνῶναι (saber, descobrir).

οὐ πλείους – "não mais que." O genitivo de comparação seria normalmente usado no lugar do nominativo. "Mas é uma expressão de comparação e não limitada ao nominativo como tal."[30]

εἰσίν μοι – o pronome é o dativo possessivo; na tradução o verbo *ser* se torna *ter* e o pronome *me* se torna "eu": "eu não tenho mais que doze dias". Uma boa tradução seria. "não mais que doze dias atrás."[31]

προσχυνήσων – este é o particípio futuro ativo do verbo προσκυνέω (eu adoro) e transmite a idéia de propósito.

ἀφ᾽ ἧς – a abreviação de ἀφ᾽ ἡμέρας ᾗ (a partir do dia no qual). O pronome dativo é atraído para o substantivo genitivo e se torna ἧς.

Versículo 14

οὕτως – embora o advérbio signifique "até certo ponto", é totalmente trocado por κατὰ τὴν ὁδόν (segundo o Caminho) e, portanto, não é traduzido. O verbo λατρεύω (eu sirvo) se relaciona com cultos de adoração (comparar com 2Tm 1.3; Hb 12.28).

τῷ πατρῴῳ θεῷ – o adjetivo πατρῴῳ (o antepassado de alguém) requer o pronome possessivo *meu*.

γεγραμμένοις – o particípio perfeito passivo de γράθω (eu escrevo) é um perfeito com estado resultante, isto é, as Escrituras escritas no passado têm validade duradoura.

Versículos 15,16

μέλλειν ἔσεσθαι – ambos os infinitivos expressam o futuro e assim um é redundante. Consultar o comentário sobre 11.28.

ἐν τούτῳ – esta frase preposicional não significa "neste" mas "por essa razão".[32] Tem uma conotação de causa.

---

30. C. F. D.C. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2a. ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 31 n.2.

31. Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other early Christian Literature*, trad. e rev. por Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), nº 189.1.

32. *Ibid*., nº 219.3.

διὰ παντός – veja a explicação em 2.25.

d. *Os Fatos*

24.17-21

Em seu julgamento, Paulo põe em questão três acusações: uma acusação política de que ele seria um agitador e duas alegações religiosas, uma de que ele era um líder da seita dos nazarenos e a outra de que ele teria profanado o templo. Depois de ter definitivamente refutado os dois primeiros indiciamentos, ele começa a invalidar o terceiro.

17. "Mas depois de alguns anos, eu voltei a Jerusalém para trazer donativos para meu povo e fazer oferendas. 18. E enquanto eu estava fazendo isso, eles me encontraram já purificado no templo – não num ajuntamento ou tumulto."

a. "Mas depois de alguns anos, eu voltei a Jerusalém." Paulo afirma que ele tinha ficado fora de Jerusalém por um longo período. Sua última visita à cidade (no final da segunda viagem missionária [18.22]} tinha sido cinco anos antes. Mas se pensarmos em termos da prolongada visita ao Concílio de Jerusalém (15.4), o intervalo chegava a ser de quase dez anos.

b. "Trazer donativos para meu povo." Paulo deixa implícito que sua ausência de Jerusalém não poderia ter contribuído para revoltas. Ao contrário, ele tentara cumprir o mandado apostólico "que nos lembrássemos dos pobres" (Gl 2.10) e de ajudar a todos (Gl 6.10). Assim sendo, ele trouxera uma coleta de donativos financeiras das igrejas dos gentios para os judeus cristãos atingidos pela pobreza em Jerusalém. Em suas epístolas, Paulo faz menção das coletas para essas pessoas;[33] essa é a única referência em Atos da entrega dos donativos que Paulo fez aos cristãos empobrecidos de Jerusalém. Por razões não reveladas, tanto Paulo quanto Lucas se abstêm de fornecer informações adicionais.

c. "E também fazer oferendas." Qual seria o significado da palavra *oferendas*? A palavra em si oferece três interpretações possíveis. A primeira seria de que *oferendas* e *donativos* seriam sinônimos. Paulo dedicava essas doações como agradecimento a Deus dando-as aos pobres (comparar com 2Co 8.19). Uma segunda interpretação seria de que

33. Veja Romanos 15.25-28; 1 Coríntios 16.1-4,15; 2 Coríntios 8.1-4.

Paulo entregou os donativos aos pobres e dessa forma apresentou oferendas de agradecimento a Deus como em resposta a um voto (comparar com 18.18). E a terceira interpretação seria que Paulo não tinha tido intenção de vir a Jerusalém para trazer ofertas, mas a conselho de Tiago e dos presbíteros, ele pagara as despesas dos quatro nazireus (21.26). Visto que Lucas sempre comprimia seus relatos, o termo *oferenda* poderia ser uma forma curta para lembrar o episódio do templo (21.26,27).

d. "Enquanto eu estava fazendo isso, eles me encontraram já purificado no templo." Paulo obviamente se refere ao tempo quando os dias de purificação estavam quase completos (21.27). Paulo menciona esse incidente a Félix para refutar a acusação de Tértulo de que ele tentara profanar o templo.

e. "Não num ajuntamento ou tumulto." Quando os judeus descobriram Paulo no templo, ele se encontrava tranqüila e reservadamente envolvido num ritual cerimonial. Eles não o encontraram alvoroçando uma multidão nem provocando uma revolta. O sumo sacerdote e seus companheiros podiam dizer que eles próprios não estavam presentes no templo no exato momento da prisão de Paulo, mas que outros teriam trazido o incidente à sua atenção. Justamente por essa razão, Paulo oferece o relato dos fatos em detalhe.

19. "Mas alguns dos judeus da província da Ásia estão lá, os quais deveriam se apresentar diante do senhor para me acusar, se é que eles têm alguma coisa contra mim."

Paulo especifica quem seus antigos acusadores eram: os judeus da província da Ásia. Eles conheciam Paulo de suas viagens e trabalho naquela parte do mundo e depois de viajarem para Jerusalém para o Pentecostes, tinham visto Paulo no templo. Para ser preciso, eles e não Paulo, tinham causado o alvoroço da multidão e instigado a revolta. Se esses judeus da Dispersão tinham qualquer coisa contra ele, eles deveriam tê-lo acusado perante o governador Félix. Mas esses acusadores não estavam presentes. Portanto Paulo agora envolve o sumo sacerdote e os presbíteros no julgamento. Até então eles tinham permanecido em silêncio e deixado o advogado Tértulo falar por eles. Se eles próprios tivessem conhecimento de qualquer crime que Paulo tivesse cometido enquanto eles o questionaram no Sinédrio, que falassem agora.

20. Ou então que estes homens digam que crime eles encontraram em mim quando do meu comparecimento perante o Sinédrio, 21. a não ser que se trate das palavras que eu gritei enquanto estava entre eles: 'Estou sendo julgado diante de vocês hoje por causa da ressurreição dos mortos'".

a. "Ou então que estes homens digam que crime eles encontraram em mim quando do meu comparecimento perante o Sinédrio." Paulo agora desafiava Ananias e seus companheiros a falarem. Mesmo que eles próprios não tivessem testemunhado o incidente no templo, eles estavam presentes no dia seguinte quando Paulo esteve perante o Sinédrio. Eles ouviram as palavras de Paulo e deveriam ser capazes de testificar se eles tinham descoberto qualquer crime que Paulo tivesse cometido. O orador Tértulo presumivelmente não estivera presente na audiência do Sinédrio; agora, perante Félix, o próprio Ananias tinha de testificar sobre se ele achava Paulo culpado. Mas o sumo sacerdote permaneceu em silêncio.

b. "A menos que se trate das palavras que eu gritei enquanto estava entre eles." Paulo pergunta a seus acusadores se ele tinha cometido qualquer crime. Se eles optassem por responder teriam de dizer: não, de modo nenhum!

Mais uma vez Paulo agarra a oportunidade de falar sobre a ressurreição (veja v. 15). Ele prefacia sua observação dizendo que ele gritara uma sentença enquanto estava de pé entre os membros do Sinédrio. O fato de ele usar o verbo *gritar* não deve ser entendido como um pedido de desculpas por comportamento impróprio perante uma corporação eclesiástica. Ao contrário, ele dá uma prova de que a audiência tinha sido tumultuada (veja 23.1-10). Colocado de modo simples, o comentário colocou Ananias, que presidira a audiência, numa posição desfavorável.

c. "Estou sendo julgado diante de vocês hoje por causa da ressurreição dos mortos." Paulo afirmou que quando estava perante o Sinédrio ele pronunciou apenas uma sentença crítica, e ela nada tinha que ver com os interesses políticos dos romanos, mas com questões teológicas dos judeus e cristãos. Isso significa que o ponto de conflito entre Ananias e Paulo era um assunto teológico e devia ser discutido num tribunal eclesiástico judeu. Em resumo, Paulo esperava que o juiz encerrasse o caso, que não era pertinente a um tribunal civil romano e o

libertasse. Em vista do fato de que a doutrina da ressurreição dos mortos era compartilhada por cristãos e fariseus, mas não pelos saduceus, nós entendemos que Paulo aludia à controvérsia bem conhecida entre os saduceus e os fariseus.

Paulo se dirige não apenas a Félix, mas também a Ananias e seus companheiros. Ele diz, "Estou sendo julgado diante de vocês [plural]". Ao usar o pronome vocês no plural em grego, ele obriga Ananias e os presbíteros a falarem sobre um assunto teológico que Félix se recusa a aceitar como prova num tribunal romano.

Note-se que sempre que Paulo tinha oportunidade de mencionar a doutrina da ressurreição ele o fazia. Para ele, essa doutrina era fundamental para a fé cristã e sem temor ele a proclamava por toda parte.

Considerações Práticas em 24.17-21

Em ocasiões diferentes, tanto Pedro quanto Paulo se defenderam no tribunal. Ambos apresentaram ousadamente fatos materiais para provar suas alegações de inocência, ambos mantiveram total controle dos procedimentos, e ambos insistiram com o tribunal para dar-lhes um veredicto favorável. Pedro e João foram a julgamento no Sinédrio depois de curarem um homem coxo na porta do templo (3.1-10), e Pedro falou a verdade abertamente (4.8-12,19,20). Ele mudou o julgamento de uma investigação criminal para um inquérito sobre um ato de misericórdia. Além do mais, ele colocou a ênfase não no homem coxo que fora curado, mas em Jesus o Salvador (4.12; veja também 5.30-32). Muito embora Pedro não tivesse o conhecimento necessário da lei e dos procedimentos dos tribunais, ele respondeu a todas as acusações contra ele. Ele demonstra que o Espírito Santo o guiava na apresentação da verdade.

Paulo também mantém o controle dos procedimentos do tribunal. Na frente de seus acusadores e do governador Félix, ele responde sucintamente a todas as acusações feitas contra a sua pessoa e demonstra que as acusações são infundadas. Nesse julgamento, Paulo introduz a doutrina da ressurreição, que é básica para a fé cristã, duas vezes. A atuação do Espírito Santo permite a Paulo ser seu próprio advogado.

Tanto Pedro como Paulo enfrentaram líderes judeus que professavam servir ao Deus de Israel. Os apóstolos contestaram a mentira e a Satanás, o pai da mentira. Nos dias atuais, homens e mulheres cheios do Espírito

Santo, com habilidade e franqueza promovem o avanço da causa de Cristo por meio da exposição da verdade divina revelada. Eles sabem que em face do erro, a verdade no final triunfará. Sem temor, eles expõem a mentira e se opõem ao pai da mentira. Como Martinho Lutero, referindo-se ao diabo, expressa sucintamente,

Uma palavrinha o derrubará.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 24.17-21

Versículo 17

πλειόνων – o comparativo de πολύς é traduzido como "vários". É comparativo, não positivo ou superlativo, embora signifique "muitos".

ποιήσων – o particípio ativo futuro expressa propósito. A expressão em inglês [e português] é "*dar* esmola", não "*fazer* esmolas".

τὸ ἔθνος – "a nação [judaica]." Paulo emprega este termo em vez de λαός (povo) ao se dirigir a um governador gentio. Com este termo ele inclui os judeus e os judeus cristãos.

Versículo 18

ἐν αἷς – o pronome relativo se relaciona com o substantivo feminino plural προσφοράς (oferendas), que é seu antecedente mais próximo. Alguns manuscritos menos importantes trazem o plural neutro οἷς (dentre as quais [circunstâncias]), que são mais difíceis de explicar e assim merecem ser considerados como sendo a leitura original.

ἡγνισμένον – o particípio perfeito passivo de ἁγνίζω (eu purifico) mostra resultado duradouro. O passivo tem seu agente no caso dativo do substantivo *oferendas*.

Versículo 19

τινὲς ... Ἰουδαῖοι – nesta cláusula o verbo *ser* deve ser fornecido. Sua ausência não indica incoerência.

ἔδει – o imperfeito de δεῖ (é necessário) transmite obrigação moral. Os judeus da Ásia deveriam estar presentes no tribunal.

ἔχοιεν – o optativo na prótase de uma sentença condicional mostra um grau de flexibilidade. "Se eles (realmente) tivessem alguma coisa contra mim (o que eles não têm)".[34]

34. Moule, *Idiom-Book*, p. 150.

Versículos 20,21

ἐπί – "perante". Esta preposição com o caso genitivo ocorre "na linguagem legal".[35] (Veja também 23.30; 25.10). A versão ἐφ᾽ ὑμῶν (perante você) é a preferida pela maioria dos tradutores.[36] Outros seguem a versão de ὑφ᾽ ὑμῶν (por você).[37]

μιᾶς ταύτης φωνῆς – "este único grito." O pronome demonstrativo *este* foi colocado entre o adjetivo numérico *um* e o substantivo *grito* para dar ênfase. ῆς é o genitivo de atração.

---

e. *Adiamento e Atraso*

24.22-27

Depois de Paulo ter-se defendido, Félix explicou que ele iria esperar pela chegada de Cláudio Lísias antes de decidir sobre o caso de Paulo. A defesa de Paulo deveria ter sido suficiente para ele encerrar o caso por falta de prova. Em vez disso, ele adiou a sessão.

22. Mas Félix, que conhecia o Caminho mais acuradamente [do que a maioria das pessoas], adiou a sessão dizendo, "Quando o comandante Lísias descer, decidirei seu caso".

Lucas descreve a propagação do evangelho e relata que o governador Félix tinha bastante conhecimento do Cristianismo. Ele escreve que Félix "conhecia o Caminho mais acuradamente" e eu acrescento a frase *do que a maioria das pessoas*. Lucas não revela o modo pelo qual Félix aprendera a respeito da fé cristã. Possivelmente os crentes de Cesaréia tivessem sido instrumentos de ensino a esse oficial romano sobre as doutrinas da fé. Cerca de duas décadas antes o Espírito Santo tinha sido derramado sobre os gentios na Cesaréia (10.44-46); dentre eles estava Cornélio, um oficial do exército romano. Ou talvez Félix tivesse obtido conhecimento religioso por meio de sua esposa Drusila, que era judia (v. 24), filha de Herodes Agripa I (veja 12.1-23) e irmã de Agripa II (25.13). Tanto Félix como Drusila revelaram interesse na fé cristã, como é evidente pelo seu desejo de ouvir Paulo pregar o evangelho (v. 24).

---

35. Bauer, p. 286.
36. NAB, NASB, NEB, NIV, RSV, BJ, *Moffatt*, e *Phillips*.
37. KJV, NKJV, GNB, MLB.

Lucas fornece uma frase que resume a maneira como Félix concluiu o julgamento. O governador, empregando a tática do adiamento, despediu o sumo sacerdote e os presbíteros e lhes disse que ele iria decidir o caso quando o comandante Lísias chegasse de Jerusalém. Com sua brevidade característica, Lucas escolhe não dar qualquer informação sobre a visita de Lísias.

23. Ele ordenou ao oficial que conservasse Paulo sob guarda, mas que lhe permitisse alguma liberdade e que permitisse que seus amigos o servissem.

O governador não devia ter mantido Paulo em custódia, pois as acusações contra ele não diziam respeito a qualquer ponto da lei romana. Félix talvez desejasse ao mesmo tempo agradar aos judeus e proteger um cidadão romano. Ele deu ordens a um dos guardas para manter Paulo detido, mas dar-lhe uma certa liberdade, como se ele estivesse vivendo em sua própria casa (comparar com 28.30).[38] Félix permitiu que os amigos de Paulo lhe trouxessem comida, bebida e outras coisas para tornar-lhe a vida mais confortável. Os amigos que o visitavam por certo eram membros da igreja de Cesaréia (veja 21.8-14).

Sedes da Missão

Durante sua carreira como missionário, Paulo passou um tempo considerável na Antioquia antes e depois da sua primeira viagem missionária, em Corinto durante sua segunda viagem, e depois em Éfeso. Agora Cesaréia se tornara sua residência. Sob a custódia protetora dos militares romanos, ele tem liberdade para receber amigos. Nós imaginamos que delegações vinham ter com ele de várias igrejas da Palestina, e que Paulo, um missionário experiente, fortalecia esses amigos. Mas Paulo fez mais do que receber amigos. Por exemplo, suas conversas com os soldados que o guardavam eram sem dúvida de teor evangelístico. Nós imaginamos que muitos desses soldados se tornaram crentes; quando eles eram transferidos para outras partes do império romano, eles propagavam o conhecimento de Jesus por toda parte.

É razoável se supor que durante a permanência de dois anos de Paulo

38. Josefo relata que Herodes Agripa I estava preso em Roma por ocasião da morte do imperador Tibério. Ele tinha sido transferido da prisão de um acampamento militar "para a casa onde tinha vivido antes de ser preso". *Antiquities* 18.6.10 [235] (LCL).

na Cesaréia, Lucas tenha se ocupado de coletar dados pertinentes para escrever seus dois livros, o Evangelho e Atos. Ele recebeu as informações de "testemunhas oculares e ministros da palavra" (Lc 1.2) em Jerusalém, na Judéia, na Samaria e na Galiléia. Além disso, ele teve muito tempo disponível para escrever esses livros. Ele provavelmente completou o Evangelho durante a prisão de Paulo e o enviou ao mundo greco-romano. Em sua epístola pastoral, escrita depois de sua libertação, Paulo faz referência ao Evangelho de Lucas e o chama de Escritura: "digno é o trabalhador de seu salário" (Lc 10.7, citado em 1Tm 5.18). Paulo, então, tinha conhecimento das atividades literárias de Lucas e usou seus escritos em seus trabalhos missionários.

24. Passados alguns dias, Félix veio com sua esposa, Drusila, que era judia. Mandou chamar Paulo e passou a ouvi-lo falar a respeito da fé em Cristo Jesus.

Entre os primeiros a ouvir Paulo estavam o governador Félix e sua esposa, Drusila. Eles foram ouvir o evangelho que Lucas descreve como objetiva "fé em Jesus Cristo". Lucas não dá nenhuma indicação sobre se o governador e sua esposa demonstraram fé subjetiva.

A expressão *veio* não precisa ser interpretada como se Félix tivesse retornado a Cesaréia depois de ter-se ausentado. Em vez disso, nesse contexto significa que tanto Félix quanto Drusila deixaram a mansão do governador e foram até o local onde Paulo estava sendo mantido sob custódia. O governador ordenou ao oficial militar que trouxesse Paulo à sua presença. Então, tranqüilamente, ele e sua esposa ouviram Paulo pregar o evangelho.

Esse casal, interessado em aprender mais sobre o Caminho, tinha uma história marital marcada pela promiscuidade. O historiógrafo Suetônio relata que Drusila era a terceira mulher de Félix.[39] De forma semelhante, Drusila tinha também tido sua cota de maridos. Nascida em Roma, Drusila fora trazida por seu pai para a Cesaréia onde ela passou sua infância.[40] Aos 6 anos de idade Drusila foi prometida em casamento a Epífanes, filho do Rei Antíoco de Comagene.[41] Mas Epífanes se recusou a se submeter ao ritual de circuncisão judeu e por isso

39. Suetônio *Claudius* 28.
40. Herodes Agripa I erigiu uma estátua dela em Cesaréia. Josefo *Antiquities* 19.9.1 [357].
41. Josefo *Antiquities* 19.9.1 [354-55].

o casamento nunca se consumou. Quando Drusila tinha 14 anos de idade, seu irmão Agripa II, deu-a em casamento ao rei Azizo de Emesa no norte da Síria; entretanto, Drusila o deixou para se tornar a esposa de Félix.[42] Por um intermediário, o governador prometeu a Drusila uma vida de felicidade, que ela não tinha na corte de Azizo.[43] Ao se casar com Félix, a judia Drusila desafiou a lei do Antigo Testamento que a proibia de se casar com um gentio. Mesmo assim ela estava suficientemente interessada para ir até Paulo e ouvi-lo pregar o evangelho de Jesus Cristo.

O texto ocidental indica que Drusila persuadiu Félix a deixá-la ouvir Paulo: "Passados alguns dias, vindo Félix com Drusila, sua mulher, que era judia, *que pediu para ver Paulo e ouvir a palavra. Desejando, portanto, satisfazê-la*, ele mandou chamar Paulo".[44]

25. Como Paulo estivesse conversando com eles sobre justiça, domínio próprio e o juízo vindouro, Félix ficou temeroso. "Retire-se agora", ele disse, "chamá-lo-ei quando eu tiver tempo."

Embora tivesse bastante conhecimento sobre o Caminho, Félix viu a oportunidade de receber informação mais precisa sobre o Cristianismo por um de seus líderes. Drusila, familiarizada com os ensinamentos das Escrituras e das tradições judaicas, também queria ouvir os ensinamentos da fé cristã. Ambos, marido e mulher, sentiam-se atraídos pelo evangelho como uma mariposa pela luz que dissipa as trevas.

Fiel ao costume, Paulo prega o evangelho e lhes fala sobre a justiça.[45] Ele usa esse termo em particular 33 vezes em sua carta aos romanos, que ele havia escrito uns poucos meses antes, quando ainda estava em Corinto e antes de ele começar sua jornada a Jerusalém. Em contraste, a palavra justiça ocorre apenas quatro vezes em Atos: Pedro a usa uma vez em seu sermão pregado na Cesaréia (10.35); Paulo chama Elimas de "inimigo de toda a justiça" (13.10), menciona a palavra no

42. Drusila e Félix se casaram em 54 d.C. Consultar Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 1, pp. 461-62.

43. Josefo *Antiquities* 20.7.1-2 [139-43].

44. Metzger, *Textual Commentary*, p. 491 (as adições estão em itálico); Clark, *Acts*, pp. 155, 381.

45. A palavra *dikaiosunē* (justiça) é uma das expressões preferidas de Paulo: ela ocorre num total de 56 vezes em todas as suas epístolas. João a usou sete vezes em seus escritos, Mateus sete vezes, o autor de Hebreus seis vezes, Tiago três vezes e Lucas (em seu Evangelho), uma vez.

seus discurso do Areópago (17.31), e novamente a usa na Cesaréia quando ele pregou para o governador e sua esposa (24.25).

Não devemos pensar que Paulo tenha feito uma conferência sobre teologia abstrata a esse casal. Em vez disso, ele lhes apresentou o evangelho em termos práticos de vida de acordo com os princípios do Caminho. Ou seja, Paulo lhes ensina sobre o certo e errado, as virtudes do domínio próprio e da castidade, e do dia do julgamento inevitável. Ele lhes fala que devem se tornar seguidores de Jesus para poderem andar no Caminho.[46]

Félix e Drusila se sentem desconfortáveis quando Paulo explica a expressão *domínio próprio*.[47] No espelho do ensinamento explícito de Paulo o governador e sua esposa se viram refletidos. E quando o orador acrescenta que eles no final enfrentariam o juízo divino para receber seu veredicto, Félix se enche de medo. Ele próprio tinha sido apontado como juiz de Paulo, mas Paulo lhe informa que o governador deverá aparecer perante o tribunal de Jesus Cristo (10.42; 17.31).

Mas isso tudo era demais para Félix, especialmente uma vez que os ensinamentos de Paulo refletem sobre a conduta moral e ética do governador. Tal como os filósofos atenienses que disseram a Paulo que iriam ouvi-lo novamente em outra ocasião (17.32), Félix encerra o ensinamento de Paulo com uma desculpa amável de que o ouviria novamente assim que pudesse. O governador ficou com medo do julgamento futuro, mas recusou-se a se arrepender dos seus maus caminhos e se voltar para a fé em Jesus.

26. Ao mesmo tempo, entretanto, ele esperava que Paulo lhe oferecesse um suborno. Assim, mandava chamá-lo com freqüência e falava com ele.

Félix manteve Paulo numa cela porque ele esperava receber uma propina do seu prisioneiro.[48] A prática de manter prisioneiros em celas

46. Consultar J. Pathrapankal, "Christianity as a Way", em *Les Actes des Apôtres: Traditions, Rédaction, Théologie*, org. por J. Kremer, Bibliotheca Ephemeridium Theologicarum Lovaniensium 48 (Louvain: Louvain University Press, 1979), pp. 537-38.

47. A bibliografia revela que a palavra freqüentemente denotava pureza sexual que é mantida pelo exercício do autocontrole. Veja, por exemplo, 1 Coríntios 7.9 (o verbo *controlar*); Gálatas 5.23; Policarpo aos Filipenses 4.2; Testamento de Naftali 8.8.

48. A KJV e a NKJV, seguindo o Texto Majority, trazem uma frase adicional, "que ele podia libertá-lo".

até que pagassem uma propina, embora proibida pela lei romana, era comum.[49]

Nós supomos que quando Félix ouviu Paulo dizer que trouxera donativos financeiros para o povo em Jerusalém (v. 17) sua mente gananciosa imediatamente esquematizou um plano para cobrar pela liberdade de Paulo. Quando numerosos amigos visitaram Paulo para lhe suprirem suas necessidades diárias, Félix se convenceu que eles podiam ajudá-lo a pagar a propina para sua libertação.

Lucas escreve que Félix chamava Paulo com freqüência para conversar. Essa informação indica que a relação entre Félix e Paulo era amigável, mesmo assim essas conversas nunca resultaram em qualquer ação significativa. Félix as usava para preencher seus momentos ociosos, mas Paulo permanecia preso. O governador podia legalmente manter Paulo em custódia porque este não havia exercido seu direito de cidadão romano: apelar para o imperador. Tão logo o apelo fosse feito o governador tinha a obrigação de enviar Paulo sob escolta militar a Roma, onde ele iria a julgamento perante o imperador. Em resumo, Félix estava dentro dos limites da lei.[50]

27. Depois de dois anos, Pórcio Festo tornou-se o sucessor de Félix. Mas Félix quis fazer um favor aos judeus, então deixou Paulo na prisão.

Dois anos mais tarde, o imperador Nero chamou Félix de volta a Roma. A convocação foi motivada pelas condições políticas da Palestina. Félix tinha interferido militarmente quando os habitantes judeus e sírios da Cesaréia começaram a jogar pedras uns nos outros por causa de uma disputa sobre direitos civis. Os soldados mataram um certo número de judeus e prenderam outros, saquearam casas nas quais essas pessoas tinham entesourado quantias substanciais de dinheiro.[51] Como resultado, escreve Josefo, "quando Pórcio Festo foi enviado por Nero como sucessor de Félix, os líderes da comunidade judaica da

49. Albino, o governador que sucedeu a Pórcio Festo (v. 27), em duas ocasiões diferentes libertou prisioneiros que lhe pagaram propina. Josefo *War* 2.14.1 [273]; *Antiquities* 20.9.5 [215].

50. Consultar A. N. Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law in the New Testament* (9163; reedição, Grand Rapids: Baker, 1978), p. 63

51. Josefo *War* 2.13.7 [266-70]; *Antiquities* 20.8.7 [173-78].

Cesaréia foram até Roma para acusarem Félix".[52] Felizmente para Félix, seu irmão bem-colocado, Palas, interveio a favor dele na presença de Nero e conseguiu que fosse exonerado.

Entretanto Lucas escreve, "Félix quis fazer um favor aos judeus, então deixou Paulo preso". A palavra que Lucas usa para "apoio" sugere o sentido de *quid pro quo* (algo em troca de algo).[53] Félix sabia que seria questionado a respeito das perturbações que haviam ocorrido na Cesaréia. Ele queria ganhar o apoio do Sinédrio em Jerusalém conservando Paulo preso e assim contrariar as acusações dos judeus da Cesaréia. O texto ocidental entretanto afirma que Félix manteve Paulo preso "por causa de Drusila". Da mesma maneira que Herodias tinha ódio de João Batista (Mc 6.19), também Drusila detestava Paulo por ter criticado sua vida marital. Ela não podia conseguir que ele fosse morto, mas podia mantê-lo preso.

Palavras, Frases e Construções em grego em 24.22-27

Versículo 22

ἀκριβέστερον o comparativo de ἀκριβῶς (precisamente) pode ser entendido como um superlativo ("muito precisamente"). Entretanto, por causa do objeto de comparação se encontrar implícito no contexto, interpretar o advérbio como um comparativo é aceitável e válido.[54]

εἰδώς – o particípio perfeito ativo de οἶδα (eu sei) dá um sentido de tempo presente e tem um sentido causal.

Versículos 23,24

τηρεῖσθαι – "ser vigiado." Note-se o tempo presente em uma série de quatro infinitivos sucessivos. O Texto Majority adiciona as palavras ἢ προσέρχεσθαι (ou vir a) depois do verbo ὑπηρετεῖν (ser solícito).

ἰδίᾳ – a presença deste adjetivo ("dele próprio") é supérfluo; o artigo definido τῇ é suficiente.

---

52. Josefo *Antiquities* 20.8.9 [182].

53. No grego, a palavra está no plural. Lucas usa a mesma expressão em 25.9, mas no singular.

54. Consultar Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 241.

Versículos 25,26

διαλεγομένου – a construção do genitivo absoluto representa o particípio presente com uma conotação temporal ("enquanto ele estava conversando"). Em contraste, o particípio γενόμενος está no aoristo e revela que o medo de Félix era passageiro. O particípio atributivo ἔχον com τὸ νῦν, que significa "por ora", é difícil de explicar.[55]

πυχνότερον – este advérbio de comparação pode ser interpretado como sendo um superlativo ("muito freqüente ") ou como um comparativo ("mais freqüente").

ἅμα καὶ ἐλπίζων – a combinação do advérbio, conjunção e particípio presente significa "ao mesmo tempo também na expectativa".[56]

Versículo 27

διετίας – "um período de dois anos." O substantivo ocorre apenas duas vezes no Novo Testamento (aqui e em 28.30). O caso genitivo é parte da construção do genitivo absoluto.

δεδεμένον – o particípio passivo perfeito do verbo δέω (eu prendo). O tempo perfeito significa um período grande. O particípio não precisa denotar que Paulo estava em cadeias, pois lhe era dada "certa liberdade" (v. 23). Mas segundo o testemunho do próprio Paulo, ele havia ficado em cadeias durante a administração de Félix (26.29).

Sumário do Capítulo 24

O sumo sacerdote Ananias, juntamente com os anciãos e um advogado chamado Tértulo, vão a Cesaréia para o julgamento de Paulo perante Félix. Tértulo elogia o governador e agradece a ele pelas mudanças que efetuou na nação. Depois, registra as suas acusações contra Paulo qualificando-o de agitador, líder da seita dos nazarenos e profanador de templo.

Paulo responde negando que tivesse instigado a multidão tanto na sinagoga quanto em outro lugar em Jerusalém. Ele declara que adora o Deus de Israel, concorda com os ensinamentos das Escrituras e crê na ressurreição dos mortos. Ele informa a Félix que tinha ido a Jerusalém

55. Moule, *Idiom-Book*, p. 160.
56. Blass e Debrunner, *Greek Grammar*, nº 425.2.

para levar donativos aos pobres e apresentar oferendas. Ele diz que se os judeus da província da Ásia, que estavam ausentes, ou a delegação de Jerusalém têm qualquer acusação contra ele, deveriam de expô-las perante Félix.

Félix encerra a sessão e anuncia que tomará uma decisão quando o comandante militar Lísias chegar. Ele ordena que Paulo seja mantido sob custódia, mas tem liberdade para receber amigos.

Félix e Drusila visitam Paulo com o objetivo de ouvi-lo pregar sobre a fé cristã. Quando Paulo discute justiça, domínio próprio e o juízo, Félix encerra a reunião dizendo que o chamaria em outra ocasião. Ele chama Paulo com freqüência, mas espera receber uma propina dele. Depois de um período de dois anos, Félix é sucedido por Pórcio Festo e Paulo permanece preso.

25

Em Jerusalém e Cesaréia

Parte 5

25.1-27

ESBOÇO (continuação)

25.1-12	3. Paulo Perante Festo
25.1-5	a. Em Jerusalém
25.6-8	b. Em Cesaréia
25.9-12	c. O Apelo
25.13-27	4. Paulo e Agripa II
25.13,14a	a. Os Visitantes são Identificados
25.14b-22	b. A Explicação do Problema
25.23-27	c. A Apresentação de Paulo

Capítulo 25

ATOS 25.1-12

25 1. Então Festo, três dias depois de chegar à província, subiu de Cesaréia para Jerusalém. 2. Lá, os principais sacerdotes e os líderes dos judeus apresentaram-se a ele e fizeram queixas contra Paulo. 3. Eles pediam que ele os favorecesse, e não a Paulo, isto é, que Festo chamasse Paulo a Jerusalém; enquanto isso, eles estavam armando uma cilada para o matarem na estrada. 4. Festo respondeu, "Paulo está detido em Cesaréia e eu mesmo devo ir logo para lá. 5. Portanto, que alguns de seus líderes me acompanhem, e se eles encontrarem alguma coisa moralmente errada nesse homem, que o acusem".

6. Depois de Festo ter ficado não mais que oito ou dez dias entre eles, ele desceu para Cesaréia. No dia seguinte, tomou seu lugar no tribunal e ordenou que Paulo fosse trazido diante dele. 7. Quando Paulo chegou, os judeus que tinham vindo de Jerusalém rodearam-no e fizeram muitas e sérias acusações contra ele, as quais eles não podiam provar. 8. Então Paulo defendeu-se: "Não cometi nenhum pecado contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César".

9. Mas Festo, querendo fazer um favor aos judeus, perguntou a Paulo, "Você está disposto a subir para Jerusalém e ser julgado ali diante de mim a respeito dessas coisas?" 10. Paulo, entretanto, disse: "Estou agora perante o tribunal de César, onde devo ser julgado. Eu nada fiz de errado contra os judeus, como o senhor sabe muito bem. 11. Se, então, eu tiver praticado algum mal ou crime digno de morte, estou pronto para morrer. Mas se não houver verdade nas acusações desses judeus, então ninguém tem o direito de entregar-me a eles. Eu apelo para César". 12. Então, Festo, depois de conferenciar com seu conselho, disse: "Você apelou para César; para César você irá".

---

3. *Paulo Perante Festo*

25.1-12

Diferente de Félix, um escravo liberto que tinha subido na escala política até se tornar governador, Festo era membro de uma família nobre de Roma. Enquanto Festo tinha sido ambicioso e mau, Festo era

sábio e honesto. Ele herdou de Félix uma nação marcada pela ausência de lei e ordem. Num esforço para restaurar uma aparência de paz e segurança, Festo eliminou os chamados sicários que tinham se tornado cada vez mais audazes no último ano da administração de Félix.[1] Esses sicários eram judeus assassinos que se misturavam no meio da multidão nos dias de festa. Com punhais escondidos em suas vestes, eles matavam seus inimigos e desapareciam. Quando as pessoas se juntavam em volta de um líder caído, os sicário reapareciam, se juntavam aos que choravam e assim escapavam da investigação.[2]

Festo herdou também o problema de determinar a culpa ou a inocência de Paulo, o prisioneiro. Porém, como lhe faltava experiência nos assuntos da religião judaica, Festo foi imediatamente a Jerusalém para aprender sobre a lei, o culto e os costumes judaicos.

a. *Em Jerusalém*

25.1-5

1. Então Festo, três dias depois de chegar à província, subiu de Cesaréia para Jerusalém. 2. Lá, os principais sacerdotes e os líderes dos judeus apresentaram-se a ele e fizeram queixas contra Paulo.

a. *Tempo*. As duas referências de tempo ("três dias" [25.1] e "dois anos" [24.27]) não dão qualquer indicação do ano em que Pórcio Festo foi para a Judéia e nem por quanto tempo ele foi governador. Para encontrar indícios, vamos ver as informações que os historiógrafos fornecem.

O início do governo de Festo não pode ser determinado com precisão porque nós não sabemos exatamente quando Félix foi chamado de volta. Podemos fazer uma estimativa, usando como ponto de partida um comentário feito por Cláudio Lísias. Quando interrogou Paulo, o comandante fez referência a um egípcio que tinha se revoltado contra Roma "algum tempo atrás" (21.38). Esse incidente ocorreu durante o governo de Nero, quando o imperador estava reinando já por algum tempo. A observação de Lísias deve ser interpretada como se referindo

1. Josefo, *Antiquities* 20:8-10 [185-88].
2. Consultar Emil Schürer, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ (175 B. C. – A. D. 135)*, rev. e org. por Geza Vermes e Fergus Millar, 3 vols. (Edimburgo: Clark, 1973-87), vol. 1, p. 463.

a uma época bem posterior à subida de Nero ao trono (13 de outubro de 54 d.C.).[3] E depois de ser detido, Paulo passou dois anos na prisão. Parece que Félix governou a Palestina de 52 a 59 d.C.,[4] e que Nero o chamou de volta em 59. Festo provavelmente teria chegado a Cesaréia em 59 ou 60.

Sabemos que Festo morreu enquanto estava no poder, e que seu sucessor, Albino, foi para a Judéia em 62 d.C. Josefo relata que Albino era governador por ocasião da Festa dos Tabernáculos, no outono desse ano; presumivelmente ele tinha assumido o posto uns poucos meses antes.[5]

b. *Momento*. "Então Festo, três dias depois de chegar à província, subiu de Cesaréia para Jerusalém." Quando Pórcio Festo chegou a Cesaréia, ele sabia que somente os líderes judeus poderiam ajudá-lo a reverter a maré de insatisfação política e social na Judéia. Ele imediatamente viajou a Jerusalém, onde se encontrou com o sumo sacerdote Ismael, filho de Fabi, que tinha sido indicado por Agripa II em 59 d.C.[6] Lucas escreve que os principais sacerdotes e anciãos judeus compareceram perante Festo em Jerusalém, provavelmente na fortaleza Antônia. Mas note-se que ele escreve no plural, *principais sacerdotes*. Embora Ananias tivesse sido deposto, ele continuava a exercer enorme influência entre os judeus. Ele possivelmente estava entre os líderes judeus que informaram a Festo sobre as reclamações do povo. Outros membros da família do sumo sacerdote estavam presentes também (comparar com 4.6).

c. *Acusações*. "[Eles] fizeram queixas contra Paulo." Lucas não está interessado na inquietação política da época mas prefere focalizar atenção nas acusações dos judeus contra Paulo (veja 24.5-8). Embora

3. Josefo, *War* 2.13.5 [261-63]; *Antiquities* 20.8.6 [169-72]. Veja Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 1p. 465 nº 42.

4. Para uma data mais antiga para a partida de Félix da Cesaréia veja Kirsopp Lake, "The Chronology of Acts", *Beginnings*, vol. 5, pp. 464-67. Comparar com J. Hemer, *The Book of Acts in the Setting of Hellenistic History*, org. por Conrad H. Gempf (Tübingen: Mohr, 1989), p. 171.

5. Josefo dá a data como "quatro anos antes da guerra" (*War* 6.5.3 [300]) e "sete anos e cinco meses" antes da destruição de Jerusalém [308] (LCL).

6. Josefo, *Antiquities* 20.8.8 [179]; Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 2, p. 231. Ananias (veja 23.2; 24.1) tinha sido deposto.

dois anos tivessem se passado desde que Paulo se defendera perante Félix (24.10-21,27) os judeus não tinham esquecido suas acusações contra seu inimigo Paulo. Por dois anos, Paulo tinha estado salvo sob custódia dos militares romanos (veja 24.23,27) e não podia ser tocado pelas autoridades judias. Na opinião deles, Paulo representava uma ameaça ao judaísmo e tinha de ser eliminado.

3. Eles pediam que ele os favorecesse, e não a Paulo, isto é, que Festo chamasse Paulo a Jerusalém; enquanto isso, eles estavam armando uma cilada para o matarem na estrada.

a. "Eles pediam que ele os favorecesse, e não a Paulo." Os líderes de Jerusalém entenderam que o novo governador poderia querer libertar Paulo. Se Paulo viajasse para o Ocidente, para Roma e Espanha (veja Rm 15.23,24,28), eles ficariam impossibilitados de eliminá-lo. Então, os principais sacerdotes e anciãos aproveitaram a boa vontade de Festo e lhe pediram repetidas vezes que lhes fizessem o favor de não ouvir qualquer pedido de Paulo. Eles sugeriram que Festo mandasse Paulo a Jerusalém, onde o governador poderia conduzir o julgamento com a presença dos líderes judeus. O pedido deles parecia perfeitamente lógico, porque Festo já se encontrava em Jerusalém. Ele teria apenas de enviar um mensageiro a Cesaréia para buscar Paulo e então julgar se ele era culpado ou inocente das acusações pendentes contra ele.

b. "Enquanto isso, eles estavam armando uma cilada para o matarem na estrada." Lucas acrescenta que os judeus estavam armando uma emboscada para o caso de Festo concordar com o pedido deles. Eles planejavam colocar uma certa quantidade de pessoas em algum lugar entre Cesaréia e Jerusalém; essas pessoas iriam assassinar Paulo e os soldados romanos designados para escoltá-lo (comparar com 23.12,21).

4. Festo respondeu, "Paulo está detido em Cesaréia e eu mesmo devo ir logo para lá. 5. Portanto, que alguns de seus líderes me acompanhem, e se eles encontrarem alguma coisa moralmente errada nesse homem, que o acusem".

Se supusermos que Cláudio Lísias ainda era comandante em Jerusalém, Festo teria recebido dele a informação pertinente sobre Paulo e a trama anterior dos judeus (comparar com 23.12-22). Além do mais, se Lucas pôde escrever sobre os judeus planejando uma nova cilada,

nós presumimos que as notícias desta também haviam chegado até Festo. Como governador romano, ele tinha de garantir a segurança de Paulo e, portanto, recusou o pedido dos judeus.

Além disso, os líderes judeus indiretamente tentaram minar a autoridade de Festo ao tentar fazê-lo mudar sua cadeira de juiz da Cesaréia, onde o governador romano tinha sua residência e quartel-general, para Jerusalém, o centro de influência judaica. Festo reagiu negativamente a essa intromissão ao seu poder e então rejeitou a sugestão da mudança do lugar da audiência. Ele disse que Paulo estava sob custódia na Cesaréia e que ele próprio estaria indo para lá em breve. A recusa de Festo salvou a vida de Paulo, pois na Cesaréia ele não corria perigo de danos físicos. Ali os judeus não tinham como fazer-lhe mal, mas no caminho para Jerusalém ou nessa cidade, Paulo correria risco de vida.

Imediatamente os judeus entenderam que o governador tinha invertido as posições. Em vez de trazer Paulo a Jerusalém, Festo lhes disse, "Que alguns de seus líderes [lit., os poderosos] me acompanhem". Ou seja, que o sumo sacerdote e seus homens fossem a Cesaréia. Normalmente o acusador vai ao tribunal; o juiz e o júri não vão ao acusador.[7]

"E se eles encontrarem alguma coisa moralmente errada com esse homem, que o acusem." Festo deixou claro aos membros da hierarquia judia que ele não tinha conhecimento das leis religiosas deles, mas se eles tinham como provar que Paulo tinha cometido algum crime, ele estaria pronto a julgar o caso. Portanto, ele disse que apresentassem suas acusações.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 25.2-5

Versículo 2

οἱ πρῶτοι – "os homens mais importantes." Esta palavra é um sinônimo para "anciãos" (Lc 19.47; At 28.17).[8]

παρεκάλουν – o tempo imperfeito de παρακαλέω (eu apelo a, rogo, requisito) revela a ação repetida da hierarquia judaica.

---

7. John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. por Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2, p. 710.

8. Josefo *Antiquities* 11.5.3 [141].

Versículo 3

αἰτούμενοι – o tempo presente denota ação persistente e continuada. O verbo αἰτέω (eu peço) está na voz reflexiva, que é o modo comum no Novo Testamento para descrever transações de negócios.[9]

χάριν – no singular (veja 24.27 para o plural), a palavra *favor* revela uma troca *quid pro quo* (algo por algo).

Versículo 4

μὲν οὖν – esta combinação significa o adversativo *entretanto*. O artigo definido e substantivo ὁ Φῆστος (Festo) sinaliza uma mudança no sujeito; a construção indica uma mudança dos oradores.[10]

εἰς – a preposição neste contexto é equivalente a ἐν (em).

Versículo 5

δυνατοί – "poderosos." O adjetivo não se refere à capacidade mas sim à influência e autoridade.[11]

εἴ τί ἐστιν – "se há algo." Note-se que o governador usa o presente indicativo em vez do subjuntivo. O indicativo denota fato e certeza, mas o subjuntivo probabilidade e incerteza.

---

b. Em Cesaréia

25.6-8

Algumas questões merecem atenção. Primeiro, o governador Festo exerce sua autoridade com relação aos judeus. Segundo, os líderes judeus decidem viajar a Cesaréia para apresentar acusações contra Paulo. E por último, Lucas relata que o procedimento judicial reflete pressa.

6. Depois de Festo ter ficado não mais que oito ou dez dias entre eles, ele desceu para Cesaréia. No dia seguinte, tomou seu lugar no tribunal e ordenou que Paulo fosse trazido diante dele.

Lucas descreve os acontecimentos que precedem o julgamento de

---

9. A. T. Robertson, *A Grammar of New Testament Greek in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 805; Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad e rev. por Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), nº 316.2.

10. C. F. D.C. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª edição (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 163.

11. Comparar com Josefo, *War* 1.12.4 [242]; *Antiquities* 14.13.1 [324].

Paulo perante Festo numa base diária. Ele menciona que depois de três dias da chegada de Festo a Cesaréia, ele subiu a Jerusalém (v. 1). Ele ficou ali de oito a dez dias com os líderes judeus (v. 6) e depois retornou a Cesaréia, tendo convocado o tribunal no dia seguinte (v. 6).

Ficamos com a impressão que os líderes judeus acompanharam Festo de Jerusalém a Cesaréia, viagem esta que levou dois dias. Imediatamente no dia seguinte Festo convocou a sessão de tribunal com os dignitários de Jerusalém como acusadores, Paulo como acusado e o governador como juiz (veja a passagem paralela em 22.30).

7. Quando Paulo chegou, os judeus que tinham vindo de Jerusalém rodearam-no e fizeram muitas e sérias acusações contra ele, as quais eles não podiam provar.

O caso perante o tribunal é extraordinário. Dois anos antes Félix tinha ouvido a acusação de Tértulo e a defesa de Paulo, mas não pronunciou o veredicto. Félix deixou o caso sem solução e manteve Paulo preso.

Devido à insistência dos líderes de Jerusalém, Festo concordou em resolver o caso. Ele ordenou a um soldado que buscasse Paulo; quando Paulo apareceu no tribunal ele ficou de pé no meio dos membros do Sinédrio. Essa situação deve ter contribuído para uma atmosfera volátil na sala, pois de repente os judeus se viram lado a lado com seu arquiinimigo, Paulo.

Então Festo deu permissão aos judeus para apresentarem suas acusações, e estas eram numerosas e sérias. Sob interrogatório, contudo, os judeus foram incapazes de provar coisa alguma. Nós suspeitamos que eles repetiram as acusações que tinham apresentado contra Paulo em seu primeiro julgamento perante Félix (24.2-9); mas os judeus da província da Ásia (21.27) não puderam ser convocados como testemunhas oculares depois de um período de dois anos ter-se passado. Conseqüentemente, nenhum dos acusadores de Paulo provou ser testemunha confiável.

Ao ouvir as acusações, Festo logo se deu conta de que Paulo não era nenhum criminoso, mas que as acusações contra ele se relacionavam com as leis e os costumes dos judeus. Ele tinha de julgar um cidadão romano que não tinha ofendido a César em palavra ou ação. Além do mais, ele permitira a um homem que era inocente, ser seu próprio advogado e refutar as alegações dos judeus.

8. Então Paulo defendeu-se: "Não cometi nenhum pecado contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César".

A essa altura, Lucas condensa a defesa de Paulo numa única frase. Embora as acusações fossem muitas e graves, os judeus não puderam trazer outras novas. As alegações eram idênticas àquelas que Tértulo havia feito no primeiro julgamento (24.5,6). O verbo *defender* (no original está no tempo presente) indica que Paulo se defendia repetidamente. Ele refutava as acusações de que tivesse profanado o templo e de que tivesse mostrado desprezo por César. Ao dizer que não tinha pecado, ele afirmava que era inocente de qualquer ofensa contra os judeus, o templo de Jerusalém e a autoridade romana.

A atitude de Paulo para com os romanos era positiva (veja Rm 13.1-7). Nas suas relações com os oficiais que representavam o governo romano, Paulo tinha sempre demonstrado cortesia e respeito. E os romanos sempre mostravam consideração para com Paulo especialmente pelo fato de ele ter reclamado seus direitos como cidadão romano (16.37; 22.25). De qualquer modo, ao ver-se rodeado de judeus furiosos, lançando-lhe insultos e acusações no tribunal de Festo, Paulo sabia que não podia esperar um julgamento justo. O novo governador poderia decidir dar apoio aos judeus para ganhar a simpatia deles.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 25.6-8

Versículos 6,7

ἤ – esta partícula significa "ou" entre as palavras *oito* e *dez*. Ela não deveria ser tomada como parte do comparativo πλείους (mais [do que]) no sentido de "do que".

βήματος – Festo se sentou na cadeira do juiz e desta forma fez da sessão um julgamento oficial em nome do governo romano. Veja Mateus 27.19; João 19.13; Atos 18.12.

αἰτιώματα – "cobrança." Esta palavra ocorre uma vez no Novo Testamento. O termo comum é αἰτία (acusação).

Versículo 8

ἀπολογουμένου – do verbo ἀπολογέομαι (eu faço a minha defesa, defendo-me), como o particípio presente reflexivo mostra, primeiro, ação

contínua; segundo, ação reflexiva, com Paulo atuando como seu próprio advogado; e por último, o caso genitivo como parte da construção do genitivo absoluto. Esta construção é defeituosa; o sujeito na frase subordinada e na frase principal é o mesmo.[12]

c. *O Apelo*

25.9-12

Nesses versículos, Lucas retrata um interessante jogo de poder entre um governador e um cidadão romano. Festo quer agradar aos judeus e ganhar o apoio deles fazendo com que Paulo seja julgado em Jerusalém, mas Paulo, reivindicando seus direitos de cidadania, insiste em ser julgado num tribunal romano, afirma sua inocência e apela para César.

9. Mas Festo, querendo fazer um favor aos judeus, perguntou a Paulo, "Você está disposto a subir para Jerusalém e ser julgado ali diante de mim a respeito dessas coisas?"

a. *Assentimento*. Esse versículo revela que a palavra *favor* é a chave para o entendimento da mudança que houve em Festo. Em Jerusalém ele tinha exercitado seu poder como governador romano recusando fazer aos líderes judeus a cortesia de mudar o local do julgamento de Paulo. Mas quando esses líderes viajaram até a Cesaréia eles o colocaram numa situação de débito. Se ele queria que eles o ajudassem a restaurar a lei e a ordem no país e a restringir o poder dos zelotes, ele teria de fazer um favor a esses líderes. E o favor que os judeus desejavam era julgar Paulo em Jerusalém. Ali eles poderiam acusá-lo de profanar o templo, condená-lo e executá-lo. Os romanos estariam incapacitados de intervir e a cidadania de Paulo de nada valeria.

Festo, contudo, informou a Paulo que em Jerusalém o governador seria o juiz. A questão seria se Festo estaria acompanhado pelo seu próprio conselho (v. 12) ou permitiria que o Sinédrio servisse como seu conselho. Iria ele ouvir tanto os perseguidores judeus como Paulo e fazer um julgamento imparcial? Iria ele servir como um mediador entre os judeus e Paulo?[13]

12. J. de Zwaan listou 95 ocorrências construções do genitivo absoluto em Atos e mostra que vinte destas são defeituosas. "The Use of the Greek Language in Acts", *Beginnings*, vol. 2, p. 42.

13. Uns poucos manuscritos gregos inseriram a conjunção comparativa *ou* para que o

Paulo pesou suas opções e temeu que:

1. Festo usasse os membros do Sinédrio como seu conselho, e dessa forma o processo não teria objetividade;[14]

2. o governador queria estabelecer boas relações com os judeus e, portanto, seria parcial em seu julgamento;

3. se Festo o declarasse inocente e o libertasse, Paulo não mais contaria com o poder militar romano para sua proteção, e assim correria risco de vida nas ruas de Jerusalém e estradas da Judéia;

4. os judeus iriam tramar para matá-lo no caminho de ida ou volta a Jerusalém (9.23,24,29; 20.3,19; 23.12,15,30; 25.3; 2Co 11.26).

Quando o governador pediu a Paulo para viajar para Jerusalém e ser julgado ali, Paulo recusou seu pedido. Paulo prezava sua cidadania romana (veja 22.25-29; 23.27) e buscou a imunidade à perseguição dos judeus da Judéia.

10. Paulo, entretanto, disse: "Estou agora perante o tribunal de César, onde devo ser julgado. Eu nada fiz de errado contra os judeus, como o senhor sabe muito bem".

b. *Imunidade.* Tanto Félix quanto Festo tinham julgado Paulo. Ambos os governadores deveriam tê-lo libertado devido à falta de provas, mas eles queriam o favor dos judeus e mantiveram Paulo preso. Quando Festo sugeriu que Paulo fosse julgado uma terceira vez, perante um tribunal (religioso) em Jerusalém, Paulo imediatamente invocou seus direitos de cidadão romano. Ele chamou a atenção do governador para o fato de que um cidadão romano tinha de ser julgado num tribunal romano.

Paulo demonstrou sua integridade e inocência quando ao chamar a atenção de Festo, lembrou a ele que o governador era um representante de César e portanto tinha de assegurar justiça em favor de um cidadão romano. Paulo forçou Festo a reconhecer sua inocência, a qual o governador já tinha determinado (vs. 4-8). Paulo também tocou na consciência do governador.[15] Quando Paulo disse que ele não tinha causado

texto fique, "e ali ser julgado *ou* perante mim".

14. A. N. Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law in the New Testament* (1963; reedição, Grand Rapids: Baker, 1978), p. 67.

15. Bengel, *Gnomon of the New Testament*, vol. 2, p. 711.

mal algum aos judeus, ele contrastou sua inocência com a tentativa questionável de Festo de mostrar favoritismo aos judeus.

11. "Se, então, eu tiver praticado algum mal ou crime digno de morte, estou pronto para morrer. Mas se não houver verdade nas acusações desses judeus, então ninguém tem o direito de entregar-me a eles. Eu apelo para César."

c. *Inocência*. Paulo francamente afirma que ele é culpado ou inocente. Na presença de Festo, o juiz, ele se coloca sob a lei e diz duas frases paralelas que expressam um fato simples.

Na primeira frase, Paulo diz ao governador que se ele de fato for culpado e tiver cometido algum crime que requer uma sentença de morte, ele se recusa a procurar meios de escapar à execução. Assim ele coloca perante Festo e seu conselho (v. 12) o desafio para que provem sua culpa. A segunda frase não é somente o oposto da primeira mas também especifica que as acusações contra ele foram formuladas pelos judeus. Ele poderia ter feito uma declaração sobre sua integridade, embora Festo tivesse conhecimento de sua inocência. Em vez disso, Paulo afirma o fato simples de sua inocência na forma condicional: "Se não há verdade nas acusações [e o senhor sabe que elas são infundadas], então ninguém tem o direito de entregar-me a eles [os judeus]."

Durante a administração de Félix, Paulo evitou apelar para o imperador romano. Félix não tinha ainda pronunciado uma sentença, mas a qualquer momento poderia declará-lo inocente e libertá-lo. Contudo, quando Félix foi chamado de volta a Roma, e Festo apareceu em cena, Paulo se deu conta de que seu futuro se tornaria precário se o novo governador desejasse agradar aos judeus levando-o a julgamento em Jerusalém. Agora ele tinha de lutar por sua vida e então lança mão de seu último recurso: como cidadão romano ele exerce seu direito de apelar para César.

Quando Paulo declara que ninguém tinha o direito de entregá-lo aos judeus, ele se dirige diretamente a Festo. Nesse ponto nós encontramos uma questão legal que deriva do contexto geral: Festo não tinha autoridade, como também Félix, de dar uma sentença se Paulo tinha direito de apelar para César? Festo claramente admite para Agripa sua inabilidade de formular acusações contra Paulo (v. 27). E Agripa con-

clui que Paulo "bem podia ser solto, se não tivesse apelado para César" (26.32). O contexto revela que o apelo de Paulo impedia o governador de pronunciar um veredicto de inocência, se ele mais tarde decidisse fazê-lo.[16] Em resumo, o apelo para César dava a Paulo um *status* que o colocava acima das perseguições, tanto do Sinédrio em Jerusalém, quanto do tribunal de Festo na Cesaréia.

Com a curta frase *Eu apelo para César*, Paulo desembaraça Festo de seus deveres judiciais para com ele. (Tanto em latim como em grego a frase *Eu apelo para César* consiste de apenas duas palavras: *Cesarem appello* [latim] e *kaisara epikaloumai* [grego]. O verbo grego no reflexivo significa "Eu chamo César em meu favor.)[17] Ao mesmo tempo, Paulo coloca o governador numa posição nada invejável, a de ter de justificar o envio de Paulo a Nero sem acusações específicas. Nero e seus oficiais não veriam com bons olhos um governador que mostrasse tamanha incompetência em julgar as questões triviais. Paulo apelou para César por três razões: primeiro, ele apelou para salvar sua vida; segundo, isso o levaria a Roma, como Jesus lhe havia dito (23.11); e por último, em Roma ele pregaria o evangelho aos membros da corte de Nero (veja Fp 1.13; 4.22) e talvez recebesse reconhecimento oficial para o Cristianismo.[18]

12. Então, Festo, depois de conferenciar com seu conselho, disse: "Você apelou para César; para César você irá".

d. *O Apelo*. Desde o começo do império romano, os cidadãos tinham o direito de apelar para o veredicto do imperador da capital pelos juizes locais. Esse privilégio era limitado aos cidadãos de dentro dos muros de Roma e a uma distância de um quilômetro e meio além deles. Nas províncias, H. J. Cadbury escreve, os governadores não tinham autoridade para julgar e condenar os cidadãos. Com respeito aos casos de pena de morte, os governadores funcionavam não como juizes, mas como acusadores, que apresentavam os casos junto com os cidadãos acusados, ao imperador.[19] Os imperadores romanos concediam esse

16. H. J. Cadbury, "Roman Law and the Trial of Paul", *Beginnings*, vol. 5, pp. 310-11; Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 1, p. 369 n. 76.

17. Consultar Robertson, *Grammar*, p. 809.

18. Veja J. M. Gilchrist, "On What Charge Was St. Paul Brought to Rome?" *ExpT* 78 (1967): 264-66; Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law*, pp. 57-70.

19. Cadbury, "Roman Law and the Trial of Paul", p. 315. O apelo era chamado de *provo-*

direito aos cidadãos. Auxiliados por seus oficiais, eles julgavam os casos com base em suas descrições completas enviadas pelos governadores e advogados. (Paulo exercera seus direitos durante a primeira parte do reinado de Nero [54-62 d.C.], período esse geralmente chamado de a idade de ouro do imperador.)

Quando Festo ouviu Paulo dizer, "Eu apelo para César", ele imediatamente consultou seu conselho. Ao saber que somente casos excepcionais podiam ser enviados ao imperador, e que Paulo não tinha cometido qualquer ofensa contra o estado romano, Festo buscou o conselho dos membros do conselho, do qual faziam parte "tanto altos oficiais de seu tribunal como homens mais jovens que o acompanhavam para ganhar experiência em administração provincial."[20]

Para crédito de Festo, o governador aceitou o apelo de Paulo e concordou em enviá-lo a Roma. Ele resistiu à tentação de enganar Paulo de um jeito ou de outro. Festo manteve sua palavra e dentro de pouco tempo fez os preparativos para Paulo embarcar para a cidade imperial.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 25.9-11

Versículo 9

χάριν – "favor." Note-se a construção semelhante no versículo 24.27, em que a forma χάριτα ocorre. A palavra *favor* predomina neste contexto: como um substantivo nos versículos 3 e 9, e como um verbo (χαρί ζομαι, eu dou como um favor) nos versículos 11 e 16.

θέλεις – este é um verbo no presente simples ("você está disposto?"), porque ele aparece numa sentença interrogativa.[21]

Versículos 10,11

Καισαρός – a palavra César é proeminente neste capítulo (vs. 8,10,11,12,21).

---

catio, que significava o "direito do cidadão de recorrer contra a sentença de um magistrado" (p. 313).

20. F. F. Bruce, *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary*, 3ª edição (rev. e aum.) (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), p. 645.

21. Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 242.

κάλλιον – o advérbio superlativo de καλῶς (bem, certo) é traduzido como "muito bem".

ἀδικῶ – embora em forma presente ("eu estou errado"), este verbo é semelhante ao tempo perfeito, muito parecido com πέπραχα (eu tenho feito). A. T. Robertson define o último verbo como "um perfeito de continuidade interrompida".[22]

13. Passados alguns dias, o rei Agripa e Berenice chegaram a Cesaréia a fim de saudar Festo. 14. Como se demorassem ali alguns dias, Festo expôs ao rei o caso de Paulo. [Festo] disse: "Félix deixou aqui certo homem, um prisioneiro. 15. Quando eu estava em Jerusalém, os principais sacerdotes e os anciãos dos judeus apresentaram queixas contra ele e pediram que ele fosse declarado culpado.16. Eu respondi a eles que não é costume dos romanos condenar quem quer que seja sem que o acusado tenha presentes os seus acusadores e possa defender-se das acusações. 17. Quando os judeus chegaram aqui, eu não adiei a questão, mas no dia seguinte, tomando meu lugar no tribunal, ordenei que o homem fosse trazido. 18. Seus acusadores se levantaram e começaram a acusá-lo, mas de nenhum crime que eu suspeitava. 19. Mas eles somente tinham algumas desavenças com ele a respeito de sua própria religião e a certo morto, Jesus, que Paulo afirma estar vivo. 20. Como eu não sabia como investigar isso, perguntei a Paulo se ele estaria disposto a ir a Jerusalém e lá ser julgado sobre essas questões. 21. Quando Paulo fez seu apelo para que ficasse sob custódia até ser julgado pelo imperador, ordenei que o acusado continuasse detido até que eu o enviasse a César". 22. Então Agripa disse a Festo: "Eu próprio gostaria de ouvir este homem". E Festo respondeu, "Amanhã você o ouvirá".

23. Então, no dia seguinte, Agripa e Berenice entraram no auditório com grande pompa, acompanhados pelos comandantes e dos homens proeminentes da cidade. Festo ordenou que Paulo fosse trazido. 24. Festo disse: "Rei Agripa e todos que estão conosco aqui. Os senhores vêem este homem, por causa de quem todos os judeus apelaram a mim, tanto em Jerusalém como aqui, clamando que ele não deveria viver mais. 25. Porém eu achei que ele nada praticara passível de morte. Desde que ele apelou a César, eu decidi mandá-lo ao imperador. 26. Mas eu não tenho nada definido para escrever sobre ele à Sua Majestade. Portanto, eu o trouxe diante de vocês, especialmente diante do senhor, rei Agripa, de modo que depois da investigação, eu tenha alguma coisa que escrever, 27. porque me parece absurdo remeter um prisioneiro sem indicar as acusações que são feitas contra ele".

4. *Paulo e Agripa*

25.13-27

Festo tinha na sua frente um problema e tanto. Ele sabia que tinha

22. Robertson, *Grammar*, p. 896.

de honrar o apelo de Paulo para César, mas não sabia o que fazer quanto à descrição legal do caso que tinha de enviar para Roma. Ele não tinha como formular uma acusação contra Paulo porque as acusações dos judeus diziam respeito a assuntos religiosos que nada tinham que ver com a lei romana.

Para grande alívio de Festo, o rei Agripa II e Berenice vieram a Cesaréia para uma visita de cortesia. Agripa era descendente de judeus e tinha sido educado em Roma, e era rei de um país. Ele saberia aconselhar Festo de maneira apropriada e ajudá-lo a sair dessa situação embaraçosa.

a. *A identificação dos visitantes*

25.13,14a

13. Passados alguns dias, o rei Agripa e Berenice chegaram a Cesaréia a fim de saudar Festo. 14. Como se demorassem ali alguns dias, Festo expôs ao rei o caso de Paulo.

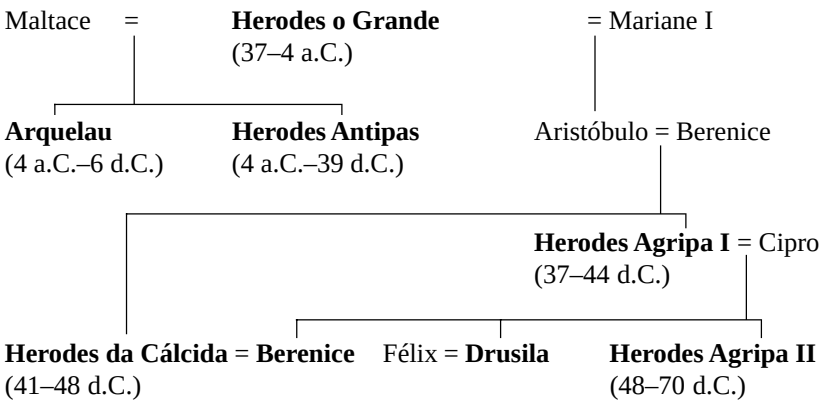
Por alguns dias, Festo esteve meio perdido quanto ao que devia escrever na descrição do caso de Paulo para o imperador. Exatamente nesses dias chegou a Cesaréia o rei Agripa e Berenice para dar as boas-vindas a Festo no seu novo posto como governador da Judéia. Eles chegaram ao palácio do governador Festo e ficaram com ele vários dias. Os dois governantes se tornaram amigos. Festo se deu conta de que Agripa tinha sido treinado na corte de Cláudio e tinha uma excelente compreensão da religião dos judeus. Além do mais, o imperador Cláudio tinha dado a Agripa II a posição de curador do templo de Jerusalém e o direito de indicar os sumo sacerdotes.[23] Depois de uns poucos dias, Festo falou com Agripa sobre seu dilema e pediu-lhe conselho.

Comentários Adicionais sobre Agripa II e a dinastia herodiana

Agripa, Berenice e Drusila eram filhos do rei Herodes Agripa I (veja o mapa genealógico).

---

23. Josefo, *Antiquities* 20.5.2 [103]; 20.9.4, 7 [213, 222-23].



Chave
Números em parênteses se referem aos anos no poder
Negrito indica as pessoas mencionadas no texto
= indica casamento.

Quando Herodes morreu em 44 d.C., Agripa II tinha 17 anos de idade, Berenice 16 e Drusila, 6. Nesse tempo, Agripa II estava em Roma. Ele esperava que o imperador Cláudio lhe desse a coroa de seu pai, mas Cláudio achou que um jovem de 17 anos não tinha maturidade para governar a Palestina, impregnada por interesses religiosos, problemas e conflitos. Em 50 d.C., Cláudio confiou a Agripa o reino da Cálcida (no vale do Líbano), que tinha pertencido ao irmão de Herodes Agripa.[24] Três anos mais tarde, entretanto, Cláudio ofereceu a Agripa II a tetrarquia de Filipos (Batanea, Traconite e Gaulanite), a tetrarquia de Lisanias (Abilene) e o território de Varus (Acra) em troca do reino da Cálcida.[25] No primeiro ano do reinado de Nero (54 d.C.), o imperador deu a Agripa II várias cidades importantes e vilas tanto na Galiléia como na Peréia.[26]

Agripa II, então, governou a metade norte da Palestina. Expandin-

24. Josefo, *War* 2.12.1 [223]; *Antiquities* 20.5.2 [104]; veja também Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 1, pp. 562-63, 571-73.
25. Comparar com Lucas 3.1; veja Josefo, *War* 2.12.8 [247]; *Antiquities* 20.7.1 [138].
26. Josefo, *War* 2.13.2 [252]; *Antiquities* 20.8.4 [159].

do a capital da cidade de Cesaréia de Filipos, ele a rebatizou de Neronias, em honra ao imperador Nero.[27] Embora ele se intitulasse "Grande Rei, sincero Amigo de César, e Amigo de Roma", ele contudo tentava promover a causa judaica. Ele era conhecido como um especialista em costumes e conflitos judaicos (26.3) e era bem versado nas Escrituras em hebraico (26.27). Agripa traçava suas raízes judias à sua bisavó Mariane, a segunda mulher de Herodes o Grande.

Agripa mostrou sua lealdade a Roma ao visitar Festo tão logo ele chegou a Cesaréia. De uma perspectiva moral, entretanto, a presença de sua irmã Berenice era embaraçosa. Com a idade de 13 anos ela tinha se casado com um tio, Herodes da Cálcida, e deu-lhe dois filhos durante os sete anos que duraram seu casamento. Quando Herodes morreu em 48 d.C. Berenice começou a viver com o irmão dela, que se tornou o rei de Cálcida dois anos mais tarde. Berenice desempenhou o papel de rainha enquanto Agripa II permaneceu solteiro. Tanto Josefo como o autor romano Juvenal observam que havia rumores sobre uma relação incestuosa entre os dois.[28] Para calar esses rumores, Berenice se casou com Polemo, o rei da Cilícia, presumivelmente depois de 64 d.C. Mas logo depois ela o abandonou e voltou ao seu irmão.

Agripa e Berenice muito se esforçaram para evitar o derramamento de sangue que resultou da revolta judaica, e que culminou com a queda de Jerusalém em 70 d.C. Ambos, Agripa e Berenice apoiaram o general romano Tito e ficaram em sua companhia. "E quando Tito financiou magníficos jogos, a um elevado custo em Cesaréia de Filipos, para celebrar a conquista de Jerusalém, o rei Agripa estava sem dúvida presente, se regozijando como um romano a derrota de seu povo."[29] Além do mais, Berenice teve um caso amoroso com Tito e esperava que ele se casasse com ela quando eles afinal chegaram a Roma em 75 d.C. Mas como o público se opunha ao casamento, Tito repudiou-a. Agripa, o último membro da dinastia herodiana, morreu em 100 d.C.

Em todos os Evangelhos e no livro de Atos, os escritores das Escrituras registraram a reação que os membros da dinastia de Herodes

27. Josefo, *Antiquities* 20.9.4 [211].

28. Josefo, *Antiquities* 20.7.3 [145]; Juvenal, *Satires* 6.156-60.

29. Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 1, p. 477; veja também Josefo, *War* 7.2.1 [23-24].

mostraram em relação a Cristo e sua causa. Herodes o Grande quis matar o menino Jesus (Mt 2.13,16). Na geração seguinte, seu filho Arquelau governou a Judéia com impiedade forçando José, Maria e o menino Jesus a ir morarem em Nazaré em vez de Belém (Mt 2.22,23). Outro filho, Herodes Antipas, decapitou João Batista (Mt 14.10). Uma geração mais tarde, o neto de Herodes o Grande, o rei Agripa I, matou o apóstolo Tiago e prendeu Pedro (At 12.2). E em Atos 25, Lucas relata a participação do rei Agripa II na investigação do caso de Paulo. Ao contrário de seus predecessores, esse rei teve uma boa atitude com relação ao caso apresentado por Paulo. Ele ouviu o evangelho e a seguir declarou que Paulo devia ser libertado.[30]

Palavras, Frases e Construções em Grego em 25.13,14 a

διαγενομένων- este particípio composto na construção do genitivo absoluto na verdade significa "alguns dias se passaram *entre* (διά)".[31]

ἀσπασάμενοι – o uso deste particípio aoristo é anormal num ambiente que demanda o particípio futuro para expressar propósito ("dar as boas-vindas"). Gramáticos consideram a ação indicada pelo particípio como coincidente com aquela do verbo principal.[32]

κατά – esta preposição com o caso acusativo é mais expressiva do que o mero genitivo da frase *o caso de Paulo*. Ela significa "as coisas pertinentes a Paulo".

---

b. *A Explicação do Problema*
25.14b-22

Presumindo que a conversa entre Festo e Agripa tenha sido particular, nós suspeitamos que Lucas nesse relato apresenta as idéias principais da discussão. "A forma de composição de Lucas é mais de inferências do que baseada em fontes."[33] Não temos como indicar como e

30. Comparar com Richard B. Rackham, *The Acts of the Apostles*, série Westminster Commentaries (1901; reedição, Grand Rapids: Baker, 1964), p. 457-58.

31. Robertson, *Grammar*, p. 580.

32. Blass e Debrunner, *Greek Grammar*, nº 339.1; Moule, *Idiom-Book*, p. 100. Consultar também Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Socities, 1975), p. 492.

33. Hemer, *Book of Acts*, p. 348.

de onde Lucas obteve o teor dessa conversa privada que se passou entre os dois governadores. De qualquer modo, o grego dessa redação é clássico e livre de influências semíticas. Festo fala como um oficial romano culto que se dirige a Agripa num excelente grego.

14 b. [Festo] disse: "Félix deixou aqui certo homem, um prisioneiro. 15. Quando eu estava em Jerusalém, os principais sacerdotes e os anciãos dos judeus apresentaram queixas contra ele e pediram que ele fosse declarado culpado. 16. Eu respondi a eles que não é costume dos romanos condenar quem quer que seja sem que o acusado tenha presentes os seus acusadores e possa defender-se das acusações".

Com o uso do tempo perfeito (em grego), Festo dá a conhecer o fato de que Paulo estava preso havia já um longo tempo. Ele nota que seu predecessor, Félix, tinha deixado Paulo sem uma sentença e que o assunto foi logo em seguida apresentado a Festo quando ele apareceu em Jerusalém. Lá os líderes judeus da hierarquia religiosa informaram-no imediatamente sobre Paulo, a quem eles acusavam de quebrar a lei. Eles exigiram que Festo declarasse Paulo culpado. Festo expressamente afirma que os judeus não estavam lhe pedindo um julgamento para que fosse definida a sentença de Paulo; ao contrário, eles exigiam uma sentença que declarasse Paulo culpado.

Festo relata que ele objetou a esse procedimento claramente, pois como um juiz que representava o imperador romano, ele teria de julgar um cidadão romano de acordo com a prática e as lei romanas. Os judeus queriam que Festo declarasse Paulo culpado, e que o entregasse a eles como um favor. O governador revela sua integridade em sua explicação para Agripa. De acordo com a lei civil romana, ninguém podia ser condenado sem que seu caso fosse ouvido e sem que tivesse a oportunidade de se defender no tribunal.[34]

17. "Quando os judeus chegaram aqui, eu não adiei a questão, mas no dia seguinte, tomando meu lugar no tribunal, ordenei que

34. Perante o Senado romano e Cícero, o senador Piso declarou: "Nossa lei, senadores, requer que o acusado em pessoa ouça a acusação contra ele e seja julgado depois de ter feito sua própria defesa". Apion, *Civil Wars* 3.54 (LCL). Veja também Tácito *Histories* 1.6; Jacques Dupont, *Études sur les Actes des Âpotres*, Lectio Divina 45 (Paris: Cerf, 1967), pp. 527-52.

o homem fosse trazido. 18. Seus acusadores se levantaram e começaram a acusá-lo, mas de nenhum crime que eu suspeitava."

O texto grego parece implicar que os judeus viajaram com Festo para Cesaréia. Quando eles chegaram, o governador imediatamente convocou o tribunal e ordenou que Paulo fosse apresentado perante ele. As circunstâncias de ter a delegação judaica presente e a determinação de Festo de realizar o julgamento contribuíram para evitar qualquer atraso. Sem dúvida Festo pensava que o julgamento de Paulo era de grande importância e queria levar a questão a uma conclusão. Para sua grande surpresa, ele logo se deu conta de que Paulo não era um criminoso que tinha quebrado a lei romana. O governador, indicado para manter a lei civil e punir os criminosos e aqueles que se rebelavam contra Roma, não sabia como julgar as disputas judaicas a respeito de suas questões religiosas. Se Festo queria levar o julgamento de Paulo a uma conclusão satisfatória de uma perspectiva romana, ele teria de declarar Paulo inocente e libertá-lo. Mas o governador, tal como seu predecessor, queria fazer um favor aos judeus e manteve Paulo preso.

19. "Mas eles somente tinham algumas desavenças com ele a respeito de sua própria religião e a certo morto, Jesus, que Paulo afirma estar vivo."

O governador admite sua falta de conhecimento sobre "algumas questões" de conflito relacionadas à religião dos judeus. O governo romano tinha concedido *status* legal à religião dos judeus e mantinha uma política de não-interferência nas leis e práticas religiosas. Mas quando os judeus pediram aos governadores romanos para julgar com base na lei judaica, esses oficiais não puderam atender aos seus pedidos.

Porém, Festo revela pelo menos um conhecimento superficial da disputa dos judeus sobre a ressurreição de Jesus. Embora Festo não identifique Paulo pelo nome, referindo-se a ele apenas como um homem que está preso, no contexto da ressurreição de Jesus ele menciona os nomes de Jesus e de Paulo. Aqui estava o ponto crítico que causava o clamor dos judeus por uma sentença de culpado contra Paulo perante Festo: a ressurreição de Jesus dentre os mortos. Festo informa a Agripa II que o assunto era "a respeito de certo morto, chamado Jesus, que Paulo afirmava estar vivo". João Calvino realça o fato de Festo, um ímpio e adorador de ídolos, ter de julgar Paulo e ser o mediador

na presença dos adversários judeus de Paulo.[35] Em ignorância espiritual o governador teve de julgar sobre a verdade de Deus sobre a ressurreição de Cristo. Entretanto, por causa de seu orgulho pessoal, Festo resolutamente rejeitou o ensinamento de Paulo sobre a morte e ressurreição de Cristo (veja 26.22-24).

20. "Como eu não sabia como investigar isso, perguntei a Paulo se ele estaria disposto a ir a Jerusalém e lá ser julgado sobre essas questões. 21. Quando Paulo fez seu apelo para que ficasse sob custódia até ser julgado pelo imperador, ordenei que o acusado continuasse detido até que eu o enviasse a César."

Com respeito aos assuntos religiosos dos judeus e cristãos, Festo confessa francamente "não saber como fazer". O texto grego mostra que ele usa o pronome pessoal *eu* para indicar que ele próprio não sabe como proceder. O que ele não conta a Agripa é o fato de que ele queria fazer um favor aos judeus mudando o local do julgamento da Cesaréia para Jerusalém (v. 9). Ele diz apenas que perguntara a Paulo se ele aceitaria ser julgado em Jerusalém e baseia seu pedido na sua incapacidade de julgar sobre assuntos religiosos. Sua admissão prediz que Paulo não receberia uma sentença favorável se ele concordasse em viajar para Jerusalém. Mas o visitante real de Festo entende perfeitamente toda a situação e não se surpreende nada ao ouvir o governador dizer que Paulo apelara para César.[36]

Festo informa a Agripa que ele tinha dado ordens de manter Paulo preso sob custódia na Cesaréia até que fossem feitos os preparativos para enviá-lo a Roma. Mas Festo tinha de primeiro compor um documento legal que deveria acompanhar Paulo até o imperador. E ele só poderia enviar Paulo depois de completar um certo número de prisioneiros que deviam ser acompanhados a Roma por um centurião e soldados do regimento imperial (27.1). Enquanto isso Paulo continuaria na Cesaréia.

35. Consultar João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 2, p. 266.

36. Em inglês atual esse título seria o mesmo que "Sua majestade". O orador aparentemente usa vários títulos (sinônimos) para Nero, chamando-o inclusive de César (v. 21) e imperador (vs. 21,25); a palavra *imperador* no texto grego é *Sebastos*, que é o equivalente do latim "Augusto") ou Sua Majestade (v. 26). Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4 p. 312. Consultar Bauer, pp. 745-46; Thayer, p. 572.

22. Então Agripa disse a Festo: "Eu próprio gostaria de ouvir este homem". E Festo respondeu, "Amanhã você o ouvirá".

Festo aguçou a curiosidade de Agripa a respeito de Paulo, pois por intermédio dele poderia ouvir informações diretas sobre os cristãos e sua religião. Nós vemos um paralelo entre Agripa, que deseja encontrar Paulo, e o seu tio-avô, Herodes Antipas, que queria ver Jesus (Lc 9.9; 23.8). Numa ocasião anterior, a irmã de Agripa, Drusila tinha tido a oportunidade de ouvir Paulo apresentar os ensinamentos de Cristo (24.24-26).

Em palavras bem escolhidas Agripa expressa seu desejo de ouvir Paulo. Ele podia ter sido direto em dizer que queria ouvi-lo, mas o tempo do verbo – *gostaria* – indica que houve um pedido delicado ("Eu já estava querendo").[37] A resposta de Festo a esse pedido é curta e direta: "Amanhã ... o ouvirá."

Considerações Históricas em 25.10-21

Quando Roma conquistou Israel em 63 a.C., o governo romano sabiamente deixou intacto o substrato religioso do povo judeu. A religião judaica recebeu um *status* legal, de modo que durante toda a dominação romana os judeus puderam cultuar de acordo com suas leis e seus costumes. Roma deu ainda aos judeus de Jerusalém o direito de impor a pena de morte sobre qualquer não-judeu que entrasse na área do templo que era proibida aos gentios.

Pelo menos nos primeiros trinta anos de sua existência, a igreja cristã foi considerada parte da religião judaica reconhecida pelo estado romano. Mas a grande expansão da igreja, juntamente com a crescente hostilidade dos judeus contra o Cristianismo, causaram uma cisão entre a fé cristã e o judaísmo. Essa divisão não podia ser ignorada pelos romanos, pois ou eles garantiam igualdade de direitos à igreja ou baniam sua existência legal. Os judeus que se opunham violentamente aos cristãos desejavam ardentemente que os romanos banissem a igreja.

Quando Paulo apelou para César na presença do governador Festo, Roma ficou face a face com o Cristianismo. No tribunal de César, Roma finalmente teve de tomar uma decisão com relação à existência da igreja.

---

37. Veja Robertson, *Grammar*, p. 919.

(o apelo de Paulo para César não foi um esforço evangelístico para apresentar o evangelho na cidade imperial. Na verdade, a igreja de Roma já estava prosperando e expandindo muitos anos antes de Paulo compor sua Epístola aos Romanos em 57 d.C.) Embora fosse um prisioneiro, Paulo podia levantar a questão do *status* legal da igreja perante César. Festo não foi capaz de julgar o caso e teve de enviar Paulo ao imperador. Em Roma, Paulo declarou que ele era prisioneiro por causa da esperança de Israel, que consistia da vinda do reino de Deus e seu Messias e da doutrina da ressurreição. Em resumo, Paulo era um prisioneiro em Roma por amor ao evangelho de Cristo. Embora Lucas não forneça qualquer evidência, a tradição afirma que Paulo foi libertado da prisão domiciliar em Roma. Lucas revela que Paulo ousadamente pregava o evangelho sem interferência do estado (comparar com 28.31).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 25.14b-22

Versículos 14b,15

καταλελειμμένος – com o verbo *ser* no tempo presente, esta é uma construção perifrástica ("foi deixado para trás"). O tempo perfeito no particípio denota um efeito duradouro e o uso do composto significa abandono.

οἱ ... οἱ – a aparição de dois artigos definidos antes de dois substantivos sinaliza dois grupos distintos: os principais sacerdotes e os anciãos.

καταδίκην – "veredicto de culpa." O texto Majority adotou a versão δίκην (julgamento). Em vista da κατ᾽ αὐροῦ (contra ele), entretanto, os estudiosos preferem καταδίκην, um substantivo composto que repete a preposição.

Versículo 16

πρὶν ἤ – esta combinação é comum em grego koiné; em grego ático a forma simples πρίν ocorre. Ambas as formas significam "antes". Aqui e em Lucas 2.26 a combinação é seguida de um verbo finito na construção de um discurso indireto. Os dois optativos ἔχοι (tem) e λάβοι (recebe) denota possibilidades futuras.

Versículos 18,19

ἔφερον – note-se o uso crescente do imperfeito descritivo nos versículos 18-20: "estavam trazendo", "estavam suspeitando", "estava clamando" e "estava pedindo".

πονηρῶν – "dos crimes." Os manuscritos do texto Majority omitem esta palavra talvez com o fim de suavizar a leitura.

δεισιδαιμονίας – no Novo Testamento esta palavra ocorre somente aqui. É usada objetivamente, ou seja, num sentido favorável significa "religião". Veja 17.22 para o uso do adjetivo.

Versículo 20

εἰ βούλοιτο – em lugar do presente indicativo θέλεις (v. 9), Festo usa o optativo ("se ele queria") "para suavizar a força da ordem e conseqüentemente esconder o motivo original para esta pergunta.[38]

---

c. *Paulo é Apresentado*

25.23-27

É razoável supor que quando Festo levou Paulo perante o rei Agripa, Lucas estava presente. Durante a prisão de Paulo, seus amigos tinham permissão para visitá-lo e prover às suas necessidades (24.23); parece improvável que lhes fosse negado acesso a esse acontecimento. Além do mais, as palavras de Festo ("vocês que estão presentes conosco", 25.24) implicam que outras pessoas além da nobreza e dos dignitários convidados estavam presentes.[39] E Lucas havia assistido aos julgamentos anteriores de Paulo. Ele iria querer estar perto de seu amigo nessa ocasião também. Qualquer informação relativa a Paulo que circulasse dentro e ao redor do palácio de Festo teria chegado ao conhecimento de Lucas.

Em toda a sua apresentação, Lucas mostra Paulo como desempenhando um papel de liderança. Ele considera importante não apenas a presença da realeza e exibição do poderio militar e administrativo, mas a serena dignidade de Paulo.

23. Então, no dia seguinte, Agripa e Berenice entraram no auditório com grande pompa, acompanhados pelos comandantes e dos homens proeminentes da cidade. Festo ordenou que Paulo fosse trazido.

Por que Festo convidou a realeza e os dignitários para seu auditó-

---

38. Hanna, *Grammatical Aid*, p. 243.

39. Theodor Zahn, *Die Apostelgeschichte des Lucas*, série Kommentar zum Neuen Testament, 2 vols. (Leipzig: Deichert, 1921), vol. 2, p. 814.

rio? A audiência obviamente não era um julgamento formal, pois Paulo já havia sido julgado antes perante Festo e seus acusadores tinham regressado a Jerusalém. Além do mais, a reunião não aconteceu no tribunal (v. 6) mas na sala de audiência do governador.[40] E para ser preciso, a essa altura, o apelo de Paulo para César impedia qualquer julgamento.

Contudo, Festo não tinha finalizado seu trabalho no caso de Paulo. Ele era obrigado a escrever um documento legal para benefício de Nero, mas Festo publicamente admitira sua perplexidade (v. 27). Por essa razão, o governador convocava Agripa e Berenice, oficiais militares e oficiais da cidade para dar-lhe conselho (v. 26) sobre como redigir sua justificação para enviar Paulo a Roma. No cerne da questão estava o evangelho que Paulo afinal apresentara.

Alguns estudiosos têm questionado a historicidade do comentário de Lucas sobre a pompa. Hans Conzelmann escreve, "A exibição de ostentação é criação de Lucas e não tem base histórica".[41] Mas a historicidade do relato de Lucas certamente que não está em debate. O que se passou foi uma tentativa de Festo de honrar o rei Agripa. O governador deu a Agripa ocasião de exibir seu poderio real; deu-lhe a honra da cadeira do juiz para que assim o rei pudesse dar permissão a Paulo de falar (26.1); deixou que o rei fosse o primeiro a se levantar (26.30); e deu-lhe o privilégio de fazer a declaração final no caso de Paulo (26.32).[42]

O rei Agripa II se vestia com roupas requintadas, tal como seu pai Herodes Agripa se paramentava com trajo real (12.21). Para impressionar o governador Festo e as outras pessoas importantes, Agripa II exibia sua realeza pelas roupas que trajava na ocasião. Berenice, embora não fosse a rainha, fazia o mesmo. E os oficiais de alto escalão do exército romano, cinco ao todo,[43] foram à audiência em seus uniformes

40. Bauer, p. 33.

41. Hans Conzelmann, *Acts of the Apostles*, trad. por James Limburg, A. Thomas Kraabel e Donald H. Juel (1963; Filadélfia: Fortress, 1987), p. 207. E Ernst Haechen afirma: "Qualquer um que ... imagina que tal apresentação seja um relato histórico confiável ... deve forçosamente fazer uma revisão de sua capacidade de interpretação". *The Acts of the Apostles: A Commentary*, trad. por Bernard Noble e Gerald Shinn (Filadélfia: Westminster, 1971), p. 679.

42. Consultar Rackham, *Acts*, p. 461.

43. Josefo menciona cinco coortes, cada uma tendo seu comandante. *Antiquities* 19.9.2 [365].

de gala por respeito ao visitante. Os líderes proeminentes da cidade se vestiam à altura dos outros.

Dentre os "homens proeminentes da cidade" provavelmente havia judeus, mas nós conjeturamos que a maioria era gentios. Quando todos os honráveis convidados estavam sentados, o governador Festo ordenou ao soldado que trouxesse Paulo. E cioso das palavras de Jesus, Paulo agarrou a oportunidade de testemunhar aos gentios (Mt 10.18).

24. Festo disse: "Rei Agripa e todos que estão conosco aqui. Os senhores vêem este homem, por causa de quem todos os judeus apelaram a mim, tanto em Jerusalém como aqui, clamando que ele não deveria viver mais. 25. Porém eu achei que ele nada praticara passível de morte. Desde que ele apelou a César, eu decidi mandá-lo ao imperador".

Antes de Festo ceder sua autoridade a Agripa II, ele apresenta Paulo a platéia. Com deferência ele dá as boas-vindas a todos na platéia. Segundo o costume desse tempo, eles fala somente aos homens, embora Berenice estivesse presente.

Festo chama a atenção para Paulo e então com um toque de exagero, declara que "todos os judeus recorreram a mim tanto em Jerusalém como aqui". Ele evidentemente se referia aos líderes judeus e não a cada judeu que morava nesses dois lugares. Ele enfatiza a seriedade da questão dizendo que os judeus não estavam apenas meramente pedindo, mas estavam clamando que não convinha que Paulo vivesse mais (comparar com 21.36; 22.22). No original, o advérbio de negação *não* aparece com a expressão *não mais* como um reforço da petição: "ele não deve viver mais". Os judeus eram inflexíveis em seu desejo de que Paulo fosse morto.

O governador revela à sua audiência que ele havia examinado Paulo e descoberto que ele não cometera atos dignos de pena de morte. Nesse ponto, Festo continua, Paulo apelou para o imperador (veja discussão no v. 21). O que o governador se furta em revelar é a causa imediata da apelação de Paulo. Ele não menciona sua sugestão de que o julgamento fosse feito em Jerusalém como um favor especial aos judeus (veja vs. 9,20).

Para preencher essa lacuna, o texto ocidental faz acréscimos consideráveis ao texto (vs. 24-25; os acréscimos estão em itálico):

> *Que eu deveria entregar ele a eles para punição sem qualquer defesa. Mas eu não podia entregá-lo por causa das ordens que nós temos do imperador. Mas se alguém fosse acusá-lo, eu disse que deveria me acompanhar até a Cesaréia, onde ele [Paulo] estava sendo mantido em custódia. E quando eles vieram, eles clamando que ele deveria morrer. Mas quando eu ouvi ambos os lados do caso,* descobri que ele não era passível de pena de morte. *Mas quando eu disse, "você está disposto a ser julgado em Jerusalém?",* ele apelou a César.[44]

A regra antiga que diz que o texto mais curto é o mais provável de ser o original, se aplica nesse caso. O acréscimo parece ser obra de um escriba que desejava apresentar uma leitura mais suave.

O governador fala como um juiz e revela que já tinha tomado uma decisão sobre o apelo de Paulo de ser enviado a Roma. Essa decisão é final, mas agora Festo precisa de ajuda para escrever o relatório para seguir junto com Paulo.

26. "Mas eu não tenho nada definido para escrever sobre ele à Sua Majestade. Portanto, eu o trouxe diante de vocês, especialmente diante do senhor, rei Agripa, de modo que depois da investigação, eu tenha alguma coisa que escrever, 27. porque me parece absurdo remeter um prisioneiro sem indicar as acusações que são feitas contra ele."

a. "Mas eu não tenho nada definido para escrever sobre ele à Sua Majestade." Embora os autos que registram o julgamento anterior de Paulo estejam disponíveis para serem consultados pelo governador, ele sabe que tem de escrever seu próprio relatório. Festo abertamente confessa que ele não sabe como redigir o relatório. Ele determinou que as acusações contra Paulo são sem substância, e ainda não entendia a causa do ódio dos judeus contra ele. Portanto ele diz que nada tem de definido a escrever sobre Paulo. Em alguns casos nós vemos um paralelo entre Cláudio Lísias que queria saber dos líderes judeus do Sinédrio, a razão da raiva deles (22.30), e o governador Festo, que está pedindo a Agripa II, um especialista nas questões judaicas (26.3), para ajudá-lo a entender o ódio dos judeus por Paulo.

---

44. Metzger, *Textual Commentary*, p. 494. Veja Albert C. Clark, *The Acts of the Apostles: A Critical Edition with Introduction and Notes on Selected Passages* (1933; Oxford: Clarendon, 1970), pp. 158-59, 381-82. E veja Bruce, *Acts* (texto grego), p. 651.

Festo se refere ao imperador Nero como "sua majestade". A palavra grega é *kyrios*, que é traduzida por "senhor". Então o governador na verdade diz que ele nada tem para escrever ao *senhor*. Tanto Augusto como Tibério declinaram serem chamados por esse título, mas Calígula e todos os imperadores que o seguiram aceitaram-no. Provas arqueológicas provaram de maneira incontestável que especialmente Nero desejava ser chamado de "senhor". Ele valorizava o título e exigia que seus vassalos em todo o império o usasse. "Em toda parte, até a mais remota vila, os oficiais chamavam Nero de Kyrios."[45]

A primeira confissão dos cristãos era "Jesus é o Senhor" (1Co 12.3). Essa declaração se opunha diametralmente ao lema *César é o senhor*.[46] Em seu discurso perante Agripa Paulo destemidamente chama Jesus de "Senhor" (26.15). Para os seguidores de Cristo somente Jesus merece esse nome.

b. "Portanto, eu o trouxe diante dos senhores, e especialmente diante do senhor, rei Agripa." Festo agora olha para sua audiência esperando auxílio para sua situação incômoda. Ele entende que a religião cristã representada por Paulo o colocara nessa dificuldade. Ele espera, dentre todos na audiência, que Agripa possa fornecer-lhe a solução do problema. E ele espera que ao término dessa investigação, depois do discurso de Paulo e a avaliação de Agripa, tenha material substancial para escrever seu relatório.

c. "porque me parece absurdo remeter um prisioneiro sem mencionar, ao mesmo tempo, as acusações que existem contra ele." Esse comentário é uma metáfora. Festo deixa implícito que se ele enviasse Paulo ao imperador sem acusações escritas, ele ficaria seriamente comprometido. Nero não perdia tempo com questões que deveriam ser resolvidas pelos seus oficiais nas províncias. Com a palavra *absurdo* (não razoável) o governador quer dizer que ninguém em seu juízo perfeito faria uma coisa dessas.

45. Adolf Deissmann, *Light from the Ancient East*, ed. rev., trad. por Lionel R. M. Strachan (Nova York: Doran, 1927), p. 353.

46. Foi exigido de Policarpo que ele chamasse César de Senhor para escapar de ser queimado na fogueira (155 d.C.). Ele se recusou. *Martyrdom of Polycarp* 8.2.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 25.23-26

Versículo 23

φαντασίας – o substantivo grego (“pompa, espetáculo) deriva do verbo φαντάζω (eu me torno visível). Um derivativo no nosso idioma é “fantasia”.

κατ᾽ ἐξοχήν – “par excellence.” Esta expressão se aplica aos homens proeminentes da cidade de Cesaréia.

Versículo 24,25

ἐνέτυχον – “eles apelaram.” A forma plural aparece, mesmo embora o sujeito πλῆθος (multidão) seja singular.

δεῖν – o infinitivo é parte de uma ordem indireta: “clamando que ele não *deveria* mais viver”.

κατελαβόμην – do verbo καταλαμβάνω (eu agarro), este é o médio que, como reflexivo, significa “eu percebo, encontro, entendo”.

Versículo 26

τι γράψαι – “algo para escrever.” Note-se a repetição de τί γράψω (o que eu devo escrever). No primeiro caso, Festo afirma um fato com o uso do pronome indefinido τι (algo) e do infinitivo aoristo. No segundo caso, ele emprega o pronome interrogativo τί (o quê?) e o subjuntivo aoristo na primeira pessoa do singular. O subjuntivo é deliberativo.

Sumário do Capítulo 25

Festo toma o lugar do governador Félix e depois de três dias de sua chegada a Cesaréia ele viaja para Jerusalém, onde encontra com os principais sacerdotes e os anciãos. Eles apresentam acusações contra Paulo, que estava preso na Cesaréia, e pedem a Festo que Paulo seja julgado em Jerusalém. Festo recusa e agenda um julgamento na Cesaréia, onde ele apresenta Paulo e ouve numerosas acusações que os judeus são incapazes de provar. Paulo afirma que ele não agiu contra a lei dos judeus, nem contra César e tampouco profanou o templo. Quando Festo lhe pergunta se ele quer ser julgado em Jerusalém, Paulo recorda ao governador que ele deve ser julgado num tribunal romano. Defendendo seus direitos, Paulo apela para César. Festo declara que Paulo irá para César.

O rei Agripa e Berenice chegam a Cesaréia para dar as boas-vindas a Festo, que relata o caso de Paulo ao rei. Agripa afirma que gostaria de ouvir a Paulo, e Festo assegura-lhe que seu desejo será realizado no dia seguinte. Com grande pompa, Agripa, Berenice, oficiais militares e líderes proeminentes da cidade se reúnem na sala de audiências de Festo. Festo apresenta Paulo e pede à audiência, especialmente a Agripa, que lhe dê algo para escrever a César sobre as acusações contra Paulo.

26

Em Jerusalém e Cesaréia

Parte 6

26.1-32

ESBOÇO (continuação)

26.1-32	5. O discurso de Paulo
26.1	a. A Permissão
26.2,3	b. O Reconhecimento
26.4-8	c. O Contexto
26.9-11	d. O Propósito
26.12-14	e. A Conversão
26.15-18	f. A Comissão
26.19-23	g. O Testemunho
26.24-29	h. A Persuasão
26.30-32	i. A Conclusão

Capítulo 26

ATOS 26.1-16

26 1. Agripa disse a Paulo, "É permitido que você fale em sua defesa". Então Paulo acenou com a mão e passou a defender-se: 2. "Rei agripa, considero-me privilegiado por poder defender-me hoje na sua presença a respeito de todas as coisas das quais os judeus me acusam. 3. Peço-lhe que me ouça com paciência, especialmente porque o senhor é um especialista em todos os costumes e questões dos judeus.

4. "Todos os judeus conhecem meu modo de vida desde minha infância, a qual eu passei desde o começo em minha própria nação e em Jerusalém. 5. Eles me conhecem há muito tempo, e podem testemunhar, se o quiserem, que eu tenho vivido como um fariseu de acordo com a mais severa seita de nossa religião. 6. E, agora, estou sendo julgado por causa da esperança da promessa feita por Deus a nossos pais. 7. Servindo a Deus com fervor noite e dia, nossas doze tribos almejam alcançar essa promessa. É a respeito dessa esperança, Ó rei, que eu estou sendo acusado pelos judeus. 8. Por que vocês, judeus, consideram incrível que Deus ressuscite os mortos?

9. "Nesse tempo eu pensava que deveria fazer tudo o que me fosse possível contra o nome de Jesus de Nazaré. 10. E foi exatamente o que eu fiz em Jerusalém: não somente encerrei muitos santos nas prisões por ter recebido autorização dos principais sacerdotes, como também dei meu voto contra eles quando os matavam. 11. Quando eu ia de sinagoga a sinagoga, muitas vezes os castiguei e tentei obrigá-los a blasfemar. Eu estava tão enfurecido contra eles que os perseguia até mesmo em cidades estranhas.

12. "Nesse intuito, eu estava indo para Damasco, tendo sido autorizado e comissionado pelos principais sacerdotes. 13. Ao meio-dia, Ó rei, na estrada, vi uma luz no céu, mais resplandecente que o sol, que brilhou ao redor de mim e dos que estavam viajando comigo. 14. Quando todos nós caímos por terra, ouvi uma voz que me falava em língua hebraica: ´Saulo, Saulo, por que você me persegue? Dura coisa é para você recalcitrar contra os aguilhões`. 15. "Então, eu perguntei: ´Quem és tu, Senhor?` E o Senhor disse: ´Eu sou Jesus, a quem você está perseguindo. 16. Agora levante-se e firme-se sobre seus pés. Por esta razão eu apareci a você: para constituí-lo ministro e testemunha, não somente das coisas que você viu sobre mim, como daquelas que eu ainda vou mostrar a você`. 17. Eu o estou livrando do judeus e dos

gentios. Estou enviando você para eles, 18. para lhes abrir os olhos e os converter das trevas para a luz e do poder de Satanás para Deus. Faço isso para que eles recebam remissão dos pecados e herança entre os que foram santificados pela fé em mim.

19. "De modo que, rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial, 20. mas anunciei primeiramente aos de Damasco, então em Jerusalém, e depois através de toda a Judéia, e até aos gentios, que eles deveriam se arrepender e se converter a Deus, praticando obras dignas de arrependimento. 21. Por esse motivo, alguns judeus me prenderam enquanto eu estava no templo e tentaram me matar. 22. Portanto, tendo obtido o socorro de Deus até o dia de hoje, aqui estou testemunhando tanto a grandes quanto a pequenos e declarando nada mais do que aquilo que os profetas e Moisés disseram que iria acontecer. 23. Eles declararam que Cristo deve sofrer e, por sua ressurreição dos mortos, seria o primeiro a proclamar a luz tanto ao povo judeu quanto aos gentios".

24. Enquanto Paulo estava dizendo essas coisas em sua defesa, Festo gritou, "Paulo, você está fora de si. Sua grande erudição o está levando a ficar louco". 25. Paulo, porém, respondeu: "Não estou fora de mim, ó excelentíssimo Festo! Pelo contrário, digo palavras de verdade e de bom senso. 26. O rei entende essas coisas, de modo que eu falo a ele com confiança. Estou persuadido de que nada disso deixou de ser notado por ele, pois nada aconteceu em lugar escondido. 27. O senhor acredita nos profetas, rei Agripa? Eu sei que sim.

28. Agripa respondeu a Paulo, "Em pouco tempo, você estará tentando me persuadir a agir como um cristão". 29. Paulo disse, "Peço a Deus que, em pouco ou muito tempo, não somente o senhor, mas também todos os que estão me ouvindo hoje, possam tornar-se como eu sou, exceto por estas cadeias".

30. O rei, Berenice, o governador e aqueles que estavam sentados com eles, levantaram-se. 31. Enquanto eles se retiravam, começaram a conversar, dizendo, "Este homem não está fazendo nada que seja passível de morte ou prisão". 32. Então Agripa disse a Festo, "Este homem bem podia ser solto, se não tivesse apelado para César".

---

5. *O Discurso de Paulo*

26.1-32

O propósito dessa ostentosa reunião era que Festo pudesse receber conselho do rei Agripa II sobre as acusações feitas a Paulo. Festo honrara Agripa dando-lhe o cetro. Lucas registra apenas frases resumidas sobre Agripa; no seu relato, Paulo é o personagem principal.

a. *A Permissão*

26.1

1. Agripa disse a Paulo, "É permitido que você fale em sua defesa". Então Paulo acenou com a mão e passou a defender-se:

O rei Agripa mostra-se cordial para com Paulo. O rei não lhe pede que explique as acusações; em vez disso, lhe dá permissão para que fale livremente. É claro que Agripa está consciente que essa reunião não tem caráter formal, visto que Paulo apelou para César. Ao permitir que Paulo fale à platéia sem interrupção ou contestação, Agripa o coloca à vontade e obtém um relato completo dos ensinamentos de Paulo.

Agripa evita até mesmo dar a impressão de ter qualquer autoridade sobre Paulo. Ele sabiamente emprega a voz passiva quando diz: "É permitido que você fale em sua defesa", em lugar de "Você tem minha permissão para falar". Ao dizer que Paulo podia se defender, ele proporciona uma maravilhosa oportunidade para Paulo pregar o evangelho. O próprio Agripa havia dito que gostaria de ouvir a pregação de Paulo (25.22).

Então "Paulo acenou com a mão e passou a defender-se". O movimento com a mão era um gesto comum dos oradores do século 1º. Quando Lucas diz que Paulo falou em sua defesa, ele indica que as palavras que Paulo pronuncia são uma defesa do evangelho na presença do rei Agripa (veja o contexto imediato do v. 24). Como um prisioneiro, Paulo usa correntes (v. 29) enquanto permanece de pé perante seus importantes ouvintes. O contraste entre a pompa dos grandes e poderosos e as roupas humildes do prisioneiro acorrentado de repente desaparece, pois Paulo exibe a dignidade serena de um homem que porta uma mensagem.[1]

Nenhum discurso, seja de Paulo ou de outro orador em Atos, tem um tom tão pessoal quanto o que Paulo pronuncia perante Agripa (veja especialmente v. 27). Paulo fala interagindo com o rei Agripa durante todo seu discurso, dirigindo-se a ele diretamente pelo seu título e nome.[2] Esse discurso reluz com a beleza do seu apelo direto do evangelho.

Paulo usa palavras selecionadas de acordo com o nível de sua audiência. Ou seja, seu uso da linguagem se aproxima do grego clássico e é do mesmo nível de seu discurso ao Areópago (17.22-31). Mas, ao mes-

1. O texto ocidental traz, "confiante, e encorajado pelo Espírito Santo, Paulo acenou com a mão". Entretanto, o acréscimo aparece apenas uma vez em latim, que Albert C. Clark reconstruiu em grego. *The Acts of the Apostles: A Critical Edition with Introduction and Notes on Selected Passages* (1933; Oxford: Clarendon, 1970), pp. 159, 232.

2. Veja versículos 2, 3, 7, 13, 19, 27.

mo tempo, o mesmo tom dos outros discursos paulinos encontra-se presente.

Nesse discurso perante Agripa, Paulo novamente relata sua experiência de conversão (comparar com 22.1-21; e veja 9.1-19). As três versões da conversão diferem, mas em cada caso Paulo enfatiza os elementos que combinam com seus propósitos do momento. Ele é livre para escolher sua própria versão do acontecimento.

Embora Paulo se dirija a Agripa, que é descendente de judeu e é "versado em todos os costumes e questões que há entre os judeus" (v. 3), o discurso não é um apelo evangelístico unilateral restrito a Agripa (veja, por exemplo, v. 8). Paulo apresenta a doutrina da ressurreição de Cristo como uma luz para o povo judeu e para os gentios (v. 23).[3]

Palavras, Frases e Construções em Grego em 26.1

ἐπιτρέπεται – "agora é permitido." O uso do tempo imperfeito é formal.[4] A voz passiva do verbo com o pronome no caso dativo é equivalente ao ativo ("você tem permissão").

περί – com o pronome σεαυτοῦ no caso genitivo, a frase significa "em seu favor".

ἀπελογεῖτο – o tempo imperfeito indica início de uma ação e é traduzido por "ele começou a se defender".[5]

---

b. *O Reconhecimento*

26.2,3

2. "Rei agripa, considero-me privilegiado por poder defender-me hoje na sua presença a respeito de todas as coisas das quais os judeus me acusam. 3. Peço-lhe que me ouça com paciência, especialmente porque o senhor é um especialista em todos os costumes e questões dos judeus."

---

3. Comparar com Klaus Haacker, "Das Bekenntnis des Paulus zur Hoffnung Israel nach der Apostelgeschichte des Lukas", *NTS 31* (1985): 437-51.

4. C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2 ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 7.

5. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 885.

a. "Considero-me privilegiado." Paulo é sincero em todas as palavras que diz perante Agripa. Ele expressa sua alegria pela oportunidade que o rei lhe dá de apresentar o evangelho. Paulo não se dirige a um líder gentio, mas a um rei judeu que é versado nas Escrituras do Antigo Testamento.[6] Com relação a Agripa, Paulo tem um ponto de contato que lhe falta com Festo. Agripa tem condições de entender as doutrinas da fé cristã e passar sua avaliação a Festo.

b. "Por poder defender-me hoje diante de sua presença de todas as coisas das quais os judeus me acusam." Paulo pode relatar ao rei Agripa seus antecedentes, experiência de conversão, mandado divino e prisão em Jerusalém. E ele confia que o rei entenderá que, do ponto de vista judeu, Paulo está totalmente de acordo com a esperança de Israel e o cumprimento das profecias do Antigo Testamento (veja v. 7). Essa esperança se centraliza no ensinamento judaico da ressurreição dos mortos (vs. 8,23).

Paulo se abstém de listar as acusações dos judeus contra ele, mas em seu discurso ele nega as acusações que o prejudicaram desde sua prisão, em Jerusalém.[7] Sua intenção principal é promover o avanço do evangelho, mas a consideração secundária é inocentar-se. Na ausência dos seus acusadores, Paulo pode falar livremente sem o perigo de altercações. Quando Festo interrompe o discurso de Paulo, o governador expressa incredulidade, mas não animosidade (v. 24).

c. "Peço que me ouça com paciência." Paulo emprega as formalidades da oratória do seu tempo quando ele implora a Agripa que o ouça. No julgamento de Paulo perante o governador Félix, o orador Tértulo usou palavras semelhantes (veja 24.4). Entretanto, Paulo não deve ser acusado de falta de sinceridade. Ele é sincero em todas as palavras que diz e quer que Agripa preste muita atenção à mensagem teológica que está por ouvir.

d. "Especialmente porque o senhor é versado em todos os costu-

6. Consultar Emil Schürer, *The History of the Jewish People in the age of Jesus Christ (175 a.C.- 135 d.C.)*, rev. e org. por Geza Vermes e Fergus Millar, 3 vols. (Edimburgo: Clark, 1973-87), vol. 1, p. 475; R. F. O'Toole, *The Christological Climax of Paul's Defense*, Analecta Bibliba 78 (Roma: Biblical Institute, 1978), p. 17.

7. Veja John J. Kilgallen, "Paul Before Agripa (Acts 26,2-23): Some Considerations", *Bib 69* (1988): 170-95.

mes e questões que há entre os judeus." Pelo fato de Agripa conhecer a fé judaica, Paulo pretende mostrar-lhe que o Cristianismo tem suas raízes no judaísmo. Uma tradução literal do texto seria, "porque o senhor é especialmente um especialista" (veja a nota de margem da NASB). Paulo quer dizer que de todos os governantes, Agripa é o mais bem qualificado para compreender os costumes judaicos e suas disputas. De maneira educada, ele elogia o rei ao chamá-lo de especialista em assuntos judaicos.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 26.2,3

᾽Ιουδαίων – em grego, a omissão do artigo definido é comum sempre que nomes de pessoas são mencionados em processos legais.[8]

ἥγημαι – este é o perfeito do verbo ἡγέομαι (eu acho, eu considero), que perdeu sua função média e portanto precisa do pronome ἐμαυτόν para completar o significado do verbo ("eu me considero"). O perfeito tem um sentido de presente.

ἀπολογεῖσθαι – a voz reflexiva é expressa como um pronome reflexivo: "defender-me".

ὄντα σε – "você é." Este é um particípio sem relação clara com o sujeito da sentença. "Uma falta de congruência em particípios não é restrita aos escritores menos instruídos do Novo Testamento."[9]

---

c. *O Contexto*

26.4-8

A parte introdutória do discurso de Paulo é diferente, quanto ao conteúdo, do que ele havia pronunciado nos degraus da fortaleza Antônia dois anos antes (22.3). O que muda é que, com a presença do rei Agripa, Paulo enfatiza a doutrina da ressurreição dos mortos. Ele ressalta que está sendo julgado por causa desse ensinamento (vs. 6-8).

4. "Todos os judeus conhecem meu modo de vida desde minha infância, a qual eu passei desde o começo em minha própria nação

---

8. Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. por Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), nº 262.

9. Nigel Turner, *A Grammar of New Testament Greek*, 4 vols. (Edimburgo: Clark, 1963), vol. 3, p. 316.

e em Jerusalém. 5. Eles me conhecem há muito tempo, e podem testemunhar, se o quiserem, que eu tenho vivido como um fariseu de acordo com a mais severa seita de nossa religião."

a. "Todos os judeus conhecem meu modo de vida." Com o uso do adjetivo *todos*, Paulo fala em geral. Ele quer dizer que seus oponentes em Jerusalém e em toda parte conhecem sua identidade e têm como examinar sua vida pessoal. Eles conhecem sua origem (veja 22.3; Gl 1.13; Fp 3.5). Quando ele era ainda uma criança, seus pais se mudaram de Tarso, na Cilícia, para Jerusalém. Nessa cidade ele foi criado e educado. Paulo emprega as frases *desde minha infância, desde o começo e por muito tempo* para sustentar sua alegação de que os judeus têm conhecimento do seu modo de viver. Além disso, os oponentes de Paulo foram informados do seu passado pelos discursos que ele pronunciou em Jerusalém e em Cesaréia (22.1-21; 24.10-21).

Paulo afirma ter vivido em sua "própria nação". Ele usa o termo grego comum *etnos* (nação) e não o substantivo grego *laos*, que era geralmente usado para fazer referência a Israel como o povo do pacto de Deus.[10] Sua audiência constitui-se na maioria de gentios e Paulo cuidadosamente evita qualquer ofensa e escolhe o termo comum *etnos*. Enquanto o termo *nação* é amplo, a referência a Jerusalém é específica. Aqui Paulo viveu por várias décadas até partir para Damasco (9.1-3) e subseqüentemente para Tarso (9.30). Sua permanência prolongada em Jerusalém claramente identifica Paulo com sua religião judaica.

b. "Eles me conhecem há muito tempo e podem testemunhar, se o quiserem." Paulo declara que os judeus o conheciam desde sua mocidade.[11] Pela raça, educação e zelo ele é um deles, mas os judeus se recusam a reconhecer a educação de Paulo na religião judaica e sua dedicação a ela. Pelo conhecimento que os judeus tinham de Paulo, eles seriam forçados a testemunhar em favor dele, mas ele duvida que o façam. Paulo coloca o ônus de testemunhar sobre os judeus.

---

10. Em muitos casos, tanto em seu Evangelho como em Atos, Lucas descreve o povo de Israel como *ethnos* (por ex., Lc 7.5; 23.2; At 10.22). O contexto determina o significado exato do termo grego *ethnos*. Consultar Hans Bietenhard, *NIDNTT*, vol. 2, p. 793.

11. Josefo escreve o mesmo verbo ("saber do passado") quando descreve a paisagem arruinada em volta de Jerusalém. Ela poderia ser reconhecida por qualquer um que tivesse a conhecido sua beleza no passado. *War* 6.1.1 [8].

c. "Eu tenho vivido como um fariseu, de acordo com a seita mais severa da nossa religião." Se os judeus se recusam a testemunhar o próprio Paulo o fará. Ele se identifica com os judeus que obedecem à lei do seu tempo, pois os fariseus eram conhecidos por obedecerem aos mandamentos de Deus ao pé da letra. Paulo descreve os fariseus como "a seita mais severa da nossa religião". Ninguém, diz Paulo, tem como acusá-lo de abusar da lei de Deus, pois suas raízes estão bem fundadas na mais rígida seita do judaísmo.

O verbo *vivi* se refere à juventude de Paulo e ao tempo de sua educação em Jerusalém. Paulo podia com toda razão se identificar como um "fariseu, filho de fariseus" (23.6). Se alguém tivesse de defender Paulo num tribunal judeu, os fariseus deveriam ser os primeiros a testemunhar em favor dele.

Paulo sabe que Agripa tem autoridade para indicar o sumo sacerdote, que pertence ao partido dos saduceus. Paulo evita fazer uma avaliação das diferenças entre os saduceus e os fariseus, mas ele quer que o rei entenda que, no que concerne à doutrina da ressurreição, os fariseus deveriam apoiá-lo.

E, com o termo *religião* Paulo está especificamente se referindo à adoração do Deus de Israel. Ele testifica que ele e o rei compartilham dessa adoração. No entanto, Agripa teria de reconhecer que Paulo é o adorador mais fiel.

6. E, agora, estou sendo julgado por causa da esperança da promessa feita por Deus a nossos pais.

Em certo sentido, os versículos 6,7 e 8 formam um pensamento explicativo que interrompe brevemente a auto-identificação de Paulo, um fariseu (v. 5) que expressa sua oposição anterior a Jesus de Nazaré (v. 9).[12] Paulo explica claramente que a razão do seu julgamento é espiritual e pertence à religião de Israel: "por causa da esperança da promessa feita por Deus a nossos pais." Uma vez mais (veja v. 5) Paulo inclui Agripa entre o povo judeu.

Qual era a esperança que Paulo compartilhava com a nação de Israel? Em todo seu ministério de pregação e discursos a audiências pre-

12. John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. por Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877). Vol. 2, p. 714.

dominantemente judias, Paulo menciona repetidas vezes a palavra *esperança* (23.6; 24.15; 28.20), e com freqüência a liga a Jesus e à ressurreição dos mortos. A esperança refere-se à promessa de Deus feita aos pais espirituais de Israel, por intermédio dos profetas na era do Antigo Testamento. E Deus cumpriu sua promessa na ressurreição de Jesus Cristo.[13]

A recusa dos oponentes de Paulo em reconhecer o cumprimento da esperança de Israel leva o apóstolo a proclamar e ensinar ainda mais intensamente a realidade dessa esperança.[14] Na verdade, Paulo quer que seus compatriotas reconheçam a ressurreição de Jesus dos mortos (comparar com Rm 9.4,5; Fp 3.11). Assim fazendo, eles não mais esperarão pelo cumprimento da promessa, por compreenderem que ela está cumprida.

7. Servindo a Deus com fervor noite e dia, nossas doze tribos almejam alcançar essa promessa. É a respeito dessa esperança, Ó rei, que eu estou sendo acusado pelos judeus."

a. "Servindo a Deus com fervor noite e dia, nossas doze tribos almejam alcançar essa promessa." A expressão *nossas doze tribos* ocorre somente aqui e nas cartas de Paulo, embora os escritores do Novo Testamento usem uma expressão semelhante em grego (veja Mt 19.28; Lc 22.30; Tg 1.1; Ap 7.4-8; 21.12). O termo serve como um sinônimo para "Israel" e não dá qualquer informação sobre a história pós-exílica.[15]

Paulo sabiamente se atém aos aspectos positivos da esperança de Israel. Ele acrescenta palavras complementares e enfatiza que o povo de Israel está se esforçando para fazer cumprir as promessas de Deus, servindo-o dia e noite. Embora Paulo explique em suas epístolas que o zelo dos judeus em guardar a lei de Deus não pode assegurar a salvação deles (veja, por ex., Rm 10.2,3), aqui ele omite as explicações doutrinárias e faz somente uma observação. Ele afirma que a nação de Israel fervorosamente serve a Deus, e espera dele o cumprimento de

13. Consultar Robert J. Kepple, "The Hope of Israel, the Resurrection of the Dead, and Jesus". *JETS 20* (1977): 231-41.

14. Algumas traduções personalizam o conceito de *esperança* fazendo com que Paulo diga "minha esperança". Veja BJ, NAB, NIV.

15. Pelo menos dois manuscritos de I Clem. 55.6 (Codex Alexandrinus and Codex Constantinopolitanus) trazem a versão *doze tribos*.

suas promessas de que o Messias irá restaurar Israel. Essa esperança é básica para a religião judaica.

De uma maneira sutil, Paulo demonstra que a esperança que ele acalenta se originou da religião judaica e que tanto os judeus como ele acalentam a mesma esperança, mas que os judeus o tinham levado a julgamento por causa dessa esperança em Jesus e na ressurreição. Aqui, então, está a incongruência que Agripa enfrenta, à medida que ele ouve a defesa de Paulo.

b. "É a respeito dessa esperança, Ó rei, que eu estou sendo acusado pelos judeus." Paulo se dirige ao rei novamente (veja v. 2) porque ele quer que Agripa preste muita atenção ao ponto crucial: os judeus arrastaram Paulo ao tribunal por apoiar uma doutrina que eles próprios ensinam. Nós devemos acrescentar, entretanto, que para Paulo, a esperança como tal se tornou realidade com a vinda e ressurreição de Jesus Cristo. Para o apóstolo, a pregação dessa esperança é a mensagem de seu cumprimento. Em resumo, a expressão *essa esperança* representa a proclamação do evangelho.

8. Por que vocês, judeus, consideram incrível que Deus ressuscite os mortos?

A mudança do versículo precedente (v. 7) para o presente versículo é brusca e pode ser entendida somente por alguém cuja herança seja judia. A conexão entre a esperança de que Deus cumprirá suas promessas aos pais (v. 6), e o fato de que Deus ressuscita os mortos (v. 8), não seria evidente para um gentio. Portanto, Paulo geralmente se abstém de fornecer uma exposição detalhada da doutrina da ressurreição. Ele fez uma exceção em Atenas, onde falou para filósofos instruídos (17.31,32). Mas sempre que falava com judeus, ele sabia que tinha uma base comum, ou seja, as promessas de Deus aos pais a respeito do Messias e da ressurreição dos mortos.

Os ouvintes de Paulo na mansão do governador eram oficiais militares e cidadãos proeminentes da Cesaréia (25.23). Nós supomos que a maioria dessas pessoas era gentia, porém entre os líderes proeminentes da Cesaréia havia judeus. Agora Paulo desvia sua atenção do rei Agripa e a dirige para os judeus em sua audiência. Ele ignora os gentios e inocentemente pergunta aos judeus presentes: "Por que vocês, judeus, consideram incrível que Deus ressuscite os mortos?"

Da sua herança do Antigo Testamento, os judeus sabiam que Deus realmente havia levantado pessoas de entre os mortos.[16] Eles também tinham de admitir que Jesus fez o mesmo, bem como os apóstolos, pelo poder que Jesus lhes deu. E, por fim, eles conheciam o ensinamento cristão de que Jesus se levantou do túmulo. Os judeus fariseus aceitavam a doutrina da ressurreição, mas se negavam a crer que Deus levantara Jesus de entre os mortos. Se Deus pôde trazer de volta à vida o filho da viúva de Sarepta e o filho da mulher sunamita, não seria ele capaz de levantar Jesus?

Considerações Doutrinárias em 26.6-8

O Antigo Testamento revela um desenvolvimento gradual da doutrina da ressurreição. Depois da queda do homem, Deus colocou um limite na vida física do homem. A genealogia de Adão a Noé, por exemplo, tem a repetição de um refrão para cada pessoa que é listada: "e ele morreu" (Gn 5.5,8,11,14, etc.). A exceção foi Enoque que, "já não era, porque Deus o tomou para si" (Gn 5.24, JFA). Deus também levou Elias aos céus (2Rs 2.11). Essas duas pessoas foram trasladadas aos céus mas não experimentaram a ressurreição. Os profetas Elias e Eliseu foram instrumentos na ressuscitação de dois jovens (1Rs 17.23; 2Rs 4.35) mas, no decorrer do tempo, os filhos da viúva de Sarepta e o sunamita, morreram novamente. Da mesma maneira, o homem morto que foi jogado na cova de Eliseu voltou à vida, mas depois com o tempo morreu de novo (2Rs 13.21).

A doutrina da ressurreição se torna mais distinta em Jó, nos Salmos e nos profetas. Nesses livros, aparecem numerosas alusões à ressurreição. Jó declara que depois da morte ele verá seu Redentor com seus próprios olhos (Jó 19.25-27). Davi afirma que o Santo de Deus (ou o fiel) não será abandonado no túmulo nem verá corrupção (Sl 16.10). Isaías registra um hino que traz estas linhas:

> Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão
> e ressuscitarão;
> despertai e exultai, os que habitais no pó,
> porque o teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho de vida,
> e a terra dará à luz os seus mortos. [26.19, JFA]

16. João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 2, p. 272; Haacker, "Das Bekenntnis des Paulus", pp. 437-51.

Daniel profetizou: "Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno" (Dn 12.2, JFA). O profeta Oséias convida o povo para retornar ao Senhor, que os despertará depois de dois dias e os restaurará no terceiro dia (Os 6.2). E Ezequiel relata sua visão dos ossos secos que voltam à vida (Ez 37.1-14).

Na era do Novo Testamento, Marta revela sua crença na ressurreição dos mortos. Ela responde às palavras de consolo de Jesus de que Lázaro viveria, confessando: "Eu sei, que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia" (Jo 11.24, JFA). Marta demonstra que, como membro da comunidade judaica, ela estava familiarizada com a doutrina da ressurreição, a qual aceitava pela fé. A resposta de Jesus para ela "Eu sou a ressurreição" (Jo 11.25), é o cumprimento dos anseios do homem por restauração. Este ensinamento portanto, se tornou uma das doutrinas básicas do Cristianismo.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 26.4-8

Versículo 4

μὲν ... οὖν – "então depois." Esta combinação é contrastada por aquela de καὶ νῦν (e agora), que introduz um comentário parentético (vs. 6-8).

ἴσασιν – a forma ática do terceiro plural οἴδασιν (eles sabem) ocorre aqui. Paulo usa o grego clássico na presença dos oficiais do governo, comandantes militares e cidadãos proeminentes.

Versículo 5

ἐὰν θέλωσιν – o uso do subjuntivo ("caso eles queiram") expressa incerteza e dúvida. Ele mostra também indiretamente a animosidade dos judeus em relação a Paulo.

ἔζησα – "Eu vivi." Aqui ocorre o uso climático do tempo aoristo. Paulo recorda o tempo em que ele praticava a religião como um fariseu.

Versículos 7,8

ἐν ἐκτενείᾳ – a expressão tem a força de um advérbio e significa "fervorosamente". Um paralelo aproximado aparece em 1 Tessalonicenses 3.10.

ἧς – este pronome relativo é semelhante ao pronome demonstrativo e deve ser traduzido como "*esta* esperança".[17]

παρά – a preposição παρά com o dativo denota um sentido metafórico: "Por que se julga incrível aos seus olhos?"[18]

εἰ – contexto da sentença é o equivalente de ὅτι (aquele).

---

d. *O Propósito*

26.9-11

Depois de uma breve explicação doutrinária (vs. 6-8), Paulo retoma sua apresentação biográfica. Ele conta a seus ouvintes sobre a maneira como ele costumava se opor aos ensinamentos de Jesus de Nazaré.

9. "Nesse tempo eu pensava que deveria fazer tudo o que me fosse possível contra o nome de Jesus de Nazaré."

As palavras introdutórias *Nesse tempo*, liga essa frase com a cadeia anterior de pensamentos de Paulo (vs. 2-5). Como um fariseu, ele zelosamente decidiu acabar com a influência da igreja cristã – na verdade, destruí-la. Paulo deixa implícito que ninguém lhe dera ordens para se opor a Jesus Cristo; ele próprio tomara essa decisão.

Além do mais, Paulo indica que ele sentia uma obrigação moral de se opor à propagação do Cristianismo com todos os recursos de que dispunha. Embora ele cresse na ressurreição dos mortos, ele se recusava a acreditar que Deus tinha ressuscitado Jesus de Nazaré. Cego pela descrença, ele pensava estar servindo a Deus ao se opor ao nome de Jesus Cristo (comparar com João 16.2). O termo *nome* deve ser entendido no sentido amplo do ministério e dos ensinamentos de Jesus, ou seja, sua revelação. Paulo identifica Jesus não como o Cristo, mas com relação à sua residência, Nazaré (veja o comentário sobre 22.8 e 24.5). Como um ardente fariseu, ele se opunha a Jesus de muitas maneiras. Para Paulo, frustrar a causa de Cristo havia se tornado um modo de vida.

10. "E foi exatamente o que eu fiz em Jerusalém: não somente encerrei muitos santos nas prisões por ter recebido autorização dos principais sacerdotes, como também dei meu voto contra eles quando os matavam."

---

17. Blass e Debrunner, *Greek Grammar*, nº 458.
18. Moule, *Idiom-Book*, p. 52.

Aqui está a confissão sem reservas de Paulo sobre sua vida antiga como perseguidor dos seguidores de Cristo. Depois da morte de Estêvão, Paulo perseguiu os residentes de Jerusalém que criam em Cristo. Ele ia de casa em casa e arrastava homens e mulheres, encerrando-os em cárcere (8.3). Note-se que Paulo identifica essas vítimas com os santos.[19] Ao usar esse termo explícito, o antigo perseguidor não apenas admite abertamente que infligia ferimentos em pessoas inocentes, mas atribui a essas pessoas o atributo de santidade. Em resumo, ele as tem alta em consideração.[20]

Em outros lugares, Lucas relata que Paulo "arrastando homens e mulheres, encerrava-os no cárcere" (8.3 e veja 9.2; e o termo *prisão* provavelmente se refere às cadeias que em certa ocasião alojou os apóstolos [4.3; 5.18]). A obsessão de Paulo o cegara. Ele não respeitava nem homens nem mulheres. Sem fazer distinção, eles os encarcerava a todos. E nos julgamentos dessas pessoas, Paulo se fazia presente. Ele confessa ter votado contra elas quando recebiam pena de morte, embora os judeus não tivessem o direito de administrar punição capital (Jo 18.31).[21]

A partir da informação em Atos nós sabemos de apenas uma pessoa que os judeus apedrejaram até a morte, isto é, Estêvão, e talvez Paulo estivesse pensando no primeiro mártir. Mas nos tempos agitados do último ano de Pôncio Pilatos no poder, e sua chamada de volta a Roma em 36 d.C., os judeus não apenas continuaram seus ataques aos cristãos como também executaram alguns deles (veja 22.4). Quantos cristãos foram mortos não se sabe.

Nós praticamente nada sabemos sobre o processo de indicação dos membros ao Sinédrio, embora Emil Schürer afirme que, "o conheci-

19. Em Atos, o termo *santos* ocorre apenas quatro vezes: aqueles maltratados por Paulo (9.13); os cristãos de Lida (9.32); os crentes de Jope (9.41); e os santos presos em Jerusalém (26.10). A primeira e a última referências são ao mesmo grupo de cristãos.

20. Paulo emprega o termo *santos* pelo menos 37 vezes em suas epístolas, onde ele é sinônimo das expressões *os chamados*, *os eleitos* e *os fiéis*. Veja Hans Seebass, *NIDNTT*, vol. 2, p. 229; H. J. Cadbury, "Names for Christians and Christianity in Acts", *Beginnings*, vol. 5, pp. 380-81.

21. Ernst Haenchen entende que o significado do texto é que o Sinédrio tinha o *ius gladii* (a autoridade da espada). *The Acts of the Apostles: A Commentary*, trad. por Bernard Noble e Gerlad Shinn (Filadélfia: Westminster, 1971), p. 684 n. 5.

mento rabínico (funcionava) como o único teste da elegibilidade dos candidatos".[22] Mas a idade também poderia ser um fator, pois Paulo é descrito como um rapaz jovem por ocasião da morte de Estêvão (7.58). Portanto, ele pode ter tido de esperar antes que pudesse fazer parte do escalão do Sinédrio. Exercendo o papel de perseguidor para o Sinédrio, Paulo votava pela execução e prisão dos cristãos.

11. "Quando eu ia de sinagoga a sinagoga, muitas vezes os castiguei e tentei obrigá-los a blasfemar. Eu estava tão enfurecido contra eles que os perseguia até mesmo em cidades estranhas.

O que Paulo quer deixar claro no seu discurso para o rei Agripa é que ele era o mais zeloso dos judeus que serviam no órgão governamental, o Sinédrio, em Jerusalém. Nessa posição, ele auxiliava as forças que se opunham à expansão do Cristianismo perseguindo aqueles que aderiam a essa fé. Os cristãos faziam parte das sinagogas locais. Assim, era fácil para Paulo prendê-los e levá-los a julgamento e punição nos tribunais dessas sinagogas (comparar com Mt 10.17). Esses pequenos tribunais aplicavam açoites (veja Mt 23.34; 2Co 11.24). Quando os cristãos passaram a se ausentar dos cultos nas sinagogas, Paulo ia às suas casas e os arrastavam para os tribunais.

Paulo abertamente confessa que ele tinha tanta raiva dos seguidores de Jesus que até tentava forçá-los a blasfemar. Ele não esclarece o que a palavra *blasfêmia* implicava, mas o contexto deixa subentendido que era amaldiçoar a pessoa de Jesus, seus ensinamentos e sua obra (1Co 12.3).

O ato de aterrorizar as comunidades cristãs em Jerusalém e na Judéia não foi o suficiente para Paulo. Ele procurou obter permissão do sumo sacerdote para perseguir os cristãos nas cidades estrangeiras e levá-los cativos a Jerusalém. Ele sabia que o Sinédrio exercia autoridade sobre as sinagogas fora de Israel, e que com as credenciais certas ele poderia viajar para outras cidades onde numerosos judeus tinham se estabelecido. Damasco era um desses lugares.

22. Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 2, 211.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 26.9-11

Versículos 9,10

μὲν οὖν – no contexto, esta combinação é provavelmente equivalente à nossa expressão coloquial *Ora*, ou "Ora, eu mesmo pensei".[23]

ὅ – o pronome relativo no acusativo neutro singular (veja 11.30) na verdade se refere a todo o versículo precedente (v. 9): "e foi exatamente o que eu fiz".

ἀναιρουμένων – o particípio presente passivo do verbo ἀναιρέω (eu destruo) faz alusão ao ato de executar alguém.[24] O tempo presente denota ocorrência repetida, o caso genitivo está na construção do genitivo absoluto, e o uso do passivo serve para ocultar a identidade dos executores.

Versículo 11

ἠνάγκαζον – do verbo ἀναγκάζω (eu forço), o tempo imperfeito deve ser interpretado no sentido de coação: "eu tentei forçar". Paulo admite que, a despeito de seus esforços, ele falhou.

περισσῶς – o advérbio significa "demasiado" e pode ser traduzido como "muito".

e. *Conversão*

26.12-14

Esse relato de sua conversão é diferente do que Paulo apresentou para os judeus em Jerusalém (22.6-21). Nós não devemos criticar Paulo por apresentar essa sua experiência em duas versões ligeiramente diferentes; o ambiente e o propósito de cada relato contribuem para as diferenças.

12. "Nesse intuito, eu estava indo para Damasco, tendo sido autorizado e comissionado pelos principais sacerdotes. 13. Ao meio-dia, Ó rei, na estrada, vi uma luz no céu, mais resplandecente que o sol, que brilhou ao redor de mim e dos que estavam viajando comigo.

Paulo relata que ele continuava a perseguir os seguidores de Jesus

23. Moule, *Idiom-Book*, p. 163.
24. Bauer, p. 54.

mesmo nas cidades estrangeiras. Na presença do rei, Paulo emprega termos oficiais. Numa ocasião anterior, ele disse que ele tinha recebido cartas do sumo sacerdote e do conselho (22.5). Agora ele fala formalmente e diz que fora a Damasco "tendo sido autorizado e comissionado pelos principais sacerdotes". A expressão *principais sacerdotes* indica os membros das famílias sacerdotais que ocupavam uma cadeira no Sinédrio (veja o comentário sobre 4.6).

A essa altura de seu discurso, Paulo conta a Agripa sobre sua conversão ao Cristianismo. Próximo da cidade de Damasco aconteceu o inesperado. Paulo diz que foi ao meio-dia, enquanto ele viajava. De repente, uma luz que superava o brilho do sol o envolveu e a seus companheiros de viagem (comparar com Lc 2.9), como podia ser testemunhado pelos seus companheiros (22.9; em resumo, Paulo não sofreu um ataque epiléptico, um ataque do coração ou uma alucinação). Ele afirma que a luz se originou nos céus, de modo que Agripa tem de aceitar o caráter sobrenatural do acontecimento.

14. "Quando todos nós caímos por terra, ouvi uma voz que me falava em língua hebraica: 'Saulo, Saulo, por que você me persegue? Dura coisa é para você recalcitrar contra os aguilhões'."

Os dois relatos anteriores (9.4 e 22.7) e esse diferem entre si em vários pontos.

No versículo 14 Paulo revela que todos os integrantes do grupo caíram no chão, mas nos outros relatos ele fala só dele mesmo como tendo caído. (O texto ocidental acrescenta a frase [está em itálico]: "Quando todos nós tínhamos caído no chão *por causa do medo, apenas eu* ouvi....."). Como podemos explicar variação tão óbvia? Não precisamos ver isso como um obstáculo se aceitarmos que os companheiros dele caíram, mas logo se levantaram. Eles não foram cegados pela luz como o foi Paulo e, embora eles ouvissem um som, não puderam entender as palavras que Jesus disse (9.7; 22.9).

A seguir, somente aqui lemos que Jesus se dirigiu a Paulo em hebraico.[25] Nós assumimos que Paulo queria comunicar a Agripa que a

25. A maioria das traduções segue o texto grego, que traz a palavra *Hebraidi* (hebreu). Veja KJV, NKJV, NASB, NAB, RSV, BJ, GNB, *Phillips* e *Moffatt*. Umas poucas versões (NIV, SEB) trazem "aramaico", porque essa era a língua falada nesse tempo na Palestina. Bauer, p. 213.

voz celeste falou com ele na língua das Sagradas Escrituras do Antigo Testamento. O texto grego mostra que Jesus chamou Paulo pelo seu nome hebraico (*Saulo*) e não pelo nome grego (*Saulos*).

E por fim, as duas primeiras narrativas revelam que Jesus perguntou brevemente: "Saulo, Saulo, por que você me persegue? (9.4; 22.7). Mas aqui Jesus continua e afirma, "Dura coisa é para você recalcitrar contra os aguilhões" (veja os comentários sobre o texto grego de 9.5). Paulo sem dúvida diz a Agripa mais das palavras de Jesus do que ele contara à sua audiência judaica em Jerusalém. Essa ilustração, emprestada do ambiente rural, era bem conhecida em todo o mundo Mediterrâneo.[26] O rei Agripa deveria estar familiarizado com ela.

Qual é o significado do provérbio? O provérbio ilustra um boi dando coices apenas para receber de volta a dor provocada pela ponta do ferrão. O boi, ao reagir contra servir seu dono, só conseguia de volta a dor. Mas quando o animal executava docilmente suas tarefas, o dono deixava o ferrão de lado. Metaforicamente, esse provérbio se aplica ao homem que resiste ao chamado de Deus para servi-lo. Jesus queria usar os talentos de Paulo e seu conhecimento para o propósito de propagar o evangelho, mas Paulo perseguia a igreja. Seus esforços resultavam em dor. Depois de sua conversão ele fala repetidamente sobre seu pecado de perseguir a igreja (1Co 15.9; Gl 1.23). Ele se intitula um antigo blasfemo, perseguidor e homem violento (1Tm 1.13). Em conclusão, esse provérbio informa a Agripa sobre um momento decisivo na vida de Paulo. Em vez de ser inimigo de Jesus, ele tinha se tornado seu servo.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 26.12-14

Versículos 12,13

ἐν οἷς – "enquanto fazia isso." O uso da frase preposicional parece ter um significado de continuação com significado equivalente a "e então, bem depois".[27]

---

26. F. F. Bruce observa que este "provérbio não foi encontrado em nenhuma fonte aram[aica], mas é o tipo de provérbio que poderia ser popular em qualquer comunidade agrícola". *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary*, 3ª ed. (rev. e aum.) (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), p. 660.

27. Moule, *Idiom-Book*, p.131.

ἡμέρας μέσης – a combinação (“meio do dia”) indica a maneira romana de contar o tempo. O caso é o genitivo de tempo.

Versículo 14

καταπεσόντων – do verbo καταπίπτω (eu caio), o particípio aoristo ativo é parte da construção do genitivo absoluto.

ἤκουσα φωνήν – “eu ouvi uma voz.” Veja o comentário sobre 9.7.

κέντρα – o plural provavelmente se refere ao ferrão de duas pontas.[28]

---

f. A Comissão

26.15-18

15. “Então, eu perguntei: Quem és tu, Senhor?` E o Senhor disse: ´Eu sou Jesus, a quem você está perseguindo. 16. Agora levante-se e firme-se sobre seus pés. Por esta razão eu apareci a você: para constituí-lo ministro e testemunha, não somente das coisas que você viu sobre mim, como daquelas que eu ainda vou mostrar a você`.”

a. “Quem és tu, Senhor?” O sentido do versículo 15 já foi explicado no contexto dos relatos anteriores (9.5; 22.8). Uma pequena variação ocorre aqui, em que Jesus se identifica, mas omite seu lugar de origem, Nazaré.

b. “Levante-se e firme-se sobre seus pés.” Dos três relatos da conversão de Paulo, somente esse diz que ele devia ficar de pé. A ordem de início parece redundante, mas uma maior reflexão mostra que ela transmite duas mensagens. A primeira e óbvia é que Paulo deve se levantar de sua posição de prostração, ficar de pé na presença de Jesus, seu Senhor, e aceitar sua nova missão. A segunda mensagem gira em torno do fato de que as palavras eram uma citação direta de um dos profetas do Antigo Testamento. Deus disse a Ezequiel para ficar de pé e chamou-o para ser seu profeta. De modo semelhante, Jesus indicou Paulo para ser um profeta. Agripa acreditava nos escritos dos profetas (veja v. 27) e agora entendia que Paulo recebera um chamado divino para o exercício profético.

c. “Por esta razão eu apareci a você.” O Jesus ressurreto e glorifi-

---

28. Turner, *Grammar of New Testament Greek*, vol. 3, p. 27.

cado apareceu a Paulo e depois pessoalmente o chamou para exercer um cargo. Em outras palavras, o chamado de Paulo era de origem divina e tinha sido pessoal e direto.

d. "Para constituí-lo servo."[29] Nos dois primeiros relatos da conversão de Paulo, Jesus instrui Paulo a entrar na cidade de Damasco, onde lhe diriam o que fazer (9.6; 22.10). Aqui contudo, Jesus mostra o propósito de sua aparição a Paulo: "Para constituí-lo servo e testemunha". O verbo *constituir* é significativo porque no grego ele tem uma forma combinada que inclui o significado de *antecipação*,[30] ou seja, Deus separara Paulo desde antes de seu nascimento para a tarefa de pregar o evangelho (comparar com 22.14; Gl 1.15). Em seu discurso aos judeus em Jerusalém, Paulo revela que Deus o escolhera, mas agora diz que foi Jesus.

e. "[Para constituí-lo] testemunha, tanto das coisas que você viu sobre mim, como daquelas que eu ainda mostrarei a você." Paulo deve ser uma testemunha tanto como uma pessoa que viu Jesus durante seu encontro em Damasco (comparar com 1Co 9.1) como também um arauto da mensagem do evangelho de Jesus. Depois da conversão de Paulo, Jesus se revelou outras vezes a Paulo em visões.[31] Paulo, então, se tornou uma testemunha ocular e um ministro da palavra (comparar com Lc 1.2) e preenchera os requisitos para o apostolado (1.21,22). Jesus designou Paulo como testemunha da ressurreição de Cristo e um mensageiro do que ele tinha ouvido do seu Senhor.

17. "Eu o estou livrando do judeus e dos gentios. Estou enviando você para eles, 18. para lhes abrir os olhos e os converter das trevas para a luz e do poder de Satanás para Deus. Faço isso para que eles recebam remissão dos pecados e herança entre os que foram santificados pela fé em mim."

Fazemos as seguintes observações:

a. *Livramento*. As palavras de Jesus que Paulo passa ao rei Agripa

29. Os tradutores hesitam em considerar o grego infinitivo passivo *constituir* como um passivo verdadeiro, daí o objeto direto *lo* se tornar o sujeito do infinitivo: "constituí-lo para ser meu servo" (veja, por exemplo, *Phillips*).

30. Consultar Peter Schmidt, *NIDNTT*, volume 1, pp. 475-76; Wilhelm Michaelis, *TDNT*, vol. 6, pp. 862-64.

31. Veja 18.9; 22.17,18; 23.11; 2 Coríntios 12.1; Gálatas 1.12.

são baseadas em passagens do Antigo Testamento, dos profetas e dos salmos. Deus disse a Jeremias que não tivesse medo do povo porque ele próprio o livraria (Jr 1.8,19). E em seu salmo de ações de graças, Davi suplica a Deus por livramento das nações (1Cr 16.35; Sl 106.47).

A vida de Paulo testifica o fato de que ele necessitava de livramento tanto dos judeus quanto dos gentios. Em numerosas ocasiões, os judeus quiseram matá-lo bem como os gentios (veja 2Co 11.24-27). A ironia é que Paulo, o antigo perseguidor dos discípulos de Cristo, era perseguido tanto pelos judeus quanto pelos gentios. No entanto, Deus o livrava constantemente.

b. *Apóstolo*. Quando Jesus disse a Paulo, "para os quais eu o estou mandando", ele indiretamente usou as palavras que Deus usou para falar com Jeremias e Ezequiel quando ele os comissionou como profetas (veja Jr 1.7; Ez 2.3). Como Agripa acreditava nos profetas teria de admitir que Paulo pertencia à mesma categoria que os profetas do Antigo Testamento. Para ser preciso, Jesus o comissionou como testemunha tanto a judeus como a gentios (20.21), mas especialmente como um apóstolo aos gentios (9.15; Rm 15.15,16; Gl 2.8).

Note-se que as palavras que Jesus disse a Paulo perto de Damasco, e que agora ele recorda na presença do rei Agripa, são todas alusões aos escritos dos profetas. Quando Paulo diz, "para lhes abrir os olhos e os converter das trevas para a luz", Agripa deveria saber que Jesus estava se referindo especialmente a Isaías 42.7. Essa parte da profecia de Isaías é conhecida como uma das canções do servo que descrevem a vinda do Messias.[32] A obra de abrir os olhos espirituais do povo pertence ao Espírito Santo. O Espírito capacita os servos de Deus para pregar o evangelho e lhes dá a alegria de ver o fruto de seu trabalho.[33] Paulo diz que ele trabalha em favor dos judeus e dos gentios em nome do Messias. Como um apóstolo de Cristo ele prega o evangelho. As boas-novas abrem os olhos daqueles que são espiritualmente cegos e tira as pessoas da escuridão, levando-as para a luz da Palavra de Deus (1Pe 2.9).

c. *Propósito*. Com relação às pessoas, Jesus especifica três objeti-

32. Veja também Isaías 29.18; 32.3; 35.5.
33. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 2, p. 276.

vos espirituais para Paulo alcançar: primeiro, abrir seus olhos; segundo, tirá-las das trevas para a luz; e por último, tirá-las do poder de Satanás para o poder de Deus. Quando uma pessoa abre os olhos espirituais e se converte, ela deixa o mundo da escuridão e entra na luz do evangelho. Ela não é mais escrava de Satanás, mas servo do Deus vivo.

Para os judeus, a imagem de homens cegos tropeçando na escuridão era a situação típica de gentios. Mas Deus tinha confiado seus oráculos santos aos judeus (Rm 3.2), para que eles vivessem na sua luz. Os judeus, entretanto, tinham se recusado a aceitar a palavra de Deus e portanto estavam espiritualmente cegos (Jo 9.39-41). Tanto os judeus quanto os gentios tinham se voltado das trevas para a luz. Em suas epístolas às igrejas dos gentios, Paulo com freqüência usa a metáfora das trevas e da luz.[34] As trevas caracterizam o reino de Satanás, que Jesus descreve aqui como o poder de Satanás. (Em Atos, o nome Satanás aparece duas vezes, aqui e numa pergunta que Pedro fez: "Ananias, por que Satanás encheu seu coração?"[5.3].) Paulo enfrenta o poder de Satanás quando ele proclama o evangelho (veja, por exemplo, 13.10; 16.16; 19.15).

d. *Salvação*. As palavras que Paulo diz não são suas, mas as de Jesus. Isso se torna claro pelo uso dos pronomes na primeira pessoa que predomina nas palavras de Jesus, especialmente na última sentença: "Eu faço isso para que eles recebam remissão dos pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim". O grego põe muita ênfase na última palavra da última sentença, que no caso é "mim". A salvação ocorre quando o pecador se arrepende, é lavado do pecado e ocupa seu lugar entre os que obtêm herança espiritual por meio da fé em Cristo. O crente recebe sua herança quando Jesus, tendo declarado-o santo, abraça-o e o recebe na comunidade dos santos.

Considerações Práticas em 26.12-18

> Como maçãs de ouro em salvas de prata,
> assim é a palavra dita a seu tempo. [Pv 25.11, JFA]

Ao se dirigir aos judeus dos degraus da fortaleza Antônia em Jerusa-

34. Romanos 13.12; 2 Coríntios 54.6; Efésios 5.8-14; Colossenses 1.13; 1 Tessalonicenses 5.5.

lém, Paulo revelou que depois de sua conversão, um judeu damasceno chamado Ananias viera vê-lo. Ele acrescenta que Ananias era "um homem devoto, de acordo com a lei e respeitado por todos os judeus que moravam ali" (22.12). Paulo usou essa descrição para apaziguar seus ouvintes e provar que ele tinha sido bem recebido em Damasco por um judeu altamente respeitado. Além disso, ele cuidadosamente evitou usar o nome de Jesus para não ofender.

De pé perante o rei Agripa, Paulo se abstém de mencionar Ananias. Em vez disso, ele escolheu repetir as palavras de Jesus que, ao indicar Paulo para ser seu servo e testemunha, colocou-o ao mesmo nível dos profetas do Antigo Testamento e dos apóstolos do Novo Testamento.[35] Paulo transmitiu palavras de Jesus que ecoavam as profecias do Antigo Testamento. Ele sabia que Agripa acreditava nessas profecias e, portanto, queria persuadi-lo a aceitar a verdade da mensagem de Jesus.

Paulo pregara o evangelho tanto aos judeus em Jerusalém, como ao rei Agripa na Cesaréia. Em ambos os casos, ele relembrou sua experiência de conversão. A partir do mesmo incidente, ele sabiamente escolheu palavras diferentes e enfatizou os diferentes aspectos no seu esforço de levar o evangelho a cada parte: as palavras de Ananias para os judeus em Jerusalém, e as palavras de Jesus para Agripa. Paulo era todas as coisas para todos os homens a fim de ganhá-los para Cristo (1Co 9.20-23).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 26.16,17

ὀφθήσομαι – do verbo ὁράω (eu vejo), este futuro passivo tem uma conotação incoativa: "Eu começarei a aparecer".[36]

ἐξαιρούμενος – na voz passiva, o verbo αἱρέω significa "escolher", mas o significado de *libertar* ou *salvar* é preferível. [37]

οὕς – o antecedente mais próximo é o plural neutro ἐθνῶν (nações). Junto com o substantivo λαοῦ (povo [judeu]) o substantivo neutro efetua uma mudança de gênero no pronome relativo de neutro para o masculino.

---

35. Consultar P. Boyd Mather, "Paul in Acts as 'Servant' and 'Witness'", *BibRes 30* (1985): 23-44.

36. Robertson, *Grammar*, p. 871.

37. Bauer, p. 272.

ἀποστέλλω σε – "Eu estou enviando você." A frase é seguida por uma série de três infinitivos aoristos que expressam propósito: abrir, voltar, receber.

g. *O Testemunho*

26.19-23

O evangelho apresentado por Paulo perante o rei Agripa gradualmente chega a um clímax. O apóstolo oferece um testemunho de sua obediência à comissão divina que ele havia recebido. Paulo se torna cada vez mais pessoal, como é evidente pelo seu uso do pronome na primeira pessoa do singular em quase todas as frases.[38]

19. "De modo que, rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial, 20. mas anunciei primeiramente aos de Damasco, então em Jerusalém, e depois através de toda a Judéia, e até aos gentios, que eles deveriam se arrepender e se converter a Deus, praticando obras dignas de arrependimento."

a. "De modo que, rei Agripa." Habilmente pregando o evangelho como a um só homem, Paulo se dirige ao rei Agripa três vezes pelo nome (vs. 2,19,27) e seis vezes pelo seu título real (vs. 2,7,13,19,26,27). Ele envolve o rei de um modo pessoal para ganhá-lo para a causa de Cristo.

b. "Não fui desobediente." Depois de citar as palavras de Jesus, o apóstolo agora revela sua reação à sua indicação divina. Ele escolhe a construção com duas negativas para enfatizar a sua resposta imediata: "não fui desobediente à visão celestial". (Essa referência inclui as revelações subseqüentes de Jesus.) Paulo omite qualquer referência aos três dias de busca da alma quando ele estava em estado de cegueira. Em vez disso, ele indica que prontamente começou a pregar o evangelho de Cristo nas sinagogas de Damasco (9.20). Quando foi forçado a fugir da cidade, ele voltou a Jerusalém e continuou a falar abertamente no nome de Jesus Cristo, especialmente aos judeus de fala grega (9.28,29). Paulo acreditava em levar a mensagem de salvação primeiro aos judeus e depois aos gentios (veja, por ex., Rm 1.16).

38. Veja Paul Schubert, "The Final Cycle of Speeches in the Book of Acts", *JBL 87* (1968): 1-16; Jacob Jervell, "Paulus – der Lehrer Israels. Zu den apologetischen Paulusreden in der Apostelgeschichte", *NovT 10* (1968): 164-90.

c. "E depois por toda a região da Judéia, e até aos gentios." Nesse ponto, a construção gramatical do texto grego é confusa. Por exemplo, nós esperaríamos a seqüência *em Damasco, em Jerusalém* e *na Judéia*. Mas Paulo nunca havia pregado nas cidades e vilas da Judéia. Ele havia passado somente quinze dias em Jerusalém (Gl 1.18) e afirma categoricamente que era desconhecido nas igrejas da Judéia (Gl 1.22). Mas, mediante uma mudança na gramática grega da frase, que eu traduzi com a preposição através, ele nota o efeito de sua pregação.

Paulo pregou o evangelho
em Damasco,
em Jerusalém,
através de toda a Judéia,
aos gentios.

A ênfase não está na presença de Paulo na Judéia, mas no fato de que ele, um antigo perseguidor da igreja, pregava o evangelho. Essa notícia impressionante se espalhou por toda a área rural da Judéia.[39] Além disso, o chamado especial de Paulo era levar o evangelho *aos* gentios (Rm 15.16; Gl 2.8), o que fez nas suas viagens a Chipre, Ásia Menor, Macedônia e Acaia. Paulo de fato cumpriu o mandado missionário que Jesus deu aos apóstolos antes de sua ascensão: ser suas testemunhas em Jerusalém, Judéia, Samaria e até os confins da terra (1.8; Rm 15.19).

d. "Que eles deveriam se arrepender e se converter a Deus, praticando obras dignas de arrependimento." Tal qual João Batista (Mt 3.2,8), Paulo pregava o evangelho do arrependimento. Ele chamava tanto gentios como judeus para se voltarem para Deus em arrependimento (20.21). Seu objetivo era ter os dois grupos reconhecendo Jesus como seu Salvador.

Para Paulo, os atos de arrepender-se e voltar-se para Deus deviam ser seguidos por atos que mostrassem a realidade do arrependimento. Para ser preciso, o arrependimento indica que a pessoa por inteiro – coração, mente e alma – desistiu do pecado e abraçou o serviço. Arrependimento para todo mundo, indiferente de idade, raça, ou nacionali-

39. R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (Columbus: Wartburg, 1944), p. 1044. Veja também David John William, *Acts*, série Good News Commentaries (San Francisco: Harper and Row, 1985), p. 423.

dade, marca uma orientação moral e religiosa para uma nova maneira de viver.[40] Nas palavras de Jesus: "De modo que vocês os reconhecerão pelos seus frutos" (Mt 7.20; e veja Tg 2.14-17). [41]

21. Por esse motivo, alguns judeus me prenderam enquanto eu estava no templo e tentaram me matar.

Ignorando as acusações dos judeus (21.26-29) e as acusações apresentadas por Tértulo (24.5,6), Paulo afirma que os judeus o prenderam por pregar sobre o arrependimento. Ele se abstém de apresentar detalhes, pois sabe que na presença do rei Agripa ele não é um acusado no tribunal mas sim um arauto do evangelho de Cristo. Mesmo assim, ele menciona de leve as violências praticadas contra ele em Jerusalém: "Por esse motivo, alguns judeus me prenderam enquanto eu estava no templo e tentaram me matar". A expressão *matar* na verdade significa "tratar a pessoa de tal maneira que a morte é inevitável" (veja 5.30). Quando os judeus tentaram fazer Paulo parar de pregar o evangelho, eles deliberadamente escolheram se opor a Deus. Entretanto, em suas lutas contra Deus, eles no final seriam os perdedores e Paulo, pela graça de Deus, seria o vitorioso.[42]

22. "Portanto, tendo obtido o socorro de Deus até o dia de hoje, aqui estou testemunhando tanto a grandes quanto a pequenos e declarando nada mais do que aquilo que os profetas e Moisés disseram que iria acontecer."

Paulo via a mão de Deus nos seus livramentos da prisão filipense, da violência da multidão em Tessalônica e em Éfeso, e dos agitadores no templo de Jerusalém. Deus tinha protegido Paulo dos homens maus enquanto ele permanecia obediente ao seu chamado: proclamar o evangelho da salvação. Paulo tinha recebido a palavra de Jesus de que ele devia testemunhar em Roma e ele sabia que Deus o protegeria dos perigos (23.11).

---

40. I. Howard Marshall, *Luke: Historian and Theologian* (Grand Rapids: Zondervan, 1971), p. 193

41. Nas epístolas de Paulo, o substantivo grego e o verbo para "arrependimento" e "arrepender-se" (*metanoia* e *metanoeo*, respectivamente) ocorrem somente cinco vezes (Rm 2.4; 2Co 7.9,10; 12.21; 2Tm 2.25; mas veja 2Co 3.16; Gl 4.9; 1Ts 1.9 para o verbo grego *epistrepho*). Paulo emprega a terminologia de fé: "estar em Cristo" ou "revestir-se do novo homem". Consultar Jürgen Goetzmann, *NIDNTT*, vol. 1, p. 359.

42. Veja 2 Crônicas 13.12; Jó 9.4; Provérbios 21.30; Atos 5.39; 11.17.

Como prisioneiro, Paulo teve todas suas necessidades básicas supridas por amigos e conhecidos. Esses membros da comunidade cristã, por sua vez, receberam o evangelho e o conselho espiritual do apóstolo. Outros visitantes, tanto de escala social elevada como baixa, também ouviram a proclamação das boas-novas. Não apenas os poderosos e soberanos (governadores romanos e um rei judeu), mas também as classes mais baixas da sociedade (o trabalhador comum e o soldado) atenderam às palavras de Paulo.

Qual era o conteúdo da proclamação do evangelho por Paulo? Era o mesmo evangelho que Jesus ensinara aos homens em Emaús e seus discípulos no cenáculo. Jesus abrira as Escrituras para eles começando com os livros de Moisés e continuando através dos escritos dos profetas e dos salmos (Lc 24.27,44).[43] Paulo não usa a tríplice divisão do Antigo Testamento mas a dupla (os livros de Moisés e dos profetas) e coloca a palavra *Moisés* no fim para dar ênfase (comparar com 28.23).

Paulo diz ao rei Agripa que o cânon do Antigo Testamento é sua fonte de informação para a pregação do evangelho. Devido ao fato de que o próprio rei acreditava nos escritos desse mesmo cânon, Agripa teria de concluir que Paulo pregava o evangelho dentro dos parâmetros do judaísmo e era inocente de qualquer má ação (veja v. 32).

23. "Eles declararam que Cristo deve sofrer e, por sua ressurreição dos mortos, seria o primeiro a proclamar a luz tanto ao povo judeu quanto aos gentios."

Paulo afirma que as profecias do Antigo Testamento revelam o sofrimento, a morte e a ressurreição do Messias. Além disso, essas profecias ensinam que o Messias deveria fazer brilhar sua luz sobre os judeus e gentios igualmente. Tanto os salmistas (Sl 2.6,7; 16.10; 22.1-21; 118.27) quanto o profeta Isaías (42.6; 49.6; 53.3-11; 60.3) falam sobre a obra, a vida, a morte e a ressurreição do Messias.

Para os judeus, era difícil aceitar a doutrina de que o Messias iria sofrer e morrer.[44] Embora Jesus e seus apóstolos se voltassem para as

43. Consultar Jacques Dupont, "La Mission de Paul d'après Actes 26:16-23 et la Mission des Apôtres d'après Luc 24.44-9 et Actes 1.8", in *Paul and Paulinism: Essays in Honour of C. K. Barrett*, org. por M. D. Hooker e S. G. Wilson (Londres: SPCK, 1982), p. 296.

44. Veja SB, vol. 2, pp. 273-99.

Escrituras para ensinar esta doutrina, os judeus revelavam relutância em aceitá-la. De fato, Jesus indicou (e retoricamente) perguntou aos homens de Emaús se os profetas haviam dito que o Cristo devia de sofrer e entrar na sua glória (Lc 24.26). Paulo, em seus sermões na sinagoga em Tessalônica, ensinou e provou mediante as Escrituras a necessidade "de que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos" (17.3). E em uma de suas epístolas ele ensina o cerne do evangelho: Cristo morreu, foi sepultado e levantado no terceiro dia, conforme as Escrituras (1Co 15.3,4). Mas como os judeus rejeitavam este ensinamento, eles prenderam Paulo e estavam prontos para matá-lo.

Cristo veio para fazer a luz do evangelho brilhar tanto sobre o povo judeu como os gentios. Jesus é a luz do mundo (veja Jo 8.12) que chama tanto judeus como gentios para deixarem a escuridão e entrar na luz. Os apóstolos, como servos de Cristo, continuam sua tarefa de dispersar as trevas e fazer a luz brilhar (veja 13.47).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 26.19-23

Versículos 19,20

ὅθεν – como um advérbio, a palavra introduz uma sentença coordenada que expressa causa: "por causa disso".[45]

ἐν – a preposição que indica lugar rege os dois substantivos *Damasco* e *Jerusalém.*

πᾶσαν – "toda a Judéia." Este é o acusativo de extensão que indica a distância a que as boas-novas que Paulo pregava chegaram.

τοῖς ἔθνεσιν – o dativo do objeto indireto separa os gentios dos judeus que viviam nos lugares acima mencionados.

πράσσοντας – modificar o sujeito entendido dos infinitivos precedentes, o tempo presente deste particípio mostra ação contínua. O verbo πράσσω indica um estilo de vida habitual: "eles praticam".

Versículo 23

εἰ – esta partícula toma o lugar da conjunção *aquilo.*

παθητός – um adjetivo verbal do verbo παθεῖν (sofrer). À luz da

45. Robertson, *Grammar,* p. 962.

prática de Lucas de expressar a necessidade do sofrimento de Cristo (veja Lc 24.26,46; At 3.18; 17.3), este adjetivo verbal deveria ser interpretado como "deve sofrer".[46]

h. *Persuasão*

26.24-29

Durante seu discurso, Paulo se dirige diretamente ao rei Agripa. Mas o governador Festo também estava presente e escutava atentamente. O assunto em questão e a escolha das palavras foram pesados demais para ele. Não sendo familiarizado com as Escrituras e desconhecendo a fé cristã, ele reage negativamente às palavras de Paulo a respeito da ressurreição de Cristo.

24. Enquanto Paulo estava dizendo essas coisas em sua defesa, Festo gritou, "Paulo, você está fora de si. Sua grande erudição o está levando a ficar louco".

a. "Paulo, você está fora de si." A palavra *defesa* deveria ser entendida como uma defesa do evangelho e não como uma defesa de uma causa de tribunal (veja o comentário sobre o v. 1). Paulo ficou tão absorvido em pregar o evangelho que Festo considerou que ele estava fora de si. A explosão de Festo na verdade dá a idéia de que o governador considerou que Paulo estava excessivamente entusiasmado e não conseguia pensar de modo são.[47] O discurso emocionado de Paulo afetou Festo que, em conseqüência, fez uma exclamação repentina em voz alta, interrompendo a apresentação do evangelho por Paulo. Quando uma pessoa é incapaz de assimilar as verdades espirituais por descrença e ignorância, ela fica propensa a dizer que o orador está fora de si. Em outro lugar Paulo observa, "Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus" (1Co 1.18, JFA). Incidentalmente, muitos dos judeus acusaram Jesus de estar possuído por demônios e louco (Jo 10.20).

b. "Sua grande erudição o está levando a ficar louco." O discurso de Paulo, apresentado em excelente grego, mostrou que ele era um homem instruído. Quando Paulo abriu as Escrituras para sua audiên-

46. Bauer, p. 602; Blass e Debrunner, *Greek Grammar*, nº 65.3; Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 321.

47. Bauer, p. 486.

cia, Festo soube que ele não poderia entender a mensagem de Paulo. Não estando familiarizado com o Antigo Testamento e os ensinamentos de Jesus, o governador se deu conta que não iria obter as informações para sua carta a Nero. Para manter seu prestígio, ele pôs-se a descrever Paulo como sendo um homem cujo alto saber o conduzia a excentricidades. Na opinião de Festo, Paulo tinha idéias impossíveis, especialmente no que dizia respeito à doutrina da ressurreição (comparar com 17.32).

25. Paulo, porém, respondeu: "Não estou fora de mim, ó excelentíssimo Festo! Pelo contrário, digo palavras de verdade e de bom senso. 26. O rei entende essas coisas, de modo que eu falo a ele com confiança. Estou persuadido de que nada disso deixou de ser notado por ele, pois nada aconteceu em lugar escondido".

Note-se estes dois pontos:

a. *Festo*. Paulo mantém a situação totalmente sob seu controle. Primeiro ele fala diretamente a Festo e depois, enquanto continua a se dirigir ao governador, faz menção das capacidades intelectuais do rei Agripa. Em resumo, ele envolve tanto Festo quanto Agripa na compreensão de sua apresentação do evangelho.

A primeira coisa que Paulo enfatiza é seu estado mental: ele está muito bem da cabeça. Ele chama o governador pelo nome e se dirige a ele usando um título de respeito ("excelentíssimo"). Essa denominação era comumente usada para pessoas de alta posição social, incluindo governadores (veja 23.26; 24.3; e comparar com Lc 1.3).

O que Paulo diz a seguir enfatiza que as palavras que ele havia dito até então deviam ser caracterizadas como verdadeiras e razoáveis. Palavras ditas num frenesi geralmente são exageradas e algumas vezes falsas. Em contraste, as palavras pronunciadas por Paulo são baseadas em fatos históricos que podem ser verificados. Palavras pronunciadas por alguém que está fora de seu juízo não conseguem transmitir moderação. Mas Paulo fala de forma racional e demonstra bom julgamento e autocontrole. Durante seu discurso e particularmente mais para o fim, Paulo exibe entusiasmo e fervor por amor a Cristo. Mesmo assim ninguém pode dizer que lhe falte demonstração de falta de zelo pela causa que lhe é querida.

b. *Agripa*. Enquanto respondia a Festo, Paulo habilmente envolve Agripa para manter a atenção do rei. Em sua resposta ao governador, ele esboça uma figura de Agripa e o coloca em luz favorável. Agripa conhece as Escrituras do Antigo Testamento e assim Paulo pode com segurança, pregar o evangelho para ele. Paulo está na verdade dizendo que ele pode fazê-lo com franqueza, ou seja, livre e abertamente.

Agripa ouve o elogio, pois Paulo diz que o rei é excepcionalmente observador dos assuntos religiosos de Israel. Ele diz, "Estou persuadido de que nada disso deixou de ser observado por ele". Paulo dá a entender que Agripa sabe muito bem que o Cristianismo é o cumprimento das profecias messiânicas do Antigo Testamento. Depois do Pentecostes, em 30 d.C., o evangelho de Cristo tinha sido proclamado abertamente e francamente em todo Israel e em todo mundo greco-romano. E Agripa, enquanto passava sua infância na Cesaréia certamente teria aprendido sobre o crescimento da igreja cristã entre os judeus e os membros da casa de Cornélio, o centurião romano.

"Pois nada disso aconteceu em algum lugar escondido." Os adeptos da fé cristã não se escondiam em lugares secretos. Eles levavam a mensagem da salvação a todas as cidades maiores. Eles estavam presentes na Judéia, Samaria, e Galiléia (9.31); tinham viajado até a Fenícia, Chipre e Antioquia (11.19); fundaram igrejas em toda Ásia Menor, Macedônia e Acaia; e tinham levado o evangelho a lugares tão distantes como Roma. O Cristianismo tinha se tornado uma religião mundial. Paulo tinha falado sem medo perante os filósofos epicureus e estóicos em Atenas (17.16-33), tinha ensinado em público por mais de dois anos em Éfeso (19.8-10), e tinha se defendido perante Félix e Festo (24.10-21; 25.8-11). Nada fora feito em segredo nalgum canto.[48] Paulo engenhosamente cita palavras que os filósofos usavam de forma pejorativa para se referir a mestres incultos. Esses mestres tentavam ganhar adeptos entre as pessoas das classes baixas da sociedade mas não tinham condição ou vontade de apresentar seus ensinamentos a estudiosos. Ao citar esse adágio, Paulo efetivamente refuta as acusações de Festo sobre insanidade.

48. Consultar Abraham J. Malherbe, " 'Not in a Corner': Early Christian Apologetic in Acts 26:26", *SeeCent 5* (9185-86): 193-210.

27. "O senhor acredita nos profetas, rei Agripa? Eu sei que sim."

Mais uma vez voltando sua atenção diretamente para Agripa, Paulo lhe faz uma pergunta pessoal seguida de imediato por um elogio ao rei. Paulo lhe pergunta se acredita nos profetas, o que é uma referência indireta ao Antigo Testamento. Com essa pergunta ele obriga o rei a enfrentar um dilema: se Agripa responder de forma negativa ele cai no desagrado dos judeus; se responder afirmativamente ele fica mal quando Paulo lhe disser para acreditar no evangelho. Antes que ele possa responder, Paulo já dá a resposta em lugar dele: "Bem sei que sim". Na verdade, a resposta de Paulo é tão positiva que ela traz consigo o seguinte significado: "Por intuição eu sei que sim".

28. Agripa respondeu a Paulo, "Em pouco tempo, você estará tentando me persuadir a agir como um cristão".

a. *Traduções*. Variações no texto grego são refletidas nas traduções diferentes desse versículo:

"Você quase me persuade a me tornar cristão" (NJV).
"Com poucas palavras você está tentando me persuadir a ser cristão" (MLB).
"Em pouco tempo você vai me persuadir a me tornar um cristão" (NASB).
"Você acha que em um tempo tão curto vai poder me persuadir a me tornar um cristão?" (NIV).
"Em um tempo curto você pensa que pode fazer de mim um cristão?" (RSV).

As versões diferem em três pontos. Primeiro, será que o texto grego se refere ao tempo ("num curto tempo") ou aos meios ("com umas poucas palavras")? Segundo, deveria o texto ser traduzido como "persuadir" ou "pensar"? Por último, nós adotamos a versão *tornar-me um cristão* ou *fazer de mim um cristão*? Os problemas técnicos são discutidos em outras fontes; aqui eu desejo mostrar a sabedoria do entendimento preciso das expressões idiomáticas em grego em vez de fornecer uma tradução literal, mas rígida.[49] Essa expressão no discurso de

49. Um exemplo semelhante encontra-se no texto grego de 3 Reis 20.7 (ou seja, 1Rs 21.7 nas nossas Bíblias), no qual o verbo *fazer* significa "fazer a parte de". A rainha Jezabel desafia o rei Acabe a "agir como rei de Israel". Veja A. Nairne, "En oligo me peitheis

Paulo dá a conotação de, "Em pouco tempo você estará tentando me persuadir a agir como um cristão".

b. *Interpretação*. Antes, durante e depois do discurso de Paulo, Agripa mostra boa vontade para com Paulo. Portanto nós não devemos interpretar a observação de Agripa nem como uma tentativa de ridicularizar o orador, nem como uma resposta jocosa para fazer a audiência rir.[50]

Agripa vê que a pergunta penetrante de Paulo a respeito dos escritos dos profetas iria levar a uma pergunta posterior sobre a crença no evangelho. Ele contesta Paulo evasivamente sobre se ele esperava uma "resposta instantânea à sua pregação".[51] Da mesma forma que Félix, que dispensou Paulo quando o assunto da ética pessoal se tornou demasiadamente pessoal (24.25), Agripa recorreu a uma tática de tempo: meia hora é muito pouco para que eu me comprometa! Além do mais, ele não quer ser identificado como cristão. Durante o primeiro século, o nome *cristão* gerava desprezo e mofa (veja 1Pe 4.16). Na presença do governador, dos oficiais de altas patentes e de líderes proeminentes, Agripa não está interessado em declarar que sabe a verdade sobre o evangelho de Cristo e que deseja seguir Jesus. Com uma pergunta ele revela falta de firmeza, responde a Paulo e dá o caso por encerrado.

29. Paulo disse, "Peço a Deus que, em pouco ou muito tempo, não somente o senhor, mas também todos os que estão me ouvindo hoje, possam tornar-se como eu sou, exceto por estas cadeias."

O apóstolo aproveita a oportunidade para fazer um comentário final. Em elegante grego ele pronuncia um voto que se aplica tanto ao rei como a todos os membros da audiência. Paulo expressa seu desejo na forma de uma oração a Deus. Ele está literalmente dizendo que naquele momento oraria a Deus se as circunstâncias fossem apropriadas. A reunião chegou ao fim, pois tão logo Paulo terminou de falar o rei se levantou. Esse gesto indicava o término da sessão.

O desejo de Paulo, independentemente do tempo envolvido, era ver todos os ouvintes de seu discurso se tornarem como ele. Ele não

---

Christianon poiesai- Acts xxvi.28", *JTS* 21(1919-20): 171-72; Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 323; Bruce, *Acts* (texto grego), p. 506.

50. Comparar com Lenski, *Acts*, p. 1055.

51. Malherbe, "'Not in a Corner'", p. 210.

usa a palavra *cristão*, mas seu desejo para todos era que seguissem a Jesus Cristo, porque nele havia salvação completa e liberdade. Tendo ousado tanto, Paulo tem a última palavra e acrescenta rapidamente, "exceto estas cadeias". Com essa última frase, ele relembra ao governador e ao rei que ele não havia recebido a justiça que lhe era devida, que ele anseia por se ver livre e que ele tinha apelado seu caso para César.

Considerações Práticas em 26.28

Quando Davi se tornou rei de Israel e deu o exemplo ao servir ao Deus de Israel, o povo progrediu espiritualmente e materialmente. Se o rei Agripa tivesse posto sua fé em Jesus, ele teria dado exemplo para os cidadãos de seu reino. Agripa recebeu um convite pessoal para expressar sua fé, mas se recusou a aceitar, por ter considerado que ser um seguidor de Jesus Cristo não era digno dele. O Cristianismo floresceu entre as classes mais baixas da sociedade e portanto era desprezado pela elite. Entretanto, o evangelho de Jesus Cristo é para todas as classes da sociedade, para os altos e poderosos bem como para os pobres e desvalidos.

Em Atos, Lucas demonstra que o evangelho de Cristo alcançou homens e mulheres de influência. Ele menciona pessoas notáveis que se tornaram cristãs: o tesoureiro real (8.27), um centurião (10.1), um irmão adotivo de Herodes Antipas (13.1), um procônsul (13.7) e homens e mulheres gregos proeminentes (17.4,12). Algumas mulheres eram ricas (12.12), do mundo dos negócios (16.14), capazes de ensinar (18.26) e profetizar (21.9). Os seguidores de Cristo são de todos os níveis sociais, onde Cristo os coloca para avançar a causa da sua igreja e do seu reino. Os ensinamentos de Jesus são abertos ao mundo (Jo 18.20) e não deveriam nunca ser banidos da vida pública.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 26.24-29

Versículo 24

μεγάλῃ τῇ φωνῇ – o adjetivo está numa posição de predicado com o resultado que é equivalente a uma sentença relativa: "em voz alta".[52]

52. Robertson, *Grammar*, p. 789.

σε – o pronome pessoal aparece na primeira parte da sentença; em grego a colocação talvez seja para expressar ênfase.

γράμματα – o substantivo se refere a letras ou livros. Entretanto, ele "pode também significar *saber mais elevado*".[53]

Versículo 26

λανθάνειν – note-se que o tempo presente deste infinitivo denota ação contínua: "continuamente deixa de ser notado".

οὐ – esta partícula não nega o verbo πείθομαι (eu persuado), mas pertence ao infinitivo λανθάνειν como um negativo duplo.[54]

ἐστιν πρπραγμένον – esta é uma construção perifrástica com o passivo particípio perfeito do verbo πράσσω (eu faço, pratico). A ênfase está no aspecto formal desta construção, ou seja, a ação é vista do começo até o presente.

Versículo 28

ἐν ὀλίγῳ – esta frase provavelmente indica tempo ("rápido"). Se for entendido como um dativo de meios, o substantivo λόγῳ (palavra) ou um substantivo semelhante deveria ser fornecido.

πείθεις – é o uso do sentido de coação deste verbo no tempo presente. O agente de coação indica um ato que começou mas foi interrompido: "você está tentando me persuadir".[55] A redação no presente passivo πεί θῃ (vocês são persuadidos, confiam, pensam) tem apoio somente do Codex Alexandrinus. Ele pode indicar a tentativa de um escriba de suavizar a leitura do texto.[56]

ποιῆσαι – "fazer, agir." Apoiado pelos manuscritos mais importantes (P^{74}; códices Sinaiticus, Alexandrinus e Vaticanus), esta redação parece ser mais difícil de explicar do que a redação γενέσθαι (tornar-se), que é sustentada pelo texto Bizantino. A regra de que o texto mais difícil é o original, tem mérito neste caso. Também, não é remota a possibilidade de que a inclusão do infinitivo γενέσθαι tenha sido influenciada pela redação do versículo 29.

---

53. Bauer, p. 165.
54. Moule, *Idiom-Book*, pp. 167-68.
55. Turner, *Grammar of New Testament Greek*, vol.3, p. 63.
56. Consultar Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª edição corrigida (Londres e Nova York: United Bible Socities, 1975), p. 496.

Versículo 29

εὐξαίμην ἄν – com uma prótase implícita ("se apenas fosse possível") o optativo tem conotação de "Eu poderia orar".[57]

ὁποῖος καὶ ἐγώ – "mesmo como eu." A conjunção significa "como".[58]

---

i. *Conclusão*

26.30-32

30. O rei, Berenice, o governador e aqueles que estavam sentados com eles, levantaram-se. 31. Enquanto eles se retiravam, começaram a conversar, dizendo, "Este homem não está fazendo nada que seja passível de morte ou prisão".

O rei Agripa, que presidia essa nobre reunião, fica de pé e sinaliza que a mesma terminou. Todos os outros dignitários incluindo Berenice e o governador, fazem o mesmo. Enquanto deixam a sala, os membros da audiência se engajam numa calorosa discussão sobre a prisão de Paulo e seu discurso. Nós deduzimos que Lucas estava presente (veja o comentário sobre o versículo 25.23) e ouviu os comentários feitos a respeito de Paulo. Ele ouviu os dignitários dizerem que Paulo não tinha feito nada para merecer a prisão ou a morte (comparar com 23.29; 25.25). Com base no discurso de Paulo, os oradores estavam dizendo que a pregação do evangelho de Cristo não era ameaça ao império romano e que, portanto, não era ofensa que merecesse punição.

32. Então Agripa disse a Festo, "Este homem bem podia ser solto, se não tivesse apelado para César".

Em resposta ao pedido do governador Festo com relação à ajuda para compor a carta para o imperador Nero, Agripa lhe forneceu as informações necessárias. Depois de se consultar com os dignitários presentes, talvez Festo tivesse comunicado a Paulo as palavras da carta que seria enviada a Roma. Agripa tinha dito ao governador que se Paulo não tivesse apelado para César ele poderia ser solto da prisão. A culpa de sua prisão era, portanto, atribuída a decisão de Paulo de apelar para o imperador. Não o governador, mas Paulo tinha a culpa!

---

57. Moule, *Idiom-Book*, p. 151.
58. Blass e Debrunner, *Greek Grammar*, nº 442.13.

O conselho de Agripa para Festo caracteriza a justiça do rei para com Paulo. Como judeu, Agripa poderia ter tomado partido dos judeus, mas com base no seu conhecimento do Antigo Testamento e dos ensinamentos do Cristianismo ele declara Paulo inocente de qualquer crime. Como rei apontado pelo imperador, ele tinha de seguir a lei romana e honrar o pedido de Paulo para ser julgado em Roma. Festo concordou com Agripa e Paulo esperou transporte para a cidade imperial.

Sumário do Capítulo 26

Paulo recebe permissão para falar. Ele informa a Agripa e ao resto da audiência que ele se considera afortunado por poder fazer sua defesa perante o rei, que conhece os costumes e controvérsias dos judeus.

Ele se identifica como sendo um judeu que veio a Jerusalém, que vivia como um fariseu, e que é acusado pelos judeus por acreditar nos ensinamentos da ressurreição. Ele relata que havia se oposto a Jesus, oprimido os santos, fora a numerosas sinagogas para fazer com que fossem punidos, e viajou para outros países para persegui-los.

Paulo conta novamente sua experiência de conversão perto de Damasco, sua indicação como servo e testemunha, e sua comissão para pregar o evangelho. Ele descreve como obedeceu à voz do céu, proclamou a mensagem de salvação e foi preso pelos judeus, que tentaram matá-lo.

O governador Festo interrompe o discurso de Paulo e o acusa de estar louco. Paulo nega que esteja louco e pede a Agripa que afirme sua fé nos escritos dos profetas. Agripa recusa responder a essa pergunta pessoal e encerra a audiência. Ele comenta que Paulo poderia ser solto se não tivesse apelado para César.

27

Viagem e Permanência em Roma

Parte 1

27.1-44

ESBOÇO

27.1–28.31	X. Viagem para Roma e Permanência Nessa Cidade
27.1-44	A. De Cesaréia a Malta
27.1-12	1. Para Creta
27.1,2	a. Embarque no Navio
27.3-8	b. Navegando para Creta
27.9-12	c. À Espera em Creta
27.13-44	2. A Tempestade
27.13-20	a. O Tufão
27.21-26	b. A Revelação
27.27-32	c. Profundidade
27.33-38	d. Encorajamento
27.39-44	e. O Naufrágio

Capítulo 27

ATOS 27.1-17

27 1. Quando foi decidido que deveríamos navegar para a Itália, Paulo e alguns outros presos foram confiados a um oficial chamado Júlio, que pertencia ao Regimento Imperial. 2. Embarcamos num navio adramitino, que estava de partida para os portos da província da Ásia. Fizemo-nos ao mar, indo conosco Aristarco, um macedônio de Tessalônica. 3. No dia seguinte, chegamos a Sidom; Júlio, tratou Paulo com gentileza, permitindo que fosse ver amigos para que provessem às suas necessidades. 4. Partindo dali, fizemo-nos ao mar novamente e navegamos sob a proteção de Chipre, porque os ventos eram contrários a nós. 5. E, tendo atravessado o mar aberto ao longo da Cilícia e Panfília, chegamos a Mira, na Lícia. 6. Ali o oficial encontrou um navio de Alexandria, que estava de partida para a Itália; ele nos fez embarcar nele. 7. Por muitos dias, navegamos vagarosamente e, com dificuldade, chegamos a Cnido. Os ventos não nos permitiram prosseguir, de modo que, sob a proteção de Creta, navegamos pelo lado oposto de Salmona. 8. Com dificuldade, navegamos ao longo da costa de Creta até um lugar chamado Bons Portos, que era perto da cidade de Laséia.

9. Muito tempo se passou e a viagem tornou-se perigosa porque o tempo no qual o Jejum [o Dia da Expiação] era observado já havia passado. Paulo os alertou, 10. dizendo: "Senhores, vejo que a viagem será desastrosa, com dano e muito prezuízo, não só da carga e do navio, mas também da nossa vida". 11. Mas o oficial dava mais crédito ao piloto e ao mestre do navio do que ao que Paulo dizia. 12. Como o porto era impróprio para invernar, a maioria decidiu partir de Bons Portos, esperando alcançar Fenice e passar o inverno nesse porto de Creta, o qual estava voltado tanto para o nordeste como para o sudeste.

13. Quando um vento sul começou a soprar brandamente, eles pensaram que haviam atingido seu propósito. Levantaram a âncora e começaram a navegar o mais próximo possível da costa de Creta. 14. Entretanto, não muito depois, um tufão, chamado Euroaquilão, levantou-se impetuosamente da ilha. 15. O navio foi apanhado e não conseguia velejar contra o vento; nós fomos arrebatados e nos deixamos levar. 16. Passando sob a proteção de uma ilhota chamada Cauda, a custo conseguimos recolher o bote. 17. Depois de o terem levantado, usaram ca-

bos de sustentação para cingir o navio. Como temessem que pudessem encalhar nos bancos de areia de Sirte, soltaram a âncora e assim o navio foi levado. 18. Já que éramos violentamente acoitados pela tormenta, no dia seguinte eles começaram a se livrar na carga. 19. No terceiro dia, eles atiraram ao mar os equipamentos do navio com as próprias mãos. 20. Como há muitos dias não apareciam nem o sol nem as estrelas, e não pequena tempestade caindo sobre nós, aos poucos fomos desistindo de toda a esperança de sermos salvos.

21. Quando todos já estavam há muito tempo sem comer, Paulo, pôs-se de pé no meio deles e disse: "Homens, vocês deveriam ter seguido meu conselho para não sair de Creta; vocês teriam evitado este dano e esta perda". 22. E agora eu os aconselho a não perderem o ânimo. Nenhum de vocês, mas somente o navio, se perderá. 23. Esta noite mesmo, um anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo, 24. dizendo: 'Paulo, não tenha medo; você deve ser julgado perante César. Além do mais, Deus lhe deu todos os que estão navegando com você'. 25. "Portanto, homens, tenham bom ânimo, pois eu confio em Deus que sucederá do modo como me foi dito. 26. Porém é necessário que encalhemos em alguma ilha."

27. Na décima quarta noite, enquanto estávamos sendo levados através do mar Adriático, por volta da meia-noite os marinheiros começaram a pressentir que estavam se aproximando de alguma terra. 28. Eles fizeram sondagens e descobriram que a água tinha vinte braças de profundidade. Um pouco mais tarde, fizeram outra sondagem e descobriram uma profundidade de quinze braças. 29. Receando que fôssemos atirados contra as rochas, lançaram da popa quatro âncoras e faziam votos para que chegasse o dia. 30. Os marinheiros estavam tentando fugir do navio e tinham arriado o bote no mar, sob o pretexto de que estavam para largar âncoras da proa. 31. Disse Paulo ao oficial e aos soldados: "A menos que esses homens permaneçam no navio, vocês não poderão salvar-se". 32. Então, os soldados cortaram os cabos do bote e o deixaram afastar-se.

33. Enquanto amanhecia, Paulo continuava a rogar a todos que se alimentassem. Ele dizia, "Hoje é o décimo quarto dia que vocês estão esperando. Vocês estão sem comer; não provaram nada. 34. Portanto, eu insisto para que vocês comam alguma coisa. Isso é para sua própria sobrevivência, pois nenhum de vocês perderá nem mesmo um simples fio de cabelo". 35. Depois de dizer isso, tomou um pão e deu graças a Deus na presença de todos. Ele o partiu e começou a comer. 36. Todos se sentiram encorajados e comeram também. 37. Ao todo, estávamos em 276 pessoas a bordo. 38. Quando se sentiram satisfeitos, começaram a aliviar o navio, lançando o trigo ao mar.

39. Quando amanheceu, eles não reconheceram a terra, mas avistaram uma baía onde havia uma praia na qual eles decidiram encalhar o navio, se possível. 40. Depois de terem desprendido as âncoras, deixando-as ir ao mar, soltaram também as amarras do leme, alçaram a vela de proa ao vento e se dirigiram para a praia. 41. Eles encontraram um banco de areia e encalharam o navio. A proa encravou-se e ficou imóvel, mas a popa começou a se abrir pela violência do mar. 42. Os soldados planejaram matar os prisioneiros de modo que ninguém fugisse nadan-

do. 43. Mas o oficial, querendo salvar Paulo, impediu-os de levar seu plano adiante. Ele ordenou que os que soubessem nadar fossem os primeiros a lançar-se ao mar e alcançar a terra. 44. Quanto aos demais, que se salvassem, uns, em tábuas, e outros, em destroços do navio. E foi assim que todos chegaram em segurança em terra.

X. Viagem para Roma e Permanência nessa Cidade
27.1–28.31

A. De Cesaréia a Malta
27.1-44

À exceção dos pescadores, os judeus não eram gente do mar. Somente quando a necessidade os forçava a viajar de navio é que os judeus empreendiam uma extensa viagem pelo mar. Eles tinham um medo inato dos poderes imprevisíveis do vento e das ondas. Quando João escreve que vira novos céus e nova terra, "o mar já não existe" (Ap 21.1). Para ele, o desaparecimento do mar era uma fonte de conforto. Agora ele podia esperar paz e tranqüilidade.

Paulo tinha navegado nas águas do Egeu e do Mediterrâneo mais de uma vez. Ele estava acostumado com os perigos do mar, pois ele escreve que sofreu naufrágio três vezes e passara uma noite e um dia em mar aberto (2Co 11.25). Novamente Paulo tinha de embarcar num navio, mas agora como prisioneiro, sob a custódia de Roma. Ele estava acompanhado de Lucas, que registrou detalhadamente a terrível experiência da viagem de Cesaréia para a Itália. O relato começa na ida da Cesaréia para Creta.

1. *Para Creta*
27.1-12

Ao longo de todo o capítulo 27 e no seguinte, novamente o escritor (veja 16.10-17; 20.5–21.18) usa o pronome na primeira pessoa do plural para indicar que ele acompanhara Paulo de Cesaréia a Roma.[1] Ele menciona nomes de lugares – e alguns bastante obscuros – que estudiosos têm identificado como corretos; ele descreve condições climáticas que podem ser mais bem entendidas como observações de uma

1. Hans Conzelmann duvida de que Lucas estivesse presente e explica o uso do pronome pessoal como sendo "um recurso literário". *Acts of the Apotles*, trad. por James Limburg, A. Thomas Kraabel e Donald H. Juel (1963; Filadélfia: Fortress, 1987), p. 215.

testemunha ocular.[2] Favorecemos o ponto de vista de que os vívidos detalhes apresentados nesse relato são obra de uma testemunha ocular que passou pela tempestade e pelo naufrágio que se seguiu.

a. *Embarque no Navio*

27.1,2

1. Quando foi decidido que deveríamos navegar para a Itália, Paulo e alguns outros presos foram confiados a um oficial chamado Júlio, que pertencia ao Regimento Imperial.

a. "Quando foi decidido." A frase mostra que o autor deseja manter certo anonimato, porque os sujeitos dos verbos *decidir* e *confiar* estão ausentes. Embora Festo tivesse dado a ordem para que Paulo fosse transportado a Roma, o cumprimento dessa ordem dependia de alguns fatores e pessoas. Por exemplo, o governador não enviaria a Roma um único prisioneiro acompanhado por um centurião e um grupo de soldados. Ele esperaria até que tivesse um grupo de prisioneiros, de várias partes da Palestina e do interior, para ser enviado para a Itália. As autoridades tinham de aguardar a chegada de um navio que tivesse como acomodar um grupo grande de pessoas. (Note-se que o navio que naufragou carregava 276 pessoas [v. 37].) O transporte teria de ser feito por um navio cargueiro que fosse grande o suficiente para velejar ao longo da costa, para entregar e receber carga e levar passageiros.

b. "Que deveríamos navegar para a Itália." Quando Paulo foi encarcerado na Cesaréia seus amigos os visitavam e supriam suas necessidades. Mas teria Lucas permissão para acompanhá-lo na viagem? A mesma coisa pode ser perguntada sobre Aristarco, que é identificado como um macedônio de Tessalônica (v. 2; 19.29; 20.4). Esses homens eram amigos de Paulo e viajaram como seus acompanhantes.[3] Nós conjeturamos que eles tenham pago suas passagens e assim puderam

2. Consultar Colin J. Hemer, *The Book of Acts in the Setting of Hellenistic History*, org. por Conrad H. Gempf (Tubingen: Mohr, 1989), pp. 330-31; veja também seu artigo, "First Person Narrative in Acts 27-28". *TynB 36* (1985): 79-109.

3. William M. Ramsay é da opinião que Lucas e Aristarco tiveram permissão para acompanhar Paulo na qualidade de escravos dele. *St Paul the Traveller and the Roman Citizen* (1897; reedição, Grand Rapids: Baker, 1962), p. 316. F. F. Bruce sugere que Lucas teria viajado como médico de bordo. *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary*, 3ª ed. rev. e aum. (Grande Rapids: Eerdmans, 1990), p. 672.

acompanhar Paulo e atender às necessidades dele.[4] Os prisioneiros dependiam de seus amigos e parentes no que diz respeito a alimento, roupa e outras necessidades.

Note-se que Lucas escreve que eles navegaram para a Itália e não para Roma. Viajantes com destino a Roma geralmente viajavam de navio até o sul da Itália e depois seguiam a pé até a cidade imperial.

c. "Paulo e alguns outros presos foram confiados a um oficial chamado Júlio." A pessoa importante nesse relato não é Lucas mas sim Paulo; à exceção do uso dos pronomes *nós* e *nos*, o escritor se recolhe ao anonimato. Paulo é colocado separado dos outros prisioneiros, escreve Lucas. Ou seja, os outros homens por certo eram criminosos. Mas o centurião considera Paulo como uma pessoa de classe, respeitado e a quem as pessoas ouvem (veja especialmente vs. 21-26,31,33-35).

O oficial romano encarregado dos prisioneiros era um centurião chamado Júlio. Lucas o descreve como um oficial do Regimento do Imperador.[5] Com o auxílio dos seus soldados, Júlio atuou como um agente de transporte militar com autoridade para escoltar e proteger prisioneiros.[6] Presume-se que ele fosse um integrante da guarda pessoal de Nero enviado em missão especial a Cesaréia e estivesse agora voltando a Roma.

2. Embarcamos num navio adramitino, que estava de partida para os portos da província da Ásia. Fizemo-nos ao mar, indo conosco Aristarco, um macedônio de Tessalônica.

O governador Festo aparentemente não conseguiu organizar os meios apropriados para enviar Paulo ao longo das estradas romanas, de Cesaréia a Trôade, e depois pelo mar Egeu para a Macedônia, ao longo da Via Egnatia para a costa ocidental da Macedônia, e então por navio pelo mar Adriático até a Itália. Em vez disso, ele achou que o confinamento de um navio tornaria a fuga difícil, se não impossível.

4. Consultar Jean Rougé, "Actes 27, 1-10", *VigChr 14* (1960): 193-203.

5. Outra tradução traz "um centurião da coorte augusta" (NASB). No século 1º, um regimento com esse nome estava estacionado na Síria e Batanea (leste da Galiléia). T. R. Broughton, "The Roman Army", *Beginnings*, vol. 5, pp. 443-44.

6. Veja A. N. Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law in the New Testament* (1963; reedição, Grand Rapids: Baker, 1968), pp. 109-10. Consultar Henry Alford, *Alford's Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, 7ª ed., 4 vols. (1877; Grand Rapids: Guardian, 1976), vol. 2, p. 285.

Para o transporte de prisioneiros por navio ele tinha de contar com cargueiros que navegavam nas águas costeiras. Os navios que carregavam grãos egípcios da Alexandria para a Itália não aportavam na Cesaréia, mas velejavam pela costa da Ásia Menor. Festo colocou Júlio, seus soldados e os prisioneiros a bordo de um cargueiro que fazia paradas em vários lugares até chegar no seu porto de origem, o Adramítio. Essa cidade portuária era localizada na costa noroeste da Ásia Menor, a leste de Trôade e Assôs e oposto a Mitilene (veja 20.13,14).

Lucas escreve que Aristarco acompanhou Paulo nessa viagem. Mais tarde, Paulo em uma de suas epístolas, que escreveu quando preso, disse que Aristarco era seu companheiro de prisão, o que dá a entender que ele viajou com Paulo o tempo todo até chegar a Roma (Cl 4.10). Ali ele permaneceu com o apóstolo numa casa alugada. É provável que ele tenha se oferecido voluntariamente para ficar com Paulo e compartilhar de sua prisão.[7]

Palavras, Frases e Construções em Grego em 27.1,2

Versículo 1

ἐκρίθη – o aoristo passivo tem o infinitivo articular τοῦ ἀποπλεῖν como sujeito: "foi determinado que deveríamos navegar para a Itália".[8] A construção, porém, é incomum. A construção com a terceira pessoa do singular é indefinida.

O texto ocidental fornece um acréscimo (as adições estão em itálico): "*Então o governador decidiu enviá-lo a César; e no dia seguinte ele chamou* um centurião chamado Júlio, da Coorte Imperial, e entregou-lhe Paulo juntamente com os outros prisioneiros. *E começando a navegar para a Itália* nós embarcamos num navio".[9]

παρεδίδουν – uso do imperfeito do verbo παραδίδωμι (eu entrego) é descritivo.[10]

---

7. William Hendriksen, *Exposition of Colossians and Philemon*, série New Testament Commentary (Grand Rapids: Baker, 1964), p. 187.

8. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 1424.

9. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 496.

10. Friedrich Blass eAlbert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and*

Versículo 2

ὄντος – o particípio presente ativo é parte de uma construção de genitivo absoluto.

ἀνήχθημεν – o verbo ἀνάγω (eu faço subir) no médio passivo é um termo náutico (comparar com 13.13; 16.11; 18.21; 27.12; 28.11) e significa "fazer-se ao mar". Lucas emprega nada menos que catorze verbos diferentes para expressar o progresso de um navio. Todos esses termos náuticos são exclusivos do seu Evangelho e de Atos; eles não são encontrados em outros livros do Novo Testamento.[11]

---

b. *Navegando para Creta*

27.3-8

3. No dia seguinte, chegamos a Sidom; Júlio, tratou Paulo com gentileza, permitindo que fosse ver amigos para que provessem às suas necessidades.

Se os ventos fossem favoráveis, o capitão do navio poderia facilmente cobrir os 129 quilômetros entre Cesaréia e Sidom em um dia, mas Lucas não faz comentários sobre o vento (contrastar com o versículo seguinte). Em Sidom eles aportaram para carregar e descarregar. Visto ser essa uma tarefa que demandava muito tempo, Júlio deu permissão a Paulo para desembarcar e ir visitar seus amigos na cidade. Aparentemente Júlio sabia que Paulo era um cidadão romano e não um criminoso, por isso o tratava com cordialidade. Lucas parece indicar que durante a viagem Paulo não ficou acorrentado. Em contraste, quando finalmente Paulo chegou a Roma e ficou em prisão domiciliar, Lucas menciona que Paulo ficava preso com uma corrente (28.20).

Embora Lucas omita a identidade dos amigos de Paulo, nós conjeturamos que eles eram membros da igreja de Sidom. Lucas fornece provas indiretas de que havia cristãos ali, pois ele escreve que as pessoas que foram dispersas por ocasião da morte de Estêvão chegaram até a Fenícia (11.19). Além do mais, Paulo e Barnabé viajaram pela Fenícia para irem ao Concílio de Jerusalém, e haviam contado aos irmãos sobre a conversão dos gentios (15.3).

Other Early Christian Literature, trad. e rev. por Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), nº 327.

11. Consultar James Smith, *The Voyage and Shipwreck of St. Paul*, 3ª ed. (Londres: Longmans, Green, 1866), pp. 27-28.

4. Partindo dali, fizemo-nos ao mar novamente e navegamos sob a proteção de Chipre, porque os ventos eram contrários a nós.

Numa viagem anterior, indo de Pátara a Tiro, quando então o navio tinha navegado para o sul de Chipre (21.1-3), Lucas tinha visto a ilha dos lados sul e oeste. Mas nessa viagem os ventos eram adversos (do oeste), ele escreve, e o navio navegou sob a proteção da ilha – ou seja, a leste da ilha numa direção setentrional. "Ora, um marinheiro ou pessoa acostumada a esses mares não se preocuparia em dar nenhuma dessas explicações, pois o curso do navio era o normal."[12] Entretanto, Lucas talvez não fosse "acostumado a esses mares" e escreve como uma testemunha ocular que descreve todos os detalhes.[13]

Nós não somos informados se o navio fez outras paradas em outros portos ao longo da costa da Síria e da Cilícia. Por viajarem próximo da linha litorânea, o capitão e sua tripulação tiravam vantagem do escudo protetor da ilha. Mas havia chegado a hora de se moverem para oeste e enfrentarem as brisas noroestes.

5. E, tendo atravessado o mar aberto ao longo da Cilícia e Panfília, chegamos a Mira, na Lícia.

Navegando numa direção ocidental os homens a bordo podiam ver as montanhas de Chipre desaparecerem no horizonte. A tripulação sabia que estavam agora em mar aberto e que seria prudente navegar mantendo a visão das duas províncias adjacentes, Cilícia e Panfília. Os marinheiros conheciam bem a corrente que corre para oeste ao longo da costa sul da Ásia Menor.

Embora Lucas condense a história, nós imaginamos que os ventos noroestes fizeram com que o navio progredisse lentamente por cerca de duas semanas. Com ventos favoráveis, o tempo estimado de viagem seria de quatro a cinco dias de Pátara a Tiro (21.3), mas com ventos contrários uma viagem de volta podia levar cinco dias a mais.[14] A via-

12. Ramsay, *St. Paul the Traveller*, p. 317.

13. Vernon K. Robbins argumenta que o escritor recebeu o material por tradição oral e fontes escritas. "By Land and by Sea: The We-Passages and Ancient Sea Voyages", in *Perspectives on Luke-Acts*, org. por Charles H. Talbert (Edimburgo: Clark, 1978), p. 241. Veja a análise de Hemer, *Book of Acts*, pp. 317-20; e "First Person Narrative", pp. 81-86. Veja também C. K. Barrett, "Paul Shipwrecked", in *Scripture: Meaning and Method*, org. por Barry P. Thompson (Hull, Inglaterra: Hull University Press, 1987), pp 51-56.

14. Para uma bibliografia a respeito desse assunto, veja Hemer, *Book of Acts*, p. 134 n.

gem de Cesaréia para Mira levou três senão quatro semanas e provavelmente ocorreu na última semana de agosto e primeira quinzena de setembro (veja os comentários adicionais no v. 9), quando os ventos prevalecentes foram de noroeste.

Por fim, o navio chegou à cidade portuária de Mira, localizada na província da Lícia. Esse era um porto importante, semelhante ao de Pátara, onde passageiros começavam viagens para várias partes da bacia do Mediterrâneo. Júlio e seus homens podiam ter ficado a bordo do cargueiro adramitino, cruzado o mar Egeu e viajado por terra para a costa ocidental da Macedônia. Mas Júlio preferiu transferir os prisioneiros e seus soldados para outro navio que ia direto para a Itália.

6. Ali o oficial encontrou um navio de Alexandria, que estava de partida para a Itália; ele nos fez embarcar nele.

No século 1º, Roma dependia do Egito para seu suprimento de grãos; como conseqüência, o governo romano desenvolveu a marinha mercante que transportava grandes quantidades de grãos do porto egípcio da Alexandria para Putéoli, no sul da Itália. Dependentes dos ventos ocidentais, esses navios algumas vezes, cruzavam o mar Mediterrâneo e iam de Alexandria diretamente para Mira, que fica ao norte. Mas se os ventos soprassem do noroeste, eles navegariam para a Fenícia e depois para Pátara ou Mira, na Ásia Menor. Dali eles continuavam sua viagem em direção à ilha de Rodes e para Creta. Eles prosseguiam ao longo da costa sul de Creta e cruzavam o Mediterrâneo na direção oeste para Malta e Sicília.

Fazendo valer sua autoridade militar, Júlio obteve passagens para seus prisioneiros, soldados e para si num navio alexandrino que estava indo para Itália. Todas essas pessoas deixaram o navio adramitino e, como disse Lucas, embarcaram no navio alexandrino. (O adjetivo *alexandrino* revela que o navio carregava cargas e grãos do Egito [veja vs. 18,38].) De passagem diga-se que, embora Júlio fizesse uso de sua autoridade militar para obter passagem para seus homens, a relação entre o oficial romano e o capitão do navio parece ter sido cordial.

Conforme os padrões da época, os navios transportadores de carga

102. O texto ocidental acrescenta “por quinze dias” depois das palavras *tendo cruzado o mar aberto*.

eram imensos, medindo 55 metros de comprimento por 14 metros de largura e 13 metros de profundidade.[15] Alguns dos passageiros desses navios dispunham de pequenas cabinas, mas a maioria ficava no convés aberto, onde faziam seus próprios abrigos. As condições a bordo eram de um excesso de lotação, como Josefo relata.[16]

7. Por muitos dias, navegamos vagarosamente e, com dificuldade, chegamos a Cnido. Os ventos não nos permitiram prosseguir, de modo que, sob a proteção de Creta, navegamos pelo lado oposto de Salmona. 8. Com dificuldade, navegamos ao longo da costa de Creta até um lugar chamado Bons Portos, que era perto da cidade de Laséia.

O imenso navio lotado de carga, grãos e 276 pessoas, partiu na direção oeste. Devido aos ventos fortes de oeste e noroeste, o navio tinha de se manter perto da linha costeira e aproveitar sua proteção. No entanto, ele fazia pouco progresso. Depois de muitos dias o navio chegou a Cnido, uma cidade localizada na ponta da península que se projeta da costa na direção oeste. Quando a embarcação chegou a Cnido, ela deixou de contar com a proteção do continente e com a vantagem da corrente ocidental.

O navio foi forçado a ir quase que direto para o sul em direção a Creta. Com o vento noroeste soprando suas velas, o navio se movia para a proteção de Creta próximo ao cabo Salmona, um promontório situado no canto nordeste da ilha. O próprio nome pode sugerir que Salmona era um "refúgio da exposição do vento".[17]

O litoral oriental da Creta é relativamente curto. Em questão de horas a tripulação teve de enfrentar a tarefa de virar o navio na direção oeste e navegar ao longo da costa sul. Lucas indica que eles despenderam grande esforço nessa tarefa. A tripulação finalmente moveu o navio na direção de um lugar chamado Bons Portos, localizado perto da cidade de Laséia, onde lançaram âncoras.

---

15. Luciano *Navigium* 5.

16. Durante o governo de Félix, ele viajou para Roma; sofrendo um naufrágio, ele e seus "companheiros de umas seiscentas almas tiveram de nadar por toda aquela noite". Oitenta dessas pessoas foram recolhidas a bordo de um navio de Cirene. Josefo *Life 3* [13-15].

17. Hemer, *Book of Acts*, p. 135.

Pouco se sabe sobre esses dois lugares. Laséia estava situada a cerca de oito quilômetros a leste de Bons Portos.[18] Em Bons Portos, as embarcações estavam relativamente protegidas de ventos noroestes; a área tinha duas baías adjacentes que a seu modo eram atraentes como o nome indica. Embora elas fossem protegidas por muitas ilhas pequenas, a baía dava saída para o mar aberto e passar o inverno ali não parecia uma boa idéia.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 27.4-8

Versículos 4,5

ὑπεπλεύσαμεν – este composto é um aoristo ativo que significa "nós navegamos perto de".[19]

τε – a partícula adjunta une os versículos 4 e 5.

τήν – note-se que um artigo definido precede os dois substantivos *Cilícia* e *Panfília*. A construção indica proximidade e unidade (comparar com 9.31).

Versículos 7,8

προσεῶντος – do verbo προσεάω (eu permito ir mais longe), o particípio presente ativo é parte da construção do genitivo absoluto. A preposição πρός no composto é diretiva, não intensiva.

μόλις – "com dificuldade." O advérbio ocorre duas vezes, uma com o particípio γενόμενοι (chegou) e novamente com o particípio presente παραλεγόμενοι (navegando).

---

c. *À Espera em Creta*

27.9-12

9a. Muito tempo se passou e a viagem tornou-se perigosa porque o tempo no qual o Jejum [o Dia da Expiação] era observado já havia passado.

a. *Tempo*. Na última semana de setembro, o navio ancorou em uma das baías de Bons Portos. Ficou ali detido talvez por causa dos ventos contrários que sopravam do noroeste.

---

18. Consultar Smith, *Voyage and Shipwerck*, pp. 83-85, 259-60.
19. Robertson, *Grammar*, p. 634.

Se a tripulação decidisse partir de Bons Portos eles teriam de navegar ao redor do cabo Matala (uns poucos quilômetros além a oeste) e então enfrentar o mar aberto. No cabo Matala a linha litorânea se move abruptamente para o norte por muitos quilômetros. O navio ficaria incapacitado de ficar perto da costa com um vento noroeste.

Lucas afirma meramente que o tempo passava. Todos a bordo sabiam que um dia parado no porto significava menos tempo favorável em mar alto. A estação para navegar mares altos estava rapidamente chegando ao fim.

b. *Perigo*. Lucas escreve que cruzar o Mediterrâneo tinha se tornado perigoso. Nos tempos antigos, navegar mares altos depois do dia 15 de setembro era contra-indicado.[20] A essas alturas o tempo já tinha se enuviado; a espessa cobertura de nuvens impedia os navegantes de observar as estrelas, pelas quais se guiavam para navegar. E de 11 de novembro a 10 de março todos os navios ficavam no porto. Os rabis judeus aconselhavam as pessoas a viajar por mar somente entre a Festa dos Pães Asmos até a festa dos Tabernáculos (observada cinco dias depois do Jejum do décimo quinto dia de Tisri).[21] Nós sabemos que ao longo das costas da Itália, o tráfico costeiro recomeçava na primeira semana de fevereiro.

c. *Jejum*. Lucas menciona o Dia do Jejum, que é o Dia do Perdão do calendário judaico, observado no final de setembro ou começo de outubro (segundo o calendário lunar; veja Lv 16.29-34; 23.26-32). Nós somos inclinados a tomar a data mais tardia possível para a observação do Jejum por causa das indicações de tempo dadas por Lucas na seqüência do seu relato. A data mais adiantada para o Jejum (dez de Tisri) caiu no dia 5 de outubro no ano 59 d.C.[22] Enquanto o navio estava em Bons Portos, Paulo e seus amigos observaram o Jejum. Poucos dias depois, o capitão decidiu içar âncoras e navegar até o porto de Fenice (v. 12). Depois de partir de Creta, o navio passou duas semanas

20. Vegetius *De Re Militari* 4:39. Consultar Lionel Casson, *Ships and Seamanship in the Ancient World* (Princeton: Princeton University Press, 1971), p. 270.

21. SB, vol. 3, p. 77.

22. Hemer, *Book of Acts*, pp. 137-38, 333; F. F. Bruce, *The Book of the Acts*, ed. rev., série New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), p. 481; Ramsay, *St. Paul the Traveller*, p. 322.

em alto-mar antes de naufragar (vs. 27,41) na última semana de outubro. Depois de disso, Paulo esperou três meses na ilha de Malta (de novembro a janeiro) antes de embarcar noutro navio ancorado em Putéoli (28.11,13). A essas alturas já estavam em meados de fevereiro.

Se conjeturarmos que o navio adramitino deixou Cesaréia na última semana de agosto e que Paulo aportou em Putéoli em meados de fevereiro, temos uma noção sobre o início e o fim de sua viagem. Não temos como provar, mas ao que tudo indica Paulo chegou na Itália no mês de fevereiro do ano 60 d.C.

9b. Paulo os alertou, 10. dizendo: "Senhores, vejo que a viagem será desastrosa, com dano e muito prejuízo, não só da carga e do navio, mas também da nossa vida".

Paulo era um viajante experiente que, segundo seu próprio testemunho tinha sofrido três naufrágios (2Co 11.25). Ele sabia que uma decisão sobre onde passar os meses do inverno tinha de ser tomada.

Que autoridade tinha Paulo para aconselhar o piloto, o capitão do navio e o centurião? Não sabemos, mas sua experiência, sua conduta e sua visão não passaram despercebidas nessa viagem. Quando Paulo falava, as pessoas ouviam o que ele tinha para dizer (vs. 21-26,33,34). O teor e a substância do conselho de Paulo era que continuar a viagem significaria correr o risco de perder o navio, sua carga e mesmo as vidas da tripulação e dos passageiros. (O tempo do verbo *alertar* indica que Paulo várias vezes avisou a algumas pessoas para não deixarem o porto [veja v. 21]). Paulo e seus amigos tinham se humilhado perante Deus no dia de Jejum (Lv 16.29) e hesitavam em arriscar-se a deixar o porto e enfrentar o perigo inevitável do mar. Eles viam esse risco como equivalente a tentar a Deus.[23]

11. Mas o oficial dava mais crédito ao piloto e ao mestre do navio do que ao que Paulo dizia. 12. Como o porto eram impróprio para invernar, a maioria decidiu partir de Bons Portos, esperando alcançar Fenice e passar o inverno nesse porto de Creta, o qual estava voltado tanto para o nordeste como para o sudeste.

23. John Calvin, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 2, p. 288.

Júlio tinha autoridade nesse assunto pois ele era um oficial militar encarregado dos prisioneiros e dos grãos para Roma.[24] Ele escutou a Paulo mas ele também tinha de considerar o que o piloto e o capitão do navio tinham a dizer. Esses dois conheciam a costa cretense. Eles sabiam que Bons Portos não oferecia boa proteção contra as tempestades de inverno. Sabiam também que se pudessem velejar aproximadamente 65 quilômetros a oeste para Fenice eles teriam um local mais apropriado para passar os meses de inverno.

Lucas relata que Fenice tinha um porto que dava para sudoeste e noroeste. Nesse lugar, o cabo Mouros se projeta para o mar na direção sul e oeste. Ele oferece duas baías: uma no lado leste e outra a oeste do cabo. Ao longo das praias da baía ocidental fica uma cidade que atualmente tem o nome de *Foinica*, enquanto a cidade de Loutro está localizada ao longo da praia da baía oriental. Não apenas nos tempos antigos, mas também nos atuais, os marinheiros preferem a baía ocidental nos meses de inverno; "Dizem que os barqueiros de Loutro consideram o porto com este nome como inseguro de novembro a fevereiro".[25] Na baía ocidental ficava o porto de Fenice, onde a tripulação do navio alexandrino queria passar o inverno.

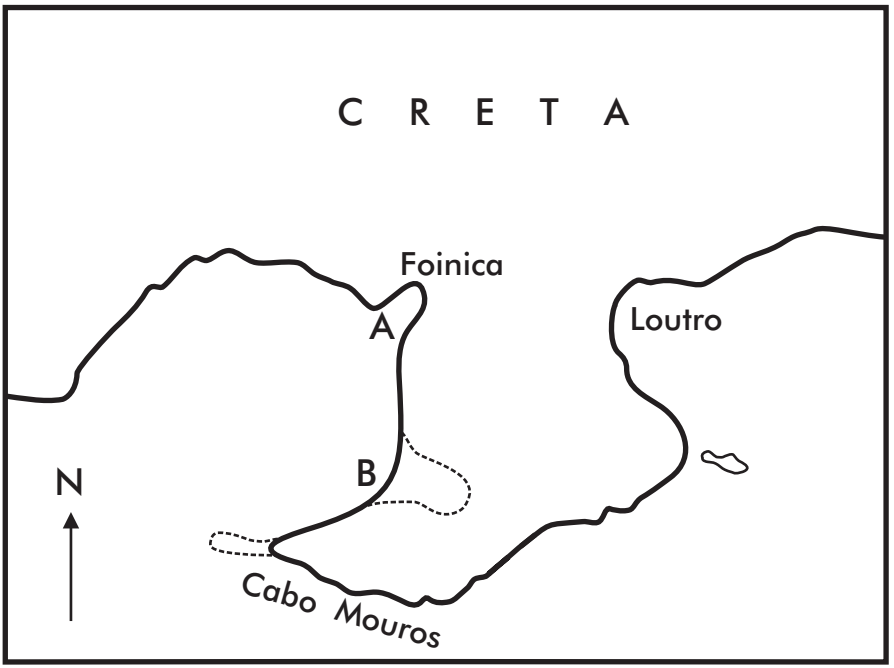
Os comentaristas têm um problema em explicar como um porto do lado sul de Creta pode dar para noroeste. A versão parece logicamente absurda. Entretanto, pesquisas arqueológicas têm mostrado que nos dias de Paulo a baía ocidental tinha dois portos. Como o mapa abaixo indica, o porto A tem frente para o sul e o porto B para noroeste. A topografia de Creta mudou desde então. Terremotos elevaram a parte ocidental de Creta em seis metros em alguns lugares e provavelmente quatro metros em Loutro. O porto B virou terra seca. "A linha de conchas que marca o limite das praias soerguidas aqui e em volta da baía, é de quatro metros acima do atual nível do mar."[26] Também, desde tempos antigos a projeção rochosa do promontório ocidental do cabo Mouros diminuiu de 45 a 91 metros e conseqüentemente oferece menor proteção contra o mar do que nos tempos antigos.

---

24. Hemer, "First Person Narrative", p. 94.

25. Jack Finegan, *The Archeology of the New Testament World of the Early Christian Apostles* (Boulder, Colorado: Westview; Londres: Croom Helm, 1981), p. 197.

26. R. M. Ogilvie, "Phoenix," *JTS* n. s. 9 (1958): 312.



Considerações Práticas em 27.9-12

Em Atos, Lucas registra os dias festivos do calendário judaico. Por exemplo, por duas vezes, ele se refere à festa do Pentecostes (2.1; 20.16), duas à da Páscoa (também chamada de festa dos Pães Asmos; 12.4; 20.6) e uma vez ao Jejum (27.9). As referências ocorrem porque Lucas escreve sobre Pedro e Paulo, que observavam os dias festivos desse calendário. No porto de Bons Portos, a observância de Paulo do Dia do Jejum coincidia com o Dia do Perdão que era celebrado em Jerusalém.

A igreja cristã criou seu próprio calendário que, para alguns cristãos, começa com a Epifania. Todos os cristãos observam a Sexta-feira Santa e a Páscoa, o dia da Ascensão (quarenta dias depois da Páscoa, 1.3), o Pentecostes (sete semanas depois da Páscoa), e o Natal. A igreja compôs hinos e cantatas para serem cantados e tocados nessas ocasiões. Os crentes são incentivados a celebrar esses dias santos e a expressar sua alegria e felicidade. Por outro lado, o mundo não tem um conjunto de hinos e olha com inveja para os cristãos quando eles celebram seus dias especiais.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 27.9-12

Versículos 9,10

Os genitivos na primeira metade do versículo 9 duas vezes formam a construção do genitivo absoluto. Esta construção é seguida do uso casual do infinitivo articulado no modo ativo perfeito παρεληλυθέναι (ter passado). De modo gramaticalmente conciso, por três vezes seguidas Lucas expressa a idéia de que havia passado tempo.

παρῄνει – de παραινέω (eu aconselho, recomendo, aviso), o tempo imperfeito indica ação repetida.

μέλλειν ἔσεσθαι – a construção do infinitivo é introduzida pela conjunção ὅτι (aquele). A sintaxe, entretanto, é desajeitada, provavelmente devido a um deslize do autor.[27]

Versículo 12

εἴ πως – a combinação de duas partículas introduz uma cláusula de propósito que por implicação tem o discurso indireto.[28]

δύναιντο – "se de algum modo eles pudessem." Aqui está o presente optativo numa construção de discurso direto implicado. A apódose está faltando, mas pode ser deduzida da proposição.

2. *A Tempestade*

27.13-44

A viagem de Paulo a Roma é uma história tocante no Livro de Atos e a seção da tempestade deve ser considerada a melhor parte dessa história. Lucas prova ser um excelente cronista, uma testemunha ocular que usa o pronome na primeira pessoa do plural *nós*. Com uns poucos traços de sua pena de mestre, ele descreve o drama nos altos mares e compõe uma história que pode ser colocada em as clássicas de todos os tempos.

a. *O Tufão Euroaquilão*

27.13-20

13. Quando um vento sul começou a soprar brandamente, eles

27. C. F. D. Moule, *Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 154.
28. Robertson, *Grammar*, p. 1021.

pensaram que haviam atingido seu propósito. Levantaram a âncora e começaram a navegar o mais próximo possível da costa de Creta.

Os marinheiros esperaram até que detectaram uma mudança na direção do vento. Em vez de uma brisa noroeste, soprou um vento suave do sul ou sudoeste. A tripulação viu a oportunidade que estavam esperando e, sem perda de tempo, levantaram âncoras para velejar os 65 quilômetros até Fenice.

Eles navegaram em linha reta para o oeste por cinco a seis quilômetros até rodearem o Cabo Matala. Nesse momento, eles tinham de se mover para o norte por cerca de vinte quilômetros e então prosseguir na direção oeste-noroeste. Durante todo o percurso eles bordejaram a costa com medo de que uma tempestade repentina os empurrasse para mar aberto. Se o vento meridional se mantivesse, eles alcançariam a segurança de Fenice em poucas horas.

14. Entretanto, não muito depois, um tufão, chamado Euroaquilão, levantou-se impetuosamente da ilha.

Antes que a tripulação terminasse de virar o timão e manobrar o navio para o norte, um súbito vento nordeste começou a soprar. Em grego, Lucas escreve que o vento meridional estava soprando de modo subjacente, o que parece indicar que o céu estava carregado de nuvens. Uma tempestade vinda da ilha se desencadeou e carregou navio para longe da costa, para o mar aberto. James Smith descreve de modo vívido a mudança das condições do tempo no Mediterrâneo oriental: "A súbita mudança de um vento sul para um vento norte violento é um acontecimento comum nesses mares. O termo '*tufão*', pelo qual é descrito, indica que foi acompanhado por algum fenômeno comum nesses casos, isto é, a agitação e o movimento em redemoinhos das nuvens causados pelo encontro de correntes de ar opostas no momento em que a mudança ocorreu".[29]

O vento é chamado de "o nordeste", que no grego é *Euroaquilão*. A palavra é um termo náutico que deriva da palavra grega *euros* (vento leste) e da expressão em latim *aquilo* (vento norte).[30] Num lugar cha-

29. Smith, *Voyage and Shipwreck*, p. 101.

30. A KJV e a NKJV trazem a versão como *Euroclydon*, que na verdade significa "o vento

mado Tuga na África proconsular, os arqueólogos descobriram uma rosa dos ventos de doze pontas que foi talhada no pavimento. Os nomes dos ventos começam com norte e se movem na direção dos ponteiros do relógio para leste, sul e oeste. Para o vento nordeste, aparece o nome *euroaquilo*.[31]

15. O navio foi apanhado e não conseguia velejar contra o vento; nós fomos arrebatados e nos deixamos levar.

A escolha de palavras para descrever a fúria do furacão é impressionante. Lucas diz que o navio foi arrastado para longe e "não pode enfrentar o olho do vento" (lit.). Uma tempestade vinda da ilha varreu as montanhas de Creta e chegou ao mar atingindo o navio com um vento violento vindo do leste-nordeste. A tripulação fez todo o possível para ficar perto do litoral enquanto tentava usar o vento a seu favor, mas se deu conta de que a força do vento não lhes permitiria manter o curso. O navio começou a derivar. Os homens não podiam fazer mais nada além de aceder ao vento e largar o navio à deriva numa direção sudoeste.[32]

Embora Lucas não fosse um marinheiro, ele estava tão envolvido pela tensa situação e pela incerteza da viagem, que escreveu este versículo e as sentenças seguintes na primeira pessoa do plural.

16. Passando sob a proteção de uma ilhota chamada Cauda, a custo conseguimos recolher o bote.

O vento nordeste empurrou o navio num curso oeste-sudoeste do cabo Matala na direção de uma pequena ilha chamada Cauda (atual Gaudos ou Gozzo).[33] O navio cobriu a distância entre Cauda e Creta que é de 37 quilômetros em umas poucas horas de desespero. Os homens conseguiram manobrar o navio até ficar ao abrigo da ilha. Com a proteção da ilha eles tiveram a oportunidade de preparar o navio para o

---

sudeste que agita as ondas" (Bauer, p. 325). Mas um vento do sudeste teria feito o navio chegar no porto de Fenice e não na ilha Cauda (v. 16).

31. Hemer, *Book of Acts*, pp. 141-42. Veja também seu "Euraquilo and Melita", *JTS* n. s. 26 (1975): 100-11.

32. O texto ocidental expande o texto: "Nós demos lugar [ao vento] *que soprava e, tendo arriado as velas,* fomos levados". Metzger, *Textual Commentary*, p. 497.

33. As grafias do nome variam de Cauda a Clauda e Clauden. Talvez Cauda seja a grafia latina e Clauda, a grega.

pior por vir. A primeira tarefa foi recolher o bote salva-vidas que normalmente boiava preso na parte anterior do navio. O vento furioso esmagaria o bote salva-vidas contra o navio. Os marinheiros (e, aparentemente os passageiros, incluindo Lucas) tiveram grande dificuldade em içá-lo a bordo.

17. Depois de o terem levantado, usaram cabos de sustentação para cingir o navio. Como temessem que pudessem encalhar nos bancos de areia de Sirte, soltaram a âncora e assim o navio foi levado.

Os marinheiros tinham três tarefas a realizar:

a. *Bote salva-vidas*. O navio tinha passado o lado leste da ilha; a tripulação evitou o lado oeste da ilha com seus perigosos arrecifes. Agora, com as velas do navio arriadas e sua proa para o vento, para minimizar a deriva, a tripulação conseguiu içar o bote salva-vidas a bordo.

b. *Cordas*. Tão logo terminaram a primeira tarefa, os marinheiros começaram a outra. Eles queriam passar cordas por debaixo e em volta do navio para firmá-lo e reforçá-lo. Como isso foi feito, não se sabe, porque as palavras gregas do texto são obscuras. Provavelmente as cordas eram amarradas apertadamente em volta do casco do navio para manter as pranchas firmes contra a armação e assim evitar entrada de água. Nesse tipo de procedimento, cordas são passadas fortemente ao longo e em volta do navio em vários lugares da proa à popa.[34] Outras sugestões são de que as cordas estiradas na direção do comprimento da frente para trás do navio ou ao longo da parte externa do navio desde a proa até a popa.[35] Seja qual tenha sido o procedimento, o objetivo era fortificar o navio contra as pancadas dos ventos e das ondas.

c. *Âncora*. Tão logo eles chegaram ao abrigo da ilha de Cauda, a tripulação deitou âncoras ao mar numa tentativa de imobilizar o navio. A palavra grega *skeuos*, que eu traduzi como "âncora", é um termo geral que pode ser usado para "coisa, objeto, navio, instrumento". Esse objeto pode ter sido uma âncora de deriva ou uma âncora flutuante.[36] O

34. Consultar H. J. Cadbury, "Hypozomata", *Beginnings*, vol. 5, p. 348; Smith, *Voyage and Shipwreck*, pp. 107-8; Hemer, *Book of Acts*, p. 143 n. 120.

35. Veja Casson, *Ships and Seamanship*, pp. 91-92.

36. Veja Ernst Haenchen, *The Acts of the Apostles: A Commentary*, trad. por Bernard

contexto dita que o *skeuos* servia para desacelerar o empuxo do navio. Os marinheiros sabiam que se o Euroaquilão empurrasse o navio para sudoeste finalmente o navio iria bater nos bancos de areia de Sirte (o golfo de Sidra na costa da Líbia. O Sirte menor é o golfo de Gabes a leste da costa da Tunísia.). Esses bancos de areia da Sirte maior, como os marinheiros sabiam, eram extremamente perigosos.[37] Portanto, os homens estavam fazendo o que podiam para evitar o naufrágio nas areias movediças de Sirte.

Ancorar em Cauda era impossível porque o porto da ilha dava para o lado leste-nordeste e dessa maneira não oferecia proteção contra a tempestade. O navio tinha de deixar o abrigo da Cauda e se mover para o mar aberto. Com a ajuda de velas de tempestade, os marinheiros podiam exercer algum controle e manter o navio firme. O uso das velas evitava que o navio fosse levado na direção de Sirte.[38] Embora o navio derivasse, com a ajuda das velas de tempestade ele se movia devagar na direção ocidental.[39]

18. Desde que éramos violentamente acoitados pela tormenta, no dia seguinte eles começaram a se livrar na carga. 19. No terceiro dia, eles atiraram ao mar os equipamentos do navio com as próprias mãos.

Os marinheiros dos tempos antigos não tinham instrumentos de navegação e tinham de se guiar pelo sol, pela lua e pelas estrelas para determinar a direção. Mas o céu totalmente coberto de nuvens tornou impossível para eles obterem as informações e, durante a tormenta, a tripulação do navio alexandrino não pôde determinar seu curso. Quando os ventos sopraram com a força de furacão, e a chuva mais os borrifos das ondas tempestuosas diminuíram grandemente a visibilidade, a tripulação entrou em pânico. Embora Lucas forneça um relato diário, ele deixa para o leitor imaginar como a tripulação e os passageiros conseguiram romper a noite. Não é de admirar que os marinheiros apavorados tivessem tomado medidas drásticas na manhã seguinte.

Noble e Gerald Shinn (Filadélfia: Westminster, 1971), p. 703 n. 2. Veja Jean Rougé, *Ships and Fleets of the Ancient Mediterranean*, trad. por Susan Frazer (Middletown, Conn.: Wesleyan University Press, 1981), p. 66.

37. Virgílio *Aeneida* 4.40-41; Strabo *Geography* 2.5.20; 17.3.16-17.

38. Smith, *Voyage and Shipwreck*, p. 114.

39. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 333.

Temos dificuldade em explicar o motivo pelo qual os marinheiros jogaram a carga e os equipamentos do navio ao mar, a não ser dizer que o navio ficaria mais leve. Mas um navio vazio fica mais susceptível ao movimento das ondas do que um navio carregado e mais suscetível ao vento. Talvez a tripulação pensasse que um navio vazio iria escapar dos bancos de areia se ele entrasse na Sirte maior.

A palavra *carga* é um termo geral; assim, nós devemos entender que a tripulação jogou ao mar a carga extra amontoada no convés do navio e no porão (comparar com Jn 1.5).[40] Lucas relata que cerca de duas semanas mais tarde, quando o naufrágio era quase certo, a tripulação jogou o trigo no mar (v. 38).

No dia seguinte (ou seja, o terceiro desde que eles tinham deixado a costa da Creta), os marinheiros com suas próprias mãos jogaram os equipamentos do navio ao mar. Alguns manuscritos trazem *nós jogamos*,[41] que indicaria que todos os membros da tripulação bem como os passageiros, foram necessários para jogar ao mar o mastro principal que era tão alto quanto uma árvore grande. Descartar esse poste serviria para aliviar o navio consideravelmente. A palavra grega *skeue* é geral e refere não apenas ao mastro principal do equipamento do navio, isto é, seus apetrechos.[42] Os equipamentos que os marinheiros pensaram que devia ser atirado eles jogaram com suas próprias mãos. O mastro preso ao lais da verga foi jogado ao mar e quando amarrado à proa do navio serviu de freio. Com essas poucas palavras Lucas descreve o pânico que tomou conta da tripulação.

20. Como há muitos dias não apareciam nem o sol nem as estrelas, e não pequena tempestade caindo sobre nós, aos poucos fomos desistindo de toda a esperança de sermos salvos.

Em termos simples Lucas descreve a cena a bordo do navio. E como se o leitor não tivesse entendido bem, o escritor repete o óbvio. A tripulação e os passageiros ficaram incapacitados de ver o sol de dia e

40. Rougé comenta que a prática de carregar carga no convés era comum. *Ships and Fleets*, p. 70.

41. O texto Majority, refletido na KJV e na NKJV.

42. D. J. Clark traduz: "A tempestade violenta continuou, então no dia seguinte, eles tentaram jogar o equipamento pesado do navio ao mar; no terceiro dia, com grande esforço eles conseguiram". "What went overboard first?" *BibTr 26* (1975): 144-46.

as estrelas de noite. Dessa maneira, perdidos no mar, eles tinham medo de nunca mais chegar à terra. Se eles estivessem parados perto de terra, a tempestade teria passado. Mas no alto mar eles foram juntos com a tormenta que começou em Creta e terminou em Malta.

Lucas, de forma típica expressa-se com a sentença negativa: "não pequena tempestade caindo sobre nós." A tempestade os açoitava noite e dia, hora após hora. Não é de surpreender que os homens se desesperassem. Lucas francamente admite, "aos poucos fomos desistindo de toda a esperança de sermos salvos". Não somos informados sobre se o navio estava se enchendo de água por causa de infiltração, pela chuva ou pelo movimento das ondas, mas um volume cada vez maior de água no porão do navio pode ter sido a razão para ter-se jogado fora a carga e os equipamentos.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 27.13-20

Versículo 13

Todas as palavras neste versículo e nos seguintes (14-20) começam com uma ou duas construções de absoluto genitivo. Esse recurso literário parece ser característico do autor.

κεκρατηκέναι – o infinitivo perfeito ativo de κρατέω (eu alcanço) leva o genitivo προθέσεως (propósito) como um objeto direto. O tempo perfeito revela que os marinheiros tinham planejado suas ações por um longo tempo.

ἄραντες – de αἴρω (eu levanto), o particípio aoristo ativo é complementado por um substantivo e um verbo subentendidos: "tendo levantado âncoras, eles navegaram".

ἆσσον – embora este advérbio comparativo de ἄγχι (próximo) signifique "mais perto", ele deveria ser entendido como um superlativo: "eles começaram a navegar tão perto quanto possível da terra". O verbo παρελέγοντο (v. 8) é o perfeito de ação inicial.

Versículos 14-16

ἔβαλεν κατ᾽ αὐτῆς – o aoristo é efetivo; ele significa que o vento "bateu vindo da [Creta]," e não "contra ela".[43]

43. Moule, *Idiom-Book*, p. 60.

ἀντοφθαλμεῖν – o presente infinitivo é um composto da preposição ἀντί (contra) e o substantivo o ὀφθαλμός (olho). O navio não conseguiu enfrentar o vento.

τῷ ἀνεμῳ – "o vento." Este substantivo no dativo pode ser tomado com o infinitivo precedente *enfrentar* ou o particípio aoristo seguinte ἐπιδό ντες (entregamos). A maioria dos tradutores interpreta o substantivo tanto com o infinitivo como com o particípio (por ex., BJ, NAB, NIV, RSV).

ὑποδραμόντες – de ὑποτρέχω (eu corro, navego sob), este particípio aoristo mostra que o navio navegou ao sul da ilha para encontrar abrigo contra a tempestade.

ἰσχύσαμεν – o aoristo é incoativo: "nós começamos a conseguir".

Versículos 17,18

μή – depois de verbos que expressam medo, a sentença negativa aparece com μή e o subjuntivo. O subjuntivo aoristo ἐκπέσωσιν (eles foram) tem o sentido da forma passiva de ἐκβάλλω (eu jogo fora).[44]

ἐκβολὴν ἐποιοῦντο – o substantivo indica a ação de atirar; o verbo é o imperfeito de começo: "eles começaram a aliviar".

Versículo 20

λοιπόν – uma expressão adverbial que significa "enfim". É parente da expressão francesa *enfin*.

τοῦ σῴζεσθαι – o infinitivo articular complementa o substantivo ἐλπίς (esperança): "toda a esperança de sermos resgatados."

---

b. *A Revelação*

27.21-26

Ao descrever a terrível peleja com o furacão (vs. 13-20), Lucas deixa Paulo totalmente fora de cena. E, no entanto, Paulo se encontrava com o povo. Quando o desespero tomou conta de todos a bordo e ninguém dizia palavra alguma de esperança e encorajamento, Paulo trouxe uma mensagem espiritual de socorro.

21. Quando todos já estavam há muito tempo sem comer, Paulo, pôs-se de pé no meio deles e disse: "Homens, vocês deveriam ter

44. Robertson, *Grammar*, p. 802.

seguido meu conselho para não sair de Creta; vocês teriam evitado este dano e esta perda".

O desespero tem um efeito debilitante na mente e, por extensão, no corpo humano. O desespero não deixa a pessoa sentir os sinais de fome e como conseqüência o corpo vai enfraquecendo. A ansiedade fez com que a tripulação e os passageiros tivessem ficado sem comer por um longo período. Além do quê, cozinhar tornou-se quase impossível, e o suprimento de alimentos se tornou deteriorado pela água do mar.

Nessas circunstâncias de desalento, Paulo ficou de pé e se dirigiu aos homens que estavam sentados em total letargia e esperando o golpe do desastre. Paulo tomou um lugar no meio da multidão. E essas pessoas com o espírito quebrantado por causa da situação sem solução estavam prontos a ouvir suas palavras. Ele disse,

a. "Homens, vocês deveriam ter seguido meu conselho para não sair de Creta." Anteriormente Paulo tinha aconselhado o centurião romano, o piloto e o capitão do navio (v. 10) a não continuar a viagem. Mas eles rejeitaram o conselho de Paulo. Depois de algumas poucas horas eles souberam que tolamente tinham arriscado o navio, sua carga e a vida dos tripulantes e passageiros.

b. "Para evitar este dano e perda." Todos a bordo sabiam do conselho que Paulo havia dado antes e muitos passageiros tinham visto a tripulação jogar a carga e os equipamentos no mar. Essa perda poderia ter sido evitada se eles tivessem ficado em Bons Portos. O preço que eles pagaram pela decisão impetuosa de prosseguir viagem foi a perda de bens sem mencionar a angústia e o desconforto dos passageiros. Em seu desespero o povo olhou para Paulo. Se ele tinha uma palavra de ânimo para ajudá-los em sua situação desesperada, eles estavam ansiosos por ouvir.

22. E agora eu os aconselho a não perderem o ânimo. Nenhum de vocês, mas somente o navio, se perderá. 23. Esta noite mesmo, um anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo, 24. dizendo: 'Paulo, não tenha medo; você deve ser julgado perante César. Além do mais, Deus lhe deu todos os que estão navegando com você'"

a. "E agora, eu os aconselho a não perderem o ânimo." Paulo não

se gaba de sua força pessoal mas sim em Jesus Cristo, que lhe dá forças para suportar (comparar com Fp 4.13). Ele sabe que terá de testificar de Jesus em Roma (23.11), e baseado nisso ele é capaz de aconselhar os homens a não perderem o ânimo. Entretanto, ele precisa de informação definida sobre o desfecho da viagem para dar sentido às suas palavras. A menos que Deus lhe comunique informação pertinente, ele não poderá ter certeza de que ninguém vai perecer.

b. "Esta noite mesmo, um anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo." Na hora certa e fora de hora (veja 2Tm 4.2), Paulo aproveita toda oportunidade de fazer as pessoas conhecerem o seu Deus e a mensagem da verdade. Depois de ganhar a confiança da sua audiência, ele diz aos homens que havia recebido uma mensagem de um anjo de Deus, a respeito do bem-estar e da segurança física deles. Embora ele tivesse avisado que o navio, a carga e as vidas seriam perdidos (v. 10), agora ele podia assegurar aos homens que a vida deles seria poupada, mas não o navio.

Paulo acrescenta que ele pertence a Deus e é servo de Deus. Note-se que Paulo está se dirigindo a gentios que eram politeístas em suas concepções religiosas e superstições. Mas Paulo abertamente fala de um Deus e de servir esse Deus. Ele tem de se opor e corrigir a idéia gentia que se uma pessoa serve a Deus então Deus é obrigado a retribuir com favores.[45] Ele mostra aos homens que ele põe sua confiança em Deus, que tem provado repetidas vezes nunca lhe faltar. Por essa razão, Paulo lhes repete as palavras exatas do anjo.

c. "Paulo, não tenha medo; você deve ser julgado perante César." Nós suspeitamos que, numa ocasião anterior, a tripulação, os soldados e prisioneiros tinham ficado sabendo que Paulo apelara para César. Agora os homens entendem que se um anjo de Deus falou diretamente a Paulo então ele deve ser um homem justo. Na opinião deles, ele não pode ser um criminoso, embora tenha de ser julgado perante César.

Deus não aparece a Paulo numa visão nem num sonho. Ele envia seu anjo com um comunicado especial para corroborar a afirmação de Jesus de que Paulo chegará em Roma. No meio da tempestade, quando

45. F. W. Grosheide, *De Handelingen der Apostelen*, série Kommentaar op het Nieuwe Testament, 2 vols.(Amsterdã: Van Bottenburg, 1948), vol. 2, p. 404.

todos estavam desistindo da esperança de serem salvos, Deus envia um mensageiro especial a Paulo para reforçar a mensagem anterior de Jesus (23.11). Além disso, o anjo disse a Paulo:

d. "Deus lhe deu todos os que estão navegando com você." Paulo é servo de Deus e por implicação, seu porta-voz. Ele se apresenta como um representante de Deus que presumivelmente pedira a Deus para poupar a vida de todos os que estavam a bordo do navio. Agora, por intermédio de um anjo, Deus informa a Paulo que sua oração fora respondida e que a vida de todos os homens a bordo do navio lhe pertence. Que Paulo estava no comando se tornou evidente quando ele instrui ao centurião para manter todos os homens no navio (v. 31). Até mesmo o próprio centurião, em submissão à providência de Deus e em deferência a Paulo, poupou a vida de todos os prisioneiros (v. 43).[46]

25. "Portanto, homens, tenham bom ânimo, pois eu confio em Deus que sucederá do modo como me foi dito. 26. Porém é necessário que encalhemos em alguma ilha."

Pela segunda vez (veja v. 22) Paulo incita seus ouvintes a serem corajosos. Ele liga coragem com fé quando declara que crê em Deus. Implicitamente, Paulo convida os homens a seguirem seu exemplo e a confiarem em Deus, que controla não somente o tempo, mas tudo o mais. Ele afirma que confia inteiramente que Deus o salvará a ele e a todos a bordo, mas não o navio. Aqui está um homem que demonstra fé inabalável em seu Deus. A fé de Paulo se ancorava em Deus. Priscila J. Owens comunica este pensamento nestas palavras:

> Nas tormentas desta vida irá sua âncora segurar?
> Quando as nuvens abrirem as asas da contenda,
> As violentas marés entumecerem, e os cabos retesarem
> Sua âncora vai segurar ou soçobrar?
>
> Nós temos uma âncora que guarda a alma
> Firmada e certa, enquanto os vagalhões se enfurecem,
> Seguros na Rocha inabalável
> Fundamentados no amor do Salvador.

46. John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. por Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2, p. 725.

Paulo revela que o navio encalhará em alguma ilha. Isso não pode ser uma suposição de sua parte. É revelação dada a ele pelo anjo do Senhor, então ninguém pode mais tarde dizer que aportar em Malta foi um acaso. Como representante de Deus, Paulo declara que a predição que ele recebeu acontecerá.[47]

Considerações Doutrinárias em 27.22-26

Deus quer que seu povo seja sal da terra e que deixe sua influência permear a sociedade na qual ele, em sua providência os colocou. Na verdade, ele incita seu povo a orar pelo bem-estar social. As Escrituras nos ensinam que,

Deus abençoou todas as nações na terra por causa de Abraão (Gn 12.3; 18.18; 22.18);
Deus abençoou a casa de Potifar por amor a José (Gn 39.5);
Deus poupou os tripulantes e passageiros que acompanhavam Paulo em sua viagem (vs. 22,24).

Por amor de seus eleitos, Deus garante bênçãos aos não-crentes. A despeito da promessa de salvação, alguns dos marinheiros demonstraram sua falta de fé tentando abandonar o navio sob um pretexto (v. 30).

Cega descrença é garantia de erro
E vislumbra em vão sua obra
Deus é seu próprio intérprete
E ele tornará isso óbvio.

–William Cowper

Palavras, Frases e Construções em Grego em 27.22-24

Versículo 22

τὰ νῦν – esta é uma expressão adverbial que significa "tanto quanto a presente situação envolve".[48]

πλήν – "exceto." O advérbio serve como uma preposição irregular que rege o caso genitivo.

47. Calvin, *Acts of the Apostles*, vol. 2, p. 293.
48. Bauer, p. 546.

Versículos 23, 24

A ordem das palavras é surpreendente e enfatiza a seqüência *Deus*, *Paulo* e *um anjo*. O artigo definido em τοῦ θεοῦ deve ser traduzido, pois ele aponta para o Deus especial que Paulo está servindo.[49]

κεχάρισται – o tempo perfeito do infinitivo passa a idéia de que Deus deu a Paulo vida dos tripulantes e dos passageiros pelo tempo que durasse a viagem.

---

c. *Profundidade*

27.27-32

27. Na décima quarta noite, enquanto estávamos sendo levados através do mar Adriático, por volta da meia-noite os marinheiros começaram a pressentir que estavam se aproximando de alguma terra.

a. *Tempo*. Como Lucas mostrou em outras partes de seu livro, ele mantém um diário preciso dos dias que passam. Aqui ele menciona a décima quarta noite da viagem (i. e. desde que o navio havia deixado Creta). Segundo Smith, a distância entre as ilhas de Malta e Cauda é de cerca de 880 quilômetros. Ele calcula que um navio do século 1º, vagando a uma razão de uma milha e meia por hora com um vento leste-nordeste poderia cobrir essa distancia em treze dias.[50] A deriva no Mar Mediterrâneo parece ter acontecido em linha reta e não em ziguezague, como é freqüentemente representado nos esboços.

b. *Localização*. A designação *mar de Ádria* nos tempos do Novo Testamento se refere "àquela porção do Mediterrâneo que se estende de Malta a Creta".[51] O nome deriva da cidade italiana Átria, na Etrusca e é usado pelo historiógrafo Strabo.[52] Marinheiros medievais usaram o nome Adriático para "toda a metade oriental do Mediterrâneo" (à exceção do Mar Egeu).[53] Lucas, então, emprega a terminologia geográfica de seu tempo.

c. *Terra*. Os marinheiros começaram a sentir que o navio estava se

---

49. Robertson, *Grammar*, p. 758.
50. Smith, *Voyage and Shipwreck*, pp.124-26
51. George H. Allen e Donald H. Madvig, "Adria", *ISBE*, vol. 1, p. 58.
52. Strabo *Geography* 5.1.8.
53. Ramsay, *St. Paul the Traveller*, p. 334.

aproximando da terra. O texto literalmente diz que a terra se aproximava deles, pois, do ponto de vista do Marinheiro, é a terra e não o navio que se move. Os homens ouviram o barulho das ondas quebrando no promontório do Ponto de Coura, uma barreira localizada ao longo do litoral nordeste de Malta. As ondas impelidas pelo vento nordeste quebrando nessas rochas podem ser ouvidas a uma distância de quase meio quilômetro. No meio da noite, os marinheiros nada podiam ver, mas ouviam o barulho e sabiam que uma praia rochosa estava perto. O vento não tinha mais a força de um furacão, e enquanto vagavam na direção oeste-noroeste, eles ouvem o som vindo do sudeste. Com terror no coração, eles antecipam o naufrágio na praia rochosa.

28. Eles fizeram sondagens e descobriram que a água tinha vinte braças de profundidade. Um pouco mais tarde, fizeram outra sondagem e descobriram uma profundidade de quinze braças.

Os membros da tripulação jogaram a sonda e mediram a profundidade do mar. Primeiro encontraram 37 metros, mas um pouco mais tarde, ao medirem novamente, descobriram que a profundidade era de apenas 27 metros. Devido ao fato de que o texto original traz a palavra *pequena*, muitos tradutores suplementam com a palavra *enquanto* e entendem o termo num sentido temporal (comparar com Lc 22.58).[54] Outros estudiosos entendem o termo como significando distância.[55]

29. Receando que fôssemos atirados contra as rochas, lançaram da popa quatro âncoras e faziam votos para que chegasse o dia. 30. Os marinheiros estavam tentando fugir do navio e tinham arriado o bote no mar, sob o pretexto de que estavam para largar âncoras da proa.

A cerca de meio quilômetro da praia, os marinheiros tentaram evitar que o navio se chocasse contra as rochas. Eles jogaram quatro âncoras da popa do navio e assim evitaram que ele virasse totalmente com sua proa para o vento. Essas quatro âncoras, duas de cada lado do navio,[56] seguraram o navio no lugar enquanto a tripulação esperava com ansiedade pelo romper do dia.

54. GNB, BJ, NEB, NIV.

55. MLB, NAB, RSV, KJV, NKJV.

56. Haenchen escreve que “as antigas âncoras pesavam apenas 25 kg ”. *Acts*, p. 705 n. 7. Smith observa “que os navios dos antigos eram feitos para ancorar de popa”. *Voyage and Shipwreck*, p. 132.

A tentação de encontrar um porto seguro foi mais do que alguns membros da tripulação podiam agüentar. Eles decidiram deixar o navio sob o pretexto de largar âncoras pela proa. Para fazer isso eles tinham de descer o bote salva-vidas (veja v. 16), que presumivelmente havia sido conservado na proa do navio. Mas os passageiros, dentre eles Paulo e Lucas vêem a intenção dos marinheiros. Os passageiros se dão conta que não têm a habilidade náutica para manobrar o navio em segurança para o porto e assim enfrentarão grandes dificuldades. Nós assumimos que o piloto e o capitão do navio estão entre os marinheiros. Eles abandonaram suas responsabilidades e agora tentam abandonar os soldados, prisioneiros e outros passageiros.

31. Disse Paulo ao oficial e aos soldados: "A menos que esses homens permaneçam no navio, vocês não poderão salvar-se". 32. Então, os soldados cortaram os cabos do bote e o deixaram afastar-se.

Segundo a mensagem que Paulo havia recebido do anjo, a vida de todos os que estavam a bordo lhe tinham sido dadas. Ele assume o controle e, portanto, imediatamente se dirige ao oficial e seus soldados. Ele lhes diz que se eles permitissem que os marinheiros deixassem o navio, eles próprios não se salvariam. Embora Paulo tivesse recebido a mensagem de Deus que prometia que nenhuma vida se perderia, face à traição iminente, ele alerta os militares que eles não tinham mais garantia de segurança. Essa é a terceira vez durante o curso da viagem que Paulo fala. Júlio e os soldados agora já sabem que as palavras de Paulo são verdadeiras e não devem ser menosprezadas. Portanto, eles obedecem à palavra de Paulo. Quando Júlio e os soldados assumem o comando, os marinheiros desistem de sua tentativa de fuga. Então os soldados tomam a drástica medida de cortar as cordas e deixar o bote cair no mar. Tanto os marinheiros como os soldados agem de modo insensato; um grupo queria usar o salva-vidas com propósitos egoístas e o segundo, sem pensar, abandonaram o bote. A perda do bote significa que todos os passageiros estão exatamente na mesma situação: cada um terá de nadar até a praia.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 27.27-30

Versículo 27

προσάγειν – "aproximar-se." A confusão do texto é refletida no uso de pelo menos quatro variantes, das quais o infinitivo προσηχεῖν (ressoar) é interessante. O infinitivo presente *aproximar-se*, que no contexto significa "estava se aproximando deles", permanece a versão preferida.

Versículos 29,30

φοβούμενοι – veja o comentário sobre o versículo 17.

ηὔχοντο – o tempo imperfeito deste verbo indica ação continuada: "eles continuavam a esperar".

ὡς – com o particípio precedente χαλασάντων (largar), que é o aoristo ativo na construção do genitivo absoluto, a partícula introduz a razão alegada: "como pretexto".

d. *Encorajamento*

27.33-38

33. Enquanto amanhecia, Paulo continuava a rogar a todos que se alimentassem. Ele dizia, "Hoje é o décimo quarto dia que vocês estão esperando. Vocês estão sem comer; não provaram nada".

A movimentada e terrível noite é um tempo de espera. Enquanto a tormenta amainava e o navio permanecia ancorado, Paulo aproveita para convencer os tripulantes e passageiros a comerem antes de irem para a praia. Ele deu-lhes a palavra do anjo de Deus de que ninguém morreria e que iriam dar a uma ilha. Paulo está no controle da situação e anima as pessoas a comerem para ganhar forças e confiança para enfrentar os desafios do dia que rompe. Ele se dá conta de que os homens têm estado de vigia durante toda a viagem e que haviam perdido o apetite por causa da incerteza e ansiedade; eles não tinham feito uma refeição decente durante essas duas semanas. Estão exaustos e debilitados fisicamente. Mas, se comessem alguma coisa, eles recuperariam as forças e teriam condições de chegar à praia.

34. "Portanto, eu insisto para que vocês comam alguma coisa. Isso é para sua própria sobrevivência, pois nenhum de vocês perderá nem mesmo um simples fio de cabelo."

Paulo dá exemplo mostrando-se cheio de esperança, expectativa, fé e coragem. Ele sabe que todos serão salvos e dessa maneira espera ansioso o desenrolar dos acontecimentos do dia que começa. Ele diz, "Eu insisto para que vocês comam alguma coisa. Isso é para sua sobrevivência". Eles não estão frente à morte mas sim em face da salvação. Como ele lhes dissera antes (v. 22), ninguém a bordo perecerá. Ele vai ainda mais longe e acrescenta um ditado judeu: "nenhum de vocês perderá nem mesmo um fio de cabelo".[57] Paulo repete as exatas palavras ditas por Jesus em seu discurso sobre as últimas coisas (Lc 21.18). Essas palavras agora são aplicadas aos marinheiros, que no decurso da manhã alcançarão a praia em segurança (v. 44). Eles precisam de palavras de encorajamento, mas também de alimento; a comida lhes dará força para agir com fé nas palavras de Paulo.

35. Depois de dizer isso, tomou um pão e deu graças a Deus na presença de todos. Ele o partiu e começou a comer. 36. Todos se sentiram encorajados e comeram também. 37. Ao todo, estávamos em 276 pessoas a bordo.

As palavras do versículo 35 se assemelham àquelas de Jesus ao alimentar os cinco mil (Mt 14.19) e da instituição da Ceia do Senhor (Mt 26.26). Paulo segue o costume judeu de dar graças antes de uma refeição.[58] Na presença de todos, louva a Deus num ato de agradecimento. Ele observa essa prática a bordo e conseqüentemente encoraja as pessoas a adotá-la. Ele mostra que pertence a Deus e que o serve (v. 23).

A identificação do ato de adoração de Paulo com a celebração da Santa Ceia é descartada de imediato com base em vários pontos.

Primeiro, o texto meramente menciona a oração e o partir e comer do pão; ele nada diz sobre beber vinho, o segundo elemento na Ceia do Senhor.

Segundo, Paulo não celebraria a Comunhão na presença dos descrentes. O texto ocidental expande o versículo 35 depois da sentença *[ele] começou a comer* acrescentando as palavras *[e] nos deu também*. Talvez o pronome *nos* se refira a Lucas e Aristarco.[59] Mas a cena em si

57. Veja 1 Samuel 14.45; 2 Samuel 14.11; 1 Reis 1.52.

58. Os judeus não comiam antes de dar graças a Deus pela comida (SB, vol. 1, pp. 685-87). Os cristãos também agradecem a Deus pela provisão diária de alimento.

59. Metzger, *Textual Commentary*, p. 499.

não é própria para celebração do sacramento da Ceia do Senhor, que é observada durante um culto de adoração e é restrita aos cristãos professos que passaram pelo auto-exame (1Co 11.28).

Terceiro, Paulo ora, parte o pão, e o come sem fazer segredo disso. O fato de ter convidado os marinheiros a seguirem seu exemplo, não significa que todos os presentes entenderam as palavras e as ações de Paulo. Seu exemplo de orar antes de comer demonstra o tipo de relacionamento que ele tinha com Deus. Todos os marinheiros testemunharam a devoção de Paulo e alguns talvez tenham sido influenciados pelo seu exemplo de agradecer a Deus.

Quarto, em sua discussão sobre a celebração da Santa Ceia, Paulo faz uma distinção clara entre o pão comido para satisfazer a fome e o pão que é tomado na comunhão (veja 1Co 11.20-34). O pão comido a bordo era para satisfazer as necessidades físicas do corpo humano.[60]

Quando Paulo parte o pão e come, os outros seguem seu exemplo. Lucas nota que eles ficam animados e comem. Assim, concluímos que Paulo atinge seus objetivos espirituais, psicológicos e práticos. Nesse ponto Lucas menciona que havia 276 pessoas a bordo.[61] Não sabemos porque Lucas deu essa informação aqui. Talvez o capitão e o centurião tivessem decidido fazer uma última contagem antes de deixarem o navio.

38. Quando se sentiram satisfeitos, começaram a aliviar o navio, lançando o trigo ao mar.

O capitão e sua tripulação acreditam na palavra de Paulo de que o navio será destruído embora todas as pessoas se salvarão. Visto que não tinham mais o bote, eles tinham de usar o próprio navio como salva-vidas. E por causa da tempestade, o navio deve ter-se enchido de grande quantidade de água do mar. Depois da refeição, os homens vão trabalhar com ânimo redobrado e decidem aliviar o peso do navio jogando a carga de trigo ao mar (veja v. 18). Se o navio ficasse mais leve ele flutuaria mais alto sobre as ondas e poderia ultrapassar os bancos

60. Theodor Zahn, *Die Apostelgeschichte des Lucas*, série Kommentar zum Neuen Testament, 2 vols. (Leipzig: Deichert, 1921), vol. 2, p. 837 n. 94.

61. Os manuscritos mostram algumas poucas variações; p. ex., o Codex Vaticanus traz a versão *cerca de setenta e seis*. Essa versão resulta da duplicação de uma das letras gregas que representava o número.

de areias ou arrecifes e chegar em terra firme. Tudo isso acontece enquanto ainda é noite.

Nós suspeitamos que os grãos eram transportados desensacados no porão do navio. Eles tinham de ser carregados em sacos e despejados no porão; agora eles tinham de ensacar de novo o trigo e levá-lo para ser jogado ao mar. Essa tarefa era laboriosa; os homens sem dúvida formaram uma fila e passavam os sacos de mão em mão para facilitar o trabalho. Os tripulantes usaram o mastro principal para carregar e descarregar a carga e em um tempo relativamente curto conseguiram aliviar o peso do navio.[62]

Considerações Doutrinárias em 27.33-38

Paulo, o prisioneiro, é o homem que assume o controle total da situação. Ele informa à tripulação e aos passageiros que todos serão se salvariam (mas o navio seria destruído) e que eles iriam aportar numa ilha (vs. 22-26). Ele ordena ao centurião e aos soldados que cortem a fuga da tripulação (v. 31). E ele diz aos homens que se animem, quebrem o jejum e comam (vs. 33,34). Aos olhos dos marinheiros e dos soldados, Paulo, que sobrevive à picada de uma cobra (28.5) e cura os enfermos (28.8), deve ser divino.

Em nenhuma parte desse relato aparece qualquer indício de que Paulo se considera divino. Pelo contrário, ele é um servo de seu Deus (v. 23); ele adora a Deus (v. 35); e, embora a tempestade ruja, ele acredita firmemente em cada palavra revelada por Deus. No meio do furacão, a fé de Paulo é como um rochedo. Sua confiança em Deus é inabalável. Ele crê em Deus e na sua Palavra e desafia a todos a seguirem seu exemplo.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 27.33-38

Versículos 33,34

ἄχρι οὗ – a conjunção serve como uma preposição e rege o caso genitivo do pronome relativo. O relativo tem um antecedente no substantivo χρόνου fornecido (tempo): “até a hora em que”.

προσδοκῶντες – “esperando.” As traduções variam nas frases nas

62. Veja Haenchen, *Acts*, p. 707 n. 5; veja também Rougé, *Ships and Fleets*, p. 74.

quais este particípio presente aparece. A frase é uma expressão que significa "hoje é o décimo quarto dia que vocês estão esperando".[63]

ὑμετέρας – em lugar do pronome pessoal ὑμῶν, Paulo usa o adjetivo possessivo para dar ênfase: "sua própria".

Versículo 38

ἐκούφιζον – o tempo imperfeito do verbo *aliviar* indica começo: "eles começaram a aliviar".[64]

---

e. *O Naufrágio*

27.39-44

39. Quando amanheceu, eles não reconheceram a terra, mas avistaram uma baía onde havia uma praia na qual eles decidiram encalhar o navio, se possível. 40. Depois de terem desprendido as âncoras, deixando-as ir ao mar, soltaram também as amarras do leme; e, alçando a vela de proa ao vento, dirigiram-se para a praia.

Malta ficava fora das rotas de navegação desses tempos. Se por acaso os navios passassem pela ilha, eles o faziam ao longo da costa meridional ou aportavam no porto de Valeta. Quando a manhã chegou e os marinheiros divisaram os contornos do litoral, eles não o identificaram. Eles não conseguiram reconhecer nenhum de suas feições: a baía, a praia e o litoral. Eles notaram que a baía tinha uma praia arenosa plana que na opinião deles seria um lugar seguro para encalhar o navio. Uma praia arenosa era muito melhor do que a costa rochosa que destroçaria o navio.

Olhando de cima do navio os marinheiros não conseguiam determinar se havia bancos de areia ou arrecifes na baía. Eles teriam de tentar evitá-los ao mesmo tempo que adentravam na própria baía. Na verdade, eles não puderam ver nem mesmo a ilha Salmoneta na entrada nordeste da baía. Somente depois de entrar na baía é que viram um canal entre Salmoneta e Malta. A água que corria no canal "de mais de noventa metros de largura" encontrava a água da baía.[65] A palavra gre-

63. Blass and Debrunner, *Greek Grammar*, nº 161.3. Veja também Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 249.

64. Comparar com H. E. Dana e Julius R. Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament* (1927; New York: Macmillan, 1967), p. 190.

65. Smith, *Voyage and Shipwreck*, p. 140.

ga *ditallason* (v. 41) na verdade significa "situado entre dois mares." Lucas deixa bem claro que o navio foi a pique no "lugar onde duas correntes se encontravam" (v. 41, JFA). Incidentalmente aqui temos uma clara indicação de que Lucas era uma testemunha ocular que relata com precisão o lugar onde o navio se partiu.[66] Ele apresenta suas observações pessoais desses acidentes topográficos. Os tradutores modernos, entretanto, interpretam a palavra *ditallason* em termos de resultado, a saber, o arrecife criado pelos dois mares. Atualmente, no local tradicional onde os marinheiros aportaram, as ondas já fizeram desaparecer o banco de areia.

A tripulação tomou uma decisão acertada ao cortar as amarras do navio ancorado. Eles queriam manter a proa de frente para a entrada da baía; não podiam correr o risco de o navio girar e se mover na direção das pedras se eles levantassem uma âncora depois da outra. Assim sendo, cortaram as cordas e deixaram as âncoras no fundo do mar. Ao mesmo tempo, eles soltaram as amarras do leme que o tinham segurado em seu lugar durante a tempestade. Em cada lado do navio havia um leme sob a forma de um remo que era baixado à água por meio de um escovém. Esses remos eram retirados da água quando o navio estava ancorado "para evitar que eles ficasse balançando".[67] Ao mesmo tempo, os homens alçaram as velas de proa e conduziram o navio na direção da praia. Todo esse trabalho tinha de ser feito com a maior precisão.

41. Eles encontraram um banco de areia e encalharam o navio. A proa encravou-se e ficou imóvel, mas a popa começou a se abrir pela violência do mar.

Uma vez dentro da baía o navio bateu num banco de areia e encalhou. Supõe-se que a tripulação não teve tempo de contornar o banco de areia ou pensou que a maré o carregaria por cima dele. No que hoje é chamado de baía de São Paulo, partículas de areia e argila são movimentadas pelas correntes e formam depósitos de lama. No lugar onde as duas correntes se encontravam ("no lugar onde os dois mares se

66. Conzelmann declara que Lucas tomou seu material do diário de viagem "de um companheiro de Paulo". *Acts*, p. 221. Em *Acts*, p. 710, Haenchen concorda. Martin Dibelius observa "que uma descrição secular da viagem e do naufrágio serviu como um modelo, base ou fonte". *Studies in the Acts of the Apostles* (Londres: SCM, 1956), p. 205.

67. Casson, *Ships and Seamanship*, p. 228.

encontravam"; veja comentário sobre o v. 40), um banco de areia tinha se formado e a proa do navio encalhou e ficou preso na argila. Mas a popa exposta à batida das ondas não agüentou mais as pancadas e começou a se partir. Os homens correram para a frente do navio para segurança e se manter seco. No entanto, todos sabiam que tinham de abandonar o navio e nadar para a praia.

42. Os soldados planejaram matar os prisioneiros de modo que ninguém fugisse nadando. 43. Mas o oficial, querendo salvar Paulo, impediu-os de levar seu plano adiante. Ele ordenou que os que soubessem nadar fossem os primeiros a lançar-se ao mar e alcançar a terra.

Nos tempos antigos, os soldados sabiam que quando lhes eram confiados prisioneiros condenados, eles tinham de pagar com a própria vida caso um prisioneiro fugisse (veja o exemplo em 12.19). A lei romana estipulava que se um prisioneiro fugisse, seu guarda sofria o castigo em seu lugar.[68] Então, na confusão do naufrágio, os soldados pensaram em salvaguardar a própria vida para quando finalmente eles tivessem de se apresentar em Roma. Calvino diz que "a ingratidão dos soldados foi demasiadamente cruel" quando eles se dispuseram a matar Paulo.[69] Ele havia lhes dado a boa notícia de que suas vidas seriam poupadas, ele os tinha encorajado quando já tinham perdido a esperança de viver; tinha dado a eles conselhos de valor e os exortado a comer. Esses soldados demonstraram crueldade quando planejaram matar todos os prisioneiros.

Deus manda e desmanda. Ele moveu o coração de Júlio, o centurião, para impedir os soldados de executar os prisioneiros. Lucas relata que Júlio queria poupar a vida de Paulo. Em todo esse capítulo e no próximo (cap. 28), Lucas indica que o oficial mostrava-se cordial para com Paulo. Júlio havia permitido a Paulo deixar o navio em Sidom e ir visitar seus amigos (v. 3) e permitiu-lhe ficar uma semana com os cristãos em Putéoli antes de ir para Roma (28.14). Lucas não indica que Júlio tivesse se tornado um crente, mas nós supomos que o centurião desejava expressar sua gratidão por Paulo ter exercido liderança no

68. Registrado no Código Justiniano (9.4.4). Veja Bruce, *Acts* (texto grego), p. 388; Hemer, *Book of Acts*, p. 152.

69. Calvino, *Acts of the Apostes*, vol. 2, p. 296.

meio da tempestade. Júlio tinha visto o cumprimento literal da profecia divina de que todos a bordo encontrariam segurança numa ilha, embora o navio se perdesse. Ele sabia que Deus tinha dado a Paulo a vida de todos os homens no navio (v. 24). Poupar a vida de Paulo significava poupar a vida dos outros prisioneiros.

Assim, Júlio disse a seus soldados que não matassem ninguém. Em vez disso, ele disse aos prisioneiros que soubessem nadar que se atirassem ao mar e fossem para a praia. Ele sabia que ninguém poderia fugir da ilha. Nós assumimos que a distância até a praia era relativamente curta e que a tempestade tinha passado.

44. Quanto aos demais, que se salvassem, uns, em tábuas, e outros, em destroços do navio. E foi assim que todos chegaram em segurança em terra.

Todos a bordo do navio que não sabiam nadar tentaram encontrar objetos com os quais se manter na superfície. Agarrados a esses pedaços de destroços eles conseguiram manter a cabeça acima d'água e deixaram que o vento os levasse para a praia. Lucas menciona a palavra *pranchas*. Essas pranchas por certo saíram do porão do navio onde elas eram colocadas sobre os grãos soltos para mantê-los no lugar.[70] Quando o navio começou a se desintegrar, as pranchas se tornaram disponíveis para os náufragos que as usaram como bóias para chegarem a salvo em terra.

Depois de descrever rapidamente o abandono do navio, Lucas meramente afirma que todos chegaram a salvo na praia. Assim, a palavra do anjo (vs. 22-26) se cumpriu literalmente. Uma interessante pergunta para a qual não temos resposta é, como fez Lucas para manter seco seu material de escrever?

Palavras, Frases e Construções em Grego em 27.39-44

Versículo 39

κατενόουν – o uso do imperfeito se refere não ao objeto percebido mas às pessoas que observam: "um após o outro notou".

ἐξῶσαι – o infinitivo aoristo do verbo ἐξωθέω (eu propelo, conduzo) é um termo náutico que significa "conduzir um navio até a praia".

---

70. Rougé, *Ships and Fleets*, p. 71.

Versículo 40

εἴων – do verbo ἐάω (eu permito, deixo), este imperfeito denota ação voluntária: "eles deixaram [ser]".

ἅμα – o advérbio indica ação simultânea: "ao mesmo tempo".

τῇ πνεούσῃ – o substantivo αὔρᾳ (ar matutino) deveria ser fornecido: "a brisa matutina que soprava".

κατεῖχον – este é um termo náutico com τὴν ναῦν (o navio). O verbo significa "conduzir o navio". O imperfeito indica começo.

Versículos 43,44

ἐκώλυσεν – "ele evitou." O aoristo indica ação única com efeito imediato. O verbo é seguido por uma construção no genitivo τοῦ βουλή ματος (o plano) porque os verbos de evitar e obstruir regem o caso genitivo.

τινων – este pronome indefinido neutro é entendido como se referindo a pedaços de entulho flutuando perto do navio. Se for considerado como masculino, ele significa que os nadadores colocaram os que não sabiam nada em suas costas. A preposição ἐπί rege o caso dativo de "pranchas" e o caso dativo de "alguns".[71]

Sumário do Capítulo 27

Paulo e os outros prisioneiros são colocados a bordo de um navio que está para navegar pelos portos ao longo da costa da província da Ásia. Um centurião chamado Júlio está encarregado dos prisioneiros, mas permite a Paulo visitar seus amigos em Sidom. De lá o navio passa pela costa leste de Chipre e continua sua viagem para o porto de Mira, na Lícia. Aqui o centurião obtém passagens para sua tropa e para os prisioneiros num navio que vai para a Itália. O navio prossegue vagarosamente para Cnido e depois, aproveitando o vento, navega para o lado sul da Creta e aporta em Bons Portos. Visto que a estação de navegação segura já passou, Paulo aconselha o centurião, o piloto e o capitão a ficarem ali. Eles ignoram seu conselho e a tripulação decide navegar para o oeste para o porto de Fenice.

Um tufão, chamado "Euroaquilão" varre a ilha de Creta, desenca-

71. Consultar Bruce, *Acts* (texto grego), p. 695.

deia-se sobre o navio e o empurra na direção sudoeste, para a ilha de Cauda. Ali a tripulação assegura o bote salva-vidas içando-o a bordo, cinge o navio com cordas e finalmente joga a carga e os equipamentos do navio ao mar. Como a tempestade perdura por muitos dias, as pessoas a bordo perdem toda esperança de se salvarem.

Paulo admoesta os homens a terem coragem. Ele relata que um anjo de Deus, a quem ele pertence e a quem ele serve, o informou que ele será julgado perante o tribunal de César, em Roma. Ele prediz que o navio será destruído, mas todos eles chegarão a uma ilha.

Os marinheiros percebem que o navio está se aproximando de terra e lançam as âncoras. Sob o pretexto de jogar âncoras da proa, eles descem o bote salva-vidas e tentam fugir. Paulo alerta o centurião; os soldados cortam as cordas do bote e assim evitam a fuga. Paulo exorta ao povo a se alimentar, dá graças a Deus pelo pão que ele parte e dá exemplo comendo-o. A tripulação alivia o peso do navio jogando o trigo ao mar.

Ao clarear do dia, os homens não reconhecem a terra. Eles vêem uma baía, cortam as cordas que seguram as âncoras, alçam a vela de proa e conduzem o navio para a baía. O navio bate num arrecife, encalha na areia e começa a se partir por causa das pancadas das ondas. O centurião impede que os soldados matem os prisioneiros, permite àqueles que sabem nadar a pularem na água e irem para a praia, e diz ao restante que se salvem como puderem, agarrados em tábuas e outros destroços do navio. Todos chegam à praia sãos e salvos.

28

Viagem e Permanência em Roma

Parte 2

28.1-31

ESBOÇO (continuação)

28.1-31	B. De Malta a Roma
28.1-10	1. Em Malta
28.1-6	a. Demonstração de Bondade
28.7-10	b. Retribuição da Bondade
28.11-16	2. Para Roma
28.17- 31	3. A Prisão Romana
28.17-20	a. O Discurso de Paulo
28.21,22	b. A Resposta dos Judeus
28.23-28	c. A Explicação de Paulo
28.30,31	d. Conclusão

Capítulo 28

ATOS 28.1-17

28 1. Quando já estávamos em segurança, descobrimos que a ilha se chamava Malta. 2. Os habitantes da ilha trataram-nos com singular gentileza, dando-nos as boas-vindas. Eles fizeram uma fogueira porque estava frio e começava a chover. 3. Quando Paulo juntou um feixe de gravetos e colocou-o na fogueira, uma víbora, fugindo do calor, prendeu-se à sua mão. 4. Quando os ilhéus viram a víbora pendente da mão dele, disseram uns aos outros: "Sem dúvida, este homem é um assassino. Embora ele tenha sido salvo do mar, a Justiça não permite que ele viva". 5. No entanto, Paulo sacudiu o réptil no fogo e não sofreu nenhum mal. 6. Mas eles esperavam que ele começasse a inchar ou caísse morto de repente. Depois de esperar muito tempo, e vendo que nada de diferente acontecia a ele, mudaram de opinião e começaram a dizer que Paulo era um deus.

7. Perto daquele lugar havia campos que pertenciam a Públio, o principal da ilha. Ele gentilmente nos recebeu e nos hospedou por três dias. 8. O pai de Públio estava de cama, doente com febre e disenteria. Paulo foi visitá-lo e, depois de orar impondo-lhe as mãos, o curou. 9. À vista desse acontecimento, as outras pessoas da ilha que estavam doentes foram a Paulo e foram curados. 10. E eles nos distinguiram com muitas honrarias; quando estávamos prontos para navegar, eles nos supriram de tudo de que precisávamos.

11. Depois de três meses, embarcamos num navio alexandrino, que invernara na ilha e era marcado pela insígnia dos Irmãos Gêmeos. 12. Aportamos em Siracusa e ficamos ali por três dias. 13. De lá, fomos para Régio. No dia seguinte, um vento sul apareceu e no dia seguinte chegamos a Putéoli. 14. Lá encontramos alguns irmãos que nos convidaram a ficar com eles por sete dias. E foi assim que nos dirigimos a Roma. 15. Tendo ouvido notícias a nosso respeito, os irmãos de Roma foram nos encontrar na Praça de Ápio e às Três Vendas. Paulo os viu, agradeceu a Deus e sentiu-se mais animado. 16. Quando chegamos a Roma, Paulo teve permissão para morar sozinho, com um soldado guardando-o.

17. Três dias depois, ele convocou os principais dos judeus. Quando eles se reuniram, ele lhes disse: "Homens e irmãos, eu nada fiz contra nosso povo ou contra os costumes de nossos pais, contudo, vim preso desde Jerusalém e fui en-

tregue nas mãos dos romanos. 18. Eles me interrogaram e quiseram soltar-me porque não encontraram razão para condenar-me à morte. 19. Diante da oposição dos judeus, fui forçado a apelar para César, não que eu tivesse, porém, qualquer acusação contra minha nação. 20. Foi por esse motivo que eu os convidei, para vê-los e falar com os senhores, porque eu estou preso com esta corrente por causa da esperança de Israel". 21. Os judeus disseram a Paulo: "Nós não recebemos da Judéia nenhuma carta a seu respeito. Nenhum dos irmãos que vieram para cá relatou ou disse qualquer coisa má sobre você. 22. Gostaríamos de ouvir as idéias que você defende. Sabemos que em todos os lugares as pessoas estão contra essa seita".

23. Eles marcaram um dia com Paulo e foram encontrá-lo em sua casa em grande número. Ele explicou e testificou a eles sobre o reino de Deus. Começando de manhã e indo até à tarde, ele tentou persuadi-los a respeito de Jesus tanto pela lei de Moisés como pelos profetas. 24. Alguns ficaram convencidos pelo que ele dizia, enquanto outros não acreditaram. 25. Os judeus discordavam entre si e começaram a se retirar depois de Paulo ter dito uma última palavra: "Bem falou o Espírito Santo a seus pais, por intermédio do profeta Isaías". 26. " 'Vai a este povo e dize-lhe:

"De ouvido, ouvireis e não entendereis;
vendo, vereis e não percebereis.
27. Porquanto o coração deste povo se tornou endurecido;
com os ouvidos ouviram tardiamente
e fecharam os olhos,
para que jamais vejam com os olhos,
nem ouçam com os ouvidos,
para que não entendam com o coração,
e se convertam, e por mim sejam curados'.

28. Portanto, que vocês saibam que essa salvação de Deus foi enviada aos gentios; eles ouvirão".

30. Paulo permaneceu por dois anos em sua própria casa alugada e recebia a todos que iam a ele. 31. Com intrepidez e sem impedimento, ele pregava o reino de Deus e ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo.

B. De Malta a Roma

28.1-31

Lucas ocupa cerca de dois terços desse capítulo para descrever dois incidentes nos quais Paulo desempenha papel de liderança. Ele relata o caso de Paulo e a víbora (vs. 3-6) e o ministério de cura dos enfermos (vs. 7-9). Lucas nada mais informa sobre o restante dos três meses que Paulo passou na ilha de Malta.

1. *Em Malta*

28:1-10

Os habitantes de Malta eram descendentes dos fenícios que ali haviam se assentado nos séculos anteriores. Assim como os colonos das ilhas vizinhas, Gozo e Comino, eles prosperaram com o comércio. Segundo o historiógrafo Deodoro, os fenícios navegavam em seus navios mercantes até o oceano ocidental (Atlântico) e usavam os excelentes portos de Malta como um lugar de refúgio.[1] A ilha fica entre a Sicília e a costa africana, a cerca de 96 quilômetros da primeira e 290 quilômetros da última. Ela mede 29 quilômetros de comprimento de noroeste a sudeste, por uma largura de 13 quilômetros.[2]

Na verdade, a palavra *Melita* (Malta) nas línguas semitas, faladas no dialeto fenício pelos habitantes das ilhas, pode ter sido a tradução da expressão *um lugar de refúgio*. Dos séculos 6º ao 3º, o povo de Cartago dominava a ilha. Em 218 a.C. os romanos tomaram o controle e tornaram-na parte da província da Sicília. Eles deixaram a administração local intacta, mas durante o reinado de Augusto, um procurador governou Malta. Nas áreas habitadas da ilha, a população falava o latim além do dialeto fenício deles. (As pessoas que falavam uma língua desconhecida eram geralmente chamadas de bárbaros. Esse termo, entretanto, não tinha conotação pejorativa.)

a. Demonstração de Bondade

28.1-6

1. Quando já estávamos em segurança, descobrimos que a ilha se chamava Malta. 2. Os habitantes da ilha trataram-nos com singular gentileza, dando-nos as boas-vindas. Eles fizeram uma fogueira porque estava frio e começava a chover.

O fato de que Lucas e os demais homens desembarcaram ilesos em Malta deve ter causado profunda impressão no autor. Ele expressa-

1. Diodorus Siculus 5.12.

2. As tentativas de ligar a palavra *Melita* com uma ilha chamada Mljet no mar Adriático não foram convincentes. Veja as discussões por Angus Acworth, "Where Was St. Paul Shipwrecked? A Reexamination of the Evidence", *JTS* n. s. 24 (9173): 190-93; e Colin J. Hemer, *The Book of Acts in the Setting of Hellenistic History*, org. por Conrad H. Gempf (Tübingen: Mohr, 1989), p. 141 n. 115.

mente escreve sobre a segurança pessoal das pessoas e usa o pronome na primeira pessoa, *nós*, talvez para se referir somente aos companheiros cristãos, Paulo e Aristarco.[3] Lucas diz que quando Paulo e seus amigos chegaram à praia eles perguntaram aos nativos qual era o nome da ilha. A resposta que receberam, *Melita* (refúgio), soou agradável aos ouvidos dos marinheiros do cargueiro alexandrino naufragado.[4] É provável que as línguas semitas, o hebraico e o aramaico fossem semelhantes ao dialeto fenício o suficiente para permitir que Paulo conversasse com os nativos.

Nos tempos antigos, os sobreviventes de um naufrágio que conseguiam chegar à terra de litorais desconhecidos esperavam enfrentar a morte ou a escravidão. Isso não ocorreu em Malta porque desde 218 a.C. a ilha pertencia a Roma. Quando os nativos viram um centurião e soldados chegando na ilha, eles tiveram a sabedoria de mostrar hospitalidade e cortesia aos representantes de Roma. Lucas relata que "Os habitantes da ilha trataram-nos com singular humanidade, ...dando-nos as boas-vindas..." Essa frase se torna bastante significativa se considerarmos que a população nativa tinha de atender às necessidades físicas de 276 convidados (27.37) por três meses (v. 11). Incidentalmente a palavra traduzida como *islanders* [habitantes da ilha; ilhéus] é uma equivalente dinâmica do termo grego *barbaroi*. O grego difere do derivativo inglês *barbarians* [bárbaros] que sem dúvida tem uma conotação negativa. Os gregos se referem a todos os estrangeiros como *barbaroi*. O uso que Lucas faz desse termo para os habitantes de Malta deve ser entendido nesse sentido e é desprovido de qualquer conotação depreciativa.

Com o vento soprando do nordeste e a chuva caindo, as pessoas vestidas em roupas encharcadas tremiam na praia naquela manhã do final do mês de outubro. Ao ver as condições em que se encontravam aquelas pessoas, os nativos se condoeram delas e acenderam uma fogueira para que todos pudessem se secar e se aquecer.

---

3. Nos versículos seguintes os pronomes *nós* e *nos* parecem se referir aos crentes (vs. 7, 10). Baseadas no texto Majority a KJV e a NKJV trazem *eles* no versículo 1.

4. Consultar Theodor Zahn, *Die Apostelgeschichte des Lucas*, série Kommentar zum Neuen Testament, 2 vols. (Leipzig: Deichert, 1921), vol. 2, pp. 841. Veja também A. M. Honeyman, "Two Semitic Inscriptions from Malta", *PEQ* 93 (1961): 151-53.

3. Quando Paulo juntou um feixe de gravetos e colocou-o na fogueira, uma víbora, fugindo do calor, prendeu-se à sua mão.

Uma fogueira tem de ser continuamente alimentada com lenha. Paulo dá o exemplo, toma a frente, e mostra a disposição de ajudar os nativos a procurar e a apanhar galhos de árvores que ele joga no fogo. As pessoas imediatamente notam que Paulo foi picado por uma víbora que estava escondida entre os gravetos. A víbora, aquecida pelo fogo, se defende picando a mão que se estende para jogá-la ao fogo.

Embora atualmente não mais existam cobras venenosas em Malta, no tempo de Paulo serpentes venenosas podiam ser encontradas nas matas da ilha. A questão que permanece é se a serpente que se prendeu na mão de Paulo era venenosa. Alguns estudiosos pensam que o réptil era apenas uma cobra de grama comum que, embora picasse um homem, não tinha veneno para causar danos. A reação dos nativos foi diferente, pois eles ficaram esperando ver Paulo cair morto.

4. Quando os ilhéus viram a víbora pendente da mão dele, disseram uns aos outros: "Sem dúvida, este homem é um assassino. Embora ele tenha sido salvo do mar, a Justiça não permite que ele viva".

a. "Quando os ilhéus viram a víbora pendente da mão dele, disseram uns aos outros." Nesse versículo, Lucas registra os comentários dos nativos. Nós imaginamos que se Paulo conseguia mesmo se comunicar com eles, os nativos prestavam muita atenção ao que ele dizia. Visto que Paulo era guardado por soldados, eles sabiam que ele era um prisioneiro a caminho de Roma. Não há qualquer evidência de que Paulo tenha viajado acorrentado ou tivesse ficado acorrentado em Malta. Então, os nativos devem ter ficado sabendo da condição de Paulo de outro modo.[5]

b. "Sem dúvida, este homem é um assassino." Os malteses fizeram um julgamento sumário. Aos olhos deles, esse judeu disposto era um criminoso culpado de assassinato. Eles falaram de forma acusadora sobre Paulo quando se referiram a ele como "este homem".

5. John Albert Bengel sustenta que os nativos tinham visto "suas correntes". *Gnomon of the New Testament*, org. por Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2, p. 728.

c. "Embora tenha sido salvo do mar, a Justiça não permite que ele viva."[6] Os nativos concluíram que a deusa da justiça deles estava punindo um criminoso. Esse criminoso podia ter escapado da morte no mar mas não poderia escapar do veneno da serpente. (Talvez os nativos conhecessem a história de um marinheiro náufrago que, depois de chegar a salvo numa praia da Líbia, foi fatalmente picado por uma cobra.)[7] Na opinião deles, Paulo logo morreria, agora que ele tinha recebido a sentença da deusa da justiça.

5. No entanto, Paulo sacudiu o réptil no fogo e não sofreu nenhum mal. 6. Mas eles esperavam que ele começasse a inchar ou caísse morto de repente. Depois de esperar muito tempo, e vendo que nada de diferente acontecia a ele, mudaram de opinião e começaram a dizer que Paulo era um deus.

Paulo é um homem que confia totalmente em Deus para protegê-lo de todos os perigos. Ele conhece a palavra de Jesus: ele tem autoridade para pisar em serpentes e nada lhe causará dano (Lc 10.19; veja Mc 16.18). Ele acredita que irá a julgamento perante César em Roma. Uma picada de cobra não o deterá.

Para os marinheiros e passageiros do cargueiro alexandrino naufragado Paulo provou ser um homem de Deus que previra que todos chegariam a salvo a uma ilha, mas o navio seria destruído. Agora, na presença da população nativa de Malta, ele mostra ser um homem de Deus sacudindo a víbora de sua mão para dentro do fogo não sofrendo mal algum. Tanto no mar quanto em terra Paulo mostra ser um homem que realiza extraordinários feitos para indicar que ele é um servo de Deus.[8] A picada de cobra não foi um mero acidente mas sim um incidente divinamente conduzido, no qual Deus mostra seu poder e sua força.

Quando uma cobra venenosa pica, seu veneno entra na corrente sangüínea, penetra os vasos capilares e causa uma grande hemorragia interna. A área afetada começa a inchar e se o veneno for poderoso o

6. Hans Conzelmann duvida da precisão histórica do relato; ele escreve que "o autor põe essas palavras na boca dos nativos". *Acts of the Apostles*, trad. por James Limburg, A. Thomas Kraabel, e Donald H. Juel (1963; Filadélfia: Fortress, 1987), p. 223.

7. Statyllius Flaccus *Palatine Anthology* 7. 290.

8. Consultar João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 2, p. 298.

suficiente, a vítima morre quase instantaneamente. Portanto, as pessoas em volta da fogueira ficaram observando Paulo atentamente e esperando para ver o resultado da picada da cobra. Porém nada acontece e Paulo continua a se aquecer e a secar suas roupas. Depois de esperar por longo tempo e não verem nada diferente nas condições físicas de Paulo, as pessoas em volta da fogueira começam a mudar de idéia. Os nativos não mais vêem Paulo como um criminoso ou uma pessoa comum, mas como um deus. Nesse aspecto, eles pouco diferem dos gentios de Listra que depois de Paulo ter curado o aleijado, consideraram Paulo e Barnabé como deuses gregos (14.12). A diferença entre o episódio em Listra e o de Malta foi a falta de demonstração de adoração e culto. Caso os malteses tivessem mostrado qualquer sinal de reverência a Paulo, com certeza ele os teria proibido e lhes dito para adorarem a Deus somente.

Considerações Doutrinárias em 28.1-6

Exatamente como os marinheiros dos dias de Jonas, os marinheiros e soldados a bordo do navio nada expressam em termos de convicção religiosa. Em contraste, os malteses revelam sua devoção religiosa quando fazem referência à deusa da justiça deles, mencionam a retribuição divina e consideram Paulo como sendo um deus. Everett F. Harrison questiona o motivo pelo qual os nativos não acharam estranho ver um deus sob custódia humana.[9]

Os escritores do Novo Testamento geralmente ligam a fé à realização e ao efeito de milagres, isto é, um milagre ocorre quando uma pessoa em fé o realiza e quando testemunhas em fé respondem. Na ilha de Malta, Paulo demonstra sua fé no poder protetor de Deus, mas Lucas não revela se aqueles que testemunharam o acontecimento creram em Cristo.

Nós conjeturamos que Paulo teria usado todas as oportunidades que lhe foram dadas para ensinar às pessoas o evangelho de Jesus Cristo. Mesmo assim, não temos qualquer evidência de que ele tenha fundado uma igreja em Malta.

9. Everett F. Harrison, *Interpreting Acts: The Expanding Church*, 2ª ed. (Grand Rapids: Zondervan, Academie Books, 1986), p. 424.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 28.1-6

Versículos 1,2

διασωθέντες – o livramento milagroso do mar tempestuoso parece ter causado um impacto em Lucas. Ele usa repetidas vezes o verbo composto διασῴζω (eu resgato) para notar que Paulo e seus companheiros de prisão foram poupados (27.43), todos chegaram seguros (27.44), Lucas e seus amigos estavam seguros (28.1), e Paulo foi salvo do mar (28.4).

Μελίτη – alguns manuscritos trazem a versão Μελιτήνη, que pode ser o resultado da duplicação de duas letras neste contexto.[10]

οὐ τὴν τυχοῦσαν – esta é uma frase em vernáculo comum (19.11) que significa "não o comum", portanto, o incomum. O particípio está no aoristo (de τυγχάνω, acontece de eu estar).

ἐφεστῶτα – o particípio perfeito ativo de ἐφίστημι (eu estou disponível) indica que ameaçou e afinal começou a chover.

Versículos 4,5

τὸ θηρίον – o diminutivo de θήρ (besta) é usado para se referir a serpentes dos tempos antigos e modernos na Grécia.[11]

μὲν οὖν – "entretanto, nem assim." Aqui, esta combinação expressa um sentido adversativo.[12]

Versículo 6

προσεδόκων – o tempo imperfeito de προσδοκάω (eu aguardo, espero) indica ação repetida e lapso de tempo. Isso é reforçado pela expressão ἐπὶ πολύ (depois de um longo tempo) e o particípio presente do verbo.

πίμπρασθαι – termo médico no infinitivo passivo, que significa "queimar com febre" ou "inchar". No Novo Testamento só ocorre aqui, mas veja Números 5.21,27 (LXX).

10. Bruce M. Metzger, A Textual Commentary on the Greek New Testament, 3ª ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 500.

11. Bauer, p. 361; Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 342.

12. C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 163.

b. *Retribuição da Bondade*

28.7-10

Lucas registra dois incidentes que ilustram bondade em Malta. Um é aquela demonstrada pelos nativos aos tripulantes e passageiros encharcados. Os malteses estenderam sua bondade a Paulo, seus amigos e aos outros. O segundo incidente diz respeito ao ministério de cura de Paulo estendido aos enfermos na ilha. De certo modo, Paulo retornou a bondade restaurando a saúde aos enfermos.

7. Perto daquele lugar havia campos que pertenciam a Públio, o principal da ilha. Ele gentilmente nos recebeu e nos hospedou por três dias. 8. O pai de Públio estava de cama, doente com febre e disenteria. Paulo foi visitá-lo e, depois de orar impondo-lhe as mãos, o curou.

Note-se os seguintes pontos:

a. *O homem*. Nós não sabemos quanto tempo se passou entre a recepção na praia (vs.1-6) e o convite para se hospedar na casa do chefe (v. 7). Lucas passa a impressão de que imediatamente depois da chegada de Paulo na ilha, ele foi levado ao chefe da ilha. Aparentemente, Paulo e seus amigos foram levados diretamente à casa do chefe.

Públio é um nome e não sobrenome, pois um cidadão romano geralmente tinha três nomes. É possível que (mas não comprovado) que Públio e Lucas tenham desenvolvido uma amizade tão estreita que se dirigissem um ao outro pelo primeiro nome.[13] É mais provável que as pessoas na cultura desse tempo fossem conhecidas pelo primeiro nome. Isso é comum em muitas parte do mundo atual.

Públio é identificado como sendo o principal (homem) na ilha. O termo *principal* significa que ele era a autoridade maior na ilha. A expressão não precisa ser interpretada como um título de um oficial do governo romano, mas pode se referir a um benfeitor de causas filantrópicas.[14] Públio parece ter exercido o papel de um benfeitor ao receber Paulo e seus companheiros e hospedá-los por três dias.

---

13. Veja Zahn, *Apostelgeschichte des Lucas*, vol. 2, p. 846 n. 5

14. Colin J. Hemer, "First Person Narrative in Acts 27-28", *TynB* 36 (1985): 79-109, especialmente p. 100. Veja também seu *Book of Acts*, p. 153 n. 152.

Públio era um homem rico que possuía campos ao redor da praia onde os homens aportaram. Ele deve ter possuído propriedades e outros edifícios onde a tripulação e passageiros naufragados se abrigaram. Embora ele pertencesse a uma classe alta da sociedade, Públio não tinha obrigação de fornecer acomodação e refeições para 276 visitantes. Lucas indica que a hospitalidade de Públio a Paulo e seus amigos durou três dias. Depois disso os outros nativos se encarregaram de hospedá-los.

b. *O pai*. A bondade dos nativos em geral e de Públio em particular, encontra um eco em Paulo e seus companheiros. Nós assumimos que Lucas, no âmbito de sua profissão como médico, achou muito o que fazer na ilha. E Paulo empregou seus dons de cura quando ouve dizer que o pai de Públio estava doente com febre e disenteria. Em grego, Lucas usa o plural "febres" para indicar que o paciente sofria repetidos surtos de febre. (A enfermidade, conhecida como a febre de Malta, é causada pelo leite das cabras maltesas. As autoridades médicas têm prescrito tratamento adequado e medidas preventivas.)

Paulo cura o pai de Públio pela oração e imposição de mãos. Em outras palavras, não Paulo, mas Jesus, cujo nome Paulo invocou, cura a enfermidade do pai (comparar com Lc 4.38). Paulo segue a prática de oração para restauração (veja 9.40). Uma vez mais um milagre acontece para fortalecer a fé de Paulo em Cristo. Lucas não elabora sobre a reação do homem a esse milagre. Ele apenas relata que o pai de Públio foi curado.

9. À vista desse acontecimento, as outras pessoas da ilha que estavam doentes foram a Paulo e foram curados.

As notícias a respeito da cura do pai de Públio se espalharam de boca em boca, de modo que muitas pessoas doentes foram à casa onde Paulo estava hospedado. Não podemos estimar quantos pacientes foram a Paulo, mas nós vemos um paralelo direto com o relato de Jesus curando a mãe de Pedro em Cafarnaum (Mc 1.30,31). Depois de Jesus curá-la na tarde daquele dia, todos os doentes e pessoas possuídas por demônios, foram a ele para obter ajuda e cura (Mc 1.32-34). Tal como Jesus tinha um ministério de cura e ensino, também Paulo em seu ministério curava os enfermos e pregava a Palavra de Deus. Nós sabemos que esses milagres eram meios eficazes de levar as pessoas ao conhecimento de Deus. E nós sabemos que o ato de pregar o evangelho não é fútil, mas cumpre os propósitos de Deus (Is 55.11).

10. E eles nos distinguiram com muitas honrarias; quando estávamos prontos para navegar, eles nos supriram de tudo de que precisávamos.

As pessoas que tinham sido curadas desejavam expressar sua gratidão a Paulo e seus companheiros. Dessa maneira, os nativos demonstraram sua gratidão (comparar com 1Tm 5.17), não por meio de pagamento pelo ministério de cura de Paulo, mas por meio de presentes.

Quando Paulo e seus amigos chegaram a Malta, eles não tinham mais do que a roupa do corpo, que se encontrava encharcada. Nós imaginamos que os malteses lhes tenham dado muitos presentes em termos de roupas e provisões, de maneira que eles podiam continuar a viagem com conforto. Em resumo, quando chegou a hora de Paulo, Lucas e Aristarco partirem, os malteses supriram-nos com toda sorte de coisas necessárias para o restante da viagem. Dessa maneira, os nativos expressaram a apreciação por tudo que Paulo e seus amigos tinham feito por eles enquanto permaneceram em Malta.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 28.7-10

Versículo 7

τοῖς – o substantivo μέρεσιν (partes) deve ser fornecido. A frase em si é prolixa: "agora nas partes ao redor daquele lugar", que na verdade significa, "agora na vizinhança daquele lugar."[15]

ἡμέρας – este é um acusativo de tempo ou de duração: "por três dias".

Versículo 8

συνεχόμενον – o particípio passivo presente literalmente significa "sendo acometido de " ou "sendo atormentado por". A construção gramatical torna a enfermidade o sujeito e o enfermo o objeto. No nosso idioma é o contrário, faz do paciente o sujeito e da enfermidade o objeto. Ou seja, nós temos uma febre, um resfriado ou uma dor de cabeça.

Versículo 10

τιμαῖς ἐτίμησαν – "eles nos honraram com honrarias." O verbo e o

---

15. Moule, *Idiom-Book*, p. 62.

substantivo derivam da mesma raiz. A combinação, embora não comum, aparece em outros lugares.[16]

Alguns poucos manuscritos acrescentam a frase *pelo tempo em que fomos hóspedes* depois da primeira sentença no versículo. A frase, no entanto, é uma adição redundante.

2. Para Roma

28.11-16

Próximo ao final da estada de Paulo em Éfeso, ele expressou o desejo de visitar Roma (19.21; veja Rm 1.11,15). Ele não sabia que teria que passar por prisões e naufrágios antes de ali chegar. Mas depois de passar três meses na ilha de Malta, ele soube que tinha chegado a hora de completar sua jornada até Roma.

11. Depois de três meses, embarcamos num navio alexandrino, que invernara na ilha e era marcado pela insígnia dos Irmãos Gêmeos.

A tripulação e os passageiros náufragos passaram os meses de novembro, dezembro e janeiro em Malta. Na primeira semana de fevereiro,[17] quando o vento sul começasse a soprar, os navios refugiados nos portos de Malta enfrentariam os 97 quilômetros de distância entre Malta e o porto de Siracusa, na Sicília. Essa viagem deveria de ser relativamente segura e de pouca duração, visto que a travessia podia ser feita num só dia. Com um vento sul favorável, um navio podia manter a velocidade de 7,5 a 11 quilômetros por hora.

Júlio fez uma pesquisa num porto que havia abrigado um navio alexandrino das tempestades de inverno. No caso de tempo favorável na primeira semana de fevereiro, o capitão do navio pretendia fazer a entrega de seu carregamento de grãos o mais cedo possível. Ele levaria seus passageiros até Putéoli e os grãos a Portos, que era um porto novo de Óstia na boca do rio Tibre.[18] Ele concordou em levar Júlio, os soldados e os prisioneiros a bordo e partir tão logo um vento sul favorável aparecesse.

16. Comparar com Josefo, *Antiquities* 20.3.3 [68].

17. Consultar Plínio o Velho, *Natural History* 2.122. Fevereiro 7 e 8 eram os dias que marcavam as primeiras datas para dar início à navegação costeira.

18. Hemer, *Book of Acts*, p. 154.

De passagem, Lucas menciona que o navio trazia a insígnia dos Irmãos Gêmeos. A palavra grega *dioskouri* (filhos de Zeus) refere-se a Castor e Pollux, que eram os dois filhos gêmeos de Leda e do deus grego Zeus. Os marinheiros consideravam esses dois irmãos como deidades patronas que os protegia dos perigos do mar. Não sabemos porque Lucas achou importante registrar esses nomes. Embora Paulo e seus companheiros objetassem contra a adoração de ídolos, nós assumimos que outros navios, nos quais Paulo viajara, também portavam insígnias semelhantes.

12. Aportamos em Siracusa e ficamos ali por três dias. 13. De lá, fomos para Régio. No dia seguinte, um vento sul apareceu e no dia seguinte chegamos a Putéoli.

O fato de o navio ter permanecido aportado em Siracusa por três dias sugere condições climáticas desfavoráveis. No mês de fevereiro o tempo ainda estava instável, por isso os navios navegavam bem perto da costa de um porto seguro ao outro, de preferência cobrindo trechos de um dia apenas. De modo coerente, a distância entre Siracusa e Régio podia ser percorrida em um dia com auxílio do vento sul. Parte do tempo em Siracusa teria sido gasto no processo de descarregar e carregar.

A cidade de Régio (atual cidade de mesmo nome) está localizada no estreito de Messina e dá frente para a ilha da Sicília. Para fazer a passagem através desses estreitos (conhecidos como o labirinto de Charybdis e rocha da Sicília) ao porto de Putéoli, os marinheiros precisavam de vento favorável para empurrá-los até lá em 24 horas. Putéoli (Pozzuoli), um porto na baía de Nápoles, fica a cerca de 193 quilômetros ao sul de Roma.

14. Lá encontramos alguns irmãos que nos convidaram a ficar com eles por sete dias. E foi assim que nos dirigimos a Roma.

Nos tempos de Paulo, Putéoli era um porto movimentado que vivia do comércio conduzido por Roma com o resto do mundo habitado, especialmente os portos no leste do Mediterrâneo. Antes de o novo porto de Óstia ser construído, Portos, durante o reinado do imperador Cláudio, Putéoli era o único porto para Roma. Os viajantes provenientes do leste tinham de passar por esse porto para seguir para a Cidade Eterna. Depois que Júlio, seus soldados e seus prisioneiros desembar-

cassem, o centurião planejava completar a viagem a Roma a pé. Essa distância podia ser percorrida em cerca de cinco dias.

A viagem a Roma, entretanto, foi protelada por toda uma semana. Se Lucas tivesse se alongado em seu relato, nós saberíamos o motivo pelo qual Júlio ficara no porto da cidade de Putéoli por sete dias. Lucas revela que Paulo foi recepcionado pelos irmãos cristãos. Nós sabemos que na cidade comercial de Putéoli os judeus tinham formado sua própria comunidade.[19] Nós conjeturamos que os "romanos que aqui residem" (2.10) eram judeus que tinham ouvido o evangelho por intermédio de Pedro e retornado a Roma via Putéoli. Nessa cidade portuária, a comunidade cristã pode ter se formado simultaneamente com a de Roma. Quando, em 49 d.C., Cláudio expulsou os judeus (incluindo cristãos) da cidade imperial, muitos deles ficaram em Putéoli ou passaram por aí a caminho de outras cidades.

Logo que desembarcaram, Paulo e seus companheiros entraram em contato com os cristãos que residiam em Putéoli. Os cristãos convidaram Paulo e, com a permissão de Júlio (comparar com 27.3), e presumivelmente sob guarda, para ficar com eles por sete dias.

Que alegria para esses crentes terem Paulo com eles para pregar e ensinar, especialmente no Dia do Senhor (veja 20.6,7)! Os crentes também enviaram notícias aos cristãos de Roma dizendo que Paulo iria começar o último trecho de sua viagem dentro de uma semana (veja v. 15).

"E foi assim que nos dirigimos a Roma." Alguns tradutores geralmente dão a versão desse pequeno versículo como "então nós fomos para Roma". O verbo *fomos* na sentença *nós fomos para Roma*, significa "nós partimos para Roma".[20] (Um paralelo é encontrado em João 20.3, onde lemos que Pedro e João saíram para o sepulcro. O texto tem o verbo *sair*, mas o significado nesse contexto é que os dois discípulos "se dirigiram ao sepulcro" [NIV].

A ênfase nessa sentença está nas duas primeiras palavras – *e então*. Paulo e seus companheiros foram revigorados pelo contato com os

19. Josefo, *War* 2.7.1 [104]; *Antiquities* 17.12.1 [328]. Os gregos chamavam a cidade portuária de Dicearquia. Veja Josefo, *Life* 16; Strabo *Geography* 5.4; 17.1.

20. Comparar com as seguintes traduções: "Então para Roma seguimos" (MLB), "Então para Roma" (NEB), "E então nós formos em direção a Roma" (NKJV).

cristãos locais e sabiam que os crentes de Roma haviam sido avisados de sua chegada iminente. Por sua vez, os cristãos ali receberiam Paulo e cuidariam de suas necessidades.

15. Tendo ouvido notícias a nosso respeito, os irmãos de Roma foram nos encontrar na Praça de Ápio e às Três Vendas. Paulo os viu, agradeceu a Deus e sentiu-se mais animado.

O mensageiro de Putéoli tinha avisado os cristãos de Roma que Paulo estava a caminho da cidade imperial. Assim, dois grupos de crentes foram encontrá-lo na metade do caminho.[21] Um grupo foi até a Praça de Ápio, a cerca de 65 quilômetros a sudeste de Roma; e o outro foi até o lugar chamado de Três Vendas, a uns cinqüenta quilômetros na mesma direção.

A Praça de Ápio era um mercado onde as pessoas descansavam de suas viagens ao longo da Via Ápia. A estrada levava o nome do censor Ápio Cláudio que começou sua construção em 312 a.C. O poeta romano Horácio descreveu a Praça de Ápio como sendo "apinhada de barqueiros e taberneiros mesquinhos".[22] Esses barqueiros não eram marinheiros mas homens empregados nos barcos de transportar passageiros ao longo do canal através dos pântanos de Pontine. A Praça de Ápio não era conhecida por sua boa ordem e lei. O segundo lugar era chamado de Três Vendas; o termo *venda* não indica apenas uma hospedaria, mas também uma loja ou um armazém. Pelos escritos de Cícero, ficamos sabendo que ele às vezes se hospedava nesse lugar de descanso.[23]

Quando Paulo encontrou seus irmãos de Roma, ele começou a dar graças a Deus e ganhou coragem enquanto prosseguia em sua viagem a essa cidade. Ele percebeu que Deus fora fiel à sua palavra enviando-o à capital do império romano. Ao final de sua jornada, ele foi cercado e apoiado pelos irmãos cristãos que lhe deram as boas-vindas à cidade imperial.

Paulo tinha continuado a orar pelos cristãos em Roma desde que ele lhes escrevera três anos antes (Rm 1.9,10). E ele pediu aos crentes

21. Josefo escreve que toda a comunidade judaica de Roma saiu ao encontro de um impostor que se dizia ser Alexandre, filho de Herodes o Grande. *Antiquities* 17.12.1 [324-31].
22. Horácio, *Satires* 1.5.4 (LCL).
23. Cícero, *Letters to Atticus* 1.13.1.; 2.10; 2.12.2; 2.13.1.

ali que orassem por sua segurança em Jerusalém e sua viagem a Roma (Rm 15.31,32). Nós não sabemos quantos crentes foram encontrar Paulo na Via Ápia, mas imaginamos que o encontro muito festivo tanto na Praça de Ápio quando nas Três Vendas, devem ter causado grande impressão em Júlio.

16. Quando chegamos a Roma, Paulo teve permissão para morar sozinho, com um soldado guardando-o.

Por quase dois dias os cristãos acompanharam Paulo a Roma. Quando eles chegaram ali tiveram de se separar porque Paulo tinha de ficar sob custódia. Júlio deve ter intercedido por Paulo junto às autoridades quando ele foi entregar os prisioneiros.[24]

A prova fornecida pelo relatório de Festo, que Júlio apresentou às autoridades romanas, enfatizava três pontos: que Paulo era inocente de qualquer crime, que ele apelara para César, e que a razão para sua prisão era relacionada com disputas religiosas entre os judeus. Além disso, o próprio Júlio talvez tenha comentado sobre a conduta de Paulo durante a viagem de Cesaréia para Roma. Em sua maneira concisa, Lucas relata que "foi permitido a Paulo morar sozinho, com um soldado guardando-o". Num versículo posterior, ele acrescentou que Paulo morou numa casa alugada pelo tempo que durou sua prisão, isto é, dois anos (v. 30). Contudo, Paulo foi acorrentado (v. 20) e um soldado o guardava (comparar com 24.23). A cidadania de Paulo pode ter influenciado as autoridades para que estas lhe permitissem morar numa casa alugada. Nós imaginamos que os cristãos de Roma e de outros lugares pagavam o aluguel e supriam Paulo com alimentos, roupas, bem como atendiam às suas outras necessidades (veja Fp 2.25; 4.10).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 28.11-14

Versículo 11

παρασήμῳ Διοσκούροις – esta frase não significa "marcado pelo

24. O texto ocidental traz uma expansão que é adotada pelo texto Majority: "Quando nós chegamos a Roma, o centurião entregou os prisioneiros ao capitão da guarda" (NKJV; KJV). Veja Metzger, *Textual Commentary*, p. 501; Albert C. Clark, *The Acts of the Apostles: A Critical Edition with Introduction and Notes on Selected Passages* (1933; Oxford: Clarendon, 1970), pp. 386-88; William R. Ramsay, *St Paul the Traveller and the Roman Citizen* (1897; reedição, Grand Rapids: Baker, 1962), pp. 347-48, 362.

Dióscuros". Em vez disso, como a construção é um dativo absoluto, deveria ser traduzida como "um navio, com a insígnia de Dióscuros", de conformidade com os dados de registro de um navio.[25]

Versículos 13,14

περιελόντες – alguns manuscritos trazem a versão περιελθόντες, cuja tradução significa "circulou em volta" (NKJV, e veja NAB, NEB, RSV). Sem a letra θ, o particípio é o aoristo de περιαιρέω e, como termo náutico, significa "tendo levantado as âncoras em ambos os lados do navio". Em resumo, o significado é "o navio começou a navegar". É possível que esta versão particular seja responsável pelas variantes.[26]

παρεκλήθημεν – como um verbo composto, este é o passivo aoristo no sentido intensivo: "nós fomos convidados". Os tradutores preferem esta versão àquela em que se lê, "nós fomos confortados pela estada".

---

3. *Prisão Romana*

28.17-31

Os judeus da Ásia Menor tinham sido responsáveis pela prisão de Paulo em Jerusalém (21.27-29), onde os líderes judeus tinham se oposto a Paulo com veemência. Eles até mesmo viajaram para Cesaréia para acusarem Paulo em seu julgamento perante Félix (24.1) e dois anos mais tarde perante Festo (25.7). Quando Paulo chegou a Roma, ele não tinha conhecimento das acusações que os judeus locais poderiam apresentar perante César. Ele intrepidamente reuniu os líderes judeus para tentar descobrir se eles estavam a par do seu caso. De modo sutil, ele também os preparou para que ouvissem o evangelho.

a. *O discurso de Paulo*

28.17-20

17. Três dias depois, ele convocou os principais dos judeus. Quando eles se reuniram, ele lhes disse: "Homens e irmãos, eu nada fiz contra nosso povo ou contra os costumes de nossos pais, contudo, vim preso desde Jerusalém e fui entregue nas mãos dos

---

25. Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. de Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), nº 198.7.

26. Veja Metzger, *Textual Commentary*, p. 501.

romanos. 18. Eles me interrogaram e quiseram soltar-me porque não encontraram razão para condenar-me à morte".

Num período de três dias Paulo já tinha contatado os líderes dos judeus em Roma e pedido que viessem à sua casa. Quem eram esses líderes judeus? Com base na informação fornecida pelos historiadores romanos e judeus (Suetônio, Tácito e Josefo), nós podemos estimar que uns quarenta mil judeus viviam na cidade imperial na metade do século 1º.[27] Pelas inscrições, sabemos que havia pelo menos dez sinagogas em Roma com líderes influentes.[28] Esses líderes, então, se encontraram com Paulo para ouvirem-no sobre a razão de sua prisão.

Paulo se dirige a esses líderes como "homens e irmãos", que era uma saudação comum nos círculos judaicos.[29] Ele deixa implícito que ele, um judeu, é irmão deles. Ele assegura que não fez nada contra o povo judeu ou seus costumes (25.8). Paulo declara que embora ele seja inocente de qualquer crime, os judeus de Jerusalém o entregaram aos romanos como prisioneiro. Ele se abstém de dar detalhes, de mencionar nomes e de acusar os judeus de Jerusalém de tê-lo tratado de forma injusta. Sabiamente, ele evita fazer observações negativas para que pudesse ganhar a boa vontade desses líderes e torná-los receptivo ao evangelho em outra ocasião (vs. 23-28).

Paulo até mesmo disse algo gentil a respeito dos romanos, dizendo que eles o haviam interrogado, sem encontrar contra ele nada que fosse passível de pena de morte. Ele omite o fato de que tanto Félix como Festo queriam agradar aos judeus: Félix manteve Paulo preso por dois anos e Festo queria tê-lo julgado em Jerusalém. Em vez disso, Paulo disse que eles estavam dispostos a libertá-lo (veja 26.32). Num esforço para promover a causa do evangelho, ele deseja evitar mesmo a menor possibilidade de confrontação entre os judeus e os cristãos ou os judeus e os romanos. E, mantendo sua conduta de sempre, Paulo apresentou o evangelho "primeiro ao judeu e depois ao grego" (Rm 1.16).

---

27. Consultar George A. Van Alstine, "Dispersion", *ISBE*, vol. 1, pp. 964-65; Leo Levi, "Italy", *Encyclopaedia Judaica*, vol. 9, p. 1116.

28. Emil Schürer, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ (175 B. C. - A. D. 135)*, rev. e org. por Geza Vermes e Fergus Millar, 3 vols. (Edimburgo: Clark, 1973-87), vol. 3, pp. 96-100.

29. Veja o texto grego de 2.29,37; 7.2,26; 13.15,26,38; 15.7,13; 22.1; 23.1,6; 28.17.

Ele sempre havia observado essa ordem durante seu ministério em Chipre (13.5,7), Antioquia da Pisídia (13.14,46), Corinto (18.6) e Éfeso (20.21); agora ele a aplica em Roma.

Consistentemente com seu propósito ao escrever Atos, Lucas mostra a expansão do evangelho até mesmo na capital. Durante sua permanência em Roma, Paulo planeja defender a causa de Cristo de forma que o evangelho possa ser livremente disseminado por todo o império.

19. "Diante da oposição dos judeus, fui forçado a apelar para César, não que eu tivesse, porém, qualquer acusação contra minha nação."

Paulo afirma somente o fato, mas não a causa da oposição à sua libertação. Ele deixa a ênfase cair sobre as palavras *fui forçado*; pelo uso da voz passiva, ele evita contar à sua audiência quem o havia forçado a apelar para César, embora o contexto aponte para os judeus de Jerusalém.

Quando Paulo menciona que apelara para César, ele indiretamente revela que era um cidadão romano. Ele também deixa implícito que deseja um julgamento na presença de César. Porém, Paulo toma cuidado em não elaborar sobre os privilégios que ele tem como cidadão romano.[30] Ele entende as implicações políticas e a possibilidade de que ele poderia ser acusado de negar sua descendência judaica.

Paulo declara enfaticamente que seu apelo a César não era porque ele buscava fazer acusações contra os judeus como nação. Com essa afirmação, ele assegura aos líderes em Roma que ele não pretende causar problemas. Ele será fiel ao seu povo e não apresentará qualquer acusação contra eles no tribunal.

O texto ocidental expandiu esse versículo num esforço de completá-lo e dar equilíbrio: "Diante da oposição dos judeus *que estavam gritando 'morte ao nosso inimigo!'*, eu apelei para César, não tendo eu, porém, nada de que acusar minha nação, *mas para que eu pudesse me livrar da morte*". Os tradutores são da opinião que a origem do texto mais curto é mais fácil de explicar do que o mais longo. Eles realçam o fato de que os escribas eram mais inclinados a acrescentar do que a eliminar palavras.

30. A. N. Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law in the New Testament* (1963; reedição, Grand Rapids: Baker, 1968), p. 66.

20. "Foi por esse motivo que eu os convidei, para vê-los e falar com os senhores, porque eu estou preso com esta corrente por causa da esperança de Israel."

Paulo conclui sua declaração geral. Ele demonstra seu amor pelo povo judeu convidando seus líderes para visitá-lo em sua casa alugada. Ele deseja explicar a seus conterrâneos em Roma as causas de seu apelo a César, sua prisão em Cesaréia e em Roma, e sua recusa em incriminar os judeus. Ele esperava que os líderes judeus tivessem perguntas sobre sua prisão, que é evidenciada pela corrente que ele trazia e a presença do soldado romano em sua casa. Ele também queria que eles soubessem que ele estava interessado num diálogo espiritual, resumindo ambos os propósitos pela frase, "estou preso com esta corrente por causa da esperança de Israel".

Essa afirmação em si mesma é bastante breve, e nós inferimos de suas palavras que Paulo nesse momento protelava uma discussão detalhada a respeito do assunto. Os líderes judeus entenderam a expressão *esperança de Israel* como uma referência ao Messias. Numa reunião subseqüente, Paulo iria introduzir o ensinamento messiânico a respeito de Jesus o Messias. Paulo disse aos líderes judeus que a causa de estar acorrentado estava enraizada na esperança que tinham em comum.

Em sua última observação, Paulo chama a atenção para sua prisão domiciliar com o uso da palavra *corrente* (singular). Aparentemente, ele tinha liberdade suficiente para se mover dentro da casa. Note-se que o comandante em Jerusalém, na primeira prisão de Paulo, o tinha prendido com duas cadeias (21.33), mas removeu-as quando soube que era cidadão romano (22.29).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 28.17-20

Versículo 17

τοὺς ὄντας – o particípio articular com o adjetivo πρώτονς (primeiro) tem um sentido técnico: "os líderes judeus locais" (comparar com 5.17).

οὐδέν – este adjetivo negativo é um substantivo que é usado como objeto direto do particípio ποιήσας (não tendo feito nada [errado]).[31]

---

31. Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 251.

Versículos 19,20

οὐχ ὡς – "não como se" (veja 2Jo 5). O advérbio negativo precede o particípio *tendo*, o que é incomum, mas a distância entre o advérbio e o particípio provavelmente conta para o uso de οὐ em vez de μή.

τοῦ ἔθνους – em catorze lugares no Novo Testamento, o povo judeu é chamado de ἔθνος (nação) – uma palavra normalmente usada para os gentios (veja, por ex., 10.22).

ὑμᾶς – o pronome pessoal serve como um objeto direto para o verbo principal *eu convidei* e para os dois infinitivos *ver* e *falar com*.

---

b. *Resposta dos Judeus*

28.21,22

21. Os judeus disseram a Paulo: "Nós não recebemos da Judéia nenhuma carta a seu respeito. Nenhum dos irmãos que vieram para cá relatou ou disse qualquer coisa má sobre você. 22. Gostaríamos de ouvir as idéias que você defende. Sabemos que em todos os lugares as pessoas estão contra essa seita".

Os líderes judeus se lembram de que apenas dez anos antes (49 d.C.), o imperador Cláudio os tinha expulso de Roma por causa de revoltas. Essas revoltas tinham sido instigadas por uma pessoa chamada Chrestos (Christos), segundo o historiógrafo romano Suetônio.[32] Presumivelmente os judeus não-cristãos entravam em choque com os judeus cristãos. Impossibilitado de distinguir entre os dois grupos, Cláudio expulsara ambos. Agora, frente a frente com um dos líderes da fé cristã, os líderes judeus são cuidadosos, mas justos em sua resposta.

"Nós não recebemos da Judéia nenhuma carta a seu respeito." Essa é uma admissão honesta de ignorância justificada. O fato de que a hierarquia de Jerusalém não tinha enviado uma mensagem nem às autoridades judaicas nem romanas, apoiava a inocência de Paulo. Depois de Paulo ter apelado para César e enviado para Roma, as autoridades judaicas eram da opinião de que ele estava muito longe de Israel para causar qualquer dano. Além disso, enquanto o tempo apagava da memória prisão de Paulo em Jerusalém, a oposição à própria Roma se tornou o assunto do dia.

---

32. Suetônio, *Claudius* 25.4

Além do mais, um juiz romano consideraria a ausência de um acusador ou acusação como uma ofensa punível.[33] Os judeus de Roma desejavam ser absolvidos de tal acusação e conseqüentemente foram abertos em sua resposta a Paulo. Eles admitem honestamente, "Nenhum dos irmãos que vieram para cá relatou ou disse qualquer coisa má sobre você". Os judeus em Roma estavam dizendo que eles nada tinham ouvido sobre Paulo. Em si mesmo essa afirmação parece incongruente, pois sabemos que Paulo enviara sua carta aos cristãos em Roma três anos antes. Mas o contato entre os judeus e cristãos pode não ter sido muito íntimo de modo a levar os cristãos a compartilhar essa informação.

Mesmo assim, os líderes judeus estavam interessados em conhecer os pontos de vista teológicos do próprio Paulo. Eles estavam abertos para ouvir Paulo ensinar o evangelho e explicá-lo em detalhe. O pedido deles agrada a Paulo além da conta, pois ele é o cumprimento das palavras de Jesus de que Paulo tinha testificado sobre ele em Jerusalém, e iria também testificar em Roma (23.11). Aqui ele tem a oportunidade de proclamar a mensagem da salvação aos líderes judeus que, se aceitassem o evangelho, poderiam influenciar seu povo nas sinagogas locais.

"Sabemos que em todos os lugares, as pessoas são contra essa seita."Lucas apresenta uma versão condensada do pedido que os judeus fizeram. Quando estes líderes usaram a palavra *seita*, eles tinham em mente a igreja cristã (veja 24.5,14).

A palavra em si mesma não é pejorativa. Ela significa "partido" ou "escola de pensamento", como é evidente em Atos e nos escritos de Josefo; era usada para descrever os saduceus (5.17) e os fariseus (15.5).[34] Os líderes judeus falam em generalidades e observam que o povo, a saber os judeus, se opõe ao ensino da igreja cristã. Mas os líderes estão dispostos a ouvir o que Paulo tem a dizer-lhes.

c. *A Explicação de Paulo*

28.23-28

23. Eles marcaram um dia com Paulo e foram encontrá-lo em sua casa em grande número. Ele explicou e testificou a eles sobre o

33. Consultar Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law*, p. 52.
34. Josefo, *Antiquities* 13;5.9 [171]; *Life* 10; 12; 191.

reino de Deus. Começando de manhã e indo até à tarde, ele tentou persuadi-los a respeito de Jesus tanto pela lei de Moisés como pelos profetas. 24. Alguns ficaram convencidos pelo que ele dizia, enquanto outros não acreditaram.

Lucas está interessado em relatar que Paulo havia pregado para um grande número de judeus na capital. Ele é fiel ao seu propósito de escrever o livro de Atos (veja 1.8). Mas no processo ele negligencia a descrição dos detalhes a respeito do tamanho da casa alugada, a liberdade que Paulo evidentemente tinha em reunir um grande número de pessoas, e a reação dos cristãos em Roma. Esses aspectos são irrelevantes aos propósitos de Lucas. Nós nos aventuramos a dizer que os líderes judeus encorajaram seu povo a irem à casa de Paulo num certo dia, e que permissão para essa reunião tinha sido dada pelas autoridades romanas e que muitos dos judeus iam e vinham.

O foco está novamente em Paulo, que aproveita a oportunidade para pregar o evangelho desde a manhã até à noite. Nós imaginamos que era desde o nascer até o pôr-do-sol. Ele parece ter energia sem fim para falar durante horas sem intervalo (veja 20.7,11). Nós somos lembrados de Jesus e seus discípulos que uma vez foram rodeados por uma multidão e não tiveram como comer (Mc 3.20).

Paulo ensina o povo sobre o reino de Deus, o que é equivalente a ensinar a eles o evangelho de Cristo. Por exemplo, quando Paulo ensinou na sinagoga de Éfeso, e no salão de Tirano, ele ensinou o povo sobre o "reino de Deus" e "a palavra do Senhor" (19.8,10).[35] No discurso de despedida de Paulo aos presbíteros efésios, as frases *evangelho da graça de Deus* e *pregação do reino* significam a mesma coisa (20.24,25). De igual modo, em Roma, Paulo pregou sobre "o reino de Deus" ao povo e tentou persuadi-los "a respeito de Jesus" (veja 28.23,31).

Educado na Lei de Moisés e dos Profetas, Paulo abriu as Escrituras aos seus ouvintes e tentou explicar-lhes que Jesus de Nazaré é na verdade o Messias. Da mesma forma que Jesus abriu o Antigo Testamento (a Lei e os Profetas) aos homens no caminho de Emaús, também Paulo

35. Essas duas expressões parecem ser sinônimas em Atos. Veja Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: Inter-Varsity, 1981), p. 429.

tentou persuadir os judeus de que Jesus cumprira as profecias messiânicas das Escrituras (comparar com Lc 24.27). Os homens de Emaús creram na palavra de Jesus quando seus olhos espirituais foram abertos, mas muitos judeus em Roma não foram persuadidos.

Os judeus em Roma tinham conhecimento e aplicavam a doutrina das obras, mas não a doutrina da graça (comparar, por ex., com Rm 4.4; 11.6). Quando Paulo ensinou aos judeus que a entrada no reino de Deus não é pelas obras mas pela graça, ele encontrou oposição e finalmente rejeição. Era o desejo de Paulo que seus compatriotas pudessem ser salvos e que seu zelo por Deus não fosse expresso em termos de justiça pela lei mas pela fé em Cristo (Rm 10.1-6).

Em seu ensinamento sobre o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus, Paulo tinha mostrado pelas Escrituras que Deus havia prometido a vinda do Messias. Ele apresentou o Messias como Aquele que iria,

> Expiar pelo pecado do homem;
> Reconciliar Deus com a humanidade;
> Comprar justiça eterna;
> Moldar os homens segundo a imagem de Deus;
> Regenerar seu povo com seu Espírito;
> Tornar seus servos fiéis herdeiros com Cristo.[36]

Paulo era capaz de manter a atenção de sua audiência desde a manhã até à tarde. Alguns dos judeus aceitaram Jesus como o Messias, mas outros continuaram na incredulidade. Mediante seu ministério em lugares diversos como Antioquia da Pisídia, Tessalônica e Corinto, Paulo tinha experimentado a mesma coisa: alguns criam em Jesus enquanto outros o rejeitavam (veja 13.43-46; 17.4,5; 18.6-8, respectivamente).

25. Os judeus discordavam entre si e começaram a se retirar depois de Paulo ter dito uma última palavra: "Bem falou o Espírito Santo a seus pais, por intermédio do profeta Isaías".

a. "Os judeus discordavam entre si." O texto sugere que a audiência se dividiu quanto à correta interpretação das Escrituras. Aqueles

36. Veja Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 2, p. 309.

que não acreditavam, discordavam dos que acreditavam. Lucas indica que a discordância entre eles não foi momentânea, mas sim continuou a dividi-los. Aqueles que não concordavam com os que criam rejeitaram não a Paulo, mas sim a Jesus Cristo como Filho de Deus e as Escrituras que dele testificam. Por outro lado, os judeus que creram se tornaram parte das igrejas já existentes em Roma e assim reforçaram a comunidade cristã.

b. "[Eles] começaram a se retirar depois de Paulo ter dito uma última palavra." Pouco a pouco as pessoas foram saindo. No entanto, Paulo desejava dizer uma última palavra das Escrituras aos judeus descrentes. Portanto, não Paulo mas o próprio Deus tinha a palavra decisiva sobre os judeus endurecidos.

c. "Bem falou o Espírito Santo a seus pais, por intermédio do profeta Isaías." Paulo atribui as palavras que ia dizer não ao profeta Isaías mas ao Espírito Santo, que é o autor primário das Escrituras. Se os judeus rejeitassem as Escrituras, eles não estariam somente desdenhando de Isaías, mas também desafiando o Espírito Santo. Em sua Palavra, Deus deu-lhes as profecias messiânicas, enviou seu servo Paulo para explicar que Jesus cumpriu essas profecias.

Quando os judeus, depois de terem recebido todas as provas recusaram-se a aceitar a verdade da Palavra de Deus, eles estavam desafiando o Deus vivo. Por essa razão, Paulo abertamente assevera que o Espírito Santo falou aos antepassados por intermédio de uma palavra ao profeta Isaías. O termo *antepassados* permite aos judeus refletirem sobre o contexto histórico. Essa palavra que Isaías transmitiu aos seus contemporâneos é agora dirigida aos contemporâneos de Paulo em Roma.

Ao mesmo tempo, Paulo se separou dos judeus e seus ancestrais com o uso do pronome *seus*.[37] Quando pela primeira vez Paulo chamou os judeus para virem à sua casa, ele tinha dito *nossos* pais (v. 17). Agora ele propositadamente se abstém de se identificar com os judeus incrédulos, exatamente como fez Estêvão perante o Sinédrio. Estêvão primeiro expressou sua identidade com sua audiência usando o pronome *nosso* na frase *nossos pais* (7.11,12,15,38,39,44,45). Quando ele

37. Com base no Texto Majority, a KJV e a NKJV trazem o pronome *nosso*.

viu que sua audiência rejeitava sua apresentação, ele se separou deles e falou em *vossos* pais (7.51,52).

26. “ ‘Vai a este povo e dize-lhe:
“De ouvido, ouvireis e não entendereis”;
vendo, vereis e não percebereis.

27. Porquanto o coração deste povo se tornou endurecido;
com os ouvidos ouviram tardiamente
e fecharam os olhos,
para que jamais vejam com os olhos,
nem ouçam com os ouvidos,
para que não entendam com o coração,
e se convertam, e por mim sejam curados’. ”

Observem-se estes pontos salientes:

a. *Panorama*. Os judeus de Roma sabem que Paulo citava Isaías 6.9,10 e conhecem o contexto histórico dessas palavras. Eles entendem que Deus disse a Isaías para ir aos israelitas cujos corações estavam endurecidos por causa da descrença e desobediência. Eles sabem que as palavras divinas ditas por Isaías apenas levaram Israel para mais longe da salvação.

Deus disse a Isaías que fosse a Israel e informasse ao povo que eles estavam sempre ouvindo, mas falhando em entender e sempre vendo, mas nunca percebendo. Isso não era um elogio. Na verdade, era uma reprovação que finalmente terminaria em julgamento sobre Israel e resultaria na destruição das cidades, devastação dos campos e exílio das pessoas (Is 6.11,12). A tarefa de Isaías era de desânimo, no entanto o Senhor prometeu que de um toco Deus levantaria sua santa semente (Is 6.13).

b. *Aplicação*. Os evangelistas Mateus, Marcos e Lucas relatam que Jesus ensinou a parábola do semeador. Em resposta à pergunta de seus discípulos sobre o motivo pelo qual ele ensinava em parábolas (Mt 13.10; Mc 4.10; Lc 8.9), Jesus citou as palavras de Isaías 6.9,10 e aplicou-as aos fariseus incrédulos e mestres da lei (Mt 12.24; Mc 3.22). João relata que a despeito de todos os milagres realizados por Jesus, os judeus se recusaram a crer em Jesus. Ele cita Isaías 6.10 para explicar porque os judeus eram incapazes de crer (Jo 12.40). Jesus observou a

dureza do coração do homem e assim podia aplicar as palavras e o panorama de Isaías aos judeus de seus dias. E Paulo se volta para essa passagem quando ele encontra os judeus incrédulos que depois de terem ouvido uma explicação completa das Escrituras ainda se recusavam em aceitar Jesus como o Messias (comparar com o conteúdo de Rm 9-11).

Por intermédio de Isaías o profeta, Deus estava dizendo ao povo de Israel que o povo tinha permitido que seus corações se tornarem endurecidos, tinha deixado sua audição se tornar mouca e tinha permitido à sua visão ficar nublada. Eles propositadamente tinham se fechado para a possibilidade de arrependimento. Se assim não fosse, eles se voltariam para Deus e ele os restauraria. Ao citar Isaías, Paulo diz à sua audiência que em termos espirituais eles estão em pé de igualdade com os contemporâneos de Isaías.

c. *Texto*. As palavras dessa longa citação vêm diretamente da Septuaginta. As palavras são as mesmas em Mateus 13.14,15, enquanto Marcos, Lucas e João em seus respectivos evangelhos trazem uma versão resumida da passagem de Isaías. O Evangelho segundo Mateus, entretanto, é dirigido aos leitores judeus e, portanto, traz o texto completo. Da mesma forma, Paulo se dirigia aos judeus de Roma e queria que eles ouvissem a passagem completa do profeta Isaías.

28. "Portanto, que vocês saibam que essa salvação de Deus foi enviada aos gentios; eles ouvirão."

Paulo acrescenta suas próprias conclusões a esse ensinamento. Com base na profecia de Isaías, ele na verdade diz, "Vocês, judeus, deveriam saber que a salvação é primeiro para o judeu e depois para os gentios. Mas vocês rejeitaram a certeza da salvação de Deus e agora Deus a oferece aos gentios".

Nós observamos duas coisas. Primeiro, Deus chamou Paulo para ser um apóstolo aos gentios (9.15; 22.21; Gl 1.15,16; 2.8). Segundo, ao longo de todo seu ministério, Paulo seguiu a regra de primeiro apresentar o evangelho aos judeus e depois aos gentios. Em todos os lugares onde os judeus rejeitavam a pregação do evangelho, Paulo se voltava para os gentios (veja, por ex., 13.46; 18.6). O evangelho tem uma mensagem universal para todas as pessoas. De modo coerente, o livro

de Atos não termina com a nota negativa dos judeus recusando-se a aceitar o evangelho. Ao contrário, a última palavra de Paulo é positiva. Ele afirma que os gentios ouvirão o evangelho da salvação e por crerem em Jesus serão salvos.

Considerações Doutrinárias em 28.23-28

Se nós olharmos o panorama histórico de Isaías proclamando a mensagem de Deus ao povo de Israel (Is 6.9,10) e considerarmos o pano de fundo do ministério de cura e ensino de Jesus, nós vamos notar um paralelo marcante. Deus tinha abençoado Israel de muitas maneiras, porém quanto mais ele mostrava seu amor ao povo mais o povo se voltava contra ele. Mas o amor de Deus que estava designado a abençoar os israelitas mudou a ira divina quando eles encheram as medidas com seus pecados. Franz Delitzsch observa, "Pois da mesma maneira que em todo o bem que os homens fazem o princípio ativo é o amor de Deus, também em todo o mal que eles fazem, o princípio ativo é a ira de Deus".[38] A ira de Deus culminou no fechamento do caminho de arrependimento e a entrega do povo à sua própria destruição.

Quando Jesus, em seu ministério de cura, deu a vista aos cegos, ele cumpriu a profecia de Isaías de que ele era o Messias (veja Is 35.5; Jo 9.6,7,35-38). Mas os judeus se recusaram a crer. Quando ele expulsava demônios os especialistas da lei e os fariseus disseram que ele o fazia em nome de Belzebu, o príncipe dos demônios. Na verdade, eles acusaram Jesus de ter parte com Satanás (Mt 12.22-24; Mc 3.22). Então Jesus ensinou a doutrina do pecado contra o Espírito Santo. Ele deixou implícito que os judeus que estavam atribuindo seus milagres de cura a Satanás em vez de reconhecer o poder do Espírito Santo, estavam cometendo pecado imperdoável (Mt 12.32; Mc 3.29). Jesus disse que essas pessoas estavam do lado de fora (Mc 4.11) e deixou implícito que elas seriam excluídas da instrução dos segredos do reino de Deus.[39] Nesse contexto, Jesus citou as palavras de Isaías 6.9,10.

Paulo expôs as Escrituras aos judeus em Roma e no final do dia viu que muitos deles se recusavam a aceitar as verdades messiânicas cumpri-

38. Franz Delitzsch, *Biblical Commentary on the Prophecies of Isaiah*, trad. por James Martin, 2 vols. (1877; Grand Rapids: Eerdmans, 1954), vol. 1, p. 201.

39. William L. Lane, *The Gospel According to Mark*, série New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1974), p. 159.

das em Jesus Cristo. Ele sabia que essas pessoas continuariam com o coração endurecido e separadas do Deus vivo. Em sua opinião, esses judeus podiam ser comparados com galhos de oliveira naturais que eram cortados – a árvore de oliveira representa o verdadeiro Israel – porque eles tinham morrido uma morte espiritual. Paulo diz que por causa da descrença eles foram quebrados (Rm 11.20). Descrença persistente leva ao endurecimento do coração. O endurecimento do coração leva à apostasia e o pecado leva à morte (1Jo 5.16).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 28.23-29

Versículo 23

τὴν ξενίαν – o significado primário é "hospitalidade" ou "entretenimento". O significado secundário é "sala de visitas", que é uma tradução preferível para os dois lugares onde a palavra ocorre no Novo Testamento (aqui e Fm 1.22).

ἐξετίθετο – o imperfeito reflexivo do verbo ἐκτίθημι (eu explico) é seguido por dois particípios que expressam maneira ou modo: διαμαρτυρόμενος (pelo testemunho) e πείθων (por persuasão). O imperfeito sugere ação continuada. Seu uso predomina nesta seção (veja vs. 24 e 25).

Versículos 26,27

A versão da Septuaginta difere ligeiramente do texto hebreu na sentença introdutória: "Vai e diga a este povo" (Is 6.9) e "Vai a este povo e diga" (v. 26).

As sentenças no versículo 27 estão na seqüência literária *abc, cba*. A seqüência serve para enfatizar a mensagem.

O uso do tempo futuro ἰάσομαι (eu sararei) em vez do subjuntivo aoristo ativo ἰάσωμαι se deve à confusão das vogais do grego ο e ω. Estas duas letras são bastante semelhantes quanto ao som.

Versículos 28,29

γνωστόν ἔστω – "deixe que se saiba." Esta frase solene é comum em discursos formais. Veja 2.14; 4.10; 13.38.

Quando o Texto Majority adotou a expansão do texto ocidental no versículo 29: "E quando ele disse estas palavras, os judeus partiram e tiveram entre si grande contenda" (NKJV; veja KJV). Os tradutores preferem a exclusão desse versículo.

d. *Conclusão*

28.30,31

Em toda a segunda metade de Atos, Lucas descreve Paulo como um personagem líder. O leitor poderia ser tentado a pensar que Lucas tivesse escrito a biografia do apóstolo. Esse, porém, não é o caso, pois o livro não relata a morte de Paulo. Lucas compõe uma história, não de Paulo, mas da propagação do evangelho. Ele conclui o Livro de Atos mostrando que Paulo apresentara os ensinamentos de Jesus abertamente e sem impedimento.

30. Paulo permaneceu por dois anos em sua própria casa alugada e recebia a todos que iam a ele. 31. Com intrepidez e sem impedimento, ele pregava o reino de Deus e ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo.

a. "Paulo permaneceu por dois anos." Lucas termina a última nota biográfica de Paulo dando a referência de tempo. Ele se abstém de relatar a liberação de Paulo, as viagens subseqüentes, o segundo encarceramento e sua morte. Por meio de suas epístolas, sabemos que Paulo esperava ser libertado da prisão (veja Fp 1.19,25; 2.24) e precisaria encontrar acomodações em Colossos (Fm 22). As Epístolas pastorais incluem referências a lugares que não são mencionados em Atos, portanto nós concluímos que Paulo deve ter viajado a Éfeso e Macedônia (1Tm 1.3; 3.14), Nicópolis (Tt 3.12) e Trôade (2Tm 4.13). E, finalmente, em sua última epístola, ele escreve que sua execução estava próxima (2Tm 4.6).

Se Lucas tivesse sabido do retorno de Paulo à congregação de Éfeso, ele certamente teria escrito um final diferente para a despedida emotiva dos presbíteros efésios (20.38). Lucas aparentemente compôs Atos durante a prisão de Paulo e completou-o logo depois de sua libertação (veja a Introdução para a data de Atos).

Não temos como dizer porque Paulo ficou preso por dois anos na capital. Estudiosos têm sugerido que, como seus acusadores não foram a Roma para o julgamento de Paulo dentro de um período de dois anos, Paulo foi solto.[40] Mas nós não temos prova de que seu caso tenha sido

40. Consultar, por exemplo, H. J. Cadbury, "Roman Law and the Trial of Paul", *Beginnings*, vol. 5, pp. 325-36.

encerrado pela omissão dos acusadores. "A tradição romana ... é que o procurador público deve prosseguir com o processo. A proteção da pessoa acusada não ficava na provisão de libertação automática se o acusador não se apresentasse, mas na severidade das sanções contra os acusadores ausentes."[41] Além do mais, no caso de uma "justa causa" ou morte do acusador, o acusado podia pedir anulação das acusações contra ele. Mesmo nesse caso, os legisladores romanos eram relutantes quanto a cancelar as acusações.[42] Em outras palavras, se os acusadores de Paulo nunca tivessem se apresentado em Roma, Paulo permaneceria preso. Ao fim de dois anos, Nero deve tê-lo solto.

b. "[Paulo permaneceu] em sua própria casa alugada e recebia a todos que o procuravam." Outra tradução traz "à sua própria custa" (RSV). A Vulgata traz a mesma tradução: *in suo conducto* (com seus próprios recursos). O cerne da questão está em que a palavra grega *misthōma* pode significar tanto "aluguel" (ativo) como "o que pode ser alugado" (passivo).[43]

Lucas escreve que Paulo permaneceu e não que morava, o que indica que Paulo permaneceu prisioneiro em dependências independentes. Paulo cumpriu sua tarefa de pregar o evangelho a todas as pessoas que vinham visitá-lo. Ele simplesmente não tinha tempo para suprir suas necessidades financeiras, para as quais, nós presumimos, ele dependia dos amigos.

c. "Com intrepidez, ele estava pregando o reino de Deus e ensinando as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo." Lucas completa o Livro de Atos com uma nota de triunfo. Paulo pregava o reino de Deus e ensinava sobre Jesus a quem quer que fosse à sua casa. Além de alguns judeus em Roma, numerosos gentios foram até ele. Na verdade, ele foi eleito o Apóstolo dos gentios.

A palavra *intrepidez* significa que Paulo gozava de completa liberdade de pregar e ensinar o evangelho de Cristo. Cheio do Espírito Santo, ele podia falar com autoridade a todos seus visitantes e esperar ver os resultados em seu ministério. As duas sentenças ("pregando o reino

41. Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law*, p. 114.

42. Sherwin-White (*ibid*., p. 117) argumenta que Cadbury (*Beginnings*, vol. 5, p. 330) falha em provar seu argumento.

43. Bauer, p. 523.

de Deus" e "ensinando as coisas relativas ao Senhor Jesus Cristo") são sinônimas e apoiam uma à outra. Com a combinação *Senhor Jesus Cristo*, Lucas dá voz à confissão dos cristãos primitivos de que Jesus é Senhor (1Co 12.3), em oposição à máxima romana *César é Senhor*.

d. "Sem impedimento." Essas palavras, as últimas do texto original, são reveladoras. Lucas sugere que o governo romano não fez restrições à propagação do evangelho por todo império romano. Com essas palavras, as quais, por causa de seu lugar no texto grego são enfáticas, Lucas descreve a abertura do estado em relação à igreja. Paulo foi inocentado e as acusações contra ele pelos judeus eram falsas.[44] A partir da casa alugada de Paulo o evangelho se espalhou até aos confins do mundo. E depois de sua libertação ele continuou suas viagens em favor do evangelho.

Central de Missões[45]

Tenho a certeza de a conversa diária de Paulo com o soldado que o guardava em sua casa não era sobre o tempo. Em vez disso, ele apresentou o soldado a Jesus Cristo, ensinou a ele as verdades sobre o evangelho de Cristo, e instilou nele um conhecimento salvífico de Jesus. Como em qualquer exército, um soldado do exército romano era transferido com freqüência. Se assumirmos que o soldado que guardava Paulo se tornou cristão e foi enviado para uma outra parte do império romano, Paulo teria na verdade enviado um missionário (comparar com Fp 1.13; 4.22).

Quantos soldados diferentes teriam guardado Paulo no período de dois anos? E quantos missionários teria Paulo enviado ao mundo? Não sabemos, mas temos certeza de que a casa alugada de Paulo em Roma na verdade se tornou uma central de missões. Amigos e conhecidos de muitas partes do mundo receberam permissão para visitar Paulo. Ele os mandava de volta com o evangelho de Cristo (veja paralelo em 2Tm 4.9-12). Ele também escreveu as chamadas epístolas da prisão: Colossenses, Filemom, Efésios e Filipenses.

Uma última observação. O comissionamento de missionários de Roma até aos confins da terra foi o cumprimento da ordem de Jesus "sereis mi-

---

44. Veja Gerhard Delling, "Das Letzte Wort der Apostelgeschichte", *NovT* 15 (1973): 193-204.

45. Comparar com a seção semelhante no comentário sobre 24.23.

nhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda Judéia e Samaria e até aos confins da terra." (1.8).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 28.30,31

O texto ocidental acrescenta estas palavras no versículo 30: "tanto a judeus como a gregos". E ao término do versículo 31, os manuscritos em latim acrescentam: "dizendo que este é Cristo Jesus, o Filho de Deus, por meio de quem todo o mundo será julgado". Nessas adições, é óbvia a mão de um escriba bem-intencionado.

Sumário do Capítulo 28

Com a tripulação e os passageiros do cargueiro naufragado, Paulo chega a salvo à ilha de Malta. Ali os nativos acendem uma fogueira para que aqueles que estavam encharcados pela água do mar e gelados pelo vento e pela chuva pudessem se aquecer. Paulo recolhe um feixe de gravetos que ele joga nas chamas; uma serpente, obrigada pelo calor a sair, pica a mão de Paulo. Paulo sacode o réptil no fogo. Os nativos esperam vê-lo inchar ou cair morto; quando nada acontece a Paulo eles o consideram como um deus.

Paulo cura o pai de Públio de febre e disenteria. Como conseqüência, muitas pessoas enfermas foram a Paulo para que ele as curasse. Depois de uma espera de três meses, e recebendo muitos suprimentos dos nativos, Paulo e seus companheiros embarcam num navio alexandrino e navegam para a Itália. Eles aportam em Putéoli, onde Paulo fica com amigos cristãos por uma semana. Depois eles prosseguem a pé para a Praça Ápia e para as Três Vendas. Nesses dois lugares, cristãos vindos de Roma deram as boas-vindas a Paulo. Quando eles chegaram a Roma, Paulo teve permissão para viver sozinho com um soldado guardando-o .

Depois de três dias, Paulo convidou os líderes dos judeus em Roma à sua residência. Ele informa a eles a respeito de sua prisão em Jerusalém e seu encarceramento pelos romanos. Os líderes lhes dizem que não receberam qualquer carta ou mensageiros sobre as acusações de Paulo. Eles estão dispostos a ouvir sobre a religião dos cristãos. Com numerosos companheiros judeus eles vão até a casa de Paulo. Paulo

lhes explica os ensinamentos do reino de Deus e Jesus e tenta convencê-los com base nas Escrituras. Alguns crêem, outros rejeitam as instruções. Paulo cita a profecia de Isaías e diz aos judeus descrentes que a salvação de Deus era agora enviada aos gentios, que ouvirão o evangelho. Por dois anos, Paulo permaneceu em sua casa alugada e, sem impedimento, ensinava o evangelho a quantos o visitavam.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA*

COMENTÁRIOS

Alford, Henry. *Alford's Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*. 4 vols. 7ª edição 1877. Grand Rapids: Guardian, 1976.

Arrington, French L. *The Acts of the Apostles: An Introduction and Commentary*. Peabody, Mass.: Hendrickson, 1988.

Bengel, John Albert. *Gnomon of the New Testament*. Organizado por Andrew R. Fausset. 5 vols. Edimburgo: Clark, 1877.

Bruce, F. F. *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary*. 3ª ed. revista e expandida. Grand Rapids: Eerdmans, 1990.

———. *The Book of the Acts*. Série New International Commentary on the New Testament. Edição Revista. Grand Rapids: Eerdmans, 1988.

Calvino, João. *Commentary on the Acts of the Apostles*. Organizado por David W. Torrance e Thomas F. Torrance. 2 vols. Grand Rapids: Eerdmans, 1966.

Carter, Charles W. e Ralph Earle. *The Acts of the Apostles*. Grand Rapids: Zondervan, 1959.

Clark, Albert C. *The Acts of the Apostles: A Critical Edition with Introduction and Notes on Selected Passages*. 1933. Oxford: Clarendon, 1970.

Conzelmann, Hans. *Acts of the Apostles*. Traduzido por James Limburg, A. C. Thomas Kraabel e Donald H. Juel. 1963. Filadélfia: Fortress, 1987.

Delebecque, Édouard. *Les Actes des Apôtres: Texte Traduit et Annoté*. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

Delitzch, Franz. *Biblical Commentary on the Psalms*. Traduzido por Francis Bolton. 3 vols. Reedição. Grand Rapids: Eerdmans, 1955.

* Consultar o Índice dos Autores e as notas de rodapé para referências aos numerosos livros e artigos considerados no comentário.

De Zwann, J. *De Handelingen der Apostelen*. Série Het Nieuwe Testament. 2ª ed. Groningen: Wolters, 1932.

Dibelius, Martin. *Studies in the Acts of the Apostles*. Londres: SCM, 1956.

Dupont, Jacques. *Les Actes des Apôtres*. Bible de Jérusalem. 2ª ed. Paris: Cerf, 1954.

Fee, Gordon D. *The First Epistle to the Corinthians*. Série New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.

Findlay, J. A. *The Acts of the Apostles*. Londres: SCM, 1936.

Foakes Jackson, F. J. *The Acts of the Apostles*. Moffatt New Testament Commentary. Londres: Hodder and Stoughton, 1931.

Gibson, Margaret D. C., org. *The Commentaries of Isho'dad of Merw*. Horae Semiticae nº.10. Cambridge: Cambridge University Press, 1913.

Gispen, W. H. *Bible Student's Commentary: Exodus*. Traduzido por Ed van der Maas. Grand Rapids: Zondervan; St. Catharines: Paideia, 1982.

Greeven, Heinrich, *Studies in the Acts of the Apostles*. Londres: SCM, 1956.

Grosheide, F. W. *De Handelingen der Apostelen*. Série Kommentaar op het Nieuwe Testament. 2 vols. Amsterdã: Van Bottenburg, 1942, 1948.

———. *De Handelingen der Apostelen*. Série Korte Verklaring der Heilige Schrift. Kampen: Kok, 1950.

Haenchen, Ernst. *The Acts of the Apostles: A Commentary*. Traduzido por Bernard Noble e Gerald Shinn. Filadélfia: Westminster, 1971.

Hanson, R. P. C. *The Acts of the Apostles*. New Clarendon Bible. Oxford: Clarendon, 1967.

Harrison, Everett F. *Interpreting Acts: The Expanding Church*. 2ª ed. Grand Rapids: Zondervan, Academie Books, 1986.

Hemer, Colin J. *The Book of Acts in the Setting of Hellenistic History*. Organizado por Conrad H. Gempf. Tübingen: Mohr, 1989.

Hendriksen, William. *Exposition of Colossians and Philemon*. Série New Testament Commentary. Grand Rapids: Baker, 1964.

———. *Exposition of Galatians.* Série New Testament Commentary. Grand Rapids: Baker, 1968.

———. *Exposition of the Pastoral Epistles.* Série New Testament Commentary. Grand Rapids: Baker, 1957.

———. *Exposition of Paul's Epistle to the Romans*. Série New Testament Commentary. Grand Rapids: Baker, 1980.

———. *Exposition of Philippians.* Série New Testament Commentary. Grand Rapids: Baker, 1962.

Hughes, Philip Edgcumbe. *Paul's Second Epistle to the Corinthians: The English Text with Introduction, Exposition and Notes*. Série New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids: Eerdmans, 1962.

Kistemaker Simon J. *Exposition of the Epistle to the Hebrews*. Série New Testament Commentary. Grand Rapids: Baker, 1984.

———. *Exposition of the Epistle of James and the Epistle of John*. Série New Testament Commentary. Grand Rapids: Baker, 1986.

———. *Exposition of the Epistles of Peter and of the Epistle of Jude*. Série New Testament Commentary. Grand Rapids: Baker, 1987.

Knowling, R. J. *The Acts of the Apostles.* vol. 2 do *Expositor's Greek Testament*. Organizado por W. R. Nicoll. 1900. Grand Rapids: Eerdmans, 1951.

Krodel, Gerhard A. *Acts*. Augsburg Commentary on the New Testament. Mineápolis: Augsburg, 1986.

Lake, Kirsopp e H. J. Cadbury. *English Translation and Commentary* [on Acts]. Vol. 4 de *The Beginnings of Christianity*. Reedição. Grand Rapids: Baker, 1965.

Lane, William L. *The Gospel According to Mark*. Série New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids: Eerdmans, 1974.

Lenski, R. C. H. *The Interpretation of the Acts of the Apostles*. Columbus: Wartburg, 1944.

Longenecker, Richard N. *Acts of the Apostles*. *In* vol. 9 do *The Expositor's Bible Commentary*, organizado por Frank E. Gaebelein. 12 vols. Grand Rapids: Zondervan, 1981.

Luedemann, Gerd. *Das frühe Christentum nach den Traditionen der Apostelgeschichte: ein Kommentar.* Göttingen: Vandernhoeck und Ruprecht, 1987.

Marshall, I. Howard. *The Acts of the Apostles: An Introduction and Commentary*. Série Tyndale New Testament Commentary. Grand Rapids: Eerdmans; Leicester: Inter-Vsrsity, 1980.

Meyer, H. A.W. *Critical and Exegetical Handbook to the Acts of the Apostles*, Kritisch-Exegetischer Kommentar. 3 vols. 4ª. ed. 1870. Edimburgo: Clark, 187.

Munck, Johannes. *The Acts of the Apostles*. Anchor Bible. Vol. 31. Garden City, NY: Doubleday, 1967.

Neil, William. *The Acts of the Apostles*. New Century Bible. Londres: Oliphants, 1973.

Packer, J. W. *The Acts of the Apostles.* Cambridge Bible Commentary on the New English Bible. Cambridge University Press, 1966.

Rackham, Richard B. *The Acts of the Apostles: An Exposition.* Série Westminster Commentary. 1901. Grand Rapids: Baker, 1964.

Ridderbos, J. *De Kleine Propheten: Hosea, Joël, Amos.* Série Korte Verklating der Heilige Schrift. 2ª edição Kampen: Kok, 1952.

Roloff, Jürgen. *Die Apostelgeschichte*. Série Das Neue Testament Deutsch. Vol. 5 Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1981.

Schille, G. *Die Apostelgeschichte des Lukas*. Theologischer Hand-Kommentar zum Neuen Testament. Vol. 5. Berlim: Evangelische Verlagsanstalt, 1983.

Schlatter, A. *Die Apostelgeschichte*. Erläuterungen zum Neuen Testament. Vol. 4. Stuttgart: Calwer Verlag, 1948.

Schmithals, W. *Die Apostelgeschichte des Lukas.* Züricher Bibelkommentar. Vol. 3.2. Zurique: Theologischer Verlag, 1982.

Schneider, Gerhard. *Die Apostelgeschichte.* Série Herders Theologischer Kommentar zum Neuen Testament. Freiburg: Herder, 1980.

Stählin, Gustav. *Die Apostelgeschichte.* Das Neue Testament Deutsch. Vol. 5. Götttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1962.

Walker, T. *The Acts of the Apostles.* 1910. Chicago: Moody, 1965.

Weiser, A. *Die Apostelgeschichte.* Ökumenischer Tschenbuch-Kommentar zum Neuen Testament. vol. 5.1, 2. Gütersloh: Mohn; Würzburg: Echter Verlag, 1980, 1985.

Williams, C. S. C. *A Commentary on the Acts of the Apostles.* Black's (Harper's) New Testament Commentaries. Nova York: Harper, 1957.

Williams, David John. *Acts*. Série Good News Commentary. San Francisco: Harper and Row, 1985.

Williams, R. R. *The Acts of the Apostles*. Torch Bible Commentaries. Londres: SCM, 1953.

Young, Edward J. *The Book of Isaiah*. Série New International Commentary on the Old Testament. 3 vols. Grand Rapids: Eerdmans, 1972.

Zahn, Theodor. *Die Apostelgeschichte des Lukas.* Série Kommentar zum Neuen Testament. 2 vols. Leipig: Deichert, 1921.

ESTUDOS

Achtemeier, Paul J. *The Quest for Unity in the New Testament Church: A*

study in Paul and Acts. Filadélfia: Fortress, 1987.

Agostinho. *Augustine: The Later Works*, no vol. 8, *On the Holy Spirit and the Letter*. Traduzido por John Burnaby. The Library of the Christian Classics. 13 vols. Filadélfia: Westminster, 1955.

———. *Confessions of St. Augustine*. Traduzido por W. Watts. Série Loeb Classical Library. 2 vols. Cambridge: Harvard University Press, 1977-79.

Barrett, C. K. "Appolos and the Twelve Disciples of Ephesus." *In The New Testament Age: Essays in Honor of Bo Reicke*, organizado por Williams C. Weinrich, 2 vols. Macon, Ga., Mercer University Press, 1984.

———. *Luke the Historian in Recent Study*. Londres: Epworth, 1961.

———. *New Testament Essays*. Londres: SPCK, 1972.

———. "*Paul's Address to the Ephesian Elders*." *In God's Christ and His People: Studies in Honour of N. A. Dahl*, organizado por Jacob Jervell e Wayne A. Meeks. Oslo Bergen, e Tromsö: Universitetsforlaget, 1977.

Betz, Hans Dieter, org. *The Greek Magical Papyri in Translations: Including the Demotic Spells.* Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1986.

Bishop, E. F. F. *Apostles of Palestine*. Londres: Lutterworth, 1958.

Black, M. *An Aramaic Approach to the Gospels and Acts*. 3ª ed. Oxford: Clarendon, 1967.

Blaiklock, E. M. *Cities of the New Testament.* Westwood, N. J.: Revell, 1965.

Bousset, Wilhelm. Kyrios Christos: *A History of the Belief in Christ from the Beginnings of Christianity to Irenaeus.* Traduzido por John E. Steely. Nashville: Abingdon, 1970.

Bultmann, Rudolf. *Theology of the New Testament.* Traduzido por Kendrick Grobel. 2 vols. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1951.

Cadbury, H. J. *The Book of Acts in History*. Nova York: Harper; Londres: A. e C. Black, 1955.

———. *The Making of Luke-Acts*. 1927. Naperville, Ill.: Allenson; Londres: SPCK, 1958.

———. *The Style and Literary Method of Luke*. 2 vols. Cambridge: Harvard University Press, 1919-20.

Casson, Lionel. *Ships and Seamanship in the Ancient World*. Princeton: Princeton University Press, 1971.

Conzelmann, Hans. *History of Primitive Christianity*. Traduzido por John E. Steely. Nashville: Abingdon, 1973.

———. *The Theology of St. Luke*. Traduzido por Geoffrey Bushwell. Nova

York: Harper; Londres: Faber, 1960.

Cullmann, Oscar. *The Early Church*. Londres: SCM, 1956.

———. *Peter: Disciple-Apostle-Martyr*. Londres: SCM, 1953.

Dalman, Gustaf. *The Words of Jesus*. Traduzido por D. M. Kay. Edimburgo: Clark, 1909.

Deissmann, Adolf. *Light from the Ancient East*. Traduzido por Lionel R. M. Strachan. Edição revisada. Nova York: Doran, 1927.

Dibelius, Martin. *Paul*. Organizado por W. G. Kümmel. Londres: Longmans, 1953.

———. *Studies in the Acts of the Apostles*. Londres: SCM, 1956.

Dodd, C. H. *The Apostolic Preaching and Its Developments*. 1937. Nova York e Evanston: Harper, 1964.

Dunn, James D. G. *Baptism in the Holy Spirit*. Studies in Biblical Theology. 2ª série 15. Londres: SCM, 1970.

Dupont, Jacques. *Études sur les Actes des Apôtres*. Lectio Divina 45. Paris: Cerf, 1967.

———. *Nouvelles Études sur les Actes des Apôtres*. Lectio Divina 118. Paris: Cerf, 1984.

———. *The Salvation of the Gentiles: Essays on the Acts of the Apostles*. Traduzido por John R. Keating. Nova York: Paulist, 1979.

———. *The Sources of the Acts*. Traduzido por Kathleen Pond. Nova York: Herder e Herder, 1964.

Ellis, E. Earle. *The Gospel of Luke*. New Century Bible. Londres: Oliphants, 1974.

———. "The Role of Christian Prophet in Acts." *In Apostolic History and the Gospel*, organizado por W. Ward Gasque e Ralph P. Martin. Exeter: Paternoster, 1970.

Epp, Eldon J. *The Theological Tendency of Codex Bezae Cantabrigiensis in Acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.

Foakes Jackson, F. J. *The Life of St. Paul*. Londres: Jonathan Cape, 1927.

———. *Peter: Prince of Apostles*. Londres: Hodder e Stoughton, 1927.

Foakes Jackson, F. J., e Kirsopp Lake. *The Beginnings of Christianity*. Vols. 1-5. Londres: Macmillan, 1920-33.

Gärtner, Bertil. *The Areopagus Speech and Natural Revelation*. Traduzido por C. H. King. Lund: Gleerup, 1955.

Gasque, W. Ward. *A History of the Criticism of the Acts of the Apostles*. Beiträge zur Geschichte der biblischen Exegese 17. Tübingen: Mohr, 1975.

Gasque, W. Ward e Ralph P. Martin (organizadores) *Apostolic History and the Gospel*. Exeter: Paternoster, 1970.

Goulder, M. D. *Type and History in Acts.* Londres: SPCK, 1964.

Hagner, Donald A. e Murray J. Harris (organizadores) *Pauline Studies*. Exeter: Paternoster; Grand Rapids: Eerdmans, 1980.

Harnack, A. *The Acts of the Apostles*. Londres: Williams e Norgate, 1909.

———. *Date of the Acts and of Synoptic Gospels*. Londres: Williams e Norgate, 1911.

Harrison, Everett F. *The Apostolic Church*. Grand Rapids: Eerdmans, 1985.

Hengel, Martin. *Acts and the History of Earliest Christianity*. Traduzido por John Bowden. Filadélfia: Fortress, 1980.

———. *Between Jesus and Paul*. Traduzido por John Bowden. Filadélfia: Fortress, 1983.

Hobart, W. K. *The Medical Language of St. Luke*. Dublin: Hodges, Figgis; Londres: Longmans, Green, !882.

Hock, Ronald F. *The Social Context of Paul's Ministry: Tentmaking and Apostleship.* Filadélfia: Fortress, 1980.

Hoehner, Harold W. *Chronological Aspects of the Life of Christ.* Grand Rapids: Zondervan, 1976.

Hoekema, Anthony A. *Holy Spirit Baptism.* Grand Rapids: Eerdmans, 1972.

Hollander, Harm W. *Joseph as an Ethical Model in the Testaments of the Twelve Patriarchs*. Leiden: Brill, 1981.

Hooker, M. D. e S. G. Wilson. *Paul and Paulinism: Essays in Honour of C. K. Barrett*. Londres, SPCK, 1982.

Hyldahl, Niels. *Die Paulinische Chronologie.* Leiden: Brill, 1986.

Jeremias, Joachim. *Jerusalem in the Time of Jesus*. Filadélfia: Fortress, 1969.

———. *Unkown Sayings of Jesus*. Traduzido por Reginald H. Fuller. Londres: SPCK, 1957.

Jervell, Jacob. *Luke and the People of God: A New Look at Luke-Acts*. Mineápolis: Augsburg, 1972.

———. *The Unknown Paul*. Mineápolis : Augsburg, 1984.

Jewett, Robert. *A Chronology of Paul's Life*. Filadélfia: Fortress, 1979.

Judge, E. A. *The Social Pattern of Christian Groups in the First Century*.

Londres: Tyndale, 1960.

Kaiser, Walter C. *The Uses of the Old Testament in the New*. Chicago: Moody, 1985.

Käsemann, Ernst. *"The Disciples of John the Baptist in Ephesus." In Essays on New Testament Themes*. Série Studies in Biblical Theology 41. Londres: SCM, 1964.

Keck, Leander E. e J. Louis Martyn (organizadores). *Studies in Luke-Acts: Essays Presented in Honor of Paul Schubert*. Nashville: Abingdon, 1966.

Kilgallen, John J. *The Stephen Speech: A Literary and Redactional Study of Acts* 7, 2-53.

Kistemaker, Simon J. *The Psalm Citations in the Epistle to the Hebrews*. Amsterdã: Van Soest, 1961.

Knox, John. *Chapters in a Life of Paul*. Nova York e Nasville: Abingdon-Cokesbury, 1950.

Lampe, G. W. H. " 'Grievous Wolves' (Acts 20:29)." *In Christ and Spirit in the New Testament: Studies in Honour of C. F. D. Moule*, organizado por Barnabas Lindars eStephen S. Smalley. Cambridge University Press, 1973.

———. *The Seal of the Spirit*. 2ª ed. Londres: SPCK, 1967.

———. *St. Luke and the Church of Jerusalem*. Londres: Athlone, 1969.

Lohfink, Gerard. *The Conversion of St. Paul: Narrative and History in Acts*. Traduzido e organizado por Bruce J. Malina. Chicago: Franciscan Herald Press, 1976.

Long, William R. "The Trial of Paul in the Book of Acts: Historical, Literary and Theological Considerations." Dissertação de doutorado, Brown University, 1982.

Longenecker, Richard N. *The Christology of Early Jewish Christianity*. Studies in Biblical Theology. 2ª serie 17. Londres: SCM, 1970.

Longenecker, Richard N., e Merril C. Tenney (organizadores) *New Dimensions in New Testament Study*. Grand Rapids: Zondervan, 1974.

Luedemann, Gerd. *Paul, Apostle to the Gentiles: Studies in Chronology.* Traduzido por F. Stanley Jones. Filadélfia: Fortress, 1984.

———. *Paulus der Heidenapostel: Antipaulinismus im frühen Christentum*. Forschungen zur Religio und Literatur des Alten und Neuen Testaments 130. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1983.

MacDonald, William G. "Glossalalia in the New Testament." *In Speaking in Tongues: A Guide to Research on Glossolalia*, organizado por Watson E.

Mills. Grand Rapids: Eerdmans, 1986.

Maddox, R. *The Purpose of Luke-Acts*. Edimburgo: Clark, 1982.

Marshall, I. Howard. *Luke: Historian and Theologian*. Grand Rapids: Zondervan, 1971.

Martin, Ralph P. *Mark: Evangelist and Theologian.* Grand Rapids: Zondervan, 1972.

Michel, Hans-Joachim. *Die Abschiedsrede des Paulus an die Kirche Apg 20, 17-38: Motivgeschichtliche und theologische Bedeutung*. Munique: Kösel, 1973.

Mills, Watson, E., org. *Speaking in Tongues: A guide to Research in Glossolalia*. Grand Rapids: Eerdmans, 1986.

Morris, Leon. *New Testament Theology*. Grand Rapids: Zondervan, Academie Books, 1986.

Ogg, George. *The Chronology of the Life of Paul*. Londres: Epworth, 1968.

O'Neil, J. C. *The Theology of Acts in Its Historical Setting.* Londres: SPCK, 1970.

Orosius, Paulus. *The Seven Books of History Against the Pagans.* Série Fathers of the Church. Traduzido por Roy J. Deferrari. Washington, D.C.: Catholic University Press, 1964.

O'Toole, R. F. *The Christological Climax of Paul's Defense*. Analecta Biblica 78. Roma: Pontifical Institute, 1978.

Pathrapankal, J. "Christianity as a 'Way'." *In Les Actes des Apôtres: Traditions, Rédaction,*

Théologie, organizado por J. Kremer. Bibliotheca Ephemeridium Theologicarum Lovaniensium 48. Lovain: Lovain University Press, 1979.

Pierce, Claude A. *Conscience in the New Testament.* Naperville, Ill.: Allenson, 1955.

Praeder, Susan M. "The Narrative Voyage: An Analysis and Interpretation of cts 27-28." Dissertação de doutorado D., Graduate Theological Union, 1980.

Puskas, Charles B., Jr. "The Conclusion of Luke-Acts: An Investigation of the Literary Function and Theological Significance of Acts 28:16-31." Dissertação de doutorado. St. Louis University, 1980.

Ramsay, William M. *The Church in the Roman Empire Before A.D. 170*. Londres: Hodder e Stoughton, 1907.

———. *The Cities of St. Paul: Their Influence on His Life and Thought*. 1907.

Grand Rapids: Baker, 1963.

———. *Pauline and Other Studies in Early Christian History*. Limited Editions Library. 1906. Grand Rapids: Baker, 1970.

———. *Pictures of the Apostolic Church: Studies in the Book of Acts*. 1910. Grand Rapids: Baker, 1959.

———. *St. Paul the Traveller and the Roman Citizen*. 1897. Grand Rapids: Baker, 1962.

Rehwinkel, Alfred Martin. *The Voice of Conscience.* St. Louis: Concordia, 1956.

Ridderbos, Herman N. *The Speeches of Peter in the Acts of the Apostles*. Londres: Tyndale, 1962.

Robinson, J. A. T. *Redating the New Testament*. Londres: SCM, 1976.

———. *Twelve New Testament Studies*. Studies in Biblical Theology 34. Londres: SCM, 1962.

Robinson, N. H. G. Christ and Conscience. Londres: Nisbet, 1956.

Rougé, Jean. *Ships and Fleets of the Ancient Mediterranean*. Traduzido por Susan Frazer. Middletown, Conn.: Wesleyan University Press, 1981.

Ryken, Leland. *Words of Life: A Literary Introduction to the New Testament.* Grand Rapids: Baker, 1987.

Sanders, J. T. *The Jews in Luke-Acts*. Londres: SCM, 1987.

Scharlemann, Martin H. *Stephen: A Singular Saint.* Analecta Biblica 34. Roma: Biblical Institute, 1968.

Sherwin-White, A. N. *The Roman Citizenship*. 2ª ed. Oxford: Clarendon, 1973.

———. *Roman Society and Roman Law in the New Testament.* 1963. Grand Rapids: Baker, 1978.

Smallwood, E. M. *The Jews under Roman Rule.* Leiden: Brill, 1976.

Smith, James. *The Voyage and Shipwreck of St. Paul*. 3ª ed. Londres: Longmans, Green, 1866.

Stonehouse, Ned B. *Paul Before the Areopagus and Other New Testament Studies*. Grand Rapids: Eerdmans, 1957.

Suhl, A. *Paulus und seine Briefe: Ein Beitrag zur paulinischen Chronologie*. Gütersloh: Mohn, 1975.

Talbert, Charles H. *Literary Patterns, Theological Themes and the Genre of Luke-Acts*. Missoula, Mont.: Scholars, 1974.

———. org. *Perspectives on Luke-Acts.* Edimburgo: Clark, 1978.

———. org. *Luke-Acts: New Perspectives from the Society of Biblical Literature Seminar.* Nova York: Crossroad, 1984.

Taylor, Vincent. *The Names of Jesus*. Londres: Macmillan, 1953.

Thompson, Barry, org. *Scripture: Meaning and Method.* Hull, Inglaterra: Hull University Press, 1987.

van Unnik, W. C. *Tarsus or Jerusalem: The City of Paul's Youth.* Traduzido por George Ogg, Londres: Epworth, 1962.

van Veldhuizen, A. Markus. *De Neef van Barnabas.* Kampen: Kok, 1933.

Wilcox, Max. *The Semitism of Acts*. Oxford: Clarendon, 1965.

Williams, C. S. C. *Alterations to the Text of the Synoptic Gospel and Acts.* Oxford: Blackwell, 1951.

Zehnle, Richard F. *Peter's Pentecost Discourse: Tradition and Lukan Reinterpretation in Peter's Speeches of Acts 2 and 3.* Society of Biblical Literature Monograph series 15. Organizado por Robert A. Kraft. Nashville: Abingdon, 1971.

RECURSOS

Aland, Kurt, org. *Synopsis Quattuor Evangeliorum*. 4ª ed. Revisada. Stuttgart: Württembergische Bibelanstalt, 1967.

Archer, Gleason L., Jr. *Encyclopedia of Bible Difficulties*. Grand Rapids: Zondervan, 1982.

Bauer, Walter. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature.* 4ª edição revisada e expandida por F. Wilbur Gingrich e Frederick W. Danker da 5ª edição de Walter Bauer. Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1970.

Berkhof, Louis. *Principles of Biblical Interpretation*. 2ª ed. Grand Rapids: Baker, 1952.

———. *Systematic Theology.* 2ª ed. Revisada. Grand Rapids: Eerdmans, 1941.

Blass, Friedrich e Albert Debrunner. *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Traduzido e revisado por Robert Funk. Chicago: University of Chicago Press, 1961.

Bromiley, Geoffrey W., org. *The International Standard Bible Encyclopedia*. Ed. Revisada. 4 vols. Grand Rapids: Eerdmans, 1979-88.

Brown, Colin, org. *New International Dictionary of New Testament Theology.* 3 vols. Grand Rapids: Zondervan, 1975-78.

Bruce, F. F. *New Testament History*. 1969. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1971.

Burton, E. D. *Moods and Tenses of New Testament Greek.* Edimburgo: Clark, 1898.

Charlesworth, James H., org. *The Old Testament Pseudepigrapha.* 2 vols. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1983.

Dana, H. E. e Juliu R. Mantey; *A Manual Grammar of the Greek New Testament.* 1927. Nova York: Macmillan, 1967.

Danby, Herbert, org. *The Mishnah.* Londres: Oxford University Press, 1933.

Deissmann, Adolf. *Bible Studies*. Reedição. Winona Lake, Ind.: Alpha, 1979.

Elwell, Walter A., org. *Baker Encyclopedia of the Bible.* 2 vols. Grand Rapids: Baker, 1988.

———. org. *Evangelical Dictionary of Theology.* Grand Rapids: Baker, 1984.

Epstein, Isidore, org. *The Babylonian Talmud*, 18 vols. Londres: Soncino, 1948-52.

Eusébio. *Ecclesiastical History*. Tradução de J. E. L. Oulton. Série Loeb Classical Library. 2 vols. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

Farstad, Arthur R. e Zane C. Hodges. *The Greek New Testament According to the Majority Text*. Nashville: Nelson, 1982.

Finegan, Jack. *The Archeology of the New Testament:* The Mediterranean World of the Early Christian Apostles. Boulder, Colorado: Westview; Londres: Croon Helm, 1981.

Goold, E, P., org. *The Apostolic Fathers.* Traduzido por Kirsopp Lake. Loeb Classical Library series. 2 vols. Cambridge: Harvard University Press; Londres: Heinemann, 1976.

———. Org. *Appian's Roman History*. Traduzido por Horace White. Série Loeb Classical Library. 4 vols. Cambridge: Harvard University; Londres: Heinemann, 1979.

———. Org. *Eusebius*. Traduzido por Kirsopp Lake. Série Loeb Classical Library. 2 vols. Cambridge: Harvard University Press; Londres: Heinemann, 1980.

Guthrie, Donald. *New Testament Introduction*. 3ª ed. Downers Grove: Inter-Varsity, 1971.

———. *New Testament Theology*. Downers Grove: Inter-Varsity, 1981.

Hanna, Robert. *A Grammatical Aid to the Greek New Testament*. Grand Rapids: Baker, 1983.

Hennecke, Edgar, *New Testament Apocrypha.* Organizado por Wilhelm Schneemelcher. 2 vols. Filadélfia: Westminster, 1963-64.

Henry, Carl F. H., org. *Baker's Dictionary of Christian Ethics*. Grand Rapids: Baker, 1973.

Huck, Albert. *Synopsis of the First Three Gospel*. Revisado por Hans Lietzmann, 9ª ed. Oxford: Blackwell, 1957.

Josefo, Flávio. *Antiquities*. Série Loeb Classical Library. Londres: Heinemann; Nova York: Putnam, 1966-76.

———. *Life and Against Apion*. Série Loeb Classical Library. Londres: Heinemann; Nova York: Putnam, 1966-76.

———. *Wars of the Jews*. Série Loeb Classical Library. Londres: Heinemann; Nova York: Putnam, 1966-76.

Kittel, Gerhard e Gerhard Friedrich (organizadores) *Theological Dictionary of the New Testament*. Traduzido por Geoffrey W. Bromiley. 10 vols. Grand Rapids: Eerdmans, 1964-76.

Ladd, George E. *A Theology of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1974.

Mattill, A. J. e M. B. Mattill. *A Classified Bibliography of Literature on the Acts of the Apostles*. New Testament Tools and Studies 7. Leiden: Brill, 1966.

Metzger, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. 3ª ed. Corrigida. Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975.

———. org. *The Oxford Annotated Apocrypha of the Old Testament*. Nova York: Oxford University Press, 1965.

Mills, Watson E. *A Bibliography of the Periodical Literature on the Acts of the Apostles*, 1962-84. Novum Testamentum Supplement 58. Leiden: Brill, 1986.

Morris, Leon. *New Testament Theology*. Grand Rapids: Zondervan, Academie Books, 1986.

Moule, C. F. D. *An Idiom-Book of New Testament Greek*. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1960.

Moulton, James Hope. *A Grammar of New Testament Greek*. Vol. 1, *Prolegomena*. Edimburgo: Clark, 1906.

Nestle E. e Kurt Aland. *Novum Testament Graece*. 26ª ed. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1981.

Roberts, Alexander, e James Donaldson (organizadores). *The Ante-Nicene Fathers: Translations of Writings of the Fathers down to A.D. 325*. 14 vols., Grand Rapids: Eerdmans, 1899-1900.

Robertson, A. T. *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research.* Nashville: Broadman, 1934.

Ropes, James Hardy. *The Text of Acts*. Vol. 3 do *The Beginnings of Christianity*. Reedição. Grand Rapids: Baker, 1965.

Roth, Cecil, org. *Encyclopaedia Judaica.* 16 vols. Nova York: Macmillan, 1972.

Schürer, Emil. *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ. (175 B.C. – A.D.135).* Revisado e organizado por Geza Vermes e Fergus Millar. 3 vols. Edimburgo: Clark, 1973-87.

Strack, H. L., e P. Billerbeck. *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrash*. 5 vols. Munique: Beck, 1922-28.

Tenney, Merrill C., org. *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*. 5 vols. Grand Rapids: Zondervan, 1975.

Thayer, Joseph H. *A Greek-English Lexicon of the New Testament.* Nova York, Cincinnati e Chicago: American Book Co., 1889.

Trench, R. C. H. *Synonyms of the Greek New Testament.* 1854. Grand Rapids: Eerdmans, 1953.

Turner, Nigel. *A Grammar of New Testament Greek*. Vol. 3. Edimburgo: Clark, 1963.

———. *Grammatical Insights into the New Testament.* Edimburgo: Clark, 1965.

Índice dos Autores

Acworth, Angus, 22 (n. 11), 597 (n. 2).
Aland, Kurt, 128 (n. 32), 358 (n. 65), 62 (n. 9), 304 (n. 24).
Alden, Robert L. 339 (n. 38).
Alford, Henry, 72 (n. 5), 119, 128 (n. 33), 393 (n. 23), 260 (n. 24), 300 (n. 7), 320 (n. 6), 462 (n. 43), 490 (n. 11), 554 (n. 32), 585 (n. 29), 43 (n. 43), 75 (n. 27), 123 (n. 20), 246 (n. 6), 342 (n. 19), 454 (n. 16), 557 (n. 6).
Allen, George H., 580 (n. 51).
Apion, 499 (n. 34).
Archer, Gleason L., Jr., 324 (n. 12), 568 (n. 7).
Argyle, A.W., 261 (n. 34).
Aristóteles, V.II: 324 (n. 62).
Agostinho, 374, 413 (n. 56), 605, 306.
Aune, David E., 394 (n. 26), 259 (n. 31).
Avi-Yonah, Michael, 362 (n. 48).

Baehr, Jürgen, 225 (n. 40).
Baltensweiler, Hans, 412 (n. 54).
Barnard, L.W., 32 (n. 25).
Barnes, T.D., 181 (n. 38).
Barrett, C.K., 211 (n. 19), 233 (n. 49), 243 (n. 2, 3), 303 (n. 22), 539 (n. 43), 560 (n. 13).
Bauer, Walter, 158, 159 (n. 77), 212 (n. 20), 214 (n. 28), 218 (n. 32), 230 (n. 51), 239 (n. 62), 251 (n. 9), 266 (n. 32), 268 (n. 34), 299 (n. 6), 325 (n. 14), 352 (n. 34), 353 (n. 58), 362 (n. 71), 372 (n. 84), 410 (n. 51), 439 (n. 9), 456 (n. 34), 459 (n. 41), 471 (n. 55), 589 (n. 38), 641 (n. 68); V.II: 30 (n. 29), 43 (n. 45), 66 (n. 14), 102 (n. 71), 126 (n. 28), 132 (35), 135 (n. 41), 260 (n. 32 e 33), 274 (n. 55), 278 (n. 60), 295 (n. 13), 319 (n. 48), 320 (n. 55), 323 (n. 59), 325 (n. 65), 335 (n. 8 e 11), 345 (n. 25), 356 (n. 42), 358 (n. 44), 364 (n. 52), 379 (n. 5), 406 (n. 45), 420 (n. 12), 424 (n. 22), 451 (n. 6), 462 (n. 28), 469 (n. 35), 501 (n. 36), 505 (n. 40), 528 (n. 24), 529 (n. 25), 535 (n. 37), 541 (n. 46 e 47), 547 (n. 53), 570 (n. 30), 579 (n. 48), 602 (n. 11), 625 (n. 43).
Beasley-Murray, G.R., V.II: 392 (n. 27).
Beck, Hartmut, 515 (n. 44).
Behm, Johannes, V.II: 450 (n. 5).
Bengel, John Albert, 17 (n. 2), 79 (n. 14), 122 (n. 22), 187 (n. 29), 219 (n. 34), 278 (n. 44), 342 (n. 41), 367, 419 (n. 65), 486 (n. 5), 595 (n. 5), 618, V.II: 32 (n. 31), 64 (n. 11), 130 (n. 34), 185 (n. 46), 261 (n. 35), 308 (n. 29), 395 (n. 30), 449 (n. 3), 485 (n. 7), 520 (n. 12), 578 (n. 46), 599 (n. 5).
Benoit, P., 559 (n. 42).
Berkhof, Louis, 319 (n. 49), 395 (n. 30).
Bertram, Georg, V.II: 134 (n. 38).
Best, Ernest, 597 (n. 9).
Beyer, Hermann Wolfgang, V.II: 232 (n. 47), 316 (n. 43).
Bietenhard, Hans, 110 (n. 4), 143 (n. 53), 173 (n. 10), 228 (n. 48), 265 (n. 30), 360 (n. 69), 549 (n. 26), V.II: 78 (n. 31), 217 (n. 21), 406 (n. 43), 414 (n. 1), 519 (n. 10).
Billerbeck, P., 71 (n. 2), 87 (n. 29), 107 (n. 2), 117 (n. 15), 120 (n. 19), 191 (n. 33), 198 (n. 2), 281 (n. 49), 283 (n. 52), 297 (n. 5), 305 (n. 16), 322 (n. 10), 336 (n.

35), 348 (n. 51), 382 (n. 6), 391 (n. 21), 413 (n. 56), 493 (n. 14), 507 (n. 31), 579 (n. 23), 618 (n. 42), 633 (n. 59), V.II: 112 (n. 2), 212 (n. 10), 226 (n. 36), 352 (n. 32), 353 (n. 35), 361 (n. 46), 380 (n. 7), 416 (n. 4 e 6), 418 (n. 9), 539 (n. 44), 564 (n. 21), 584 (n. 58).
Black, Mark, V.II: 403 (n. 38).
Blackman, E.C. 295 (n. 3).
Blaiklock, E.M., 305 (n. 19), 447 (n. 20), 553 (n. 31), 602 (n. 13), V.II: 22 (n. 17), 41 (n. 41), 280 (n. 64), 372 (n. 62), 423 (n. 18).
Blair, E.P., 393 (n. 29).
Blass, Friedrich, 55, 154 (n. 70), 222 (n. 37), 332 (n. 26), 449 (n. 24), 528 (n. 67), 589 (n. 37), 598 (n. 11), V.II: 36 (n. 36), 116 (n. 10), 163 (n. 12), 229 (n. 40), 282 (n. 67), 303 (n. 21), 334 (n. 7), 383 (n. 12), 423 (n. 21), 463 (n. 31), 486 (n. 9), 518 (n. 8), 558 (n. 10), 611 (n. 25).
Blinzler, J., 568 (n. 6).
Borchert, Gerald L., V.II: 127 (n. 31), 301 (n. 19).
Bornkamm, Günther, 560 (n. 43).
Bousset, Wilhelm, 144 (n. 54), 550 (n. 28).
Bowers, W.P., V.II: 120 (n. 16).
Bratcher, Robert G., 133 (n. 39), 441 (n. 13).
Braun, Michael A., V.II: 79 (n. 36), 82 (n. 40).
Brinkman, J.A., 117 (n. 13).
Brock, S.P., 238 (n. 61).
Bromiley, Geoffrey W., 399 (n. 34).
Broughton, T.R.S., 484 (n. 2).
Brown, Colin, 185 (n. 25), 210 (n. 18), 345 (n. 45), 389 (n. 16), 488 (n. 9), 515 (n. 44), 622 (n. 48), V.II: 19 (n. 11), 25 (n. 22), 71 (n. 19), 72 (n. 20), 84 (n. 44), 199 (n. 75), 385 (n. 14), 415 (n. 2).
Bruce, F.F., 34 (n. 35), 47 (n. 61), 50 (n. 63), 55 (n. 70), 56 (n. 73), 98 (n. 45), 116 (n. 11), 117 (n. 14), 161 (n. 80), 174 (n. 12), 300 (n. 8), 331 (n. 24), 348, 399 (n. 35), 457 (n. 36), 485 (n. 3), 570 (n. 11), 621 (n. 46), V.II: 28 (n. 25), 56 (n. 5), 79 (n. 34), 115 (n. 9), 144 (n. 50), 227 (n. 38), 247 (n. 9), 296 (n. 15), 310 (n. 32), 311 (n. 35), 335 (n. 9), 405 (n. 40), 417 (n. 8), 425 (n. 24), 438 (n. 40), 449 (n. 3), 454 (n. 14), 493 (n. 20), 530 (n. 26), 556 (n. 3), 564 (n. 22).
Büchsel, Friedrich, V.II: 84 (n. 44).
Budesheim, Thomas L., V.II: 399 (n. 34).
Bultmann, Rudolf, 144 (n. 54).
Burge, Gary M., V.II: 257 (n. 24).
Burton, E.D., V.II: 319 (n. 50).

Cadbury, H.J., 24 (n. 17), 27 (n. 22), 39 (n. 51), 185 (n. 26), 254 (n. 11), 295 (n. 3), 320 (n. 8), 326 (n. 16), 329 (n. 20), 365 (n. 76), 388, 389 (n. 15), 391 (n. 21), 423 (n. 70), 450 (n. 26), 473 (n. 57), 475 (n. 61), 501 (n. 24), 555 (n. 34), 566 (n. 1), 573 (n. 17), 595 (n. 3), 608 (n. 22), 616 (n. 36), 639 (n. 66), 651 (n. 83), V.II: 42 (n. 42), 63 (n. 10), 75 (n. 26), 125 (n. 25), 126 (n. 28), 134 (n. 39), 136 (n. 42), 149 (n. 58), 212 (n. 11), 265 (n. 40), 303 (n. 23), 308 (n. 29), 316 (n. 45), 351 (n. 30), 364 (n. 52), 371 (n. 60), 373 (n. 63), 381 (n. 9), 389 (n. 20), 401 (n. 35), 408 (n. 49), 417 (n. 7), 418 (n. 9), 436 (n. 35), 454 (n. 15), 492 (n. 16 e 19), 501 (n. 36), 526 (n. 20), 541 (n. 46), 545 (n. 49), 571 (n. 34), 572 (n. 39), 601 (n. 11), 624 (n. 40), 625 (n. 42).
Calvin, John, 74 (n. 8), 88 (n. 30), 125 (n. 26), 140 (n. 49), 152 (n. 65), 160, 171 (n. 9), 180 (n. 19), 201 (n. 7), 208 (n. 16), 234 (n. 56), 246 (n. 4), 282 (n. 50), 323 (n. 11), 342 (n. 41), 344 (n. 43), 364 (n. 75), 370 (n. 80), 393 (n. 24), 395 (n. 28), 402 (n. 38), 407, 408 (n. 48), 435 (n. 6), 475 (n. 59), 487 (n. 7), 490 (n. 11), 502 (n. 26), 573, 574 (n. 18), 583 (n. 27), 586 (n. 35), 597 (n. 9), 607 (n. 21), 618 (n. 43), 648 (n. 81), 651 (n. 83), V.II: 33 (n. 32), 70 (n. 17), 79 (n. 36), 84 (n. 45), 102 (n. 70), 130 (n. 34), 133 (n. 37), 146 (n. 53), 185 (n. 47), 233 (n. 48), 245 (n. 5), 254 (n. 20), 261 (n. 34), 266 (n. 42), 292 (n. 10), 308 (n. 29), 333 (n. 4), 349 (n. 29), 420 (n. 11), 431 (n. 32), 500, 501 (n. 35), 523 (n. 16), 533 (n. 33), 589 (n. 69), 600 (n. 8), 618 (n. 36).
Campbell, Robert C., V.II: 104 (n. 74).

Capper, B.J., 247 (n. 5).
Carter, Charles W., V.II: 35 (n. 35).
Casey, Robert P., 391 (n. 20).
Casson, Lionel, V.II: 571 (n. 35), 564 (n. 20), 588 (n. 67).
Catchpole, David R., V.II: 84 (n. 44).
Charlesworth, James H., 227 (n. 46).
Cheetham, F.P., 159 (n. 79).
Crisóstomo, 339 (n. 17).
Cícero, 148 (n. 56), 169, 170 (n. 23), 403 (n. 39).
Clark, Albert C., 54 (n. 69), V.II: 257 (n. 26), 291 (n. 6), 454 (n. 14), 507 (n. 44), 515 (n. 1), 610 (n. 24).
Clark, D.J., 573 (n. 42).
Clemente de Alexandria, 17 (n. 1), 39, V.II: 192 (n. 61 e 62), 337 (n. 14).
Clemente de Roma, 41, 42, V.II: 313 (n. 38).
Coenen, Lothar, 81 (n. 19), 560 (n. 43), V.II: 44 (n. 48), 316 (n. 43), 382 (n. 10).
Cohn, H., 287 (n. 56).
Confúcio, V.II: 324 (n. 63).
Conzelmann, Hans, 23 (n. 13), 32 (n. 28), 37 (n. 45), 42 (n. 54), V.II: 132 (n. 36), 141 (n. 46), 184 (n. 44), 197 (n. 70), 311 (n. 34), 313 (n. 39), 393 (n. 29), 403 (n. 38), 408 (n. 48), 422 (n. 16), 423 (n. 17), 505 (n. 41), 555 (n. 1), 587 (n. 66), 600 (n. 6).
Currie, Stuart D., 526 (n. 63).

Dahl, Nils A., V.II: 78 (n. 33).
Dalman, Gustaf, 391 (n. 21).
Dana, H.E., 137 (n. 43), 250 (n. 8), 523 (n. 58), 537 (n. 8), 589 (n. 41), 655 (n. 91), V.II: 106 (n. 77), 423 (n. 20), 587 (n. 64).
Dau, W.H.T., V.II: 392 (n. 26).
Dayton, Wilber T., 199 (n. 4).
de Waard, J., V.II: 80 (n. 38).
de Zwaan, J., 53 (n. 66), V.II: 489 (n. 12).
Debrunner, Albert, 154 (n. 70), 222 (n. 37), 233 (n. 54), 332 (n. 26), 335 (n. 32), 362 (n. 72), 449 (n. 24), 528 (n. 67), 589 (n. 37), 598 (n. 11), 608 (n. 23), 654 (n. 89), V.II: 36 (n. 36), 45 (n. 49), 116 (n. 10), 152 (n. 63), 163 (n. 12), 179 (n. 33), 229 (n. 40), 235 (n. 50), 282 (n. 67), 303 (n. 21), 325 (n. 66), 334 (n. 7), 356 (n. 40), 362 (n. 49), 383 (n. 12), 423 (n. 21), 427 (n. 28), 437 (n. 38), 463 (n. 31), 476 (n. 56), 486 (n. 9), 498 (n. 32), 518 (n. 8), 525 (n. 17), 541 (n. 46), 549 (n. 58), 558 (n. 10), 587 (n. 63), 611 (n. 25).
Decock, P.B., 417 (n. 61).
Deissmann, Adolf, 238 (n. 61), V.II: 44 (n. 48), 256 (n. 22), 260 (n. 32), 508 (n. 45).
Delebecque, Édouard, V.II: 117 (n. 12), 261 (n. 34), 455 (n. 17).
Delitzsch, Franz, 93 (n. 37), 136 (n. 41), V.II: 622 (n. 38).
Delling, Gerhard, 72 (n. 4), V.II: 190 (n. 56), 626 (n. 44).
Denzinger, Heinrich J.D., 398 (n. 33).
Derrett, J. Duncan M., 401 (n. 37).
des Places, Édouard, V.II: 191 (n. 59), 196 (n. 67).
Dibelius, Martin, 22 (n. 13), 25 (n. 19), V.II: 86 (n. 46), 140 (n. 46), 190 (n. 58), 377 (n. 1), 399 (n. 33), 422 (n. 16), 588 (n. 66).
Dio Cassius, 32 (n. 29), 35 (n. 36), V.II: 159, 208 (n. 3), 280 (n. 64), 405 (n. 40).
Diodorus Siculus, 18 (n. 4), V.II: 125 (n. 24), 597 (n. 1).
Dodd, C.H., 516 (n. 46).
Donaldson, Terence L., V.II: 371 (n. 61).
Dulon, Günter, 132 (n. 37).
Dunn, James D.G., 107 (n. 2), 110 (n. 5), 184 (n. 23), 392 (n. 22), 398 (n. 32), 400 (n. 36), V.II: 243 (n. 3), 247 (n. 8), 391 (n. 25).
Dupont, Jacques, 20 (n. 7), 57 (n. 75), 72 (n. 4), 594 (n. 2), 610 (n. 28), 635 (n. 61), V.II: 43 (n. 44), 78 (n. 33), 183 (n. 44), 198 (n. 72), 303 (n. 23), 305 (n. 25), 499 (n. 34), 539 (n. 43).

Earle, Ralph, V.II: 35 (n. 35).
Ebel, Günther, 433 (n. 4), V.II: 251 (n. 15).
Edwards, David Miall, 244 (n. 1).
Eichler, Johannes, V.II: 162 (n. 11).
Ellis, E. Earle, V.II: 340 (n. 18).
Enroth, Ronald M., 394 (n. 25).
Epp, Eldon J., 56 (n. 72).
Esser, Hans-Helmut, V.II: 305 (n. 26), 321 (n. 56).

Eusébio, 20 (n. 9), 32 (n. 29), 39, 42 (n. 54), 56, 99 (n. 46), 373 (n. 87), 380 (n. 2), 557 (n. 38), 577 (n. 21), 586 (n. 33), V.II: 76 (n. 28), 138 (n. 43), 200, 201 (n. 77), 337 (n. 14), 353 (n. 34).
Evans, Morris O., V.II: 274 (n. 56).
Ewing, William, 470 (n. 54).
Exum, C., V.II: 304 (n. 24).

Farstad, Arthur L., 647 (n. 78), V.II: 99 (n. 66), 453 (n. 12).
Fee, Gordon D., V.II: 93 (n. 56).
Feinberg, Charles L., 358 (n. 63).
Fensham, F. Charles, 139 (n. 47).
Finegan, Jack, 566 (n. 25).
Finn, T.M., 485 (n. 4).
Foerster, Werner, 515 (n. 44), V.II: 132 (n. 35).
France, Richard T., 177 (n. 16).
Friedrich, Gerhard, 594 (n. 2).
Fudge, E., V.II: 187 (n. 50).
Fürst, Dieter, V.II: 160 (n. 7).

Gapp, Kenneth S., 558 (n. 40).
Gärtner, Bertil, V.II: 188 (n. 52), 190 (n. 56), 195 (n. 65).
Gasque, W.Ward, 22 (n. 12), 25 (n. 19), 117 (n. 13), 604 (n. 16), V.II: 41 (n. 41), 340 (n. 18), 401 (n. 36), 421 (n. 13), 423 (n. 18).
Gess, Johannes, 417 (n. 60).
Gilchrist, J.M., V.II: 492 (n. 18).
Gispen, W.H., 334 (n. 28).
Glasser, Arthur F., 107 (n. 2).
Glasson, T.F., 25 (n. 19).
Glombitza, Otto, 622 (n. 47), V.II: 123 (n. 20).
Glover, Richard, 595 (n. 4).
Goetzmann, Jürgen, 147 (n. 59), 487 (n. 6), V.II: 538 (n. 41).
Goldsmith, D., 634 (n. 60).
Goodspeed, Edgar J., V.II: 213 (n. 13).
Gordon, A.B., 92 (n. 35).
Gordon, R., 620 (n. 45).
Goulder, M.D., 51 (n. 65), V.II: 22 (n. 18).
Gray, J., 353 (n. 59).
Green, E.M.B., V.II: 90 (n. 54).
Grelot, Pierre, 649 (n. 82).
Grosheide, F.W., 53 (n. 67), 79 (n. 13), 113 (n. 8), 131 (n. 34), 217 (n. 30), 221 (n. 36), 259 (n. 22), 283 (n. 52), 324 (n. 12), 358 (n. 64), 380 (n. 3), 436 (n. 7), 440 (n. 12), 458 (n. 37), 497 (n. 18), 519 (n. 53), 537 (n. 7), 573 (n. 15), 606 (n. 19), 640 (n. 67), V.II: 19 (n. 12), 28 (n. 26), 42 (n. 42), 43 (n. 44), 69 (n. 16), 78 (n. 32), 101 (n. 69), 133 (n. 37), 190 (n. 57), 269 (n. 47), 279 (n. 63), 355 (n. 39), 378 (n. 3), 401 (n. 36), 416 (n. 5), 577 (n. 45).
Grundmann, Walter, V.II: 305 (n. 26).
Günther, Ebel, 433 (n. 4), V.II: 251 (n. 15).
Günther, Walther, 257 (n. 19).
Guthrie, Donald, 43 (n. 57), 47 (n. 61), 73 (n. 6), 83 (n. 23), 126 (n. 28), 144 (n. 55), 184 (n. 22), 193 (n. 38), 226 (n. 42), 229 (n. 49), 245 (n. 3), 261 (n. 26), 347 (n. 48), 387 (n. 11), 398 (n. 31), 450 (n. 25), 455 (n. 32), 514 (n. 42), 543 (n. 12), 619 (n. 44), 645 (n. 75), 651 (n. 83), V.II: 16 (n. 5), 61 (n. 7), 73 (n. 23), 89 (n. 51), 120 (n. 16), 130 (n. 34), 250 (n. 14), 312 (n. 36), 317 (n. 46), 338 (n. 16), 390 (n. 21), 617 (n. 35).
Güting, E., 116 (n. 13).

Haacker, Klaus, V.II: 220 (n. 25), 516 (n. 3), 523 (n. 16).
Haenchen, Ernst, 23 (n. 13), 37 (n. 45), 120 (n. 20), 133 (n. 39), 137 (n. 42), 210 (n. 19), 235 (n. 58), 248 (n. 6), 255 (n. 13), 261 (n. 25), 417 (n. 61), 454 (n. 30), 476 (n. 62), 572 (n. 14), 637 (n. 64), V.II: 29 (n. 28), 43 (n. 45), 114 (n. 7), 141 (n. 46), 164 (n. 16), 190 (n. 55), 291 (n. 7), 292 (n. 9), 347 (n. 28), 353 (n. 35), 408 (n. 48), 418 (n. 9), 425 (n. 24), 457 (n. 20), 458 (n. 22), 526 (n. 21), 571 (n. 36), 581 (n. 56), 586 (n. 62), 588 (n. 66).
Hagner, Donald A., 36 (n. 39), 198 (n. 3), 268 (n. 34), 653 (n. 88), V.II: 38 (n. 39), 220 (n. 25).
Hahn, Hans-Christoph, 231 (n. 53), 403 (n. 39), V.II: 380 (n. 8), 385 (n. 14), 415 (n. 2).
Hanna, Robert, 82 (n. 20), 145 (n. 56), 154 (n. 69), 169 (n. 7), 190 (n. 32), 230 (n.

50), 326 (n. 15), 346 (n. 46), 418 (n. 63), 478 (n. 66), V.II: 65 (n. 12), 151 (n. 61), 186 (n. 49), 235 (n. 52), 283 (n. 69), 312 (n. 37), 321 (n. 57), 407 (n. 46), 437 (n. 38), 475 (n. 54), 493 (n. 21), 504 (n. 38), 587 (n. 63), 614 (n. 31).
Harder, Günther, V.II: 257 (n. 27), 396 (n. 31).
Harrison, Everett F., 114 (n. 9), 126 (n. 29), 143 (n. 52), 215 (n. 29), 257 (n. 18), 275 (n. 41), 390 (n. 17), 439 (n. 10), 449 (n. 22), 474 (n. 58), 494 (n. 15), 547 (n. 22), 596 (n. 7), V.II: 19 (n. 12), 43 (n. 45), 97 (n. 62), 113 (n. 3), 114 (n. 7), 160 (n. 6), 282 (n. 66), 289 (n. 2), 379 (n. 6), 601 (n. 9).
Harrison, Roland K., 470 (n. 54).
Hasel, Gerhard F., 328 (n. 19).
Hawthorne, Gerald F., 173 (n. 10), 621 (n. 46), V.II: 113 (n. 3), 252 (n. 17).
Hedrick, C.W., 434 (n. 5).
Hemer, Colin J., 20 (n. 8), 22 (n. 11), 28 (n. 24), 36 (n. 39), 38 (n. 49), 606 (n. 18), 611 (n. 30), 625 (n. 52), V.II: 22 (n. 17), 54 (n. 1), 120 (n. 14), 126 (n. 27), 181 (n. 38), 220 (n. 25), 225 (n. 32), 266 (n. 40), 280 (n. 64), 292 (n. 7), 313 (n. 38), 372 (n. 62), 438 (n. 39 e 40), 483 (n. 4), 498 (n. 33), 556 (n. 2), 560 (n. 13 e 14), 562 (n. 17), 564 (n. 22), 566 (n. 24), 570 (n. 31), 571 (n. 34), 589 (n. 68), 597 (n. 2), 603 (n. 14), 606 (n. 18).
Hendriksen, William, 10, 462 (n. 44), 609 (n. 25), V.II: 55 (n. 2), 100 (n. 68), 115 (n. 8), 143 (n. 49), 195 (n. 66), 231 (n. 42), 276 (n. 57), 558 (n. 7).
Hengel, Martin, 19 (n. 5), 549 (n. 26), V.II: 55 (n. 3), 73 (n. 23), 232 (n. 45).
Hennecke, Edgar, V.II: 28 (n. 27).
Herntrich, Volkmar, V.II: 82 (n. 41).
Heródoto, 71 (n. 1).
Hess, Klaus, 596 (n. 6).
Hiebert, D. Edmond, V.II: 233 (n. 49).
Hilgert, Earle, V.II: 331 (n. 2).
Hill, David, 581 (n. 26).
Hock, Ronald F., V.II: 208 (n. 4), 216 (n. 19).
Hodges, Zane C., 647 (n. 78), V.II: 99 (n. 66), 453 (n. 12).
Hoehner, Harold W., 107 (n. 1).
Hoekema, Anthony A., 526 (n. 64), V.II: 248 (n. 10).
Hoerber, Robert O., V.II: 208 (n. 3).
Holwerda, David E., 83 (n. 22), 158 (n. 75).
Honeyman, A.M., V.II: 598 (n. 4).
Horácio, V.II: 609 (n. 22).
House, Colin, 498 (n. 19).
Howard, David M., Jr., 157 (n. 74).
Huck, Albert, 546 (n. 18).
Hughes, Philip Edgcumbe, V.II: 288 (n. 1).
Hunter, S.F., 605 (n. 17).

Irineu, 17 (n. 1), 39, 390 (n. 19), 422 (n. 69), 526 (n. 63).
Irvin, Dorothy, V.II: 128 (n. 33).

Jackson, F.J. Foakes, 25 (n. 20).
Jacobs, Paul, V.II: 450 (n. 5).
Jamieson, Howard M., 476 (n. 63).
Jeremias, Joachim, 168 (n. 6), 177 (n. 16), 225 (n. 40), 294 (n. 1), 347 (n. 48), 417 (n. 60), 581 (n. 26), V.II: 323 (n. 60).
Jerônimo, 39.
Jervell, Jacob, V.II: 303 (n. 22), 378 (n. 3), 536 (n. 38).
Jewett, Robert, 37 (n. 48).
Josefo, 18 (n. 4), 32 (n. 29), 33 (n. 30, 31, 32 e 33), 35, 36 (n. 40, 41 e 43), 37 (n. 48), 38 (n. 50), 41, 43 (n. 58), 71 (n. 2), 118 (n. 16, 17 e 18), 125 (n. 27), 138 (n. 46), 166 (n. 3), 168 (n. 5), 175 (n. 13), 198 (n. 1 e 2), 202, 203 (n. 8), 204 (n. 11), 205 (n. 12 e 13), 235 (n. 58), 282, 283 (n. 51 e 53), 294 (n. 1), 301 (n. 12), 304 (n. 14), 320 (n. 5 e 8), 330 (n. 22 e 23), 334 (n. 30), 337 (n. 37), 372 (n. 85 e 86), 373 (n. 87), 386 (n. 9), 411 (n. 53), 432 (n. 3), 467 (n. 49 e 50), 470 (n. 54), 472 (n. 56), 484 (n. 1), 500 (n. 22), 534, 535 (n. 2), 547 (n. 19 e 20), 557 (n. 38), 558 (n. 40), 567 (n. 2), 571 (n. 12), 573 (n. 16), 585 (n. 30 e 32), 586, 587 (n. 36), 617 (n. 39), 618 (n. 41), 623 (n. 49), 652 (n. 85), V.II: 53, 120 (n. 15), 177 (n. 30), 226 (n. 35), 227 (n. 37), 251 (n. 16), 255 (n. 21), 256. 257 (n. 23), 279 (n. 62), 338

(n. 15), 352 (n. 33), 353 (n. 36), 361 (n. 46), 364 (n. 51), 367 (n. 55 e 56), 368 (n. 57), 371 (n. 59 e 61), 402 (n. 37), 409 (n. 51), 416 (n. 3 e 4), 423 (n. 19), 438 (n. 40), 441 (n. 46), 442 (n. 50), 450 (n. 4), 457 (n. 19), 461 (n. 24), 470 (n. 38), 471 (n. 40 e 41), 472 (n. 43), 474 (n. 49 e 51), 475 (n. 52), 482 (n. 1), 483 (n. 3, 5 e 6), 485 (n. 8), 486 (n. 11), 495 (n. 23), 496 (n. 24, 25 e 26), 497 (n. 27, 28 e 29), 505 (n. 43), 519 (n. 11), 562 (n. 16), 606 (n. 16), 608 (n. 19), 609 (n. 21), 612, 616 (n. 34).
Judge, E.A., 464 (n. 45), 610 (n. 26), V.II: 166 (n. 19).
Justino, Mártir, 386 (n. 9), 390 (n. 18).
Juvenal, 547 (n. 21), 497 (n. 28).

Kaiser, Walter, C., Jr., 140 (n. 50), V.II: 79 (n. 35), 81 (n. 39).
Käsemann, Ernst, V.II: 243 (n. 2).
Kaye, B.N., V.II: 89 (n. 52).
Kepple, Robert J., V.II: 421 (n. 14), 521 (n. 13).
Kilgallen, John J., 30 (n. 26), 517 (n. 7).
Kilpatrick, G.D., 116 (n. 12), V.II: 232 (n. 44), 271 (n. 52), 436 (n. 35).
Kistemaker, Simon J., 158 (n. 76), 181 (n. 20), 210 (n. 17), 337 (n. 36), 356 (n. 62), 633 (n. 59), 636 (n. 62), V.II: 77 (n. 29), 317 (n. 47).
Kittel, Gerhard, 396 (n. 29), V.II: 388 (n. 18).
Klappert, Bertold, 535 (n. 3).
Klijn, A.F.J., 30 (n. 25).
Knapp, Gary L., 265 (n. 29).
Koivisto, R.A., 331 (n. 24).
Kraabel, A.T, 485 (n. 4).
Kreitzer, Larry J., V.II: 270 (n. 50).
Krienke, Hartmut, 257 (n. 19), V.II: 450 (n. 5).

Ladd, George E., 84 (n. 24), 112 (n. 7), 184 (n. 22), 229 (n. 49), V.II: 250 (n. 14).
Laertius, Diogenes, 18 (n. 4).
Lake, Kirsopp, 21 (n. 10), 25 (n. 20), 34 (n. 34), 167 (n. 4), 185 (n. 26), 254 (n. 11), 297 (n. 5), 320 (n. 8), 326 (n. 16), 329 (n. 20), 365 (n. 76), 388, 389 (n. 15), 391 (n. 21), 423 (n. 70), 450 (n. 26), 458 (n. 38), 459 (n. 39), 473 (n. 57), 475 (n. 61), 489 (n. 10), 501 (n. 24), 566 (n. 1), 573 (n. 17), 608 (n. 22), 616 (n. 36), 639 (n. 66), 644 (n. 74), 651 (n. 83), V.II: 42 (n. 42), 63 (n. 10), 75 (n. 26), 87 (n. 49), 125 (n. 25), 126 (n. 28), 136 (n. 42), 149 (n. 58), 163 (n. 14), 165 (n. 17), 178 (n. 32), 192 (n. 60), 208 (n. 4), 213 (n. 14), 219 (n. 24), 230 (n. 41), 232 (n. 45), 268 (n. 46), 280 (n. 65), 291 (n. 7), 296 (n. 14), 308 (n. 29), 316 (n. 45), 351 (n. 30), 364 (n. 52), 371 (n. 60), 373 (n. 63), 381 (n. 9), 389 (n. 20), 401 (n. 35), 408 (n. 49), 417 (n. 7), 418 (n. 9), 436 (n. 35), 454 (n. 15), 483 (n. 4), 501 (n. 36), 541 (n. 46), 545 (n. 49), 572 (n. 39), 602 (n. 11).
Lambert, J.C., V.II: 294 (n. 12).
Lambrecht, J., V.II: 301 (n. 20).
Lampe, G.W.H., V.II: 233 (n. 49), 317 (n. 47).
Lane, William L., V.II: 622 (n. 39).
Lang, Friedrich, 110 (n. 4).
LaSor, William S., 175 (n. 13), 294 (n. 2), 305 (n. 18), V.II: 21 (n. 15), 267 (n. 45).
Lenski, R.C.H., 124 (n. 25), 131 (n. 34), 146 (n. 58), 185 (n. 27), 191 (n. 33), 219 (n. 35), 236 (n. 59), 324 (n. 13), 369 (n. 79), 421 (n. 67), 464 (n. 45), 516 (n. 45), 536 (n. 5), 579 (n. 22), 626 (n. 53), V.II: 15 (n. 3), 19 (n. 12), 43 (n. 44), 83 (n. 43), 127 (n. 32), 139 (n. 45), 225 (n. 34), 258 (n. 29), 537 (n. 39), 545 (n. 50).
Lerle, E., V.II: 35 (n. 34).
Levi, Leo, V.II: 612 (n. 27).
Link, Hans-Georg, 187 (n. 29), 212 (n. 20), V.II: 72 (n. 20), 161 (n. 9).
Lívio, V.II: 126 (n. 26), 148 (n. 56), 159 (n. 2), 403 (n. 38).
Lohfink, Gerhard, 434 (n. 5).
Lohse, Eduard, V.II: 43 (n. 45).
Longenecker, Richard N., 25 (n. 19), 95 (n. 40), 108 (n. 3), 137 (n. 42), 142 (n. 51), 143 (n. 53), 149 (n. 62), 193 (n. 38), 235 (n. 58), 277 (n. 42), 320 (n. 8), 347 (n. 48), 417 (n. 60), 447 (n. 19), 517 (n. 50), 547 (n. 21), 550 (n. 28), 559 (n. 42), 611

(n. 29), 622 (n. 47), 633 (n. 59), 636 (n. 62), V.II: 82 (n. 42), 114 (n. 6), 379 (n. 6).
Luciano, V.II: 562 (n. 15).
Luedemann, Gerd, 32 (n. 28), 35 (n. 38).
Lutero, Martinho, 160, 180, V.II: 278 (n. 59), 468.

MacDonald, William G., 111 (n. 6), 150 (n. 64).
Mack, Edward, 212 (n. 24).
Madvig, Donald H., V.II: 159 (n. 5), 177 (n. 31), 580 (n. 51).
Maher, M., V.II: 72 (n. 20).
Malherbe, Abraham J., V.II: 267 (n. 44), 543 (n. 48), 545 (n. 51).
Mantey, Julius R., 137 (n. 43), 250 (n. 8), 523 (n. 58), 537 (n. 8), 545 (n. 14), 589 (n. 41), 655 (n. 91), V.II: 106 (n. 77), 423 (n. 20), 587 (n. 64).
Mare, W. Harold, 249 (n. 7).
Marshall, I. Howard, 47 (n. 62), 75 (n. 9), 123 (n. 24), 148 (n. 61), 219 (n. 33), 244 (n. 2), 305 (n. 17), 420 (n. 66), 423 (n. 70), 536 (n. 6), V.II: 73 (n. 24), 79 (n. 34), 190 (n. 56), 354 (n. 38), 408 (n. 49), 421 (n. 13), 538 (n. 40).
Martin, Ralph P., 577 (n. 21).
Masson, C., 459 (n. 40).
Mastin, B.A., V.II: 257 (n. 25).
Mather, P. Boyd, V.II: 535 (n. 35).
Mattill, A.J., Jr., V.II: 401 (n. 36).
McCasland, S.V., V.II: 251 (n. 15).
Meeks, Wayne A., 391 (n. 20).
Merk, V.II: 304 (n. 24).
Merkel, Friedemann, 137 (n. 42).
Merrill, Eugene H., 617 (n. 39).
Metzger, Bruce M., 54 (n. 69), 55 (n. 71), 77 (n. 12), 86 (n. 26), 95 (n. 39), 117 (n. 13), 121 (n. 21), 161 (n. 80), 203 (n. 9), 226 (n. 44), 273, 274 (n. 39), 285 (n. 54), 307 (n. 21), 309 (n. 22), 335 (n. 32), 359 (n. 66), 388 (n. 13), 407 (n. 47), 416 (n. 59), 419 (n. 64), 422 (n. 68), 437 (n. 8), 456 (n. 33), 467 (n. 48), 502 (n. 25), 506 (n. 29), 511 (n. 36), 523 (n. 60), 536 (n. 4), 545 (n. 15), 549 (n. 27), 556 (n. 36), 560 (n. 44), 573 (n. 17), 589 (n. 40), 620 (n. 45), 624 (n. 51), 633 (n. 58), 642 (n. 69), 643 (n. 71), 644 (n. 73), V.II: 17 (n. 8), 20 (n. 13), 23 (n. 19), 35 (n. 33), 37 (n. 38), 62 (n. 8), 75 (n. 26), 87 (n. 48), 98 (n. 64), 106 (n. 79), 117 (n. 12), 124 (n. 22), 126 (n. 28), 142 (n. 48), 147 (n. 55), 149 (n. 60), 163 (n. 13), 173 (n. 28), 183 (n. 42), 200 (n. 76), 209 (n. 6), 214 (n. 15), 215 (n. 17), 223 (n. 30), 235 (n. 53), 243 (n. 1), 248 (n. 11), 249 (n. 13), 262 (n. 36), 290 (n. 4), 311 (n. 33), 316 (n. 45), 330 (n. 1), 344 (n. 21), 430 (n. 31), 436 (n. 34), 457 (n. 18), 472 (n. 44), 498 (n. 32), 507 (n. 44), 547 (n. 56), 558 (n. 9), 570 (n. 32), 584 (n. 59), 602 (n. 10), 610 (n. 24), 611 (n. 26).
Michaelis, Wilhelm, 433 (n. 4), V.II: 532 (n. 30).
Michel, Hans-Joachim, V.II: 303 (n. 23).
Michel, Otto, 177 (n. 16).
Moehring, H.R., 441 (n. 13).
Moellering, H. Armin, V.II: 185 (n. 45).
Morrice, W.G., V.II: 181 (n. 38).
Morris, Leon, 45, 46 (n. 59), 527 (n. 65), 544 (n. 13), 627 (n. 54), V.II: 25 (n. 21), 77 (n. 30), 92 (n. 55), 161 (n. 9), 217 (n. 20), 365 (n. 53), 390 (n. 22).
Moule, C.F.D., 86 (n. 26 e 28), 97 (n. 44), 154 (n. 68), 213 (n. 27), 223 (n. 39), 262 (n. 27), 274 (n. 40), 289 (n. 58), 295 (n. 3),326 (n. 15), 334 (n. 29), 346 (n. 47), 388 (n. 12), 400 (n. 36), 406 (n. 43), 409 (n. 50), 418 (n. 62), 453 (n. 28), 466 (n. 46), 501 (n. 24), 512 (n. 39), 538 (n. 10), 570 (n. 10), 576 (n. 19), 624 (n. 51), V.II: 18 (n. 9), 48 (n. 50), 65 (n. 12), 66 (n. 13), 88 (n. 50), 98 (n. 65), 106 (n. 76), 116 (n. 11), 124 (n. 21), 126 (n. 29), 134 (n. 40), 146 (n. 54), 151 (n. 61), 180 (n. 36), 199 (n. 74), 271 (n. 51), 293 (n. 11), 320 (n. 53), 358 (n. 44), 440 (n. 45), 463 (n. 30), 468 (n. 34), 476 (n. 55), 486 (n. 10), 498 (n. 32), 516 (n. 4), 525 (n. 18), 528 (n. 23), 530 (n. 27), 547 (n. 54), 548 (n. 57), 568 (n. 27), 574 (n. 43), 602 (n. 12), 605 (n. 15).
Moulton, James Hope, 346 (n. 46), 478 (n. 65), 499 (n. 21), V.II: 452 (n. 7).

Moyer, James C., 372 (n. 83).
Müller, Dietrich, 73 (n. 7).
Mullins, E.Y., 399 (n. 34).
Mundle, Wilhelm, V.II: 84 (n. 44).

Nairne, A., V.II: 544 (n. 49).
Navonne, John, 24 (n. 17).
Neirynck, F., 522 (n. 57).
Nes-Al, 358 (n. 65).
Nock, Arthur Darby, 604 (n. 14).
Nolland, John, V.II: 72 (n. 21).
Norris, F.W., V.II: 243 (n. 2).
North, Robert, V.II: 128 (n. 33).

Oepke, Albrecht, 187 (n. 29), V.II: 199 (n. 75).
Ogg, George, V.II: 41 (n. 41).
Ogilvie, R.M., V.II: 566 (n. 26).
Olevianus, Caspar, 160.
O'Neill, J. C., 41 (n. 53).
Orígenes, 39.
Orosius, Paulus, 35 (n. 37).
Osborne, R.E., 580 (n. 24), V.II: 267 (n. 44).
O'Toole, Robert F., 612 (n. 32), V.II: 517 (n. 6).
Overman, J.A., 485 (n. 4).
Ovídio, V.II: 27 (n. 23).

Packer, J.I, 91 (n. 34), V.II: 387 (n. 17).
Parker, Pierson, 43 (n. 56), V.II: 56 (n. 4).
Parratt, J.K., V.II: 246 (n. 6).
Pathrapankal, J., V.II: 473 (n. 46).
Payne, David F., 168 (n. 6).
Payne, J., Barton, 249 (n. 7).
Peisker, Carl Heinz, 594 (n. 2).
Pelletier, A., 351 (n. 53).
Petersen, Lorman M., V.II: 119 (n. 13).
Filo, 71 (n. 1), 320 (n. 5 e 8), 330 (n. 22), 335 (n. 31).
Pierce, Claude A., V.II: 415 (n. 2).
Platão, 71 (n. 1), V.II: 180 (n. 35), 199.
Plínio, o Velho, 555 (n. 33), V.II: 159 (n. 3), 606 (n. 17).
Policarpo, 439, V.II: 473 (n. 47), 508 (n. 46).
Porter, H., V.II: 336 (n. 12).
Powell, Ralph E., V.II: 433 (n. 33).

Rackham, Richard B., 112 (n. 8), 153 (n. 67), 200 (n. 5), 215 (n. 29), 281 (n. 47), 303 (n. 13), 318 (n. 2), 415 (n. 58), 440 (n. 11), 495 (n. 17), 504 (n. 27), 519 (n. 51), 551 (n. 29), 597 (n. 10), 615 (n. 34), 645 (n. 75), 646 (n. 77), V.II: 44 (n. 47), 122 (n. 18), 160 (n. 8), 218 (n. 22), 232 (n. 46), 252 (n. 18), 279 (n. 61), 280 (n. 64), 319 (n. 49), 359 (n. 45), 441 (n. 47), 458 (n. 21), 498 (n. 30), 505 (n. 42).
Rainey, Anson F., 411 (n. 53).
Ramsay, William M., 610, 651 (n. 84), V.II: 13 (n. 1), 21 (n. 16), 22 (n. 17), 38 (n. 39), 41 (n. 41), 141 (n. 47), 168 (n. 21), 200 (n. 76), 227 (n. 38), 283 (n. 68), 290 (n. 5), 300 (n. 16), 301 (n. 18), 331 (n. 3), 343 (n. 20), 352 (n. 31), 372 (n. 62), 405 (n. 41), 556 (n. 3), 560 (n. 12), 564 (n. 22), 580 (n. 53), 610 (n. 24).
Reese, Boyd, V.II: 148 (n. 56), 408 (n. 47).
Rehwinkel, Alfred Martin, V.II: 415 (n. 2).
Rengstorf, Karl Heinrich, 73 (n. 7), 100 (n. 47), V.II: 18 (n. 10), 452 (n. 8).
Richard, E., 320 (n. 7), 352 (n. 56).
Ridderbos, Herman N., 96 (n. 42), 127 (n. 31), 178 (n. 17), 208 (n. 15), 609 (n. 25), V.II: 100 (n. 68), 119 (n. 13).
Ridderbos, J., 353 (n. 57).
Riesenfeld, Harald, 522 (n. 57).
Robbins, Vernon K., V.II: 134 (n. 39), 560 (n. 13).
Robertson, A.T., 77 (n. 11), 82 (n. 21), 86 (n. 27), 145 (n. 57), 169 (n. 7), 174 (n. 11), 182 (n. 21), 194 (n. 39), 213 (n. 25), 218 (n. 31), 223 (n. 39), 233 (n. 55), 238 (n. 60), 255 (n. 12), 271 (n. 35), 279 (n. 45), 286 (n. 55), 307 (n. 20), 311 (n. 23), 335 (n. 33), 336 (n. 34), 341 (n. 39), 368 (n. 78), 383 (n. 8), 388 (n. 14), 395 (n. 27), 407 (n. 46), 425 (n. 73), 441 (n. 14), 449 (n. 23), 547 (n. 35), 466 (n. 46), 468 (n. 51), 490 (n. 13), 499 (n. 20), 501 (n. 23), 523 (n. 59), 538 (n. 9), 545 (n. 17), 552 (n. 30), 589 (n. 41), 598 (n. 12), 608 (n. 24), 613 (n. 33), 624 (n. 50), 631 (n. 57), 643 (n. 70 e 72), 647 (n. 79), 654 (n. 90), V.II: 17 (n. 7), 20 (n. 14), 36 (n. 37), 45 (n. 49), 95 (n. 59), 106 (n. 78), 139 (n. 44), 152 (n. 62), 163 (n. 15), 168 (n. 22),

175 (n. 29), 183 (n. 43), 186 (n. 49), 199 (n. 73), 209 (n. 5), 214 (n. 16), 215 (n. 18), 235 (n. 51), 249 (n. 12), 258 (n. 28), 277 (n. 58), 309 (n. 30), 320 (n. 51 e 54), 334 (n. 6), 345 (n. 26), 356 (n. 41 e 42), 362 (n. 49), 366 (n. 54), 369 (n. 58), 383 (n. 13), 393 (n. 28), 437 (n. 37), 462 (n. 29), 486 (n. 9), 492 (n. 17), 494 (n. 22), 498 (n. 31), 502 (n. 37), 516 (n. 5), 535 (n. 36), 540 (n. 45), 547 (n. 52), 558 (n. 8), 563 (n. 19), 568 (n. 28), 575 (n. 44), 580 (n. 49).
Robertson, O. Palmer, V.II: 80 (n. 38), 81 (n. 39), 82 (n. 42).
Robinson, Maurice A., V.II: 179 (n. 34).
Robinson, N.H.G., V.II: 415 (n. 2).
Robinson, William Childs, 100 (n. 47), 449 (n. 22).
Roloff, Jürgen, 28 (n. 24).
Ropes, James Hardy, 55 (n. 71), V.II: 224 (n. 31), 311 (n. 35), 351 (n. 30), 453 (n. 13).
Ross, Alexander, 85 (n. 25).
Rougé, Jean, V.II: 557 (n. 4), 572 (n. 36), 573 (n. 40), 586 (n. 62), 590 (n. 70).
Ryan, Rosalie, V.II: 128 (n. 33).
Ryken, Leland, V.II: 22 (n. 18), 197 (n. 69).

Safrai, Shmuel, V.II: 362 (n. 48).
Schaeder, Hans Heinrich, V.II: 452 (n. 8).
Scharlemann, Martin H., 30 (n. 25 e 26), 318 (n. 3).
Schlier, Heinrich, 231 (n. 53).
Schmidt, Peter, V.II: 532 (n. 30).
Schneider, Gerhard, 192 (n. 37), 268 (n. 34), 454 (n. 30).
Schneider, Johannes, 412 (n. 54), 622 (n. 48).
Schneider, Walter, V.II: 71 (n. 19).
Schoonheim, P.L., 485 (n. 3).
Schrenk, Gottlob, 168 (n. 6), V.II: 160 (n. 7).
Schubert, Paul, V.II: 197 (n. 70), 399 (n. 32), 536 (n. 38).
Schürer, Emil, 198 (n. 1), 225 (n. 40), 304 (n. 16), 431 (n. 1), 458 (n. 38), 485 (n. 4), 493 (n. 14), 508 (n. 32), 612 (n. 32), V.II: 72 (n. 22), 86 (n. 47), 212 (n. 10), 221 (n. 28), 227 (n. 37), 257 (n. 23), 368 (n. 57), 371 (n. 61), 379 (n. 6), 380 (n. 7), 382 (n. 11), 408 (n. 50), 409 (n. 51), 416 (n. 3), 430 (n. 30), 438 (n. 42), 449 (n. 2), 450 (n. 4), 457 (n. 20), 461 (n. 26), 472 (n. 42), 482 (n. 2), 483 (n. 3 e 6), 492 (n. 16), 496 (n. 24), 497 (n. 29), 517 (n. 6), 526. 527 (n. 22), 612 (n. 28).
Schwank, B., V.II: 220 (n. 25).
Schwartz, D.R., 257 (n. 20).
Schweizer, Eduard, 185 (n. 25).
Scott, J. Julius, 318 (n. 3).
Seebass, Hans, V.II: 526 (n. 20).
Seesemann, Heinrich, V.II: 71 (n. 19), 103 (n. 72).
Sêneca, V.II: 220 (n. 27), 297.
Shea, William H., 333 (n. 27).
Sherwin-White, A.N., 21 (n. 10), V.II: 136 (n. 42), 148 (n. 57), 149 (n. 59), 171 (n. 25), 221 (n. 29), 274 (n. 55), 278 (n. 60), 403 (n. 38), 405 (n. 40), 406 (n. 44), 442 (n. 48), 474 (n. 50), 490 (n. 14), 492 (n. 18), 557 (n. 6), 613 (n. 30), 616 (n. 33), 625 (n. 41 e 42).
Siede, Burghard, 72 (n. 4).
Simon, M., V.II: 93 (n. 57).
Singer, Charles Gregg, 399 (n. 33).
Smallwood, E.M., 35 (n. 38), 37 (n. 47).
Smith, Gary V., 126 (n. 29).
Smith, James, V.II: 559 (n. 11), 563 (n. 18), 569 (n. 29), 571 (n. 34), 572 (n. 38), 580 (n. 50), 581 (n. 56), 587 (n. 65).
Smith, Robert H., 47 (n. 62).
Sokolowski, F., V.II: 272 (n. 53).
Sorg, Theo, V.II: 69 (n. 15).
Stählin, Gustav, V.II: 182 (n. 41).
Statyllius, Flaccus, V.II: 600 (n. 7).
Stigers, Harold, 176 (n. 14), V.II: 361 (n. 47).
Stonehouse, Ned B., 149 (n. 63), V.II: 181 (n. 38), 188 (n. 51), 197 (n. 69).
Strabo, V.II: 572 (n. 37), 580 (n. 52), 608 (n. 19).
Strack, H.L., 71 (n. 2), 87 (n. 29), 107 (n. 2), 117 (n. 15), 120 (n. 19), 191 (n. 33), 198 (n. 2), 281 (n. 49), 283 (n. 52), 297 (n. 5), 305 (n. 16), 322 (n. 10), 336 (n. 35), 348 (n. 51), 382 (n. 6), 391 (n. 21),

413 (n. 56), 493 (n. 14), 507 (n. 31), 579 (n. 23), 618 (n. 42), 633 (n. 59), V.II: 112 (n. 2), 212 (n. 10), 226 (n. 36), 352 (n. 32), 353 (n. 35), 361 (n. 46), 380 (n. 7), 416 (n. 4 e 6), 418 (n. 9), 539 (n. 44), 564 (n. 21), 584 (n. 58).
Strathmann, Hermann, 81 (n. 19), 304 (n. 15), 596 (n. 6), V.II: 217 (n. 21), 414 (n. 1).
Suetônio, 35, 36, 555 (n. 33), 557 (n. 38), 585 (n. 31), V.II: 53, 166 (n. 18), 207, 471 (n. 39), 612, 615 (n. 32).

Tácito, 32 (n. 29), 36 (n. 43), 304 (n. 14), 555 (n. 33), 557 (n. 38), V.II: 280 (n. 64), 438 (n. 40 e 41), 457 (n. 20), 499 (n. 34), 612.
Talbert, C., V.II: 304 (n. 24).
Taylor, Lily Ross, V.II: 270 (n. 48), 274 (n. 55).
Taylor, Vincent, 144 (n. 53).
Tertuliano, 17 (n. 1), 39.
Thayer, Joseph H., 147 (n. 59), 159 (n. 78), 212 (n. 20), 214 (n. 28), 218 (n. 32), 279 (n. 46), 332 (n. 25), 352 (n. 54), 406 (n. 44), 413 (n. 57), 439 (n. 9), 460 (n. 42), 490 (n. 12), 509 (n. 34), 545 (n. 16), 556 (n. 37), 570 (n. 9), V.II: 96 (n. 60), 162 (n. 10), 179 (n. 33), 182 (n. 40), 207 (n. 2), 219 (n. 23), 225 (n. 33), 282 (n. 67), 323 (n. 59), 419 (n. 10), 462 (n. 28), 501 (n. 36).
Thiede, C.P., 579 (n. 23).
Thompson, J. Alexander, V.II: 231 (n. 43).
Thompson, W. Ralph, 107 (n. 1).
Thornton, L.S., 399 (n. 33).
Thornton, T.C.G., 360 (n. 70).
Tucídides, 24 (n. 18), 25, V.II: 324 (n. 62).
Tiedtke, Erich, 212 (n. 20), V.II: 161 (n. 9).
Trench, R.C., 94 (n. 38), 138 (n. 44).
Turner, Nigel, 441 (n. 15), 453 (n. 28), 560 (n. 45), V.II: 48 (n. 51), 518 (n. 9), 531 (n. 28), 547 (n. 55).

Unger, M.F., 653 (n. 87).
Ursinus, Zacharias, 80, 160, 405.

Van Alstine, George A., 381 (n. 4), V.II: 612 (n. 27).
van Bruggen, Jakob, V.II: 56 (n. 4), 227 (n. 39).
van der Horst, P.W., 260 (n. 23).
Van Elderen, Bastiaan, 604 (n. 16), 611 (n. 30), V.II: 40 (n. 41).
van Unnik, W.C., 51 (n. 64), 410 (n. 52), 517 (n. 50), V.II: 379 (n. 4).
Van Veldhuizen, 577 (n. 20).
VanGemeren, Willem A., V.II: 35 (n. 35).
Vegetius, V.II: 564 (n. 20).
Virgílio, V.II: 572 (n. 37).
Vos, Howard F., V.II: 124 (n. 23).

Walker, W.O., V.II: 113 (n. 4).
Wallace, David H., V.II: 453 (n. 10).
Wead, David W., 99 (n. 46), V.II: 402 (n. 37).
Wegenast, Klaus, V.II: 232 (n. 47).
Wenham, John, 580 (n. 24).
Wilcox, Max, 26 (n. 21), 92 (n. 35), 485 (n. 4), 625 (n. 52), 652 (n. 85).
Wilkinson, Thomas L., V.II: 198 (n. 71).
Williams, David John, 81 (n. 17), 88 (n. 30), 120 (n. 20), 185 (n. 26), 327 (n. 18), 369 (n. 79), 395 (n. 28), 408 (n. 49), 423 (n. 70), 488 (n. 8), V.II: 57 (n. 6), 158 (n. 1), 319 (n. 49), 417 (n. 8).
Windisch, Hans, 549 (n. 26).
Woudstra, Hans, V.II: 70 (n. 18).
Wright, J. Stafford, V.II: 132 (n. 35).
Wycherley, R.E., V.II: 181 (n. 38).

Xenofontes, 18 (n. 4), V.II: 180 (n. 35), 272 (n. 54), 335 (n. 11).

Yadin, Y., 227 (n. 47).
Yaure, L., 605 (n. 17).
Young, Edward J., 649 (n. 82).
Youngblood, Ronald F., 281 (n. 48), V.II: 97 (n. 63).

Zahn, Theodor, 639 (n. 66), V.II: 278 (n. 59), 504 (n. 39), 585 (n. 66), 598 (n. 4).
Zehnle, Richard F., 123 (n. 33).

Índice das Escrituras

Gênesis
2.7 – p. 85
2.17 – p. 133
3.1 – p. 245
3.5 – p. 394
3.17, 18 – p. 133
5.26 – p. 333
6.20 – p. 495
11.1-9 – p. 113
11.26, 32 – p. 320
11.31 – pp. 245, 319
12.1 – pp. 320, 321
12.1-3 – p. 651
12.3 – p. 513
12.4 – p. 320
12.6 – p. 321
14.5 – p. 432
15.2 – p. 432
15.5 – p. 332
15.13 – p. 338
15.13, 14 – p. 322
15.13 – pp. 322, 616
15.14 – p. 322
15.17 – p. 245
15.18 – p. 192
15.18, 21 – p. 616
17.1 – p. 324
17.2, 4, 7 – p. 192
17.1, 17 – p. 320
17.2, 21 – p. 323
17.5 – p. 173
17.9, 14 – p. 323
17.7 – pp. 150, 350, 496
17.8 – p. 357
17.11 – p. 547
17.12, 21 – p. 324
18.18 – p. 513
19.11 – p. 391
21.10 – p. 620
22.3 – p. 245
22.18 – pp. 192, 513
23.15 – p. 330
23, 17, 18 – p. 321
26.4 – p. 513
30.24 – p. 327
33.19 – p. 330
37.2 – p. 329
37.12, 26 – p. 327
39.2, 21, 23 – p. 327
41.25, 36 – p. 328
41.37, 43 – p. 328
41.46, 53 – p. 329
41.54 – p. 328
41.56, 57 – p. 329
45.6 – p. 329
45.5, 7 – p. 328
45.7 – p. 329
45.8 – p. 328
46.28 – p. 329
48.4 – p. 321
48.5 – p. 327
49.10 – p. 618
50.5-13 – p. 330
50.25 – p. 331

V.II
1.28 – p. 189
5.5, 8, 11, 14 – p. 523
5.24 – p. 523
12.3, 18.18, 22.18 – p. 479
9.1 – p. 189
9.4 – p. 85
11.8, 9 – p. 189
14.19, 22 – p. 188
17.5 – p. 83
17.7, 9-14 – p. 70
28.20, 22 – p. 228
33.4, 45, 14, 15 – p. 325
39.5 – p. 579

Êxodo
1.7 – p. 333
1.11 – p. 333
1.15, 16 – p. 333
1.20 – p. 615
1.22 – p. 333
2.1, 2 – p. 334
2.2 – p. 334
2.10 – p. 334
2.11 – p. 336
2.12 – p. 337
2.13 – p. 337
2.15 – p. 339
2.16-22 – p. 340
3 – p. 445
3.1 – pp. 339, 348
3.2 – pp. 342, 346
3.2, 7 – p. 342
3.2-5 – p. 110
3.4 – pp. 187, 385
3.6 – p. 202
3.6, 15 – p. 177
3.12 – p. 342
3.15 – p. 390
3.16 – p. 206
4.10 – p. 335

4.19 – p. 344
5.5 – p. 615
6.1, 6 – p. 615
6.6 – p. 345
7.7 – p. 336
8.8, 28 – p. 407
8.11 – p. 185
8.15 – p. 185
9.28 – p. 407
10.1, 2 – p. 588
10.5 – p. 250
10.17 – p. 407
11 – p. 495
12.17 – p. 333
13.3 – p. 615
13.19 – p. 330
13.21 – p. 343
13.21, 22 – p. 385
15.22-27 – p. 71
16.35 – p. 615
17.6 – p. 615
17.7 – p. 71
17.8-13 – p. 615
18.3, 4 – p. 340
19.11-13 – p. 342
19.18 – p. 343
20.1-17 – p. 348
20.1-4 – p. 351
20.3, 4 – p. 506
20.4-6 – p. 194
20.5 – pp. 586, 588
20.11 – pp. 32, 188
20.11-8 – p. 297
22.28 – p. 418
23.14 – p. 225
23.16 – p. 107
24.1-8 – p. 350
24.3 – 8 – pp. 188, 192
24.16 – pp. 308, 371
25.9, 40 – p. 356
25.15, 26, 10, 12 – p. 225
26.30 – p. 356
27.8 – p. 356
27.21 – p. 356
28.30 – p. 100
29.9-11 – p. 350
31.1-6 – p. 357
31.18 – p. 348
32.1, 23 – p. 350
32.6 – p. 351
32.34 – p. 77
33.13 – p. 615
32.20 – p. 351
33.3, 5 – p. 363
44.34, 35 – p. 84

Levítico
10.1, 2 – p. 247
10.2 – p. 248
10.4 – p. 249
10.5 – p. 250
23.15, 16 – p. 107
23.29 – p. 588

V.II
3.7 – p. 85
7.26 – p. 85
16.29 – p. 565
16.29-34 – p. 564
17.10, 10, 13, 14 – p. 85
17.13 – p. 85
19.15 – p. 417
23.26-32 – p. 564
26.4 – p. 33

Números
1.46 – p. 333
1.50 – p. 356
8.10 – p. 300
11.16, 17 – p. 204
11.26 – p. 129
12.13 – p. 337
12.18 – p. 188
14.4 – p. 349
14.21-25 – 252
14.22 – p. 615
15.30, 31 – p. 183
15.37 – 41 – p. 612
17.7 – p. 356
18.20 – p. 239
19.11 – p. 250
22.22 – p. 265
22.16 – p. 478
26.55 – p. 100
27.16-18 – p. 297
27.23 – p. 300
28.26 – p. 107
35.5 – p. 87

V.II
5.21, 27 – p. 602
6.3 – p. 353
6.9 – p. 353
6.14-17 – p. 352
6.18 – pp. 352, 358
16.1-21 – p. 226
19.12 – p. 357
27.16, 17 – p. 315

Deuteronômio
1.31 – p. 615
4.37 – p. 614
5.7, 8 – p. 506
5.9 – pp. 586, 588
6.4 – pp. 143, 454
6.4 -9 – p. 612
7.1 – p. 616
8.4 – p. 615
10.9 – p. 239
1015 – p. 614
10.17 – p. 513
13.15 – p. 568
14.3-21 – p. 495
15.1-11 – p. 157
15.4 – pp. 168, 235
15.11 – p. 473
16.9 -12 – p. 107
17.19 – p. 567
18.10-14 – p. 389
18.18 – p. 187
19.15 – p. 629
21.23 – pp. 132, 628, 630
23.1 – p. 412
29.5 – p. 615
29.18 – p. 405
29.29 – p. 79
32.5 – p. 151
34.10-12 – p. 188

V.II
5.8-10 – p. 194
5.12-15 – p. 297
6.16 – p. 71

15.11 – p. 57
17.6 – p. 459
18.10-14 – p. 260
19.15 – p. 459
21.23 – p. 161
25.1-3 – p. 403
28.15, 28, 29 – p. 387
32.8 – p. 190

Josué
2.15 – p. 459
3.4 – p. 87
3.10 – p. 616
3.14 – 17 – p. 357
5.1 – 12 – p. 245
5.15 – p. 343
7.1 – p. 244
7.16 – 18 – p. 100
14.2 – p. 100
14.21 – p. 616
15.1 – p. 100
18.1 – p. 357
23.9 – p. 357
24.2 – p. 319
24.11 – p. 616
24.18 – p. 357
24.20 – p. 352
24.32 – p. 330

V.II
1.9 – p. 215

Juízes
2.15 – p. 607
2.16 – p. 617
3.9, 15 – p. 622
6.11-24 – p. 265

V.II
1.31 – p. 336

1 Samuel
2.35 – p. 617
3.4 – 14 – p. 187
3.10 – p. 436
3.19 – p. 191
3.20 – p. 617
4.3 – p. 357
5.1 – p. 424
7.1 – p. 357
10.6, 10 – p. 129
10.20, 21 – p. 100
12.15 – p. 622
13.1 – p. 618
13.14 – pp. 619, 620
15.23 – p. 618
16.1, 13 – p. 618
21.1 – p. 358

V.II
1.11, 27, 28 – p. 228
3.10 – p. 385
12.3– p. 322

2 Samuel
5.6, 7 – p. 621
6.3 – p. 358
6.7 – pp. 247, 248
6.17 – p. 358
7.1, 2 – p. 358
7.12, 13 – p. 621
7.12-14 – p. 191
7.13 – p. 358
7.14 – pp. 455, 633
8.6 – p. 432
8.17 – p. 202
15.24 – 36 – p. 202
22.6 – p. 133

1 Reis
1.32 – p. 202
2.19 – p. 370
2.35 – p. 202
4.30 – p. 335
7.51 – p. 358
8.17-19 – p. 343
8.27 – pp. 359, 360
8.41-43 p. 412
11.24, 25 – p. 432
17.19 – p. 473
17.19-23 – p. 475
18.24, 38 – p. 343
18.36 – p. 110
19.10, 14 – p. 365

V.II
8.27 – p. 188
17.21 – p. 296
17.23 – p. 523
21.7 – p. 544

2 Reis
2.11 – p. 110
4.10, 21 – p. 473
4.32-35 – p. 475
5.15, 16, 23-27 – p. 402
6.17 – p. 371
17.24-41 – p. 390
19.14-37 – p. 275
19.35 – p. 586

V.II
2.11 – p. 523
4.34, 35 – p. 296
4.35 – p. 523
11.15, 16 – p. 364
13.21 – p. 523
22.8 – p. 173
23.1-3 – p. 173

1 Crônicas
2.30, 32 – p. 326
5.2 – p. 327
6.54 – p. 100
11.4-8 – p. 616
16.39 – p. 358
17.11-14 – p. 622
22.8 – p. 358
25.3 – p. 126
28.3 – p. 358

V.II
16.35 – p. 533

2 Crônicas
2.6 – p. 359
2.16 – p. 472
13.12 – p. 285
24.21 – p. 365
26.16-21 – p. 588
36.15-21 – p. 354
36.23 – p. 379

V.II
24.21 – p. 364

Esdras
2.36-39 – p. 301
3.7 – p. 584
5.16 – p. 244
9.21 – p. 244

V.II
2.36-39 – p. 653
3.7 – p. 653
5.16 – p. 389
9.21, 29, 43, 48 – p. 389

Neemias
9.6 – p. 226
9.7 – p. 319
9.26 – p. 365
10.34 – p. 100
11.1 – p. 100

V.II
5.13 – p. 212
9012 – p. 385

Ester
1.3, 18, 19 – p. 117

Jó
19.25-27 – p. 137
34.19 – p. 513

V.II
9.4 – pp. 538, 653
12.10 – pp. 192, 653
19.25-27 – pp. 523, 653

Salmos
2 – pp. 227, 228, 229, 230, 633
2.1, 2 – pp. 226, 228
2.2, 6 – p. 227
2.7 – pp. 455, 619, 633
2.7 32 – p. 632
2.9.46 – p. 227
3.5 – p. 571
11.7 – p. 137
16 – pp. 138, 139, 142, 636
16.8 – p. 137
16.8-11 – pp. 134, 142
16.9b – p. 135
16.9-11 – p. 137
16.10 – pp. 139, 635, 135, 137, 139, 140, 178, 636, 638
16.10 35 – p. 636
16.10.44 – p. 138
17.17 – p. 137
18.30 – p. 607
19.7 – p. 642
19.14 – pp. 345, 347
22 – p. 93
22.1 – p. 137
22.22 – p. 619
27.14 – p. 425
29.1, 2 – p. 319
35.5, 6 – p. 550
35.16 – p. 369
37.14 – p. 158
51 – p. 619
55.16, 17 – p. 167
55.17 – p. 493
63.2 – p. 370
69.9a – p. 93
69.9b – p. 93
69.22, 23 – p. 93
69.25 – p. 93
69.37 – p. 93
73.23-26 – p. 137
78.35 – pp. 345, 347
78.37 – p. 403
78.49 – p. 550
81.8-10 – p. 394
89.3, 4, 35, 36 – p. 139
89.20 – p. 581
91.11 – pp. 579, 581
95.7-11 – pp. 252, 619
105.20-22 – p. 328
105.24 – p. 333
106.33 – p. 364
109 – p. 94
109.8 – p. 93
110 – p. 142
110.1 – pp. 142, 276, 550
118.22 – pp. 209, 210, 212
118.22, 23 – p. 209
132.4, 5 – p. 358
132.11, 12 – pp. 139, 622
139.7-16 – p. 359
146.6 – p. 226
148.10 – p. 539
150 – p. 361

V.II
2.6, 7 – p. 539
4.6 – p. 385
9.8 – p. 196
16.10 – pp. 523, 539
22.1-21 – p. 539
31.6 – p. 31
36.9 – p. 262
42.8 – p. 140
44.3 – p. 385
508 -13 p. 188
65.9 -13 – p. 33
74.2 – p. 262
74.17 – p. 190
87.4 – p. 332
89.15 – p. 385
95.6 – p. 333
96.13 – p. 196
98.9 – p. 196
104.2 – p. 385
106.47 – p. 533
115.4-8 – pp. 32, 192
139.5-12 – p. 191
145.9 – p. 33
145.18 – p. 191
146.6 – p. 32

Provérbios
15.3 – p. 247
16.33 - p. 99
21.30 – p. 287

V.II
21.30 – p. 431
25.11 – p. 534

Eclesiastes
V.II
5.4, 5 – p. 228
12.1-7 – p. 35

Isaías
1.2 – p. 615
5.26 - p. 82
6.1 – p. 370

6.1-13- p. 187
8.14 – p. 212
11.2 – p. 129
11.4 – p. 248
37.16 – p. 226
37.16-20 – p. 225
409 – p. 632
41.14 – p. 178
42.6 – pp. 649, 651
44.3 – p. 129
45.15 – p. 622
48.15 -17 – p. 622
49.6 – p. 651
49.6ª - p. 649
49.6b – p. 649
50.6 – p. 184
52.7 – pp. 515, 632
52.13 – pp. 177, 178, 626
53.3-12 – p. 184
53.9 – p. 628
53.11 – pp. 178, 365
53.12 – pp. 177, 178, 626
55.3 – pp. 139, 643
56.3 – p. 507
56.3-7 – p. 412
56.7 – p. 360
57.6 – p. 403
58.6 – p. 405
61.1 – p. 229, 517
63.10 – p. 352
65.16 – p. 341
66.1, 2 – p. 317
66.2b – p. 360

V.II
1.18 – p. 398
2.2-4 – p. 81
6.8ª – p. 123
6.8b – p. 123
6.9 – p. 623
6.9, 10 – p. 622
6.11, 12 – p. 620
6.13 – p. 620
8.10 – p. 431
20.2 – p. 338
35.5 – pp. 389, 622
37.4 – p. 82
41.10 – p. 215
43.5 – p. 215
45.21 – p. 83
49.15, 16 – p. 140
55.3-5 – p. 81
55.11 – p. 604
66.19-21 – p. 82

Jeremias
1.4-19 – p. 187
2.30 – p. 365
3.16 – pp. 341, 360
3.19, 20 – p. 455
4.4 – p. 364
14.14-16 – p. 604
20.9 – p. 220
23.5 – pp. 178, 365
31.33 – p. 143
31.34 – pp. 126, 287
33.15 – pp. 178, 365, 455

V.II
1.7 – p. 533
1.8, 19 – pp. 215, 533
5.24 – p. 152
6.29 – p. 271
13.1-11 – p. 338
14.10 – p. 77
23.23 – p. 191

Ezequiel
1.3-1 – p. 187
3.14 – p. 423
4.14 – p. 497
9.75 – p. 364
20.33 – p. 615
27.17 – p. 584
29.10 – p. 411
37.9, 14 – p. 109
38.10 – p. 341
39.29 – p. 129
40.45, 46 – p. 202
40.46 – p. 198
44.7 – p. 364
44.15, 16 – p. 198
44.15-17 – p. 202
48.11 – pp. 198, 202

V.II
2.3 – p. 533
4.1-12 – p. 338
13.10-12 – p. 417
33.4 – pp. 212, 314
37.1-14 – p. 524

Daniel
5.28 – p. 117
6.10 – p. 493
7.13, 14 – p. 370
9.26 – p. 417
10.4 – p. 438

V.II
2.22 – p. 385
5.23 – p. 192
6.10 – p. 333
12.2 – p. 461

Oséias
6.2 – p. 524
11.1 – p. 455
14.9 – p. 607

Joel
2.28 – p. 111
2.28 -32 – pp. 129, 130
2.30 – p. 156
2.32 – pp. 151, 260

Amós
1.3-5 – p. 432
3.8 – p. 220
5.25 – p. 352
5.25-27 – p. 353
5.26 – p. 353
27.56 – p. 352

V.II
9.1-10 – p. 81
9.11, 12 – p. 79
9.12 – p. 82

Jonas
1 – p. 445
1-3 – p. 472
3.1-13 – p. 220

V.II
1.5 – p. 573

Miquéias
2.1, 2 – p. 157
5.2 – p. 621

Habacuque
1.5 – p. 641

V.II
3.4 – p. 385

Sofonias
1.5 – p. 352

Zacarias
2.7-9 – p. 584
3.8 – p. 622
9.9 – p. 365
14.4 – p. 87
19.9 – p. 178

V.II
9.9 – p. 391
14.16 – pp. 81, 82

Malaquias
V.II
2.10 – p. 189

Mateus
1.20 – p. 126
1.20-24 – p. 266
1.21 – pp. 211, 622
2.2 – p. 191
2.12 – p. 126
3.7 – p. 202
3.7-12 – p. 623,
3.11 – p. 525
3.16 – pp. 229, 517
3.17 – p. 497
4.1-11 – p. 453
4.12 – p. 517
4.24 – p. 516
5.2 – p. 513
5.12 – pp. 222, 365
5.44 – p. 465
7.29 – p. 200
8.8 – p. 507
9.25 – p. 475
10.5 – p. 386
10.5, 6 – p. 647
10.6 – pp. 193, 496
10.8 – pp. 402, 475, 406
10.14 – p. 653
10.17 – p. 383
10.19, 20 – p. 207
10.20 – pp. 647, 74
10.27 – p. 552
10.40 – p. 435
11.1 – p. 96
11.3 – p. 623
11.4, 5 – p. 517
12.31, 32 – p. 183
12.24 – p. 183
13.21 – p. 402
13.35.41 – p. 513
13.41.35 – p. 586
14.3 – p. 432
14.9 – p. 228
14.21 – p. 201
15.11 – p. 498
16.1 – p. 202
16.6 – p. 202
16-20 – p. 629
17.1-8- p. 441
17.5 – pp. 190, 187
18.20 – p. 446
19.28 – p. 96
21.11 – pp. 517, 189
21.23 – pp. 200, 206
21.42 – p. 212
21.43, 44 – p. 210
22.23 – pp. 200, 202
22.44 – p. 143
22.46 – p. 200
23.7 – p. 509
23.8-11 – p. 509
23.15 – p. 645
23.31 – p. 365
23.35 – p. 365
24.14 – p. 187
24.36 – p. 186
25.45 – p. 435
25.46 – p. 651
26.3 – p. 432
26.3-57 – p. 204
26.11 – p. 473
26.28 – p. 188
26.42 – p. 499
26.57-66 – p. 203
26.60-63 – p. 416
26.63 – p. 455
26.64 – pp. 370, 391
26.65 – pp. 370, 441
26.71 – p. 581
26.73 – p. 115
27.19 – pp. 178, 126
27.23 – p. 627
27.32- p. 548
27.37 – p. 191
27.57-60 – p. 628
27.63 – p. 272
28 – p. 214
28.1-10 – p. 629
28.3 – p. 511
28.13 – p. 209
28.18 – pp. 370, 397, 515, 633
28.19- pp. 193, 520
28.19, 20 – pp. 379, 483, 495
28.20 – pp. 220, 519, 446
28.20b – p. 227

V.II
2.13, 16 – p. 498
2.14 – p. 442
2.22, 23 – p. 498
3.2, 8 – p. 537
3.11 – pp. 244, 245
5.45 – p. 33
7.15 – pp. 317, 315
7.20 – p. 538
8.29 – p. 257
8.34 – p. 150
9.22 – p. 25
9.28-30 – p. 389
10.5, 6 – p. 389
10.6 – p. 315
10.7 – p. 396
10.10 – p. 208
10.14 – p. 212
1016 – p. 317
10.17 – p. 527
10.18 – p. 506
10.24 – p. 368

11.28-30 – p. 72
12.12-24 – p. 622
12.24 – p. 620
12.27 – p. 255
12.32 – p. 622
13.10 – p. 620
13.14 – p. 179
13.14, 15 – p. 621
14.3-12 – p. 241
14.10 – p. 498
14.19 – p. 584
14.27 – p. 426
18.12 – p. 315
19.28 – p. 521
20.19 – p. 339
21.9 – p. 38
21.10 – p. 363
22.23-32 – p. 422
23.4 – p. 71
23.15 – p. 401
23.27 – p. 417
23.34 – pp. 396, 527
24.42 -p. 318
25.31-46 – p. 461
25.37-40 – p. 323
26.26 – p. 584
26.47 – p. 429
26.61 – p. 365
26.69, 71 – p. 453
27.19 – pp. 223, 488
27.51 – p. 365
28.13 – p. 442
28.19, 20 – p. 65
28.20 – p. 217

Marcos
1.1 – p. 96
1.4 – pp. 639, 148
1.7 – p. 623
1.8 – pp. 148, 525, 542, 545
1.8 – pp. 148, 525, 542, 545
1.14 – p. 517
1.22 – pp. 155, 200
1.23-26– p. 387
1.24 – p. 178
1.31 – p. 171
3.16-19 – p. 87
3.18 – pp. 88, 89
3.21 – p. 89
3.22 – p. 183
5.20 – p. 432
5.41 – p. 475
6.3 – pp. 89, 187
6.7 – p. 166
6.11 – p. 653
6.14, 22 – p. 228
6.14-29 – p. 595
6.17 – p. 432
7.31 – p. 432
8.9 – p. 201
9.4, 7 – p. 188
9.35 – p. 509
9.39 – p. 173
11.1 – p. 87
11.14 – p. 406
12.14 – p. 513
12.26, 27 – p. 177
12.30 – p. 234
12.31 – p. 234
13 – p. 44
13.8 – p. 133
14.13-15 – p. 577
14.33 – p. 166
14.53 – p. 206
14.61, 62 – p. 143
14.64 – p. 441
14.70 – p. 115
15.7 – p. 178
15.24 – p. 99
16.5 – p. 511
16.7 – p. 75
16.9-11 – pp. 74, 629
16.12 – p. 74
16.14-18 – p. 74
16.15 – p. 520
16.17 – p. 526
16.18.17 – p. 256
25-27 – p. 228

V.II
1.4 – p. 244
1.8 – p. 245
1.14 – p. 517
1.24 – pp. 132, 257, 178
1.27 – p. 135
1.30, 31 – p. 604
1.32-34 – p. 604
3.20 – p. 617
3.22 – pp. 620, 622
3.29- p. 622
4.10 – p. 620
4.11 – p. 622
5.7 – p. 133
5.34 – pp. 25, 97
6.7 – pp. 133, 255
6.11 – p. 653
6.19 – p. 475
6.50 – p. 426
9.24 – p. 122
9.4, 7 – p. 187
10.33 – p. 339
10.45 – p. 324
10.49 – p. 426
10.52 – p. 25
12.12, 25 – p. 102
12.14 – p. 513
13.37 – p. 318
14.40 – p. 115
14.63 – p. 30
14.64 – p. 441
15.37 – p. 102
16.5 – p. 511
16.9-11 – p. 629
16.17 – p. 526
16.18 – p. 600
16.18.17 – p. 256
16.19 – p. 72

Lucas
1.2 – pp. 19, 43, 123, 216
1.3 – pp. 40, 71
1.4 – p. 56
1.8 – p. 198
1.11-20 – p. 446
1.13, 30 – p. 487
1.15, 41, 67 – p. 129
1.23 – p. 597
1.32, 33 – pp. 140, 621
1.35 – p. 260
1.80 – p. 453
2.2 – p. 283
2.4 – p. 621

2.10 – p. 277
2.11 – p. 144
2.21 – p. 436
2.25 – p. 114
2.29 – p. 225
2.32 – p. 649
3.1 – pp. 96, 567, 595
3.2 – pp. 205, 432
3.7-20 – pp. 544, 623
3.10 – p. 146
3.16 – pp. 76, 109, 148, 525, 545
3.19 – p. 432
3.23 – p. 19
4.18 – p. 517
4.20 – pp. 490, 603, 614
6.12-16 – p. 91
6.14-16 – p. 87
6.17-19 – p. 261
6.18 – p. 261
6.20 – p. 157
7.1-6 – p. 485
7.5 – p. 118
7.6 – p. 507
7.22 – pp. 131, 172
8.1 – p. 296
8.2, 3 – p. 88
8.10 – p. 257
9.1, 12 – p. 296
9.5 – p. 651
9.35 – p. 615
9.54 – p. 396
10.1, 17 – p. 96
10.2 – p. 354
10.7 – p. 402
10.11 – p. 651
10.17 – pp. 99, 173, 180
10.18 – p. 77
11 – p. 25
13.16 – p. 517
16.13 – p. 247
17.15 – pp. 171, 183
17.21 – p. 76
18.31 – p. 627
18.37 – p. 131
19.41-44 – p. 44
19.42-44 – p. 50
19.43, 44 – pp. 43, 310, 353
20.37, 38 – p. 177
21.5-36 – p. 50
21.15 – pp. 215, 306
21.20-24 – p. 43
21.27 – p. 85
22.1 – p. 568
22.3 – p. 245
22.4, 52 – pp. 198, 269
22.8 – p. 166
22.12 – p. 87
22.31, 32 – p. 245
22.37 – p. 178
22.56 – p. 215, 490
23.3-19-p. 178
23.4, 14 – p. 178
23.12 – p. 225
23.21 – p. 151
23.22 – p. 273
23.26 – p. 305
23.34 – pp. 99, 183, 373, 623
23.35 – p. 615
23.43 – p. 137
23.46 – p. 373
23.49 - p. 88
23.55, 56 – p. 88
24.1 – p. 88
24.4 – p. 84
24.9, 10 – p. 88
24.13-32 – p. 74
24.21 – p. 345
24.25 – p. 184
24.26, 27 – p. 183
24.27 – p. 415
24.30 – p. 519
24.30, 35 – p. 151
24.34– p. 74
24.36-43 – pp. 74, 75
24.42-43- p. 519
24.44 – p. 46
24.44-49 – p. 277
24.45 – p. 184
24.47 – pp. 81, 173, 277, 520
24.49 – pp. 75, 85, 150
24.49a – p. 80
24.50 – pp. 83, 83
24.50, 51 – p. 83
24.50-53 – p. 72
24.52 – pp. 84, 85, 287
24.53 – p. 108

V.II
1.2 – pp. 471, 532
1.3 – p. 542
1.15 – p. 243
1.47 – p. 310
2.9 – p. 529
2.49 – p. 160
3.1, 2 – p. 53
3.1-3 – p. 241
3.16 – p. 245
4.16 – p. 159
4.22, 29 – p. 38
4.38 – p. 604
4.41 – p. 257
4.43 – p. 160
5.19 – p. 271
6 – p. 160
6.30 – p. 324
6.31 – p. 324
7.5 – p. 519
8.9 – p. 620
8.24 – p. 133
8.29 – p. 312
9.9 – p. 502
9.22, 44 – p. 342
9.50 – p. 256
9.51 – p. 333
10.7 – pp. 208, 322, 471
10.19 – p. 600
11.19 – p. 255
11.46 – p. 71
13.33 – p. 160
15.4-32 – p. 39
15.10 – p. 145
15.20 – p. 325
16.24 – p. 271
18.31-33 – p. 342
19.4 – p. 271
19.47 – p. 485
21.18 – p. 584
21.24 – p. 190
22.4 – p. 360

22.30 – p. 521
22.41 – p. 342
22.42 – p. 341
22.58 – p. 581
23.2 – pp. 167, 519
23.8 – p. 502
23.18 – pp. 368, 401
23.21 – p. 38
24.25-27 – p. 160
24.26 – p. 540
24.26, 46 – p. 541
24.27 – p. 618
24.27, 44 – p. 539
24.45 – p. 129
24.47 – p. 195
44-46 – p. 160

João
1.1-25 – p. 189
1.11 – pp. 178, 648
1.19-27 – p. 623
1.27 – p. 623
1.29 – p. 133
1.33 – p. 148
1.35-51 – p. 93
1.43- p. 517
1.45 – p. 517
2.1.50 – p. 517
2.17 – p. 93
2.18 – p. 200
3.2 – p. 131
3.8 – p. 109
3.16 – p. 642
3.30 – p. 623
3.34 – p. 129
4.2 – p. 527
4.5-22 – p. 268
4.53.6 – p. 487
4.54 – p. 499
5.22, 27 – p. 520
5.25 – p. 475
5.28, 29 – p. 200
5.45, 46 – p. 189
7.5 – p. 89
7.15 – p. 214
7.39 – pp. 129, 141
7.40 – p. 189
7.50 – p. 216
8.14 – p. 551
8.14-17 – p. 272
9.1, 8 – p. 167
9.16, 24 – p. 272
9.39 – p. 520
10.22 – p. 176
10.28 – pp. 179, 651
10.30, 38 – p. 518
10.38 – p. 131
11.18 – p. 83
11.44.61 – p. 475
11.47-53 – p. 204
11.49 – p. 432
11.50 – p. 203
12.8 – p. 161
14.2, 3 – p. 85
14.6 – pp. 211, 515
14.9, 10 – p. 518
14.13, 14 – p. 173
14.26 – pp. 76, 141, 173
15.26 – pp. 80, 141
16.3 – p. 626
16.23, 24 – p. 173
17.2 – p. 651
18.5, 7 – p. 131
18.13, 24 – p. 205
18.13, 14, 24, 28 – pp. 204, 432
18.14 – p. 203
18.16 – p. 214
18.28 – p. 495
18.36 – p. 140
19.1-7 p. 399
19.12-16 – p. 178
19.19 – pp. 131, 170
19.24 – p. 99
19.25 – p. 88
19.38, 39 – p. 628
20.11-18 – p. 74
20.12 – p. 84
20.12.38 – p. 511
20.19-23 – p. 74
20.19-25 – p. 629
20.22 – pp. 73, 80
20.22, 23 – p. 129
20.24-29 – p. 74
21.1 – p. 629
21.1-23 – p. 74
21.13 – p. 519
21.16 – p. 499
21.25 – p. 71
26.31 – p. 629

V.II
2.1.25 – p. 391
3.26 – p. 271
4.4-42 – p. 94
4.20-23 – p. 94
4.21-24 – p. 365
5.28-30 – p. 417
7.3 – p. 356
8.12 – p. 540
9.6, 7 – p. 622
9.39-41 – p. 534
10.1-4, 11, 14, 16 – p. 315
10.15 – p. 319
10.20 – p. 541
10.23 – p. 363
11.24 – p. 524
11.25 – p. 524
12.40 – p. 620
13.13 – p. 144
13.16 – p. 368
15.13 – p. 151
16.2 – p. 380
17.9 – p. 319
17.22 – p. 105
18.12 – pp. 342, 364
18.20 – p. 546
18.22 – p. 417
18.23 – p. 416
18.31 – p. 526
19.1-7 – p. 241
19.15 – pp. 368, 401
26 – pp. 229, 231
35-38 – p. 622

Atos
1 – pp. 17, 51, 73, 101
1-15 – p. 23
1.1 – pp. 18, 22, 40, 51, 71, 71 (n.1), 77
1. 1,2 – pp. 78, 83
1. 1-5 – pp. 60, 68, 70

1. 1-8 – pp. 60, 68, 70
1.1-26 – pp. 5, 60, 67, 68, 69, 70
1.2 – pp. 72, 72 (n. 4), 83, 89, 98
1.3 – pp. 73, 74, 76, 87, 519 (n. 52), 629
1. 3-5 – p. 78
1.3-8 – p. 629 (n. 56)
1.4 – pp. 75, 76, 86, 108, 150
1.4,5 – p. 48
1.4-14 – p. 51
1.5 – pp. 31, 111, 148, 525, 542
1.6 – pp. 74, 78, 82
1.6-8 – pp. 60, 68, 78
1.7 – pp. 78, 79
1.8 – pp. 50, 57, 58, 79, 80, 81, 81 (n. 18), 97, 110, 128, 220, 278 (n.43), 380, 395, 397, 461, 467, 489, 524, 597, 598, 647
1.9 – pp. 83, 86 (n. 26)
1.9-11 – pp. 19, 60, 68, 82, 84, 85
1.10 – pp. 84, 86, 369, 490, 511 (n.37)
1.10-11 – pp. 83, 84, 86
1.11 – pp. 50, 72 (n. 4), 86, 127
1.12 – pp. 83, 86, 589 (n.39)
1.12-14 – pp. 60, 68, 86
1.12-15 – p. 129
1.13 – pp. 60, 87, 108, 568, 577
1.13-14 – p. 89
1.13-15 – p. 224
1.14 – pp. 88, 89 (n.31), 90 (n. 32), 156, 225, 232, 258, 297, 299, 580, 581
1.15 – pp. 88, 94, 108, 152, 161, 254
1.15-20 – pp. 60, 68, 90, 94
1.15-22 – p. 274
1.15-26 – pp. 60, 68, 90
1.16 – pp. 48, 90 (n.33), 91, 94, 95, 138, 138 (n.45), 226, 226 (n.45), 230
1.16-22 – p. 23 (n.15)
1.17 – pp. 26, 94
1. 17,18 – p. 453
1.18 – p. 94
1.18,19 – pp. 91, 92
1.19 – pp. 53, 95
1.20 – pp. 93, 95, 226 (n.45)
1.21 – pp. 80, 98
1.21,22 – pp. 61, 68, 81, 95, 96, 97, 463, 629
1.22 – pp. 72 (n. 4), 76, 81 (n. 18), 97, 201, 236, 278 (n. 43), 518
1.23 – p. 53
1.23-26 – pp. 61, 68, 98
1.24 – pp. 47, 100, 299
1.24-26 – p. 100
1.25 – pp. 100, 101
1.26 – pp. 99, 100, 101, 108, 299
2.1 – pp. 31, 113, 161
2.1-4 – pp. 17, 104, 108, 113, 127, 399
2.1-11 – p. 568
2.1-13 – pp. 61, 104, 107
2.1-41 – p. 598
2.1-47 – pp. 61, 103, 104, 107
2.1-8.1a – pp. 60, 61, 104, 107
2.2 – pp. 108, 111, 113, 114, 232
2.4 – pp. 47, 73, 100, 110, 112, 113, 149, 232, 524, 525
2.5 – pp. 119, 120, 131, 382
2.5-11 – pp. 104, 114, 119, 294
2.6 – pp. 116, 120
2.7 – pp. 115, 226 (n. 45)
2.8 – pp. 111, 116, 121
2.9 – pp. 112, 121, 516 (n.47)
2.9-11 – pp. 18, 114, 116, 117, 118
2.10 – pp. 305, 548 (n. 23), 609
2.11 – pp. 40, 108, 116, 232, 525, 644 (n. 74)
2.12 – pp. 122, 126 (n.30), 142, 271
2.12-13 – pp. 121, 122
1.13 – pp. 112, 122
2.14 – pp. 108, 112, 124, 130, 208, 213
2.14-21 – 104, 123
2.14-36 – pp. 23 (n. 15), 52, 614
2.14-39 – p. 274
2.14-41 – pp. 61, 104, 123
2.15 – p. 122
2.17 – pp. 111, 130, 143, 150
2.17-21 – pp. 128, 129
2.21 – pp. 130, 151, 160, 446 (n.17)
2.22 – pp. 46, 129, 130, 131, 141,176, 624.
2.22-24 – pp. 45, 104, 130, 143
2.22-36 – p. 128
2.23 – pp. 26, 131, 132, 141, 143, 229, 373 (n.38), 518, 626, 627
2.23,24 – pp. 134, 179 (n.18), 209
2.24 – pp. 131, 133, 141, 200, 201 (n.6), 276, 638
2.24,32 – p. 131
2.25 – pp. 137, 226 (n. 45)
2.25-28 – pp. 104, 134, 135, 136, 137, 226 (n. 45)
2.27 – pp. 135, 136, 178, 636
2.28 – p. 135
2.29 – pp. 124, 146, 90 (n. 33), 138 (n. 45), 139, 226 (n. 45), 230 (n. 52), 647 (n. 80)
2.29-32 – p. 136
2.29-35 – p. 637
2.29-36 – pp. 104, 138

2.30 – pp. 140, 143, 145, 191
2.30-36 – p. 145
2.30b – p. 54 (n. 68)
2.31 – pp. 140, 144,183
2.32 – pp. 81 (n.18), 131, 133 (n.38), 141, 143, 145, 183, 201 (n. 6)
2.32-36 – p. 144
2.33 – pp. 71 (n.3), 76, 144, 145, 150, 276, 279, 374
2.34 – pp. 226 (n. 45), 276, 375, 550
2.34,35 – pp. 226 (n. 45), 276
2.36 – pp. 47, 128, 131, 143, 144, 145, 228, 236, 626
2.37 – pp. 90 (n. 33), 108, 124, 138 (n. 45), 141, 146, 280
2.37,38 – p. 639
2.37-39 – p. 153
2.37-41 – pp. 104, 146
2.38 – pp. 49, 52, 112, 113, 120, 147, 148, 149, 150, 170 (n.8), 184, 222, 249, 277, 278, 345, 396, 398, 422, 446 (n. 17), 496, 527, 529, 543, 638 (n. 65)
2.38,39 – pp. 24 (n. 15), 49, 147, 148, 149, 150, 278
2.38-41 – p. 149
2.39 – pp. 149, 154
2.40 – p. 113
2.40,41 – pp. 113, 151, 152
2.41 – pp. 113, 166, 254, 301, 477
2.41,42 – p. 166
2.42 – pp. 49, 73, 88, 153, 154, 155, 156, 159, 294, 298, 629
2.42,43 – pp. 104, 154
2.42-45 – p. 160
2.42-47 pp. 61, 104, 154, 255
2.43 – pp. 156, 165, 248
2.44 – pp. 155, 157, 161, 170, 235, 237
2.44,45 – pp. 157, 170, 235, 237, 246
2.44-47 – pp. 104, 156, 161, 466
2.45 – pp. 161, 238
2.46 – pp. 158, 159
2.46a – p.159
2.47 – pp. 152 (n. 66), 156, 159, 159 (n. 79), 162, 166, 236, 254, 550
3 – p. 194
3.1 – pp. 5, 17, 31, 48, 156, 166, 486, 493, 598
3. 1-5 – pp. 61, 166, 169
3.1.10 – pp. 52, 61, 165, 261, 597
3.1-5.16 – p. 165
3.2 – pp. 167, 221
3.3-7 – p. 130
3.4 – pp. 168, 490
3.5 – pp. 188
3.6 – pp. 43, 131 (n. 35), 154, 168, 170, 170 (n. 8), 173, 201, 208, 273, 387 (n.10), 398 (n.30), 471, 608
3.6-7 – pp. 201, 387 (n.10)
3.6-10 – pp. 164, 170
3.7 – pp. 34, 171, 256 (n.16)
3.7-10 – pp. 173, 174
3.8 – pp. 168, 174
3.10 – p. 174
3.11 – pp. 158, 167, 175, 257
3.11-16 – pp. 164, 175, 181
3.11-26 – pp. 61, 164, 175
3.12 – pp. 176, 490, 624
3.12-26 – pp. 23 (n. 15), 274, 614
3.13 – pp. 47, 177, 229
3.13-15 – pp. 45, 62, 273 (n. 38)
3.14 – pp. 47, 148, 365, 626
3.14,15 – pp. 178, 626
3.15 – pp. 81 (n. 18), 132, 133 (n. 38), 201 (n. 6), 209, 236, 266, 276, 518, 629, 638
3.16 – pp. 25, 179, 189
3.17 – pp. 132, 182, 183, 626
3.17,18 – pp. 132, 182, 183
3.17-23 – pp. 164, 182, 190
3.18 – pp. 132, 229
3.19 – pp. 147, 190, 538 (n. 65), 543
3.19,20 – pp. 50, 184, 185
3.19-21 – p. 27
3.20 – pp. 47, 190, 615
3.21 – pp. 186, 190
3.22 – pp. 45, 47, 187, 188, 190, 348
3.22b – p. 189
3.23 – p. 190
3.24 – pp. 191, 194
3.24-26 – p. 164
3.25 – pp. 191, 192, 513
3.26 – pp. 47, 177, 193, 267, 647
3.36 – p. 637
4 – p. 202
4.1 – pp. 199, 203, 264, 269, 383, 440
4.1,2 – pp. 199, 264
4.1-4 – pp. 196, 198, 231, 568
4.1-7 – p. 261
4.1-21 – pp. 202, 263
4.1-22 – pp. 61, 196
4.2 – pp. 200, 236
4.3 – pp. 201, 257, 258, 265, 389, 570
4.4 – pp. 152 (n. 66), 165, 201, 206, 254, 294, 301 (n. 11), 477, 607
4.5 – pp. 203, 204, 206, 268 (n. 34)
4.5-7 – pp. 196, 203
4.5-22 – p. 268
4.6 – pp. 203, 204, 264, 268 (n. 34), 432 (n. 2)
4.7 – pp. 122, 205, 206
4.8 – pp. 110

4.8-12 – pp. 23 (n.15), 207, 211, 274, 311, 366
4.9 – pp. 207, 213
4.9-12 – p. 213
4.10 – pp. 43, 45, 47, 131 (n. 35), 132, 154, 170 (n. 8), 179 (n. 18), 201 (n. 6), 213, 273, 273 (n. 38), 276, 398 (n. 30), 475, 518, 626, 638
4.10,11 – p. 273 (n. 38)
4.11 – p. 273 (n. 38)
4.12 – pp. 210, 210 (n. 18), 211, 276, 369
4.13 – pp. 174, 214, 218, 230, 231, 647 (n. 80)
4.13-17 – pp. 213, 217
4.15 – p. 282
4.17 – pp. 154, 216, 398 (n. 30)
4.17,18 – p. 398 (n.30)
4.17-20 – 199
4.18 – pp. 154, 261, 287, 398 (n. 30)
4.18-22 – pp. 196, 218, 221, 222, 223
4.19 – pp. 52, 95, 274
4.19,20 – p. 62
4.20 – pp. 95, 190
4.21 – pp. 220, 236, 257, 270, 286, 650
4.22 – pp. 124, 169, 215
4.23 – pp. 190, 254
4.23,24a – pp. 196, 224
4.23-31 – pp. 61, 196, 224, 577
4.24 – pp. 225, 226 (n. 45), 297
4.24-30 – pp. 232, 257
4.24b-28 – pp. 196, 225
4.25 – pp. 48, 226, 226 (n. 45)
4.25,26 – p. 226 (n. 45)
4.27 – pp. 47, 132, 177, 193, 228, 395, 595
4.27,28 – p. 132
4.28 – pp. 132, 229
4.29 – pp. 230, 232, 267, 535 (n. 3), 647 (n. 80)
4.29-31 – pp. 196, 230, 232, 233
4.30 – pp. 230, 256 (n. 17), 398 (n. 30), 549
4.31 – pp. 47, 109, 110, 111, 230, 231, 232, 267, 272, 647 (n. 80)
4.32 – pp. 234, 246, 254
4.32-35 – pp. 196, 234, 237, 255, 466 (n. 47)
4.32-37 – pp. 61, 196
4.33 – pp. 96, 235, 304
4.34 – pp. 49, 170, 236, 246
4.34,35 – 170, 236
4.34a – p. 157
4.34b,35 – p. 158
4.35 – pp. 170, 236, 238, 246
4.36 – pp. 238, 239, 400, 461, 548 (n. 23), 552, 602
4.36,37 – 196, 238, 400, 461
5 – p. 290
5.1 – pp. 170, 244 (n. 1)
5.1,2 – p. 170
5.1-6 – pp. 2, 244, 249.
5.1-11 – 19, 61, 242, 243, 389, 400, 404
5.2 – p. 170
5.2-6 – p. 250
5.3 – pp. 245, 246, 288, 606
5.3,4 – pp. 245, 246
5.4 – pp. 158, 245, 246
5.5 – pp. 156, 247, 248
5.6 – pp. 247, 248
5.7 – p. 251
5.7-9 – p. 254
5.7-11 – pp. 242, 251
5.8 – p. 251
5.9 – p. 252
5.11 – pp. 156, 248, 254 (n. 10), 423
5.12 – pp. 63, 156, 158, 256, 257, 264, 387 (n. 10)
5.12-16 – pp. 61, 242, 255, 466 (n. 47)
5.13 – pp. 256, 257
5. 15,16 – p. 387 (n.10)
5.12a – pp. 255, 256 (n. 15)
5.12b – pp. 255, 256 (n. 15)
5.12b-14 – pp. 256, 259
5.14 – pp. 152 (n. 66), 181, 201, 254, 258, 294, 301 (n. 11), 392, 477
5.14-16 – p. 262
5.15 – pp. 258, 259
5.16 – pp. 260, 261, 387
5.17 – pp. 202, 264, 509
5.17,18 – pp. 202, 264
5.17-20 – pp. 61, 242, 264, 266
5.17-42 – pp. 61, 242, 263
5.18 – pp. 122, 202, 264
5.19 – pp. 264, 346, 486, 569, 571, 572 (n. 13)
5.19,20 – pp. 264, 571
5.20 – pp. 264, 571
5.21 – pp. 267, 516
5.21-26 – pp. 61, 242, 267, 271
5.21b – pp. 267, 268
5.22 – pp. 268, 440
5. 22,23 – p. 268
5.24 – pp. 23 (n. 14), 198, 224 (n. 40), 269
5.25 – pp. 269, 582
5.26 – pp. 53, 198, 270
5.27 – p. 272
5.27,28 – pp. 242, 272
5.27-32 – pp. 61, 242, 278
5.28 – pp. 154, 272, 273, 457
5.29 – pp. 52, 220, 274, 275
5.29-32 – pp. 23 (n. 15), 242, 274, 279, 311, 366
5.30 – pp. 132, 133 (n. 38), 209, 274, 275, 518, 523, 628
5.30-32 – pp. 45, 179 (n. 18)
5.31 – pp. 47, 141, 179, 276, 345, 544, 648 (n. 65)
5.32 – pp. 81 (n. 18), 277

5.33 – pp. 261, 280, 281, 282, 369, 373, 374
5.33,34 – pp. 242, 280, 281, 282
5.33-40 – pp. 71, 242, 280
5.34 – pp. 280, 281, 282
5.34-40 – p. 200
5.35 – p. 282
5.35-39 – pp. 24, 242, 282, 285
5.36 – pp. 282
5.37 – p. 283
5.38 – pp. 220, 232, 284
5.38,39 – pp. 220, 284
5.39 – pp. 220, 284, 431
5.40 – pp. 122, 154, 170 (n. 8), 242, 286, 398 (n. 30)
5.41 – pp. 61, 242, 287, 289, 301, 433
5.41,42 – pp. 61, 287, 289, 424
5.42 – pp. 47, 61, 242, 289
6 – pp. 302, 312
6.1 – pp. 152, 152 (n. 66), 155 (n. 72), 158, 292, 294, 295, 298, 301 (n. 11), 356, 463, 477, 549 (n. 24)
6.1-4 – pp. 292, 294, 298
6.1-6 – p. 49
6.1-7 – pp. 61, 292, 293
6.1-8.1 – pp. 61, 293
6.2 – pp. 96 (n. 41), 155 (n. 72), 294, 299, 535 (n. 3)
6.3 – p. 397
6.4 – pp. 88, 296, 298, 299, 302
6.5 – pp. 20, 21, 39 (n. 52), 47, 299, 300, 369, 374, 547, 552, 644 (n. 74)
6.5-7 – pp. 299, 302
6.6 – pp. 99, 299, 300
6.7 – pp. 155 (n. 72), 279, 294, 301, 477, 535 (n. 3), 550, 587
6.8 – pp. 256 (n. 17), 302, 303, 387 (n. 10)
6.8-10 – pp. 47, 292, 303
6.8-11 – p. 307
6.8-15 – pp. 61, 292, 303
6.9 – pp. 118, 304, 305, 306
6.9,10 – pp. 304, 305, 306, 385
6.10 – pp. 304, 305, 306, 369
6.10,11 – p. 307
6.11 – pp. 308, 319, 356
6.11-15 – pp. 292, 307, 311
6.13 – pp. 81 (n. 18), 356
6.13,14 – pp. 223, 308
6.14 – pp. 43, 131 (n. 35), 311, 355
6.15 – pp. 310, 369, 490
7 – pp. 30, 303, 306, 376
7.1 – pp. 314, 318, 325
7.1-8 – pp. 318, 325
7.1-51 – p. 366
7.1-53 – pp. 61, 316, 317
7.2 – pp. 90 (n. 33), 138 (n. 45), 318, 324, 325
7.2-8 – p. 324
7.2-53 – pp. 23, 29, 614
7.3 – p. 324
7.4 – p. 326
7.4,5 – p. 53
7.5 – pp. 321, 326
7.6 – pp. 326, 631
7.6,7 – pp. 325, 326
7.7 – pp. 322, 326
7.8 – p. 325
7.9-15 – p. 327
7.9-16 – pp. 326, 331
7.10 – p. 306
7.11 – pp. 328, 356 (n. 60)
7.11-13 – p. 332
7.12 – pp. 356 (n. 60)
7.12,13 – p. 332
7.14 – p. 329 (n. 21)
7.14,15 – p. 330
7.15 – pp. 356 (n. 60)
7.16b – p. 331
7.17 – p. 335
7.17-22 – pp. 314, 332, 335
7.19 – pp. 335, 356 (n. 60)
7.21 – p. 346
7.21,22 – p. 336
7.22 – p. 306
7.23 – p. 341
7.23-27 – p. 341
7.23-29 – pp. 336, 340
7.24 – p. 341
7.26 – pp. 341
7.26,27 – p. 341
7.27 – pp. 341, 345, 349
7.29 – p. 631
7.30 – pp. 265, 346
7.30-36 – pp. 314, 341, 346
7.30-38 – p. 410
7.31 – pp. 342, 346
7.32 – pp. 177, 342, 346
7.33 – p. 346
7.34 – p. 346
7.35 – pp. 344, 345, 346, 347, 349
7.35-40 – p. 346
7.36 – pp. 344, 346, 347
7.37 – pp. 188, 340, 346, 347
7.37-43 – pp. 314, 347
7.38 – pp. 346, 348, 354 (n. 10), 356, 356 (n. 60)
7.39 – pp. 341, 356 (n. 60)
7.39-41 – p. 349
7.39-43 – p. 354
7.41 – p. 355
7.41-43 – p. 355
7.42 – p. 355
7.43 – p. 355
7.44 – pp. 355, 356 (n. 60)
7.44-50 – pp. 314, 355, 361
7.45 – pp. 226 (n. 45), 356 (n. 60)
7.46 – p. 358
7.46-48 – p. 362
7.47 – p. 358
7.48 – pp. 362
7.48,49 – p. 308
7.51 – p. 363
7.51,52 – p. 356
7.51-53 – pp. 356, 363, 367
7.52 – pp. 47, 178 (n. 17),

364, 365
7.53 – pp. 348 (n. 51), 364, 365
7.54 – p. 280
7.54,55 – p. 374
7.54-60 – pp. 374, 375, 568
7.54-8.1a – p. 314
7.55 – pp. 72 (n. 3), 369, 370, 441, 490, 552
7.56 – pp. 47, 436, 375
7.57,58 – p. 280
7.58 – pp. 81 (n. 18), 122, 204, 306, 375, 382, 430
7.59 – 72 (n. 3)
7.59,60 – p. 375
7.60 – pp. 201, 389, 637
8 – p. 426
8.1 – pp. 237, 254 (n. 10), 430, 467, 566
8.1-4 – 201, 202, 546
8.1a – pp. 372, 374, 382
8.1b – pp. 152, 380, 389
8.1b-3 – pp. 379, 383
8.1b-11.18 – p. 379
8.2 – pp. 114, 381, 382
8.2,3 – pp. 381, 382
8.3 – pp. 254 (n. 10), 258, 381, 382, 430, 431
8.4 – pp. 385, 388
8.4-7 – p. 388
8.4-8 – p. 385
8.4-25 – pp. 61, 143, 325, 378, 385
8.4-40 – p. 384
8.5 – pp. 47, 385, 386, 388, 397
8.5-25 – p. 21
8.6 – pp. 386, 387, 388, 395
8.7 – pp. 386, 387, 388
8.8 – p. 159
8.9 – pp. 389, 398
8.9-11 – p. 394
8.9-13 – pp. 378, 389, 394
8.10 – pp. 390, 395
8.11 – pp. 390, 395
8.11-17 – p. 399
8.12 – pp. 74, 148, 170 (n. 8), 258, 391, 392, 393, 398 (n. 30), 608
8.13 – pp. 249, 391, 392, 393
8.14 – pp. 17, 166, 400, 535 (n. 3), 551, 650
8.14-17 – pp. 48, 395, 396, 400, 597
8.15 – pp. 397, 400
8.15-17 – pp. 524, 526
8.16 – pp. 170 (n. 8), 397
8.16,17 – pp. 112, 400
8.17 – pp. 17, 110, 127, 149, 301 (n. 10), 398, 399
8.18 – p. 401
8.18,19 – p. 401
8.18-23 – pp. 405, 406
8.18-24 – p. 597
8.19 – p. 401
8.20 – pp. 23 (n. 14), 149, 402
8. 20-23 – p. 403
8.21 – pp. 393, 406
8.22 – pp. 249, 404, 543
8.23 – p. 404
8.24 – pp. 55, 407, 408
8.24,25 – pp. 407, 408
8.25 – pp. 407, 408, 468, 589 (n. 39)
8.26 – pp. 266, 409, 410, 413, 486, 572 (n. 13)
8.26-28 – p. 413
8.26-29 – p. 409
8.26-40 – pp. 21, 409
8.27 – pp. 413
8.28 – p. 413
8.29 – pp. 410, 500
8.30 – pp. 410, 414, 418
8.30-33 – pp. 378, 414, 418
8.31 – pp. 23 (n.14), 414, 418
8.33 – p. 419
8.34,35 – p. 419
8.34-40 – p. 424
8.35 – p. 513 (n. 40)
8.36 – pp. 425, 526
8.36-39 – p. 399
8.36-40 – pp. 378, 421
8.37 – pp. 54 (n. 68), 422
8.38 – pp. 302, 422, 452
8.39 – pp. 159, 422, 423, 596 (n. 8), 608
8.40 – pp. 422, 423, 425, 470, 473, 484, 488
9 – p. 479
9.1 – pp. 155 (n. 72), 294, 382 (n. 7), 431, 435, 458.
9.1,2 – pp. 431, 432
9.1-3 – pp. 431
9. 1-9 – pp. 61, 430, 441
9.1-19 – pp. 52, 433, 434, 448, 538
9.1-19a – p. 454
9.1-31 – pp. 61, 430
9.2 – pp. 258, 288, 301, 431, 435
9.3 – pp. 433, 434
9.4 – pp. 435, 437
9.4-6 – pp. 435, 437
9.4-9 – p. 440
9.5 – pp. 72 (n. 3), 437, 487
9.5b-6a – p. 54 (n.68)
9.6 – p. 438
9.7 – pp. 311 (n. 23), 371, 438, 441, 442
9.7-9 – pp. 438, 441
9.8 – pp. 434, 442
9.8-18 – p. 607
9.9 – pp. 439, 442
9.10 – pp. 126 (n. 30), 155 (n. 72), 244 (n. 1), 294, 431, 442
9.10-12 – pp. 442
9.10-16 – pp. 72 (n. 3)
9.10-17 – p. 244
9.10-19 – p. 440
9.10-25 – pp. 61, 442
9.11 – pp. 443, 444, 444 (n. 16)
9.11-16 – p. 486
9.12 – pp. 126 (n. 30), 443, 444, 451, 486
9.13 – pp. 446 (n. 17), 470
9.13,14 – pp. 445, 446

9.14 – pp. 128, 224 (n. 40), 432
9.15 – pp. 437, 447, 448, 449, 483, 614
9.15,16 – pp. 447, 449
9.16 – pp. 288, 437, 447, 449
9.17 – pp. 110, 399, 449, 450, 452, 597, 606
9.17,18 – p. 439
9.17-19a – pp. 428, 449, 452
9.18 – pp. 451, 452, 453
9.19 – pp. 155 (n. 72), 294, 431, 453
9.19a – p. 453
9.19b – pp. 430, 454
9.19b-22 – pp. 453, 454
9.19b-25 – pp. 459 (n. 40), 460
9.20 – pp. 47, 455, 457
9.20,21 – p. 457
9.21 – pp. 224 (n. 40), 382 (n. 7), 455, 457
9.22 – pp. 122, 456
9.23 – pp. 454, 459
9.23,24 – pp. 457
9.23-25 – pp. 31, 428, 454, 457, 459
9.24 – pp. 460
9.25 – pp. 155 (n. 72), 460
9.26 – pp. 155 (n. 72), 381, 431, 460, 465
9.26-28 – pp. 454, 465
9.26-30 – pp. 61, 428, 460, 465
9.27 – pp. 170 (n. 8), 230 (n. 52), 398 (n. 30), 461, 462, 466, 554, 647 (n. 80)
9.27,28 – pp. 230 (n. 52), 647 (n. 80)
9.28 – pp. 230 (n. 52), 466, 647 (n. 80)
9.29 – pp. 295, 303, 461, 549 (n. 24), 566
9.29,30 – p. 559
9.30 – pp. 444 (n. 16), 454, 464, 484
9.31 – pp. 61, 152 (n. 66), 254 (n. 10), 301 (n. 11), 428, 466, 467, 468
9.32 – pp. 446 (n. 17), 469, 470, 471
9.32-34 – p. 471
9.32-35 – pp. 428, 469
9.32-38 – p. 424
9.32-11.18 – p. 469
9.34 – pp. 72 (n. 3), 472
9.35 – pp. 152 (n.66), 470, 477
9.36 – pp. 53, 431, 472, 478
9.36-39 – p. 478
9.36-42 – pp. 52
9.36-43 – pp. 41, 472
9.37 – p. 472
9.38 – pp. 155 (n. 72), 431, 478
9.39 – p. 474
9.40 – pp. 53, 201
9.41 – pp. 256 (n. 16), 446 (n. 17), 470
9.42 – pp. 152 (n.66), 477
9.43 – pp. 489, 538 (n. 11)
9.44 – p. 285
10 – pp. 504, 529, 530
10.1 – pp. 118, 484
10.1,2 – p. 71
10.1-3 – p. 484
10.1-6 – p. 489
10.1-8 – pp. 61, 483
10.1-11.18 – pp. 21, 57, 492, 534
10.2 – pp. 412, 485, 487, 625
10.3 – pp. 126 (n. 30), 486, 572 (n. 13)
10.3-6 – pp. 445, 538 (n. 11)
10.4 – pp. 486, 487, 490
10.4-6 – pp. 487, 490, 541
10.5,6 – pp. 488, 490
10.6 – pp. 476, 538 (n. 11)
10.7 – pp. 486, 501
10.7,8 – p. 491
10.9 – p. 491
10.9,10 – pp. 493
10.9-13 – pp. 493, 495, 496
10.9-16 – pp. 52, 421, 445, 538 (n. 11)
10.9-23a – p. 492
10.10 – pp. 442, 443, 503
10.10-16 – p. 386
10.12 – p. 71
10.13-15 – pp. 72 (n. 3)
10.13 – p. 443
10.14 – pp. 499, 508
10.14,15 – p. 499
10.14-16 – 497, 498
10.15 – p. 499
10.17 – pp. 23 (n.14), 499, 501, 538 (n. 11), 581 (n. 26)
10.17-20 – pp. 499, 501
10.18 – pp. 499, 501
10.19 – pp. 500, 501, 596 (n. 8)
10.20 – pp. 500
10.21-23a – p. 502
10.22 – pp. 287, 297, 503, 511, 538 (n. 11)
10.23 – p. 491
10.23-29 – p. 508
10.23b – p. 509
10.23b-29 – pp. 482, 509
10.23b-48 – pp. 482, 504, 505, 509
10.24 – pp. 424, 491
10.24,25 – p. 509
10.24-48 – pp. 143, 421
10.27,28 – p. 510
10.28 – pp. 45, 52, 536
10.30 – pp. 491, 505, 512
10.30-32 – p. 538 (n.11)
10.30-33 – pp. 23, 510, 512
10.31,32 – pp. 510, 541
10.32 – pp. 476, 538 (n. 11)
10.33 – p. 512
10.34 – pp. 26, 509 (n. 33), 513, 522
10.34,35 – pp. 512, 525
10.34-42 – p. 45
10.34-43 – pp. 23 (n. 15),

521, 522
10.35 – p. 514
10.36 – pp. 47, 515
10.36,37 – pp. 26, 522
10.36-38 – pp. 512, 522, 523
10.36-43 – p. 535
10.37 – pp. 96, 522
10.38 – pp. 131 (n. 35), 229, 522
10.38-40 – p. 43
10.39 – pp. 81 (n. 18), 132, 523
10.39-41 – pp. 179 (n. 18), 512, 518
10.40 – pp. 133 (n. 38), 201 (n. 6)
10.40,41 – p. 75
10.41 – pp. 47, 81 (n. 18), 141, 523, 529
10.42 – pp. 26, 50, 523
10.42,43 – pp. 512, 520
10.43 – pp. 211, 277, 523, 638 (n. 65)
10.44 – pp. 48, 127, 396, 397, 512, 524, 528, 545, 596 (n. 8), 608
10.44, 45 – p. 112
10.44-46 – pp. 17, 110, 524
10.44-47 – p. 399
10.44-48 – pp. 399, 524, 527, 528, 529
10.45 – pp. 149, 505, 529, 537, 520
10.45,46 – pp. 397, 525
10.46 – pp. 47, 124. 524-5
10.47 – pp. 421, 429
10.48 – pp. 148, 170 (n. 8), 398, 422, 429
11 – pp. 561, 566
11.1 – pp. 525 (n. 62), 535, 537, 650
11.1-3 – pp. 535, 537
11.1-18 – pp. 505, 533, 534
11.2 – p. 538
11.2,3 – p.507
11.3 – pp. 495, 538
11.4 – p. 253
11.4-10 – p. 538
11.5-10 – pp. 52, 538 (n. 11)
11.5-17 – p. 23 (n. 15)
11.6 – pp. 491, 540
11.11 – pp. 502, 541
11.11-14 – pp. 540, 541
11.12 – pp. 500, 504, 505, 525, 527, 540
11.13 – p. 538 (n. 11)
11.13,14 – p. 541
11.14 – pp. 511 (n. 38)
11.15 – pp. 524, 525, 544, 545
11.15-18 – pp. 541, 544, 545
11.16 – pp. 76, 421, 525, 545
11.17 – pp. 48, 149, 150, 396, 525, 545
11.18 – pp. 495, 525 (n. 62), 543, 544, 545, 650
11.19 – pp. 39 (n. 52), 380, 446, 496, 547, 593 (n. 1), 602
11.19,20 – p. 595
11.19-21 – p. 547
11.19-30 – pp. 546, 593
11.19-13.3 – p. 546
11.20 – pp. 39 (n. 52), 96, 118, 295, 548, 549 (n. 24), 593 (n. 1)
11.20,21 – pp. 380, 550
11.21 – pp. 152 (n. 66), 549
11.22 – pp. 20, 39 (n. 52), 40, 254 (n. 10), 559, 593 (n. 1), 594, 598
11.22,23 – pp. 552
11.22-24 – pp. 550, 551
11.23 – p. 645
11.24 – pp. 20, 152 (n. 66), 462
11.25 – p. 444 (n. 16)
11.25,26 – pp. 552, 553, 554, 556, 595
11.26 – pp. 39 (n. 52), 40, 155 (n. 72), 157, 470, 554 (n. 10), 555, 593 (n. 1), 594
11.27 – pp. 39 (n. 52), 593 (n. 1)
11.27,28 – pp. 32, 55
11.27-30 – pp. 557, 593
11.28 – pp. 48, 557, 560
11.28-30 – p. 560
11.29 – pp. 32, 155 (n. 72), 558
11.29,30 – pp. 32, 558, 559, 560
11.30 – pp. 478, 551, 559, 560, 587
12 – pp. 566, 590
12.1 – pp. 254 (n. 10), 557, 570
12.1-5 – pp. 566, 570
12.1-19 – pp. 565, 566
12.2 – pp. 33, 96, 580
12.2-4 – p. 33
12.3 – p. 570
12.3-11 – p. 52
12.3-17 – p. 33
12.4 – p. 570
12.4-10 – p. 265
12.5 – pp. 254 (n. 10), 270
12.6 – pp. 575
12.6-11 – pp. 571, 575
12.7,8 – 576
12.7-10 – pp. 266, 410, 486
12.9 – pp. 126 (n. 30)
12.10 – pp. 55, 573, 576
12.11 – pp. 574, 576
12.12 – pp. 21, 87, 239, 380, 576
12.12-17 – p. 576
12.13 – pp. 21, 577
12.14 – pp. 577, 581
12.15 – p. 581
12.15,16 – p. 578
12.17 – pp. 19, 257 (n. 19), 431, 579, 580, 581, 582, 613
12.18,19 – pp. 582, 583
12.19 – pp. 34, 569, 574, 584

12.20 – pp. 33, 584, 589
12.20-25 – p. 584
12.21 – p. 33
12.21-23 – pp. 33, 585, 586, 588
12.23 – pp. 266, 410, 467, 572 (n. 13)
12.24 – pp. 301 (n. 11), 550, 587
12.24,25 – p. 587
12.25 – pp. 34, 589, 589 (n. 39), 602
13 – pp. 610, 656
13.1 – 20, 39 (n. 52), 118, 254 (n. 10), 537, 548 (n. 23), 557, 593 (n. 1), 594, 598
13.1,2 – pp. 48, 598
13.1-3 – pp. 587, 593, 597
13.2 – pp. 430, 448 (n. 21), 478, 500, 538, 598
13.2,3 – pp. 301, 595, 596
13.3 – pp. 538
13.4 – p. 606
13.4,5 – pp. 548 (n. 23), 577, 601, 602
13.4-12 – pp. 601, 608
13.4-14.28 – p. 601
13.5 – pp. 454 (n. 31), 535 (n. 3), 588, 603, 612 (n. 31)
13.6 – pp. 53, 395
13.6-12 – pp. 579, 603
13.7 – 21, 34, 535 (n. 3), 604
13.8 – pp. 301, 395
13.9 – pp. 110, 490, 605
13.10 – pp. 606, 608
13.11 – p. 549
13.11b,12 – p. 607
13.12 – p. 34
13.13 – pp. 118, 226 (n. 45), 577, 589 (n. 39), 609, 610, 612, 613
13.13-15 – pp. 609, 612
13.13-52 – p. 608
13.14 – pp. 27, 454 (n. 31)
13.14,15 – pp. 611, 613
13.15 – pp. 90 (n. 33), 138 (n.45), 614, 626, 641
13.16 – pp. 487, 579, 614, 620, 625, 644
13.16-22 – pp. 613, 620
13.16-41 – pp. 24 (n. 16), 52
13.17-37 – p. 45
13.18 – pp. 616, 620
13.19,20a – p. 621
13.19b,20a – pp. 616, 617
13.20 – pp. 191, 616
13.22 – pp. 226 (n. 45), 618, 619, 621
13.23 – pp. 276, 621, 625, 633
13.23,24 – p. 624
13.23-25 – pp. 621, 624
13.24,25 – pp. 622, 623
13.25 – p. 624
13.26 – pp. 90 (n. 33), 138 (n. 45), 487, 624, 630, 647
13.26-31 – pp. 624, 630, 631
13.27 – pp. 132, 183, 625, 626, 631
13.28 – pp. 627, 631
13.28-31 – p. 179 (n. 18)
13.29 – pp. 275, 627, 630
13.30 – pp. 133 (n. 38), 141, 201 (n. 6)
13.30,31 – p. 631
13.31 – pp. 81, 81 (n. 18)
13.32 – pp. 629, 642
13.32-41 – pp. 631, 642, 643
13.33 – pp. 141, 201 (n. 6), 226 (n. 45), 228, 642
13.33,34 – pp. 141
13.34 – pp. 133 (n. 38), 141, 201 (n. 6), 226 (n. 45), 589 (n. 39)
13.34,35 – p. 643
13.35 – pp. 135, 226 (n. 45), 635
13.36 – pp. 226 (n. 45), 637
13.36,37 – p. 136
13.37 – pp. 133 (n. 38), 141, 201 (n. 6)
13.38 – pp. 52, 90 (n. 33), 138 (n. 45), 208, 213, 277, 638, 639
13.38,39 – p. 643
13.39 – pp. 28, 641
13.40,41 – pp. 640, 641, 643
13.42 – pp. 644, 646, 647
13.42-45 – pp. 643, 646
13.43 – pp. 552, 644
13.44 – pp. 535 (n. 3), 645, 647, 650
13.45 – pp. 645, 647
13.46 – pp. 193, 230 (n. 52), 448 (n. 21), 553 (n. 3), 610, 647 (n. 80), 654
13.46-52 – pp. 647, 654
13.47 – pp. 648
13.48 – pp. 46, 159, 525 (n. 62), 526, 535 (n. 3), 650, 655
13.49 – pp. 648, 651
13.50 – 27, 258, 380, 625, 651
13.50,51 – p. 27
13.51 – pp. 27, 652, 653, 653 (n. 86)
13.52 – pp. 110, 155 (n. 72), 159, 354, 652, 653, 655
14 – pp. 610
14.1 – pp. 152 (n. 66), 454 (n. 31), 549 (n. 25), 550, 612 (n. 31)
14.1-4 – p. 231
14.3 – pp. 230 (n. 52), 256 (n. 17), 647 (n. 80)
14.4-6 – p. 27
14.8-10 – pp. 52, 597
14.8-18 – p. 176
14.9 – pp. 490
14.9,10 – pp. 171
14.10 – p. 173
14.11 – p. 115

14.11,12 – p. 588
14.13-15 – p. 588
14.14 – pp. 448, 597, 605
14.14,15 – p. 506
14.15-17 – pp. 24 (n. 16), 614
14.19 – pp. 27, 652
14.21 – pp. 152 (n. 66), 589 (n. 39)
14.21-24 – p. 652
14.21-25 – p. 597
14.22 – pp. 74, 552, 645
14.23 – pp. 49, 254 (n. 10), 560, 596
14.25 – p. 610
14.26 – pp. 39 (n. 52), 593 (n. 1)
14.27 – pp. 254 (n. 10), 449, 525 (n. 62), 596, 610
15.1 – pp. 508
15.1-35 – pp. 601
15.2 – pp. 559
15.3 – pp. 159, 254 (n. 10)
15.4 – pp. 49, 254 (n. 10), 497
15.5 – pp. 264 (n.28), 537
15.7 – pp. 53, 90 (n. 33), 138 (n. 45), 525 (n. 62)
15.7-10 – p. 45
15.7-11 – pp. 23 (n.15), 508, 580
15.8 – p. 98
15.8-11 – p. 524
15.9 – p. 26
15.12 – pp. 49, 256 (n. 17), 525 (n. 62), 605
15.13 – pp. 90 (n. 33), 138 (n.45)
15.13-21 – pp. 23, 580
15.16 – p. 226 (n. 45)
15.18 – p. 54 (n. 68)
15.19,20 – p. 496
15.20 – pp. 543
15.21 – pp. 626
15.22 – pp. 20, 39 (n. 52), 49, 98, 254 (n. 10), 593 (n. 1)
15.23 – pp. 39 (n. 52), 464, 537, 593 (n. 1)
15.23-29 – p. 24
15.27 – p. 478
15.28 – pp. 48, 543
15.28,29 – p. 543
15.29 – p. 543
15.30 – pp. 39 (n. 52), 593 (n. 1)
15.32 – pp. 20, 557 (n. 39)
15.34 – p. 54 (n. 68)
15.35 – pp. 39 (n. 52), 593 (n. 1)
15.37-39 – p. 611
15.37-40 – p. 577
15.40 – p. 27
15.41 – pp. 48, 254 (n.10), 306, 464, 553
16-28 – p. 23
16.1 – p. 549 (n. 25)
16.1-3 – p. 27
16.2 – p. 297
16.3 – p. 549 (n. 25)
16.5 – pp. 48, 152 (n. 66), 254 (n. 10), 301 (n. 11), 550
16.6 – p. 118
16.6,7 – p. 48
16.7 – pp. 48, 72 (n. 3), 73, 424
16.10-17 – pp. 19 (n. 6), 40
16.14 – pp. 20, 490, 645 (n. 74)
16.14,15 – p. 514
16.15 – p. 541
16.16 – p. 261
16.16-18 – p. 387
16.18 – pp. 170 (n. 8), 398 (n. 30)
16.19-40 – p. 20
16.26 – p. 231
16.26-30 – p. 52
16.27 – p. 582
16.30 – pp. 55, 146
16.30-34 – p. 399
16.31 – pp. 96, 487
16.31-34 – p. 487
16.32 – p. 535 (n. 3)
16.34 – pp. 159, 487
16.37 – p. 553
16.37,38 – p. 52
16.39,40 – pp. 52
17.1 – p. 612 (n. 31)
17. 1-9 – p. 28
17.2 – pp. 454 (n. 31), 612 (n. 312)
17.3 – p. 47
17.4 – pp. 126, 487, 490, 514, 549 (n. 25), 644 (n. 74), 652
17.6 – p. 32
17.10 – pp. 454 (n. 31), 612 (n. 31)
17.11 – pp. 23 (n. 14), 325, 650
17.12 – pp. 126, 152 (n. 66), 514
17.13 – p. 535 (n. 3)
17.17 – pp. 454 (n. 31), 487, 612 (n. 31), 644 (n. 74)
17.18 – p. 23 (n. 14)
17.20 – p. 121
17.22-31 – p. 24 (n. 16)
17.24 – pp. 359 (n. 67), 362
17.24-31 – p. 45
17.27 – p. 23 (n. 14)
17.31 – pp. 47, 50, 133 (n. 38), 141, 201 (n. 6), 520
17.32 – pp. 49, 519
18.1,2 – p. 21
18.2 – pp. 27, 35, 36
18.4 – pp. 454 (n. 31), 549 (n. 25), 612 (n. 31)
18.5 – p. 47
18.6 – pp. 648, 653
18.6-10 – p. 46
18.7 – pp. 21, 98, 487, 490, 644 (n. 74)
18.7,8 – p. 514
18.8 – pp. 21, 27, 487, 541
18.9 – pp. 72 (n. 3), 83, 126 (n. 30)
18.9,10 – p. 434
18.11 – p. 535 (n. 3)

18.12 – pp. 21, 35, 603
18.17 – pp. 21, 27, 48
18.19 – pp. 454 (n. 31), 612 (n. 31)
18.22 – pp. 19, 39 (n. 52), 254 (n. 10), 593 (n. 1)
18.23 – pp. 118, 593 (n. 1), 605
18.24 – p. 27
18.24-26 – p. 21
18.26 – pp. 126, 230 (n. 52), 612 (n. 31), 647 (n.80)
18.28 – p. 420
19.1-6 – pp. 110, 622
19.1-7 – pp. 48, 148, 399
19.5 – pp. 148, 170 (n. 8), 398, 422, 527
19.6 – pp. 17, 47, 112, 124, 127, 301 (n. 10), 397, 398, 399, 525, 557 (n. 39)
19.8 – pp. 74, 230 (n. 52), 392, 454 (n. 31), 612 (n. 31), 647 (n. 80)
19.9 – pp. 54, 288, 433
19.10 – p. 549 (n. 25)
19.12 – pp. 259, 387
19.13 – pp. 171 (n. 8), 398 (n. 30), 604
19.13-16 – p. 180
19.15 – p. 261
19.17 – pp. 156, 171 (n. 8), 248, 398 (n. 30), 549 (n. 25)
19.20 – 301 (n. 11), 550, 587
19.22 – p. 478
19.23 – pp. 288, 433
19.25-27 – p. 24
19.32 – pp. 120, 254 (n. 10)
19.33 – p. 613
19.35-40 – p. 24
19.38 – p. 603
19.39 – p. 254 (n. 10)
19.41 – p. 254 (n. 10)
20.3 – p. 21
20.4 – p. 21
20.5-21.18 – pp. 19 (n. 6), 40
20.6 – p. 21
20.7 – p. 22
20.9-12 – p. 52
20.11 – p. 155
20.15,16 – p. 22
20.16 – pp. 23 (n. 14), 113
20.17 – pp. 254 (n. 10), 560
20.18-35 – p. 24 (n. 16)
20.19 – p. 28
20.21 – pp. 96, 549 (n. 25)
20.24 – pp. 28, 96
20.25 – pp. 42, 42 (n. 54), 74, 392
20.27,28 – p. 45
20.28 – pp. 49, 254 (n. 10)
30.31 – p. 50
20.32 – p. 232
20.33-35 – p. 402
20.35 – pp. 72 (n. 3), 96
20.38 – p. 42
21-26 – p. 22
21.1-8 – p. 22
21.6 – p. 589 (n. 39)
21.8 – pp. 21, 300, 302, 389, 424, 452
21.8,9 – p. 424
21.9 – p. 126
21.9,10 – p. 557 (n. 39)
21.10,11 – pp. 48, 558
21.11 – p. 500
21.13 – pp. 171 (n. 8), 398 (n. 30)
21.16 – p. 548 (n. 23)
21.17,18 – p. 19
21.17-19 – p. 49
21.19 – p. 580
21.20 – pp. 477, 650
21.20-25 – p. 23
21.21 – p. 301
21.27 – p. 120
21.27-40 – p.199
21.28 – pp. 309, 549 (n. 25)
21.30-36 – pp. 42, 373
21.31 – p. 120
21.33 – p. 23 (n. 14)
21.38 – p. 43
21.39 – pp. 444, 444 (n. 16), 553
21.40 – pp. 573, 579, 613
22.1 – pp. 90 (n. 33), 138 (n. 45), 318
22.1-21 – pp. 24 (n. 16), 42, 448
22.3 – pp. 281, 372, 444, 444 (n. 16), 554
22.3-16 – pp. 52, 538
22.4 – pp. 288, 382 (n. 7), 431
22.4-16 – pp. 433, 434
22.5 – p. 431
22.6 – pp. 410, 434
22.6-21 – p. 448
22.7 – p. 441
22.7-10 – p. 72 (n. 3)
22.8 – pp. 43, 131 (n. 35)
22.9 – pp. 438, 441
22.10 – p. 146
22.12 – pp. 114, 297, 382 (n. 5), 443
22.13 – p. 451
22.14 – pp. 47, 177, 178 (n. 17), 365, 436, 614
22.14-16 – p. 451
22.15 – p. 81 (n. 18)
22.16 – pp. 446 (n. 18), 453, 478
22.17 – p. 589 (n. 39)
22.17,18 – pp. 461, 494
22.17-21 – p. 434
22.18-21 – p. 72 (n. 3)
22.19 – p. 382 (n. 7)
22.20 – pp. 81 (n. 18), 311, 374
22.21 – p. 448 (n. 21)
22.25-28 – p. 52
22.28 – p. 444, 553
22.30 – p. 224 (n. 30)
22.30-23.5 – p. 244
22.30-23.10 – p. 206
23.1 – pp. 90 (n. 33), 138 (n.45), 490
23.1-5 – p. 509
23.2 – pp. 204, 244 (n. 1),

443
23.5 – p. 138 (n. 45)
23.6 – pp. 90 (n. 33), 138 (n. 45)
23.6-8 – pp. 202, 265
23.8 – pp. 200, 265
23.11 – p. 72 (n. 3)
23.14 – pp. 207, 225 (n. 40)
23.16 – pp. 458, 460
23.23 – p. 478
23.26 – pp. 40, 71
23.27-30 – p. 24
23.30 – p. 458
23.32 – p. 589 (n. 30)
24.2 – p. 37
24.2-8 – p. 24
24.3 – pp. 40, 71
24.5 – pp. 131 (n. 35), 264 (n. 28), 555
24.b-8a – p. 54 (n. 68)
24.9 – p. 325
24.10 – p. 37
24.10-21 – p. 24 (n. 16)
24.12 – p. 532
24.14 – pp. 264 (n. 28), 288, 433
24.17 – pp. 77, 559 (n. 41)
24.19 – p. 23 (n. 14)
24.22 – pp. 288, 433
24.25 – p. 520
24.27 – p. 36
25.1 – pp. 23 (n. 14), 37, 38
25.6 – p. 38
25.11,12 – p. 448
25.13-22 – p. 38
25.15 – pp. 207, 225 (n. 40)
25.16 – p. 23 (n. 14)
25.20 – p. 23 (n. 14)
25.21 – p. 448
25.24-27 – p. 24
25.25 – p. 448
26.1 – pp. 579, 613
26.2-23 – p. 24 (n. 16)
26.5 – p. 264 (n. 28)
26.9 – pp. 43, 131 (n. 35), 171 (n. 8), 398 (n. 30)
26.9-18 – p. 538
26.10 – pp. 225 (n. 40), 382, 431, 446 (n. 17), 470
26.10,11 – p. 382 (n. 7)
26.11 – p. 646
26.12 – pp. 225 (n. 40), 431
26.12-18 – pp. 52, 433, 434, 448
26.13 – p. 434
26.13,14 – p. 438
26.14 – pp. 436, 437
26.14-17 – p. 72 (n. 3)
26.15 – p. 436
26.16 – p. 81 (n. 18)
26.16-18 – p. 449
26.18 – pp. 606, 638 (n. 65)
26.24 – p. 49
26.25 – pp. 40, 71
26.25-27 – p. 24 (n. 16)
26.26 – pp. 230 (n. 52), 647 (n. 80)
26.28 – pp. 448, 554
26.29 – p. 23 (n. 14)
26.32 – p. 448
27 – p. 57
27-28 – p. 22
27.1-28.16 – pp. 19 (n. 6), 40
27.7 – pp. 119, 459
27.12 – p. 23 (n. 14)
27.21-26 – p. 24 (n. 16)
27.22 – p. 233
27.23 – pp. 266 (n. 31), 572 (n. 13)
27.39 – p. 23 (n. 14)
27.42 – p. 582
27.43 – p. 42
28 – pp. 43, 57
28.8 – pp. 256 (n. 16), 301 (n. 10)
28.16 – p. 571 (n. 12)
28.16b – p. 54 (n. 68)
28.17 – pp. 90 (n. 33), 138 (n. 45)
28,17-20 – p. 24 (n. 16)
28.19 – p. 448
28.22 – p. 264 (n. 28)
28.23 – p. 74, 392
28.25 – p. 48
28.28 – p. 208, 213, 638
28.29 – p. 54 (n. 68)
28.30 – p. 41
28.30,31 – p. 42
28.31 – pp. 42, 51, 74, 230 (n. 52), 301 (n. 11), 392, 647 (n. 80)

V.II
1.1 – pp. 77, 217
1.3 – pp. 42, 567
1.4,5 – p. 163
1.5 – p. 244
1.8 – pp. 247, 264, 312, 370, 537, 617, 627
1.11 – p. 315
1.13,14 – p. 383
1.21,22 – pp. 19, 532
1.23 – p. 89
1.23-26 – p. 44
2.1 – p. 567
2.1-4 – p. 68
2.5 – p. 77
2.6 – p. 363
2.10 – pp. 120, 232, 608
2.11 – p. 246
2.14 – pp. 167, 623
2.22 – p. 453 (n. 9)
2.23 – pp. 94 (n. 58), 130, 315
2.24 – pp. 161, 196 (n. 68), 421 (n. 15), 462 (n. 27)
2.25 – pp. 143, 464
2.29 – p. 612 (n. 29)
2.32 – pp. 161, 196 (n. 68), 462 (n. 27)
2.37 – p. 612 (n. 29)
2.38 – p. 392
2.40 – p. 307 (n. 28)
2.41 – pp. 246, 248, 392
2.42 – pp. 98, 294
2.43 – p. 253
2.44,45 – p. 296
2.46 – p. 294
2.47 – p. 115
3.1-10 – pp. 24, 466
3.2 – p. 24

3.3 – p. 348
3.4 – p. 25
3.5 – p. 16
3.6 – pp. 133, 256, 385 (n. 15), 453 (n. 9)
3.11 – p. 363
3.13 – p. 390
3.14 – p. 391 (n. 14)
3.15 – pp. 79, 112, 196 (n. 68), 421 (n. 15), 462 (n. 27)
3.16 – p. 24
3.17 – pp. 195, 380
3.17-19 – p. 314
3.18 – p. 541
3.21 – p. 161
3.26 – p. 196 (n. 68)
4.1 – pp. 360, 362
4.1-4 – p. 420
4.2 – pp. 421, 421 (n. 45)
4.3 – p. 526
4.3-21 – p. 39
4.5 – p. 44
4.6 – pp. 381, 409, 484, 529
4.7 – p. 409
4.8 – p. 428
4.8-12 – p. 467
4.10 – pp. 385 (n. 15), 421 (n. 15), 453 (n. 9), 462 (n. 27), 623
4.12 – pp. 25, 467
4.18 – p. 143
4.19,20 – p. 467
4.20 – p. 391
4.23 – p. 429 (n. 29)
4.28 – p. 315
4.29 – p. 16 (n. 4)
4.31 – pp. 16 (n. 4), 141, 172 (n. 26)
4.33 – p. 196 (n. 68)
4.36 – pp. 102, 105, 209, 344
4.36,37 – p. 142
5.1 – p. 389
5.1-10 – p. 383
5.1-11 – p. 296
5.3 – p. 534
5.4 – p. 264 (n. 37)
5.5 – p. 259
5.11 – p. 259
5.12 – pp. 16, 89, 94 (n. 58), 253, 363
5.15 – p. 253
5.17 – pp. 164, 614, 616
5.18 – p. 526
5.18-40 – p. 39
5.19 – pp. 140, 442
5.24 – p. 360
5.26 – p. 360
5.27 – p. 409
5.30 – pp. 196 (n. 68), 390, 421 (n. 15), 462 (n. 27), 538
5.30-32 – p. 467
5.32 – p. 92
5.34-39 – p. 380
5.36 – p. 371
5.39 – pp. 425 (n. 25), 538 (n. 42)
5.40 – p. 403
5.41 – p. 91
5.42 – p. 98
6.1-6 – p. 44
6.2 – pp. 98, 209
6.4 – p. 209
6.5 – pp. 98, 336
6.7 – pp. 115, 261
6.8 – p. 16
6.8-10 – p. 396
6.9 – p. 362
6.11 – p. 360
6.11-14 – p. 377
6.13 – pp. 73, 357, 365
6.13,14 – p. 360
6.14 – pp. 385 (n. 15), 453 (n. 9)
6.15 – p. 409
7.2 – pp. 378, 398, 612 (n. 29)
7.11 – p. 619
7.12 – p. 619
7.15 – p. 619
7.16 – pp. 357, 455 (n. 17), 456
7.25 – p. 94 (n. 58)
7.26 – p. 612 (n. 29)
7.38 – pp. 73, 619
7.39 – p. 619
7.44 – p. 619
7.45 – p. 619
7.48 – pp. 134 (n. 38), 188
7.51 – p. 620
7.52 – pp. 391 (n. 24), 620
7.53 – p. 73
7.54-60 – p. 39
7.55 – p. 248
7.57 – p. 273
7.58 – pp. 364, 397, 527
8.1 – pp. 18, 42, 63, 350, 396
8.1a – pp. 38, 381
8.1b – p. 382
8.3 – pp. 380, 381, 396, 526
8.4-13 – p. 336
8.6 – p. 253
8.12 – p. 43
8.13 – pp. 243 (n. 4), 253
8.14 – pp. 18, 101, 172 (n. 26)
8.17 – p. 246
8.18,19 – p. 132
8.25 – pp. 101, 211 (n. 8), 307 (n. 28)
8.26 – p. 387
8.27 – p. 546
8.29 – p. 310
8.38,39 – p. 248
8.39 – p. 146
8.40 – pp. 227, 336
9.1 – p. 189
9.1-3 – p. 519
9.1-19 – pp. 18, 397, 516
9.2 – pp. 232, 251, 267, 380, 381, 382, 460 (n. 23), 526
9.3 – p. 387
9.3-9 – p. 384
9.4 – p. 529
9.5 – pp. 385, 530, 531
9.5-7 – pp. 386, 398
9.6 – pp. 162, 208, 532
9.7 – pp. 386, 529, 531

9.8 – p. 337
9.9 – p. 387
9.10 – pp. 121 (n. 17), 216, 398
9.10-12 – p. 391
9.10-16 – pp. 388, 398
9.11 – pp. 94 (n. 58), 372, 379
9.12 – pp. 121 (n. 17), 216
9.13 – pp. 382, 526 (n. 19)
9.15 – pp. 18, 387, 391, 396, 397, 398, 533, 521
9.15,16 – pp. 341, 398
9.16 – pp. 162, 310, 332
9.17 – pp. 246, 389, 398
9.18 – p. 248
9.20 – p. 536
9.20-22 – p. 393
9.22 – p. 61
9.23 – pp. 306 (n. 27), 382, 431, 490
9.23,24 – pp. 290 (n. 3), 306 (n. 27), 490
9.23-25 – 91, 306 (n. 27)
9.24 – pp. 293, 306 (n. 27), 490
9.25 – pp. 21, 169, 174, 442 (n. 51)
9.26 – pp. 94 (n. 58), 393
9.26-29 – pp. 53, 54, 393
9.27 – pp. 102, 105, 181 (n. 37)
9.27,28 – p. 16 (n. 4)
9.28,29 – p. 536
9.29 – pp. 306 (n. 27), 347, 394 (n. 29), 396, 431, 490
9.29,30 – p. 393 (n. 29)
9.30 – pp. 21, 176, 228, 336, 395, 519
9.31 – pp. 115, 543, 563
9.32 – p. 526 (n. 19)
9.32-42 – p. 383
9.36-42 – p. 24
9.40 – pp. 296, 333 (n. 5), 604
9.41 – p. 526 (n. 19)
10.1 – pp. 227, 546
10.2 – pp. 129, 161
10.3 – p. 121 (n. 17)
10.9,10 – p. 394
10.13-15 – p. 398
10.17 – p. 121 (n. 17)
10.19 – p. 121 (n. 17)
10.20 – p. 310
10.22 – pp. 519 (n. 10), 615
10.24 – p. 227
10.25,26 – p. 143
10.25-48 – p. 85
10.26 – p. 30
10.35 – p. 472
10.37 – p. 444
10.40 – pp. 421 (n. 15), 462 (n. 27)
10.42 – pp. 196, 307 (n. 28), 473
10.44-46 – pp. 246, 469
10.45 – p. 47
10.46 – pp. 146, 247
10.47 – p. 61
11.1 – p. 172 (n. 26)
11.5 – p. 121 (n. 17)
11.12 – p. 310
11.14 – pp. 145 (n. 52), 213
11.16 – p. 99
11.17 – pp. 65, 144 (n. 51), 538 (n. 42)
11.17,18 – p. 65
11.18 – pp. 61, 68
11.19 – pp. 63, 332, 336, 382, 543, 559
11.19-26 – p. 85
11.22,23 – p. 60
11.24,25 – p. 102
11.25,26 – p. 105
11.26 – p. 98
11.27-30 – pp. 53, 54, 55, 57
11.28 – pp. 338, 339, 463
11.30 – pp. 44, 55, 57, 94 (n. 58), 528
12.1-23 – p. 469
12.2 – p. 498
12.4 – p. 567
12.6 – p. 367
12.6-11 – p. 24
12.7 – p. 140
12.9 – p. 121 (n. 17)
12.12 – pp. 102, 546
12.17 – pp. 55, 63, 75 (n. 26), 76, 276, 347, 372
12.18 – p. 266 (n. 43)
12.19 – pp. 142, 589
12.19b-23 – p. 53
12.20 – p. 332
12.21 – p. 505
12.21-23 – p. 30
12,24 – pp. 115, 172 (n. 26), 261
12.25 – pp. 53, 57, 102, 154
13-14 – p. 55
13.1 – pp. 97, 98, 102. 546
13.1,2 – p. 339
13.1-3 – pp. 18, 44, 46
13.2 – pp. 62, 310
13. 5 – pp. 146,159, 172 (n. 26), 613
13.6,7 – p. 256
13.6-12 – p. 75
13.7 – pp. 102, 172 (n. 26), 546, 613
13.7,8 – p. 132
13.9 – p. 248
13.10 – pp. 472, 534
13.13 – pp. 45, 102, 559
13.14 – pp. 131, 210, 613
13.14-14.23 – p. 230
13.15 – pp. 97 (n. 61), 612 (n. 29)
13.16 – pp. 129, 276, 372
13.16-41 – p. 160
13.24,25 – p. 244
13.26 – pp. 129, 612 (n. 29)
13.27 – p. 195
13.30 – pp. 161, 462 (n. 27)
13.32-41 – p. 421
13.33 – pp. 161, 462 (n. 27)
13.33,34 – p. 462 (n. 27)
13.34 – pp. 161, 196 (n. 68), 462 (n. 27)
13.37 – pp. 161, 196 (n. 68), 462 (n. 27)

13.38 – pp. 612 (n. 29), 623
13.39 – p. 72
13.43-46 – p. 618
13.43-48 – p. 121
13.44 – p.146
13.45 – pp. 164, 211
13.46 – pp. 172 (n. 26), 212, 613, 621
13.47 – p. 540
13.48 – pp. 130, 146, 217
13.49 – p. 261
13.50 – pp. 20, 21, 39, 129
13.51 – p. 212
14 – p. 48
14.1 – pp. 16, 17, 210
14.1-3 – pp. 13, 16, 17
14.1-7 – pp. 13, 22, 255
14.2 – p. 17
14.3 – pp. 15, 18, 24, 94 (n. 58), 253, 321
14.4 – pp. 18, 20, 30
14.4,5 – pp. 18, 19, 20
14.5 – pp. 20, 37, 39, 290 (n. 3), 307 (n. 27)
14.6 – pp. 23, 111, 116, 172
14.6,7 – pp. 20, 23
14.7 – p. 23
14.8 – pp. 26, 111
14.8-10 – pp. 24, 25, 26, 256
14.8-20a – p. 24
14.9 – p. 24
14.9,10 – p. 26
14.11-13 – p. 26
14.11-20 – p. 177
14.12 – pp. 21, 601
14.13 – pp. 28, 29
14.14 – pp. 18, 74 (n. 25), 144
14.14-18 – pp. 29, 35
14.15 – pp. 36, 83, 105
14.15-17 – p. 188
14.15-18 – p. 36
14.16 – p. 195
14.16,17 – p. 36
14.17 – p. 190
14.18 – pp. 34, 36
14.18,19 – p. 37
14.19 – pp. 37, 39, 91, 172
14.19,20 – pp. 39, 172
14.19,20a – pp. 37, 38, 39
14.20 – pp. 30, 111, 172
14.20a – pp. 37, 39
14.20b-25 – p. 40
14.20b-28 – p. 40
14.21-23 – p. 35
14.22 – pp. 37, 42, 43, 45, 166 (n. 20), 231, 289
14.22,23 – p. 45
14.23 – pp. 43, 44, 45, 304, 315, 321
14.26,27 – p. 71
14.26-28 – p. 46
14.27 – pp. 47-8, 64, 230
14.27,28 – p. 47
14.28 – pp. 47, 66, 98, 266 (n. 43)
15 – pp. 54, 55, 56, 57, 62, 80, 107
15.1 – pp. 65, 69, 92, 349
15.1,2 – pp. 54, 60, 61, 66, 100, 346
15.1-5 – pp. 59, 65, 66
15.1-21 – p. 59
15.1-35 – pp. 53, 54, 55
15.2 – pp. 62, 66, 89 (n. 51), 98, 266 (n. 43)
15.3 – pp. 62, 66, 96, 332, 559
15.4 – pp. 47, 53, 55, 56, 63, 89 (n. 51), 346, 465
15.4,5 – p. 67
15.5 – pp. 55, 60, 64, 66, 92, 349, 356, 616
15.6 – pp. 55, 89 (n. 51)
15.6,7 – p. 55
15.6-11 – pp. 52, 66, 67, 73
15.7 – pp. 55, 74, 99, 612 (n. 29)
15.7-9 – pp. 68-9, 70
15.7-11 – p. 74
15.8 – p. 168
15.8,9 – p. 74
15.9 – p. 83
15.10 – p. 114
15.10,11 – pp. 71-2, 74
15.11 – p. 312
15.12 – pp. 56, 74, 75, 98, 346
15.12-22 – p. 67
15.13 – pp. 55, 612 (n. 29)
15.13-21 – pp. 76, 347
15.14,15 – p. 87
15.14-20 – p. 80 (n. 38)
15.14-21 – p. 87
15.15 – p. 75 (n. 26)
15.16-18 – p. 79
15.17 – pp. 82, 87
15.19 – pp. 88, 114
15.19-21 – p. 349
15.20 – pp. 56, 86, 87, 88, 93, 114, 354
15.21 – pp. 85, 88
15.22 – pp. 56, 88, 89, 89 (n. 51), 95, 99, 104, 106
15.22-35 – p. 88
15.23 – pp. 89 (n. 51), 94, 106
15.23-29 – pp. 90, 94, 95, 234, 349
15.24 – p. 64
15.24,25 – p. 95
15.25 – pp. 74, 95
15.27 – p. 95
15.28 – pp. 61, 83, 95
15.28,29 – pp. 88, 92, 93
15.29 – pp. 84, 87, 93, 95, 99, 114, 350
15.30 – p. 98
15.30-33 – p. 98
15.30-35 – p. 96
15.31-16.1 – p. 41
15.32 – pp. 42, 89, 98, 104, 120, 289
15.33 – pp. 97, 99
15.34 – p. 98
15.35 – pp. 46, 98
15.36 – pp. 106, 265
15.36-41 – pp. 101, 105, 106
15.36-16.5 – p. 99

15.36-18.22 – p. 99
15.37 – p. 102
15.37,38 – p. 106
15.38 – p. 106
15.39 – pp. 100, 106
15.40 – p. 104
15.41 – pp. 14, 42, 90, 104, 106
15.41-16.1 – p. 41
16 – p. 152
16.1 – pp. 41, 135, 171, 292
16.1,2 – p. 116
16.1-3 – p. 21
16.1-5 – pp. 111, 116, 265
16.1-6 – p. 230
16.2 – p. 116
16.3,4 – pp. 116, 351
16.4 – pp. 56, 89 (n. 51), 90, 96, 99, 106, 115, 130, 150
16.5 – pp. 42, 117
16.6 – pp. 123, 226, 230, 235, 242, 310
16.6,7 – p. 310
16.6-8 – pp. 119, 120
16.6-10 – pp. 118, 123
16.6-17.15 – p. 118
16.7 – p. 310
16.8 – 119, 288
16.9 – pp. 121 (n. 17), 123, 124, 172, 206, 442
16.9,10 – pp. 121, 121 (n. 17), 294
16.10 – pp. 114 (n. 7), 121 (n. 17)
16.10-17 – pp. 122 (n. 19), 291, 556
16.11 – pp. 122, 126, 293, 559
16.11,12a – pp. 124, 125, 126
16.11-40 – p. 124
16.12 – p. 158
16.12a – pp. 126, 406
16.12b – pp. 130, 136
16.12b-15 – pp. 127, 130
16.13 – pp. 131, 132
16.13-15 – p. 292
16.14 – pp. 128, 131, 162, 171, 217, 546
16.14,15 – pp. 143, 171
16.15 – 128, 129, 131, 145 (n. 52), 213, 248
16.16 – pp. 134, 534
16.16-18 – pp. 131, 132, 134
16.17 – pp. 134, 134 (n. 38)
16.18 – pp. 133, 134
16.19 – pp. 111, 181 (n. 37)
16.19-21 – pp. 135, 136
16.20 – p. 128
16.20,21 – p. 166 (n. 18)
16.22 – pp. 139, 367
16.22,23 – pp. 403, 404
16.22-24 – pp.137, 138
16.24 – p. 139
16.25-28 – p. 24
16.25-30 – p. 139
16.26 – p. 312
16.27 – p. 138
16.29 – p. 144
16.29,30 – p. 144
16.30 – pp. 143, 144
16.31 – p. 145 (n. 52)
16.31,32 – p. 146
16.31-34 – pp. 144, 146, 213
16.33 – pp. 143, 248
16.33,34 – p. 147
16.35 – p. 137
16.35-40 – pp. 147, 151
16.36 – pp. 97 (n. 63), 151
16.36-40 – pp. 151, 152
16.37 – pp. 89, 104, 125, 148, 151, 488
16.37,38 – p. 406
16.37-40 – p. 404
16.38 – pp. 137, 404, 408 (n. 47)
16.39,40 – p. 152
16.40 – pp. 128, 172, 289
17 – p. 201
17.1 – p. 163
17.1-4 – pp. 162, 163
17.1-9 – p. 158
17.2 – pp. 170, 177
17.2,3 – p. 163
17.3 – pp. 540, 541
17.4 – pp. 66, 161, 163, 266 (n. 43), 546
17.4,5 – p. 618
17.5 – pp. 164, 168
17.5-9 – pp. 164, 168
17.6 – p. 168
17.7 – p. 168
17.8 – p. 168
17.9 – p. 168
17.10 – pp. 169, 172, 174, 442
17.10-15 – pp. 169, 173, 174
17.11 – p. 174
17.12 – pp. 66, 171, 266 (n. 43), 546
17.12,13 – p. 174
17.13 – pp. 171, 172 (n. 26)
17.14,15 – pp. 172, 175
17.15 – pp. 177, 210
17.16 – pp. 103, 184, 264, 310
17.16,17 – pp. 177, 180
17.16-18 – pp. 177, 180
17.16-33 – p. 543
17.16-34 – p. 176
17.16-18.17 – p. 176
17.18 – pp. 178, 179, 197, 229
17.19 – pp. 177, 181, 182, 183
17.19,20 – pp. 181, 183
17.19-21 – pp. 180, 183
17.19a – p. 181
17.20 – p. 182
17.21 – pp. 182, 183
17.22 – pp. 177, 186, 504
17.22,23 – pp. 183, 184, 185, 186
17.22-31 – pp. 35, 515
17.22b,23 – pp. 183 (n. 44), 184, 185, 186
17.23 – pp. 186, 194, 199

17.24 – p. 269
17.24-28 – pp. 31, 183 (n. 44), 187
17.25 – pp. 188, 193
17.25-28 – p. 193
17.26 – p. 196
17.27 – p. 193
17.28 – pp. 191, 192, 193
17.29 – p. 269
17.29,30 – p. 199
17.29-31 – pp. 183 (n. 44), 194, 199
17.30 – p. 33
17.31 – pp. 161, 196, 196 (n. 68), 199, 421, 462 (n. 27), 473, 522
17.32 – pp. 473, 522, 542
17.32-34 – pp. 199, 200
17.34 – p. 171
18 – pp. 236, 241
18.1-3 – pp. 206, 207
18.1-13 – p. 206
18.1-17 – p. 206
18.2 – pp. 53, 127, 171, 383
18.2,3 – p. 209
18.3 – pp. 159, 208, 251
18.4 – pp. 14 (n. 2), 214
18.4-8 – pp. 209, 214
18.5 – pp. 89, 173, 214, 265, 307 (n. 28), 322
18.6 – pp. 211, 314, 613, 621
18.6-8 – pp. 214, 618
18.7,8 – pp. 212, 213, 290
18.8 – pp. 145 (n. 52), 215
18.9 – pp. 121 (n. 17), 218, 426, 532 (n. 31)
18.9,10 – pp. 218, 399
18.9-11 – p. 215
18.10 – p. 219
18.11 – pp. 172 (n. 26), 225
18.12 – pp. 223, 488
18.12,13 – p. 223
18.12-17 – pp. 53, 219, 223, 290
18.14 – p. 224
18.14,15 – pp. 221, 367
18.15-17 – p. 224
18.16,17 – p. 223
18.17 – pp. 181 (n. 37), 214, 290
18.18 – pp. 171, 224, 225, 227, 229, 351, 355, 465
18.18-22 – pp. 224, 228, 229
18.19 – pp. 229, 233, 249, 305
18.19-21 – p. 242
18.20 – p. 233
18.21 – pp. 227, 303, 559
18.21,22 – p. 229
18.22 – pp. 248, 336, 346, 357, 418, 464
18.22,23 – p. 225
18.23 – pp. 42, 46, 230, 235, 248
18.23-28 – pp. 230, 235
18.23-21.16 – p. 230
18.24,25 – p. 244
18.24-26 – pp. 231, 232, 233
18.25 – pp. 235, 245, 267, 310, 460
18.25,26 – pp. 235, 267
18.26 – pp. 171, 207 (n. 1), 225, 226, 232, 267, 460, 546
18.27 – p. 235
18.28 – p. 236
19 – pp. 241, 282
19.1 – pp. 99, 230, 232 (n. 44), 234, 248, 249, 273
19.1-3 – pp. 242-3
19.1-7 – pp. 241, 247, 248
19.1-12 – p. 119
19.1-41 – p. 241
19.2 – pp. 248, 372
19.3 – p. 249
19.6 – pp. 245, 247, 249
19.7 – p. 249
19.8 – pp. 16 (n. 4), 43, 166 (n. 20), 269, 314, 617
18.8-10 – p. 543
19.8-12 – p. 249
19.9 – pp. 250, 252, 267, 273, 288, 307, 318, 381, 460 (n. 23)
19.10 – pp. 14 (n. 2), 250, 305, 617
19.11 – pp. 94 (n. 58), 255, 602
19.11,12 – p. 254
19.13-20 – p. 255
19.14 – pp. 258, 262
19.14-20 – p. 262
19.15 – pp. 417, 534
19.16 – pp. 262, 290
19.17 – p. 14 (n. 2)
19.17-20 – p. 261
19.18-20 – p. 263
19.19 – p. 263
19.20 – p. 269
19.21 – pp. 264, 288, 309, 310 (n. 32), 312, 340, 341, 370, 606
19.21,22 – pp. 263-4, 265
19.22 – p. 290
19.23 – pp. 66, 266, 381, 460 (n. 23)
19.23,24 – pp. 266 (n. 43), 267
19.23-27 – pp. 226, 266
19.23-41 – pp. 250, 266
19.24 – pp. 66, 255, 271
19.24-27 – p. 271
19.25-27 – p. 270
19.26 – pp. 94 (n. 58), 271
19.27 – pp. 269, 271
19.28-31 – p. 272
19.29 – pp. 291, 292, 437, 556
19.30,31 – pp. 274, 340
19.31 – pp. 274, 367
19.32 – pp. 272, 277, 367, 369
19.32-34 – pp. 275, 277
19.33 – pp. 165 (n. 16), 275, 277, 372
19.34 – pp. 267 (n. 45), 272, 277
19.35 – pp. 165 (n. 16), 267

(n. 45), 282
19.35-41 – pp. 281, 282, 288
19.36,37 – p. 282
19.37,38 – p. 276
19.38 – p. 282
19.40 – pp. 274, 280, 282
20 – p. 326
20.1 – pp. 266, 281, 305, 309
20.1,2 – pp. 263, 288
20.1-6 – p. 287
20.1-15 – p. 122 (n. 19)
20.1-21.16 – p. 287
20.2,3 – pp. 289, 293, 303
20.2-4 – p. 293
20.3 – pp. 99, 287, 293, 306 (n. 27), 342, 359, 431, 419, 490
20.4 – pp. 41, 112, 164, 171, 252, 273, 290, 291, 330, 344, 437, 556
20.4,5 – p. 123
20.5 – pp. 291, 292 (n. 9)
20.5,6 – pp. 121, 150
20.5-15 – p. 291
20.5-21.18 – p. 555
20.5 – pp. 125, 288, 302, 332, 337, 567
20.6,7 – p. 608
20.7 – pp. 294, 298, 617
20.7-12 – pp. 294, 297, 298
20.9 – pp. 293, 298
20.9-12 – p. 24
20.11 – pp. 296, 617
20.11,12 – p. 298
20.12 – p. 295 (n. 13)
20.13 – p. 296
20.13,14 – pp. 302, 558
20.13-16 – pp. 300, 302, 337
20.13-38 – p. 300
20.16 – pp. 265, 288, 303, 332, 341, 342, 567, 290
20.17 – p. 304
20.17-21 – pp. 303, 308
20.18 – pp. 303, 304, 309
20.18,20 – p. 309
20.18-21 – p. 304 (n. 24)
20.19 – pp. 290 (n. 3), 303, 306, 341, 359, 490
20.20 – pp. 253, 309, 314, 318
20.21 – pp. 14, 68, 211 (n. 8), 212, 254, 307 (n. 28), 314, 319, 350, 395, 533, 537, 613
20.22 – pp. 92, 264, 303, 304, 310, 319, 330, 340
20.22,23 – p. 312
20.22-24 – pp. 304 (n. 24), 309, 312
20.23 – pp. 307 (n. 28), 310, 312, 319, 332, 338, 342, 459
20.23-41 – p. 250
20.24 – pp. 211 (n. 8), 250, 303, 307 (n. 28), 313, 321, 341, 350, 455 (n. 17), 617
20.24,25 – pp. 250, 617
20.25 – pp. 166 (n. 20), 250, 303, 304, 314, 617
20.25,26 – p. 319
20.25-30 – p. 319
20.25-31 – p. 313
20.26 – p. 212
20.26-30 – p. 304 (n. 24)
20.27 – pp. 306, 309, 320
20.28 – pp. 281, 304, 314, 319, 320
20.29 – pp. 303, 304
20.30 – p. 320
20.31 – pp. 252, 260, 306, 341
20.31-35 – p. 304 (n. 24)
20.32 – pp. 16, 303, 312, 324, 455 (n. 17)
20.32-35 – p. 320
20.34 – pp. 208, 251, 304
20.34,35 – pp. 208, 324
20.35 – pp. 208, 325
20.36 – p. 342
20.36-38 – p. 325
20.37 – p. 334
20.38 – p. 624
21 – p. 373
21.1,2 – pp. 330, 334
21.1-3 – pp. 302, 337, 560
21.1-6 – pp. 330, 334
21.1-16 – pp. 329, 330
21.1-18 – pp. 122 (n. 19), 291
21.3 – pp. 331, 334, 560
21.4 – pp. 302, 310, 335, 336, 337, 342, 459
21.5 – pp. 325, 343
21.5,6 – p. 335
21.7 – pp. 331, 336, 337
21.7-9 – p. 335
21.7-15 – p. 302
21.8 – p. 337
21.8,9 – p. 336
21.8-14 – p. 470
21.9 – pp. 171, 546
21.10 – pp. 337, 345
21.10,11 – 310, 337, 367
21.11 – pp. 339, 342, 459
21.12,13 – p. 342
21.12-14 – pp. 340, 342
21.13 – pp. 312, 413
21.14 – pp. 341, 342, 343
21.15 – pp. 337, 441
21.15,16 – pp. 333, 344, 441
21.16 – pp. 344, 345, 441
21.17 – pp. 303, 337
21.17,18 – p. 357
21.17-19 – pp. 76, 346, 348, 352
21.17-26 – p. 346
21.17-23.22 – p. 346
21.17-26.32 – p. 346
21.18 – pp. 134, 358, 458
21.18,19 – p. 265
21.19 – p. 64
21.20 – pp. 56, 73, 356, 377, 386, 420
21.20,21 – p. 56
21.20-24 – p. 459
21.20-25 – pp. 348, 355,

356
21.21 – pp. 56, 356
21.23,24 – p. 356
21.23-26 – p. 226
21.25 – pp. 84, 86, 87, 357
21.26 – pp. 348, 353, 357, 358, 420, 458, 465
21.26,27 – p. 465
21.26-29 – p. 538
21.27 – pp. 362, 366, 453, 458, 459, 465, 487
21.27-29 – pp. 359, 362, 363, 611
21.27-36 – p. 359
21.28 – 73, 377, 362, 368, 400
21.28,29 – pp. 61, 86, 360
21.29 – pp. 292, 304, 363, 400
21.30 – pp. 181 (n. 37), 366, 431, 453
21.30-32 – pp. 363, 365, 366
21.31,32 – p. 366
21.31-33 – p. 339
21.33 – pp. 181 (n. 37), 342, 368, 405, 614
21.33-36 – pp. 367, 368
21.34 – pp. 364, 369, 402, 426
21.35,36 – p. 369
21.36 – pp. 401, 506
21.37 – p. 372
21.37-40 – pp. 370, 372
21.37-22.21 – p. 369
21.38 – pp. 429, 438, 450, 482
21.39 – pp. 379, 405
21.39,40 – p. 373
21.40 – pp. 276, 383, 414
22 – p. 409
22.1 – pp. 398, 414, 612 (n. 29)
22.1,2 – p. 383
22.1-3 – p. 382
22.1-5 – pp. 378, 382, 383
22.1-21 – pp. 397, 516, 519, 539
22.2 – pp. 373, 414
22.3 – pp. 176, 334, 372, 379, 383, 460, 518, 519
22.4 – pp. 267, 460 (n. 23), 526
22.4,5 – p. 383
22.5 – pp. 384, 414, 529
22.6 – p. 387
22.6-11 – pp. 384, 387
22.6-21 – p. 528
22.7 – pp. 387, 529
22.8 – pp. 385 (n. 15), 386, 392, 398, 453 (n. 9), 525, 531
22.8-10 – p. 398
22.9 – p. 529
22.10 – pp. 386, 388, 394, 398, 532
22.11 – p. 388
22.12 – pp. 398, 535
20.12-16 – p. 388
22.14 – pp. 392, 398, 542
22.14-16 – p. 392
22.15 – p. 398
22.16 – p. 393
22.17 – pp. 389, 398
22.17,18 – pp. 399, 532 (n. 31), 533
22.17-21 – pp. 393, 393 (n. 29), 399
22.18 – pp. 216, 398, 426
22.18-21 – p. 398
22.19 – pp. 398, 399
22.20,21 – p. 400
22.21 – pp. 18, 398, 621
22.22 – pp. 368, 376, 400, 506
22.22-29 – p. 400
22.22-23.11 – p. 400
22.24 – p. 426
22.24,25 – p. 406
22.24-29 – p. 406
22.25 – p. 488
22.25-29 – p. 490
22.26 – p. 406
22.27,28 – p. 368
22.28 – pp. 372, 406
22.28,29 – p. 407
22.29 – pp. 408, 408 (n. 47), 614
22.30 – pp. 407, 408, 458, 487, 507
23 – p. 443
23.1 – pp. 419, 462, 612 (n. 29)
23.1-5 – pp. 414, 419
23.1-8 – p. 422
23.1-10 – p. 466
23.1-11 – p. 448
23.2 – pp. 382, 384, 385, 415, 452, 455, 483 (n. 6)
23.3 – p. 419
23.5 – p. 419
23.6 – pp. 64, 423, 461, 520, 612 (n. 29)
23.6-8 – p. 419
23.7 – p. 427
23.8 – pp. 258, 424, 502
23.9 – p. 427
23.9-11 – pp. 424, 427
23.10 – pp. 422, 427
23.11 – 162, 211 (n. 8), 216, 265, 307 (n. 28), 399, 427, 492, 532 (n. 31), 539, 577, 578, 616
23.12 – pp. 290 (n. 3), 306 (n. 27), 430, 484, 490
23.12-15 – p. 428
23.12-22 – pp. 428, 484
23.13 – p. 430
23.15 – pp. 290 (n. 3), 430, 432, 433, 434, 490
23.16 – p. 432
23.16-22 – p. 431
23.17 – p. 432
23.18 – p. 432
23.18,19 – p. 434
23.18-21 – p. 434
23.19 – p. 181 (n. 37)
23.20 – pp. 430, 434
23.21 – pp. 434, 484
23.22 – p. 163
23.23 – pp. 169, 423, 437,

441
23.23,24 – pp. 435, 437
23.23-25 – p. 435
23.23-26.32 – p. 435
23.24 – pp. 407, 437
23.25-30 – p. 438
23.26 – pp. 365, 542
23.26-30 – p. 449
23.27 – pp. 440, 490
23.27-29 – p. 456
23.29 – pp. 221, 548
23.30 – pp. 290 (n. 3), 293, 440, 449, 454, 469, 490
23.31 – pp. 169, 442
23.31-35 – pp. 440, 442
23.34 – p. 372
23.34,35 – p. 442
24 – pp. 476-7
24.1 – pp. 415, 442, 483 (n. 6), 611
24.1,2 – p. 451
24.1-4 – pp. 448, 451
24.1-22 – p. 408
14.1-27 – p. 448
24.2-9 – p. 487
24.3 – p. 542
24.3,4 – p. 451
24.4 – p. 517
24.5 – pp. 385 (n. 15), 453 (n. 9), 455, 523, 616
24.5,6 – pp. 488, 538
24.5-8 – pp. 455, 483
24.5-9 – p. 452
24.6b – p. 447
24.8 – pp. 456, 459
24.8a – p. 447
24.10 – pp. 378 (n. 2), 462
24.10-16 – pp. 456, 462
24.10-21 – pp. 484, 519, 543
24.11 – pp. 441 (n. 47), 463
24.14 – pp. 73, 267, 381, 460 (n. 23), 463, 616
24.15 – pp. 466, 521
24.15,16 – p. 463
24.16 – p. 415
24.17 – pp. 355, 468, 474
24.17,18 – p. 357
24.17-21 – pp. 464, 467, 468
24.18 – p. 468
24.19 – pp. 360, 468
24.20,21 – p. 469
24.21 – p. 462
24.22 – pp. 267, 381, 453, 454, 455, 457, 460 (n. 23), 475
24.22-27 – pp. 469, 475
24.23 – pp. 476, 484, 504, 610, 626 (n. 45)
24.23,24 – p. 475
24.24 – pp. 383, 460, 469
24.24-26 – p. 502
24.25 – pp. 473, 545
24.25,26 – p. 476
24.26 – p. 436
24.27 – pp. 53, 450, 474 (n. 49), 476, 482, 484, 486, 493
25 – pp. 498, 509
25.1 – pp. 482, 487
25.1-5 – p. 482
25.1-12 – p. 481
25.2 – pp. 429 (n. 29), 485
25.2-5 – p. 485
25.3 – pp. 290 (n. 3), 306 (n. 27), 486, 490, 493
25.4 – p. 486
25.4-8 – p. 490
25.5 – p. 486
25.6 – pp. 223, 487, 505
25.6,7 – p. 488
25.6-8 – pp. 486, 488
25.7 – p. 611
25.8 – pp. 73, 378 (n. 2), 488, 493, 612
25.8-11 – p. 543
25.9 – pp. 475 (n. 53), 493, 501, 504
25.9-11 – p. 493
25.9-12 – p. 489
25.10 – pp. 223, 469, 493
25.10,11 – p. 493
25.10-21 – p. 502
25.11 – pp. 404, 440, 493, 534
25.12 – pp. 489, 491, 493
25.13 – p. 469
25.13,14a – pp. 495, 498
25.13-27 – p. 494
25.14b,15 – p. 503
25.14b-22 – pp. 498, 503
25.15 – pp. 303, 429 (n. 29)
25.16 – 369, 378 (n. 2), 493, 504
25.17 – p. 223
25.18,19 – p. 503
25.18-20 – pp. 222, 503
25.19 – p. 196 (n. 68)
25.20 – pp. 369, 504, 506
25.21 – pp. 493, 501 (n. 36), 506
25.22 – p. 515
25.23 – pp. 383, 509, 522, 548
25.23-26 – p. 509
25.23-27 – p. 504
25.24 – pp. 401, 504
25.24,25 – pp. 506, 509
25.25 – pp. 440, 501 (n. 36), 548
25.26 – pp. 501 (n. 36), 505, 509
25.27 – pp. 491, 505
26 – p. 549
26.1 – pp. 378 (n. 2), 505, 514, 516, 515, 541
26.1-32 – p. 514
26.2 – pp. 378 (n. 2), 515 (n. 2), 522, 536
26.2,3 – pp. 516, 518
26.2-5 – p. 525
26.2-18 – p. 18
26.3 – pp. 497, 507, 515 (n. 2), 516
26.4 – pp. 379, 524
26.4-8 – pp. 518, 524
26.5 – pp. 64, 420, 520, 524
26.6 – pp. 520, 522
26.6-8 – pp. 421, 518, 523, 524, 525,

26.7 – pp. 515 (n. 2), 517, 520, 522, 536
26.7,8 – p. 524
26.8 – pp. 516, 517, 520, 522
26.9 – pp. 385 (n. 15), 453 (n. 9), 520, 528
26.9,10 – p. 528
26.9-11 – pp. 525, 528
26.10 – pp. 381, 526 (n. 19)
26.11 – p. 528
26.12,13 – p. 530
26.12-14 – pp. 528, 530
26.12-18 – p. 534
26.13 – pp. 385, 515 (n. 2), 536
26.14 – pp. 383, 386, 529, 531
26.15 – pp. 385, 508, 531
26.15-18 – p. 531
26.16 – pp. 387, 390
26.16,17 – pp. 18, 535
26.17 – p. 397
26.19 – pp. 515 (n. 2), 523, 536
26.19,20 – p. 540
26.19-23 – pp. 536, 540
26.20 – pp. 83, 393
26.22 – p. 460
26.22-24 – p. 501
26.23 – pp. 421, 516, 517, 540
26.24 – pp. 378 (n. 2), 515, 546
26.24-29 – pp. 541, 546
26.26 – pp. 74, 536, 547
26.27 – pp. 497, 515, 515 (n. 2), 531, 536
26.28 – pp. 546, 547
26.29 – pp. 405 (n. 42), 476, 515, 548
26.30 – p. 506
26.30-32 – p. 548
26.31,32 – p. 440
26.32 – pp. 492, 505, 539, 612
27 – pp. 555, 591
27.1 – pp. 347, 501, 558
27.1,2 – pp. 556, 558
27.1-12 – p. 555
27.1-44 – p. 555
27.1-28.16 – pp. 122 (n. 19), 291
27.1-28-31 – p. 555
27.2 – pp. 273, 291, 437, 556, 559
27.3 – pp. 367, 589, 608
27.3-8 – p. 559
27.4 – p. 331
27.4,5 – p. 563
27.4-8 – p. 563
27.5 – p. 330 (n. 1)
27.7,8 – p. 563
27.8 – p. 574
27.9 – pp. 53, 561, 567
27.9,10 – p. 568
27.9-12 – pp. 567, 568
27.10 – pp. 576, 577
27.12 – pp. 559, 564, 568
27.13 – p. 574
27.13-20 – pp. 568, 574, 575
27.13-44 – p. 568
27.14-16 – p. 574
27.14-20 – p. 574
27.16 – pp. 570 (n. 30), 582
27.17 – p. 583
27.17,18 – p. 575
27.18 – pp. 561, 585
27.20 – pp. 266 (n. 43), 575
27.21 – p. 565
27.21-26 – pp. 557, 565, 575
27.22 – pp. 578, 579, 584
27.22-24 – p. 579
27.22-26 – pp. 579, 586, 590
27.23 – pp. 426, 586
27.23,24 – pp. 216, 580
27.24 – pp. 579, 590
27.27 – pp. 565, 583
27.27-30 – p. 583
27.27-32 – p. 580
27.29,30 – p. 583
27.30 – p. 579
27.31 – pp. 557, 578, 586
27.33,34 – pp. 565, 586
27.33-35 – p. 557
27.33-38 – pp. 583, 586
27.35 – pp. 584, 586
27.37 – pp. 331, 598
27.38 – pp. 561, 573, 587
27.39 – p. 590
27.39-44 – pp. 587, 590
27.40 – pp. 589, 591
27.41 – pp. 565, 588
27.42 – p. 142
27.43 – pp. 578, 602
27.43,44 – p. 591
27.44 – pp. 584, 602
28 – pp. 589, 627
28.1 – pp. 598 (n. 3), 602
28.1,2 – p. 602
28.1-6 – pp. 596, 601, 602
28.1-10 – p. 597
28.1-31 – p. 596
28.3-6 – p. 596
28.4 – p. 602
28.4,5 – p. 602
28.5 – p. 586
28.6 – p. 602
28.7 – pp. 598 (n. 3), 603, 605
28.7-9 – p. 596
28.7-10 – pp. 603, 605
28.8 – pp. 586, 605
28.10 – pp. 598 (n. 3), 605
28.11 – pp. 559, 565, 598, 610-1
28.11-14 – p. 610
28.11-16 – p. 606
28.13 – p. 565
28.13,14 – p. 611
28.14 – p. 589
28.15 – p. 608
28.16 – p. 134
28.17 – pp. 460, 485, 612 (n. 29), 614, 619
28.17-20 – pp. 611, 614
28.17-31 – p. 611
28.18 – p. 440

28.19,20 – p. 615
28.20 – pp. 367 (n. 55), 405 (n. 42), 421, 521, 559, 610
28.21,22 – p. 615
28.23 – pp. 43, 166 (n. 20), 211 (n. 8), 307 (n. 28), 460, 539, 617, 623
28.23-28 – pp. 612, 616, 622
28.23-29 – p. 623
28.24 – p. 623
28.25 – p. 623
28.26 – p. 623
28.26,27 – p. 623
28.27 – p. 623
28.28 – p. 212
28.28,29 – p. 623
28.29 – p. 623
28.30 – pp. 405 (n. 42), 470, 476, 610
28.30,31 – pp. 250, 624, 627
28.31 – pp. 16 (n. 4), 43, 166 (n. 20), 313, 503, 617, 627

Romanos
1.4 – p. 144
1.16 – pp. 193, 516, 549, 647
1.24, 26, 28 – p. 352
2.9 – p. 647
2.10 – p. 193
2.11 – pp. 446, 413
2.16 – p. 520
2.28-30 – p. 364
3.2 – pp. 192, 648
3.20, 21.28 – p. 28
5.1 – p. 515
5.5 – p. 399
6.1-4 – p. 148
6.9 – pp. 635, 635
7.12, 13 – pp. 642, 642
8.9 – p. 397
8.9-11 – p. 399
8.29, 30 – p. 651
9.4 – p. 192
9.4, 5 – p. 648
9.33 – p. 212
10.4 – p. 140
10.8 – p. 148
10.10 – p. 135
10.12 – p. 515
10.13 – pp. 128, 446
10.14 – p. 298
10.17 – p. 608
11.1 – pp. 618, 648
11.9, 10 – p. 93
11.13 – p. 446
11.17-21 – p. 648
12.6- p. 557
12.11 – p. 28
13.1 – p. 221
14.9, 10 – p. 520
14.14 – p. 498
15.3 – p. 93
15.15, 16 – p. 446
15.24, 28 – p. 42
15.25-28, 31 – p. 559
15.27 – p. 559
16.3 – p. 27
16.21 – p. 595

V.II
1.1 – p. 305
1.1, 15 – p. 606
1.9.10 – p. 609
1.11, 12 – p. 265
1.16 – pp. 212, 395, 536
1.19, 20 – pp. 33, 35, 195
1.19-21 – p. 198
1.23 – p. 194
2.4 – p. 538
2.12 – p. 390
2.14, 15 – p. 35
2.15 – p. 376
2.16 – p. 198
3.2 – pp. 36, 261, 261, 534
3.21 – p. 198
3.25 – p. 195
4.4 – p. 618
5.10 – p. 25
6.17 – p. 69
8.32.33 – p. 319
9.4, 5 – p. 521
9.11 – p. 621
10.1-6 – p. 618
10.2 – p. 380
10.2, 3 – p. 521
10.9 – p. 144
10.12 – p. 69
11.1 -2ª -p. 361
11.6 – p. 618
11.11 – p. 212
11.20 – p. 623
12.1, 2 – p. 228
12.11 – pp. 232, 303, 305
13.1 – p. 418
13.1-7 – p. 488
13.12 – p. 534
14.17 – p. 166
15.15, 16 – p. 533
15.16 – p. 537
15.19 – pp. 263, 289, 537
15.23, 24, 28 – p. 484
15.24, 28 – pp. 265, 312
15.25-28 – pp. 347, 464
15.26 – p. 288
15.26, 27 – p. 265
15.30-32 – p. 340
15.31, 32 – p. 610
16.1 – pp. 217, 225
16.3 – p. 225
16.3-5- pp. 208, 207
16.3-23 p. 381
16.5 – p. 307
16.7 – p. 18
16.16 – p. 316
16.21 – p. 291
16.22 – pp. 217, 291, 449
16.22, 23 – p. 263
16.23 – pp. 213, 214, 265, 273, 291
16.25 – p. 321

1 Coríntios
1.12 – p. 580
1.14-16 – pp. 452, 527
1.15 – p. 527
1.17 – p. 452
1.23 – p. 630

3.9 – p. 424
3.16 – p. 399
3.22 – p. 580
5.8 – p. 575
6.9 – p. 150
6.19 – p. 399
9.1 – p. 449
9.1-6 p. 597
9.4 – p. 402
9.5 – pp. 469, 580
9.14 – p. 170
10.16 – p. 155
11.20-22 – p. 158
11.25 – p. 188
12.3 – pp. 96, 148, 397
12.8-11 – p. 149
12.9, 28 – p. 181
12.30 – p. 181
14 – p. 111
14.1, 2 – p. 149
14.27 – p. 397
14.29-32 – p. 594
15.4 – p. 519
15.6 – pp. 467, 519
15.7 – p. 580
15.8 – p. 96
15.9 – pp. 437, 605
15.12-18 – p. 200
15.14 – p. 572
15.24 – p. 187
15.55, 56 – p. 133
16.8 – p. 113
28-31 – p. 149

V.II
1.14-16 – p. 129
1.18 – p. 541
6.9, 18 – p. 84
6.11 – p. 392
7.14 – p. 129
7.19 – p. 114
8.4-10, 13 – p. 93
9.1 – pp. 391, 532
9.1-3 - p. 19
9.6 – pp. 19, 103
9.14 – p. 322
9.19 – 23 – p. 114
9.20-22 – p. 350
9.20-23 – p. 535
10.14 – p. 84
11.5 – p. 337
11.20-34 – p. 585
11.24 – p. 343
11.28 – p. 585
12.3 – pp. 508, 527, 626
13.5 – p. 103
14.1, 39 – p. 337
14.32 – p. 332
15.3, 4 – p. 540
15.5-9 – p. 19
15.9 – p. 530
15.10 – p. 323
15.30 – p. 91
16.9 – p. 47
16.16 – p. 323

2 Coríntios
1.19 – p. 27
2 – p. 27
2.14-16 – p. 650
2.16 – p. 280
4.17 – p. 289
5.16 – p. 436
9.7 – pp. 161, 246, 559, 654
11.7 – p. 402
11.23-29 – pp. 374, 458
11.24 – p. 286
11.26 – pp. 610, 611
11.32, 33 – pp. 31, 454, 458, 459
11.32– pp. 432 , 459
11.33 – p. 459
12.2, 4 – p. 423
12.7 – p. 610
12.7-9- p. 181
12.9 – p. 181

V.II
1.1 – p. 316
1.12 – p. 415
1.19 – p. 89
2.12 – p. 47, 113
3.16 – p. 538
5.18 – p. 312
6.14 – p. 113
7.2 – p. 322
7.9, 10 – p. 538
8.19 – p. 464
9.7b – p. 324
11.14 – p. 318
11.23-25 – p. 403
11.23-28 – p. 341
11.24 – p. 527
11.24-27 – p. 533
11.25 – pp. 38, 137, 555, 565
11.26 – pp. 45, 490
11.33 – pp. 21, 393
12.21 – pp. 84, 538

Gálatas
1.13 – p. 455
1.13, 23 – p. 382
1.16 – p. 448
2.1 – p. 559
2.6 – p. 513
2.7, 8 – p. 448
3.8.37 – p. 192
3.16 – p. 192
3.19 – p. 348
5.20 – p. 264
25.1 – p. 609

V.II
1.12 – p. 532
2 . – pp. 55, 56, 57
2.1 – pp. 55, 227
2.1, 3 – p. 113
2.1-10 – pp. 55, 57
2.11, 12 – p. 100
2.12 – p. 309
3.10-12 – p. 100
4.13.42 – p. 231
5.21 – p. 166
5.23 – p. 473

Efésios
1.13 – p. 399
2.3 – p. 257
2.8, 9 – p. 544
2.9 – p. 28
2.11-22 – p. 508
2.13 – p. 150
2.17 – p. 517

2.20 – p. 214
3.8 – p. 605
4.2 – p. 28
4.11 – pp. 557, 594
6.5-9 p. 127
6.9 – pp. 509, 513
6.15 – p. 517
6.20 – p. 571

V.II
1.4 – p. 218
1.22, 23 – p. 254
2.14 – p. 69
2.14-16 – p. 281
4.2 – pp. 303, 306
4.11 – p. 315
5.5 – p. 166
5.19 – p. 140
6.20 – pp. 367, 405
6.21 – p. 252
6.21, 22 – p. 292

Filipenses
1.1 – pp. 297, 302
1.13 – p. 60
2.9-11 – p. 144
2.12, 13 – pp. 618, 651
2.15 – p. 152
2.16 – p. 266
2.27 – p. 181
3.5 – pp. 460, 618
3.6 – p. 437
4.22 – p. 60

V.II
1.1 – p. 143
1.7, 16 – p. 378
1.13 – pp. 492, 626
1.13, 14, 17 – p. 405
1.19, 25 – p. 624
1.20, 21 – p. 312
1.29, 30 – p. 150
2.11 – p. 144
2.17 – p. 312
2.24 – p. 624
2.25 – p. 610
3.5 – pp. 64, 420, 519
3.6 – p. 380
3.8 – p. 312
3.11 – p. 521
3.20 – p. 406
4.2 – pp. 128, 473
4.2, 3 – p. 381
4.10 – p. 610
4.13 – p. 577
4.14-18 – p. 143
4.22 – pp. 492, 626

Colossenses
1.11, 16 – p. 541
3.25 – pp. 509, 513

V.II
1.13 – p. 534
1.18.24.20 – p. 254
4.3, 18 – p. 405
4.7-9 – p. 292
4.11, 2 – p. 165

1 Tessalonicenses
1.1 – p. 27
2.14-16 – p. 28
4.13 – p. 257
5.6 – p. 257
5.17 – p. 88
5.27 – p. 45

V.II
1.1 – pp. 173, 319
1.5 – p. 164
1.7, 8 – p. 223
1.8 – p. 159
1.9 – pp. 32, 159
1.9, 10 – p. 197
2.2 – p. 137
2.7, 11 – p. 289
2.9 – p. 208
2.11 – p. 170
2.14 – p. 316
2.14-16 – p. 164
2.18 – p. 166
3.1, 2 – p. 200
3.2, 3 – p. 166
3.1 – p. 173
3.1-5 – p. 210
3.2 – p. 173
3.6 – pp. 210, 210
4.6 – p. 307
4.11, 12 – p. 324
4.16 – p. 166

2 Tessalonicenses
1.1 – p. 27
1.4 – p. 288
2.13 – p. 288

V.II
1.4 – p. 316
1.11 – p. 319
2.8 – p. 166
3.5 – p. 69
3.10 – p. 322
3.8 – p. 324

1 Timóteo
1 – p. 301
1.13 – p. 626
3.1-13 – p. 302
3.8-13 – pp. 297, 302
3.14 – p. 42
4.14 – p. 301
5.3-16 – p. 298
5.17 – p. 509
6.1, 2 – p. 127

V.II
1.3 – pp. 253, 313, 326, 624
1.3, 2 – p. 44
1.13 – p. 530
1.17 – p. 348
1.19, 20 – p. 276
2.8 – p. 333
3.1-7 – pp. 304, 316
3.3 – p. 61
3.5, 15 – p. 316
3.9 – p. 415
3.14 – pp. 313, 326, 624
4.1 – p. 317
4.12 – p. 112
4.14 – p. 382
4.16 – p. 315
5.8 – p. 324
5.17 – pp. 44, 605
5.18 – pp. 208, 322, 471
5.21 – p. 307

2 Timóteo
2.9 – p. 201
2.25 – p. 544
3.8 – p. 605
3.11 – p. 27
3.16 – p. 605
4.10 – p. 40
4.11 – p. 40
4.19 – p. 27
4.20 – p. 40

V.II
1.3 – p. 463
1.5 – p. 112
2.14 – p. 307
2.24 – p. 61
2.25 – p. 538
3.1-9 – p. 317
3.10, 11 – p. 112
3.11 – p. 38
3.15 – p. 112
4.1 – pp. 307, 461
4.2 – p. 577
4.3 – p. 308
4.6 – p. 624
4.7 – pp. 303, 312, 414
4.9-12 – p. 626
4.10 – p. 289
4.11 – p. 103
4.13 – pp. 121, 624
4.14 – p. 276
4.17 – p. 426
4.19 – p. 225
4.20 – pp. 265, 292, 301

Tito
1.5 – pp. 119, 560
2.1-6 – p. 248
2.9, 10 – p. 127
3.5 – p. 397

V.II
1.5 – p. 304
1.5-7 – p. 121
1.6-9 – pp. 304, 316
1.12 – p. 317
3.12 – pp. 289, 624

Filemon
24 – pp. 22, 40, 577

V.II
1, 2 – pp. 381, 307, 381
1.22 – p. 623
1.24 – p. 291
22 – p. 624
24 – pp. 102, 273, 437

Hebreus
1.3, 13 – p. 370
1.5 – pp. 191, 228, 619, 633
1.14-p. 573
2.2 – p. 366
2.10 – p. 126
2.11 – p. 635
2.12 – p. 619
3.7 – p. 619
4.12 – p. 349
5.5 – pp. 228, 633
8.2 – p. 356
8.5 – p. 356
8.11 – p. 126
8.13 – p. 188
9.11, 24 – p. 356
11.13 – p. 537
12.2 – pp. 126, 439
12.15 – p. 405
13.17 – p. 509

V.II
2.4 – p. 16
3.4 – p. 385
6.2 – p. 246
6.4 – p. 26
9.14 – p. 70
10.34 – p. 431
11.6 – p. 191
12.28 – p. 463
13.3 – p. 431

Tiago
1.1 – pp. 89, 381
1.2 – p. 254
1.18, 19 – p. 460
1.27 – p. 298
2.1 – pp. 319, 513
2.1.34 – p. 509

V.II
1.1 – p. 521
1.2, 16, 19 – p. 90
2.1 – p. 90
2.7 – p. 82
2.6 – p. 135
2.14-17 – p. 538
2.16 – p. 97
2.17 – p. 15
4.17 – p. 390
5.13 – p. 140
5.15 -p. 25
5.17 – p. 31
15.13-21 – p. 76

1 Pedro
1.1 – pp. 118, 381
1.2 – pp. 132, 397
1.10, 11 – p. 364
1.10-12 – pp. 184, 187
1.11 – pp. 139, 226, 278
1.19 – p. 416
1.20 – p. 132
2.4 – p. 210
2.17 – p. 221
2.24 – p. 276
3.15 – p. 161
2.18-21 – p. 127
4.11 – p. 26
4.13 – p. 287
5.2 – p. 402
5.4 – p. 128
5.5 – p. 248
5.8, 9 – p. 245
5.12 – p. 218
5.13 – p. 577

V.II
1.1 – p. 103
1.10 – p. 171
2.9 – p. 533
2.13, 14 – p. 418
2.13, 17 – p. 167
2.21 – p. 139
3.1 – p. 356
3.16, 21 – p. 415
4.3 – p. 33
4.16 – p. 545

5.1-4 – pp. 315, 316
5.13 – p. 103

2 Pedro
1.17 – p. 84
1.19-21 – p. 187
1.20, 21 – p. 91
1.21 – pp. 226, 278, 619
2.13, 15 – pp. 94, 158
3.4, 10-13 – p. 128
3.5b, 6 – p. 26
3.12 – p. 186

V.II
2 – p. 356

1 João
1.1 – p. 81
1.1-3 – p. 629
1.3 – p. 552
1.3, 4 – p. 137
2.1 – p. 85
4.18 – p. 465

V.II
2.18, 19 – p. 317
5.11 – p. 193
5.16 – p. 623

2 João
5 – p. 615

3 João
7 – p. 288

V.II
1 – p. 273
5-8 – p. 66
12 – p. 267

Judas
1 – p. 89
4. – p. 225
12 – p. 158

V.II
1.12 – p. 296
4 – p. 319
4-19 – p. 317

Apocalipse
1.9-20 – p. 441
1.11 – p. 306
1.18 – p. 638
2.6, 15 – p. 300
2.26, 27 – p. 228
6.10 – p. 225
11.13 – p. 257
12.17 – p. 257
16.5 – p. 138
17.14 – p. 144
19.10 – p. 506
19.15 – p. 228
19.16 – pp. 77, 144
21.8 – p. 389
22.8, 9 – p. 506
22.15 – pp. 389, 604

V.II
1.10 – pp. 297, 394
1.11 – pp. 128, 252, 269
2.1 – p. 317
2.1-7 – p. 252
2.2, 3 – p. 282
2.3 – p. 288
2.14, 20 – p. 87
2.18, 24 – p. 128
3.22 – p. 317
5.9 – p. 317
6.4 – p. 356
7.4-8 – p. 521
19.10 – p. 30
20.12 – p. 461
21.1 – p. 555
21.12 – p. 521
22.8, 9 – p. 30